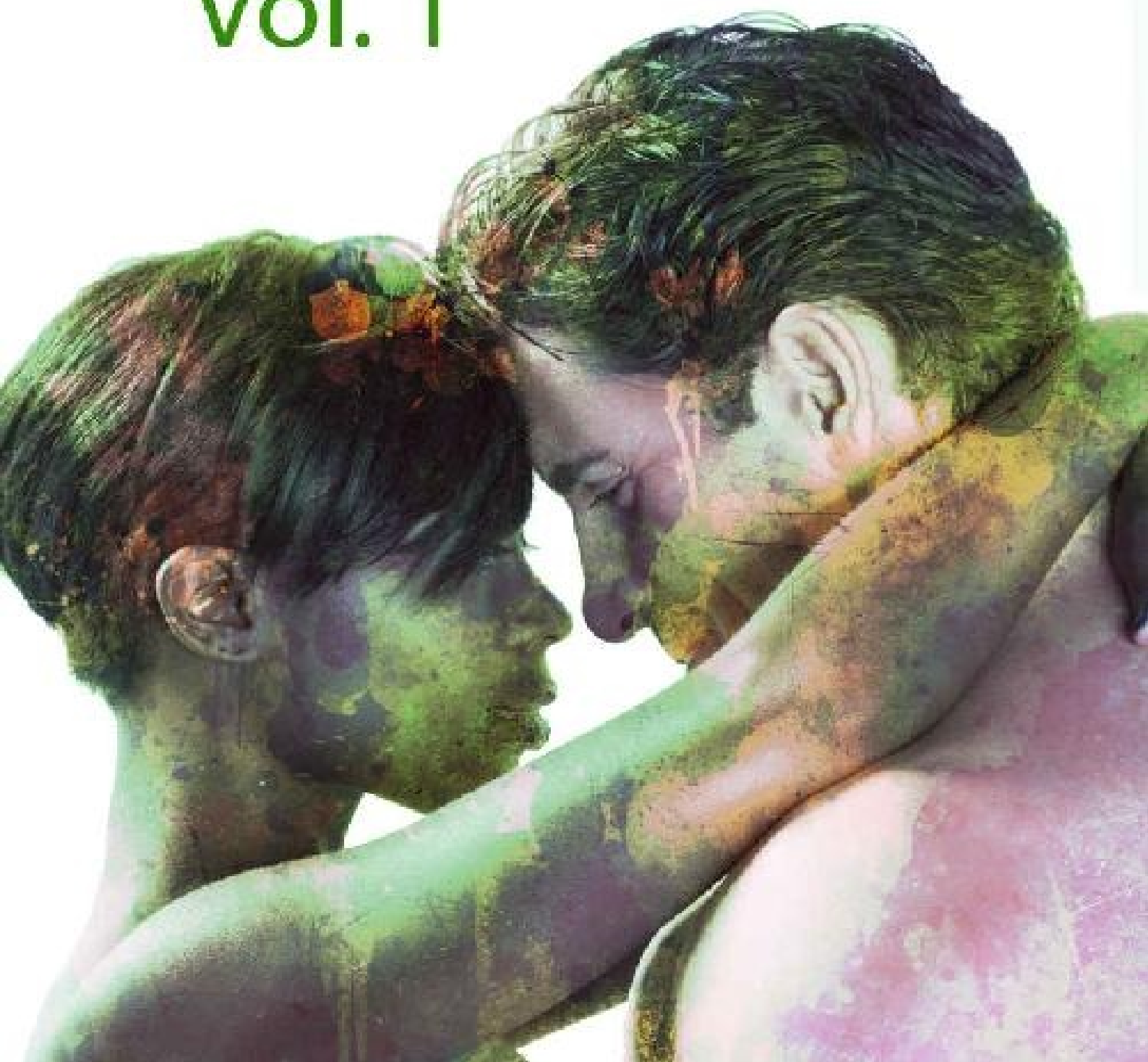


DA MESMA AUTORA DE GAROTA DE DOMINGO

LETÍCIA * BLACK

deserto

Vol. 1





DA MESMA AUTORA DE GAROTA DE DOMINGO

LETÍCIA * BLACK

deserto



Este livro encontra-se em sua primeira revisão. Pequenos erros podem ser encontrados e serão corrigidos nas próximas edições, assim como novas cenas serão acrescentadas ao final do livro na segunda edição. Boa leitura e fique atento aos avisos de revisão.

Capa: Gabriela Regina

Revisão: Julia Bianca

Diagramação: Letícia Black

© 2016 by Letícia Black

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da autora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Para a minha avó,

A mulher mais forte e digna que já conheci.

Pois quando vi meus dias mais escuros, ela me estendeu a mão e disse que pularia comigo

E foi para que ela não pulasse que eu jamais pulei.

Sumário

CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15

Capítulo 1

Havia algo diferente no apartamento aquela manhã.

Talvez fosse a falta do barulho do chuveiro ligado, sempre impecavelmente entre sete e sete e quinze, talvez fosse a falta do cheiro único e incomparável do café mais cuidadosamente preparado da região, por mãos atenciosas e de muita experiência em tal feito, devido aos anos em que tomara aquela função para si na pensão dos pais. Agora, a moça dos cabelos curtos e olhos sempre bem delineados, apenas se dava ao luxo de preparar aquela bebida fervente e afrodisíaca para si mesma.

Naquela manhã, porém, não se ouvia o típico barulho de cotas caindo e o zumbido constante da cafeteira enquanto a dona da casa se arrumava. Não havia a TV ligada sempre no noticiário da manhã, para se informar de tudo que perdera nas horas passadas em projetos e mais projetos, além de informá-la qual o melhor trajeto a ser feito para o seu trabalho. Não se ouvia, também, as batidas agudas das pontas do salto da mulher, enquanto ela andava de um lado para o outro, pegando suas coisas para sair.

A sinfonia daquela manhã era um pouco diferente e muito mais agradável, embora mais desesperada do que muitas das manhãs atrasadas, quando os papéis voavam e café acabava sendo tomado apenas pela metade, deixando a xícara manchada de batom vermelho e café preto suja em cima da pia.

Não.

Naquela manhã, tudo estava diferente. De uma forma boa, ela achava. Todavia, ainda não tinha muita certeza sobre.

A melodia daquela manhã era mais sobre zíperes e portas da madeira. Os pés estavam ainda descalços, o cabelo ainda estava levemente bagunçado do banho recém-tomado e não havia rastros de maquiagem alguma no rosto da mulher de vinte e nove anos, a mais promissora designer de interiores da sua geração.

Promissora. Morena odiava aquele termo. De acordo com ela, aquele termo dizia que ela ainda seria bem sucedida, mas ela achava que já o era, obrigada. Seus trabalhos sempre acabavam ganhando um prêmio ou outro, exceto o fiasco de três anos atrás, que não dera em nada. O último, porém, tinha sido agraciado com um dos dez melhores projetos de arquitetura e urbanismo do ano no país. E estava na lista dos cinquenta melhores do ano no

mundo, dando a ela a chance de subir mais alguns degraus da escadaria do sucesso.

Na parede da sala, orgulhosamente, havia um quadro que destoava um pouco da decoração do ambiente, talvez por ser recente demais e os olhos ainda não estivessem acostumados a ele. Nele, havia um recorte da lista dos 30 abaixo dos 30. A lista dos 30 jovens que se destacavam em suas posições e tinham menos de 30 anos, onde Morena saíra naquele ano.

Estava orgulhosa de si mesma, dos prêmios que conquistara e da sua carreira que estava decolando. Além do salário, é claro, que aumentara outra vez. Isso, com certeza, era uma premiação divina às provações que ela tivera que passar com o seu parceiro intragável de projeto.

Balançou a cabeça, tentando desnublar os pensamentos, enquanto recheava sua mala pela quinta vez, tentando não esquecer nada. Tinha o dom de listar mentalmente todos os objetos de suma importância antes de viagens, mas sempre acabava esquecendo ao menos uma coisa importante, como sua escova de dente.

Era isso.

Morena correu para o seu banheiro e abriu os espelhos em cima da pia, retirando sua escova de dente do suporte e procurando uma de suas caixinhas de emergência. Guardou-a, então, com a pasta de dentes e o fio dental. E movimentada por sua rompância, acabou recolhendo alguns absorventes internos para acoplar em sua nécessaire. Aproveitou que estava ali e penteou seus cabelos curtos, maquiou os olhos e passou seu costumeiro batom vermelho. Achava que, embora sua maquiagem cotidiana fosse simples, ficava com uma cara de mulher fatal que a permitia brigar diariamente na sua profissão, tendo homens majoritariamente como companheiros de trabalho e subordinados.

Olhou o relógio em sua cabeceira ao voltar para o quarto, vendo que tinha tempo, embora pouco. Guardou seus novos pertences e fechou a mala de uma vez — Que a sorte a abençoasse em não esquecer nada daquela vez — e calçou os tênis que separara para aquela viagem até Porto Alegre, onde suas férias extras a esperavam, mais um dos prêmios adoráveis e super merecidos que ela recebera, embora não tivesse tanta certeza do que estava fazendo.

Um cruzeiro de um mês com todos os destaques das empresas que faziam parte da União Brasileira de Arquitetura e Urbanismo, de Porto Alegre até o Caribe, onde passariam cinco dias e voltariam de avião para suas respectivas cidades. Gente de todo o país, que trabalharam em diversos projetos maravilhosos, estariam naquela viagem. E a única pessoa que Morena conhecia era o seu intragável parceiro de projeto.

Precisaria corrigir isso rapidamente.

Convencida que estava tudo em ordens, Morena foi até sua bolsa de mão e colocou-a sobre os ombros, voltando para a sua mala, em cima da sua cama, e colocou-a no chão. Arrastou-a até a sala, pegando a chave da porta que deixara sobre a mesa, quando o seu celular tocou. Pôs a bolsa sobre a mesa e tirou o aparelhinho vibrante de dentro dela, fazendo uma careta ao olhar a bina.

— Oi, mãe — cumprimentou-a educadamente, embora não pudesse ser em pior hora.

“Oi, filha! Tô atrapalhando?”

Morena respirou fundo antes de responder, para não dizer a verdade.

— Claro que não, mãe, você nunca atrapalha — ludibriou a mãe, que riu.

Márcia Luz não era uma mulher boba e, acima de todas as coisas, conhecia a filha muito bem para identificar sua impaciência, mesmo que com poucas palavras. Porém, naquele momento, estava cega. Cega de preocupação de mãe ao desconhecido para ela.

“Só queria saber como andam as coisas, filha. Você arrumou sua bolsa direitinho? Não esqueceu nada?”

— Não, mãe, tá tudo certo. — Morena respirou fundo mais uma vez e resolveu que sua melhor opção era continuar andando e rezar que a ligação caísse quando ela entrasse no elevador. — Como andam as coisas aí na pensão?

Márcia, além de uma super mãe, era uma mulher muito centrada. Havia poucas coisas que a deixavam deslumbrada e animada como uma adolescente. Falar das conquistas das suas filhas, sobretudo de Morena, que se tinha muito para falar, era uma dessas. A outra era a pequena pensão que sua família cultivara através dos anos e sustentara a todos até então.

“Ai, filha, você não sabe o que deu no seu pai”. Morena já estava rindo antes mesmo de se começar a história. Histórias com seu pai *dando* pra fazer alguma coisa sempre eram hilárias. *“Ele resolveu que os hóspedes deviam ter wifi, mas não quis chamar nenhum técnico, você sabe como ele é”*. Morena concordou, empurrando sua mala para fora do seu apartamento e fechando a porta atrás de si. *“Passou o dia embolado com fios, lendo o tal do manual sem parar, até que dormiu. O chão mesmo”*. Morena riu, balançando a cabeça. Solto um *bom dia* apressado para o seu vizinho que abriu a porta para pegar o jornal que o porteiro sempre deixava em seu carpete. *“A Branca*

tinha ido na casa de uma amiga e chegou tarde em casa e encontrou o pai dormindo. Instalou o tal do wifi em cinco minutos. Seu pai acha que foi ele, antes de dormir". Morena soltou uma gargalhada, arrastando sua mala até a porta do elevador, apertando o botão para descer, e sua mãe a acompanhou. *"Sua irmã está sendo tão responsável com a pensão, filha. Tá fazendo todas as coisas pra ajudar a gente. Acho que ela ama isso aqui tanto quanto eu"*.

Morena fechou os olhos e tentou controlar seu gênio, sempre tão forte, para evitar ter que dar a resposta que queria para sua mãe. Uma daquelas mágoas que o tempo nunca curava. Márcia sempre instigava Morena a ajudar na pensão, mas ela não gostava muito. Estava sempre atolada de estudos, trabalhos e responsabilidades que sua genialidade exigia, mas que os pais não compreendiam na época. As discussões na adolescência e no início da vida adulta, antes que ela conseguisse sua independência financeira e se mudasse para seu próprio lugar, tinham sido constantes. E agora lá estava Márcia, lhe dizendo que a sua irmãzinha estava ouvindo-a e fazendo as coisas que Morena nunca fora capaz.

— Fico feliz, mãe — disse, azeda. — Que ao menos uma filha deu pra o que você queria.

A ligação ficou muda por um momento, enquanto Márcia engolia o choque que as palavras da sua filha mais velha a causara.

"Morena, não foi isso que eu quis dizer, eu só..."

— Tudo bem, mãe — Morena a interrompeu, já arrependida. O elevador apitou e lá estava a desculpa perfeita que ela precisava para se livrar da ligação incômoda — Olha, preciso desligar. O elevador chegou. Tchau, mãe.

"Tchau, filha. Boa viagem" Márcia se despediu, um pouco contrariada em não resolver aquela pendenga no mesmo momento. *"Me liga quando chegar no barco. Te amo"*.

Morena suspirou, amolecida.

— Também te amo, mãe — murmurou, antes de desligar e correr com sua mala para dentro do elevador, antes que o mesmo se fechasse.



— Merda!

Ele sacudiu o pé, os dois dedos menores quase bradando e fervilhando pela centésima quinquagésima terceira vez que ele chutava a mesinha de enfeite ao descer as escadas da casa de sua avó.

Não mais sua casa há três meses. Ele tinha que comemorar o fato de que conseguira se livrar das garras de sua mãe e de sua avó há três meses, embora sua festa não tivesse durado muito; aparentemente, se você tentasse enfiar os restos de comida pelo ralo da pia, em algum momento, o encanamento da casa se entupia além do conserto. Então, há alguns dias, ele tivera que se mudar de volta para a casa da avó e esperar o conserto da sua própria.

Isso tinha dificultado sua tarefa atual: arrumar uma mala para viagem. Vendo que não conseguiria fazer uma mala decente, resolveu colocar tudo o que levava para ali. Se estava sobrevivendo naquela casa com aquelas coisas, com certeza conseguiria sobreviver um mês em um cruzeiro.

O problema era que ele tinha resolvido fazer isso apenas duas horas antes do seu voo. Agora, obviamente, estava *quase* atrasado para ir ao aeroporto e, por isso, estava evitando o inevitável encontro com uma de suas progenitoras e seus discursos precedentes à viagens e responsabilidades que ele ouvira através dos anos.

Uma vergonha, ele sabia. Já passara dos trinta e sua mãe e sua avó ainda o tratavam como um garotinho, envergonhando-o na frente de seus colegas e das mulheres que ele eventualmente levava em casa. Por conta disso, e do dinheiro que ele gastava em hotéis também, resolvera encontrar seu próprio espaço. Mesmo que a ideia não tenha dado certo por muito tempo.

Olhou para sua mala, caída e meio torta há alguns passos dali. O barulho devia ter acordado todos no quarto e agora seria basicamente impossível sair de casa sem ser notado. Gustavo soltou um suspiro derrotado e deixou-se ouvir o barulho de passos se aproximando dele e da sua pequena confusão ao pé da escada.

Sua mãe apareceu apressada na curva do corredor que levava até os jardins. Os cabelos dourados estavam ligeiramente bagunçados, talvez pela falta do penteio ao acordar ou pela corrida ao ouvir o barulho do quase tombo de Gustavo. Sua franja estava meio de lado e apontava um pouco para cima, dando à ela uma aparência um pouco cômica. Sua camisola rosadinha balançava ao redor dela quando ela parou no meio do caminho, encarando um

Gustavo um pouco desajeitado, calçando seu chinelo novamente e fazendo careta para o machucado que arrumara.

— Você está bem? — Andrea perguntou, ansiosa. Terminou o espaço entre os dois com mais alguns passos e pareceu fazer uma análise visual inteira do seu filhote em poucos segundos. — Se machucou?

— Não, mãe — Gustavo respondeu, sem paciência. — Eu só tropecei e derrubei a mala.

Pegou sua mala no chão, o que causara a maior parte do barulho, e jogou contra suas costas, prestes a escapar daquela cilada em que se metera na primeira oportunidade livre.

— Você já vai? — perguntou, com a vozinha triste e desolada.

Gustavo concordou com a cabeça, entortando os lábios. Tinha que olhar para baixo para encarar sua mãe, uns vinte centímetros menor que ele. Gustavo já se perguntara se era adotado, mas o formato de seus olhos e da sua boca não mentia a origem, era um Marinho. Sua mãe pouco falava de seu pai e o nome dele nem constava em seus documentos, mas o pouco que ela dizia, lhe informara que ele era tão alto quanto o homem.

— ‘Tô atrasado, na verdade — respondeu, displicente.

Ele se aproximou para beijar o rosto da mãe, mas ela estava fazendo um biquinho adorável que lhe informava que iria começar a tentar fazer chantagem emocional. Isso acontecia com uma frequência irritante, dela ou de sua avó, que não entendiam porque ele precisava ir trabalhar, sair para festas ou sequer ir na padaria; se mudar, então? Gustavo não precisava fazer nada disso. A família Marinho tinha seus investimentos invejáveis e uma fortuna para lá de gorda na conta.

Que ele planejava usar em mais alguns poucos anos, quando fosse abrir seu próprio escritório de arquitetura. Quando seu nome fosse só um pouquinho mais impactante e ele tivesse só um pouquinho mais de experiência. Se conseguisse um parceiro de tanto renome quanto ele conquistara até ali, talvez já fosse em tempo de abrir seu escritório, mas não confiava em ninguém para tal. Então, mais uns dois anos e ele estaria pronto.

— Você precisa mesmo ir? — perguntou, com a voz toda trabalhada em meiguice e convencimento.

Gustavo respirou fundo e voltou a entortar os lábios curvilíneos, nem um pouco contente em ter que lidar com o comportamento exageradamente protetor de sua mãe àquela hora da manhã.

— Não — foi sincero. — Mas vai ser divertido e eu mereço, então eu

vou.

Andrea não parecia convencida com a explicação meia boa que seu filho lhe dava, mas não quis ponderar. Já era ótimo que ele estivesse por ali nos últimos dias, via o menino se afastar pouco a pouco do debaixo de suas asas e não gostava muito disso; aquela história de morar sozinho tinha sido o cúmulo! A casa de sua família era imensa, ele não precisava de mais espaço.

Talvez, um pouco de tranquilidade e de férias o fizesse ver que não havia necessidade de se afastar dela e ele voltasse para a casa.

— Tudo bem. Você vai me ligar?

Gustavo sorriu, verdadeiro e depositou um beijo na testa da mãe, os braços envolvendo-a, enquanto ela o abraçava de volta, com um pouco mais de esforço por seus braços mais curtos e a mala que ele mantinha em suas costas.

— Todo dia, mãe — concordou. — Preciso ir, mãe. Te amo.

Ele se afastou do abraço e Andrea o olhou com os olhos marejados pela pequena demonstração de carinho do seu filhote.

— Tudo bem, filho. Te amo também.

Gustavo virou de costas para sua mãe, antes que o sentimentalismo da mulher o convencesse que aquela era uma péssima ideia, porque possivelmente o era. Todos os melhores profissionais da sua área estariam naquele cruzeiro, o que provavelmente era uma furada. Ele se divertiria ou passaria um mês vestindo uma conduta profissional tediosa? Não saberia dizer, mas preferia arriscar a um mês daquilo do que ter que lidar com sua mãe e avó até seu apartamento ser consertado.

Ao chegar na porta da casa, já do lado de fora, Gustavo se lembrou que esqueceu de pegar um táxi. E ali, onde morava, um bairro majoritariamente residencial, com casarões espalhados por todos os cantos, quase não passava nenhum daqueles veículos brancos mágicos. Xingou mentalmente, abrindo a parte externa de sua mala e pegando a chave de seu carro, amarrada a carteira (o único objeto conjunto de objetos que ele se dignava a não perder nunca), pôs-se a resmungar pela fortuna que ele pagaria de estacionamento.

Havia outra opção. Não estava muito contente com ela, porém.

Aproveitou a mala aberta e pegou o celular, colocando-o na boca e sustentando-o apertado em seus lábios. Com uma mão, segurava a carteira, girando a chave, presa por uma cordinha nela; a outra, toda marcada de vermelho, tinha sua mala e o peso, fazendo as juntas reclamarem um pouco.

Caminhou rapidamente até a garagem, destrancando a porta e jogando

a mala no banco do passageiro. Ligou o carro e saiu da garagem, discando o número que sabia de cor.

“*André*” ele atendeu no segundo toque.

— Oi, chefe. Bom dia.

“*Bom dia, Gustavo. Vai perder o voo?*”

Gustavo grunhiu baixinho que todo mundo sempre esperasse o pior dele. Ele não era assim tão enrolado, suas edificações continuavam em pé e bem firmes.

“*Se for perder o voo, se vira. A empresa só vai pagar uma vez*”.

— Eu não vou perder o voo! — reclamou.

“*Certo. Morena já passou pelo check-in. Me ligou para avisar. E você está... No trânsito, certo?*”

Droga. Pensou Gustavo. Era terrível que todos, principalmente seu chefe, soubessem da sua falta de responsabilidade com horários. Mas ele simplesmente não podia evitar, cinco minutos a mais na cama não faziam diferença até que faziam.

— Eu só preciso de um favor, André. Por favor.

“*Tudo bem. Fala.*”

Gustavo respirou fundo e tentou explicar com poucas palavras. Mesmo com o celular em seu porta-moedas, no viva-voz, ele não gostava muito de falar no telefone enquanto dirigia. Por ser meio desligado e distraído, preferia prevenir que remediar.

— Não consegui pegar um táxi, então tô indo de carro. Tem como você ou um dos meninos pegar ele no aeroporto pra mim? Tem uma chave extra na minha mesa, terceira gaveta, dentro de uma caixinha de aliança.

“*Você guarda sua chave em uma caixinha de aliança?*” ele riu. Gustavo soltou uma desculpa qualquer sobre aquele feito, que não colou muito bem. “*Tudo bem. Me manda a vaga por mensagem e eu peço Ricardo ou pra Lorena pegar.*”

— Obrigado, chefe! Você é demais!

André riu e ambos se despediram e desligaram. Agora, Gustavo só tinha que descobrir como chegaria no aeroporto, estacionaria, mandaria a mensagem e faria o *check-in* em meia hora.

*

— D23... — Morena estava lendo seu ticket de embarque com sua bolsa de mão a tiracolo, tendo despachado a mala para ter mais mobilidade na hora da viagem. Não gostava muito de despachar, porém, mas como, desta vez, a viagem era mais longa e ela tinha uma mala mais rechonchuda, achou melhor. — Te achei.

Encontrou sua poltrona no corredor, posicionou sua bolsa na parte de baixo do assento da frente, fechou a janela da sua fileira, mesmo sabendo que não era bem sua propriedade, visto que estava no corredor. Acomodou-se em sua poltrona e tentou relaxar, embora aviões costumassem lhe deixar um pouco nervosa.

Apertou as mãos no colo, ansiosa. Os passageiros estavam lotando o avião e ela ficou admirando-os procurarem seus lugares e os três funcionários, duas moças e um rapaz, auxiliarem aquela pequena multidão a guardarem suas malas de acordo com os procedimentos de segurança que Morena fazia questão de saber de cor.

Quando a movimentação de passageiros começou a acalmar, Morena puxou a cartela de procedimentos de segurança da bolsinha na poltrona na frente e se pôs a lembrar as posições mais seguras em caso de acidente. Porque ela gostaria de sobreviver, caso o avião caísse, embora esperasse que não acontecesse. Nunca tinha acontecido até então e que continuasse assim.

Foi enquanto repetia algumas informações mentalmente, e mexendo os lábios como uma retardada, que uma aeromoça passou ao seu lado e ela achou por bem atacá-la como uma zumbi desesperada por cérebro, mas, em seu caso, apenas ansiosa que aquilo começasse e acabasse logo.

— Oi! Oi! Com licença! — Chamou, mostrando boa parte do seu desespero em sua voz.

A aeromoça voltou até sua poltrona com um sorriso complacente de quem estava acostumada com gente nervosa para voar. Alguns surtavam nos minutos anteriores a decolagem e ela estava apostando que Morena era uma dessas pessoas difíceis, gritando por ajuda e apertando a cartela de procedimentos de segurança. Tentou logo a pergunta que lhe deixaria com mais tranquilidade, rezando para que a mulher de cabelos curtos e olhos verdes amarelados aceitasse e não desse trabalho.

— Olá. Precisa de um calmante? — perguntou, educadamente.

Morena piscou algumas vezes para a pergunta incomum que aquela aeromoça estava lhe fazendo. Pensou consigo mesma se precisava de um

calmante e definiu que não, ela já tinha viajado várias vezes e embora ficasse tenta, principalmente na decolagem e no pouso, conseguia passar por aquilo sem remédios.

Mas não exatamente sem pirar. Claro.

— Não, tudo bem — disse. A aeromoça não acreditou muito naquela história, mas achou melhor fazer as vontades da passageira. — Você sabe se vai demorar muito para... — respirou fundo, a barriga se revirando com o nervoso mesmo apenas à menção do fato. — ... Decolarmos?

A aeromoça cerrou um pouco os olhos em direção a mulher, mentalmente criando um plano para lhe oferecer uma bebida qualquer com um calmante diluído pelo bem da viagem e dos outros passageiros.

— Em alguns minutos. Estamos terminando o embarque e as portas já vão ser fechadas.

Morena engoliu a seco.

— Obrigada.

A mulher balançou a cabeça para Morena e se afastou para uma das extremidades do avião. Morena respirou fundo, tentando controlar seu coração, batendo com uma velocidade deliberadamente mais rápida e a seu estômago, que parecia dar cambalhotas e piruetas em sua barriga, mesmo que com pouco espaço para tal festa.

Olhou, então, para as duas poltronas ao seu lado, sabendo que uma delas deveria estar ocupada, com toda a certeza. Seu abominável companheiro de projetos, de prêmios e daquela viagem, já deveria ter chegado até aquele momento, mas ele era um atrasado crônico e ela não podia esperar diferente.

Sorriu à perspectiva de ir para aquela viagem sem aquele mala em sua cola. Até conseguiu relaxar, fechando os olhos e encostando a cabeça na poltrona.

Os alto-falantes do avião apitaram naquele momento, e a voz do comandante informou à tripulação para fechar as portas. Morena riu e balançou a cabeça negativamente. Estalou o pescoço e, então, sua paz acabou.

— Com licença. Desculpe. Licença. — Ouviu a voz dele, mesmo à alguns passos, disputando espaço no corredor os dois tripulantes que tentavam alcançar as portas, de onde ele entrara, para fechá-las. — Ah. Oi! — Cumprimentou mais a sua fileira que à Morena.

Abriu o compartimento acima de suas cabeças e jogou a mala lá dentro com displicência, alarmando à terceira aeromoça que passava ali, naquele momento. Ela segurou a bunda da mala, que já planejava cair, e a empurrou

para dentro com a graça de quem fazia aquilo com frequência e sabia exatamente a melhor posição para colocá-la.

— Obrigado! — Gustavo a agradeceu, animado com a viagem e com a sorte de ter conseguido chegar na hora, e ainda ter enviado a mensagem para André enquanto descia as escadas rolantes até o seu portão de embarque. Tudo estava dando certo para ele até aquele presente momento.

Passou por Morena, chutando seus pés e sua bolsa, com a devida desatenção e displicência que ele costumava reservar só para ela. Se Morena estivesse usando seus usuais sapatos fechados de salto, talvez acabasse descalça, mas os tênis não a abandonavam com tanta facilidade.

— Mas que inferno! — Morena resmungou ao tentar ajeitar sua bolsa de volta ao lugar seguro com os pés, enquanto Gustavo ocupava a cadeira mais próxima da janela, deixando uma vazia entre os dois. — Por que você tem que ser assim, hein? Irresponsável, sempre atrasado, impossível...

Ela planejava continuar a lista de características de Gustavo que não a agradavam, mas ele levantou suas mãos ao ar, pedindo que ela parasse com uma expressão indignada e com o tom de voz um pouco mais alto que o dela, controlado e educado, para respeitar a privacidade dos outros passageiros.

— Ei, ei, pera lá. Eu não estou atrasado. Estou dentro do avião e estamos para decolar. Eu estaria atrasado se, e somente se, eu estivesse lá fora nesse momento. Então eu não estou sempre atrasado. Só as vezes.

Morena revirou os olhos com a explicação completamente ilógica que ele estava lhe dando sobre o seu comportamento. Achou, como sempre preferia, exceto quando ele lhe tirava totalmente a paciência, que a melhor opção era ignorá-lo, então se sentou confortável em sua cadeira, checando o cinto de segurança só mais uma vez, para então apertar os braços da poltrona, sentindo o avião começar a se locomover pela pista.

Gustavo abriu a janela que Morena fechara apenas para ser irritante; sabia que a mulher ficava tensa com viagens de avião e que a janela piorava o seu estado. Ela tentou ignorar, mas sua respiração estava começando a ficar cada vez mais difícil com o avião ziguezagueando pela pista.

— Dizem que se você respirar como um cachorro, o bebê sai mais rápido — Gustavo soltou, para implicar.

Ela lançou lhe um olhar fatal, planejando que ele se calasse só com esse seu feito, mas ao olhar em sua direção, acabou vendo pela janela, a paisagem passando rapidamente por aquele pequeno pedaço de vidro reforçado e o seu olhar fatal se desmanchou para um de total pânico.

— Será que você pode fechar a janela, por favor? — Pediu, engolindo o orgulho, com a voz fraquinha.

Ele apenas sorriu de lado, totalmente irritante e infantil, e Morena se pôs a encarar a poltrona a sua frente, enquanto o avião começava a correr e ela sentia o tranco inevitável quando ele começava a levantar o voo.

Após aquela primeira parte tensa, Morena relaxava. Se não houvessem turbulências graves, e não parecia que teria, visto que o tempo estava bom, ela só voltava a ficar tensa na hora do pouso. Isso era, obviamente, tedioso aos olhos de Gustavo. Principalmente quando a mulher definiu que era uma ótima hora para se tirar um cochilo e recuperar as horas de sono perdidas por causa de sua ansiedade, tirando um tapa-olho de dentro de sua bolsa e vestindo, não deixando nenhum espaço para ele e suas peripécias provocativas.

Depois de uma hora, Gustavo estava tão entediado que passou a admirar a mulher adormecida ao seu lado. Era muita falta do que fazer, mesmo, ficar olhando para Morena. Mas foi útil porque, ao observá-la, era óbvio que não estava dormindo. Ela mexia demais o nariz, apertava demais a mão no cinto de segurança e fazia umas caretas engraçadas como se estivesse imaginando algo que não lhe agradasse muito.

— Ei, você acha que vai ter muita gente lá? — tentou começar uma conversa amigável. Esperou por alguns segundos, mas a mulher não demonstrou vestígios de querer lhe responder, embora tenha se mexido desconfortável ao ouvir sua voz. — Lá no cruzeiro. Não devem ser tantas pessoas, quero dizer, o André disse que a UBAU fechou o navio só para os funcionários premiados. Se são cinquenta projetos, talvez seja uns dois ou três profissionais por cada? Umas cento e cinquenta pessoas ou duzentas. É demais pra um cruzeiro? O que você acha? Morena?

Morena continuava impassível em seu sono fingido e a paciência de Gustavo para a falta de empatia da mulher estava muito curta. Por isso, ele se debruçou sobre o assento vazio e levantou o tapa-olho dela, encontrando seus olhos abertos.

— Olá! — disse, animado.

Morena respirou fundo, inflando as narinas e tentando não tacar qualquer coisa pesada na cabeça dele. *Na verdade, pensou, tacar uma coisa na cabeça dele era definitivamente uma boa ideia.* Lembrou de um livro que tinha deixado em sua bolsa caso ficasse com vontade de ler e se abaixou, pegando o exemplar e jogando-o em sua direção.

O efeito surtido foi um pouco diferente do desejado. Ao invés de Gustavo ficar irritado com ela e os dois continuarem a brigar pelo resto da

viagem, ele pareceu interessado no livro. Morena levantou uma sobrancelha, voltando ao seu lugar e ele a agradeceu com um joinha, se pondo a ler, e ela voltou a tentar dormir.

Sua leitura durou por apenas cinco minutos, quando ele encostou a cabeça na poltrona, a boca aberta e soltou um ronco um pouco alto demais para a sanidade de Morena.



— Senhor. Senhor!

Seu mundo se sacudia, mas Gustavo não planejava se mover nem um pouco. Estava bom, como estava, e preferia ficar assim por mais um tempo.

— Mais cinco minutos... — Murmurou.

Ele ouviu uma risada baixa e diferente. A curiosidade falou mais alto que a preguiça e ele se dignou a abrir um olho, captando a aeromoça curvada sobre as duas poltronas que o separavam do corredor. Enquanto ele tomava ciência de onde estava e do que estava fazendo, a aeromoça se levantou e arriscou um sorriso complacente para ele.

— Nós já pousamos, senhor. — anunciou e se afastou.

Gustavo se levantou em um pulo e constatou que o avião não só havia pousado, como todos dentro dele já saíram. Correu, então, para o corredor do avião e puxou sua mala do compartimento superior já aberto. Saiu em disparada para fora do avião, agradecendo à tripulação que estava próxima da porta, todos rindo do presente desespero que ele demonstrava.

Alcançou a área de desembarque e recuperou o fôlego, colocando sua mala finalmente no chão e esticando a coluna, com as mãos nas costas. Havia um grupo razoável de pessoas aguardando ao redor das esteiras e ele pôde ver, nos monitores, que o pessoal de seu voo permanecia por ali. Logo identificou a figura esmirrada de Morena, encarando a esteira como se sua vida dependesse disso.

Aproximou-se dela sem pressa, sabendo que deveriam pegar o mesmo táxi até o porto, onde o cruzeiro os esperava e não queria que ela ficasse irritada e ele ouvisse sua voz de gralha reclamando por toda viagem. Seguindo esse espírito de boa vontade, ao vê-la se curvar, prestes a voar para cima de uma bolsa com faixas vermelhas, cruzou na frente dela e a pegou, colocando aos seus pés.

O efeito foi o contrário do que ele esperava, Morena cerrou os olhos em sua direção e pareceu que queria trucidá-lo. Ao menos, se seus olhos possuísem raios lasers, ela o teria feito, mas como não desenvolvera (ainda) aquela habilidade, resolveu apenas checar se Gustavo não tinha destruído sua mala nos poucos segundo que tivera contato com ela.

— Você está mais baixa — ele não pôde segurar sua língua ao reparar que Morena não estava quase que exatamente de sua altura, mas uma cabeça mais baixa que ele.

— Isso se chama estar sem salto — respondeu, contrariada.

Gustavo, rapidamente, olhou para os pés de Morena e reparou nos tênis roxos que a mulher usava e, então comparou-os com seu chinelo de dedo surrado. Quem estava mais pronto para um cruzeiro e mais confortável? Ele, obviamente.

Morena empurrou os pequenos fios que caíram em seu rosto quando ela checou sua mala, puxou o ferro dela para começar a guiar sua mala para os guichês de táxi e ver quanto dinheiro iria perder para ser levada até o porto, mas antes disso, estendeu a mão a frente do corpo, esperando receber seu amado livro de volta.

— Que? — Gustavo perguntou, confuso.

Morena trocou o peso de perna, meneando a cabeça, mas não guardou sua mão nenhum segundo, esperando o processamento levemente atrasado de Gustavo a tudo que ela dizia.

— Meu livro — disse, pausadamente, para que ele entendesse com mais facilidade.

— Seu...?

A careta que ele fez logo informou à Morena que algo estava muito errado, acelerando os batimentos cardíacos do seu coração. Gustavo coçou a cabeça, sem jeito e olhou por sobre o ombro, tentando se lembrar o que havia feito com aquele pequeno pegado retangular de acumulado de papéis.

— Eu... Eu... Deixei ele no avião.

Havia dormido com ele no colo, provavelmente. Não sabia em que parte o havia perdido, se enquanto dormia ou quando levantara, mas certamente não estava mais com ele. E Morena não parecia nem um pouco feliz com isso.

Ela acompanhou as mudanças das nuances de seu rosto com a garganta quase fechada. Estava esperando ter paz com ela, quem sabe conseguisse até reverter aquela situação esquisita entre os dois fora do ambiente majoritariamente de trabalho porque o futuro não era muito promissor; ele sabia os frutos do último projeto tinham sido exageradamente bons e que eles iriam ser pedidos juntos nos próximos. Bom, a paz não seria feita naquele momento, Morena estava quase colocando seus olhos para fora e seus lábios carnudos haviam se encolhido à apenas uma linha pequena e tremida que não demonstrava nada além da mais pura raiva.

— Você... — ela mal conseguia falar e ele reparou que tremia levemente. — Aquele livro era primeira edição. Autografado. Você não faz

ideia! — Soltou um urro de raiva.

— Me... Me desculpe. Eu posso...

Ele não sabia o que podia fazer, então se cortou na frase. Morena tinha certeza que ele não podia fazer nada, então apenas balançou a cabeça em negação e antes que fizesse um pequeno show no saguão do aeroporto e arrancasse toda a pele de Gustavo com suas próprias unhas, virou-se de costas para ele e seguiu seu caminho para fora da área de desembarque, deixando o homem meio perdido no intermédio do saguão, com quase mais ninguém de seu voo presente e se sentindo horrível.

Ele costumava irritar Morena ao limite, principalmente com suas divergências de ideias em projetos e suas recusas ao que ela queria fazer com seus prédios, decorando-os da pior forma possível e estragando toda a sua obra. Porém, ali, ele não estava satisfeito. Na verdade, se colocava bem decepcionado consigo mesmo e, pelo comportamento de Morena, sabia que aquele livro devia significar alguma coisa importante para ele; portanto, odiou perdê-lo.

Movido por aquele novo sentimento, tentou retornar para o avião, mas foi drasticamente barrado por um segurança.

— Eu esqueci uma coisa importante — implorou.

— Olha, moço, o avião já deve estar fechado, já — o segurança explicou, com calma. — Mas cê pode ir no balcão da empresa e descrever o que cê perdeu. Se eles acharem, eles enviam pra sua casa, sim.

Gustavo agradeceu muito ao segurança e marchou para o balcão externo da empresa que viajara, onde uma mocinha muito simpática o atendeu e lhe deu um formulário para preencher, onde teve que se esforçar para lembrar o título e pesquisar o nome do autor pela internet péssima do seu celular. Entregou a ela e ela lhe informou que, se encontrado em tal aeronave, o livro seria encaminhado para a casa dele.

Gustavo esperava que fosse mesmo.



Aquela lista infeliz não tinha fim. A loira mantinha seus óculos escuros sobre o cabelo, mal acreditando que tinha que passar o resto da manhã ali, recebendo os almofadinhas que estavam embarcando naquela viagem com ela. Respirou fundo. Eram os ossos do ofício.

Sua família era dona de uma grande agência turismo, com filiais em todo o país e centenas de pacotes para todo o mundo. Aquele, porém, era um dos pacotes, dos que eles ofereceram, mais requintados do ano, um de seus cruzeiros fora solicitado para um montante de metidinhos arquitetos, designers, engenheiros civis e todos esses ridículos construtores e decoradores de arranha-céus, destruindo a paisagem das cidades brasileiras.

Ela tinha reclamado um pouco de ser colocada para vigiar todos os âmbitos daquela viagem, mas como a filha caçula e a única que se formara em turismo propriamente dito, ela não tivera muita escolha. Seus pais já tinham certa idade, seu irmão mais velho cuidava das finanças da empresa, o segundo mais velho era o presidente e a irmã acima dela era diretora de marketing. E, para Maria Eduarda, sobrara viajar por aí, da maneira que ela bem entendia. Ela adorava, claro. Curtir o sol em um mês e, no seguinte, esquiar. Era maravilhoso, mas ela gostava de pegar excursões de adolescentes de quinze anos para a Disney ou de universitários para a Europa. Eram suas favoritas, de longe, e muito mais divertidas.

Agora ela estava presa com um monte de gente tediosa, em uma viagem de quase um mês para o Caribe, dentro da porcaria de um barco, de onde ela não conseguiria fugir nem se tentasse; não era lá uma nadadora muito boa em profundidades cruzadas por navios-cruzeiro.

Odiou seu irmão por tê-la convencido a fazer aquela viagem. *Para o Caribe*, ele disse. *Você ama o Caribe. Vai ser divertido*, ele disse. E estava começando terrivelmente mal.

Alejandro lhe dissera que haveria muita gente de idade dela e que ela poderia conhecer alguém interessante e ela considerara aquilo com cuidado. Poderia até acontecer, mas ela gostava da sua vida de solteira desimpedida. Mas ela poderia ser uma solteira desimpedida entre arquitetos também, por que não?

Se iludira. Quarentões e cinqüentões estavam em uma leva bem grande por ali. Alguns até deixaram-na com *nojo*. Maria Eduarda sabia muito bem o que era: uma mulher bonita de vinte e três anos, no auge da sua formosidade e fogo. Não gastaria sua beleza jovem com carecas barrigudos de cinquenta; se fossem o Brad Pitt, pelo menos...

Na metade da manhã, ela estava convencida que se enfiara na maior furada de toda a sua vida. Porque além da maioria ser bem mais velha que ela, quase ninguém abaixo dos trinta, o cara que tinham contratado para gerenciar todas as atividades e eventos que ocorreriam para desentediá-la toda aquela gente chata (ou seja, completamente impossível) era um maluco incorrigível.

Passara toda a tarde do dia anterior perseguindo-na, fazendo perguntas totalmente chatas, como quantos quartos tinham no cruzeiro, quantas salas tediosas ele poderia usar e todas essas coisas técnicas que ela não sabia nada. Maria Eduarda era uma guia da diversão, não dos velhos chatos e viciados em trabalho.

O problema era: além de ser um maníaco obsessivo, Felipe era gato demais. As vezes, ele ficava falando de todas as coisas chatas que ele teria que fazer e que ela possivelmente deveria ajudá-lo, Maria Eduarda só ficava encarando o corpo de Felipe, imaginando que loucuras eles não poderiam fazer se ele perdesse o controle só por cinco minutos. Tinha algo entre os dreads e a barba malfeita do homem que deixava o meio de suas pernas em uma festa quase imparável.

E só tinha problemas para a pobre Maria Eduarda. Porque, de alguma forma, ela entendia que Felipe era quase inalcançável, toda aquela neura que ele tinha de fazer tudo da maneira mais perfeccionista possível e o seu maldito profissionalismo nunca que iriam permiti-la tirar proveito de sua parceria, enquanto estivessem lado a lado como responsáveis daquela viagem, seria assim que ele a veria. Nada mais.

Por isso, e por todas as coisas que o homem achava que ela deveria estar fazendo e ela não tinha nenhuma intenção de fazer, começou a tentar se manter o mais longe possível do homem, para acalmar seus hormônios em fúria. E, sedenta em fazer a ideia de Alejandro dar certo, pegou para si a tarefa de recepcionar os passageiros — não sabendo que eram todos *horrorosos* — dizendo para Felipe que ele deveria checar as acomodações e ver se nada faltava. Não era trabalho dela, porém, mas sabia que com os mais de 200 quartos do navio-cruzeiro, ele deveria demorar uma boa eternidade antes de voltar a atazaná-la com suas intermináveis tarefas.

Olhou a lista mais uma vez, ainda faltavam mais de cinquenta pessoas para se apresentarem ao navio. Aquela era uma viagem sem margem para faltas: as empresas haviam pagado caro para agradecer seus funcionários e ela sabia que estavam sendo rígidos sobre todos realmente estarem ali. A maioria chegara ainda pela manhã, faltava bem menos da metade ainda antes do almoço, e a partida estava marcada para as três da tarde. Nada poderia ser mais tedioso do que mais certinha como o Felipe dentro daquele navio. Gente certinha como Felipe tirando férias.

Estava quase se convencendo que aquela viagem seria o maior fiasco da sua vida quando um grupo de jovens, aparentando serem mais jovens do que a maioria que passara por ele, começou a subir a rampa de embarque do A Donzela Indomável, indo em sua direção. Ela rapidamente arrumou a postura e os aguardou, brincalhões e sorridentes, chegarem até onde ela os aguardava.

— Bom dia! Bem vindos a bordo do Donzela Indomável, esperamos que tenham uma boa estada. Por favor, tenham em mãos o documento de identificação para que possamos autorizar sua entrada entregá-los o kit bordo, com a chave dos seus aposentos e algumas instruções de segurança. Obrigada — ela agradeceu a um dos rapazes, que se aproximou, já com a identidade em mãos.

Eram três homens e duas garotas, todos aparentando entre 20 e 35 anos, o que era certamente um colírio para os olhos de Maria Eduarda. Atendeu uma das moças e dois rapazes, que aguardaram os dois companheiros remanescentes logo atrás dela, com suas respectivas sacolas de boas vindas.

Os dois que ficaram para trás, eram ligeiramente menos preparados e aparentavam ser um casal. Ao menos a mulher parecia querer aparentar que eram, o homem, muito lindo por sinal, não parecia lá muito contente com a atenção e o carinho exagerado dela. A moça achou sua identidade de dentro da bolsa com um grito de triunfo. Se aproximou, então, e eu conferi seu nome na lista. Carolina devia ser a mais nova que passara ali, da mesma idade que Maria Eduarda, que sorriu simpática para a garota, querendo que ela tivesse uma boa impressão sua caso o tédio a vencesse e ela precisasse de uma amiga. Procurá-la-ia, com certeza. A garota agradeceu, simpática, e foi se juntar aos amigos, sem pressa.

— Oi, linda. — O rapaz jogou charme para cima de Maria Eduarda assim que Carolina se afastou. Ele empurrou um documento que deveria ter sido lavado, pelo menos, umas cinco vezes, de tão acabado que estava. — Minha identidade está um pouco apagada, mas eu sou Antônio Pereira, da *Under Constrution* de São Paulo. E você é?

Maria Eduarda sorriu à intenção clara de Antônio de tentar envolvê-la, o que a fez duvidar que tivesse alguma coisa com Carolina, na realidade. Ela analisou bem o homem, tinha um charme exagerado em sua barba displicente, como se ele tivesse esquecido de fazê-la pelos últimos dias, e algo completamente hipnótico entre seus olhos e suas sobrancelhas, que com certeza deixaria Maria Eduarda encará-lo por horas, mas preferiu respirar fundo e checar a lista, encontrando seu nome com facilidade, a lista de nomes da *Under Constrution* estava quase toda preenchida, com a exceção de um

casal da filial de Belo Horizonte que ainda não havia aparecido. Pegou sua bolsa de boas-vindas e entregou ao homem.

— Maria Eduarda — respondeu por fim. — Guia.

Ele sorriu de um jeito malicioso que quase fez Madu perder os sentidos e jogar-se em seu pescoço, completamente apaixonada. Jesus, o homem era quente feito o inferno e ela mal podia esperar para se enfiar em seus lençóis, o que provavelmente aconteceria, cedo ou tarde. Cedo, ela esperava.

— Hm... Guia. Que me guie em ótimas aventuras, então — brincou.

Maria Eduarda sorriu, levemente envergonhada. Não estava envergonhada de todo, mas pareceu que sim, seu rosto ganhando cor com facilidade, vítima da pele extremamente branca que possuía, de família, descendente de alemães.

— Caham — uma mulher bastante inconveniente, reclamou atrás de Antônio. — Com licença, tem gente esperando para ser atendido aqui.

Ela era a única e isso fez Maria Eduarda cerrar os olhos em sua direção. E gostou ainda menos da mulher, que também parecia bem jovem, quando Antônio virou o rosto para olhá-la e analisou-a de cima a baixo, parecendo bem contente.

A diaba era bonita, ela tinha que admitir. Os olhos eram de um tom verde, levemente amarelado, delineados por linhas negras perfeitas. O cabelo curto estava penteado em um leve topete, ressaltando a linearidade de seu rosto e a boca carnuda com batom vermelho. A pele da mulher era morena, meio dourada, deixando Maria Eduarda automaticamente com inveja.

— à sua vontade — Antônio respondeu, se afastando e indo para a companhia de seus amigos.

A mulher encarou-o com um olhar nem um pouco amigável e, então, voltou toda a sua fúria para a pobre Maria Eduarda, que estava só fazendo o seu trabalho, enquanto aproveitava para paquerar um pouco. Ninguém era de ferro, certo?

— Morena Luz, *Under Constrution*, Belo Horizonte — disse, empurrando sua carteira de motorista nas mãos da loira, que revirava os olhos. Claro que a mulher tinha que ter um nome afrodisíaco como aquele, combinava inteiramente. — Fica em Minas Gerais, caso você não saiba. — Completou, vendo que Maria Eduarda não fizera menção a procurá-la na lista.

A loira cerrou os olhos na direção da morena e, teatralmente, virou a folha da lista com tanta força que rasgou-lhe pela metade. Urrou de raiva e sabendo exatamente onde estava o nome de Morena, riscou-o sem nem olhar.

— Seu parceiro não veio com você? — perguntou.

— Você está vendo ele aqui, por acaso? — Morena respondeu.

Maria Eduarda empurrou a bolsa de boas-vindas nas mãos da mulher com o máximo de gentileza que sua educação lhe permitia (isso significava que ela jogou a bolsa de qualquer jeito para uma Morena ainda mais irritada e contrariada).

Morena passou como um trovão pela loira, mas interrompeu-se e voltou.

— Aliás, se você o vir, jogue ele lá em baixo por mim, sim? — disse.
— Ele merece.

Enquanto a mulher de cabelos curtos se afastava, Maria Eduarda pensou que, seja lá o que esse rapaz Gustavo (checou seu nome na lista para gravá-lo) tinha feito para merecer o desafeto dela, ela deveria lhe dar um beijo. Era certamente o que ele merecia.

Estava imaginando Gustavo como um deus grego, com direito a uma toga extremamente sensual que lhe deixava com o abdômen totalmente definido exposto para a apreciação de Maria Eduarda, quando os dreads de Felipe surgiram em sua frente e ela arregalou os olhos, pulando para trás em total susto.

— O que você está fazendo? Todos já chegaram? Você entregou todos os kits? Falta fazer alguma coisa? — Maria Eduarda quase fez o que Morena desejara para Gustavo: pulou do alto da rampa para o mar, a única saída que encontraria para fugir dos inesgotáveis questionamentos de Felipe.

— Está tudo em ordens.

Ele estendeu a mão para pegar a prancheta de Maria Eduarda, mas ela resolveu que queria conhecer o tal do rapaz Gustavo, então abraçou-a apertada em seu peito, estreitando os olhos para Felipe.

— Dá pra você me deixar fazer meu trabalho em paz e ir cuidar do seu? — reclamou.

Ele, rendido, estendeu as mãos no ar em derrota e se afastou.



— Ah! — Morena soltou, contente, ao girar a chave na porta que tinha o número 52 pintado em letras fabulosamente desenhadas.

Aquela viagem estava saindo melhor que encomenda. Apesar do começo tumultuado por conta de Gustavo, adorara tudo no navio até então. Era bem chique, bem requintado e tudo parecia deliciosamente decorado a ser combinado em todos os detalhes. E o seu quarto era bem agradável. Tinha um armário de madeira que era uma relíquia inigualável. Ela se aproximou, admirando-o e acariciando-o com ternura. Quis usá-lo imediatamente, então começou a desfazer a mala e a guardar sua roupa nos compartimentos com todo carinho e cuidado.

Ao terminar, resolveu que deveria vestir algo um pouco mais leve e que combinasse mais com o ambiente do cruzeiro, embora o vento frio marítimo estivesse batendo e tomando para si o medo de roupas mais ousadas. Trocou a calça jeans por uma bermuda e os tênis com uma sandália de dedo e se sentiu mais incluída no ambiente.

Sentou e arriscou uma olhada pela pequena janela arredondada, de onde podia ver o céu azulado, meio cinzento e o sol amarelo brilhando sem dó. O sul, ela sabia, costumava ser devidamente mais frio, mas tivera sorte e o dia estava para lá de agradável.

As companhias também; passara o olho por algumas pessoas e muitas lhe cumprimentaram agradavelmente e ela pôde conhecer rostos de eventos e revistas e se sentiu muito sortuda em fazer parte da nata da sociedade das construções, sendo reconhecida pela sua inteligência e o seu trabalho duro.

Mal sabia ela que ela e seu parceiro Gustavo povoavam o imaginário de boa parte daqueles presentes, que o invejavam pelos seus dois projetos perfeitos. Eram, atualmente, a realeza das construções, os melhores dos melhores, e mesmo jovens, não faltava nada para que comesçassem a receber contratos milionários pelos seus trabalhos tão inspiradores.

Morena era mais pé no chão e um pouco pessimista, na maioria das vezes. Embora seu trabalho necessitasse de uma pá cheia de sensibilidade para a combinação perfeita entre todos os ambientes e a desenvoltura de passar uma mensagem que mostrasse a cara dela, do projeto, do prédio e apesar, ainda, de acreditar em si mesma e saber que fazia seu trabalho bem, ela pouco conseguia enxergar os frutos do seu trabalho com a mesma frieza que encarava as paredes vazias de um novo trabalho, cheias de possibilidades e cores. Via-a apenas como alguém que fazia um trabalho decente, enquanto todos os presentes ali achavam-na simplesmente a melhor coisa que

acontecera ao mercado. Ou a pior. A concorrência mais genial que si mesmo era um problema.

Mas ali, naquela confraternização, os projetos tinham ficado de lado e todos apenas queriam ser simpáticos e quem sabe conseguir uma dica ou duas com o casal que estava decolando com suas ideias completamente mirabolantes e inovadoras.

Contente e convencida de que não seria nem um pouco difícil arrumar companhias agradáveis para aquele mês dentro do navio (que ela esperava não enjoar), levantou-se da cama onde estava sentada em um só pulo e marchou para fora de seus aposentos, a fim de procurar alguém com quem pudesse conversar.

Achou que a ideia não tinha sido lá muito boa, ou a hora não muito apropriada, assim que trancou a porta de seu quarto e se virou para seguir seu caminho para a área externa, dando de cara com Gustavo, carregando sua mala não muito grande em seus ombros e com um pouco de dificuldade.

Ela guardou a chave com pressa no bolso do seu shorts e estava planejando fugir rapidamente sem nem olhar para Gustavo, fingindo que não o vira, mas o rapaz estava com a boca ligeiramente aberta e ao vê-la tentar passar pelo espaço ao seu lado, deslizou, ficando de frente para ela impedindo-a de passar. Ela levantou a cabeça, encarando-o com raiva e deu um passo para o lado que ele deixara mais livre e Gustavo escorregou para frente dela mais uma vez.

— Dá licença? — rosnou.

— Eu conversei com... — ele tentou começar, mas Morena o empurrou de uma forma mais bruta a que ele poderia se preparar, fazendo sua mala cair e ele se curvar sobre ela por causa do peso.

Morena então passou por cima do bolo confuso que era Gustavo e sua sandália ficou presa na alça da mala do mesmo, fazendo-a dar um passo em falso com o pé descalço. Gustavo se dignou a rir e pegou a sandália da mulher em suas mãos, antes dela arrancá-la dele em absurda fúria, calçar e ir para longe antes que ele conseguisse formular a palavra “*espera!*”.

Ela marchou, ainda com a expressão emburrada, até a área externa, onde teve que apertar seus olhos claros para se acostumar com a claridade. Parou na porta que levava ao lugar e analisou os grupos de conversa que estavam se formando por ali, analisando qual seria o de seu maior agrado. Acabou optando por um grupo de pessoas jovens a apenas alguns passos dela, que ela reconheceu como as pessoas que estavam na sua frente na rampa de entrada.

Se aproximou, destemida, e parou entre uma moça de cabelos cacheados cheios e o rapaz que a analisara como um gavião querendo caçar, sorrindo amigavelmente. A conversa parou e todos olharam para ela, querendo saber o que estava fazendo ali.

— Olá. Sou Morena Luz, da Under Constrution de BH. — anunciou-se, percebendo que as expressões hostis se suavizaram ao ouvi-la dizer seu nome e todos arriscaram sorrisos tímidos em sua direção.

O rapaz que estava quase devorando seu decote inexistente, tal como o fizera na rampa do barco, se adiantou e estendeu a mão para ela.

— Antônio, da Under Constrution de Sampa. E esses são Verônica e Tiago, de lá também.

Verônica acenou, um pouco sem jeito, e Tiago também apertou a mão de Morena. Ela sorriu para os dois e depois se virou para os dois que faltavam, recebendo uma olhada nada amigável da moça de cabelos cacheados.

— Marcelo e essa é a minha parceirinha Carolina — ele passou o braço pelos ombros de Carolina, que revirou os olhos, sem conter o sorriso. — Somos da *Vyga*, de São Paulo, também.

— Muito legal — Morena soou simpática, apesar do olhar atravessado de Carolina. Virou-se, então, para seus companheiros de empresa — Eu pedi transferência pra filial de São Paulo há alguns meses, mas meu chefe se recusa a abrir mão de mim.

Todos, exceto Carolina, deram uma risada da frase dela, uns mais tímidos, outros mais desbocados.

Não se precisava dizer que Antônio estava entre os desbocados.

— Se eu fosse seu chefe, eu também não... — ele fez uma pausa estratégica, olhando-a de cima a baixo outra vez. — *abriria* — disse a palavra como se fosse algo erótico e Morena quis se esconder embaixo de qualquer coisa só para sair de perto daquele cara. — Mão de você também. Mas é uma pena. Seria ótimo *trabalhar* — e, novamente, aquele tom nojento de volta — com você.

Ela tentou contato visual com Verônica e obteve a resposta que queria com um balançar de ombros dela: o cara era invasivo assim o tempo todo. Começou a pensar em como iria sair dali sem ser mal-educada e cortar os vínculos com o pessoal do escritório de São Paulo (que era sempre bom ter como uma carta na manga).

— Eu tô com fome — Carolina anunciou, terminando o silêncio

ligeiramente constrangedor que se instalou depois da fala ridícula de Antônio.
— Vamos comer, mô?

Ela atravessou pela frente de Morena e passou os braços pelos ombros de Antônio, fazendo Morena arregalar os olhos e dar dois passos para o lado, dando espaço para os dois. Antônio chegou o rosto para trás, afastando-se dos lábios de Carolina e Morena desejou que a moça tivesse um tiquinho de amor próprio para não fazer aquele papelão com um cara tão ridículo.

— Eu não tô com fome. Pode ir.

Carolina soltou-o de seu abraço, um pouco forçada com a pressão que Antônio fazia em sua barriga e pareceu completamente desolada.

— Eu vou — Verônica anunciou rapidamente, provavelmente tendo o mesmo sentimento que Morena, analisando aquela situação vexaminosa.

Morena, então, viu-se sozinha com três homens, sendo que um era um tarado mal-educado. Começou a rodar os olhos para todas as pessoas em seu redor, vendo Antônio já querendo se engraçar para o seu lado.

Com um suspiro quase aliviado, reconheceu as costas de Gustavo um pouco distante dali, admirando a mar abaixo deles. Não era exatamente o que ela tinha em mente para sua salvação, mas a desculpa colaria com facilidade.

— Preciso ir — anunciou, enquanto Antônio pareceu nem um pouco feliz e os outros rapazes sorriram, simpáticos. — Meu parceiro... Enfim. Foi um prazer.

Ela se afastou, indo em direção à Gustavo, mas não de antes conseguir ouvir a frase completamente asquerosa de Antônio:

— O *prazer* foi todo meu.

*

— Você não vai acreditar!

Gustavo se sobressaltou ao ouvir a voz de Morena aumentar enquanto ela chegava perto dele. Cerrou seus olhos, deixando apenas um pequeno pedaço da íris castanho esverdeada à mostra, mas que não chegou nem perto de intimidar a mulher.

— Eu estava lá e eu mesma não acredito — continuou.

Parou do lado dele e copiou sua posição, mas sem se curvar tanto quanto ele, apoiou os braços na grade do barco e cruzou os pés, balançando a cabeça de forma que a mecha de cabelo que estava caindo em seu rosto voltasse para o seu lugar no topete.

— Você tá louca? — Gustavo perguntou.

— Não enche e finge que tá rindo!

Ela deu um tapinha meio amigável, meio provocativo no braço dele e ele encenou uma péssima risada falsa, mas que foi o suficiente para Morena não implicar mais com sua falta de participação no plano de se livrar do cara maluco com quem conversara.

— Completamente louca — Gustavo decidiu.

— Não. — resmungou. — Loucos são essa galera de São Paulo. Você não faz ideia. Não chega perto deles.

Gustavo olhou para onde Morena estava apontando disfarçadamente com a cabeça e levou um tapa em seu braço.

— Disfarça!

— Eles parecem normais — Gustavo decidiu.

— Mas não são.

— Vai ver você que é doida.

— Desisto! — Morena desapoioou da grade e começou a se afastar.

Gustavo pegou-a pelo braço rapidamente, puxando-a de volta para o lugar. Morena teria reclamado em qualquer outra ocasião, mas estava temerosa de Antônio acabar cruzando pelo seu caminho caso estivesse sozinha. E ela, definitivamente, não queria ficar sozinha com ele por nem um segundo.

— Espera. Você vai me ouvir agora? — perguntou.

Morena revirou os olhos, mas voltou sem lutas para o lugar original, desta vez concentrando sua atenção nas leves ondas que quebravam no barco. Ainda faltava pouco mais de uma hora para ele zarpar, mas ela mal podia esperar. Não sabia bem o porquê, mas se via ansiosa para sair do porto e pegar o alto mar.

— Tá. — respondeu, a contragosto, distraída, tentando identificar alguma espécie marinha nas águas escuras próximas ao porto.

— Eu falei com umas pessoas no aeroporto. Preenchi um formulário, eles vão mandar o livro pra minha casa. — resumiu e foi totalmente esperançoso com o resultado da empreitada da manhã — Quando chegar, eu te entrego.

Na verdade, Gustavo tinha em mente comprar o mesmo livro de primeira edição e conseguir um autografo, caso aquilo não desse certo. Era mais fácil do que fazer Morena esquecer e parar de buzinar o acontecimento em seu ouvido pela próxima década. Ao contrário dela, ele tinha consciência de que trabalhariam juntos por um bom tempo, ainda, visto o sucesso exagerado do último empreendimento.

— Tudo bem, eu entendo.

Foi só isso que ela disse. Gustavo tivera um trabalho infernal (ok, não fora tanto assim) para conseguir o tal do formulário e preencher tudo para recuperar aquele livro que parecia significar tanto para Morena e tudo que ela dizia era “*Tudo bem, eu entendo*”? Aliás, que diabos ela entendia?

— Entende o quê? — não pôde segurar a pergunta.

Morena respirou fundo e virou o rosto para Gustavo, esperando ver sua expressão quando ela dissesse as palavras:

— Entendo que você não dá valor pra coisa alguma. Pessoas como você, que sempre tiveram tudo de mão beijada, não costumam se importar com nada. Porque sempre podem conseguir outro, é fácil, não é? Estalar os dedos e pronto. Nenhum esforço, nenhum suor... Só notas infinitas na carteira e todas as oportunidades abertas.

Desabafou tudo em um segundo. Não que ela já não tivesse dito as palavras antes, mas foram as poucos, mais implicância do que aquela conversa mais séria. Gustavo havia perdido um dos seus bens mais preciosos. O livro de decoração havia sido presente de seu avô quando ela passou na faculdade, era a primeira edição e Morena sabia que devia ter lhe custado os olhos da cara. Seus amigos de faculdade cobiçavam demais o seu pequeno livro e, alguns meses antes de seu avô falecer de câncer de próstata, ele a incentivara a ir em uma viagem e conseguir o tal do autógrafo. Vibrou com

ela, como se tivesse sido com ele. A primeira da família a ter ensino superior, fruto de duas gerações de trabalho, que brigavam para que ela pudesse trilhar os caminhos que eles não conseguiram.

Ela não deixava de reparar o quão mais fácil era tudo aquilo para Gustavo. Seus salários não divergiam tanto e, enquanto ela tinha que se virar para pagar todas as suas contas e recuperar as moedas perdidas dentro da bolsa para encher o tanque do seu carro no fim do mês, Gustavo pagava almoços para toda a equipe, conquistando todos tão facilmente com presentes e galanteios.

Ele a encarou chocado após aquelas sentenças. Ofendido, também. Ele sabia que os pais de Morena tinham suas dificuldades financeiras e que a infância dos dois fora muito diferente, mas não esperava aquele julgamento dela. Por sua mãe e avó, ele não estaria trabalhando, mas lá estava ele, buscando criar prestígio para o próprio nome, batalhando em prol da sua carreira e da sua independência...

Ela deveria entender.

— Você não faz ideia...

A responsabilidade de ser um Marinheiro era estarrecedora para Gustavo. Ele tinha responsabilidade e não havia meio-termo, ou ele fazia sucesso... Ou fazia sucesso. E tinha batalhado muito em sua vida para chegar no patamar que estava agora, com pouco mais de trinta anos.

Sem a sua avó. Conseguiu seu emprego por ele mesmo e montou toda sua trajetória sozinho.

— É, realmente. — Morena concordou, voltando a olhar o mar.

Gustavo estava perdido em pensamentos chateados com a ideia que Morena fazia dele, mas sem encontrar nenhum argumento que a fizesse mudar de ideia. Resolveu deixar para lá, Morena era mesmo teimosa feito uma porta e nunca daria ouvidos às suas palavras explicativas. Apenas bufou, frustrado, curvando-se ainda mais sobre a grade do barco, encostando o queixo em suas mãos.

— Era pra essa viagem ser divertida — murmurou. — e até agora, só tem sido um saco.

Morena bufou ao seu lado e ele pôde identificar que era de pura concordância.

— *Divertida?* Com você e esses loucos? — ele podia sentir a ironia dançando entre suas palavras e não conseguiu evitar o sorriso. — *Vai sim.*

Capítulo 2

O tintilar de copos e pratos estava deixando a mocinha doida, mesmo que já estivesse devidamente acostumada com aquelas tarefas tediosas, diárias e repetitivas. Branca era, na medida do possível, prestativa. Não gostava de reclamar do trabalho na pensão, até mesmo porque na maior parte do tempo era divertido conhecer pessoas de todos os lugares do país e do mundo, mas...

Ela só odiava qualquer tarefa de cozinha, tirar ou colocar a mesa, cozinhar, fazer compras, mas, principalmente, ela odiava lavar, secar e guardar louças.

Normalmente, Márcia cuidava da cozinha em geral, junto com uma cozinheira e Branca permanecia na recepção, atendendo os hóspedes, os telefonemas e respondendo os e-mails, porém, naquele dia, Márcia só tinha olhos para sua filha mais velha, Morena, a qual viajara e deixara a mãe preocupada e desembestada.

E retirar as louças do jantar sobrara para a pobre filha caçula, Branca. Que não estava gostando muito da ideia.

A sala de jantar estava devidamente vazia naquele horário e Branca estava parada ao lado da mesa onde serviam a comida, mexendo de forma furiosa no celular, mandando mensagens e mais mensagens reclamonas para os seus amigos, como adolescentes comumente faziam. Como a pousada estava com poucos hóspedes, Otávio tivera a brilhante ideia de distribuir folgas e agora Branca teria que fazer tudo sozinha porque sua mãe estava tentando lavar tudo, enquanto fuçava as fotos que Morena postara em seu facebook durante o dia.

Um barulho de limpar a garganta tomou o ambiente, fazendo Branca levantar a cabeça rapidamente, um pouco assustada. Um dos turistas de Brasília, ela sorriu ao reconhecer, estava parado na entrada da sala de jantar, parecendo um pouco encabulado por atrapalhá-la. O mais *bonitinho*.

Como se ela estivesse fazendo alguma coisa.

— Oi, desculpa — pediu, educado — Minha TV não está funcionando muito bem, eu estava ligando para a recepção e ninguém atendeu, então eu resolvi descer aqui. Desculpa te atrapalhar...

— Não, de forma alguma — respondeu a garota. — O que há de errado com a TV?

Branca guardou o celular dentro da blusa, entre os seios, capturando o olhar do brasileiro por alguns segundos, o que provocou um sorriso em seu rosto por conseguir seu intento.

— Ela está chiando como cariocas — respondeu, fazendo a garota rir. — E não consigo aumentar o volume, acho que o botão está quebrado.

Branca amaldiçoou o momento em que decidiu não fazer algo útil em seu segundo grau, como um técnico em eletrônica, o que certamente a deixaria ter noção de como consertar uma televisão e ela poderia, nesse momento, ir até o quarto do brasileiro bonitinho e eles poderiam fazer muito mais do que colocar aquela TV pra funcionar.

Como colocar a cama para ranger.

Mas, por não saber nada de TV, ela apenas sorriu amarelo e balançou a cabeça em concordância às reclamações justas dos hóspedes.

— Vou avisar ao meu pai, o Otávio — sempre lembrava de dizer o nome das pessoas que ela mandaria encontrar com os hóspedes. Ela via suas expressões de alívio por não terem que recordar dos nomes sozinhos. — O seu quarto é o 205, né?

O brasileiro sorriu e concordou com a cabeça, animado demais e ela soube que tinha sido por ela lhe dar a informação do nome mais do que por ter resolvido o problema da TV.

— Obrigado — agradeceu, antes de desaparecer pela porta. E Branca suspirou pelo azar de não ter rolado nada com o cara bonitinho.

Às vezes, acontecia.

Ela tinha perdido a virgindade há pouco mais de um ano, com um turista holandês. Eles quase não se entendiam, mas ambos arranhavam o inglês e foi o suficiente — ele era muito gato, uns cinco anos mais velho e eles ficaram, escondido dos pais da garota, pelos quinze dias que ele esteve hospedado na pousada. Dois dias antes de ele ir embora, Branca esgueirou-se para o quarto dele de madrugada e eles fizeram amor algumas vezes.

Ela se arrependeu, no dia seguinte; não pela dor nas coxas, não pelo sono da noite mal dormida ou porque ele iria embora no dia seguinte, mas pela ardência absurda que sentiu ao fazer xixi.

Antes do holandês, já tinha ficado com alguns hóspedes. Depois do holandês, acontecia com mais frequência e era bem mais divertido.

Balançou a cabeça para afastar pensamentos sobre o passado e resolveu ignorar o celular que vibrava entre os seios e terminar logo sua tarefa, fechar o caixa da recepção e ir para o seu quarto, ver o que seus

amigos estavam falando tão avidamente, o que provavelmente eram xingamentos direcionados à irmã, Morena.

— Presunçosa e egoísta — resmungou, enquanto empilhava os pratos e colocava no carrinho.

Branca não gostava de falar com a irmã, de ver a irmã ou de ouvir sobre a irmã; os pais já comparavam as duas o suficiente. Ela nunca era boa o suficiente para os senhores pais da famosa Morena Luz.

Sentiu uma vontade súbita de fumar um baseado para esquecer tudo aquilo. Estava para iniciar o último ano do ensino médio e seria a hora de decidir o seu futuro, qual carreira ela seguiria e o que faria da vida.

Mas ela sabia, nunca teria aquele brilho nos olhos que os pais reservavam ao falar do futuro de Morena.

Engoliu a raiva e as lágrimas — prometera que não choraria mais por medo daquilo. Iria fumar um baseado e ficar numa boa, talvez dar uma passada no quarto do brasileiro depois de seu pai para ver se conseguia se divertir naquela noite.

Empurrou o carrinho com as louças em direção à cozinha, enquanto pegava o walktalk que estava nele e conectava com o pai.

— Vagalume para farol — repetiu o código que usavam desde crianças.

“Pronto!” Ouviu a voz forte de Otávio do outro lado.

— 205 está com problemas na TV.

“Copiado!”

Ela desfez a conexão e soltou a risada. Seu pai, ao contrário da mãe e da irmã, era muito fácil de lidar. Otávio era divertido, atrapalhado e era um bom ouvinte, pena que nem sempre prestava atenção e ouvia muito os conselhos da mãe de Branca para que ela lhe pedisse qualquer tipo de ajuda.

Alcançou a cozinha com uma rapidez impressionante; queria logo se livrar daquela tarefa, terminar suas responsabilidades e fingir que iria dormir. Sairia para a área externa da pousada, onde tinha o esconderijo perfeito para fumar seu baseado em paz.

— Que bom que você chegou — Márcia a saudou e Branca já congelou-se em seu carrinho, sabendo o que estava por vir. — Eu já lavei uma boa parte, você pode terminar pra mim? Vou tentar ligar pra sua irmã antes que fique muito tarde.

Márcia não esperou a enxurrada de reclamações da filha antes de sair.

Ela sabia que, se lhe desse chance, Branca falaria de como não podia fazer nada daquilo pelo mesmo período de tempo que levaria para fazê-lo, talvez até mais. Ao invés disso, ao sair, apenas escutou-a soltar um urro de raiva e chamar o pai no walktalk. Desculpou-se mentalmente com o marido pelos longos minutos de reclamação que viriam a seguir, mas ela tinha outra filha irritada para cuidar.

Márcia tinha um pouco de medo da criação de Branca, apesar da menina ser responsável, era fechada. Morena tinha sido mais fácil, era um pouco de gritos aqui, três coisas jogadas na parede ali e uma enxurrada de emoções a flor da pele. Branca se ocultava atrás de palavras bonitas e olhos magoados, as vezes deixando a mãe perdida.

Branca alcançou a recepção da pousada e o telefone externo. Esperava que nenhum hóspede ligasse para o ramal interno ou ela não teria como atender, pedia desculpas, mas sua filha era mais importante.

Discou o número que decorara, mesmo com os problemas da idade, desde que a filha se mudara para fora de casa e pouco demorou para ouvir sua voz, totalmente distraída e como se nem tivessem brigado pela manhã.

“Alô”

— Oi, filha — suspirou aliviada ao ouvir a voz da cria, mesmo que soubesse que nada de ruim havia acontecido pelo que fuçara em perfis de redes sociais dela. — Como vão as coisas?

E Morena começou a falar sua normal enxurrada de informações que Márcia nunca entendia por completo, mas ouvia e opinava mesmo assim. Morena era daquela maneira, sempre verdadeira, sempre falante, sempre aberta. Era fácil, de todo, embora o seu comportamento explosivo atrapalhasse a convivência, as vezes. Porém, ela e o pai tinham discussões mais acirradas — Morena não gostava muito dos desajeitos constantes do pai e Otávio reclamava de sua impaciência exagerada. No final, porém, todo mundo se amava e dava certo.

— Espera, espera. — Márcia pediu, após Morena relatar sobre Antônio. — Então ele fica com essa menina Carolina, mas estava dando em cima de você?

“Sim!” respondeu, com paixão. *“Acho que isso é frequente e a menina, mãe, ela é um docinho. Acho que não sabe o que fazer e gosta dele. Fiquei com pena, ele trata ela super mal. Ela chamou ele para jantar...”*

E continuou seu relato sobre Antônio, até o nome de Gustavo ser citado e Márcia respirar profundamente, sabendo que viriam muitas reclamações e pirraças a seguir. No fundo, ela tinha certeza que Gustavo viria

a ser seu genro, com o tanto que os dois implicavam um com o outro. *Deve ser amor*, ela pensava.

— Mas por que vocês estão discutindo agora? — Márcia perguntou, após o relato. — Vocês não estão trabalhando, pode ser mais maleável com ele... Se divertir, talvez?

Resolver logo essa implicância e me dar netos? Por favor? Pensou.

“Mas, mãe, ele é um cabeça de vento” resmungou. *“Perdeu meu livro e...”*

As reclamações continuaram por alguns minutos e Márcia ouviu com toda a paciência do mundo, achando graça. Por fim, Morena acabou de dizer o que tinha para falar e um silêncio se fez presente na ligação. Márcia, então, achou que era o momento perfeito.

— Filha... Sobre hoje mais cedo...

“Já foi, mãe” Morena disse. *“Já passou.”*

— Não, bebê — Márcia insistiu. — Quero que você saiba que eu te acho maravilhosa, tanto quanto sua irmã. Você escolheu um caminho diferente do meu, mas é linda e inteligente, braba e tá brigando no meio desses homens todos e se destacando e isso é lindo. Mô, você alcançou coisas, muito mais do eu sonhei pra você e eu e seu pai temos muito orgulho da mulher que você é, filha.

“Ai, mãe” sussurrou do outro lado da linha e Márcia soube que a filha estava chorando. *“Eu te amo”*

— Também te amo, filha.

As duas ficaram chorando e rindo emocionadas na linha, enquanto Márcia se dignava a falar um pouco sobre Branca para Morena, já que a própria perguntara, o ocorrido sendo deixado para trás. Enquanto Márcia listava as opções de Branca para o vestibular, Morena disse que precisava ir ou perderia o jantar e Márcia se despediu, o coraçãozinho apertado pela filha estar tão longe, mas feliz que haviam se acertado.



— Jesus! — Morena não era lá muito ligada em religião, mas ao se deparar com o restaurante lotado quase às 23 horas, teve que proferir alguma palavra de efeito e o nome do Salvador foi escolhido pelo seu cérebro assombrado.

Olhou ao redor e viu vários rostos conhecidos virados em sua direção, como se esperasse que ela se juntasse a eles, mas não havia ninguém com quem ela trocara mais do que duas palavras gentis em eventos e premiações, portanto escolheu uma mesa vazia para se sentar. O restaurante era um pouco rústico, tinha uma área de piquenique e suas mesas eram todas de madeiras com bancos ao redor. Achou fofo.

Morena se sentia uma daquelas garotas populares de filmes americanos com tanta gente ansioso por sua atenção. Fala sério, todo mundo ali tinha ganhado prêmios, tinha conseguido chamar a atenção e estar ali como os melhores do país. Só porque ela era uma das mais novas a chefiar uma equipe e ter ser trabalho prestigiado... Não era para aquilo tudo, era?

— Boa noite — seus pensamentos foram interrompidos pelo garçom.
— Cardápio?

O rapaz lhe estendeu a revista plastificada e Morena estendeu a mão para pegá-la. Mesmo antes de abrir, pode ver que ela era bem grande e não faltariam coisas para ela escolher.

— Obrigada — agradeceu.

Ele se afastou, dando tempo para a mulher analisar o cardápio e foi o que Morena fez. Abriu-o e admirou a quantidade de opções que tinham, mesmo que estivessem em alto mar. Ela esperava um sessão menor de carne, com certeza, e uma maior de peixes, mas as duas se equiparavam.

Todavia, estava passando o dedo pela sessão de peixes para escolher um. Viera preparada para comer a maior quantidade de peixes que pudesse. Ali, no mar, eles deviam ser mais frescos e saborosos do que em Belo Horizonte, que não havia mar.

Estava decidindo qual o tipo de prato com camarão ela escolheria, quando uma movimentação ao seu lado lhe chamou a atenção, mas não precisou virar o rosto para saber quem era; o perfume desagradável e o pouco espaço que ele deixara entre si e a garota já lhe dizia que era Antônio que estava ali.

Invasivo, se curvou sobre ela para dar uma olhada no cardápio também e Morena empurrou-o com o cotovelo com força, sem nem tentar disfarçar o

incômodo.

Antônio limpou a garganta, levemente incomodado com a moça braba por quem ele se encantava, tão linda e exótica como seu nome, morena de olhos esverdeados e cabelos negros tão curtos quanto os seus próprios. Ele gostava de morenas, mas essa... Tinha que ser dele!

— Não te vi desde cedo! — Ele começou, sem nem se abalar com o empurrão que a mulher havia lhe dado. — O que você fez o dia todo? Se divertiu?

Ela não queria conversar, mas tinha a ambição de conseguir se transferir para a Under Constrution de São Paulo e não queria criar algum tipo de inimizade que não fosse claramente justificada; o homem parecia que não arredaria pé do redor dela e contanto que ele não invadisse seu espaço, como acabara de fazer, ou fizesse qualquer coisa ofensiva, ela tentaria ficar ok.

Tentaria.

— Andei por aí, curti um sol... — Respondeu, então.

Ela viu-o analisar seu corpo e parar o olhar em seu busto, onde dava para notar o biquíni por debaixo da blusinha de alça que colocara por cima. Ainda estava levemente molhado porque Morena saíra da piscina pouco antes de falar com a mãe no telefone; quando a noite caiu, a piscina esvaziou e todos foram procurar atividades internas para fazer e ela teve tempo de ficar ali sozinha e pensar na vida, como gostava. E agradeceu muito pela água ser aquecida e estar morna.

— Poxa, foi dar um passeio de biquíni e nem me chamou? — perguntou, fazendo Morena soltar fogo pelas ventas, mas ela mordeu a língua, deixando-o no vácuo. — Bom... Eu achei umas atividades de grupo legais, conheci uma galera e foi bem divertido. Você poderia ir comigo, amanhã.

Morena arregalou os olhos e disfarçou seu incômodo, prestando ainda mais atenção em seu cardápio, como se ainda não tivesse escolhido seu prato de camarão, e como estava tedioso, virou para a parte das bebidas e achou que deveria escolher uma bem forte se teria que aguentar Antônio do seu lado, durante o jantar.

Sentiu uma mão em seu ombro e um leve empurrão para o lado, afastando-a de Antônio pelo banco e ela agradeceu levemente, por isso cedeu ao escorregar, mesmo antes de notar quem era.

Apenas viu Gustavo quando ele se sentou entre ela e o paulista.

Morena resolveu escolher vodca. Se teria que aguentar os dois odiosos, beberia vodca e ficaria bem bêbada, diria umas verdades, xingaria uns

palavrões e colocaria a culpa na bebida. Certamente daria certo.

— Olá! — Gustavo chegou com sua animação irritante de sempre — O que será que tem pra comer aqui? — Arrancou o cardápio da mão de Morena e ela suspirou, segurando um xingamento porque Gustavo acabara de salvá-la de Antônio e porque sua mãe lhe pedira para tentar ser mais simpática. — Será que eles misturam dois pratos aqui? — Perguntou, passando o dedo pelos pratos, como se escolhesse aleatoriamente. Levantou a mão no ar do nada e acenou para o garçom. — Ô, amigo! Chega mais! — Esperou o rapaz se aproximar e virou o cardápio para ele. — Posso pedir picanha e salmão? Tipo, quero um prato com arroz, feijão, fritas, saladas, um pedaço de salmão e um pedaço de picanha! Pode ser?

Morena estava levemente envergonhada pelo comportamento de Gustavo, mas sabia que, embora irritante, ele não costumava fazer isso em restaurantes — os dois já haviam almoçado juntos mais vezes do que o agradável. Porém, achou plausível, a pergunta. Tudo ali estava pago e eles tinham que escolher o que comer e embora o questionamento fosse bem doido, ele estava certo em perguntar.

E ainda estava deixando Antônio com uma cara de poucos amigos.

— Bom... Acho que sim — o garçom provavelmente nunca tinha ouvido falar daquilo e Morena se segurou para não rir. Era bom que outra pessoa tivesse que segurar as doideiras de Gustavo, as vezes. Ela fazia o tempo todo e cansava sua beleza. — E a senhorita?

— Bom... — ela tomou o cardápio da mão de Gustavo e deu uma última olhada. — Vou querer uma porção de risoto de camarão e uma caipifruta de morango, pode ser?

— Ah, é! Bebida! Quero vinho — Gustavo se seguiu. — Pode vinho? Qualquer um?

O garçom estava rindo levemente e ficou um pouco mais difícil para Morena segurar a postura de durona diante da animação quase infantil de Gustavo à tanta opção de comida. Nem parecia que ficariam ali por três semanas, ele parecia disposto a provar tudo naquela noite e tentar sobreviver depois de ingerir tanta gordura trans e tanto álcool.

— Claro — concordou.

Gustavo, então, passou o dedo pela cartela de vinhos e bateu com o indicador duas vezes no escolhido, mostrando para o garçom.

— Esse aqui! É o melhor vinho que eu já tomei — completou, animado. — Você não quer uma taça? — Virou-se para Morena, que apenas

levantou uma sobrancelha — Traz uma pra ela. Se ela não quiser, é mais pra mim.

Morena balançou a cabeça negativamente e uma risada anasalada lhe escapou sem que pudesse contê-la. Antônio estava cada vez mais carrancudo ao observar uma harmonia nunca antes presenciada entre aqueles dois inimigos quase mortais.

— Pode trazer uma pra mim. Cancela a caipifruta — ela alertou ao garçom.

— Não! — Gustavo negou. — Traz a caipifruta. Não cancela nada. Vamos beber e comer tudo.

— Eu não quero mais a caipifruta — resmungou.

— Eu tomo, não tem problema. — Gustavo retrucou. — Tem alguma coisa que saia bem rápido? Pra forrar o estômago? Tô morrendo de fome.

Agora ela estava ficando realmente envergonhada, mas o garçom estava se divertindo, o que acalmou os nervos da mulher.

— Posso trazer uma porção de aipins, tem um que acabou de sair, mas a pessoa foi embora — confessou ao grupo.

— Puxa, que sorte a nossa — Gustavo cutucou Morena, contente demais consigo mesmo. — Pode trazer!

Morena estava revirando os olhos, enquanto o garçom anotava os pedidos freneticamente. Ela se curvou sobre a mesa e um pouco por cima de Gustavo, apenas para apreciar a cara de poucos amigos que Antônio fazia.

— Você vai pedir alguma coisa? — perguntou, educada.

O homem negou com a cabeça.

— Não, já comi.

O garçom conferiu o pedido de Gustavo e Morena mais uma vez, antes de se retirar para repassar para o cozinheiro. Gustavo continuava a encarar o cardápio, provavelmente a pensar em que mais combinações loucas ele poderia fazer, e Morena resolveu dar uma olhada extra no celular.

— Bom, gente, eu vou encontrar com meus colegas pra jogar cartas — Antônio se levantou, finalmente dando rendição à Gustavo e a sua maluquice. — Vejo você amanhã, Morena?

Não respondeu, fingiu que não ouviu. Antônio esteve lá esperando a resposta da mulher até que ouviu um suspiro chateado de Gustavo.

— Ah! — choramingou. — Eu podia ter pedido uma moranga com

picanha e camarão dentro?



Antônio passou marchando pelo restaurante, bastante incomodado por ter perdido a atenção de Morena para o parceiro intrometido e idiota dela. Saiu tão rapidamente do lugar que não notou Felipe na mesa do canto, em um amontoado de papéis, tentando organizar a rotina de atividades, junto com o terrível atraso de uma hora que tiveram naquela manhã porque o capitão preferiu esperar o aval da família de Maria Eduarda para poderem sair do porto.

Falando em Maria Eduarda, Felipe estava tendo graves problemas para conseguir se adequar à loira. Não era a primeira vez que ele trabalhava em eventos grandes, mas, normalmente, a pessoa responsável pelo grupo o auxiliava com opções e com informações que lhe ajudariam a manter todos alegres e ocupados; não era o caso de Eduarda. A garota parecia estar ali apenas pela diversão, pelas piscinas e pelos homens bonitos — ele tinha visto o olhar dela para alguns dos passageiros e não tinha gostado nem um pouco.

Ele tinha visto a situação a distância e quando Maria Eduarda o notou, disfarçou e sumiu para o outro lado do navio, provando que estava fugindo do rapaz.

Felipe bufou, pegou o celular e tentou discar para a loira pela terceira vez em cinco minutos. O telefone chamou por duas vezes e, então, caiu na caixa postal, deixando bem claro que Maria Eduarda não estava nem mais disfarçando que não queria vê-lo.

Resolveu deixar o quinto recado da noite na caixa postal dela.

— Maria Eduarda, estou te ligando porque preciso falar com você. Precisamos repassar as atividades programadas para a primeira semana e...

BIP.

A caixa da garota já deveria estar cheia de recados de Felipe e a ligação caiu, deixando-o ainda mais irritado com sua falta de sorte e a falta de comprometimento dela.

Teria que realizar o trabalho todo sozinho, mas redigiria uma carta para alguém — ele ainda não sabia quem — fazendo uma reclamação formal sobre o comportamento em nenhuma ética profissional de Maria Eduarda e torcia para que ela perdesse sua licença.

Mas duvidava. Sabia que a garota era dona do barco e de tudo aquilo. Gente rica não perdia licenças porque sempre tinham dinheiro para comprá-las de volta.

Esfregou o rosto, afastando os dreads para não lhe atrapalharem a visão e encarou a mistura de papéis em sua frente, se perguntando como que aquilo havia acabado assim. Pôs-se a organizar separadamente em pilhas exageradamente alinhadas.

Atividades externas, divididas em integração (com o intuito dos passageiros se conhecerem melhor, dentre essas, divididas por empresas e aberto a todos), de entretenimento (organização da piscina e eventos), esportes (yoga) e segurança no navio.

Atividades internas de entretenimento (jogos, filmes, teatro e apresentações musicais), esportes (academia em geral, boxe, aulas de dança, spinning e muay thai) e eventos (festas programadas para acontecer no período).

Conseguiu dividir bem as pilhas ao seu redor e estava ajustando algumas atividades perdidas que permaneceram em sua mão quando parou para admirar seu trabalho, orgulhoso. Quem dissera que Felipe precisava da loira riquinha para colocar aquele navio para funcionar? Ele era bom o suficiente para fazê-lo sozinho!

Isso, é claro, até uma garota chegar como um furacão e derrubar sua bolsa bem no meio de três pilhas e bagunçar tudo outra vez.

— ... Já vou, espera... — Ela caiu do outro lado da mesa e sua bolsa voou em câmera lenta, caindo em cima das pilhas e desmanchando-as, misturando-as. Felipe fechou os olhos e respirou fundo, contando até cinco para não perder a calma e gritar com um passageiro. — Oh, meu Deus, me desculpe. Minha amiga me empurrou.

Felipe queria gritar. Queria se levantar dali, virar as costas e deixar a garota falando sozinha. Queria dizer para ela que ela não podia jogar as bolsas em cima do trabalho dos outros e depois piscar aqueles olhinhos brilhantes arrependidos, fazendo charme para ele ser legal com ela. Era injusto, ele não conseguia nem ficar *tão* zangado.

— Tudo bem — respondeu.

Era uma garota bonita, ele suspirou. A música Garotos começou a tocar em sua mente.

Garotos não resistem aos seus mistérios, garotos nunca dizem não.

— Precisa de ajuda? — perguntou, ao ver que a menina não se movia para ir embora e mordida o lábio com força, como se estivesse querendo falar algo, mas não soubesse como.

Balançou seus cachos negros que combinavam perfeitamente com o

formato do seu rosto, de uma maneira tão simétrica que fez Felipe adorá-la de cara. Ela soltou o lábio dos dentes e sorriu, parecendo um pouco nervosa e bastante tímida.

— Você é o organizador de eventos, né? — questionou.

Felipe achava que isso era bastante óbvio. Ele usava um crachá, preso no bolso da blusa, escrito seu nome e sua função, bastante visível para todos os passageiros, justo para que se eles tivessem uma dúvida, pudessem recorrer diretamente, sem precisar sair perguntando e procurando por aí. Também havia cerca de 20 pilhas de papéis que informavam exatamente o seu trabalho e ele tinha certeza que não estaria ali se fosse sua função — com todas aquelas atividades legais? Provavelmente estaria fazendo uma aula de cerâmica ou jogando carteadado!

— Sim, sou eu — respondeu, mesmo assim. — Sou Felipe, o organizados de eventos. Você é...?

— Carolina — respondeu, com um sorriso doce.

Felipe suspirou e a música em sua mente se intensificou. *Garotos como eu, sempre tão espertos, perto de uma mulher são só garotos.* Carolina tinha um sorriso lindo que com certeza a levava a qualquer lugar que quisesse. Nenhum ser vivo sobreviveria a doçura daquela garota.

— Carolina — sorriu de volta, totalmente amolecido. — Que tal se sentar, Carolina, e me dizer o que precisa?

Ela abriu ainda mais o sorriso e se sentou, puxando a bolsa de volta para si e fazendo ainda mais estrago em suas pilhas. Felipe fechou os olhos e respirou fundo, mas a menina não pareceu notar ou se importar. Como um amanhecer, ela se encheu de luz e animação com a abertura dele e começou a relatar seu pedido.

— É que eu vou fazer aniversário em dois dias — ela dizia, quase sem parar para respirar. — E eu queria muito, muito mesmo, que pudesse ter uma festa. Eu não tive muitas festas quando criança e minhas amigas queriam me fazer um bolo, mas nenhuma delas sabe cozinhar um bolo e ninguém deixou a gente ir até a cozinha, então será que a gente pode ter uma festa? Pode ser algo simples, sabe, só um bolo e algumas bebidas. Deve ter alguma sala dessas disponível pra isso, não deve? Será que a gente consegue?

Carolina estava repetindo o discurso que ouvira das amigas — que a induziram a pedir a festa. Ela nem queria tanto assim, Antônio estava muito esquisito com ela e o humor da garota estava deveras alterado, mas imaginou que a animação de uma festa podia melhorar os ares marítimos daquela viagem. Então, suas amigas inventaram uma história completamente absurda

e fizeram-na decorar para repetir ao organizador de eventos, rezando para que ela conseguisse comovê-lo com seus olhos brilhantes e seus longos cílios, mas claro que Carolina se enrolou, falou demais, inventou coisas na hora e se assustou com o próprio discurso compulsivo.

Mas comoveu Felipe, de qualquer forma. E não foram suas palavras que o fizeram. Foram seus olhos brilhantes de expectativa e desejo e seus longos cílios, piscando rapidamente por conta da mentira proferida.

Não que Felipe soubesse que suas palavras eram mentiras.

— Não posso prometer nada — Felipe disse, encarando a bagunça recém feita por Carolina em seus papéis, mas ao levantar o olhar e encarar a decepção na expressão da garota, suspirou e entortou os lábios. — Mas vou fazer de tudo pra fazer uma festa, certo? Nem que seja algo simples, como você sugeriu.

Carolina se levantou em um pulo, arrastando duas folhas de papel pela mesa com seu movimento repentino, e o olhar de Felipe acompanhou os papéis, fazendo-o perder a animação da garota ao comemorar, batendo palmas.

— Nossa, muito, muito obrigada! — Agradeceu. — Obrigada mesmo! Olha, eu não vou atrapalhar mais não, sério, muito obrigada. Obrigada!

Ela se afastou em uma enxurrada de agradecimentos, fazendo Felipe rir, o que raramente acontecia. O jeito fofo e atrapalhado de Carolina era impossivelmente agradável, aos seus olhos, e ele resolveu perdoá-la verdadeiramente pela bagunça feita em seus papéis.

Balançou a cabeça e encarou o celular. Ligou para Maria Eduarda mais uma última vez, apenas para cair diretamente na caixa postal, informando-o que a loira agora deveria ter desligado o aparelho de vez para evitá-lo.

Com um suspiro cansado, Felipe voltou a organizar a bagunça que Carolina provocara e procurou com afinco a pilha de festas, analisando a lista programada para ver o que ele conseguiria fazer pela bela negra de olhos brilhantes e cílios piscantes que lhe fizera aquele pedido todo confuso e adorável, ao qual ele nunca conseguiria dizer não.

Garotos nunca dizem não.

— E agora mais essa... — Reclamou, fazendo uma setinha em um dos eventos do topo da lista, riscando a data antiga e colocando uma nova.



Gustavo estava extremamente incomodado com o silêncio da mulher ao seu lado. Tudo bem que eles não eram exatamente as pessoas mais amigáveis do mundo — ao menos não um com o outro -, mas ele achava que conseguiriam manter uma conversa enquanto comiam aquele jantar maravilhoso a bordo de um transatlântico muito lindo em uma viagem pela costa brasileira até o Caribe.

Fala sério, quem conseguia ficar de mau humor em uma condição assim?

Morena conseguia. Ele nem tinha dúvidas disso. Ela já discutira com ele mais cedo e dissera coisas que deixara Gustavo magoado, mas ele decidiu por bem ignorar e não ligar para as coisas que ela falara em um momento de raiva. Ela tinha perdido o bem mais precioso dela, isso conseguia entender.

O que ele não entendia era no por que Morena confiara sem bem mais precioso a ele se o odiava tão intensamente para ignorá-lo no jantar mais delicioso do ano.

Isso não se fazia.

Desde que o homem que estava com Morena se afastou, nem um pouco feliz com a expansividade de Gustavo e as risadas contidas de Morena (o que era uma novidade, na verdade), Morena abriu sua bolsa, pegara seu celular e um fone de ouvido e estava ouvindo músicas sem fim. Só tirou o fone quando o garçom apareceu, e apenas para agradecer, antes de voltar colocá-los, ignorando os elogios que Gustavo fez à comida para puxar conversa.

Agora ela estava lá, o prato todo remexido e sem nenhuma ordem, a taça de vinho tinto meio tomada, que deixou rastros mais vermelhos em seus lábios carnudos e a mão ocupada em tamborilar na mesa toda a discografia do *3 doors down* enquanto mastigava.

Gustavo não gostava muito de *3 doors down*, mas estava admirado em descobrir que a voz de Morena era bastante harmoniosa.

Encarou a mulher por um momento ou dois, analisando o que poderia falar para chamar sua atenção. Queria conversar, queria tentar ficar na paz com Morena para poderem melhorar seu relacionamento profissional, mas, mais do que tudo, queria saber quem diabos era aquele cara que parecia dar em cima dela de forma descarada, sem se importar com o jeito que a mulher tentava afastá-lo incansavelmente.

Gustavo era um galanteador nato e era bastante cabeça dura, mas

nunca tinha desrespeitado uma mulher daquela forma. Na realidade, ele não admitia que o fizessem na frente dele e, por isso, resolveu marchar até a mesa de Morena ao invés de se juntar a alguma das mesas onde as pessoas sorriam amigavelmente para ele.

Naquele momento, estava arrependido. Se tivesse escolhido outra mesa, estaria conversando e não ouvindo os batuques dedais e sussurros cantantes de Morena.

Aquela era uma das coisas que Gustavo mais odiava no mundo. Acostumado com os almoços com sua equipe, reuniões de negócios e confraternizações, ele odiava recordar do tempo de infância onde sua única companhia na hora do almoço era a babá e ela não era lá muito simpática. Aquele silêncio... Gustavo não sabia lidar com ele. Ao contrário de Morena, que preferia comer sozinha e tranquila, ele estava se tremendo todo de energia acumulada e precisava colocar para fora de alguma maneira.

— Quem era aquele cara? — perguntou, sem conseguir se conter por nem mais um segundo.

Não fora ouvido, porém. Morena agora estava imitando uma guitarra com a boca, parecendo uma adolescente deslocada no recreio.

Morena levou uma garfada à boca, mas continuou balançando a cabeça e tamborilando os dedos no ritmo da música, sem sequer ter escutado uma palavra sequer do que o homem dissera.

— Morena? — chamou-a mais uma vez. Ela levantou a cabeça e seu olhar atravessou Gustavo, que sorriu. — Quem era o cara? — Repetiu, apenas para perceber que a morena estava franzindo a testa para algo que acontecia atrás dele e nem estava prestando atenção nele.

Poderia balançar as mãos no ar e conquistar a atenção dela naquele momento, mas a curiosidade falou mais alto e ele acabou olhando por cima do ombro para ver um grupo de uns cinco arquitetos de cinquenta anos, travando uma guerra de batatas fritas como se estivessem no ensino fundamental.

Ótimo, pensou. Era mais fácil Morena prestar atenção naquilo do que nele. Era por isso que discutiam tanto nos projetos — ela nunca lhe dava atenção. Ou razão.

Virou-se de volta para a mulher, que estava olhando avidamente para o seu prato, colhendo camarões com seu garfo.

— Morena? — aumentou o tom de voz e ela pareceu finalmente ouvi-lo, virando o rosto para olhá-lo, perdida em uma expressão confusa. — Quem era o cara?

Morena gostaria de dizer que ouvir a o que o homem ao seu lado dissera, mas não. Tudo que ouviu foi uma série de zumbidos confusos por detrás da música de primeira qualidade que ela não daria pause para perguntar o que aquele serzinho irritante queria. Portanto, deu de ombros e balançou a cabeça negativamente. O que quer que fosse que ele queria saber, ela não concordava. Morena nunca concordava com Gustavo mesmo.

Porém, essa foi a gota d'água que transbordou o copo de descaso que Gustavo conseguia aguentar. Ele só queria conversar um pouco, poxa. Será que ouvir música era assim tão importante?

Ele achava que não era, por isso, agarrou o fone de ouvido de Morena e puxou-o, desencaixando ambos os dispositivos da orelha da mulher.

— Ora, olá! — disse, debochado. Morena estava a poucos passos de soltar fogo pelos olhos, mas, acostumado com suas expressões de ódio, ele pouco se importou — Sabe, minha pergunta não dá pra ser respondida com sim ou não.

Morena apenas entortou a cara e respirou fundo. Não queria lidar com Gustavo, ela queria relaxar um pouco e curtir a viagem do jeito dela, e não com ele enchendo o saco. Se fosse pra ter Gustavo no seu pé, ela estaria trabalhando. Porém, ouviu a voz de sua mãe em sua cabeça, convencendo-a a ser mais simpática com o homem e soltou um muxoxo, derrotada.

— O que é que você quer agora, Gustavo? — Perguntou, sem conseguir conter a impaciência.

Gustavo queria conversar, mas imaginou que se falasse isso, Morena reviraria os olhos, levantaria e iria para qualquer outro lugar longe dele e adeus sanar sua curiosidade.

— Quem era aquele cara? — Questionou, antes que ela reclamasse da sua demora ou resolvesse voltar a ignorá-lo. — O que estava quase montado em cima de você?

Gustavo reparou uma sombra de sorriso da expressão carrancuda de Morena, mas ela logo controlou e apagou aquela pequena demonstração de afeto, voltando ao seu usual mau-humor.

— Antônio — respondeu, simplesmente.

Obviamente, a resposta não foi suficiente para sanar a curiosidade de Gustavo. Ele queria saber de onde ele tinha vindo, por que Morena conhecia mais pessoas que ele e qual era a intimidade que eles tinham para que ele estivesse todo engraçado pra cima dela.

— E onde você conheceu ele? — Continuou questionando.

Não que ele estivesse com ciúmes, longe dele sentir ciúmes daquela mulher impossível, ele só queria saber se precisaria dar um chute no traseiro do babaca ou não.

E se ele levaria um soco de Morena por dar umas porradas nele.

— Aqui. Conversamos mais cedo. Ele é da matriz.

Gustavo abriu a boca em entendimento, lembrando de mais cedo, quando ela rompera sua admiração do ambiente para reclamar de pessoas de São Paulo. Morena, por outro lado, estava concentrada em seu nível de paciência muito pequeno. Quem estava enganando? Ela *tinha* um nível de paciência muito pequeno e o seu reservatório para Gustavo era menor ainda.

— Ah! Ele é da galera de São Paulo que você disse que são loucos?

Ela revirou os olhos, cansada demais para manter aquela conversa por muito mais tempo. O que havia de errado com Gustavo que não conseguia calar a boca e deixar ela ouvir sua música em paz?

— Exatamente.

Gustavo estava irritado com as poucas palavras de Morena. Por que ela não falava mais coisas? Não sanava sua curiosidade de uma vez, contando tudo que acontecera na conversa de mais cedo? Ele estava demonstrando interesse, não era para ela simplesmente desembuchar?

Resolveu continuar perguntando... E foi a escolha errada.

— E o que vocês conversaram?

Morena fechou os olhos e balançou a cabeça negativamente para Gustavo, que simplesmente não calava a boca e não a deixava curtir o jantar. Encarou seu prato, quase vazio, e desistiu. Bebeu o resto da taça do vinho maravilhoso que ele escolhera (pelo menos isso) em um gole só, voltou a colocar os fones de ouvido e saiu rapidamente da mesa, antes que ele voltasse a ter um ataque de insanidade questionadora.

Gustavo acompanhou Morena saindo com uma expressão resignada, um pouco chateado pela falta de consideração e malemolência da única pessoa que ele conhecia do navio. Ela fazia isso de sair calada e deixar ele sozinho, as vezes. Quando ele a irritava o suficiente, ela simplesmente cansava e ia embora. Não era comum, eles preferiam gritar um com o outro até suas gargantas doerem.

Quando ela fazia isso, estava triste ou cansada demais e ele se permitiu ficar levemente preocupado.

Por três segundos.

Foi o tempo que demorou para voltar sua atenção à comida e devorá-la com todo o prazer do mundo.



— Mas que droga! — Carolina exclamou ao chegar ao local combinado com os amigos e não encontrar ninguém.

A garota tinha ido ao banheiro enquanto os amigos e o namorado decidiam o que iriam fazer para se divertir antes de ir dormir — todos muito acostumados com reuniões no final dos dias para se renderem ao sono apenas às onze da noite.

Eles disseram que esperariam Carolina e ela acreditava que haviam lhe esperado por algum tempo sim. O problema era que Carolina era muito perdida e desastrada. Demorou tanto para achar o banheiro que acabou molhando a calcinha quando foi usá-lo. Depois disso, foi pegar papel para se secar e tinha pouco, então enfiou a mão no buraco e ao puxar um pedaço do fino objeto branco de salvação de moças desastradas e mijadas, acabou se cortando com o cortador de papel, deixando finas e paralelas marcas vermelhas em seu pulso, parecendo até que ela tentara suicídio, mas sem muita vontade.

Após se secar e apertar seus novos machucados, achou que era melhor dar uma passada na cabine e se lavar, se perdeu mais um pouco, achou seu corredor, passou o cartão na porta e não abriu. Ficou ligeiramente desesperada porque tinha quase certeza que havia uma mancha que era possível alguém ver se passasse por ali. E ela seria conhecida como a arquiteta mijona mirim.

O que Antônio diria dela?

— Com licença! — ela chamou, desesperada, ao camareiro que passava por ali.

O rapaz era bonitinho e não muito mais velho que ela. Colocou a bolsa na frente da mancha imaginária, rezando para que ele não reparasse em seu pequeno acidente.

— Sim? — o rapaz disse, prestativo.

Carolina tinha certeza que ele sabia o que estava acontecendo. Ele tiraria uma foto e postaria nas redes sociais e todos os seus amigos saberiam que ela tinha se mijado.

Todo mundo já tinha se mijado algum dia, não?

Claro. Com cinco anos.

— Eu estou tentando entrar no meu quarto e não consigo — choramingou para o rapaz.

Ele se aproximou de Carolina, deixando-a ainda mais alarmada que ele percebesse seu acidente ou ao menos a maneira esquisita que ela agia. O seu pavor se intensificou de tamanha maneira que ela arregalou os olhos e inflou as narinas. Porém, o rapaz apenas lhe estendeu a mão.

— Deixe-me ver seu cartão, senhorita — disse, educado, para uma Carolina

desconfiada e assustada.

— Ahn... Claro — estendeu o cartão-chave para o camareiro, morrendo de vergonha do seu desajeito e de suas reações, que ela tinha certeza que estavam esquisitas demais.

O rapaz encarou o cartão e sorriu, parecendo se controlar para não rir mais, voltando a entregar o cartão à ela.

— A senhorita está no andar errado — informou. — Esse... — apontou para a porta atrás de Carolina. — É o 601. A senhorita está no 106.

Carolina sentiu as bochechas queimarem ao pegar o cartão de volta.

— Ai, me desculpa — disse, planejando fugir dali e se esconder em qualquer outro lugar.

— Não tem problema — o rapaz sorriu e se afastou com o seu carrinho.

Vendo que ele estava de costas e se desaparecia pela curva ao final do corredor, Carolina saiu correndo.

Bom, ela só tinha errado por seis andares. Só seis.

Desceu as escadas correndo o mais rápido que pode 106 e chegou ao final ofegando. Colocou as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego, apenas para se lembrar do seu acidente e voltar a ficar ereta e correr.

Tomou o banho o mais rápido que pôde e colocou um vestido amarelo — vestidos eram mais rápidos e práticos de se vestir — antes de sair correndo para encontrar os amigos.

E agora lá estava ela, praguejando sobre eles terem cansado de esperá-la.

O que ela queria também? Que eles a esperassem por uma hora no mesmo lugar?

Com certeza tinham encontrado alguma coisa interessante para fazer. Caçou o celular no bolso, esperando encontrar uma mensagem de algum deles, avisando onde ela poderia encontrá-los e foi andando devagar enquanto isso.

Já devia ter aprendido que esse tipo de coisa não adiantava com ela: sempre acabava mal. Mas Carolina não via maldade nas pessoas, nem em ações e muito menos reparava quando repetia situações que resultavam em acidentes. Ela era bem desastrada e suas amigas não entendiam como ela havia sobrevivido até a idade adulta. E muito menos porque escolhera trabalhar com construção.

Nem ela, na verdade.

Então, sem esperar, ela bateu de frente com uma superfície rígida e caiu sentada no chão, espatifando seu celular em três pedaços: capa, bateria e tela frontal.

— Opa. — Ouviu uma voz masculina dizer. — Está tudo bem, Carolina?

Ela levantou os olhos para a identificar os dreads do organizador de festas gato com quem ela falara mais cedo e corou.

Ele se abaixou e montou seu celular, antes de oferecer o braço para ajudar a Carolina se levantar. Tempo que a garota perdeu encarando os braços

musculosos de Felipe.

— Ah, sim! — lembrou-se de responder. — tá tudo bem. Obrigada!

Esperava que o tombo não tivesse favorecido a visão de sua calcinha através do viés de seu vestido amarelo, mas duvidava que o universo lhe conferisse essa sorte.

Carolina, sem jeito, se levantou e olhou ao redor, esperando que algum dos amigos aparecesse e a tirasse daquela situação constrangedora.

Por que ela sempre se metia em situações constrangedoras?

— Precisa de ajuda? — Felipe perguntou.

Se ela precisava? Sim, claro. Mas não quis admitir. Não quando seu dia estava um desastre completo e ela já tinha causado tantos acidentes. O machucado em seu pulso ardeu como se estivesse completamente ligado com a vergonha que ela sentia e envolveu o machucado com a mão livre.

— Ah, não — respondeu. — Só estou procurando meus amigos. Me perdi deles por alguns minutos.

Uma hora, na verdade.

— Entendi. Então vou indo... — Ele começou a se afastar, mas parou e voltou. — Será que você não viu minha colega guia por aí? Loira, olhos x, não muito alta?

Carolina forçou a memória, tentando se recordar de ter visto alguma garota com as descrições que Felipe lhe dizia. Ela não era muito boa fisionomista, mas forçou a memória para ajudar ao organizador de eventos, visto que ele era sempre muito simpático com ela.

Um estalo se fez em sua mente e ela ficou muito feliz.

— A moça da prancheta? — perguntou. — Que recebeu a gente no navio?

— Isso! — Felipe concordou, animado. — Você a viu em algum lugar?

Carolina mordeu o lábio. Reconhecer e saber onde a mulher estava eram coisas completamente diferentes e ela não prestara muita atenção enquanto corria de um lado para o outro no navio.

Preferiu mentir a não suprir as expectativas do moreno.

— Eu vi ela lá fora — disse. — perto da piscina — resolveu ser específica. — Mas já tem algum tempo, não sei se ela ainda está lá.

Felipe era sério demais para comemorar com pulos, mas o teria feito se fosse seu estilo; ao invés disso, porém, pegou uma das mãos de Carolina e a levou aos lábios, beijando galanteadoramente.

— Obrigado — agradeceu, ainda curvado em frente a uma encabulada Carolina. — E aquela festa... Vai acontecer.

Com isso, se afastou, balançando os dreads sobre o olhar encantado de Carolina. Suspirou ao passo que ele saiu de seu campo de visão e encarou a pele da mão, onde os lábios dele deles e encontraram com seu corpo. Um arrepio bobo percorreu seu corpo e ela sorriu de forma estúpida.

Depois do que pareceu uma eternidade encabuladora para se permanecer

parada encarando sua mão, Carolina balançou a cabeça cheia de pensamentos românticos repreensíveis e resolveu sair em busca dos amigos.

Como tinha mandado Felipe para a área externa do navio, preferiu começar sua busca pelas salas comuns internas, para não esbarrar com o moreno e ter que desenrolar sua mentira — a qual ela nem se recordava direito do que havia dito.

Já deveria ter aprendido, àquela altura, que era uma péssima mentirosa.

Foi de porta em porta, nas salas da academia, nas sala de TV e, por último, encontrou os amigos pelos gritos animados de Antônio. Correu, balançando seus cachinhos e encontrou-os todos ao redor de uma mesa de bilhar, às gargalhadas e com cervejas espalhadas ao redor.

Queria ser incluída rápido na brincadeira — e ser notada por todos.

— Gente, o cara dos eventos disse que vai fazer uma festa pra mim! — gritou, ainda à porta.

Os amigos todos olharam para ela e gritaram, comemorando, batendo garrafas de cerveja e logo ela tinha uma na mão para brindar também. Carolina estava sorrindo e levando tapinhas de congratulação nas costas, pela missão cumprida — seus amigos não precisavam saber de todos os desastres que a acometeram enquanto isso — e pela festa que ela conseguira para todos eles.

Porém, seu sorriso logo murchou.

A única pessoa que não estava comemorando e estava bebendo a cerveja com sua pior expressão de tédio era a que ela mais queria que estivesse ao seu lado, curtindo sua pequena vitória com ela.

O descaso de Antônio era pior que qualquer outra coisa que ela já havia sentido em sua vida, até mesmo dos coleguinhas de escola que proferiam apelidos racistas em sua infância e adolescência.

Não. Dessa vez, dessa única vez, ela realmente se importava.

E ele não estava nem aí.



Maria Eduarda correu para trás de uma pilastra assim que visualizou os dreads balançantes de Felipe em seu campo de visão. Pelo amor de Deus, já ia dar meia-noite! Como ele podia continuar insistindo nas ligações e a perseguindo para colocá-la para trabalhar? Ela não iria virar noites trabalhando não, tinha aceitado fazer aquele cruzeiro porque haviam lhe prometido um pouco de diversão. E ela queria era aquilo.

Seu celular começou a vibrar intensamente e ela apertou os olhos e mordeu os lábios, agradecendo silenciosamente ao universo pela ideia de deixá-lo vibrando. Se ele tivesse tocado — uma música bem brega e antiga, que sua irmã tinha escolhido e ela não tirara até então porque ria toda vez que o telefone tocava —, Felipe certamente viraria o rosto em sua direção e a encontraria ali, encolhida atrás de uma pilastra como uma criança sem imaginação brincando de pique-esconde.

Não que ela não fosse atendê-lo... Longe disso. Madu já tinha conhecimento de que não conseguiria fugir de Felipe para sempre e que teria que se esforçar ao menos um pouquinho para mostrar trabalho, mesmo que não estivesse nem um pouco a fim de agradar aquele bando de velho gagá almofadinha que dominara o A Indomável (o que a deixava muito chateada. Seu navio nunca estivera tão chato!), mas quando ela resolvesse falar com Felipe... Bom, seria em horário comercial. Nada antes ou depois disso.

Depois das cinco da tarde... Maria Eduarda planejava se divertir! Como? Ela ainda não sabia. Não eram muitas as pessoas legais e novas do navio, tinha certeza que conseguiria contar nos dedos. Mas ela descobriria um jeito... Nem que precisasse criar um vlog para conversar com pessoas que ela nunca tinha visto sobre como o mar estava pra peixe.

Do jeito que a internet estava, tinha certeza que se contasse uma ou duas piadas e falasse que estava a bordo (e era dona) daquele maravilhoso transatlântico, ela teria meia centena de seguidores em dois minutos e, em uma semana, teria um fã-club de pessoas completamente apaixonadas por ela.

Ela sempre quisera ser uma subcelebridade badalada mesmo. Aquela certamente era uma opção viável.

No entanto, Maria Eduarda preferia gente. E preferia conhecer pessoas, se divertir e se embriagar — e quando o youtube passava imagens dela, normalmente era fazendo strip em algum balcão de bar ou alguma coisa do gênero. Esse era o tipo de gente que ela preferia ser.

Porém, no momento, Maria Eduarda estava apenas encolhida atrás de uma pilastra, fugindo de um maníaco por trabalho e sem nenhuma ideia do que fazer. Será que seria melhor aceitar as ligações frequentes de Felipe e ir trabalhar com ele? Ao menos teria alguma coisa para fazer...

Não. Óbvio que não.

Permaneceu ali parada pelos longos três minutos em que Felipe rondou o deck. Estava até mesmo com a respiração acelerada quando Felipe sumiu através de uma volta, indo para a área interna do navio.

Soltou uma longa lufada de ar e saiu de onde se escondia, caminhando para as grades e encarando o mar escuro, lá em baixo. Ela gostava de passar um tempo assim, as vezes. Era assim que ela conseguia relaxar.

Maria Eduarda trabalhava antes das viagens. Para escolher os melhores locais, as melhores paradas, alocar todo mundo em locais confortáveis e de seu agrado — nem sempre acertava. Aquela viagem, em especial, lhe dera algum trabalho porque sabia que tinha que ser perfeita. O faturamento era alto e se aquilo pudesse se repetir todos os anos, seus irmãos ficariam muito felizes.

Ela não era de todo irresponsável como gostava de parecer. Só queria curtir a viagem que ela preparara com tanto cuidado e conhecer as pessoas, saber se ela estavam felizes e se gostariam de viajar com ela de novo.

E ela preferia fazer isso enquanto bebia, de preferência.

Ok. Ela admitia que, algumas vezes, deixara as outras meninas da agência em que ela trabalhava fazerem a programação da viagem, opinando aqui e ali e se inteirando dos planos com afinco enquanto alcançava altos níveis no *farm heroes saga*.

Ela não tinha sido feita para trabalhar em um escritório, o que poderia fazer?

Respirou aquele cheiro salgado de mar com vontade, enchendo seus pulmões e a deixando cheia de energia. Provavelmente preferia dormir para aguentar Felipe no dia seguinte, com toda energia e paciência que precisaria, mas naquela primeira noite no navio... Não. Queria curtir, comemorar que estava viajando, que estava indo para o Caribe ver suas praias favoritas... Ah, como ela amava o Caribe!

Quando criança, sua família fazia de duas a quatro viagens internacionais por ano e cada um dos filhos escolhia uma localidade. Todo mundo tinha sua vez. Seu irmão mais velho gostava de países históricos, então sempre escolhia Portugal, Inglaterra, Espanha, Rússia, Grécia... Já o

segundo mais velho, gostava de conhecer culturas diferentes, então em sua vez, eles conheceram os Estados Unidos, o México, China, Japão, Índia... Sua irmã mais velha preferia locais exóticos, então fizeram várias viagens para a África em safaris ou expedições para auxiliar pequenas vilas e seus problemas que nós nem pensávamos que ainda existiam, e também haviam ido para a Austrália — por causa dos coalas e cangurus, o que Maria Eduarda havia odiado com todas as forças por causa de todas as aranhas e cobras e bichos esquisitos. Mas assumia que os coalas eram fofos.

Na vez de Maria Eduarda escolher, porém, ela nunca fazia diferente. Ao invés de ser uma criança obcecada em ir para a Disney, ela escolhia sempre o Caribe. Era sempre o Caribe e suas praias, seu calor e sua beleza. Isso melhorou quando Madu ganhou idade para apreciar os homens locais. *Nossa.*

E era possível sentir calor, mesmo com aquele vento cortante do alto-mar? Maria Eduarda se abanou com a memória de alguns *affairs*, rindo. Ah, ela amava o Caribe. Queria viver lá para sempre, com certeza era o seu lugar.

Um grupo de bêbados passou às gargalhadas e aos tropeços por ali, tirando Maria Eduarda de seu devaneio perdido e ela sorriu, quase indo se juntar a eles e pedir uma bebida. Eram jovens, tinha visto, mas todos eles pareciam bêbados demais e ela iria demorar algum tempo para chegar naquele nível e começar a se divertir.

Ainda cogitando ir até eles, vislumbrou um rastro de dreads e seu coração parou. Iria ser pega e ou seria acusada de ficar morgar admirando o mar (o que era verdade) ou seria acusada de estar andando com bêbados e festejando (o que *ainda* não era verdade).

Antes que fosse tarde demais, Madu correu na direção oposta ao que vira Felipe e entrou correndo pela porta que levava ao restaurante do navio, na área interna. Estava olhando para trás para conferir se Felipe não havia visto sua breve escapada e acabou batendo contra alguém, que a segurou pela cintura, impedindo-a de se estabacar no chão.

Seja lá quem fosse... Tinha mãos fortes e estava aprovado antecipadamente.

— Ai meu Deus, me desculpe — ela se afastou, apesar de não ser bem de a sua vontade fazer isso, para dar espaço para encarar o homem.

— Não tem problema — riu, encantadoramente, o cabelo ondulado ao redor do seu rosto angelical.

Ela o reconheceu imediatamente. A beleza do homem não era algo que se esquecia com facilidade, e a forma com que ela o encontrara só

afirmava sua memória — que já era boa. Ele era o parceiro da moça exótica, o que ela tinha sido incumbida de jogar no mar.

Não o faria, de qualquer forma, mas agradeceu-se por não tê-lo feito.

Os olhos verde acinzentados do homem estavam fixos nela, franzindo-se, tentando lembrar-se de onde a conhecia e ela estava sorrindo de volta, de olho na barba que ele cultivava por fazer.

Madu gostava de homens de barba rala.

E gostava de homens de olhos verdes.

E de homens com mãos fortes e grandes.

Gustavo estava aprovado.

— Gustavo, né? — perguntou, apenas para desincargo de consciência.

O homem concordou com a cabeça, prestando atenção na loira, sem conseguir reconhecê-la. Ela sorriu, gostava sempre de ter vantagem.

— Desculpe... — ele murmurou. — Lembro de você na entrada do navio, mas não me recordo do seu nome.

— Maria Eduarda.

— Duda, então — decidiu, fazendo-a rir. Ela preferia Madu, mas não iria negar a espontaneidade no moreno. — Pode me chamar de Guto, se quiser.

— Guto, então — repetiu, com um sorriso.

Gustavo sorriu de lado e Maria Eduarda se derreteu quase inteira. Ele era, realmente, *muito* bonito. Não era exótico e da cor do pecado como os homens do Caribe, e ela achava que quanto mais chocolate, melhor, mas era de uma beleza europeia a qual ela não conseguiria dizer não.

Mas não estava só no seu externo. Apesar de animado e espontâneo, Gustavo parecia galanteador, charmoso e cavalheiro.

Era um pacote. E Maria Eduarda tinha achado sua diversão para a noite.

Estava planejando fazer algum convite inusitado — qual? — Quando o homem disse:

— Me falaram de umas atividades em grupo... — olhou para trás, para o restaurante, sem saber exatamente o que estava fazendo. Deu de ombros, então. — Você sabe se tem alguma coisa acontecendo ainda?

Era a deixa dela, com certeza. Ela não iria deixar ele escapar; não

tinham muitas opções de diversão naquele navio e Gustavo parecia além da sua própria sorte.

— Não, essa hora acho que não tem mais nada, só grupos informais, talvez, nada programado — discursou e saiu mais profissional do que ela esperava. Agradeceu às aulas de oratória que sua irmã a obrigara a fazer. — Mas eu posso te mostrar onde as coisas acontecem e aí amanhã você não se perde, o que acha?

Gustavo levantou as sobrancelhas e pareceu extremamente radiante com a prestatividade da loira, principalmente àquela hora da noite.

— Nossa, muito obrigado, eu quero sim.

Madu, muito esperta e reparando que o homem ainda não tinha percebido suas segundas intenções, enlaçou o braço no dele e levantou a sobrancelha, arrastando-o para onde ela sabia que tinham salas desocupadas.



Já era quase uma da manhã e Felipe continuava trabalhando com extremo afinco. Ele assumia que estava passando um pouco dos limites.

Era viciado em trabalho e perfeição, sabia. Gostava de que seus eventos fossem perfeitos para que fossem lembrados por toda eternidade e tinha uma preferência exagerada a trabalhar com casamentos.

Ele gostava de preparar aquele dia que ele sabia que mudaria a vida do casal e de suas famílias para todo o sempre e entendia que a sua eficiência os ajudaria a ter o momento mais maravilhoso de suas vidas e gostava de ver o sorriso satisfeito em seus rostos e a felicidade estampada em cada um dos convidados.

Ali, porém, as condições eram um pouco diferentes.

Tinha conseguido aquele trabalho através de um amigo, que era membro da alta comissão da UBAU (União Brasileira de Arquitetura e Urbanismo). Ele comentara que estava planejando sair do seu emprego e abrir sua própria produtora, então seu amigo lhe perguntou se poderia ser seu primeiro cliente. Felipe concordou, sem saber a grandiosidade do trabalho que se viria.

Agora, a sua pequena, mas já milionária, produtora de apenas um funcionário (ele) e um monte de freelance que ele planejava assinar a carteira assim que aquele turbilhão passasse, dependia daquela viagem para saber se seria um sucesso ou um fracasso.

O dinheiro, por enquanto, ele já tinha. Só precisava mostrar o melhor dos serviços porque, se o fizesse, teria festas de fim de ano, comemorações, confraternizações e outras viagens como aquela, por que não?, Para fazer pelo resto de sua vida e poderia, enfim, tirar sua mãe da casinha velha e acabada e colocá-la em um lugar decente, com gente para cuidar dela o tempo todo.

A sua velha tinha sido diagnosticada com Alzheimer há alguns anos e ele tinha o maior cuidado e amor do mundo com ela, embora fosse uma teimosa impossível.

Se todas as empresas da UBAU o contratassem... Ele conseguiria montar um hospital só para a sua mãe, apesar de só desejar uma casa no campo pra ela, perto de um hospital e com algumas enfermeiras a vigiando de perto para quando ele não pudesse.

Queria que sua mãe vivesse o resto da vidinha dela confortável e em paz e faria de tudo para que isso fosse possível.

Para tal, precisava que sua empresa desse certo. E para que sua empresa desse certo, ele precisava que aquela viagem fosse impecável e que todos ali saíssem falando elogios para os patrões.

Tentou ligar para Maria Eduarda outra vez, embora imaginasse que, naquela altura, ela já teria ido dormir ou estaria bêbada em algum canto, curtindo com os passageiros.

Tudo seria mais fácil se ele tivesse alguém que lhe passasse informações corretas para ajudá-lo nos planejamentos.

Não custava nada, custava?

Do nada, talvez causado pelo cansaço, um furor de raiva o acometeu e ele se levantou da mesa do restaurante que ocupava.

— Jana, você pode recolher aqui? — pediu, para uma de suas terceirizadas, a quem ele confiava pela eficiência. Ela fora contratada como garçoneiro, mas não reclamava de fazer outros trabalhos. — Estão em ordem, tenta manter? Pode levar ao meu quarto, por favor.

Jana era nova, tinha uns vinte e cinco anos e era mãe solteira de duas meninas lindas. Ele entrevistara pessoalmente todos os seus freelances e ficou extremamente preocupado com a mulher e com quem ela deixaria as crianças. Ela assegurou que elas ficariam bem com os avós e implorou pelo emprego — Felipe estava pagando um pouco acima do mercado e com esperanças de trabalho fixo e assinar a carteira como efetivo. A mulher era esforçada e, ainda com duas crianças que foram abandonadas pelo pai, ainda fazia faculdade de administração à distância, porque era o que ela conseguia pagar, no momento.

— Claro, chefe! — concordou — Não vai dormir? — perguntou, preocupada.

Felipe sorriu para a mulher e concordou com a cabeça, os pensamentos voando no futuro. Se tudo desse certo, ele a contrataria com algum cargo alto, direto à ele, que lhe pagasse bem e desse as condições que ela e as filhas dela mereciam.

Ele podia fazer isso. Ajudar pessoas que se esforçavam.

— Vou. Daqui a pouco. — Planejava gritar com Maria Eduarda para liberar as frustrações antes de dormir — E você?

Jana tinha olheiras, embora estivesse bem acordada. Lembrava de sua entrevista, quando a mulher lhe dissera que passava noites em claro e preferia dormir durante a tarde, quando as filhas estavam na escola. Mas lhe garantiu que isso não atrapalharia que ela trabalhasse de dia, se necessário. Ele achou

engraçado — a maioria dos eventos era a noite mesmo, então ela era perfeita para isso.

— Peguei o turno até às três. Vou mais tarde — sorriu, simpática. — Se precisar de mais alguma coisa...

Ele não podia estar mais grato por ter conseguido tanta gente legal e competente para trabalhar com ele naquele navio. Se não fosse por Maria Eduarda...

Seu humor decaiu-se outra vez e ele entortou os lábios.

— Obrigado, Jana — agradeceu.

Ainda acompanhou a mulher começar a recolher os papéis, apenas para declarar que gostava no método dela antes de sair procurando Maria Eduarda mais uma vez.

Procurara a loira na área externa com afinco, afinal, Carolina o dissera que tinha visto a mulher por lá, mas duvidava que Maria Eduarda fosse ficar muito tempo lá fora, ainda mais que o vento cortante da noite estaria congelando ossos. Mesmo assim, resolveu passar por lá mais uma vez, encontrando apenas uma improvisação de festa, um grupo de homens um pouco bêbedos, aos quais ele ordenou aos funcionários do bar da piscina — sim, ainda abertos àquela hora porque ainda tinha gente por lá — arrumassem salva-vidas para colocar neles.

Se haveriam pessoas bêbadas no deck, que se protegessem. Ninguém podia morrer naquela viagem, seria sua responsabilidade e ele nunca mais conseguiria um emprego como organizador de eventos, então preferia prevenir.

Rodeou a piscina, andou quase de uma ponta a outra do transatlântico, apenas para assumir a derrota de que a loira não estava por ali e que ele deveria procurá-la em outro lugar, talvez checar se ela estava em seu quarto.

Como ele faria isso? Não sabia. Por isso, resolveu procurar mais um pouco pelas salas comuns. Descobriu que ele e Jana não eram as únicas pessoas que preferiam a noite. Tinham muitos grupos espalhados pelo navio, rindo, comendo, jogando jogos ou assistindo televisão.

Na terceira sala, encontrou um grupo em uma calorosa discussão ao qual ele quase se meteu, até ouvir as gargalhadas e percebeu que era algo amigável e sem nenhuma briga. Sorriu, então, tranquilo, feliz que as pessoas estivessem curtindo a viagem a ponto de nem querer brigar, preferir levar tudo na brincadeira.

Mais a frente, havia um campeonato de pôquer sendo organizado sem

a sua autorização. Resolveu se enfiar ali por alguns minutos e conversar com os participantes, apenas para transformar aquilo em algo formal e avisá-los que poderiam procurá-lo caso tivessem ideia de mais alguma atividade recreativa não-oficial.

Era melhor assim. Ficava mais organizado.

Saiu dali e foi passar na área da academia, embora não esperasse encontrar nada, e se surpreendeu. Tinham umas dez pessoas malhando àquela hora e ele achou formidável. Estavam malhando pesado, como se ainda fosse de manhã, como se não estivessem de férias. Ele estava impressionado e começou a calcular se não poderia se juntar à eles em alguns dias, quando as coisas comesçassem a andar sem toda a sua supervisão. Seria bom poder exercitar um pouco o corpo durante aquela bagunça, ele gostava de malhar e não era algo que ele esperava poder fazer na viagem. Agora, sabia que podia.

Porém, aquela atividade toda noturna estava deixando-o com dor de cabeça. Precisaria organizar mais coisas para todo aquele pessoal, algumas atividades centralizadas, talvez, ou sessões de cinema. Alguma coisa precisaria ser feita.

Distraído, continuou andando até o fim do corredor, onde ficavam as salas de dança. Balançou a cabeça e estava pronto para virar e seguir seu caminho de volta, assumindo que teria que dormir sem gritar com Maria Eduarda, já que ela com certeza já se encontrava no décimo sexto sono.

Mas ouviu algo caindo, como um som metálico ecoando no vazio e seguido por risadas.

Uma risada que parecia muito com a de Maria Eduarda.

Já sentia suas orelhas queimando, parecendo que soltavam jatos de ar quente exatamente como aconteciam nos desenhos animados, mas ao abrir a porta, teve vontade de rugir como um leão faminto, porque finalmente encontrara a loira.

Somente de sutiã, sentada em uma das barras de sustentação de balé, com um dos passageiros entre as suas pernas, beijando seu pescoço com volúpia. As blusas — tanto a dela quanto a dele, estavam jogadas no meio do caminho.

As paredes espelhadas faziam a cena ficar ainda mais... revoltante. Ela jogando a cabeça para trás, com a respiração falhando e apertando as unhas contra as costas nuas do homem que a beijava...

Então era isso que ela fazia enquanto ele estava se matando de tanto trabalhar?

— Mas que porra é essa, Maria Eduarda? — gritou.

Capítulo 3

Tic.

Tac.

Tic.

Tac.

Tic...

André estava enlouquecendo com o silêncio injustificado. As manhãs de trabalho costumavam ser muito agitadas, mas, no momento, eles só tinham um projeto em funcionamento, dois funcionários de férias e o restante estava tomando café e jogando buraco enquanto esperavam um novo contrato.

Um contrato que André desejava desde que ele se formara, talvez até antes. Era possivelmente o projeto mais legal da vida profissional dele e ele fizera de tudo para consegui-lo, sem contar pra nenhum de seus funcionários, exceto sua secretária, que deveria ter pegado no ar o que estava acontecendo.

Hoje deveria ser o grande dia. Seu e-mail estava aberto desde que chegara, há quase três horas, e ele aguardava impacientemente pelo resultado. Tinha para si que com os frutos do projeto de Morena e Gustavo, que chamara a atenção de todo o país para a pequena filial da Under Constrution de BH, e dois outros projetos que foram entregues no mesmo período, também com perfeição e elogios, as chances do sim se multiplicavam. Porém, ao mesmo tempo, ele tinha em mente que poderiam acabar escolhendo um concorrente — ou até mesmo outra cidade.

Seu computador fez o barulho característico da chegada de um e-mail e André pulou em sua cadeira, correndo para visualizado. Soltou o ar com força, acalmando o coração que estava completamente acelerado no peito. Era apenas um e-mail de um site de compras coletivas. Amaldiçoou os e-mails inúteis e voltou à leitura do relatório de Lorena, que havia sido entregue há apenas uma semana.

Começou a ouvir a movimentação externa dos seus funcionários chegando para fazer absolutamente nada. No dia anterior, o escritório tinha se reunido para uma maratona de Star Wars e ficaram todos discutindo sobre o design arquitetônico das naves. Tinha sido até produtivo, embora desnecessário. Hoje, porém, estavam dispostos a fazer uma maratona de alguma série, ainda não decidida. André não se importava, eles trabalhavam

demaís longe dali e todos eram muito esforçados. Tinha certeza que a maioria deles deveria estar de férias — ele próprio tinha três férias vencidas -, mas todos preferiam estar ali, mesmo sem trabalhar. E não adiantava mandá-los para casa e tirar férias, eles voltavam antes de completar uma semana de afastamento. Então ele deixava que, quando não tinham muito trabalho, fizessem aquelas pequenas diversões. Tinham que descansar de alguma forma.

Naquele dia, porém, se tudo desse certo, seria um dia cheio e faltariam horas para a reunião que deveria acontecer.

Respirou fundo, tentando acalmar a ansiedade. A matriz tinha exigido que aquele projeto fosse assinado pelas suas crianças mais temperamentais. Dois pequenos gênios que ele não sabia como ainda não tinham sido roubados por cidades *mais importantes* para a matriz, como São Paulo, Rio de Janeiro ou Brasília. Porém, os dois estariam distantes pelas próximas semanas e eles teriam que trabalhar com o que tivessem em mãos enquanto os dois estavam ausentes. Preparando um compilado de ideias, talvez, para facilitar e deixar a matriz satisfeita com o esforço enquanto isso, até mesmo porque a viagem dos dois fora exigência da mesma.

Morena e Gustavo davam uma dor de cabeça infinita para André, mas ele os adorava. As ideias, a genialidade dos dois, era apaixonante. Poucas vezes ele cruzara com pessoas tão absurdamente inteligentes e inovadoras — e tivera a sorte de ser chefe de ambos, ao mesmo tempo, além de colocá-los juntos em projetos para ver o que saía. Isso era raro. Porém, o problema também era tão grande quanto a genialidade dos dois: eles não se davam bem. Era um nível superior a não se dar bem, eles pouco se suportavam. Isso tinha levado a filial de Belo Horizonte a quase fechar alguns anos atrás, quando os dois ferraram com um projeto por conta da inimizade, mas André, Lorena e Ricardo correram para resolver os problemas e tudo tinha ficado bem. E, como castigo, André tinha feito os dois trabalharem juntos mais uma vez, depois de um ano, com a inspeção direta dele. E agora estavam lá, entre os melhores do país no ano.

Ele apostavam que eram os melhores. André tinha um orgulho paterno dos dois.

Enquanto ele tamborilava os dedos na mesa, acompanhando o barulho que *suas crianças* faziam do lado de fora da sua sala, um novo e-mail chegou, deixando-o agitado mais uma vez. Correu, então, para abrir a caixa de e-mails e lá estava *ele*.

A ESCOLA DO FUTURO — APROVAÇÃO DA LICITAÇÃO

O título, em letras garrafais, fez seu estômago se revirar de ansiedade e

felicidade. Enquanto abria o e-mail para ler as mesmas informações que tinham sido repetidas infinitas vezes pela matriz e ele estava cansado de fazer, ligou o viva-voz do telefone e discou o número 2, uma chamada rápida para Ana.

“Under Constrution Belo Horizonte, bom dia!” A loira atendeu.

— Ana — André chamou, sério, e percebeu que a loira se movimentou ao notar seu tom de voz preocupado. — Prepara a sala de reuniões e põe todo mundo dentro.

“Certo, chefe. Só isso?” Perguntou.

— Sim. Obrigado, Ana. Preciso apenas de cinco minutos e encontro vocês todos lá.

Ana estranhou.

“Eu também, chefe?”

Ana estava se formando em administração e já fora efetivada na empresa por conta da sua eficiência e o poder que ela tinha em deixá-los todos comportados, mesmo sendo a caçula do escritório. Ela tinha colocado a vida de André em ordem, organizado toda a papelada e suas ideias organizacionais tinham levado o escritório à outro nível. Por conta disso, André prezava seus conselhos quase juvenis e a presença da loira, embora não fosse produtiva para a construção dos projetos, poderia ajudar naquele. Ela, com certeza, teria soluções para problemas simples que eles não conseguiriam nem pensar.

— Sim, Ana — André respondeu. — Você também. E coloque todos os telefones na secretária eletrônica. Nós vamos demorar nisso.

“Ok.” Ana concordou e desligou em seguida.

André pôs-se a imprimir as quarenta e cinco páginas do documento anexado ao e-mail da matriz, além do próprio e-mail. As exigências e recomendações estavam todas listadas e teriam que trabalhar em cima daquilo. Tomou o restante do seu café, mandou uma mensagem para a esposa, avisando que entraria em reunião e que não falaria com ela, possivelmente, pelo resto dia, guardou o celular em sua gaveta e bloqueou o computador.

Quando saiu da sala, não havia mais ninguém no escritório. Caminhou até a sala de reuniões e estavam todos lá. Ana estava com o controle do ar condicionado na mão e tentava encontrar uma temperatura agradável para todos, Alícia estava cortando um bolo — parecia ser de laranja -, bem em frente a ele, com Ricardo atrás dela, pronto para receber o seu pedaço. Lorena estava com o celular na mão e mostrava algo para Marcelo, que gargalhava

junto com a morena. Os cinco pararam o que faziam ao ver André entrar com a expressão séria. Lorena guardou o celular e trocou uma olhada com Marcelo. Alícia entregou o pedaço de bolo para Ricardo e ele se sentou rapidamente ao lado dela. Três segundos mais tarde, todos tinham um pedaço de bolo e o de André o aguardava na cabeceira da mesa.

Ele encaminhou-se para lá e Ana correu para trancar a porta, sentando-se na cadeira mais próxima da saída, sabendo que, se chegasse alguém ou alguma ligação importante, ela seria a responsável por atender.

— Bom dia, crianças — ele cumprimentou, acompanhando algumas caretas. André tinha mania de se referir a eles como crianças e, embora nenhum se incomodasse, sempre faziam birra. — Desculpa a pressa e a seriedade, mas nós temos que discutir uma coisa muito importante.

Os cinco funcionários se entreolharam e todos, exceto Ana, pareceram levemente temerosos. André não costumava fazer pompas ao entregar projetos, mas aquele era especial. Ele, como pai, via como aquilo era importante. Não para seus filhos, ele tinha condições de mantê-los em colégios ótimos e dar-lhe todos os louros que o dinheiro permitia, mas para aquelas crianças que nada tinham — aquilo era a salvação de muitas vidas que poderiam se perder. Era o futuro. E estava na mão dele.

“Como vocês sabem, temos alguns projetos andamento no momento, alocados próximo às obras, em Mariana. Nós chegamos a receber algumas propostas, mas estão todas em stand by ou foram enviadas para outros escritórios pela matriz. A temporada está baixa e, nesse mês, alguns projetos estão sendo segurados por conta da viagem dos premiados — e esse...” Ele levantou as mãos com o montante de papel que continha as informações do projeto. “Deveria ser entregue à Morena e Gustavo, mas...”

— Você está louco, chefe? — Lorena interrompeu-o. Ela era a única deles que conversava com André de igual para a igual por causa, ele achava, da idade. Era a que mais se aproximava dele. — Dar dois projetos seguidos para esses dois? Você quer que eles destruam tudo?

Todos riram porque já conheciam o temperamento dos dois e sabiam como iriam reagir, mas apenas André conhecia o projeto o suficiente para julgar aquilo.

— Bom, Lore — ele respirou fundo. — Esse aqui... Eles iriam engolir e ficar quietos.

Ele estendeu o papel para ela que, temerosa, pegou-o, começando a ler. André a viu arregalar os olhos e entender tudo com uma facilidade impressionante. Seus olhos, como mãe de uma menina de 12 anos, encheram-

se de lágrimas e ela teve a mesma compreensão que André rapidamente.

— Bom, voltando. Enquanto os dois estão de férias, nós vamos trabalhar em ideias e tentar montar um esquema de soluções diferenciadas para adiantar. Quero todos trabalhando em cima disso com sugestões e tudo mais. Não vamos pegar nenhum outro projeto até termos Gustavo e Morena trabalhando nisso e, mesmo assim, quero todos inteirados nele. Isso vai mudar vidas.

— É sempre a mesma ladainha — Ricardo resmungou. — Tudo que a gente pega é mais importante que o anterior. Sempre muda vidas.

— O projeto... — André levou a mão à pilha de papéis que Lorena deixara em sua frente, ignorando Ricardo. — É do governo. Nós vamos construir a primeira escola do futuro aqui em BH. Pra quem não viu as notícias, o que eu duvido, é a primeira de um modelo de escolas públicas chamado de Escola do Futuro, onde as crianças terão acesso à educação de qualidade junto com a melhor tecnologia do momento. Eles vão ter contato e incentivo às profissões desde o maternal e estão falando em separar as turmas pelos tipos de inteligência e Belo Horizonte foi escolhida para testar esse novo modelo. O projeto educacional é ótimo e se vocês puderem dar uma olhada, vão entender. Se nós e a secretaria de educação do estado sairmos bem com isso, ao menos uma dessas escolas será construída em cada capital e em cidades metropolitanas ao redor. Portanto, sim, Ricardo, esse projeto vai mudar vidas.

André viu Ricardo engolir a seco com a sua explicação e se encolher um pouco, porém não culpava o rapaz. Ele só deveria estar chateado em não trabalhar com Gustavo mais uma vez.

Ele olhou ao redor e viu seus funcionários absorvendo a informação, todos calados, sentindo a importância do que tinham em mãos. Ótimo, pensou. Era bom que todos entendessem. Alícia parecia bem afetada pela informação e André quis se bater por não ter percebido que talvez a mulher precisasse de um tempo para processar. Porém, a garra dela e dos outros três, além da própria Ana, era um brilho inegável nos olhos de cada um deles.

— Todos entenderam. Ótimo. Vamos começar.



O celular apitou por algum motivo desconhecido e Maria Eduarda empurrou-o para fora da cama, arrependendo-se em seguida ao ouvir o *crash* que ele fez ao bater no chão. Abriu os olhos, encarando o teto da sua cabine particular no *A Donzela Indomável*, sentindo a vergonha de a noite anterior tomá-la como se ainda estivesse presa na situação.

Ela se sentia como se tivesse uns dezesseis anos e seus pais a pegassem aos amassos com um garotinho qualquer na garagem de casa. Isso já tinha acontecido, obviamente, mas agora ela se sentia *pior*. Por que se sentia pior?

Tinha fugido de trabalhar de madrugada — ela não tinha mesmo que trabalhar naquele horário — e encontrara a companhia agradável de um cara um pouco mais velho que ela, muito bonito, muito inteligente e bastante engraçado. Tinham passeado pela embarcação, trocando indiretas e mostrando o interesse um no outro, até impreterivelmente começarem a se agarrar em uma das salas de dança.

Madu nunca tinha transado numa sala de dança e a ideia encheu sua cabeça. A quantidade de espelhos era extremamente agradável, como um motel exagerado e chique, mas sem cama. E Gustavo tinha boas mãos e beijos certos que a excitaram em uma velocidade impressionante. As blusas voaram pela sala antes que pudessem encontrar um apoio para continuarem os amassos sem cair.

E lá estavam os dois, ele com o peitoral delicioso e definido em exibição e ela com o sutiã vermelho de renda, ao qual foi elogiado, sendo apertado entre o tato do homem e seus seios. Beijaram-se por longos momentos, aumentando a provocação e a excitação esfregando suas partes íntimas. Madu, embora nem um pouco puritana, poucas vezes esteve com alguém tão *naturalmente bom* em sexo e ela achava que deveria ser porque estava acostumada a ficar com pessoas mais novas. Gustavo era um pouco mais velho que ela e embora não tivessem completado a situação, ela poderia apostar que ele entraria, pelo menos, no seu top 5. Porém, enquanto estavam no bem bom, distraídos um com o outro, com toques nem um pouco delicados, com murmúrios safados e beijos molhados, foram interrompidos pela pior pessoa possível, na opinião de Madu.

Felipe estava parado no meio do aposento, olhando para os dois como se fossem alienígenas e proferindo meia dúzia de palavrões pela irresponsabilidade de Maria Eduarda. Ela, por outro lado, estava preocupada com o fato de aquele chato tê-los achado e estava vendo-a de sutiã. Dois caras

estavam vendo-a de sutiã com aquela luz toda em cima dela. Suas poucas estrias estavam envergonhadíssimas e ela nem conseguia pensar em algo para dizer que lhe tirasse daquela enrascada, então apenas escondeu-se atrás de um Gustavo seminu, sem camisa e com a braguilha da calça aberta, enquanto ele tentava conversar com Felipe.

O homem, porém, não deu ouvidos. Quando virou-se, bufando, para ir embora, ela correu, vestiu sua blusa e deixando um Gustavo para lá de confuso para trás, correu atrás de Felipe para tentar resolver aquela situação horrorosa de uma vez só.

— A gente conversa sobre sua falta de profissionalismo de manhã, Maria — ele disse, antes de deixar Maria Eduarda estática no corredor das salas de dança e aulas da academia do navio.

Gustavo apareceu atrás de si, vestindo a camisa e parou ao seu lado, sem saber o que fazer. Os dois sentiram que o clima já era e seria quase impossível animar Maria Eduarda no momento, visto que a mente dela estava longe e arrependida. Encararam-se, sem dizer nada e Maria Eduarda sorriu triste ao ver a compreensão refletida nos olhos dele. Deu-lhe um selinho e, sem dizer mais nada, seguiu seu caminho sozinha para seus aposentos.

Não queria assumir e não queria que ninguém soubesse, mas chorou. Sabia que tinha um comportamento difícil e imaturo, mas era péssimo que trabalhasse com alguém tão diferente e tão mais evoluído que ela para que aquilo ficasse tão gritante ao ponto de incomodá-la.

Ela não precisava trabalhar, aquela era a verdade. Mas todos os irmãos o faziam e ela achava entediante ficar em casa e fingir ser uma dondoca problemática. Ela gostava de viajar, conhecer pessoas e conhecer lugares, então resolveu seguir os negócios da família, do jeito dela. E, com a informalidade e a certeza de que não seria demitida, acabara não amadurecendo de forma alguma. E lá estava ela, frustrada que não conseguisse ser melhor do que era. Frustrada que Felipe a visse em tão baixa conta — e frustrada por saber que ele tinha razão.

Sozinha e às lágrimas, ela tomara três cervejas, trocara sua roupa bonita por um camisão do Grêmio e adormeceu, no chão mesmo, quando já devia ser mais de três da manhã. Ao nascer do Sol, acordou-se por vinte segundos e dignou-se a engatinhar para a sua cama, onde encontrava-se sofrendo naquele momento.

Madu não era fraca para bebidas, pelo contrário. Mas, por algum motivo, sua cabeça estava gritando de dor e ela imaginava que só poderia ser por conta do choro, combinado com as três cervejas ingeridas.

Seu celular vibrou mais uma vez e ela amaldiçoou os dias por começarem tão cedo. Então, antes que pudesse rolar na cama para pegar o celular, ouviu uma batida na porta.

A contragosto, levantou-se vagarosamente e permitiu-se abrir a porta para que Felipe entrasse na sua cabine sem ser convidado, balançando seus dreads pelo aposento e carregando uma série de pastas embaixo de seu braço direito. Lerda e ainda não totalmente desperta, ela demorou para fechar a porta e voltar sua atenção para ele, mas, quando o fez, cruzou os braços, sem saber se o gesto foi causado por irritação, incômodo ou vergonha de não saber como agir.

— Por que ainda não está pronta? — Ele perguntou.

Maria Eduarda olhou para si mesma e reparou no que vestia — uma blusa surrada do grêmio que provavelmente deixava metade da sua bunda de fora. Duas mancadas em poucas horas, ela ainda conseguia se superar.

— Perdi a hora — falou. — Passei mal à noite.

O olhar de Felipe foi diretamente para a pequena pilha de latinhas de cerveja que Maria Eduarda havia abandonado antes de dormir e ela quase soltou um palavrão por ter sido burra o suficiente de não tê-las jogado fora.

— Sei... — Foi o que ele proferiu, ao invés da bronca que ela esperava.

Por um longo minuto, os dois se encararam sem dizer nada um para o outro. Felipe estava analisando a situação e pensando em que tipo de atitude poderia tomar; aquela garota parecia disposta ao vê-lo fracassar e ele precisava muito fazer aquilo dar certo. Maria Eduarda, por outro lado, não sabia como proferir suas desculpas e promessas de que iria melhorar de alguma forma.

— Escuta... — Ela começou. — Sobre ontem... Eu sinto muito por aquilo, estava irritada e entediada e então eu encontrei um cara e...

Felipe levantou a mão, impedindo-a de continuar. Era informação demais. Ele não estava interessado em com quem a loira transava, embora o incomodasse terrivelmente que ela estivesse com um cara ao invés de estar com ele, trabalhando. Sua imaturidade e irresponsabilidade ainda o deixaria louco, mas não louco o suficiente para estar interessado nas transas dela.

— Não importa, Maria — ele proferiu e Madu fez uma careta. Era a segunda vez que ele lhe chamava de Maria e só sua mãe falava assim com ela, e ela detestava. Gostava mais de ser Eduarda. Ou Maria Eduarda, nunca só Maria. — Não me importa o que você faz no seu tempo livre, só vou lhe pedir

para focar mais no seu trabalho e menos em seus relacionamentos com os passageiros. Tem muita coisa para ser feita nesse navio para que você fique andando por aí como se fosse hóspede. Me falaram que você veio aqui para trabalhar comigo e me auxiliar nas coisas, mas eu só estou vendo uma riquinha mimada, fugindo das suas responsabilidades e eu acho que você consegue ser melhor que isso. Então agradeceria imensamente se você parasse de agir dessa maneira e me ajudasse ou eu ou ser obrigado a relatar aos clientes sobre o seu comportamento nada profissional durante essa viagem.

Maria Eduarda arregalou os olhos, tentando absorver o tanto de informação que Felipe jogara na sua cara, enquanto ele caminhava até a mesa da sua cabine e depositava as duas pastas que trouxera embaixo dos braços nela. Sem esperar por ela, ele se sentou e aguardou enquanto ela pensava e aceitava tudo que ele lhe dissera, ignorando que a chamara de *riquinha mimada*.

Bom. Ela era mesmo uma *riquinha mimada*.

Fechou os olhos e respirou fundo, sabendo que dali para frente, as coisas teriam que mudar e ela não poderia mais ver a viagem como uma eterna diversão, porque não seria. Amaldiçoou seus irmãos por terem colocado-a nessa furada, mas resolveu que era melhor vestir a camisa do que abandonar o navio. Riu, percebendo que a expressão *abandonar o navio* era literal.

Caminhou até Felipe e sentou-se a sua frente, percebendo o sorriso se formar no rosto do negro com sua atitude.

— Certo — disse. — Do que você precisa?



Morena gostaria de saber o que havia feito de tão errado para merecer tamanho descaso de quem governava o destino. Ela, sinceramente, acreditava que havia alguém lá em cima rindo muito de tudo que acontecia na vida dela. Porque, em sua concepção, ela não compreendia como sempre acabava em ciladas como aquela: presa em um navio com Gustavo (já não bastava todo o tempo em que passavam juntos no trabalho?) onde as únicas pessoas diferentes que conhecia... Andavam com Antônio.

Ela era bem resolvida quanto à tudo na vida. Morena gostava de curtir sua solteirice, embora aparecesse com pequenos romances, ali e aqui. Seu tempo, porém, era curto e ficar com caras que não entendiam que ela preferia trabalhar a qualquer coisa ou que não aceitavam que ela trabalhasse com tantos homens era insuportável. Há não muito tempo pensara que talvez fosse melhor conhecer alguém que trabalhasse com a mesma coisa que ela e, então, convidou Ricardo para sair algumas vezes e tiveram um affair por pouco menos de um mês, quando ela enjoou dele. Ele era parecido demais com Gustavo e andava tempo demais com Gustavo para que ela o aturasse por mais tempo.

Então ela ficou em pequenos romances, saídas com caras com data de validade, apenas para resolver suas necessidades sexuais e só. Não sabia por quanto tempo aguentaria ficar assim e sabia que sua mãe a julgava muito por isso, mas ela estava sobrevivendo. Pensou, então, que talvez aquele cruzeiro seria muito interessante no âmbito amoroso barra sexual para ela; conhecer caras nas mesmas profissões, que trabalhavam com as mesmas coisas e entendiam sua necessidade de estar sempre atenta aos seus projetos.

Não precisava dizer: era uma furada. Andara prestando atenção nos caras do navio e a maioria parecia-se demais com André para que ela lhes desse bola, afinal o homem era como um pai para Morena. Os poucos que destoavam daquela fórmula ou pareciam nerds que não tomavam banho há uma semana (o que era bastante esquisito, já que estavam cercados por água) ou andavam com Antônio. Ou eram o Antônio.

Já havia definido que não gostava nem um pouco do homem. Alguém que via uma mulher como um pedaço de carne e era tão invasivo quanto ele estava parecendo ser definitivamente não merecia nem um terço da sua atenção, mas ele continuava insistindo em se fazer presente e tentar conquistar Morena e ela não fazia ideia de como sair daquela situação sem soar terrivelmente grossa e sujar sua imagem para a *Under Constrution* de São Paulo, para onde ansiava ser transferida ainda naquele ano.

Ela tinha uma mania um pouco irritante de terminar com os caras sendo grossa ou agressiva. Na verdade, Morena era direta e a maior parte das pessoas não aceitava as coisas simples e claras como ela. O único que aceitou bem a finalização do pseudo-romance fora Ricardo, porque ela lhe disse que tinha medo que atrapalhasse o projeto que eles faziam juntos na época e o outro concordou. Fora ele, todos os outros ficaram putos com sua falta de tato e ela não podia fazer nada.

Morena tinha para si que de Antônio estava naquele navio e era o único arquiteto da Under Constrution de São Paulo ali, ele deveria ter uma séria influência na matriz. Era como ela, na filial de BH. Pediu para trocar sua mesa um dia, porque não conseguia se acostumar com ela. No dia seguinte, tinha uma nova. Então, a seu ver, se fizesse alguma graça com Antônio, talvez ele manchasse seu nome de forma tão grave que, além de impedi-la de ser transferida para São Paulo, poderia fazê-la ser demitida.

Com esse pensamento em mente, ela respirou fundo ao ver o homem acenar animadamente enquanto ela caminhava pelo restaurante, planejando tomar seu café da manhã em paz e falhando miseravelmente. Sem ter por onde fugir sem parecer antipática, Morena caminhou até a mesa, sentando no espaço vago ao lado do homem, para desgosto de Carolina, que fechou a cara e cruzou os braços. A mulher, reparando no desconforto que havia causado, resolveu tentar guiar o assunto.

— Bom dia, pessoal — cumprimentou, recebendo respostas simpáticas. — Se não for muito incômodo, podem reforçar minha memória? Vocês, eu sei que são da Under, mas não me recordo os nomes...

— Verônica e Tiago — a mulher que respondeu, rindo. — E tudo bem. Muita gente, muitos nomes. Você ainda vai se acostumar com a gente. — Piscou-lhe um olho.

Verônica arriscou uma olhada de rabo de olho para Antônio e Morena compreendeu seu toque singelo. Ao contrário de Carolina, que só via seu próprio ciúme, Verônica percebia o desconforto de Morena pela proximidade de Antônio e oferecia ajuda.

— Obrigada. Vou tentar decorar dessa vez — Sorriu. — Lembro da Carolina — Disse, olhando para a garota, que arqueou uma sobrancelha. — E você... É Marcelo? — O homem concordou com a cabeça, sorrindo. — Tenho um colega com seu nome. Mais fácil para decorar.

— Nós somos da Vyga — Carolina respondeu, parecendo orgulhosa da empresa. Do outro lado de Antônio, descruzou os braços para entrelaçar os seus com o dele, que arregalou os olhos e olhou para a garota como se fosse uma alienígena — A gente se conheceu em uma premiação dessas e foi assim

que eu e o Antônio começamos a namorar também.

Mesmo que não estivesse na mesma dinâmica do grupo, Morena sentiu o climão quando Antônio riu da fala de Carolina e resolveu que era melhor prestar mais atenção em sua comida do que na conversa. Deu uma garfada no pedaço de manga que estava em seu prato, ouvindo Antônio tentar justificar o que Carolina dissera.

— Não foi bem assim... — Antônio começou, se desvencilhando de Carolina sem nem um pouco de tato. — A gente só começou a sair e...

Carolina já exibia grossas lágrimas enchendo as bolsas abaixo dos olhos, não que o seu namorado (ou não-namorado) se importasse, continuando a proferir as piores coisas e magoando ainda mais a garota.

— Vocês viram o sol que está fazendo hoje? — Tiago perguntou, tentando levar a conversa para outro rumo.

Um suspiro aliviado se fez presente na mesa, todos contentes em ignorar o que acontecia com o casal e deixá-los resolver o problema sem que interferissem. Parecia que era um acordo global em iniciar uma conversa em momentos constrangedores com comentários sobre o clima, mas todo mundo tinha que concordar: funcionava muito bem.

— Nossa, sim — Verônica concordou. — Acho que é hoje que eu consigo pegar uma corzinha. Não posso voltar pra São Paulo assim não, lá não tem oportunidades de deixar de ser pálida.

Os dois homens inseridos na conversa e Morena riram do que a mulher dissera.

— Nem em BH — Morena se intrometeu para mostrar para Antônio, que a encarava enquanto tinha uma discussão em voz baixa com Carolina, que ela não se importava nem um pouco se ele namorava ou não. — Faz calor assim, mas o que falta, na verdade, é tempo.

— Mas você nem precisa, né? — Verônica perguntou e Morena soube que elas se dariam muito bem juntas, sendo amigas ou colegas de trabalho — O nome já ajuda e você ainda é... Morena. Também.

— É uma piada interna dos meus pais, eu acho. Você não vai acreditar: minha irmã se chama Branca.

Os três explodiram em risadas e provavelmente acharam que ela estava fazendo uma piada e não falando sério e, por isso, Morena riu também. Carolina se levantou da mesa de supetão e se afastou do grupo, parecendo extremamente chateada e tirando todo mundo da bolha de tranquilidade divertida que criaram com a conversação sobre o clima. Os três amigos

lançaram olhares raivosos para Antônio que deu de ombros, sem se importar se tinha ferido os sentimentos da garota.

— Eu vou — Tiago se levantou, indo atrás de Carolina.

Morena não sabia onde enfiar a cara, então tomou uma longa golada de suco enquanto pensava no que fazer. Será que ela teria que começar a andar atrás de Gustavo para baixo e para cima até encontrar outro grupo que a auxiliasse a fugir de Gustavo e Antônio? Parecia uma solução irritante, mas plausível.

Marcelo limpou a garganta.

— Então, Morena... — Ele começou e pareceu tentar encontrar um assunto. — Por onde anda seu parceiro Gustavo? Queria trocar umas ideias com ele.

Morena até tentou dar uma resposta simpática e tranquila, mas trazer Gustavo a tona quando ela tinha que lidar com Antônio e a ideia de que ele estava sendo um babaca com Carolina porque queria dar em cima dela... Não foi uma boa coisa a se fazer.

— Não sei onde ele está, não nascemos juntos.

Queria ter mordido a língua e não ter dado aquela resposta, mas Marcelo era da Vyga e isso não iria atrapalhá-la de todo. Se ela desse sorte, ele talvez levasse na brincadeira, então sorriu agradavelmente, tentando guiá-lo justamente para aquele caminho. O homem, porém, não a encarava mais e seu olhar parecia atravessá-la para algo atrás de si.

Virou-se para encontrar Gustavo com um sorriso debochado estampado no rosto e um prato com uma montanha de comida nas mãos.

— Braba ela, não? — Perguntou, entrando na brincadeira e ocupando o lugar que antes era de Carolina. — Fica assim toda manhã. Imagina lidar com isso todo dia e, sabe o que mais? Piora. Quando ela tem cólicas, parece um dragão cuspidor de fogo a cada segundo. É melhor sair de perto. Você não está com cólicas, está?



Havia algo a ser dito sobre as pessoas ricas. Não aquelas que trabalharam duro para chegarem ao sucesso, apaixonadas pelo que fazem e o dinheiro fora apenas consequências da sua eficiência e eficácia, mas as que se acomodaram com poucas dificuldades e muitas coisas aos seus pés. As que viviam isoladas em mansões e condomínios, com dezenas de funcionários e o nariz em pé, achando que poderiam governar o mundo da mesma forma com que governava o seu quintal.

Essa era Elena Marinho, governante da Marinho Corporações, onde apenas aparecia para assinar cheques e contratos. Isso quando os mesmos não chegavam em sua casa para que ela o fizesse sem ter que se locomover. Aos 72 anos, o vigor e a força ainda estavam presentes em seu comportamento e embora os acionistas da empresa insistissem que ela passasse a bola, Elena não confiava em entregar as decisões para ninguém de fora da família e Andrea, sua filha, era uma desnaturada. Gustavo, porém, estava quase pronto e embora tivesse escolhido uma carreira fora dos investimentos tecnológicos e inovações da Marinho Corporações, ela esperava que ele ainda aceitasse o cargo.

Mais, para falar a verdade, Elena amava aquela vida. Tinha guiado a Marinho Corporações para o caminho certo enquanto seu marido ainda estava vivo. As decisões sempre eram dela e ele ouvia e fazia. Depois que faleceu, Elena assumiu tudo como estava no testamento de seu velho — e a empresa só cresceu e cresceu.

Elena nunca teve que trabalhar. Casou cedo com José, herdeiro de uma impressionante fortuna e o incentivou a abrir a Marinho Corporações. Em casa, curtindo sua vida de madame enquanto o marido trabalhava, ela basicamente montou o império Marinho dentro de sua cabeça. O poder gerou mais poder e agora, na idade tenra, ela podia continuar a se dar o luxo de se sentar ao jardim imenso de sua mansão e tomar café da manhã enquanto seus funcionários seguiam suas ordens sem nem pestanejar ponderar.

Poder.

Elena amava o poder.

Porém, naquela altura do campeonato, Elena estava temerosa com o futuro da corporação. Sua filha, Andrea, era uma desmiolada apaixonada, que não sabia sentar e analisar uma situação que estivesse dançando nua na sua frente. Se Elena morresse e Gustavo se recusasse a assumir a empresa, como estava especificado em seu testamento, Andrea poderia fazer uma merda atrás da outra.

E o seu neto...

Andrea aproximou-se da mesa em que Elena estava sentada, ainda levemente despenteada e com um robe por cima da camisola. Elena nunca havia se deixado ser vista assim, mas a filha, se deixasse, ficava daquela maneira o tempo todo.

— Bom dia, mãe — cumprimentou, animada. — Estava pensando em dar uma volta no clube hoje, você quer ir?

A vida de Andrea se resumia em passeios fúteis e isso irritava sua mãe profundamente, que apenas fechou os olhos e respirou fundo antes de responder:

— Não, querida, vou ficar em casa hoje e descansar as pernas — respondeu. Não que não descansasse as pernas todos os dias, mas preferia aquilo ao ver a filha andando para lá e para cá, socializando com a ralé que subira de vida por motivos inexplicáveis. — Gustavo deu notícias?

Andrea fez careta para a mãe, sabendo que, toda vez que a mulher citava Gustavo, ela tinha alguma crítica a fazer ao rapaz ou a maneira dela de ser mãe. A mais nova detestava aquilo, seu filho era um ótimo garoto, esforçado e trabalhador, infinitas vezes melhor que ela ou o pai dele. Balançou a cabeça, afastando os pensamentos do homem que quebrara seu coração.

— Mandou uma foto hoje de manhã — respondeu. — É um ótimo navio, onde ele está. Parece bem seguro.

Era bom mesmo que o futuro da família Marinho estivesse bem seguro, Elena pensava. Mas não era nisso que estava pensando no momento. Sua mente estava focada na idade do neto e no fato de que ele ainda não lhe dera uma terceira opção para assumir a empresa.

— Por que você não conversa com seu filho? — inquiriu. Andrea ainda não sabia do que a mãe estava falando, mas a ideia do que vinha a seguir a fez respirar fundo. — Ele já provou que consegue ser sucedido sozinho, acho que está na hora dele parar de brincar de assalariado. Sem contar que, olha a idade desse garoto. Nenhum sinal de casamento... De filhos?

Andrea discordava da mãe em quase todos os sentidos, eram devidamente diferentes em tantos âmbitos que ela mal conseguia contar. Gustavo era, sim, imaturo para a própria idade e também o era Andrea, mas, ao mesmo tempo, vinha se tornando cada vez mais responsável e mais pé no chão, deixando a mãe se inflar de orgulho. Gustavo crescera como profissional e a criança curiosa e cheia de perguntas que ele fora o

transformara em um jovem gênio e reconhecido ainda em pouca idade. Para ela, ele ainda era jovem e iria encontrar a balança entre suas atitudes infantis e as atitudes maduras, e quando o fizesse, ninguém mais iria pará-lo.

— Ele é jovem ainda, mãe. — retrucou. — Jovens são assim mesmo.

Elena levantou um canto de lábio, vendo que a filha, imatura como era, proteger o seu filhote do mesmo defeito que a própria tinha. O que mais faltava para serem parecidos? Ele sair pelo país atrás de uma namorada e voltar para casa com um bebê indesejado? Sair nos tabloides usando cocaína e manchar o nome da família? Tal mãe, tal filho, era isso que ela queria dizer? Elena só lamentava que a filha não fosse tão parecida com ela quanto Gustavo parecia com a mãe.

— Jovem aos 31. — Elena riu. — Não proteja ele, Andrea. O rapaz está brincando de arquiteto bem sucedido pra provar pra gente que é capaz e nada de montar família, que é o mais importante. Desse jeito, você vai morrer sem ter netos.

Andrea trincou os dentes. Não queria dar uma resposta torta para a mãe, embora odiasse vê-la resumir a vida do filho em montar uma família e assumir a Marinho Corporações. Apoiou-o desde o começo a seguir seus próprios sonhos e a voar para os caminhos mais distantes do futuro que Elena planejava para ele.

— Não fala assim, mãe. Ele tem várias namoradinhas, vive com uma garota aqui e outra ali. É por isso que ele se mudou também, já que a senhora não deixava o pobre do garoto ter nenhuma privacidade com as namoradas.

— É — Elena concordou. — E ele é tão maduro e independente que destruiu o encanamento do cubículo que ele chama de apartamento em dois meses.

Andrea limpou a garganta enquanto uma das empregadas se aproximava com a jarra de suco. Encheu os copos com uma reverência que as mulheres corresponderam e se afastou rapidamente, notando que o clima entre as matriarcas estava tenso e intenso.

— A pobrezinha da Natália — resmungou. — Foi a única que teve qualquer chance. Ela chegou perto, bem perto. Não sei por que ela teve que estudar nos Estados Unidos. Era só casar com Gustavo e o mundo estaria nos pés dela.

Andrea olhou para a mãe com olhos repreensivos. Embora ela própria não gostasse de estudar ou trabalhar, preferindo a vida de socialite que vivia, entendia que, atualmente, as mulheres faziam mais coisas que casar e viver para os maridos. Natália era uma dessas garotas brigonas e o sonho dela era

vívido. Andrea tivera o prazer de ouvir seus planos enquanto estava com Gustavo e aplaudir a vida programada que a garota tinha para si. Ela queria ser professora universitária já que não acreditava que tinha algo a acrescentar no mundo. Desejava ajudar aqueles que teriam.

Também lembrava-se bem da mãe rodeando os dois e jogando seus próprios planos na cabeça deles, sem se importar com que eles tinham em mente. Gustavo aprendera a ignorar a avó e seguir seu próprio caminho, mas Natália estava ali de paraquedas e sua sensibilidade e o desejo de não decepcionar a família do amado talvez fora o que a fizera decidir ir para tão longe.

Lembrava-se de Gustavo decepcionado em terminar o namoro com a moça negra e doce, dos cabelos encaracolados como um anjinho. Ela sabia que ele próprio estava prestes a cogitar pedi-la em casamento, mas aquilo esfriou a relação dos dois e agora mal se falavam. E ele voltara a sair por aí, namorando qualquer garota bonita que cruzava seu caminho.

— Pois é, mãe — Andrea resolveu cutucar a mais velha, embora soubesse o quanto isso era perigoso. — Talvez se você não tivesse pressionado tanto os dois, a *pobrezinha* da Natália não teria fugido assustada. E aí talvez nós tivéssemos Gustavo casado e com filhos à essa altura do campeonato.

Encarou a mãe, zangada, que percebeu a verdade nas palavras da filha desmiolada e se calou. Andrea, então, irada com o comportamento da mãe, que só sabia julgar os outros, sem perceber que ela própria era uma série de problemas graves, levantou-se e deixou a mais velha terminar o café da manhã sozinha com seus pensamentos e seus pecados.



À distância, Gustavo mandou um beijo no ar para Morena, que bufou e revirou os olhos, arrancando risadas de Verônica e Marcelo. Antônio, por outro lado, estava tão carrancudo quanto a mulher. Apesar da aparente aversão que Morena sentia por Gustavo, o rapaz era, claramente, uma distração para ela, chamando mais atenção que a si próprio. E Antônio odiava não ser o centro das atenções.

— Bom dia, pessoal, eu sou o Gustavo — ele cumprimentou educadamente a todos. — Já que a Morena não me apresenta, preciso fazer eu mesmo.

Morena espetou mais um pedaço de manga, mas usou uma força desnecessária para tal feito. A ponta do garfo bateu-se contra o prato, deixando um estampido irritante ecoar pela mesa. Olhou para Gustavo com todo o esforço que podia para expressar a raiva que sentia no momento por ele estar chamando-a de mal-educada. Quem estava dizendo? Ele tinha se convidado para mesa e ainda era reincidente.

— Quanta criancice, Gustavo — Morena repreendeu-o.

Gustavo, ao contrário da irritação e zangadez que Morena exibia, estava se divertindo. No âmbito do navio, era engraçado deixar Morena irritada e, ainda mais, deixar os colegas de profissão verem o quão difícil era trabalhar com ela — só assim para acreditarem quando ele dizia que nem tudo eram flores entre os dois.

Morena era uma coisinha explosiva e era fácil estourá-la que nem uma pipoca. Quando trabalhavam juntos, cutucavam um ao outro mutuamente e era estressante, mas, mesmo assim, Gustavo conseguia se divertir, vez ou outra. Principalmente quando ela puxava seus cabelos curtos e saía de cena com um urro zangado. Se desse sorte, ela poderia passar uma longa hora longe e ele curtia seu sossego em paz, fazendo novos planos ou inserindo algo discretamente, na esperança de que ela não reparasse. Ou melhor: reparasse e ficasse ainda mais irada com a adição.

— Não fui eu que comecei — Gustavo retrucou.

Morena fechou a mão ao redor do garfo e sentiu o rosto começar a queimar de raiva de Gustavo. A imaturidade e o comportamento infantil era o que mais a irritava no homem, seguindo de perto pelo fato de que ele não aceitava opiniões alheias e não gostava nem um pouco de ouvir não. Lidar com ele por tanto tempo seguido era uma tortura e fazê-lo em frente àquela gente com quem ela desejava trabalhar era impossível. Tinha que manter a

calma, mas sua vontade era jogar o garfo na direção daqueles olhos irritantemente azuis e deixá-lo cego pelo resto da vida. Tinha certeza de que se ele não pudesse enxergar, sua mãezinha superprotetora não o deixaria mais sair de casa, quiçá trabalhar como arquiteto. Adeus carreira, olá sossego.

À Morena parecia um bom plano.

— Sou Marcelo — Marcelo se intrometeu, vendo os ânimos de Gustavo e Morena se alterarem, tentando evitar a futura discussão desnecessária que já estava se formando.

Ele estendeu a mão sobre a mesa, oferecendo-a a Gustavo, que apertou-a com as suas duas, cumprimentando-o com bastante gosto. O homem conhecia os trabalhos de Marcelo e os achava bastante interessantes, embora não fossem muito seu estilo. Tinha certeza que poderiam trocar algumas figurinhas que enalteceria a experiência dos dois.

— E eu sou Verônica — a mulher se apresentou também, oferecendo a mão para Gustavo, que levou aos lábios e a beijou.

Verônica arregalou os olhos em surpresa e soltou uma risadinha baixa ao galanteio de Gustavo, lançando um olhar de aprovação para Morena, que apenas bufou ainda mais alto, irritada que Gustavo estivesse chamando atenção das duas das três únicas pessoas legais que Morena havia conhecido naquele navio.

Ciúmes.

De quem?

— E você é? — Gustavo se virou para Antônio.

Houve uns segundos de silêncio constrangedor no ar após aquela pergunta, como se os cinco aguardassem que alguém tirasse uma espada do bolso e começasse a duelar. Mesmo que Verônica e Marcelo não soubessem do embate acontecido no dia anterior, eles pareciam ter a mesma expressão preocupada de Morena aos acontecimentos.

Gustavo mantinha a feição tranquila enquanto estendia a mão para Antônio, mas a sobrancelha arqueada não escondia o deboche claro em casa partícula de seu ser. Antônio teve que se controlar para não dar um soco no outro de tanta raiva — sem motivo — que sentia. Ao invés disso, apenas bateu com a sua mão na dele com o máximo de força que conseguia, antes de apertá-la educadamente. Gustavo manteve a pose e não pareceu se incomodar com a brutalidade do outro.

Todos pareceram respirar aliviados.

— Antônio. Não fomos apresentados ontem — retrucou.

Morena cerrou os olhos para Gustavo antes mesmo que ele pudesse assimilar a oportunidade que tinha em mãos. Olhou para a mulher e sorriu ainda mais debochado do que o fazia para Antônio, voltando a conversa para a estaca zero.

— Isso é porque Morena...

Morena não esperou para ver o que ele tinha para dizer. Levantou-se em um pulo, empurrando seu prato semivazio para o centro da mesa com rapidez e brutalidade, antes que fosse tarde demais para o seu temperamento. Sem terminar de tomar todo o seu desjejum, ela trotou para fora do restaurante sem nem olhar para trás. Teria que pedir desculpas para Verônica e Marcelo depois — tinha certeza que se colocasse a culpa na TPM, eles iriam aceitar e desculpá-la.

Enquanto caminhava em direção à sua cabine, pensando que teria inventar alguma maneira de aturar as palhaçadas de Gustavo sem explodir na frente de toda aquela gente importante, sentiu uma mão pesada em seu pulso. Já estava prestes a lançar um golpe qualquer que aprendera nos meses de muay thai quando identificou que a pessoa que a segurava era Antônio.

Mesmo assim, ainda cogitou acertá-lo com um golpe nos primeiros milésimos segundos após a descoberta.

— Você não gosta dele — não era uma pergunta.

Morena conteve sua vontade de revirar os olhos. Ela sabia que Antônio não estava interessado em saber sobre os dois, estava apenas marcando território e apoiando-a para amolecê-la. Mesmo assim, decidiu que manter uma conversa era a melhor maneira de não enfiá-la em uma situação desagradável onde teria que lhe dar um fora.

— Gustavo e eu... — Tentou elaborar a melhor maneira de se dizer. Entortou os lábios. — Somos diferentes. Demais. A gente só faz brigar o tempo todo e trabalhar com ele é como... — Procurou uma expressão ruim o suficiente. — Arder no mármore do inferno pela eternidade.

Antônio riu e, pela primeira vez, Morena o achou agradável. Ele fora sincero ali, estava rindo verdadeiramente do que ela dissera e não era para agradá-la ou fazê-la ceder.

— Não parece, de verdade — confessou. — Eu adorei o trabalho de vocês, foi algo completamente de outro nível. Tem umas construtoras na gringa copiando, você não viu? Pra mim, parecia que vocês eram super amigos ou...

Ele não finalizou a sentença porque ficou levemente amedrontado com

o olhar de desafio que Morena lhe lançou. Que ele completasse aquela frase e talvez não sobrevivesse para reproduzi-la.

— Pelo contrário — resmungou. Enquanto pensava na desculpa perfeita para sair dali, viu Carolina aparecer no corredor, arregalar os olhos para os dois parados ali e voltar pelo mesmo caminho de onde viera. Franzindo as sobrancelhas, sem entender, resolveu procurar saber um pouco mais sobre aquela pequena bagunça. — E Carolina? Não entendi muito bem a relação de vocês dois.

Antônio pareceu surpreso com a mudança brusca de assunto, mas sorriu, convencido, pela pergunta. Morena não reparou, mas, para ele, fora um sinal de que ela estava interessada, perguntando sobre a concorrência. Embora grande parte das coisas que ela fizesse, para o ego gigantesco de Antônio, seriam sinais de que ela estava interessada.

— Ah, a menina — ele respondeu, despretensioso. — A gente sai, fica as vezes. Ela é bonitinha, mas é muito chata. Fica me seguindo para lá e para cá e mentindo pros outros dizendo que somos namorados. Não posso culpá-la, é claro. Se eu estivesse com um partidão tipo eu, ia tentar segurar a qualquer custo também.

Morena estava presa entre o total desprezo, o choque e o nojo. Nunca tinha visto alguém falar tanta asneira em uma frase só e quis voltar no tempo e acertá-lo com aquele golpe de muay thai quando teve a oportunidade. Ali, porém, só tinha uma saída: inventar uma mentira boa o suficiente para sumir de perto dele e não ter mais que aturar aquela espécime de ser humano que mais parecia um lixão em duas pernas.

Sorriu amarelo para o homem, olhando ao redor para ver se Carolina ou qualquer outra alma viva aparecia para que ela pudesse distrai-lo. Porém, ao perceber que Deus realmente tirara o dia para atormentar sua vida, ela respirou fundo e pensou calmamente em algo para dizer.

— Olha, eu preciso tomar um banho agora... — Murmurou. Arrependeu-se imediatamente ao ver que Antônio levava para o lado malicioso, como se ela sequer pensasse em convidá-lo. — Eu só levantei para tomar café, estou aos pedaços. Preciso ligar pra minha mãe também. Já sei, vou fazer isso durante o banho. Poupar tempo. Sabe como é, né? A gente se vê por aí, tchau.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Morena continuou seu caminho até a cabine que ocupava, deixando um atônito Antônio para trás, desejando *não* vê-lo por aí mais.

Seus planos, porém, não envolviam tomar banho no chuveiro.



Tinha um limite imaginário entre Maria Eduarda e Felipe. Era uma linha bem traçada e bem demarcada pelos dois, que nenhum estava disposto atravessar. O homem, com suas sobrancelhas grossas, seus dreads bem cuidados e a barba por fazer (apenas porque lhe estava faltando tempo, visto que Maria Eduarda o deixara acumular funções) lhes dava um ar bruto e rústico, contrariando totalmente os cabelos loiros, olhos azuis e unhas rosa que faziam Madu parecer uma princesa sem castelo (mas com um transatlântico. Tenho certeza que isso serve).

A diferença experiencial dos dois também os assombrava e deixava com que eles pensassem que um era o vilão do outro. Madu sempre tivera tudo em mãos, até mesmo homens. Ela não precisava se esforçar muito para nada, o dinheiro tinha lhe aberto portas e, mesmo que seus pais achassem que ela deveria trabalhar, tudo era uma grande diversão. Sair por aí guiando adolescentes pelo mundo que ela já conhecia como a palma de sua mão, de tantas viagens que fizera, era a melhor forma de ganhar dinheiro e, mesmo isso, fora entregue à ela de bandeja, visto que sua família trabalhava justamente com aquilo. Já Felipe, ralara um bocado. Cresceu em Paraisópolis, uma favela de São Paulo, e estudou a vida toda em colégio público. Ralou muito para conseguir uma vaga em produção cultural na USP. Seu sonho, na realidade, era levar cultura e entretenimento para as favelas e subúrbios de todo o Brasil, mas antes de se formar, descobrira que a vida não era bem assim. Começou a trabalhar numa grande empresa de eventos, onde era sempre encarregado dos casamentos. Gostava, mas estava infeliz: o diagnóstico de sua mãe e o terror de não estar realizando seu sonho, somado ao fato de que não ganhava o suficiente para fazer tudo o que tinha que fazer estavam levando Felipe cada vez mais para baixo. Começou, então, a pensar em largar tudo. Realizar eventos para as pessoas de baixa renda por um preço mais acessível — mesmo que ganhasse pouco, teria mais tempo para cuidar ele mesmo de sua velha. E aí recebera a proposta do seu amigo de realizar um evento para a UBAU e tudo estava prestes a mudar. Se conseguisse que aquilo fosse um sucesso, ele teria dinheiro para cuidar da mãe e ainda trabalhar com o seu sonho de juventude. Com muito esforço e trabalho duro, Felipe estava trilhando seu caminho para vencer na vida.

Eram opostos, Felipe e Maria Eduarda. Não compreendiam um ao outro. Madu não entendia o que era trabalhar até seu corpo não aguentar mais e Felipe não entendia o que era relaxar e se divertir, mesmo no trabalho. E, naquele bendito lugar, naquela bendita viagem, ambos tinham que ser colocados a postos e tentar começar a entender o ponto de vista do outro.

Por mais diferentes que fossem, precisavam trabalhar juntos. Nem que, para isso, precisassem traçar uma linha imaginária entre os dois. E foi exatamente isso que fizeram.

— Consegue se arrumar em dez minutos? — O moreno perguntou, olhando para o relógio.

Ela tinha certeza que não, porém preferiu concordar com a cabeça e correr para o banheiro. Se ultrapassasse o tempo, ele esperaria. Eram ossos do ofício de querer se arrumar tanto, sempre.

Tomou um banho porque estavanojenta demais — a fuga da noite anterior e a bebedeira arrependida só deixaram-na com uma marca de rímel escorrendo dos olhos e um odor não muito agradável. Só nesse ato, gastou cerca de oito minutos, tendo apenas dois para se vestir. Enrolou-se na toalha e abriu a porta para o quarto, lembrando-se que não estava sozinha ao dar de cara com Felipe, ainda sentado à sua mesa, analisando alguns papéis que saíram da pasta que carregava.

— Será que você pode...? — Limpou a garganta, um pouco encabulada de ter que continuar aquela frase, o que era bem incomum. Ela não tinha vergonha de seu corpo, pelo contrário. Mas, por algum motivo, com Felipe, sentiu-se assim.

O homem levantou a cabeça para olhá-la, um pouco avoado com a concentração no trabalho que fazia e tentando entender o que diabos Madu estava falando. Encarou a mulher seminua arregalando os olhos e arqueando as sobrancelhas. Seu queixo caiu um pouco, deixando-o com uma aparência um pouco boba. Não que ele estivesse interessado na loira infantil, mas tinha sido uma surpresa encontrá-la naquele estado... E ainda mais descobrir que ele a achava linda.

— Ah... É — concordou, se levantando. — Claro.

Ele saiu da cabine, deixando a loira sozinha. Sua primeira atitude foi abandonar a toalha no chão — tinha uma camareira que passava por ali um pouco antes do almoço e ela não tinha que se preocupar em ser organizada. Escolheu uma roupa confortável. Se teria que trabalhar o dia inteiro e andaria por aí, era melhor que não fosse nada trabalhoso. Colocou um short de lycra e uma blusinha de verão e, nos pés, um tênis. Felipe provavelmente ficaria revoltado com sua informalidade, ela pensou, mas quando saiu da cabine, carregando a pasta e os papéis que o homem deixara em sua da mesa e ele não se pronunciou sobre sua roupa.

— Então, Maria Eduarda — ele instruiu-a enquanto caminhavam pelo corredor, através dos passageiros que retornavam para suas cabines depois de

tomarem o café da manhã. — Preciso que você dê uma olhada nas atividades que estarão acontecendo hoje. Preciso passar a tarde na cozinha resolvendo todos os detalhes da festa que estou organizando para uma das passageiras. Preciso, então, que você cubra essa parte enquanto resolvo isso e os outros detalhes da festa.

Maria Eduarda já estava entediada e nem a palavra *festa* tinha tirado a perspectiva de total fracasso que ela tinha para esse dia. Ficar ajudando a velharia engomadinha a jogar buraco não era nem um pouco o que ela tinha em mente para aquela viagem, mas fazer o quê? Depois do dia anterior, ela precisava mostrar um pouco de *serviço*.

— Tudo bem — concordou.

Felipe, sem parar para conferir, puxou uma folha dentre as que estavam fora da pasta, da pequena bagunça que Maria Eduarda fizera ao acumular sua papéis em uma pilha para levar até ele, e entregou à loira. Ela conferiu, franzindo a testa.

— Essa é a lista de atividades que estarão em andamento durante a tarde. Preciso que você veja se todas vão estar, realmente, em funcionamento e se precisam de alguma coisa — ele instruiu. — É uma tarefa simples. Só passe pelas salas antes delas começarem e converse com os responsáveis. E se não tiver alguém responsável, entre em contato com esse número — passou um cartão de visitas com um número anotado a mão. — É uma das minhas melhores funcionárias. Ela vai tampar qualquer buraco.

Maria Eduarda aceitou o cartão e olhou a letra caprichada de Felipe com o telefone da garota chamada Jana. Guardou no bolso do short e concordou com a cabeça.

Olhou a lista mais uma vez, parando no primeiro horário, que era em... Dez minutos.

— Acho que eu estou atrasada — pontuou.

— Acho que eu já disse isso — Felipe riu.

Maria Eduarda encarou-o por alguns segundos e ele levantou a sobrancelha. Então ela deu uma corridinha até a sala onde começaria o evento. Checou todos que aconteceriam pela manhã em pouco mais de uma hora e sabendo que o cronograma dava uma pausa bastante espaçosa para o almoço, resolveu tirar aqueles momentos livres para dar uma malhada.

Ela gostava de se exercitar. Quando mais nova, fazia parte do time de corrida da escola, mesmo que não fosse nada excepcional, ela se divertia. E depois de ter exibido seu corpo em uma situação nada confortável naquela

manhã, uma neurose tinha se acomodado em sua mente, obrigando-a a colocar para fora as calorias da cerveja que ingerira na noite anterior.

Aos poucos, o tempo passou. Chegou para almoçar já quase no encerramento do horário e atrasada, novamente, para checar as atividades da tarde. Conseguiu, porém, evitar um grande acidente com uma das tutoras que tinha se acidentado na piscina mais cedo e não poderia ficar com a atividade que havia sido selecionada. Com Jana no lugar dela, fechou o quadro da tarde com uma margem considerável e deu uma olhada nas aulas da academia, vendo que teria uma aula de zumba.

Resolveu tomar um banho antes dela, mas acabou-se por deitar em sua cabine, ainda enrolada na toalha e exausta de andar para lá e para cá no transatlântico o dia inteiro. Ela nunca trabalhara tanto, se divertindo tão pouco e não tinha gostado muito, mas, ao mesmo tempo, tinha algo ali, no cantinho do peito, que parecia crescer. Uma sensação boa.

Era a conclusão da responsabilidade, um orgulho contido de tudo ter saído como planejado e Felipe não poder reclamar do que havia deixado para a garota fazer. Ela estava feliz, cansada, com sono e a aula de zumba... Bom, agora que estava em sua cama, ela podia concluir que não ia rolar.

E em poucos segundos, enquanto pensava no sucesso do seu primeiro dia real de trabalho, que durara apenas até as 14 horas, adormeceu.



Se Gustavo tinha uma certeza na vida era que aquela viagem tinha sido a pior furada onde ele já tinha se metido. Devia ter ficado em casa, se recusado a ir naquilo ou até mesmo trabalhar. Com certeza preferia estar em frente a algum dos seus esquemas a estar ali, entediado e com toda aquela gente que ria estranho para ele.

Seria mais fácil de Morena e ele se dessem tão bem quando Verônica e Marcelo, por exemplo. Os dois eram simpáticos e continuaram uma conversa agradável pela manhã, após a saída de Morena e Antônio da mesa. Mas, quando dois amigos deles apareceram, eles pediram licença e se retiraram, deixando Gustavo a ver navios.

Pensou em fazer amizade com outras pessoas, mas ficou um pouco intimidado. Era bom fisionomista, então ele via rostos e via seus prédios, seus trabalhos. E embora todos parecessem dispostos a puxar uma conversa com ele, Gustavo preferiu recolher-se. Não estava muito acostumado a não conversar, não sair, não curtir, não beber, não trabalhar. Mas, mesmo assim, aceitou adormecer sem reclamar.

Acabou acordando tarde. Era estranho o fato de quanto mais se dormia, mas se ficava com sono — e por isso passou demais da hora do café. Arriscou comer alguns biscoitos que tinha guardado em sua mala e saiu para dar uma volta. Acabou por ficar admirando a paisagem. Sentou-se no chão da proa e ficou vendo as ondas baterem e o barco balançando.

A quem ele estava enganando? Estava checando seus e-mails com o wifi do cabine do capitão, que ele conseguira a senha com um programa de descriptar. Isso durara a manhã inteira até quase a hora que o sol se tornara insuportável o suficiente e sua fome estava quase o matando. Satisfeito com a checagem ao mundo virtual e nem um pouco disposto a dar uma olhada nas mensagens que sua mãe lhe mandara, ele foi até o restaurante comer. Ao chegar lá, encontrou todas as mesas sendo retiradas e percebeu que tinha passado do horário do almoço.

— Com licença! — Chamou um garçom, com seu estômago reclamando de fome e nenhuma mesa visível para comer. — Eu... Não almocei.

O garçom riu pela confusão exibida pelo rosto de Gustavo e levantou o braço, apontando por uma direção, que ele seguiu com o dedo. Mas, ao invés de notar o que ele dizia, ele apenas viu um lampejo de cabelos dourados saindo do restaurante.

— ... Vai ter uma festa aqui mais tarde e por isso estamos tirando as mesas — o homem concluiu. — Mas você consegue algo de comer por lá. Ou pode pedir da cabine, se preferir.

Gustavo não estava mais prestando atenção porque, subitamente, se lembrou do amasso que tivera com uma loira linda e engraçada que encontrara na noite anterior. Eduarda, era o nome dela. Era a guia e dissera que o nome do navio era em sua homenagem, uma donzela indomável tanto quanto o transatlântico desbravando os sete mares.

Ficava excitado só de lembrar da história que ela lhe contara e ainda mais dos beijos e carícias que trocaram no canto da sala de dança, nos fundos da academia do navio.

— Ahn... Obrigado — agradeceu ao garçom, antes de cruzar o restaurante para a outra saída.

Ao chegar no corredor, já não via nenhum sinal da loira, porém ela não poderia ter ido muito longe, então ele continuou a procurá-la. Acabou por parar na academia, já que fora para lá que ela o levara e tinha esperanças que o lugar lhe desse sorte, porém, ao perguntar por ela, um dos pessoais lhe informou que ela estivera lá antes do almoço.

Má sorte.

Almoço.

Estapeou a própria testa ao notar o buraco que havia se alocado em seu estômago. A ideia de encontrar alguém para conversar — e talvez transar — fora tão apetitosa que a comida fora colocada de lado. Parou, na entrada da academia, e analisou suas opções, já que o restaurante estava fechado. Lembrava de ter visto uma pequena e charmosa lanchonete na área da piscina, então tomou seu caminho para lá, se perdendo em qual andar era, mas acabou encontrando.

Por sorte, não estava muito cheio e logo encontrou uma mesa onde pudesse se acomodar, dando uma olhada no cardápio. Não tinha nada que fosse uma alimentação para um homem do seu tamanho, mas iria dar para o gasto. Se ele pedisse uns cinco lanches diferentes.

Resolveu começar com um misto quente e um suco, sua refeição favorita porque era rápida e prática. Em seu apartamento, ele fazia o tempo todo. Dava para segurar a fome até o delivery entregar a comida de verdade.

Acenou para a atendente e ela se aproximou com um sorriso. Ao olhar para ela, o sol bateu forte em seu rosto e teve que cerrar os olhos claros para não ficar cego enquanto encarava a moça.

— Oi, você me vê um suco de laranja e um misto quente, por favor?
— Pediu.

A garota anotou em seu caderninho.

— Só?

— Por enquanto sim.

— É pra já!

Ela se afastou e, ao sair do campo de visão de Gustavo, seus olhos se depararam com sua parceira e arqui-inimiga Morena, levemente adormecida em uma cadeira de sol, claramente tentando ganhar um pouco mais de cor. Sua pele parda estava brilhante e a pouca roupa que usava acentuava as curvas gentis de seu corpo — curvas que ele não reparara até então.

Ela era bonita, ele tinha que admitir. Bonita como uma diaba. O rosto era singular e harmonioso e seu olho esverdeado era uma surpresa de agradável combinação com o tom de sua pele, deixando-a com uma beleza tão rara e diferente quanto seu próprio nome — comparação que ele já ouvira muitos sócios e investidores fazerem.

Porém, ele mesmo, nunca parara para analisar e realmente reparar. Principalmente ao seu corpo, o qual sempre estivera formalmente vestido em sua companhia.

Ali, entretanto, vestida com apenas um pequeno biquíni e com a pele brilhando à luz do sol, por causa dos produtos de passara, provavelmente, ele realmente a viu. E, engolindo a seco, desejou.

Sem dúvidas, em suas simplicidades, gritos e modéstias por detrás daquela beleza estonteante e rara, Morena era uma das mulheres mais bonitas e exóticas que Gustavo já conhecera.

Se houvesse uma chance...

— Aqui está seu pedido, senhor.

A garçonete deixou o misto quente e o suco em sua mesa, tirando Gustavo de seu transe em um susto. Ele balbuciou um obrigado um pouco perdido e quase inaudível, sacudindo a cabeça com vontade.

Até parece.

Esquecera-se de quão intragável e impossível Morena era por alguns segundos. Aquilo, provavelmente, se devia ao fato de que ele ainda estava com a loira e a promessa de diversão não concluída do dia anterior.

Não importava que a parceira fosse bonita. Não importava as imagens

que povoavam, agora, sua mente, dos dois trocando carícias e beijos quentes em madrugadas de trabalho, em cima da mesa do escritório, na sala de reuniões e nos campos de obra das construções.

Não importava.

Não iria acontecer.

Nunca.

Nunca.

Capítulo 4

Havia um misticismo surreal no calor emitido pelo sol nas águas brasileiras. O forte e temível deus amarelo pintava com seus pincéis dourados nas peles de quem se atrevia expor a pele ao seu domínio, brilhando reflexos vitrais no salgado das águas, iluminando de forma uniforme tudo que se mantinha sem proteção. Indomável e impiedoso, ele dourava as carnes descobertas como se estivesse se preparando para o maior dos banquetes e queimava sobre todos de forma inatingível e entusiasmada, como se o verão fosse ele mesmo, por si só, e ele estivesse contente em ser a maior das estrelas.

No Donzela indomável, os passageiros aproveitavam em suas melhores formas. Aqueles que adoravam o brilho dourado e o calor da estação, saíam para as áreas externas e aproveitavam em suas cadeiras, mesas e piscinas, curtindo a vida, e também aqueles que nem curtiam tanto assim, mas poucas oportunidades tinham de relaxar e tomar um banho de piscina, então preferiam aproveitar enquanto podiam. Morena se encontrava nesse segundo grupo, tomando um pouco de sol para garantir voltar para a cidade-jardim com uma odiosa marca de biquíni em sua pele negra.

Os que detestavam a estação e a ostentação solar, procuravam as atividades internas e refrigeradas e o mesmo faziam os que sofriam do mal da pele avermelhada após pegar muito Sol. Nesse último grupo, se encontrava o nosso herói, Gustavo, que teve o azar de não encontrar comida nas áreas internas do navio e foi levado até à piscina, onde seus olhos se encontraram com o tanto de pele descoberta de Morena e ele não pôde mais se locomover, envolvido por aquela magia desconhecida do calor ao redor e no baixo ventre.

Como se ela soubesse dos olhares que o homem lhe dava, como se soubesse da tormenta em que ele estava, ela levantou-se, se espreguiçando, e, deixando suas coisas sobre a cadeira em que estava deitada pegando sol, foi até a piscina e se jogou na mesa, causando risadas nos outros passageiros. Fazia um bom tempo que Morena não conseguia se divertir ou relaxar assim, afundada em responsabilidades, compromissos e trabalhos. Ela estava se esforçando ao máximo para conquistar seu espaço naquele mercado contraditório, voraz e um bocado machista. Estressava-se com frequência, não só por causa de Gustavo, mas dos comentários que as vezes tinha que ouvir, até mesmo de funcionários que ela chefiava. Pelo menos, nos últimos anos, pararam de duvidar da sua capacidade de fazer algo bom... Ao menos isso.

Mergulhou de cabeça, molhando seus cabelos curtos e tirando-os do penteado que sempre usava. Ela sabia que jogava fora momentos de diversão para apenas descansar e ter um dia melhor de trabalho ou evitava saídas para trabalhar mais ainda. Tinha o costume de dar umas voltas apenas quando seu nível de estresse estava altíssimo ou quando precisava transar.

Nem ir para a casa de seus pais funcionava muito, sempre tinham alguma coisa na pensão que Morena poderia ajudar ou Branca lhe tirava mais do sério que Gustavo.

Afinal, aquela viagem estava seguindo o seu propósito, ela até que estava começando a se divertir. Todo o calor, aquele clima de praia, curtição, diversão! Ela poderia ficar assim até mesmo por mais tempo do que aquele famigerado um mês.

Esfregou o rosto, afastando a água de seus olhos e arriscou um sorriso para um rapaz bonitinho que estava olhando para ela. Devia ser estagiário, ela pensava, e mais novo. Não era bem sua preferência, mas iria servir.

Férias com muito sol, muito sexo e muita bebida: ela voltaria inteira e completamente relaxada para Belrizonte.

Deu uma piscada para o bonitinho, planejando puxar uma conversa em algum momento próximo, mas preferiu ficar relaxando mais um pouco. Mergulhou outra vez e nadou ao redor do pequeno espaço da piscina que lhe cabia e não havia mais ninguém. Fechou os olhos, virando o rosto para cima, curtindo o sol lhe batendo na cara, queimando, dourando e brilhando em sua pele morena e riu, um pouco idiota, envolvida pela calma e tranquilidade que o momento lhe conferia.

Morena devia saber, naquela altura do campeonato, que o Universo não lhe conferia tamanho relaxamento, não por muito tempo, pois quando voltou a abrir os olhos, sonhando com um tipo de sorvete específico e planejando tomar coragem de sair da piscina para adquiri-lo, seu olhar se decaiu onde deixara suas coisas, na cadeira que passara a tarde pegando uma corzinha.

E ela encontrou o que menos esperava. E o que mais lhe tiraria do sério.

Gustavo estava sentado em sua cadeira branca, ao lado da bolsa que Morena deixara marcando seu lugar, imaginando que aquilo manteria todo mundo longe, visto que ainda tinham várias cadeiras vazias. Mas não Gustavo... Ele tinha que ser irritante ao extremo e sentar-se em seu lugar, provavelmente de propósito.

Enquanto subia as escadas da piscina para esmagar o homem, ela

franziu as sobrancelhas ao reparar... Nele. Morena não era cega e sabia que Gustavo era um bom pedaço de homem, charmoso quando queria, galanteador e até mesmo cavalheiresco — não quando se tratava dela. Os olhos claros dele eram realmente bonitos e normalmente distraiam qualquer um ao encontrá-lo pela primeira vez, mas ali, ao sol, eles estavam tão claros que ele franzia a testa, cerrando-os para protegê-los, enquanto os mantinha fixos em um pedaço de papel em suas mãos — motivo pelo qual não reparara na movimentação de Morena.

Ela viu, também, manchas vermelhas abaixo de seus olhos, provocadas pela exposição ao sol. A vermelhidão também se demonstrava nos ombros e, claramente, no nariz e nas orelhas. Revirou os olhos, irritada. Não queria que ele morresse de câncer de pele; Gustavo garantia uma boa quantia de dinheiro à empresa que trabalhavam, fosse com seus desenhos ou com sua lábia e charme para cima dos investidores.

Aproximou-se de Gustavo sem que ele notasse e parou ao lado da cadeira, com as mãos na cintura com uma mãe irritada ao pegar o filho fazendo uma arte. Limpou a garganta.

— Com licença? — Sua voz saiu mais fina que o normal, resultado da irritação vinda logo após um momento de total relaxamento.

Gustavo até fez que levantaria o olhar e encararia a mulher irritada ao seu lado, mas ele ainda estava preso à magia da recém descoberta beleza não conhecida, por ele, de Morena. Vendo-a de tão perto, seus olhos incomodados com a claridade piscaram longamente, demorando-se em cada centímetro das longas pernas da mulher, admirando cada pedaço de pele descoberto como se fosse uma antiguidade rara e caríssima.

Não era como se Morena não estivesse, infelizmente, acostumada com aquele tipo de olhar e aquele tipo de situação, mas o fato de que era Gustavo admirando-a a desconcertou um pouco e a fez franzir a testa, sem entender. Ele estava sempre avesso à sua beleza, mesmo quando ela se arrumava, na esperança que um decote mais arriscado o distraísse de alguma sugestão diferente que ela queria para o projeto. Ali, porém, ele mantinha o olhar deslizando por suas pernas, mas, de alguma forma, não a fazia se sentir suja e assustada, como normalmente conhecia. Gustavo a olhava de uma forma diferente, como uma agradável surpresa ou como um presente novo do qual ele queria guardar cada detalhe. Como... Uma admiração contida de algo inalcançável.

— Meu rosto é mais em cima — reclamou, porém.

De alguma forma, o olhar de Gustavo a fez se sentir bonita e desejada e, talvez, por isso, lhe causasse certa vergonha. Talvez a vergonha fosse

apenas complacente, vergonha por Gustavo que obviamente não sabia disfarçar o que estava pensando; talvez a vergonha fosse porque, por alguns segundos, ela pensou o mesmo. Ou talvez fosse a leve preocupação com o estado calamitoso que a pele dele já se encontrava, com pouco tempo pelas dependências do navio.

— Gustavo? — Ela chamou mais uma vez, estalando os dedos na frente do seu rosto, cortando o contato visual dele com suas pernas expostas. Ele levou um susto ridículo e piscou longamente, sem entender. — Mais pra cima, Gustavo — repetiu, segurando o riso.

— Ahn... Claro — foi sua resposta patética.

Morena revirou os olhos, ainda indecisa entre o riso, a vergonha, a excitação ou a irritação. Gustavo permaneceu parado, um pouco confuso e ela estava começando a achar que o olhar do homem estava, agora, encarando seus seios.

Antes que perdesse a paciência e começasse a gritar — e acreditem, isso pouco demoraria a acontecer -, morena agachou-se e utilizou toda a sua força para empurrar Gustavo de onde estava sentado. O homem estava meio aéreo e não se importou quando sua bunda escorregou da grande espreguiçadeira branca e bateu com força ao chão. Ele estava um pouco embasbacado demais e queria fazer os neurônios voltarem a funcionar, mas estava sem sucesso até o presente momento.

A mulher, satisfeita com sua cadeira recuperada, sentou-se nela, já procurando o fone de ouvido para evitar qualquer comentário engraçadinho da sua nova companhia. Parou, encarando o filtro solar em sua bolsa e arriscou olhar para Gustavo e suas manchas vermelhas, sentindo um gosto amargo na boca ao reparar sua própria preocupação para com o antagonista de sua vida. Se sentiu um pouco idiota e estúpida, mas envolveu os dedos ao pequeno frasco e retirou-o da bolsa, sem saber se aquela deveria ser a atitude certa a se tomar.

Voltou a encarar o homem e surpreendeu-se ao não encontrá-lo mais admirando suas curvas, mas sim ao pedaço de papel que ela encontrara-o lendo ao sair da piscina. Percebeu-se incomodada com a perda de atenção e antes que pudesse analisar seus atos, arrancou o papel das mãos de Gustavo.

— EI! — ele reclamou.

Morena não queria explicar o súbito ciúme de um pedaço de papel, então, arregalando os olhos, usou seu genial cérebro para resolver o problema rapidamente, colocando o frasco de filtro solar nas mãos do homem.

— Será que dá pra você não virar um camarão? — Reclamou.

Tinham duas coisas que Gustavo entendia muito bem. A primeira era de prédios, ele sabia analisar cada andar e cada material usado, além das inspirações e ângulos — e, por isso, conseguia construir seus próprios arranha-céus. A segunda, era sobre mulheres. Tendo sido criado em uma casa cheia delas, ele não levou muito tempo para entender certos parâmetros comparativos, o que obviamente o ajudou muito na adolescência e na vida adulta com as namoradinhas e conquistas.

E aquele comportamento de Morena era bem característico. Ela estava preocupada com Gustavo, mas sem querer parecer que ele importava. Por isso, o homem sorriu de lado e aceitou o frasco sem reclamar.

Morena, ao seu lado, lia o papel que arrancara das mãos do homem. Nele, estava um convite formal e claramente improvisado para uma festa naquela noite. Era interessante, ela tinha que concordar. Uma festa viria a calhar para arrumar algum cara com quem ela pudesse ter um pequeno affair naquelas férias.

Ignorando o assovio irritante de Gustavo, ao seu lado, ao passar tanto protetor solar que ficou literalmente branco, ela colocou o fone de ouvido e tentou relaxar.



O escritório da Under Constrution de Belo horizonte devia se orgulhar da quantidade quase unânime de funcionários workaholics. Isso é, se isso fosse motivo de se orgulhar.

O que acontecia era que o ambiente era tão agradável e familiar que ninguém nunca queria ir embora. Era como se fosse uma grande ceia de natal, com toda a família reunida, só que sem piadas sobre pavê, discussões ridículas e comentários preconceituosos. Como uma família de propaganda de margarina.

Todo mundo ali se conhecia muito bem, de horas extras, projetos cansativos e discussões inteligentes e acirradas. Não que não divergissem de opinião ou tivessem seus receios, comentários maldosos ou inimizades (como o caso claro de Morena e Gustavo), mas, no final do dia, estavam todos muito contentes de trabalharem um com os outros.

O clima, era óbvio, criado por André. Talvez, mesmo que um pouco irritante, o fato de tratar a todos como seus filhos e crianças tivesse criado aquela atmosfera, como se todos ali fossem irmãos e estivessem batalhando em prol de um objetivo em comum — orgulhar o pai da família.

Então, por mais que já passasse do horário de fechamento do escritório por meia hora, estavam todos trabalhando com afinco no novo projeto a qual todos adoraram imediatamente.

André e Ana tinham saído mais cedo, há algumas horas. Estavam, no presente momento, em uma reunião com a secretaria da educação da cidade, tomando apontamentos de necessidades e pedidos especiais para a escola — e isso se repetiria ainda com a matriz da Under Constrution, com a secretaria de educação do estado e, também, com o ministério da educação brasileiro. Todos cheios de exigências, de pedidos, sugestões e problemas para resolver, aos quais eles acatariam com todo o afeto do mundo.

— Acho que a gente tem que criar um ambiente que seja agradável para os professores — Lorena murmurou.

— Fica quieta que você é paisagista — Ricardo resmungou.

Lorena fez a pior das suas expressões de total ofensa ao comentário totalmente sem noção do colega. Ela trabalhava em quase todos os projetos da casa e, as vezes, por conta disso, tirava uma porcentagem maior de salário, o que causava um pouco de inveja em Ricardo — por algum motivo que ela não sabia qual era.

— Tenho a mesma formação que você, ó imbecil — Lorena retrucou

rapidamente — Só me especializei em paisagismo, mas não significa que eu não sei fazer o sei trabalho melhor que você.

— Ei, gente, vamos se acalmar — Alícia pediu. — Claro que a gente vai fazer um ambiente agradável para os professores, mas para os alunos também.

Os outros analisaram a fala de Alícia por alguns momentos, as ideias fervilhando como uma cascata de emoções desesperadas.

— É que eu acho que os professores deveriam ser prioridade. Ou criarmos ambientes especiais para os professores relaxarem — Lorena insistiu. — Meus pais são professores. Eles passavam o dia na escola, as vezes os três turnos para conseguir um dinheiro razoável e é muito estresse, muita criança respondona e muita responsabilidade com os filhos dos outros. Marcelo estava concordando, balançando seus fios claros a cada palavra proferida pela mais velha do grupo.

— Minha mãe também foi professora — Marcelo concordou. — Acho que a gente tem que pensar nisso sim, mas pensar em quando a gente era criança e no que a gente ia gostar que tivesse na escola. Quero dizer, eu estudei em escola pública e era um saco.

Alícia parecia ponderar as coisas ditas pelos companheiros, mas Ricardo não estava lá muito convencido pela história. Ele não queria confessar, mas tivera muitos professores odiosos na adolescência e não achava que todos eles fossem parceiros o suficiente para merecer uma área só para eles na melhor escola do país. Para evitar a discussão, porém, ele desviou o assunto para as crianças e a destruição que elas poderiam causar.

— Mas se a gente for tentar agradar os moleques, só vai ter videogame nas paradas — Ricardo pontuou.

Alícia riu e Lorena apenas revirou os olhos, sem paciência. Não costumava ser assim, mas Ricardo estava lhe tirara qualquer vestígio de bom humor e boa vontade ao tentar inferiorizá-la. Resolveu, por bem, concentrar todos os seus esforços no que fazia de melhor e começou a rabiscar o papel, suas ideias ganhando formato com a experiência de vários anos na profissão — muitos mais do que o moleque do Ricardo, quem ele pensava que era?

— Acho que o lance é ser mais tecnológico mesmo. — Marcelo concordou — Inspirar nas escolas japonesas, com todas aquelas interações...

— Não pode ser nada especialmente caro, Marcelo — Alícia ralhau com ele. — A gente tem que levar em conta que não estamos construindo um prédio pra uma multinacional que tem um gasto desses a cada dez, vinte anos. Estamos construindo uma escola que vai ser replicada mais umas trinta vezes,

no mínimo.

O problema fez com que eles se encarassem por alguns segundos, cientes da problemática. O país não devia comportar os valores que eles tinham em mente... Não na escala que aquela escola deveria ser reproduzida.

— Acho que a gente consegue baratear algumas coisas, quero dizer, a gente tá trabalhando pro governo, acho que conseguimos comprar coisas sem impostos, né? — Ricardo perguntou.

Ninguém sabia responder aquela pergunta. Teriam facilidades? Qual o tipo de apoio do governo? Não sabiam dizer. Um novo silêncio se fez enquanto cada um deles sentia falta da liderança nata de André, que provavelmente saberia responder todas aquelas perguntas com extrema facilidade.

— Qual o tamanho da área? — Lorena perguntou, ignorando todo o drama das verbas. Em suas mãos, o desenho no papel começava a ganhar forma. — Quero uma área bem grande para esportes. Essa criançada tem que largar mão das tecnologias e ralar os joelhos.

Alícia soltou uma gargalhada gostosa e concordou com a cabeça. Marcelo pegou uma pasta sobre o armário do canto da sala e abriu na mesa, começando a olhar sugestões de antigos projetos que nunca foram utilizados. Ninguém queria falar nada, mas estavam todos nervosos com o tamanho daquele projeto e também com o fato de que nunca haviam projetado uma escola.

— O que vocês acham disso? — Ele tirou um papel de dentro do plástico e leu em voz alta. — Corredores mais apertados para dar espaço para salas mais amplas e arejadas, cores fortes e vivas para alegrar o espaço e vasos de plantas em cada entrada de porta.

— Isso parece um campo de concentração nazista dos anos 70, meio hiponga... — Ricardo pontuou, como uma risada.

Lorena revirou os olhos ao comentário de Ricardo demonstrando total insatisfação com o comportamento do companheiro na reunião. Porém se dignou apenas a esforçar seu desenho de como seria a área externa da escola.

— Isso é uma anotação naquele projeto da Morena e do Gustavo que foi cancelado nos protótipos.

— E lá tinha como isso dar certo? — Ricardo riu. — O cara queria um ambiente sóbrio e a Morena enfiou um monte de verde limão e coral no projeto.

— Na verdade — Alícia começou a corrigir, defendendo a amiga. —

O cliente queria um ambiente tranquilo e relaxante para os funcionários e acionistas. Ele queria algo sóbrio, sim, mas os dois estavam fora da zona de conforto. O Gustavo começou errando com as salas de parede externa toda de vidro e a Morena realmente tentou seguir a ambientação quase futurística do Gustavo e criar um ambiente colorido como algumas empresas do vale do silício. Não deu certo, não casou.

— O cliente odiou e a gente perdeu alguns milhões blábláblá — Lorena revirou os olhos, cansada daquela mesma discussão e daquela mesma história ser repetida tantas vezes.

Era o maior fracasso do escritório e fora resolvido com panos quentes com um projeto em cima da hora de dois outros funcionários que foram enviados para a matriz depois que conseguiram recuperar o dinheiro perdido. Morena e Gustavo ouviram aquela bronca por muito tempo e só agora as coisas estavam melhorando para os dois. Também... Pudera.

— Vamos parar de falar deles que aí eu lembro que eu lembro que os dois desgraçados sortudos estão curtindo um cruzeiro e a gente aqui nesse escritório quente. — Ricardo resmungou, de péssimo humor.

— Ai, nem tá tão quente assim, bobão. — Lorena retrucou, já que estava adorando implicar com o colega resmungão.

— E eu aposto que eles preferiam estar aqui, viu? — Alícia pontuou, com um sorriso.

— Mas estão lá, vivendo vida de rico. Ridículos — Ricardo continuou, claramente chateado pelo fato de não ter acompanhado os amigos.

Lorena revirou os olhos mais uma vez, Marcelo se pôs a guardar o papel de volta na pasta e Alícia correr para a própria bolsa, retirando o celular de lá de dentro.

— O que você está fazendo? — Marcelo perguntou, vendo a amiga discar um número — Se vai pedir pizza, eu quero portuguesa.

— Camarão — disse Lorena

— Quero com bacon — completou Ricardo.

E já ia começar a guerra infinita sobre sabores de pizza e quantas pizzas poderiam ser pedidas e quais doces quando Alícia resolveu acabar com todos os planos.

— Tô ligando pra Morena, seus idiotas — Alícia riu. — Se vocês estão inveja que ela está de férias, vamos colocar inveja nela que a gente tá trabalhando.



O sol estava começando a perder sua força, reparou Morena. Ela estava deitada ali há algumas horas e sentiu na pele, literalmente, a força total da estrela amarela. Agora, porém, mal secava seu cabelo recém molhado do último mergulho.

Olhou para o lado ao se sentar, vendo que Gustavo permanecia ali. Tinha conseguido uma própria espreguiçadeira para si e até mesmo aproximara a dele da dela, por motivos que ela não conseguia entender. Estava ali já há algumas horas e haviam trocado algumas palavras até mesmo educadas entre si. Ele buscara bebidas para ela duas vezes, de total boa vontade e tirando uma pequena discussão sobre o porquê ela preferia caipirinha à vodka, nada de mais grave acontecera. Estava até estranhando.

— Tá ficando tarde, né? — Gustavo perguntou, ao ver a mulher se mover e retirar os fones de ouvido da orelha, o que significava que ela estava disposta a conversar.

Ele estava distraído no celular, aproveitando o tempo livre e a boa visão para continuar uma leitura de um livro no wattpad. Não costumava ter tempo para leitura recreativa, mas encontrou-se animado ao deparar-se com tantos livros interessantes de ficção científica até realmente começar a ler um. E estava se divertindo.

— Sim — Morena deu um sorrisinho estranho que ele não compreendeu. — Daqui a pouco começa a ventar.

Morena estava pensando que Gustavo tentava desesperadamente conversar com ela; isso, é, quando eles tinham tanta coisa em comum para conversar, o trabalho, a viagem, saudades de casa, talvez? Mas ele resolvera iniciar um papo de elevador. Tempo. Realmente, ela queria entender qual era o problema da simpatia repentina do homem.

— É melhor você... — Ele levantou o olhar para ela e perdeu um pouco do foco com suas curvas novamente. — Se sacar. Quero dizer... Se não vamos os dois para o ambulatório, eu de insolação e você de gripe.

Morena se surpreendeu ao rir da breve piada de Gustavo e voltou a ficar levemente encabulada com a situação. Era para os dois estarem gritando um com o outro e se batendo, por que estavam tendo uma conversa simpática?

Era só mostrar um pouco de pele para Gustavo abaixar a guarda? Se soubesse disso, ela teria feito uma incursão há muito tempo. Com certeza teria lhe poupado muita dor de cabeça.

Mas não podia ser. Era algo diferente.

Morena olhou ao redor tentando analisar a situação. Com o suspiro, ela reconheceu o garoto que achara ser estagiário de mais cedo em uma rodinha com outros dois rapazes e uma moça, todos eles tentando disfarçar olhadas para ela e Gustavo e aparentemente entendeu o problema.

Ali, ela e Gustavo estavam quase como celebridades. Já tinha sido parada algumas vezes no corredores, gente se apresentando e até mesmo uma proposta de trabalho caíra em seu colo, em outra empresa. Tinha muita gente estranha e muita gente querendo se aproximar com papos chatos de trabalho quando ela queria apenas relaxar. Imaginou, então, que Gustavo passava pelo mesmo problema.

De má vontade, percebeu que o homem a reconheceu como uma zona de conforto, embora ambos estivessem mais para zona de guerra. Porém, parecia, era mais confortável estar em uma guerra em terreno familiar do que o assustador espaço livre para amizades interesseiras.

Simpatizou um pouco com o homem, por ter se aproximado dela e por estar se esforçando em ser simpático. Não o suficiente para começar a gostar dele, mas o suficiente para aceitar sua presença sem fazer uma total cara feia. E ela estava fingindo que isso nada tinha a ver com o fato dele estar sem camisa, exibindo um poderoso peitoral, ao qual ela não queria confessar que estivera olhando. Simpaticamente, com o novo tratado de paz que eles tinham assinado mais cedo, ela tinha arriscado passar protetor solar nas costas do homem, sentindo a rigidez dos músculos bem trabalhados e... Não, ela não podia confessar aquela parte, mas eu conto pra vocês: sua calcinha do biquíni ficara um pouco úmida, mas nada tinha a ver com a água da piscina.

Gustavo permanecera de bermuda e Morena quis lhe avisar que ele ficaria com marcas brancas ridículas em suas pernas, mas preferiu deixar acontecer e rir quando lhe dessem oportunidade. Imaginou, porém, que o moreno de olhos azuis que lhe fazia companhia não planejara ficar à piscina e estava de cueca, não de sunga. Ou talvez tomasse banho de bermuda mesmo, bem brega.

— Estava planejando fazer isso, mesmo — concordou com a sugestão dele.

Que conversa estranha. Que momento estranho. Ela até conseguia entender que estavam em um ambiente quase hostil e estavam se apoiando um no outro, e também entendia que seus hormônios estavam um pouco alterados e a descoberta dos músculos de Gustavo estava mexendo um pouco com ela e ele até estava sendo tragável naquela tarde...

Mas, ainda assim era tudo muito estranho.

Balançando a cabeça negativamente para afastar os pensamentos confusos sobre aquela situação nada usual, Morena se curvou sobre a bolsa que trouxera para a área da piscina com seus pertences. Naquele momento, viu seu celular acender e era uma sorte, visto que ele estava para vibrar e ela nunca teria visto a ligação de outra forma. Sorriu ao ver o nome na bina e seu coração já se encheu de saudades da sua melhor amiga e companheira de todas as horas.

— Ali, meu amor! — Atendeu, toda fofa.

Pôde ouvir o deboche na risada abafada de Gustavo e percebeu: lá estava! O encanto da estranheza tinha se acabado e o mundo estava prestes a voltar aos eixos com mais discussões dos dois.

“Oi, Mô!” Podia ouvir o sorriso na voz da amiga, refletindo o seu próprio. “*Como estão as coisas aí?*”

— Estou na beira de uma piscina, tomando sol e bebendo uma caipifruta de morango deliciosa — mentiu um pouco. A caipifruta tinha acabado há alguns minutos e isso fez Gustavo soltar uma nova risada.

Morena olhou para o homem de rabo de olho, com seu olhar fatal de reprimenda. Ele engoliu a seco, mas cerrou os olhos em direção à ela de uma maneira cômica que a fez apertar os lábios para não soltar uma gargalhada.

Universo: o que estava acontecendo?

“Ai, *que inveja, sua ridícula!*” Morena pôde rir da amiga, aproveitando para também rir da careta de Gustavo. “A gente ainda tá aqui trabalhando”. Ela fez uma leve pausa, respirando fundo. “*Você sabe onde tá o Gustavo? A gente queria falar com vocês dois juntos*”.

Desde quando sua melhor amiga ligava para falar com Gustavo? Ela fechou o rosto em uma careta ciumenta nada agradável. Que história era aquela?

— Ele tá aqui — disse.

Houve um silêncio do outro lado da linha por alguns segundos. Gustavo, ao seu lado, reparou que estavam falando dele e começou a prestar mais atenção na conversa.

“*Aí, com você?*” Alícia parecia horrorizada com a ideia. “*Na piscina?*”

Morena já estava arrependida de ter dito qualquer coisa.
— É... — Murmurou.

“E está todo mundo vivo? O que aconteceu?”

Alícia estava dividida entre o horror e a graça, mas já segurava o riso por conta da resposta monossilábica de morena anteriormente.

— Eu também não sei — Morena finalmente riu. A situação era engraçada mesmo. Os dois estavam procurando um meio de se dar bem, mesmo que a pior ideia de passar umas férias fosse junto um com o outro.

“Bom... Coloca no viva-voz que eu preciso falar uma coisa com vocês?”

Morena concordou rapidamente e logo apertou o botão do viva-voz da ligação. Gustavo se aproximou ainda mais dela, levantando-se de sua espreguiçadeira e Morena, um pouco a contragosto, deu espaço para que ele sentasse ao seu lado. As peles expostas de suas costas se encontraram sem querer e ela arregalou os olhos ao sentir um calafrio gostoso.

Que porra era aquela?

Antes que ela pudesse encontrar uma resposta, Alícia começou a resumir um contrato que a UCBH acabara de fechar com o governo e seu queixo começou a cair enquanto ela lhe dava os detalhes cada vez mais estupendos do negócio. Na hora, sua cabeça começou a ferver de ideias — ideias diferentes das que ela costumava ter. Ideias mais juvenis e mais coloridas, do que ela gostaria que tivesse em sua sala de aula quando mais nova.

Gustavo, ao seu lado, estava tão apaixonado quanto.

Pelo projeto. Só para constar.

— Eu... — Ele não conseguia nem formular uma frase. — Nossa, como eu queria estar trabalhando nisso agora.

— Eu também! — Morena concordou. — Consigo ver tudo. — E se a gente fizesse tudo baseado em alguma profissão? Uma sala do carpinteiro, outra do aviador...?

— Isso é interessante. Estava pensando em uma biblioteca virtual, com tablets e pufes confortáveis para leitura.

— E se a gente...

“Ei! Vocês estão de férias!” Alícia riu da empolgação imediata dos dois e anotou mentalmente as ideias geniais de ambos. *“Olha, gente, algo que eles queriam fazer juntos!”*

Puderam ouvir as risadas dos amigos ao fundo e algumas zoações, que os fizeram ficar com muita inveja. Fizeram careta e logo se despediram de

Alícia, que tinha que voltar ao trabalho. Se encararam com expressões desanimadas.

Aquele era um ponto em comum, um dos poucos, que tinham: ambos amavam seu trabalho. E, com certeza, preferiam estar com seus papéis e ideias do que em uma piscina, no sol.

Era muita má sorte.

— Bom... Ao menos tem aquela festa daqui a pouco — Gustavo ponderou. — Dá pra se distrair.

— É, pode ser — Morena respondeu de má vontade, dando de ombros. — Vou tomar um banho.

E sem dizer mais nada, ignorando todo o progresso que os dois fizeram naquela tarde, levantou-se, recolhendo suas coisas e deixou um Gustavo bicudo a admirar suas pernas caminhando para cada vez mais longe dele.



Ele não sabia que merda de ideia fora aquela de aceitar fazer uma festa de aniversário tão em cima da hora sem nenhuma preparação. Ele deveria ter pensado que algum passageiro faria aniversário durante a viagem e ter feito um plano de emergência para tal coisa, mas o pensamento não lhe ocorreu antes. E, agora, para agradar e causar boa impressão, ele ainda tivera audácia de fazer algo grandioso, para todos os passageiros. Podia ter mandado fazer um bolo, dava para a garota e pronto.

A garota ainda tinha sugerido algo simples, só para os amigos dela. Ele poderia ter fechado uma sala, enfiava os amigos lá dentro e pronto. Mas, não... A bela negra tinha batido seus longos cílios em sua direção, contado uma história triste de infância e, no segundo seguinte, Felipe estava disposto a dar o mundo de bandeja para ela. Claro, o mundo não era possível, mas fazer a maior festa daquele barco... Bom, isso ele conseguia.

E lá estava ele tentando coordenar a bendita festa, realizada em cima da hora, com a mais absoluta perfeição para que a doce Carolina ficasse feliz. Ele não suportaria ver seus longos cílios pesados de lágrimas escondidas pelos seus olhos escuros.

O restaurante já estava quase pronto quando ele alcançou o maior aposento do barco. Por sorte do destino, Felipe tinha contratado ótimo, maravilhosos funcionários que, ao contrário da guia que lhe arrumaram, faziam tudo que ele pedia com o maior nível de qualidade possível. Gente boníssima.

— Gente, como andam as coisas? — Ele não sabia exatamente porque estava perguntando aquilo. Estava tudo indo muito bem, claramente.

Os funcionários no salão agora aberto encararam Felipe com sorrisos admiratórios. Por enquanto, todos adoravam ele, mas sabia que ao decorrer da viagem, alguns passariam a odiá-lo como chefe. Ele sabia ser bem chato e cobrava bastante, então era o esperado. Ele sabia.

— Tudo em ordem e bem encaminhado, chefe! — Um deles, prestativo e puxa-saco, declarou. — Só falta terminar a mesa e arrumar a pista de dança, mas logo tá tudo pronto.

Havia um grupo concentrado em colocar enfeites no teto, em cima de escadas, com sempre duas pessoas segurando em baixo, visto que o balanço do barco poderia provocar um acidente grave. Outro grupo preparava uma grande mesa que serviria para colocar o bolo e os doces que estavam sendo preparados na cozinha. No meio do salão, outro grupo forrava um gigantesco

tapete que serviria de pista de dança nas próximas horas, convidando aos que preferiam a área interna do barco.

Felipe preferia que todos os passageiros ficassem na área interna do barco, mas Maria Eduarda insistira que tinha que liberar a área externa. Ele se preocupou com quem bebesse demais e possíveis acidentes, mas a loira apenas declarou que ele se preocupava demais. Decidiram um meio termo, porém, no qual todos os que estivessem do lado de fora deveriam colocar um colete salva-vidas obrigatoriamente. A garota não ficou muito satisfeita com a colocação, mas era o ponto que haviam encontrado em comum, então se seguraram nele.

Como se percebesse seus pensamentos raivosos em sua direção, Maria Eduarda entrou no aposento, olhando tudo como uma criança curiosa, fazendo um círculo ao redor de si mesma e a boca aberta na mais pura satisfação.

— Nossa, tá ficando muito legal! — Ela declarou, com um sorriso. — Parabéns, gente!

Ah, agora a loira era o clichê de líder de torcida e ficaria dizendo palavras de incentivo para os trabalhadores? Como se eles se importassem! Felipe rangeu e rangeu ainda mais ao ver alguns de seus contratados fazerem sinais de concordância e agradecimento para a loira. *Ótimo.* Agora todos adoravam ela e odiariam ele.

— Ainda não está pronto — foi o que ele se dignou a dizer. — Falta a pista de dança, o bolo e os doces.

— Ah, então eu vou na cozinha ver o que tem por lá e você fica inspecionando a pista — ela declarou.

Ele estava prestes a dizer que não recebia ordens da loira mimada, mas ela marchou em direção à cozinha, decidida em fazer aquela tarefa. Decidiu que era melhor se calar enquanto estava ganhando; Maria Eduarda estava esforçada em trabalhar naquele dia, então, embora ela escolhesse suas próprias tarefas, era melhor do que ele fazendo tudo sozinho, certamente. Deixou-a, então, em paz.

— Vocês não tem nada em amarelo? — Perguntou aos funcionários. — Tenho quase certeza que a Carolina adora amarelo. Já a vi duas vezes com roupa amarela.

Houve um leve entreolhar entre alguns funcionários e Felipe declarou que o ódio já estava começando, internalizado por aqueles que percebiam suas exigências quase sobre-humanas.

— Acho que deve ter... Uma toalha de mesa? — Jana se aproximou,

sem saber exatamente se poderia ajudar. — Eu acho que vi uma em uma das caixas da despensa, mas nós não estamos usando as toalhas, então não tenho certeza.

— Pode conferir pra mim, Jana? — Perguntei. Ela, contente em ajudar, concordou com a cabeça. — A decoração externa já foi começada?

— Não — Um rapaz respondeu. Felipe vasculhou na mente por seu nome... Marlon. — Estamos terminando aqui e vamos lá para fora. A piscina ainda está lotada, então estamos esperando diminuir o fluxo.

— Ótimo, ótimo — Felipe concordou, satisfeito. — Alguém checou a quantidade de bebida gelada? Pra ver se precisa buscar mais no depósito?

O silêncio e os murmúrios de não foram sua resposta. Ele suspirou — claro que não podia esperar que tudo estivesse perfeito sem a sua jurisdição. Mas já estava ótimo, eles ganhavam uma nota nove.

— Bom, continuem por aqui que eu vou resolver isso, então — disse. — Marlon, se lá fora não estiver vazio ainda, avisa que vocês precisam fazer manutenção externa e manda o pessoal para dentro se arrumar.

O garoto arregalou os olhos levemente ao perceber que Felipe sabia seu nome, estufou o peito de orgulho pelo mesmo motivo e por ter sido incumbido de uma tarefa direta e concordou com a cabeça.

Abandonou, então, a salão do restaurante, procurando a portinhola que levava à cozinha. Esperava encontrar Maria Eduarda e pedir que ela revisasse as bebidas enquanto ele se sentava para jantar; seu estômago estava roncando já que ele pouco comera o dia inteiro e ele não pretendia desmaiar de fome no meio da organização da festa de Carolina.

Porém, ao contrário do que esperava — e se sentiu um pouco bobo por achar que Maria Eduarda faria exatamente o que dizia fazer, encontrou a loira sentada sobre uma bancada, com um prato cheio de batata-palha em suas mãos; o bolo de Carolina estava ao seu lado e o cozinheiro estava confeitando com cuidado enquanto os dois conversavam animadamente.

— Maria — Felipe chamou, tentando controlar a raiva na voz.

A garota arregalou os olhos e pulou da bancada rapidamente, quase arrancando um pedaço do glacê, arrancando um leve grito de susto do cozinheiro. Ela abandonou o prato na bancada e se aproximou de Felipe com um sorriso discreto.

— Estava esperando ele terminar o bolo para levar lá para fora — tentou se justificar. — Os doces estão todos prontos para servir. É só começar a festa! — animou-se.

Felipe não estava nem um pouco animado, estava cansado e com fome, parecendo apático ao lado da loira, que estava a mil por hora. Não esboçou qualquer reação ao momento de animação dela, o que a fez voltar a postura séria anterior. Seu discurso, porém, parecia plausível e, portanto, resolveu não se estressar com ela.

Por enquanto.

Resolveu, de última hora, que misturar aquela animação e a vontade que Maria Eduarda tinha de enrolar os serviços com a contagem e conferência das bebidas alcóolicas... Bom, seria, no mínimo, uma péssima ideia. Ela sempre poderia ficar entediada, filar algumas latas e acabar bêbada nos momentos finais de arrumação, quando todo mundo da equipe era extremamente importante. Apesar de Maria Eduarda ser dispersa e tivesse tendências a fugir de seus compromissos, Felipe já descobrira que a loira tinha ideias nem um pouco comuns, o que com certeza ajudavam em organizações de eventos.

Encarou o bolo e percebeu que não tinha velas.

E não tinha porque ele não sabia quantos anos Carolina faria.

— Preciso que você ache a aniversariante — improvisou a nova tarefa para a loira. — Ela é negra, cabelos enrolados e cheios, cílios longos. Pergunte por ela, Carolina é o nome. Você vai achar.

Maria Eduarda encarou-o na esperança que ele estivesse de brincadeira, mas apenas soltou um suspiro quando percebeu que não, ele não estava. Mordeu o lábio e olhou para os lados, perdida, na esperança de que qualquer ajuda caísse do céu. Acabou, por então, sair da cozinha sem reclamar, deixando Felipe e sua fome para trás, em busca da aniversariante do dia.

Felipe soltou um longo suspiro aliviado e outro logo a seguir quando Jana entrou na cozinha carregando uma toalha amarela. Ele lhe ofereceu alguns elogios e a encaminhou para a contagem de bebidas, enquanto se sentava ao lado do bolo, no lugar que Maria Eduarda havia deixado livre, sobre o olhar divertido do cozinheiro.

Em suas mãos ficara o prato de batata palha, que ele se pôs a devorar.

Aquelas pequenas batatinhas teriam que ser alimento o suficiente por hora.



Era um bate-bate de madeira, um barulho ensurdecador que, se Carolina fosse só um pouquinho mais irritada com a vida, teria já gritado e se estressado, mas não ela. Ela tinha se recolhido ao cantinho, enquanto seus amigos e namorado se divertiam à custa de um pebolim, gargalhando e discutindo, deixando-a com um chapéu de aniversário na cabeça, um copo de refrigerante em mãos e uma expressão de leve desagrado no rosto.

Carolina era fofa demais para brigar e reclamar a falta de atenção dos amigos; ainda mais quando eles eram colegas de trabalho há tantos anos e ela tinha chegado depois. Inclusive, para agradá-los, dissera que tudo bem ficarem ao redor do pebolim. Ela ficaria bem. Certamente não estava bem.

Carolina não gostava de admitir, mas adorava ser o centro das atenções, ter gente cuidando dela e se preocupando com ela. Abraçando, beijando, elogiando... Aquele era pra ser seu dia de princesa, o dia em que o mundo todo deveria lhe reverenciar e lhe trazer presentes e doces...

Mas lá estavam, as pessoas mais próximas da sua vida, ignorando sua presença e o seu dia por causa de um jogo de pebolim. Gritavam um com os outros, riam, derrubavam cerveja e refrigerante... E Carolina ignorada no canto.

Ela não queria reclamar. Eles tinham sido legais até aquele presente momento. Tinham lhe abraçado, cantado parabéns, rido dela... Todos, menos... Bom, Antônio. Ele lhe dera um tapinha nas costas e um selinho e bastava.

E negra queria entender qual era o problema dele e porque ele não estava sendo tão legal quanto era antes, mas não conseguia ver nada além dos olhos castanhos do homem, aos quais ele não estava nem encarando-a mais direito, fugindo, negando suas conversas e evitando sua presença. Nem um parabéns decente ele fora capaz de lhe dar.

Será que ela ainda podia chamá-lo de namorado?

Achava que não e a revelação lhe fez sentir a garganta se fechando e os olhos comichando levemente, formando grossas lágrimas por detrás dos seus longos cílios.

Levantou a cabeça e disse que não ia chorar em seu aniversário — Antônio não merecia suas lágrimas, muito menos em seu dia de princesa.

Acabou se trancando no banheiro mais próximo dois minutos depois, porque as lágrimas não queriam obedecer seu comando e caíram

despretensiosamente da mesma maneira.

Se tinha uma coisa que Carolina não gostava e gostaria de mudar em si era sua facilidade de exhibir suas emoções de forma transparente, e chorar. Se ofendia por pouco ou quase nada com frequência, se magoava e esperava demais dos outros. Se sentia uma otária completa por se doar, ajudar, oferecer o melhor de si para agradar as pessoas de quem gostava e ver zero esforço deles devolverem a mesma graça.

Ela não queria dizer não, mas apostava que tinha algo a ver com as estrelas. Porque tinha nascido sob o signo de peixes e os astros a fizeram assim, um pouco desastrada, desatenta, altruísta, emotiva e trouxa.

Trouxa em primeiro lugar, ela achava.

Odiava se sentir assim, não apreciada. Era o seu aniversário, poxa. Alguém tinha que ficar adornando ela o dia inteiro.

Limpou as lágrimas chateadas, respirou fundo e checkou se não havia mais nada nenhum vestígio do seu leve ataque emocional por conta do descaso do seu (talvez não) namorado e amigos. Arrumou os cachos, ajeitando-os no penteado improvisado daquela manhã para parecer minimamente bonita em seu aniversário, e saiu do banheiro de cabeça erguida. Se dependesse dela, ninguém saberia daquele momento de fraqueza e ela agiria como se nada tivesse acontecido.

Voltou para a sala onde os amigos estavam e surpreendeu-se com os mesmos longe da mesa de pebolim, alguns com os celulares em mãos e expressões preocupadas.

— Carol! — Verônica exclamou. Tiago e Marcelo também suspiraram aliviados, mas Antônio estava tentando uma conversa amigável com uma garota loira, ao qual Carolina revirou os olhos. — A Eduarda estava te procurando!

A pequena Carol não sabia quem era Eduarda e, então, franziu a testa para aquela declaração que só a deixara mais confusa. Percebeu, então, com um pouco de lentidão, que a loira tinha respondido ao ouvir seu nome e se despedia de Antônio para falar com ela. Antônio tentou lhe dar um beijo na boca, ao qual Eduarda riu e virou o rosto, dividida entre franzir as sobrancelhas e arregalar os olhos para o comportamento esquisito do homem.

Maria Eduarda se afastou com uma velocidade impressionante de Antônio — não que ele não fosse feio, era bem bonito, embora fosse um pouco invasivo e esquisito. Porém, ela não estava muito a fim de arrumar outra confusão com Felipe e preferia focar seus esforços em Gustavo porque aquele homem, sim, valia uma bronca. Valia até umas cinco broncas, de

acordo com ela.

Aproximou-se de Carolina enquanto os outros quatro voltavam ao pebolim e uma nova partida se iniciava. A garota negra de cabelos armados e lindos sentou-se no canto, recolhendo um copo de refrigerante que estava ali e Maria Eduarda sentou-se ao seu lado.

Madu podia ter vários defeitos, mas conhecia pessoas. Conhecia anseios, expressões, sentimentos... E aquela garota não estava nem um pouco feliz. E era seu aniversário, oras bolas. Devia estar bêbada dançando Britney Spears em cima de um bar.

— Oi, eu sou a guia de turismo — Maria Eduarda se apresentou, sentando-se ao lado dela e se servindo do refrigerante que estava na mesa ao lado, quente, mas serviria para tirar o gosto de batata palha da sua boca.

— Eu sei — Carol disse. — Nos conhecemos quando cheguei ao barco.

— Bom, você vai ter que me desculpar por não me lembrar de você, foram muitas pessoas naquele dia e virou uma grande confusão na minha cabeça — Madu riu e Carolina a acompanhou, um pouco tímida. — Felipe me pediu pra vir aqui pra saber sua idade.

— 21... Não. 22 agora. — Carolina riu.

— Também fiz 22 há umas semanas! — Maria Eduarda disse animada, com um sorriso. Talvez precisasse de uma amiga naquele barco e a doce Carolina parecia precisar de uma também. — Vou mandar mensagem pra ele. Seu bolo está quase pronto.

— Ele vai mesmo fazer a minha festa? — Ela parecia um pouco chocada, um pouco animada e muito confusa.

Céus, Maria Eduarda pensou. Felipe tinha fechado o barco para fazer uma festa e esqueceu de comunicar a aniversariante? A pobre garota levaria um susto quando visse tudo que estava sendo preparado. E se ela não tivesse algo legal o suficiente para vestir? Iria morrer de vergonha e nem teria tempo para encontrar algo melhor.

Homens eram tão simplistas.

— Ele tá fazendo uma puta festa pra você — Madu riu, vendo os olhos de Carolina se arregalarem em surpresa total.

Maria Eduarda revirou os olhos ao constatar que a garota não sabia o tamanho da festa que estava vindo. Percebeu, então, que precisaria ajudá-la de alguma forma, antes que fosse tarde demais e o dia inteiro se estragasse por conta daquela furada de Felipe. Pegou o celular e mandou uma mensagem

para o negro com apenas o número “22”.

— Caramba! — Ela ainda parecia um pouco chocada, mas de um jeito triste.

Carolina queria parecer mais animada do que estava, mas o dia não estava indo muito bem até o presente momento. Com a sua sorte, a festa seria um fiasco total e apareceriam só umas dez pessoas, dentre esses, sete seriam gente servindo coisas. Arriscou uma olhada para os amigos, distraídos em seu jogo de pebolim e soltou um suspiro cansado, demorando o olhar em Antônio, sem saber em que pé estavam e nem o motivo pelo qual ele estava lhe tratando com tanta indiferença.

Maria Eduarda reparou no suspiro triste da garota e, perceptiva, acompanhou seu olhar até descobrir o motivo pelo desânimo da garota. Ai, não, pensou. Estava claro que Carol nutria sentimentos por Antônio, o que com certeza era um desastre. Não só por ele ter quase beijado Maria Eduarda na frente dele há alguns minutos, mas também pela maneira que ele agia. Nenhuma garota deveria se apaixonar por aquele tipo de cafajeste. Ele era daquele tipo que a gente beijava bêbada na balada só porque era gostoso e nunca mais ligava — e se ele aparecesse depois, fugia para as montanhas.

Ela tinha que fazer alguma coisa sobre.

— Sabe — Madu chamou a atenção de Carolina para si, sem se conter em tentar lhe dizer algo que a fizesse desencanar daquele homem imbecil. — Alguns caras simplesmente não valem a pena — Carolina arregalou os olhos para a loira por ela ler o problema também. — Não valem nosso tempo.

— Eu... Eu... — Gaguejou, analisando as palavras da loira. Seu primeiro pensamento foi que ela queria lhe tirar da jogada para atacar Antônio, mas porque tinha fugido do beijo dele, então? Concluiu que as palavras dela deveriam ser legítimas. — Obrigada.

Maria Eduarda abriu um sorriso sincero ao qual foi correspondido por um tímido e desajeitado sorriso de Carolina.

— Não por isso — Maria Eduarda respondeu. — Agora vem comigo, por favor. Vou te colocar no vestido mais bonito desse navio e todos os pretendentes possíveis desse lugar vão cair aos seus pés. Hoje, você vai ser uma princesa!

Maria Eduarda riu, se levantando, não vendo o faiscar de brilho encantado que Carolina lhe lançou, contente demais com a realização do seu desejo para se pôr em palavras.



— Eu acho que a gente devia substituir todas as televisões dos quartos — Otávio saiu do banheiro, conversando com sua esposa sobre os problemas da pensão, em mais um dia comum e cansativo de trabalho. Não importava se era inverno ou verão, a pousada ficava cheia por conta da boa localização na cidade histórica e, se era férias, não sobravam vagas e as reservas estavam sempre tão acumuladas que ele tinha medo de Branca marcar uma a mais e alguém ficar sem quarto.

Não que Márcia não tivesse um plano B para aquela situação — o quarto de Morena estava sempre intocável, como um santuário para a filha mais velha e, se necessário, poderiam usá-lo como último recurso. Nunca tinha acontecido, porém.

— Já disse, meu velho — Márcia estava com um sorriso doce, os óculos no rosto, enquanto tentava concluir sua leitura recreativa embaixo das reclamações do marido por não aguentar mais consertar TVs velhas. — Se comprarmos televisões novas para todos os quartos, não vamos ter lucro nenhum nessas férias. Isso se não tivermos prejuízo.

Márcia já falara aquilo para o marido várias vezes e, embora ele compreendesse, o excesso de trabalho provocado pelas televisões velhas, o fazia continuar insistindo na ideia, na esperança de convencê-la ou arrumar um jeito — qualquer jeito — de resolver aquele problema que tanto o cansava.

— E se a gente comprar aos poucos? Umas três TVs por mês e cobramos diferencial pelos quartos com as televisões melhores — sugeriu, e Márcia soube que ele estava pensando naquilo há um bom tempo. Marcou o livro e fechou-o sobre as pernas. — Aposentamos os aparelhos piores e vamos trocando aos poucos.

— É uma boa ideia, meu velho — Márcia concordou. — Mas temos que lembrar que essa é a pior época do ano pra fazer isso. Branca está começando o terceiro ano e tem um monte de material pra comprar.

Otávio estalou a língua e deitou-se ao lado da esposa na cama, se cobrindo. O ar condicionado do quarto deles era bem potente, ficando muito frio durante as madrugadas, o que faziam os dois dormirem abraçadinhos — e ele adorava. Por isso, e só por isso, ignorava os constantes pedidos de Márcia para aumentar a temperatura do aparelho, fingindo que tinha esquecido.

Ele estava deitado e a esposa permanecia sentada, com o livro no colo. Franziu a testa, vendo-a passar a mão direita pelo peito, apertando-o de forma

esquisita.

— Vai continuar a ler? — Perguntou.

A luz do abajur ainda estava acesa e Márcia não fez nenhuma menção à se movimentar para deitar ao lado do marido, que a encarava com dúvida nos olhos. Ela tirou os olhos com a mão que não esfregava o colo e encarou a parede na sua frente com o olhar perdido. Otávio sentou-se na cama rapidamente e se pôs à frente da mulher preocupado.

— Tá tudo bem, Má? — Perguntou, suas mãos em seus braços, sacudindo-a, levemente.

Márcia levantou os olhos e sorriu de forma um pouco triste, respirando fundo. A sensação que tinha era estarrecedora e dolorosa, embora não soubesse exatamente o que era. Porém, seu marido era um fofo, sempre atencioso e preocupado com seu bem estar, como se ela fosse quebrar por qualquer descuido dele.

— Estou apenas um pouco preocupado com a nossa filha — confessou. Viu a dúvida nos olhos do marido e continuou. — Morena, Tá. Tô com um pressentimento ruim sobre ela. Não sei o que é.

Otávio relaxou e sorriu, voltando ao seu lugar da cama. Puxou a esposa para um abraço e ela afundou o rosto em seu peito, respirando fundo para se acalmar.

— Bobagem, Má — ele sorriu. — A garota tá curtindo a vida. Mandou uma mensagem pra mim mais cedo, tava no maior piscinão, muito linda nossa filha. Puxou você, claro.

Márcia riu porque, obviamente, a única coisa que Morena tinha tanto dela quanto do marido. Era o melhor dos dois, e tinha realmente saído uma beldade. A filha dos dois poderia ter sido modelo, se quisesse, mas a bichinha arretada enfiou a cara nos livros e mostrou sua genialidade ao mundo. Porém, Márcia ainda sentia aquele aperto no peito de que algo estava errado.

— Não sei não, Tá — confessou. — A última vez que eu me senti assim foi quando a Branca estourou o apêndice na escola.

Lembrava-se como se fosse ontem. Branca tinha apenas 13 anos, Márcia estava trabalhando na pousada e seu coração se apertou do nada, sem que ela pudesse entender o que estava acontecendo. Preocupada, ligou para Otávio para saber como ele estava — tinha saído para fazer comprar para abastecer a dispensa da pousada e ele lhe afirmou que estava bem. Morena estava no trabalho e elas tinham acabado de se falar na hora do almoço da filha mais velha, mas Branca... Seu telefone tocou e ela recebeu a notícia,

antes de sair em disparada para o hospital para onde a escola mandara a garota.

— Pois aí é que está — Otávio disse. — Você devia estar preocupado é com Branca, que quase reprovou no ano passado por causa das faltas dela.

— Como? — Márcia estava horrorizada. Como ela nunca soubera daquilo.

— Ih, eu não te falei não? — Otávio coçou a cabeça quase careta. Márcia quis matá-lo. Tinha ficado responsável de comparecer nas reuniões da filha no ano anterior porque Márcia estava atolada com a administração da pousada. E toda vez que ela lhe perguntava, ele dizia que tudo tinha ido muito bem. — Então... Ela tava faltando muito e tudo mais...

— Essa menina vai fazer vestibular esse ano, a gente não pode deixar ela jogar o futuro dela fora, Tá — Márcia já tinha mudado o foco para filha mais nova e a preocupação sobressaiu ao pressentimento. — Morena já disse que tem espaço na casa dela caso Branca queira fazer faculdade em Belrizonte. Olha essa facilidade, Otávio. E ela falta a escola e você não me fala nada? Nada? Você ao menos brigou com ela? Conversou com ela?

Otávio continuava coçando a cabeça. Brigar com as filhas pelo seu comportamento não era bem o seu forte. Ele gostava de dar abraços e doces. Brigar não.

Branca tinha dito que não faria mais. Isso lhe fora o suficiente, exceto que continuou fazendo mais.

Mas espere...

— Os boletins dela estavam assinados por você — Otávio reclamou. — Eles me mostraram. Todos assinados, com as faltas e as notas dela que, vamos combinar, não estavam muito boas.

— Mas o quê? — Márcia não era muito de perder a razão, mas aquela situação toda estava deixando-a tonta e desesperada. Como ela e Otávio nunca tinham conversado sobre aquilo? Um ano inteiro se passara sem que ela tivesse conhecimento do problema? — Eu não assinei nada, Tá! Como isso?

— Ah, não! — Otávio reclamou, percebendo o desespero da mulher e encontrando o motivo logo depois. — Ela falsificou as assinaturas? E me enganou? Eu fiquei quieto porque ela disse que não faria mais, mas acabou quase reprovando mesmo assim...

— Tá, isso não pode acontecer mais... — Márcia não sabia exatamente o que fazer, Morena sempre estava animada para ir à escola e

aprender mais, então aquele não era bem um problema ao qual ela estava acostumada. — Ela acha que enganou a gente... Então a gente tem que enganar ela.

— Como assim? — Otávio não gostava muito da ideia de ter que enganar sua princesa não.

— A gente vai ter que descobrir porque que ela tá faltando tanto às aulas — disse. — A escola começa e a gente vai ter que ficar de olho pra saber se ela vai ou não e, se não for, o que ela faz. Descobrir qual é o problema e cortar o mal pela raiz antes que isso se agrave. Esse ano é muito importante pra ela, a gente não pode deixar ela solta de novo não!

Márcia tinha medo. Estava apavorada que fosse algum namoradinho que estivesse atrapalhando Branca. Os hormônios naquela idade eram impossíveis, ela bem lembrava, e não queria ter que quebrar o coração da filha para que ela conseguisse garantir seu futuro. E também tinha medo que ela não estivesse se cuidando, o que poderia gerar uma gravidez indesejada e ela não queria nem ver o quão complicado aquilo seria para todos.

— Desculpa, Má — Otávio murmurou ao ver o desespero da mulher. — Eu não quis te preocupar com bobagem. Achei que era só uma fase dela e logo ia passar. Então deixei, né, você sabe como são as adolescentes. Morena era insuportável nessa época.

— Morena era insuportável porque estava obcecada em estudar enquanto a gente precisava dela trabalhando. E ela achava injusto e estava certa. — Márcia defendeu a filha mais velha. — E agora que a gente pode se dar ao luxo de contratar alguém para Branca ter mais tempo de estudar, ela está jogando tudo fora matando aulas.

Otávio engoliu a seco vendo o quão certa estava a mulher. Ele não queria admitir que a filha estava errada, mas não tinha mais como defender Branca. Porém, algo em seu interior dizia que ele sabia mais ou menos qual era o problema da distração da garota. Afinal, já tinha sentido alguns cheiros estranhos e fortes ao passar perto da filha.

Não que ele fosse dizer isso para a esposa. Ao menos não por enquanto.



A festa daquela noite parecia que ia ser bem animada e Gustavo estava planejando tentar conhecer algumas pessoas legais enquanto estivessem bêbadas — e de preferência gente da Under Constrution que não viria com papinhos de comparação ou propostas de emprego para ele. Sua ideia era se misturar e fingir que as pessoas não olhavam para ele de forma esquisita, como se estivessem analisando cada centímetro dele para saber como ele pensava.

A música estava tocando já alta e ele sorria e se balançava, ainda se arrumando. Pretendia tentar encontrar Maria Eduarda, já que a loira sumira pelos últimos dias e ele imaginava que estaria trabalhando de forma incansável no navio — o que o fez admirá-la ainda mais. Naquela noite, porém imaginava que todos iriam se divertir e ele a arrastaria para uma cabine vazia e concluiria o amasso de alguns dias atrás, porque já não estava aguentando mais aquela tensão que a loira iniciara.

Porém, ele não podia negar, mas nunca assumiria: fora Morena que elevara os níveis de tesão em seu corpo ao limite naquela tarde, com toda aquela pele macia e brilhosa e aquelas curvas pecaminosas, além dos quilômetros de pernas expostas que, por muito pouco e só porque Gustavo tinha muito controle, não tinha acordado sua ereção.

Não se orgulhava de ter se masturbado no banheiro, mas o que mais ele podia fazer quando todas as mulheres bonitas do mundo não pareciam dar um mínimo de bola para ele? Poxa, ele era um cara legal. E bonito. E charmoso. E inteligente.

E rico, vamos também mencionar.

Terminou de pentear o cabelo de forma displicente e resolveu passar o perfume que tinha se dignado a colocar dentro da mala antes de sair de casa. Ele sempre esquecia de usá-lo e, por isso, não o fazia com frequência, mas gostava de receber elogios de que estava cheiroso e pretendia receber um desses de Maria Eduarda. Por isso, e só por isso, resolveu colocá-lo antes de sair.

Marchou para a porta do quarto e saiu para o corredor, trancando a cabine e guardando a chave no bolso. Do lado de fora do aposento, a música parecia ainda mais alta e ecoava por todo o navio. Havia outros passageiros saindo dos seus aposentos para a festa e cumprimentaram-no animadamente enquanto isso.

— Festa! — Alguém gritou, no corredor.

Gustavo riu, balançando a cabeça negativamente. Tinha conhecimento que a maior parte do pessoal, seja pelo trabalho pesado ou pela idade já avançada, casamento, filhos... Não tinha o costume de curtir festas, baladas e bebedeiras sem fim. Estava com medo de aquela festa acabar se tornando um chá da tarde com todo aquele pessoal não-festeiro, mas resolveu arriscar. Chá da tarde, apesar de ser chato, ainda era melhor do que ficar trancado no seu quarto, jogando uma bolinha de lã para o alto como um gato. *Que ele era.*

— Cala a boca, Manoel — alguém gritou para o homem.

Gustavo ouviu um tapa e viu um cara dando petelecos na cabeça do outro, ambos já começando a ficar grisalhos. Riu e balançou a cabeça negativamente, com medo do fiasco.

Rindo, como uma procissão animada e estranha, caminharam em direção ao som alto, encontrando o restaurante todo mudado e alterado para comportar o ambiente principal da festa.

A luz estava mínima como em uma boate e o único foco de luz ia para a mesa, onde havia bolo e docinhos. Na parede atrás, lia-se “*Feliz aniversário, Carolina*” em uma faixa em tons de amarelo.

— Ótimo — murmurou para si mesmo. — É uma festa de aniversário e eu nem comprei um presente.

Não fazia ideia de quem era a aniversariante, porém, e achava que isso lhe isentava de ter que lhe dar um presente.

O ambiente escuro tinha animado as pessoas. E embora boa parte da galera do barco não estivesse mais acostumada com a vida de sair, curtir, se divertir, tinham aproveitado aquela noite para isso. No meio do ambiente, havia uma pista de dança iluminada por feixes de luz coloridas, refletidas em um globo de espelhos.

Gustavo se sentiu rapidamente deslocado e tentou conter os olhos, mas passou-os pelo ambiente na procura de Morena. Uma discussão com a mulher ao menos era uma conversa para se distrair enquanto não conseguia encontrar algo melhor para fazer. Aliás... Morena e ele não tinham discutido muito naquela tarde, o que era deveras estranho, mas ele tinha que confessar que fora agradável. E a forma com eles concordaram com o projeto, mesmo que não estivessem nele, fez com que ele olhasse para a mulher em choque. Não brigaram, as ideias se encaixaram como uma luva e ele conseguia ver aquilo dando certo.

Sacudiu a cabeça. Com certeza tinha algum efeito estranho nas curvas daquela mulher que o fizera cair de quatro e pronto. As vezes era ele que estava retraindo e não eles que encontravam um ponto em comum.

Ao invés de procurar Morena, então, pôs-se a procurar qualquer pessoa conhecida. O pessoal doido de São Paulo daquele dia no café, alguém que conheceria ou conversara sem lhe oferecer piadinhas ou ofertas de emprego: qualquer pessoa. Qualquer pessoa mesmo.

Não sabia se era a escuridão do ambiente, a confusão de pessoas na pista de dança ou a falta de opções, mas acabou por pegar uma bebida e virar todo o líquido goela abaixo. Bêbado, ele tinha a capacidade de conseguir conversar com as pessoas sem nem notar como começara — não que não fizesse isso sóbrio também, mas...

Ah, ele só queria uma desculpa para encher a cara mesmo e era sempre bom começar ao pisar no ambiente festivo.

E andando para lá e para cá, ele acabou encontrando com quem era sua primeira opção de companhia.

Maria Eduarda, a loira que lhe provocara e saíra correndo, deixando-o para trás porque, aparentemente, ele lhe colocara em uma enrascada, estava perto de uma porta, ao lado da mesa de doces e parecia planejar roubar alguns para si. Gustavo logo se empolgou, atravessando a pista de dança. Estava quase a alcançando quando ela finalmente o viu e lhe esboçou um sorriso.

Capítulo 5

Morena tinha se arrumado até que muito bem para aquela festa; não tanto quando uma premiação ou uma das festas que teve que participar naquele final de temporada, após a entrega do conjunto que rendera tantos louros para ela e Gustavo, mas ainda assim estava muito bem arrumada. Tinha arrumado os cabelos de uma forma diferente, criando certo volume, parecendo uma juba de leão... Só que arrumada, de alguma forma.

A mulher gostava de se vestir bem, tinha um estilo mais recatado na maior parte do tempo, mas quando saía para se divertir, gostava de exibir seus atributos com bastante afinco. Por isso, escolheu o vestido mais provocante que tinha em sua mala, na certeza de conseguir um affair para não perder o verão com falta de sexo.

Não era sempre que ela estava em localidades paradisíacas com tempo para transar bastante, tomar sol e relaxar. Tinha que aproveitar.

Sua praia, porém, não era homens mais velhos. Nada contra quem gostasse, ela só não curtia muito — a maioria deles vivia em outra sintonia da que ela vivia e isso causava muita dor de cabeça. Embora não gostasse muito de admitir, Morena gostava dos meninões, que cresceram, mas continuavam vivendo como crianças, topando qualquer coisa a qualquer hora como uma grande aventura. Era mais fácil para ela sair de um trabalho em uma sexta-feira à noite, ligar para um menino a fim de fazer uma viagem louca e ele topor na hora. Tinha funcionado antes.

E o que mais ela não admitia? Gustavo fazia exatamente o seu tipo. Todo mundo via, sua mãe, sua amiga... Até mesmo Morena conseguia ver, mas não que chegasse a falar aquilo em voz alta.

Não. Gustavo não. Credo. Era sua resposta automática para cada uma das vezes que ela olhou para ele e viu exatamente o tipo de cara de quem gostava.

As brigas e os desentendimentos não a faziam conseguir ver qualquer tipo de relação com Gustavo do mesmo jeito que via uma relação com um cara mais velho: dores de cabeça e muita chatice.

Porém, naquela tarde, ela percebeu que Gustavo não só fazia o seu tipo como também era muito gostoso. Sua mente deu uma embaralhada muito louca e ela acabou se pegando pensando em aproveitar os músculos dele com a língua... Isso alguns momentos antes de negar com a cabeça

veementemente e se chamar de maluca.

Decidiu, porém, caçar naquela noite. Achar um pelo pedaço de homem que a distraísse o suficiente para que Gustavo se mantivesse longe do seu corpo e da sua mente e o mundo continuasse bem no lugar que estava.

Imagine só! Ela e Gustavo. Com certeza provocaria um distúrbio imenso na força com resultados catastróficos. Morena não queria se arriscar.

Ao chegar na festa, porém, a primeira coisa que viu foi *ele*.

Conversando com a loira que os recepcionara na entrada ao transatlântico.

Maldito.

Gustavo tinha conseguido diversão mais rápido que ela (e sem ela, o que também serviria para deixá-la completamente irada) e Morena resolveu que aquela seria uma competição. Queria encontrar diversão bem rápido também e mais diversão ainda.

Ao ver o foco de Gustavo em alguém da equipe do navio, ela se pôs a prestar a atenção nos garçons. Não era que tinham alguns bem bonitinhos? Serviu-se de uma taça de champanhe, jogando charme para o rapaz que segurava a bandeja, que sorriu e lhe deu uma piscadela de olho. Ahá. Pena que estava trabalhando...

Tomou o champanhe em um gole só e logo estava se servindo de outra taça, rumando para a direção oposta. Encontrou o grupo de conhecidos de São Paulo e arregalou os olhos, já querendo sair de fininho antes que Antônio grudasse nela, mas Tiago a viu e acenou. Estavam todos ao redor de Carolina e pareciam se esforçar em mimá-la. A garota estava diferente, ela notou, a sua doçura tinha sido minimizada e ela estava vestida como uma *femme fatale*. Morena teve que apreciar a mudança com um acendo de cabeça.

Antônio logo percebeu a presença de Morena e circundou-a, interessado. Se até o final da noite, Morena não encontrasse alguém mais agradável, Antônio seria útil. Ao menos faria Gustavo ficar realmente irritado, já que os dois tinham se estranhado já.

A ideia de Gustavo irritado fez Morena olhar para Antônio com outros olhos, já realmente interessada em subir ele de onde estava, no final da lista de opções.

Verônica se aproximou e levou o lábio à orelha de Morena.

— É aniversário dela — sussurrou, alertando-a. — Da Carolina.

Ah, ótimo! Morena não sabia onde enfiar a cara. Estava sendo — por

falta de palavra melhor — cortejada pelo caso da garota descaradamente e dera bola por dois segundos.

Arriscou um sorriso amarelo.

— Nossa, parabéns, querida! — Morena se aproximou e envolveu os braços ao redor da menor, que lhe deu uns tapinhas esquisitos nas costas, claramente desconfortável. — Aliás, você está linda!

Carolina se afastou do abraço de Morena com um sorriso nem um pouco agradável e Morena quis se enterrar, mas tentou compartilhar um verdadeiro de retorno. Estava se sentindo um pouco mal pelo desconforto com a garota, mas Antônio parecia querer fugir dela a qualquer custo (não que ele fosse um exemplo de homem educado) e ela continuava se iludindo.

— Obrigada — agradeceu, seca.

Morena deu umas passadas para trás para sentir o braço de Antônio envolver sua cintura de uma forma ridiculamente territorial. Se sentiu mal na hora, mais do que já estava se sentindo, e chegou um pouco para o lado, mais para perto de Verônica, tentando se desvencilhar do homem.

Ok que ela tinha pensado na possibilidade. E ok que ainda não tivesse descartado Antônio 100%, mas ele poderia, por favor, não fazer nada na frente de Carolina? Ela parecia realmente gostar do cara e era seu aniversário, oras bolas. Um pouco de respeito e compaixão não lhe faria nenhum mal.

Aliás, Morena achava que compaixão era tirar Antônio da cola de Carolina. Quanto mais rápido ela desencanasse dele, menos iria sofrer. Parecia adorável e o homem... Bom, ele era um babaca.

Pelo menos era bonito.

Carolina poderia achar um melhor.

Morena também.

Só que Morena estava cega pelo ódio que sentira de Gustavo ao vê-lo com a *loira da prancheta*. Não sabia exatamente o que estava movendo-a, mas a verdade era que... Bom, vou contar aqui pra vocês, mas não explanem: Morena estava morrendo de ciúmes.

Porque por alguns segundos, mesmo que tivesse descartado a possibilidade na hora, ela imaginou que Gustavo poderia ser seu affair de verão. Com aqueles músculos delineados, os braços fortes, o peitoral delicioso e o sorriso de menino sapeca que tinha acabado de fazer uma merda das grandes — e ele sempre tinha acabado de fazer uma merda das grandes mesmo. Imaginou-se passando horas trancado na cabine de um dos dois, descontando a raiva, a frustração e todas as discussões dos dois em roupas

rasgadas e sexo seco, pesado e duro.

Duro.

Duro.

Duro.

Foi a palavra que tirou o chão de Morena e a fez balançar a cabeça negativamente e sair de seu sonho (ou seria pesadelo?). Gustavo e ela não era para ser. Então era melhor que ela achasse outra opção.

Outra opção *melhor*.

Que com certeza não era Antônio e suas mãos bobas e invasivas.

— Bom, pessoal — Morena sorriu, simpática, tentando evitar o desconforto que era ter Antônio querendo aproximar seu corpo ainda mais do dela, na frente de Carolina em seu aniversário. Ufa. Era muito desconforto junto. — Foi muito bom ver vocês, feliz aniversário de novo, Carolina, mas eu preciso... — *Arrumar alguém para transar?* Seu cérebro concluiu. Arregalou os olhos para a bosta que quase proferiu e o cérebro, já um pouco lento por conta do álcool ingerido, voltou ao tópico anterior. — Preciso encontrar Gustavo.

Encontrar Gustavo?

Encontrar Gustavo?

Que bosta Morena tinha na cabeça?

— Ah, que pena — Verônica proferiu e fez-se corar por todos ao redor, inclusive Carolina, querendo parecer educada. — Boa festa pra você.

— Fica mais um pouco — Antônio pediu, segurando-a pelo braço.

Ele desistiu de manter suas mãos no braço de Morena pelo olhar assassino que a mulher lhe lançou. Engoliu a seco e pareceu entender muito bem o recado.

Tire suas patinhas do meu corpo, meu bem. E se planejar colocar de novo sem a minha autorização, é melhor começar a aprender a viver sem pinto.

— Boa festa pra vocês também! — Morena concluiu, animada.

Ao virar as costas para o grupo, seu sorriso simpático sumiu em uma careta de total nojo, pavor e desagrado. Por que toda vez que encontrava com aquele povo, tinha que terminar em desastre total?

Urg.

Pegou duas taças de champanhe do garçom que passara por ali e nem reparou que era o mesmo que ela paquerara apenas alguns minutos antes, ignorando seu leve e discreto galanteio. Estava tão desesperada em esquecer aquele fiasco, vergonha e desagrado que virou uma taça e, depois a outra. Tudo de uma vez.

Só tinha uma maneira de melhorar aquela noite: ficando bêbada. E aquilo daria trabalho porque ela era bem resistente a bebidas.



— Oi, linda, tudo bem? — Gustavo perguntou assim que alcançou a loira.

Já chegou-se para abraçar e ela levou as mãos aos ombros dele, satisfeita de poder tatear aquela rigidez mais um pouco. Gustavo depositou um beijo de cumprimento em sua bochecha, quase no cantinho da boca, e a mulher já conseguia sentir as pernas vacilarem um pouco. Como um homem conseguia ser tão gostoso assim?

— Tá tudo sim — Madu queria cortar os pulsos por terem se encontrado logo quando ela tinha tanto trabalho para fazer. Urg! Precisava anotar o telefone dele em algum momento, ou algo assim. — Gostou da festa?

Gustavo levantou o olhar e encarando toda a decoração e luzes do lugar. Já tinha prestado um pouco de atenção antes, mas não muita... Parecia tudo perfeito em cada mínimo detalhe e acabou por sorrir.

— Bem legal — concordou, soltando-se do abraço de Maria Eduarda, ao que ela quase soltou um muxoxo de desaprovação por tal feito, mas sem se afastar muito da garota. — Eu só não sei quem é Carolina.

Maria Eduarda soltou uma risada contente e espontânea. Só Gustavo para se preocupar que não conhecia a aniversariante em uma festa em um transatlântico de férias. Ela mesma só estaria interessada em *curtir*, se não estivesse com Felipe em sua cola e a obrigando a trabalhar tão intensamente.

Ela, porém, conhecera Carolina naquela tarde e as duas tinham se dado muito bem. Maria Eduarda a levava para a sua própria cabine, ou melhor, seu quarto, visto que ele era sempre reservado para ela quando viajava naquele transatlântico e normalmente ficava vazio quando ela não viajava. Tinha ajudado a garota a se vestir e descobrira que vestiam o mesmo número, sugerindo, então, que Carolina deveria usar um de seus melhores vestidos para festa daquela noite. Carolina ficou muito nervosa com a escolha do vestido e tentou agradecer e negar. De acordo com ela, era caro demais e ela nunca usara nada tão refinado e belo e, por esse motivo, Maria Eduarda tinha insistido ainda mais que ela o fizesse. *Não era todo dia que se fazia vinte e dois*, ela disse, ao que finalmente convenceu Carolina. Ajudou a garota a fazer um penteado diferente... Não que ela tivesse qualquer experiência em penteados, muito menos em cabelos cacheados, mas queria que ela se sentisse especial naquela data, principalmente depois que vira a maneira com que os amigos e que Carolina chamara de ex-namorado tratando a pobre garota. Madu tinha levado um fora do garoto que gostava na sua festa de quinze anos e de foras em aniversário ela entendia muito bem. Então deixou-a perfeita

depois de assistirem um bocado de vídeos no youtube para escolher o penteado e a maquiagem. Quando chegaram na festa, apenas alguns minutos antes de Gustavo abordá-la, Felipe estava prestes a acabar com o couro dela, mas Madu lhe disse que estava ajudando Carolina a se vestir e Felipe ficou rapidamente sem fala ao olhar para a garota. Ponto.

— Ninguém conhece, Gustavo — Madu riu. — Ela é quieta e na dela, mas tá todo mundo se divertindo em seu nome e acho que isso é o suficiente pra fazer ela ficar feliz. Então... Só se divirta, sim?

Gustavo sorriu de lado, safado, dando um passo para trás para respeitar o espaço de Maria Eduarda, mas aquilo apenas serviu para que ela visse toda a glória da masculinidade deliciosa e irreversível dele. Sentiu seu interior ligar a torneirinha que liberava a umidade incômoda do entre as pernas e respirou fundo para manter a calma e o foco.

— Não muito... — A forma com que ele falava informava à garota que tinha ideias de resolver o problema da falta de diversão rapidamente. E ela bem que queria.

Queria poder ignorar os gritos, cobranças e preocupações sem sentido de Felipe e arrastar Gustavo para qualquer cantinho apertado, arrancar a blusa dele e sentir aqueles músculos todos em sua pele. Seus olhos perderam levemente o foco enquanto ela imaginava tudo o que eles poderiam fazer em, quem sabe, quinze minutos trancados em uma salinha da equipe de limpeza ou... Na cabine do capitão! Ah, ela sempre quisera transar na cabine do capitão.

— Como assim não muito? — Brincou, tentando levar o papo para algum lugar que evitasse a quantidade de calor que ela estava sentindo no momento (e nada a ver com o clima) por causa das atitudes de Gustavo e no que aquilo provocara sua imaginação. — Você tem que se divertir, é o meu trabalho que você esteja divertido.

O sorriso satisfeito do homem se alargou e ele mordeu o lábio levemente, fazendo Madu levantar as sobrancelhas e arregalar os olhos. Ah, como ela queria morder aquela boca ela mesma...

— Então eu acho que você vai ter que me ajudar nisso qualquer hora — ele riu e Maria Eduarda brochou na mesma hora.

Ah, não, lindo. Você estava indo tão bem.

— Você não gostou de nenhuma atividade? Não tá conseguindo se enturmar? — Madu disfarçou a mancada porque sabia que ele só queria lhe agradar. Homem era assim mesmo, mas nada que um tato feminino para corrigir as ideias erradas do menino. Ele era tão educado e carismático que,

com certeza, tinha jeito. Um tato aqui e outro ali e ele nunca mais diria nada machista para mulher alguma. — Tem algo errado no seu quarto? Qual é o problema?

Gustavo deu um passo para frente e ela sentiu o corpo dos dois bem próximos, tão próximos que seus pés quase se tocavam e ela conseguia sentir a respiração quente dele em seu rosto. Na boca, ainda se encontrava o sorriso safado e Maria Eduarda teve que se segurar para não envolver os braços ao redor do moreno e começar uma bem quente e apertada sessão de beijos.

— O problema? — Ele disse, com toda aquela pose de bad boy que Maria Eduarda sabia que era só pose para chamar sua atenção mesmo. — O problema é que certa loira mexeu com a minha cabeça e me deixou a ver navios... Tenho te procurado por aí, sabia?

Para completar o tamanho da fofura, ele ainda notou a mecha irritante de cabelo que ela não conseguira colocar no coque e caía em seu rosto a cada segundo, colocando-o atrás da orelha, antes de colocar as mãos na cintura da garota.

Os pensamentos de Maria Eduarda se resumiam em uma sequência infinita de: *Ai meu Deus!*

— Eu... Eu... — Gaguejou e acabou por limpar a garganta, enquanto Gustavo a admirava com um sorriso, agora doce. Era ele de volta, tinha conseguido chamar a atenção e tinha causado o suficiente para deixar Madu sem palavras, então podia voltar a agir normalmente — Eu tenho trabalhado muito. O Felipe... Ele... Ele é bem chato. Tá pegando muito no meu pé.

— Desculpe por isso — ele sorriu.

— Não, não, não é sua culpa — ela apressou-se em dizer. — Ele já era chato *antes* — completou, sussurrando, com medo que Felipe passasse ali naquela hora e a pegasse falando mal dele.

Gustavo riu da confissão em voz baixa da loira e achou que era um bom momento para envolver a cintura dela com seus braços. Ela sorriu à aproximação dele e os dois trocaram um leve beijo.

— Consigo um tempo nessa sua agenda apertada? — Perguntou, fofo.

Maria Eduarda apressou em acenar com a cabeça efetivamente rápido e positivo. Como não teria? Toda aquela fofura, todo aquele tesão que ele emanava... Qualquer lugar a qualquer hora.

Ela estava prestes a se jogar em cima de Gustavo e puxá-lo para um cantinho escuro e apertado quando os dreads de Felipe entraram em seu campo de visão.

Ah, não!

Felipe limpou a garganta ao se aproximar dos dois, chamando a atenção de Gustavo que ainda não percebera a sua presença. Ele virou-se para o homem e, então, como se ele não fosse nem um pouco importante, voltou-se para Maria Eduarda novamente, com o mesmo sorriso no rosto.

— Bom, então, quando você pode tirar um tempinho para mim? — Perguntou, doce.

Maria Eduarda queria gritar: Agora! Mas Felipe continuava ali parado, olhando para os dois como se eles fossem um filme nojento e ridículo, mas o qual não conseguia desgrudar os olhos e precisava saber o final.

Naquele momento, Maria Eduarda queria ser... o Popeye. Comería uma latinha de espinafre e teria força o suficiente para pegar Felipe pelos dreads, girá-lo umas duas vezes sobre a sua cabeça só para ouvi-lo gritar e então o jogaria no mar, de preferência o mais longe possível para que ele não conseguisse retornar ao navio. E que morresse afogado! Ela não se importava.

— Depois da festa — ela sussurrou, na esperança que Felipe não ouvisse mais a conversa dos dois, tentando mascarar sua voz na música alta. — Ou um pouco antes, talvez. Eu te encontro e a gente termina o que a gente começou na sala de dança.

Os olhos de Gustavo faiscaram à clareza das palavras e intenções da loira. Ela sorriu, ficou na ponta dos pés e encostou os lábios nele por um segundo apenas, antes de se afastar do moreno e encarar um Felipe de braços cruzados, esperando-a.

— E agora, o que você quer? — Perguntou, de má vontade.



— No horário de trabalho não, Maria Eduarda — Felipe ralhou com ela enquanto entravam na cozinha, deixando o rapaz com quem ela conversava para trás. — Já falei, não me importo que você saia com os passageiros, embora não seja ético, mas no horário de trabalho não tem como.

Maria Eduarda queria saber quando não era horário de trabalho para ele. Da primeira vez que ele os pegara juntos, era para lá da noite e mesmo assim ela levava bronca. Quando diabos era fora do horário de trabalho? Nos vinte minutos que ela tinha almoçado naquela tarde ou quando ela conseguira fugir para tomar um banho.

— Ele só veio me cumprimentar, Felipe, nem enche meu saco — respondeu, de mau humor. — Eu estava vindo na cozinha chegar os quitutes como estão e ele me interceptou. Só isso.

Felipe não acreditava, visto que vira a cena por alguns minutos e os dois estavam quase se comendo pelos olhos no meio do restaurante. Não que ele tivesse algo a ver com isso. *Não mesmo*. Mas ela deveria estar fazendo alguma coisa sobre o imbecil que vomitou no meio da pista de dança e ela obviamente não viu porque estava tendo uma transa imaginária com *almofadinhas*.

Teve ele mesmo que pontuar para alguém da equipe dar um jeito na lambança da pista de dança antes de ir até os dois e interromper o *sexo nas nuvens* antes que a loira sumisse pelo resto da noite e a festa tomasse um rumo completamente obtuso. Carolina não merecia uma festa com vários vômitos na pista de dança.

— Certo — Felipe concordou, não querendo estender demais o assunto sobre o encontro de Maria Eduarda. — Você viu com a Carolina se está tudo certo?

Maria Eduarda sorriu de lado. Ela sabia muito bem o que estava se passando pela cabeça de Felipe, mesmo que ele mesmo não soubesse exatamente. O negro estava de quatro pela doce Carol, com seus olhinhos inocentes. Por que outro motivo teria feito aquela festa imensa e ficado sem fala quando viu a garota toda arrumada para o seu momento? E parecia que Carolina correspondia porque tinha ficado completamente encabulada com o elogio gaguejante que ele conseguira proferir depois de uns trinta segundos de queixo caído e totalmente sem reação. Para falar a verdade, Maria Eduarda achava que era a primeira vez que via Felipe quieto por tanto tempo. Ele parecia que tinha um motor na bunda! *Deus me livre!*

E embora Felipe fosse um chato, obcecado por trabalho, irritante, inquieto, crítico e muito chato (só para reforçar), ela ainda achava que ele era melhor para a garota do que aquele ex-namorado dela. E mais bonito também, Madu não podia negar. Felipe tinha porte de modelo, daqueles que passavam e as mulheres babavam. Pena que estragava quando ele dizia qualquer coisa, porque era sempre uma enxurrada de chatices sem fim.

— Por que você não viu com ela, se está tão interessado? — Perguntou, malcriada.

Não queria ser exatamente malcriada, só queria provocá-lo o suficiente para ir até Carolina e talvez rolar um clima, mesmo que ela já tivesse, sim, conferido com a garota se estava tudo certo. Por mensagens, claro, porque Maria Eduarda era uma moça de tecnologias e também muito esperta.

Droga! Bem naquela hora ela lembrou que tinha esquecido de pegar o número de Gustavo. *De novo!*

— Eu estou trabalhando, Maria Eduarda — ele disse, sem nem um pouco de paciência.

Madu queria insistir em mandar Felipe para Carolina. Tinha certeza que se ele tivesse um pouco de pegação, curtição e sexo, iria relaxar o suficiente para deixá-la em paz para ter um pouquinho disso para ela também. Estava precisada, poxa.

— Eu também! — Retrucou.

— Eu estou fazendo outras coisas, loira — Maria Eduarda levantou uma sobrancelha pela audácia de Felipe em chamá-la por alguma coisa que não fosse o seu nome.

Resolveu que devolveria na mesma moeda.

— Eu também tô fazendo outras coisas, dreads.

Felipe revirou os olhos e, pela primeira vez, riu aos olhos de Maria Eduarda. Ela levantou uma sobrancelha, admirada, com o quão mais bonito ele parecia quando relaxado.

Podia ser um surfista.

Começou a imaginar Felipe saindo da praia com uma prancha, sacudindo os dreads encharcados ao pôr-do-sol.

Urg!

Sacolejou a cabeça, afastando os pensamentos para longe. Certamente, o encontro com Gustavo tinha lhe deixado aérea e com os hormônios a flor da pele.

— Você pode ver com ela, *por favor* — ele frisou a palavra educada, quase implorando que ela resolvesse logo e os dois parassem de discutir por um motivo tão idiota.

Maria Eduarda revirou os olhos para Felipe e sua encheção de saco, indo contra ao que ela queria que ele fizesse. Visto que não conseguiria empurrá-lo para Carolina tão cedo, talvez não naquela noite, e pega o celular no bolso da calça que vestia, desbloqueando a tela e virando-o para que Felipe pudesse ver a conversa que ela tivera com Carolina há apenas alguns minutos. Não fora capaz de encontrar a garota no tumulto, mas queria saber se ela estava gostando da festa e aproveitando o look que tinham montado para que ela fosse a mulher mais bonita do local. Carolina mandou uma risada muito esquisita de nervosa, seguindo de uma resposta positiva com muitas exclamações e agradecimentos, então Maria Eduarda percebeu que poderia fazer outra coisa.

Quanto mais cedo acabasse tudo que tinha para checar e fazer e dependendo do andamento da festa — que parecia ir muito bem, obrigada — mais rápido ela poderia abandonar tudo e encher a cara para dançar Britney Spears em cima do balcão. Carolina era muito doce para fazer aquilo e alguém teria que fazer ou não seria um aniversário.

— Satisfeito? — Perguntou, irritada. — E não se preocupa que depois eu te passo o número dela pra você continuar babando.

Bloqueou o celular e voltou a guardar dentro do bolso da calça, adentrando às dependências da cozinha decidida a deixá-lo para trás. Ouviu-o suspirar no mesmo momento em que encarou a bandeja de salvados requintados que estava prestes a sair para ser servido e pegou um para provar.

— Maria Eduarda — Felipe a chamou e ela já estava esperando o tamanho da bronca que receberia por ter falado com ele daquele jeito. — Preciso que você distribua os coletes agora. Já tem gente bêbada o suficiente para vomitar, então certamente podem cair pelas beiradas e morrer.

Madu teve que assimilar as coisas com calma. A primeira coisa que ela reparou foi que Felipe não retrucou por ela ter zoadado o fato de que ele ficara babando em Carolina, esfregando o número da garota na cara dele. A negativa informava claramente que ela estava certa e que ele estava mesmo interessado nela e passou três segundos comemorando como uma líder de torcida dentro da sua mente. A seguinte coisa foi que — como assim ela tinha acabado de chegar e já tinha gente vomitando de tanto beber? Certamente as pessoas não estavam acostumadas a encher a cara e ela imaginava que gente velha deveria ter mais resistência aquele tipo de coisa e não vomitassem mais como os adolescentes com quem ela saía nas viagens que fazia como guia de turismo.

A terceira e última coisa foi:

— Você tá me tirando que quer que eu distribua, sozinha, coletes para 200 velhos bêbados. É isso mesmo? — Ela estava horrorizada. — Já sei! Você quem bebeu!

— Ha-ha, muito engraçado, Maria Eduarda — ele retrucou, já com a paciência limitada. — Tenho certeza que você vai dar um jeito. — Empurrou uma chave na mão dela. — Estão na sala de controle, dois andares acima.

E, dito isso, ele saiu andando como quem não quer nada.

Maria Eduarda poderia ter rugido como um leão de tanta raiva, mas se conteve. Apertou a chave com força e decidiu que se vingaria do negro fazendo o melhor possível para que ninguém naquele barco ficasse em colete salva-vidas, o que deixaria ele sem ter o que reclamar e falar mal, seu *hobby* favorito.

Subiu as escadas em resmungos baixos e abriu a porta da sala de controle — que não estava trancada — para encontrar um casal quarentão se pegando lá dentro.

— Oi, gente, desculpa atrapalhar — entrou na sala de controle sem nem se abalar pela presença do casal. — Preciso distribuir isso aqui pra galera bêbada lá no salão, será que vocês se incomodariam em me ajudar?

Na hora que ela se abaixou para pegar a caixa, o homem teve uma visão privilegiada do seu decote e concordou em ajudar rapidamente. A pobre mulher que estava com ele nem reparou nas intenções nem um pouco puras do homem e só quis ajudar.

Juntos, desceram uma caixa de coletes vazios. Maria Eduarda pediu para que a mulher ficasse parada na porta distribuindo os coletes para quem saísse para a área externa e ela e o homem foram distribuindo para quem já estava do lado de fora do navio.

Estava entregando um colete para a terceira pessoa, que aceitava sem reclamar, quando viu a mulher de nome exótico e muito mal-humorada passar pela porta do restaurante para a área externa, ignorando a quarentona que lhe oferecia um colete salva-vidas.

Maria Eduarda largou a caixa que carregava na hora, pegando um colete e parando na frente da mulher, sem nem pestanejar. Já se odiavam, mesmo com poucas palavras trocadas.

Aliás...

Quem mesmo ela tinha mandado Maria Eduarda jogar para fora do barco? Gustavo... De Belo Horizonte?

Maldita!

Queria afogar o Guto.

Quase se arrependeu de lhe oferecer um colete.

— Dá pra vestir isso aqui — e com toda a sua força de vontade, continuou o discurso. — Por favor.

O por favor era totalmente obrigado e Maria Eduarda não escondia isso.

— Pra quê? — Morena perguntou, de má vontade, mas curiosa.

— Medida de segurança, para ninguém se machucar. Muitos bêbados em um navio — explicou. Morena se convenceu e arrancou o colete das mãos de Maria Eduarda, colocando-o no pescoço e se afastando. — É só puxar a cordinha! — Gritou, enquanto ela se afastava. — Louca.



Sem nenhuma perspectiva de conseguir a companhia de Maria Eduarda para aquela noite, visto que a loira parecia muito atarefada com todas as responsabilidades da festa, Gustavo resolveu que era uma hora ótima para encher a cara até ficar tão doidão que o mundo pareceria um borrão luminoso.

Poderia até pensar em procurar outra companhia feminina, mas aquele navio não parecia ser um bom lugar para uma transa de uma noite e, se era mais que isso, ele preferia focar seus esforços em uma pessoa só. Além do mais, o que aconteceria se chegasse no ouvido de Maria Eduarda e da segunda mulher hipotética sobre a outra? Não seria nada agradável e ele não teria nem para onde fugir. Preferia continuar com o plano A, então, que era encher a cara aos limites e esperar Maria Eduarda ter um tempinho para que eles pudessem se encontrar. E pela beleza da mulher, mesmo no uniforme de trabalho que vestia para a festa, ele tinha certeza que valeria totalmente a pena.

— E aí, meu chapa! — Ele levou um tapa nas costas no momento em que estava comendo um salgadinho, o que o fez cuspir um pedaço no chão e engolir outro pedaço rápido demais, se engasgando. Não que o homem tivesse percebido. — Como é que cê tá, meu chapa?

Gustavo olhou para o homem ainda tossindo, pegou uma taça de champanhe e bebeu tudo de uma vez, acalmando o engasgar que sofreu. Só então percebeu quem estava ao seu lado e arregalou os olhos. Antônio, o cara babaca que estava dando em cima de Morena estava completamente bêbado e o chamando de meu chapa.

Claramente era uma piada.

De muito mau gosto.

Valeu aí, Deus, por me mandar essa praga.

— Qual é? — Gustavo respondeu, de má vontade.

Antônio, porém, estava muito bêbado para se importar ou sequer reparar no desconforto que causava em Gustavo e na vergonha que fazia passar a si mesmo. Eles não eram amigos, nem deveriam estar conversando, mas Antônio estava ali e parecia não ir a lugar algum, enquanto Gustavo não sabia qual era o protocolo mais educado para lidar com a situação.

— Pô, as minas desse barco tão bem caidinhas, né mano? — Antônio continuou o papo, demorando-se demais nas vogais arrastadas, demonstrando que estava para lá de bêbado. Devia estar bebendo desde cedo.

O que Gustavo poderia responder sobre aquilo? Não eram muitas mulheres no barco, à exceção da equipe que ele tinha visto algumas garotas mais novas, a maioria das passageiras já tinha seus quarenta, cinquenta anos. E, mesmo assim, eram poucas, sendo os homens a esmagadora maioria. Era o mal da profissão, mesmo, e o preconceito que não deixava que mulheres tivessem seus trabalhos avaliados com o mesmo olhar admiratório que os homens, o que não as permitia chegar ali.

Porém, Gustavo não gostava de olhar mulheres e falar “*que mulher feia!*”. Ainda mais senhoras mais velhas que ele, que com certeza tinham conteúdo suficiente para lhe ensinar umas dez lições com só algumas palavras. E, na verdade, ele também não gostava de ouvir ninguém tratando mulheres assim. Lembrava-se de Lorena que fazia o papel de mãe no escritório, em BH, e não gostaria de ver um babaca falando alguma coisa assim dela, que era tão inteligente e tão vivida, então por que iria gostar que fosse falado sobre outras mulheres? Não, ele não. Só não sabia como retrucar de forma educada, então tentou uma nova abordagem.

— Ah, não é bem assim... — Murmurou, sem saber exatamente o que dizer, mas longe de querer concordar com o homem.

— É, tem razão — Antônio concordou e Gustavo não fazia ideia do que ele estava concordando, visto que ele discordara totalmente do que ele dissera anteriormente. — Tem umas gatas deliciosas aqui.

Ah, não.

— Mulheres bonitas — tentou corrigir.

Sua mãe e sua avó tinham lhe ensinado como tratar uma dama — e todas as mulheres eram damas. Ele se contrariava a tratar mulheres daquela forma nojenta de Antônio, exceto, claro, quando tinham intimidade e as mulheres gostavam. Tinham algumas que ficavam muito molhadas muito rápido se ele as chamassem de *putinha*. E quem era Gustavo para lhes negar prazer?

— Aquela sua parceira, maaaano! — Ele estendeu o “a” para demonstrar intensidade e Gustavo só conseguiu cerrar os olhos, querendo dar um soco em Antônio pela maneira que ele estava falando de Morena. — Que mulher, que gata. Me conta, cara, quantas vezes você já meteu naquela dali?

Aquela dali.

Antônio falava de Morena como se ela fosse uma *qualquer* e Gustavo endureceu a mandíbula e apertou os punhos, irado. Podia se zangar com a mulher a cada cinco segundos, podia gritar com ela e ter que fugir dos objetos errantes que ela tentava tacar na cabeça dele, mas...

Aquela dali?

Morena estava longe demais de ser uma mulher ordinária a qual se resumia só na beleza ou nas curvas, realmente deliciosas, que ela tinha. Ela era inteligente, sagaz e apaixonada. Completamente focada em seu trabalho, que ele tinha que admitir: embora não fizesse seu estilo, qualquer coisa que tivesse o dedo de Morena era espetacular. Não era a toa que Morena estava na lista dos 30 abaixo dos 30, nem entre os melhores (se não a melhor) decoradores do país. Ela era espetacular.

Aquela dali.

Gustavo só resolveria aquele problema se desse um murro na cara de Antônio, mas sua educação não permitiu que ele o fizesse. Respirou fundo e soltou os punhos, tentando não se exaltar.

— Nenhuma — respondeu, educado, as narinas ainda infladas. — Com licença.

Se afastou de Antônio antes que ele falasse qualquer outra coisa que o fizesse perder, finalmente, a cabeça com a falta de educação do homem. E, para se acalmar, saiu para a área externa como um falcão, ignorando uma mulher que carregava uma caixa para dentro, perguntando-lhe algo que ele não parou para ver.

Sentou-se nas mesinhas da lanchonete perto da piscina, que tinha virado outra pista de dança. A lanchonete estava, basicamente, servindo bebidas para as pessoas e todo mundo parecia conversar animadamente, enquanto Gustavo ainda tentava não voltar lá dentro e dar um soco na cara de Antônio, porque ele merecia.

— Posso ajudar? — a mesma atendente de mais cedo se aproximou com um sorriso.

— Sim — disse, muito rápido. — Me dê um monte de bebidas. O que você tiver de mais forte, por favor.

Das duas, uma: ou ele esquecia que aquela conversa tinha acabado de acontecer ou a bebida iria lhe esquentar o suficiente para ele voltar lá dentro e desferir o soco que tinha vontade. No dia seguinte, pediria desculpas e colocaria a culpa na bebida e pronto.

Cerca de meia hora mais tarde, quando Gustavo conquistou a atenção da culpada do tamanho da raiva que ele sentia, ele já estava completamente bêbado. Morena aproximou-se cautelosamente da mesa e sentou-se sem falar nada, como se só para fazer companhia. Vestia algo laranja e fofo por cima da roupa bonita e só então Gustavo percebeu que deveria ser único das

redondezas que não estava com um colete daqueles.

— É muito estranho — ele tentou começar uma conversa, visto que a mulher parecia estar um pouco confusa, apenas sentada ali, sem saber o que fazer. — Estar numa festa de aniversário sem saber quem é a aniversariante.

— Eu conheço a aniversariante — Morena disse, a voz arrastada informava que ela também já tinha bebido o suficiente, mas ele sabia, pelas festas da empresa, que ela era bem mais resistente ao álcool que ele. — E o namorado dela deu em cima de mim na frente dela, olha que agradável.

Gustavo riu, jogando a cadeira para trás. Achou que a cadeira tinha sumido balançado e levantou os pés no ar, quase chutando a mesa para longe. Disfarçou com o máximo de destreza que conseguia sendo um bêbado.

— Tem gente pior, eu acho — ele murmurou, tentando ser positivista.

Morena cerrou os olhos para o homem, que pouco tinha conseguido disfarçar o quase tombo que tivera por simplesmente estar bêbado. Lembrou-se da namoradinha dele distribuindo coletes e explicando o porquê deveriam usar e estava claro que Gustavo se encontrava na zona de risco calculada.

Tirou o próprio colete e levantou-se, esticando o braço e o oferecendo para ele.

— Toma — disse.

— Ahn? — Reclamou, confuso. — Eu é que não vou usar esse troço.

— Vai sim, tá todo mundo usando — ela apontou para os outros passageiros. — Você tá bêbado demais, daqui a pouco você se levanta, cai na água e, sinceramente, eu não vou me responsabilizar pela sua morte. Então só põe isso aí e eu vou pegar outro pra mim.

Gustavo, de má vontade, pegou e encaixou-o em si, fazendo bico. Morena, ao ver que eles estava seguro, sumiu no meio do povo para pegar um novo colete para si mesma, não que ela achasse que precisava.

Ela se entranhou na pista de dança da área externa e aproveitou para curtir um pouco a música. Ao longe, Gustavo viu, com a visão um pouco turva, Morena passando pelo meio da pista de dança com os braços levantados e rebolando como se fosse a rainha do lugar.



Certo, a festa está ótima, Carolina, não ligue pra isso.

Ela se dizia isso a cada dez segundos. Cada dez segundos quando via seus amigos bebendo e se divertindo e ela no canto. A garota não gostava muito de beber e também não tinha muito jeito para dança e esperava que alguém se importasse para aquilo, principalmente no seu aniversário...

Claro que não.

Revirou os olhos. Era óbvio que ela não poderia ganhar todas: Felipe e Maria Eduarda tinham feito uma festa imensa e maravilhosa para ela, cheia de gente se divertindo, comidas gostosas, músicas e tudo mais. Ela nunca tivera algo nem parecido e, por isso, era muito grata. Mas ainda estava chateada por estar sendo ignorada pelos amigos. Tentava colocar isso em uma balança para ver se conseguia encontrar o resultado: estava feliz ou triste?

A resposta era que não estava nenhum dos dois. Se resume a insatisfação e chateação. Felipe e Maria Eduarda nem a conheciam direito e tinham feito mais por ela naquele dia do que seus amigos, que só estavam se importando em encher e cara e gritar um com o outro na pista de dança.

Carolina piscou os longos cílios, mais pesados por conta da quantidade de rímel que Maria Eduarda havia passado neles, e rumou para o lado de fora do barco. Assustou-se ao perceber que a festa continuava ali e aceitou educadamente o colete salva-vidas que uma das moças com o uniforme da equipe da festa lhe oferecia.

— E feliz aniversário — a garota disse, simpática.

Sorriu e agradeceu novamente, sem entender como que ela sabia que ela era a aniversariante. Quase ninguém sabia e para Carolina estava tudo bem. De quem ela queria a atenção, não tinha conseguido mesmo. Nunca conseguia.

Do lado de fora, todo mundo está com colete, tirando uma ou outra pessoa. Carolina imaginava que, embora fosse uma medida de segurança, não poderiam obrigar os passageiros a utilizarem aquele negócio laranja horrroso. Decidiu que, como estava sóbria e não tinha nenhum desejo em beber, não o colocaria, mas ficou segurando o plástico em suas mãos, sem saber o que fazer com ele.

Caminhou pelo meio das pessoas, arriscando sorrisos simpáticos para quem olhava para ela e acenava em reconhecimento ou apenas porque ela estava *bonita*. Devia dizer que nunca se sentira tão bonita antes?

De qualquer forma...

Como se seus pensamentos fossem ouvidos, ela identificou Antônio no meio da multidão, dançando na pista de dança improvisada na piscina. Ela arregalou os olhos e imaginou que fosse seguro, mas mesmo assim ficava apavorada com a ideia de todo mundo estar ali e, de repente, o negócio desabar e todos caírem na água.

Antônio tinha sido o primeiro cara a lhe dar uma atenção qualquer. Estudara o ensino médio inteiro em um colégio só para garotas, enfiada em um montante de livros, se esforçando para conseguir uma vaga de engenharia da USP. Conseguiu, claro, depois de tanto esforço. E aí se deu em uma sala onde a maioria dos estudantes eram homens. E Carolina se assustava tanto com aquilo que mal conseguia proferir uma palavra com eles.

Tinha feito amizade com uma garota — com garotas ela sabia lidar — e elas se davam muito bem. Fora as duas, haviam mais três na turma e logo tinham criado um certo laço de amizade, também. Todas elas, sem exceção, já tinham ficado e curtido com pelo menos 7 caras da turma depois de dois ou três anos. E Carolina não ia para as festas, não dava papo para os garotos, estudava e voltava para casa — e tudo bem.

Aos vinte anos, sequer havia beijado. As amigas achavam fofo e diziam que ela era um pouco boba, mas Carolina não se importava, passando as noites de festa estudando em seu quarto, como sempre. Pelo menos, não se importava *muito*.

Seu esforço foi recompensado quando ela foi a primeira da turma a começar a estagiar para uma empresa grande. Na Vyga, Tiago ficou responsável por ela e ela teve que aprender a conversar de igual para igual com um homem, tal como fazia com as mulheres. Ele era como um irmão mais velho, paciente e educativo, e logo Carolina tinha perdido o medo do sexo oposto.

No seu aniversário de vinte e um, decidiu que poderia ir a uma das tais festas que suas amigas tanto falavam. Elas comemoraram e a arrastaram para a sua primeira festa universitária — no sétimo período. Lá, Carolina provou bebida e odiou. Todas riram e ela lembrava das amigas dizendo que era dia de primeiras vezes, então a empurraram para um dos garotos do semestre acima delas e ele foi o primeiro beijo de Carolina. E isso sim ela gostou.

Ela e o garoto ficaram algumas vezes depois da festa, mas não muito. Ela não sabia bem como reagir na frente dele e ele acabou enjoando dela, também. Já que a garota não fazia menção alguma de *avançar*.

Mais ou menos nessa época, Tiago chamou Carolina para a primeira

confraternização da UBAU em São Paulo e, ali, apresentou-a a Antônio, galanteador, sorridente... Carolina não estava acostumada com tanta atenção masculina e logo cedeu aos encantos do mais velho. Eles saíram diversas vezes, se encontravam em vários eventos sociais e logo a negra estava entregando sua integridade virginal para ele. Para ela, um ato de amor. Para ele... Bom, uma virgem? Quem era ele para recusar?

Depois disso, os passeios, saídas, ficadas e ligações começaram a ficar mais espaçados, mais esquisitos, menos pessoais. Até aquele ponto em que estavam no navio e ele parecia fugir totalmente dela. Se sentia idiota por ter achado que teriam um verão para ficar juntos e curtir um ao outro.

Se perguntava se tinha feito algo de errado em sua primeira vez.

Se perguntava se tinha errado em se entregar para ele. Tinha esperado o momento certo, estava pronta... Mas aí ele simplesmente...

Suspirou, fazendo uma careta ao identificar a moça Morena dançando perto de Antônio e as intenções dele para cima dela. Queria não culpá-la pela distância, mas tinha um pouco de inveja em seu coração que não permitia que ela o fizesse.

Antes que pudesse impedir, grossas lágrimas começaram a se formar em seus olhos e resolveu que a festa estava acabada para ela. Era isso ou ficar parecendo um monstro em seu próprio aniversário, toda borrada de rímel. Não queria para si.

Passou de volta para a área interna do navio em longas passadas e cruzou o restaurante, procurando o corredor que levava para os quartos. Tinha certeza que havia outro caminho, mas ela preferia ir por ali porque a chance de se perder era menor.

Estava quase saindo do ambiente quando sentiu uma mão em seu braço.

— Ei, aonde você vai? — Ouviu a pergunta. Virou-se para identificar Felipe no uniforme da equipe e arregalou os olhos. — Você... Você está chorando. O que foi?

— Na...Nada — Ela gaguejou, secando as lágrimas rapidamente, tentando disfarçá-las. Ai, céus, e se seu *rímel* estivesse borrado?

— Parece ser um *nada* bem triste — ele meneou a cabeça e analisou-a por alguns instantes. Carolina ficou envergonhada e quis se esconder, mas era a segunda pessoa que demonstrava atenção genuína nela naquele dia e ela quis ficar. — Quer conversar?

Ela queria conversar?

Encarou Felipe por um longo momento, vendo a preocupação estampada nos olhos do negro e um sorriso simpático em seus lábios. Acabou por concordar com a cabeça, apenas para ficar mais um pouco perto dele.

— Vem, então — ele sorriu.

Escorregou a mão de seu braço até enlaçar com a dela e a puxou pelo corredor, escada acima. Depois de alguns lances de escada, ele entrou em uma porta escrito “**Somente funcionários autorizados**” e guiou-a para mais um lance de escadas. Saíram do lado de fora do navio, muito ao alto, em algo que se assemelhava à uma pequena sacada. Felipe a guiou até a borda e se apoiou na grade, olhando para baixo. Carolina olhou também, um pouco menos segura que o homem.

— Vê? — Ele perguntou. — Tudo isso é pra você. Não tem por que ficar triste.

Carolina arriscou um sorriso leve e aproximou-se mais um pouco da grade. Logo, seu olhar encontrou com a pista da piscina e identificou Antônio dançando com Morena com facilidade por causa dos cabelos da mulher, facilmente identificáveis à distância.

— Ali, olha — ela apontou. — O cara de camisa vermelha, dançando com aquela mulher de cabelo para cima. Vê? — Felipe concordou com a cabeça. — Meu namorado. — Sorriu e balançou a cabeça negativamente. — Ex, eu acho. Ele só esqueceu de me comunicar desse fato.

— Nossa, que babaca — Felipe fez eco aos pensamentos de Carolina, embora ela não fosse dizer isso em voz alta de forma alguma. — Só pode ser um idiota pra trocar uma mulher linda como você.

Carolina não sabia de Felipe estava dizendo isso por pena, compaixão ou se era sincero em suas palavras. No momento, na realidade, pouco importou. Ele era lindo, simpático, e tinha feito uma puta festa para ela, além de estar ouvindo suas lamúrias juvenis por livre e espontânea vontade.

Então, convencida pela força sedutora que Maria Eduarda tinha se esforçado em parecer que ela tinha — ou talvez fosse a música alta que tocava naquele momento -, Carolina curvou-se sobre as grades da sacada e grudou seus lábios nos de Felipe.



— Ei, gata, vamos pro meu quarto, vai? — Devia ser a terceira vez que ele lhe perguntava algo do gênero. Só mudava as palavras, ficando cada vez mais explícito.

A primeira foi “*Você não quer sair daqui?*”. A seguinte veio como “*Vamos para um lugar, só eu e você*”. E agora era um convite para o seu quarto.

Por que mesmo era estava dançando com ele?

Morena estava para lá de bêbada. Tinha encontrado a quantidade perfeita de álcool para lhe deixar alegre e tinha passado uns bons litros disso. Já fizera tanto xixi que nem sabia como ainda estava de pé, toda a água do seu corpo já deveria ter ido embora. Porém, continuava bebendo. Nem se lembrava mais do motivo pelo qual bebia e só tinha uma vaga ideia de onde se encontrava, mas continuava bebendo. Por quê? Seus pensamentos confusos se embaralhavam e ela não conseguia encontrar resposta para nada.

Então não ligou quando, depois de uns vinte minutos se acabando na pista com Antônio rodeando-a, ele finalmente se aproximou, afastando os outros homens que a olhavam com mais discrição. Ele já veio todo cheio de mãos e de cheiros e, a princípio, Morena o afastou com bastante esforço. Mas, logo, ele estava lhe oferecendo bebidas e ela queria era beber mesmo, então o deixou ficar por perto. De garçom, para que ela não precisasse sair da pista para beber mais.

— Não, vou dançar — repetiu pela milésima vez.

Não sabia o que estava tocando, não fazia mais nenhuma importância. Morena adorava a noite, adorava festas e adorava dançar. Queria ter feito balé quando crianças, tinha pernas, postura e jeito para tal coisa, mas quando pediu para sua mãe, ela disse que não poderia pagar um curso de balé e, para confortar a pequena Morena, lhe presenteou com o primeiro livro do Harry Potter. Morena achava que a mãe nunca tinha ficado tão aliviada quando a garota de seis anos decidiu que gostava *muito* de livros e preferia aquilo à balé.

10 pontos para a sonserina.

Porém, quando Morena tinha uma desculpa perfeita para relaxar e dançar, ela dançava. Com seu corpo cheio de curvas e malemolências, ela se jogava de um lado para o outro ao som da batida, sentindo transpassar cada pequena emoção virar gestos. Mas, claro, quando estava bêbada e ouvindo uma batida agitada, ela só mexia o corpo de maneira desgovernada e

rebolava. Costumava funcionar, também.

Os homens sempre se aproximavam dela nas pistas de dança, elogiando a forma como ela dançava, cheia de estilo e de personalidade, mas sem perder a graça que teria se fosse uma bailarina. Ela gostava de ouvir, viajava em suas palavras e fingia que tinha a vida de ter escolhido balé à Harry Potter (não que fosse uma escolha ruim, mas ela gostaria de saber como seria se fosse diferente. E por que ela não podia ter balé e Harry Potter?). Os caras que sabiam dizer os elogios perfeitos à sua dança terminavam a noite com ela em seus braços, sem nenhuma dificuldade. Morena não se importava se tinham narizes tortos ou eram gordos, magros, baixos altos... Se tinham jeito com as palavras e sabiam elogiar sua dança, ela só ia.

Era uma pena para Antônio que ele não soubesse ser minimamente educado.

— Ah, qual foi, gata... Vamos lá, só eu e você... Meu pau estocado na sua bu... — Morena nem quis escutar o resto. Deu-lhe um tapa estalado na cara e virou as costas.

Inferno.

Ela tinha duas opções no momento: encontrar alguém conhecido que assustasse Antônio quando ele fosse atrás dela, o que ela rezava que isso o impedisse de sequer se aproximar, ou ir para o seu quarto e passar o resto da noite lá.

Pegou-se procurando por Gustavo nas mesas da piscina. Era uma ótima hora para beijá-lo e colocar a culpa na bebida que os dois tinham ingerido a mais e a visão com certeza manteria Antônio longe. E talvez a loira também.

Um sorriso estampou-se em sua face, mas murchou ao não encontrar Gustavo por ali. Inferno de homem inquieto, por que nunca ficava parado em um lugar só? Era sempre assim, ela chegava no escritório para falar com ele sobre algo importante e Gustavo estava na área. Ia para a área falar com ele e ele tinha inventado um almoço executivo. Como alguém conseguia simplesmente evaporar tão facilmente assim? E até mesmo bêbado?

Frustrada, olhou para trás para visualizar um Antônio ainda meio perdido pelo taba desferido, olhando em sua direção com os olhos em brasas de raiva. *Coitadinho*. Não conseguia lidar com um não ao seu pequeno bilau.

Certo. Morena desviou os olhos do homem e voltou ao seu plano. Não queria ir ao quarto, queria continuar se divertindo. Deu alguns passos incertos pelo meio das pessoas e viu um garçom passando com uma garrafa de vinho, provavelmente levando para uma mesa qualquer.

— Obrigada! — agradeceu, enquanto arrancava a garrafa de cima da bandeja, deixando o pobre garçom confuso e sem reação.

Correu com suas pernas um pouco bambas e se escondeu atrás de uma pilastra, às gargalhadas. Se sentia uma adolescente fazendo arte quando tirou a rolha da garrafa e bebeu um longo gole do líquido avermelhado, sentindo o gosto inundar sua boca e intensificar seus desejos, queimando a pele, principalmente as bochechas, conforme ela ingeria.

A parte onde Morena se escondera estava quase vazia, exceto por um casal se pegando e um grupo de homens que divergia entre brincar de vira-vira e ficar olhando para as mãos bobas do casal. Sentou-se no chão atrás da pilastra, achando que Antônio não apareceria ali e, se aparecesse, ela poderia dar em cima em um daqueles caras e pronto! Nada de homem nojento desrespeitando o seu espaço falando merda sobre ela.

A garrafa já estava na metade quando os olhos embaçados de Morena visualizaram algo que aguçou sua curiosidade instantaneamente. Um segundo casal apareceu, do nada, no deck. Ela arregalou os olhos quando os outros homens comemoraram, deixando a garota um pouco envergonhada.

De onde tinham vindo esses?

Morena levantou-se, um pouco tonta. A bebida e o balanço do barco não estavam ajudando seus passos, mas ela cruzou o grupo do vira-vira rapidamente.

— Ei, linda, vem cá, vamos conversar — um deles chamou-a, tentando conseguir um pouco de sua atenção, mas ela ignorou totalmente.

Chegou a borda de onde eles surgiram e viu que tinha uma portinhola entreaberta que dava para uma escada de marinheiro e, lá embaixo, toda uma área do barco não utilizada, vazia, sem ninguém.

Que ótimo lugar para se esconder!

A música da festa ia até ali, ela ainda tinha meia garrafa de vinho e não teria nenhum idiota com mãos bobas passando em seu corpo enquanto ela dançava.

Desceu as escadas rapidamente.

Ficou muito contente, correndo de um lado para o outro na área e acabou levando um belo de um tombo no chão escorregadio daquela área. A garrafa bateu no chão e por pouco não quebrou, mas foi um estrondo bem chato. O barulho chamou a atenção de alguém da tripulação e ela se escondeu atrás de uma caixa de madeira, vendo o marinheiro vasculhar toda a área escura com uma lanterna, para logo desistir e voltar pela portinhola que saía.

Aquela porta deveria dar em uma sala interna de comando ou algo assim. Morena não estava com a cabeça muito boa para prestar a atenção nos detalhes. Resolveu, então, dançar pela borda do navio, vendo a água escapando pelas bordas do barco e fugindo quando ele finalmente passava por elas. Quis imitar a água e ficou fazendo gestos ridículos, coisas que a gente só faz quando não tem ninguém olhando ou estava bêbado e Morena tinha ambas as situações a seu favor.

Ficou dançando e girando por toda a grade até que, ao lado do barco, quase no final onde as ondas se fechavam quando ele passava, viu um vestígio de um feixe alaranjado. Parou na hora, com os braços no ar, ainda em pose de bailarina bêbada e curvou-se sobre a grade, sem nenhum cuidado.

O corpo balançou sem rumo por sobre a grade enquanto ela se esforçava em tentar ver o que diabos de laranja tinha no mar para ter chamado sua atenção. Será que era um tubarão? Um peixe?

Ou melhor: um boto cor de laranja!

Morena se esforçou em tentar encontrar o tal feixe quando a grade onde estava cedeu, se mostrando ser uma portinhola como aquela passara para a área restrita.

Com o susto, ela caiu.

Por três segundos, enquanto estava no ar, amaldiçoou Gustavo por ter lhe dado o seu próprio colete e ter esquecido de pegar um para si dançando na pista. Quis voltar no tempo e pegar o colete de volta.

Porém, Morena caiu em cima de algo macio, não na brutalidade das ondas do mar alto. Era algo macio e bem confortável.

Na hora, ela percebeu o quão estava cansada e o quão idiota foi por não ter escolhido ir para o próprio quarto e adormecer.

Mas não significava que ela não poderia dormir ali...



O que Morena não sabia era que, enquanto ela estava procurando Gustavo, ele tinha os olhos bem fixos nela e com intenções bem similares. Dizem que bêbados tem o dom de serem verdadeiros e Gustavo o estava sendo com os seus desejos, para lá de maliciosos. Porém, ainda havia um resquício de sanidade em sua mente alcoolizada, o que o fez admirar Morena apenas de longe. Viu quando ela se sentou ao lado da pilastra enquanto ele brincava de vira-vira com uns novos amigos que fizera.

Ele não sabia nem o nome de nenhum deles.

Mas estava divertido. Tinha um casal se pegando logo a frente e a garota era linda. Ela parecia estar querendo curtir bastante e tinha prometido que Gustavo seria o próximo.

Para ele, tudo bem.

Embora ele preferisse Morena.

A garota continuava sentada na pilastra, enchendo a cara com uma garrafa. Onde ela tinha arrumado aquela garrafa? Ele queria uma também! Maldita sortuda, sempre conseguia o que ela queria com duas piscadas doces e um pouco mais de decote; ele bem conhecia o truque o qual já vira ela usar com investidores e clientes para convencê-los que ela estava certa e ele errado.

Gustavo olhou para o próprio peitoral, desejando que seios surgissem ali naquela hora. Não seria legal? Ele poderia tocar os próprios seios e não teria que arrumar uma mulher naquela noite. Seria como se masturbar, só que *mais legal*.

Resolveram fazer mais um vira-vira, com gritos e comemorações. Eram cinco rapazes, Gustavo incluso. Já estavam na décima partida e, até aquele momento, todos havia ganhado pelo menos uma vez... Menos Gustavo. Ele já estava bêbado o suficiente para até vomitar, mas continuava ingerindo álcool como se aquele fosse o último dia de sua vida. E talvez fosse, mesmo, ué. Não era assim que deveríamos curtir as belezas da vida?

Perdeu mais uma vez, mas bebeu tudo porque sua integridade moral dependia disso. Todos riram e comemoraram como se ele fosse o vitorioso, então estava tudo bem. Levantaram as mãos ao alto e gritaram como se estivessem em uma montanha-russa — e Gustavo sentia tantos balanços e tonturas que ele achava que deveria estar, mesmo, no brinquedo.

Perdeu-se um pouco com a comemoração dos caras, mas percebeu qual era a dos gritos, o casal que resolvera procurar um cantinho mais calmo

tinha acabado de retornar. Já era a vez dele se divertir? Estava um pouco tonto, mas achava que conseguia.

— Essa foi longa, ei amigos! — Um dos homens bateu nas costas do cara que subira com a garota e ela corou como um pimentão, se encolhendo ao lado dele, que a abraçou.

Ah, certo. Nada de diversão para Gustavo ainda. A mulher estava inteiramente na do cara.

O que restava a ele? Beber mais.

Estava abrindo mais uma latinha quando um comentário o chamou sua atenção:

— Ei, linda, vem cá, vamos conversar — um dos homens disse, arrancando risadas dos outros.

Gustavo levantou a cabeça para ver a figura inesquecível de Morena passar por eles, com o olhar perdido a frente. A mulher parecia ter bebido horrores e estar bêbada tanto quando ele; o que era um fato louvável, Gustavo poderia jurar que nunca a vira tão bêbada assim e ele já tinha visto a mulher bebendo diversas vezes.

Ela parou perto da grade e inspecionou-a, empurrando uma portinhola com a mão. Pareceu uma criança com presente novo, então, e sumiu através dali.

Gustavo Pegou uma série de latinhas abandonadas ao redor, algumas ainda quentes, e pendurou nas faixas do seu colete salva-vidas, causando risadas histéricas nos outros companheiros.

— Ei, lindo, sua vez agora — a mulher retornou ao grupo e segurou Gustavo pelo colete.

Ele olhou para as unhas longas e vermelhas da mulher e, então, para a portinhola aberta por onde Morena descera. Piscou longamente enquanto a mulher o puxava para o canto, sem saber o que fazer. Ela avançou contra ele e beijou sei pescoço e Gustavo decidiu bem naquela hora.

— Peraí — murmurou. — Passa a minha vez. Tenho que fazer outra coisa agora.

Ela ficou bem irritada e empurrou-o para longe de si, revirando os olhos. Voltou para o grupo de homens e Gustavo deu as costas a eles, indo até a grade. Soltou uma gargalhada contida ao encontrar Morena correndo por entre os corredores de caixas de madeira como uma criança, a garrafa em suas mãos levantada ao alto e... Caiu. Riu de forma mais aberta, vendo-a encarar todos os lados e procurar um lugar para se esconder enquanto um feixe de

lanterna aparecia. Um dos homens da tripulação passou por entre as caixas, tentando encontrá-la, mas sem sucesso. Quando estava prestes a pegá-la, ela mudou de lugar e saiu do campo de visão até mesmo de Gustavo. Aquela mulher era genial até mesmo bêbada.

Assim que o marinheiro se foi, a mulher voltou a aparecer e seu olhar se perdeu no mar, batendo nas beiradas do barco. Gustavo a viu fazer gestos ridículos tentando imitar as ondas e, pela bico em sua boca, ela parecia tentar imitar os sons também. Do nada, os gestos ridículos se tornaram em uma dança desengonçadamente sensual, enquanto ela girava e se mexia pelas bordas, dançando com uma graciosidade impressionante para quem estava bêbada.

Gustavo não queria admitir, porque era extremamente deselegante e desrespeitoso, porém não conseguia evitar, visto que a cena era tão... Excitante. Dentro de sua calça... Ele estava duro.

E não estava falando de dinheiro.

E lá estava ela, com todo aquele corpo escultural, fazendo uma dança de mãos e cintura, se mexendo à luz da lua como se só aquilo lhe importasse no momento. Não estava seguindo o som da música, que batia rápido, ela ia lento, se tocando, se amando, se mostrando e se apresentando, só ela, o mar, o céu... E Gustavo, de voyeur.

A mente dele o traiu. Enquanto ela dançava, ele sonhou que estavam em seu quarto e ela fazia a mesma dança para ele. Ele deitado em sua cama e ela girando por todo o aposento, inteiramente nua, adorando cada centímetro do seu corpo belo enquanto Gustavo aproveitava a visão divina e sensual à sua frente.

Nunca tinha visto Morena nua, portando as partes importantes estavam com uma tarja preta, até mesmo em sua mente, sua imaginação prejudicada pela bebida não conseguiu encaixar outras partes que não lhes pertenciam na mulher. E como encaixaria? Ele tinha certeza que nenhuma outra fazia jus à ela. Não naquele momento, não quando ela estava tão maravilhosa, dançando à luz do luar e ao som do mar, das ondas...

Dos bêbados, dos gritos, da música incompreensível que tocava...

Quando voltou a si, sua ereção tão rígida que já lhe doía, Morena não encontrava-se em nenhum lugar. Ele arregalou os olhos para a área restrita sem nenhum vestígio da mulher dançante e seu primeiro pensamento foi que o marinheiro tinha furado seu olho. Curvou-se sobre a grade para encarar a porta por onde ele passara fechada. Será que ele tinha ficado aéreo por tanto tempo assim? O suficiente para que os dois passassem por ali sem que ele

percebesse?

Gustavo resolveu descer e checar.

Acabou caindo de bunda no chão porque seus pés não tinham mais destreza para descer uma escada de marinheiro, mesmo que seu corpo estivesse acostumado com escadas daquele tipo nas obras.

Ajoelhou-se no chão, passando a mão na bunda para amaciar a dor da queda, fazendo careta. Ninguém parecia ter visto seu acidente, então sua integridade moral continuava bem.

E que bêbado se importava com integridade moral?

Marchou para a tal porta misteriosa e estava quase abrindo-a para entrar lá e tentar participar do que o marinheiro e Morena estavam fazendo — certamente uma ótima pedida para se passar a noite — quando algo no mar chamou sua atenção.

Botes salva-vidas tinham o tom alaranjado para que pessoas, mesmo bastante distantes, visualisassem que ele estava ali e oferecessem ajuda. Mesmo que bêbados. Esse, porém, parecia estar passando por algum tipo de teste de resistência e estava amarrado na traseira do navio, enquanto ele navegava irritantemente devagar por águas brasileiras.

Gustavo olhou para o seu colete e para o bote, apenas identificando que eram iguais e achou, então, que o bote lhe pertencia. Afinal, seu colete combinava com ele. Por isso, se aproximou da grade para olhá-lo e qual foi sua surpresa ao encontrar Morena deitada no meio dele, parecendo desmaiada de tão pesado que dormia, ninada pelo balanço das ondas e a canseira da bebedeira e da dança.

Ele olhou para a mulher que enchia o seu saco no trabalho, deixado-o de cabeça virada e tinha endurecido seu pau apenas por dançar.

E agora ela tinha roubado seu bote.

Cerrou os olhos em direção à ela, sonolenta, e decidiu que Morena merecia uma lição por ser tão... Tão... Ele nem sabia descrever a mulher em uma palavra só, de tão complexa e cheia de nuances ela era em sua vida.

Teve uma ideia maligna.

Capítulo 6

Ai, não.

Aquela sensação matutina de derrota não era exatamente comum para Morena. A mulher era forte para bebidas e raras vezes tinha bebido além da conta, o suficiente para ficar daquele jeito, como se um trator tivesse passado pelo seu corpo; e não se lembrava de ter sentido aquilo na vida adulta e nem tão horrível assim.

Seus últimos porres tinham sido na faculdade, depois prometera que seria uma adulta responsável e evitava beber tanto porque sempre poderia acabar tendo que trabalhar em algum momento da noite ou no dia seguinte... Porém, ali no navio, a chance disso acontecer era zero e ela tinha acabado passando da conta.

Ops.

A primeira coisa que se deu o trabalho de mexer foi a boca ainda levemente avermelhada do batom, abrindo-a e estalando a língua, tentando fazer com que o gosto amargo que predominava se esvaísse, sem muito sucesso. Continuou estalando, de qualquer maneira, na esperança de que pelo menos diminuísse sua vontade de vomitar.

Aquela medida não tinha lógica alguma, mas não custava.

Mexeu o corpo, então, tentando virar de lado. Já que vomitaria, seria melhor ao menos fazer isso para o lado e não correr o risco de morrer afogada. A cama balançou de forma esquisita, mas Morena não se importou. Tentou ajeitar a cama no travesseiro e ele moveu-se para aceitá-la, afundando sua cabeça de forma desconfortável, mas aceitável naquele momento de dor e sofrimento.

Tentou forçar a memória para recordar-se do dia anterior e saber como tinha parado na sua cama e quais merdas tinha feito. Lembrava-se do que os amigos lhe contavam dos porres da faculdade e eles destruíam totalmente sua moral — ela não poderia se dar ao luxo de ter feito strip-tease em um barco cheio de velhotes tarados que trabalhavam direta ou indiretamente com ela. Sua reputação, que andava muito bem, estaria totalmente acabada e sem chances de recuperação.

Porém, quanto mais se esforçava para lembrar, mais sua cabeça doía e se apertava, como se seu cérebro estivesse de contorcendo de indignação pelo

comportamento infantil e irresponsável da mulher.

Via flashes. Flashes confusos de muitas bebidas, de um casal se pegando e do sorriso de Gustavo. Ao ver o moreno em sua mente, Morena franziu a testa, tentando se lembrar do que acontecera para que recordasse do homem, sem muito sucesso.

Resolveu usar sua técnica e tatear a cama, ainda de olhos fechados, para checar se... Céus, será que havia transado com Gustavo? Aquela era uma situação que só aconteceria uma vez na vida e ela não ia gostar de estar bêbada o suficiente para não se lembrar. Poxa, pelo menos na memória, né?

Sua mão, porém, não encontrou a macia suavidade do lençol da sua cama na cabine e sim uma coisa meio borrachuda e fez barulhos estranhos sob seus dedos.

Abriu os olhos, sem entender. A claridade invadiu sua retina e ela apertou os olhos com força logo a seguir, coçando-os e tentando não se importar com a terrível dor de cabeça que sentiu pelo feito. Tinha conseguido ver tudo azul e se amaldiçoou, com raiva. Estava dormindo do lado de fora do barco? No deck?

Já era sua dignidade, se ainda existisse.

Tinha que se arrumar e levantar para se esconder antes que mais gente visse. Com esforço e mantendo os olhos fechados para amenizar o grito intenso que sua cabeça dava a cada movimento mais brusco, Morena se sentou e franziu a testa para o leve balançar esquisito que o barco deu, como se ele não estivesse firme e fixo e a movimentação dela importasse para a sua própria.

Com certeza era só a tontura da bebedeira.

Ela espreguiçou-se, tentando acordar e parecer razoavelmente humana e, finalmente abriu os olhos.

Seu queixo caiu.

Ficou sem entender.

O que estava acontecendo?

Morena estava sentada em um pequeno bote laranja com uma imensidão vasta de azul ao seu redor, sem conseguir visualizar como chegara ali. O coração disparou de medo e, por alguns momentos, todas as dores, tonturas, vergonha e dignidade ficaram para trás enquanto seus olhos claros mapeavam o mar alto ao seu redor, sem encontrar nenhum vestígio do navio, de terra, gente ou civilização.

Foi só por alguns segundos mesmo, porque logo em seguida ela curvou-se sobre a borda arredondada do bote e depositou uma boa quantidade de fluídos corporais, vomitando o restante de álcool e comida que seu corpo recusava depois do porre e, por que não, da surpresa amedrontada?

Morena limpou a boca com as costas da mão e encarou o mar, sentindo-se ainda mais enjoada e com ainda mais vontade de vomitar. Não sabia se era a culpa do balanço do bote, da ressaca que sentia, do medo ou da exposição ao Sol forte, já no alto do céu, enquanto dormia. O importante era que ela não fazia ideia do que estava acontecendo, nem com o seu próprio corpo.

— O que... O que eu faço? — A pergunta escapou de seus lábios amargos com uma rapidez impressionante para quem acabara de acordar. Morena estava em pânico e seu coração ainda disparado parecia que pularia de seu peito a qualquer momento. Ai, droga, o que eu faço? — continuou perguntando, como se esperasse que a entidade divina aparecesse e lhe dissesse exatamente o que fazer, o que nós sabemos que não aconteceria. Apavorada, ela se dignou a ficar de pé, quase caindo no mar ao se levantar, tentando olhar mais distante ao seu redor. — Meu Deus, o que tá acontecendo, cadê o barco? — Sentiu a garganta fechar de pavor e encarou a imensidão azul do horizonte, quando o mar se encontrava com o céu, sem nenhum sinal da embarcação imensa onde passara a noite e curtira a festa. O medo estava enchendo suas pálpebras de lágrimas de pânico e ela congelou-se por um instante. Abaixou a cabeça, sem saber como reagir e visualizou uma pequena mochila preta no canto do bote. Ajoelhou-se rapidamente, esperançosa — Deve ter algo aqui para... — Ela abriu a mochila em um desespero só. Não fazia ideia do que estava fazendo e suas mãos tremiam de uma forma ridícula e envergonhadora, mas não tinha ninguém para julgá-la e ela não se deu o trabalho de esconder o nervosismo. Enfiou a mão na mochila e tateou coisas macias que achou que fosse comida e retirou a primeira coisa rígida que encontrou. — Isso! — Comemorou, ao identificar um estojo levemente grande. Abriu-o, encontrando o sinalizador com um suspiro aliviado. Montou com rapidez e apontou para o alto, vendo o rastro avermelhado subir o suficiente para chamar a atenção e barco balançar perigosamente por conta da sua movimentação rápida e brusca. Encarou-o céu e a linha do sinalizador em uma reza silenciosa. — Por favor. Por favor. Vejam.

Ainda tinham mais dois tiros, mas ela esperava não ter que usá-los — e mesmo que o fizesse, não faria em sequência. Ficou olhando a caixa e a mochila, tentando pensar em uma estratégia para aquilo funcionar.

Percebeu dois remos no canto do bote e tomou um em sua mão, antes

de perceber que não fazia a mínima de ideia de como se remava. Não o largou, porém, como se fosse a única coisa que ela poderia agarrar. Como um conforto.

Morena sabia, pelo tato, que tinha poucas provisões e uma garrafa de água quente. Não duraria cinco dias perdida no mar com aquilo e não tinha nenhuma noção de sobrevivência; sempre fora muito de ficar em casa, curtindo seus livros e seus estudos e não era daquelas crianças de acampar e ralar os joelhos na rua.

Estava tão nervosa, tão apavorada, tão assustada... Acabou ignorando os sintomas da ressaca; o enjoo tinha se tornando em um furacão de medo e revoltas em sua barriga, a tontura ficara concentrada no balanço do pequeno bote, a dor de cabeça ainda gritava entre suas orelhas, mas os pensamentos estavam tão a mil que não dava tempo para realmente se importar com aquilo. A única coisa que sentia além do pavor e do medo era a raiva de si mesma.

Como tinha deixado aquilo acontecer? Como tinha bebido o suficiente para acabar um bote a deriva e não perceber o quão ruim e errado aquilo era?

Agora que tinha voltado a si, teria que arcar com as consequências. Morena jurou que jamais tomaria outro porre, não importava as circunstâncias. Beberia socialmente, afinal também era filha de Deus, mas nunca mais o suficiente para perder a consciência daquilo que estava fazendo.

Isso é, se ela sobrevivesse.

Pelo jeito que as coisas estavam indo, não sobreviveria não.

Quis chorar. Quis chorar muito e por bastante tempo. Mas, ela poderia ter só algumas horas de vida, então preferiu engolir as lágrimas e observar o céu. Era bom ver o céu limpo e intocável, não manchado pelos longos prédios que construíam, sempre tentando alcançá-lo, nunca conseguindo. Não que ela não gostasse da cidade, mas era bom ver o céu um pouco, para variar. Dava uma sensação de preenchimento.

Deitou no pequeno bote e arriscou um sorriso leve. Respirou fundo, o cheiro da maresia acalmando o enjoo de seu estômago com mais facilidade do que qualquer remédio. Paz de espírito. Se ia morrer, que morresse feliz e calma.

Aquele momento tranquilo pouco durou.

Ela deveria saber.

Em um segundo, seu bote balançou de forma a quase virar e algo se projetou para cima do nível do mar e para dentro do bote.



— Mas que...

Gustavo despertou já engolindo água e cuspidando o salgado que substituiu o amargo em sua boca em uma sequência enjoada e surpresa. Sua cabeça estava doendo horrores entre o balançar molhado das ondas e a luz forte do céu de para lá de meio-dia, intensificando a vontade absurda que ele tinha de vomitar tudo o que estava em seu estômago.

Espera... Molhado?

Contrariando todos os pedidos de seu corpo, que implorava para que ele ignorasse as interações externas e voltasse a dormir o mais rápido possível, Gustavo reuniu coragem e abriu os olhos, para arregalá-los logo em sequência com a surpresa e o horror do desconhecido ao não encontrar o que esperava. Presumiu encarar as cores pastéis e bregas de sua cabine no navio, naquele tamanho médio razoável para ser confortável e a janela circular que exibiria o sol da manhã, simpático, chamando-o para mais um dia de piscina e relaxamento.

Porém, ao invés disso, seus olhos captaram a cor azul. Muito azul. Uma infinidade de azul.

A confusão intensificou o enjoo e a dor de cabeça e ele teve que respirar fundo para conter o vômito, afinal, se vomitasse, ficaria envolvido pela própria porcaria. Estava boiando no mar, sem entender como parara ali. Tinha uma boia laranja em seu corpo, um salva-vidas, identificou, e encarou-o por algum tempo, certo de que fora aquilo que o mantivera vivo pelas horas de sono embebedado em que estivera anteriormente.

Apertou os olhos claros e lembrou-se, com dificuldade, que quem tinha lhe dado aquele salva-vidas fora Morena. Lembrava, também, do seu discurso:

Daqui a pouco você se levanta, cai na água e, sinceramente, eu não vou me responsabilizar pela sua morte.

Era só a Gustavo que aquilo parecia devidamente suspeito ao acordar no meio do mar, boiando?

Urg. Como eles tinham chegado naquele nível de ódio a ponto de tentar matá-lo em poucas horas? Estiveram na maior paz na tarde anterior e até conseguiram conversar de forma civilizada por um tempo!

Ele se debateu com vontade, preso na maresia das águas e na vontade das mesmas em carregá-lo com o seu salva-vidas, e sua cabeça sacolejou

junto com a água ao redor. Apertou as hastes laranjas ao redor do pescoço e, por um longo minuto de total pânico, acreditou realmente que iria morrer; e seria de cabeça explosiva por excesso de álcool, não por afogamento.

A verdade deveria ser dita em alto e bom som e com vontade: Deus protegia os bêbados e os ignorantes. Quando você faz uma coisa errada sem saber, dificilmente alguém pega e quando descobre que estava errado, comemora a sua *sorte*. Porém, se você se atreve a fazer essa coisa de novo, já sabendo que era errado... Bom, aí você se ferra. Com os bêbados, funcionava da mesma forma e Gustavo era a prova, felizmente viva, disso. Estava boiando no mar com um salva-vidas, com uma dor de cabeça infernal e não tinha nenhum sinal de descobrir como chegara até ali. Não via nenhum sinal do navio através das ondas e nem como tinha passado a noite boiando sem morrer ou ser comido por um tubarão.

A única explicação era aquela mesma: *Deus protegia os bêbados e os ignorantes*.

A dor de cabeça não permitia que Gustavo organizasse seus pensamentos em uma ordem correta dos fatos. Ele queria conseguir lembrar do que aconteceu e queria tentar lembrar de como poderia sobreviver ali, mas mal conseguia manter os olhos abertos por muito tempo, voltando a apertá-los com um gemido de dor.

Estava ali, curtindo a vida, tentando fazer seus olhos e o seu cérebro se acostumarem com a luz enquanto ele encarava a imensidão do céu azul e a claridade do sol quando um feixe de luz vermelha cruzou o azul, chamando sua atenção. Gustavo conhecia aquilo vagamente, sabia que era um sinalizador. Talvez estivessem ajudando-o a se achar? Ou havia outra pessoa em perigo como ele? Ele poderia usar de um pouco de companhia e conversa — ajudava a não enlouquecer naquelas situações de perigo.

Resolveu nadar na direção de onde viera a marca do sinalizador, apenas para notar que além da dor de cabeça infernal que o impedia de dar braçadas por muito tempo, seus músculos estavam mortos de tão doloridos e não conseguia dar braçadas muito longas. Deu uma parada para respirar e encontrar um ritmo perfeito.

Engoliu mais água.

Estava morto.

Virou de costas e tentou nadar assim para ver que a água sobre a cabeça amenizava a dor e aquilo parecia bastante estranho, mas seu cérebro parou de se apertar tanto no crânio. Pensou nas suas possibilidades: não parecia que o barco usaria um sinalizador para que ele visse, com certeza

teriam ferramentas para auxiliar no resgate dele ao invés de fazê-lo nadar, então deveria ser alguém perdido como ele, pedindo ajuda. E o que Gustavo poderia fazer além de ser uma agradável companhia para a morte inevitável através de desidratação ou uva passa do mar, de tão enrugados que ficariam?

Enquanto nadava despreocupadamente de costas, tentando esbarrar com o seu companheiro de morte, Gustavo foi pensando em coisas que poderiam ser agradáveis ou dar certo. Morena, se nada tivesse a ver com ele acordando boiando no mar, certamente notaria sua falta rapidamente, visto que vinham fazendo companhia um ao outro, mesmo que discutindo, pelos últimos dias. E, ao pensar nisso, sua mente visualizou a imagem das pernas longas e torneadas da mulher, ao qual ele fechou os olhos, apertando-os, incapaz de acreditar que estava pensando nela *dessa forma*... E ainda quando estava prestes a morrer afogado.

Eu poderia convencer meu companheiro a nadar até encontrar alguma coisa. Não era possível que estivéssemos tão longe da costa — e uma companhia iria ser boa caso alguém tivesse câimbra. Depois disso, era só encontrar a civilização e, em uma ligação, estaria de volta em casa.

Alguma coisa tinha que dar certo porque Gustavo Marinho ainda tinha muita genialidade para espalhar pelo mundo e certamente não estava na hora dele morrer.

Estava acreditando que o sol e o calor tinham lhe dado uma miragem ao ver aquele rastro de sinalizador no céu. Não estava mais conseguindo nadar e resolveu que iria morrer porque não tinha força nem vontade para continuar tentando contra tantas possibilidades. Pegou uma caneta no bolso e tentou rabiscar um “*te amo, mãe*” em sua boia, que ficou meio torto, mas, acreditava ele, dava para compreender. Bom, certamente, sua mãe reconheceria aquele garrancho e conseguiria ler.

Foi bem naquele momento em que viu o brilho alaranjado de algo refletindo no mar. Algo como a sua boia? Virou-se de frente para encontrar um bote vazio há apenas alguns braços de nadada dele e comemorou silenciosamente enquanto se esforçava em chegar ao lugar o mais rápido possível. Quase chorou de emoção por ter conseguido sobreviver e alcançou a pequena embarcação laranja, já pegando-a com mãos e forçando seu corpo para fora da água para dentro dela.

Foi quando quase desmaiou de tanta dor antes de afundar de forma bruta na água, a boia o abrigando a subir novamente para a superfície logo a seguida. Cuspiu o montante de água do mar que engoliu no susto e tentou focar os olhos na sobra dourada sobre ele, sem muito sucesso porque a dor ainda estava engolindo-o por inteiro.

— Ai meu Deus! — ele ouviu um grito feminino e tudo o que pôde pensar foi: *pelo amor de Deus, não grite!*

Sua cabeça estava latejando tanto que parecia ter dobrado de tamanho e a água que entrou em seus globos oculares também não lhe ajudaram muito; demorou quase um minuto inteiro para que o vislumbre de mulher se tornasse em algo reconhecível — a figura de Morena segurando um remo como se fosse um taco de beisebol. Foi também o período que Gustavo levou para recuperar o fôlego e o foco, além de seus sentidos, para voltar a odiar a mulher pela pancada que havia desferido nele.

— Mas que merda você pensa que tá fazendo? — Gritou, muito puto.

O grito, claro, foi uma péssima ideia, visto que sua cabeça voltou a girar com a nova agitação. Ele levou as mãos às têmporas e massageou-as, tentando controlar o grito infernal que continuava ecoando e latejando dentro de seu crânio.

— O que você tá fazendo aqui? — ela gritou de volta, ainda segurando o remo de forma ameaçadora, como se fosse voltar a espancar Gustavo a qualquer minuto.

Como se o pobre Gustavo, de ressaca, vermelho como um camarão e com todos os músculos em estado de calamidade pública, fosse uma ameaça grave à sua segurança no barquinho alaranjado.

Naquele momento, Gustavo teve certeza que a mulher estava tentando matá-lo de alguma forma e por algum motivo que ele ainda não sabia qual era. Esperava que ela confessasse seu plano a qualquer momento e voltasse a batê-lo com o remo até que morresse. Era a desculpa perfeita, não era? *Morena Luz fica à deriva com parceiro Gustavo Marinho e ele se sacrifica para que ela sobreviva.* Sairia em todas as manchetes, ela seria notícia mundial, ficaria rica e famosa e jamais encontrariam seu corpo comido por peixes.

— O que você acha que eu tô fazendo aqui? — Rugiu de volta para a mulher. — Pra quê você me deu um colete se queria me jogar no mar? Era para eu sofrer mais antes de morrer ou apenas para você se divertir por mais tempo?

Gustavo tinha uma veia dramática forte e disso Morena já sabia. O que ela não sabia era como ele poderia achar que ela tinha jogado ele no mar se ela também estava ali.

— Quê? — esganiçou-se. Gustavo quis pegá-la pelo pescoço e obrigá-la a calar a boca para sua cabeça parar de latejar. Não que aquele desejo fosse algo incomum com tanto tempo trabalhando juntos. — Você está maluco. O

sol deve ter prejudicado seus neurônios, não que eles fossem grande coisa antes!

— Eu estava curtindo a festa e acordei aqui!

— Ah, olha, adivinha, eu também! — Morena gritou. — O meu, não sei o que houve, mas o seu caso é bem claro: você é um bêbado equilibrista! Aposto que ficou andando nas porras das bordas do navio e se jogou, caiu ou te empurraram. Lembra quando você foi parar no hospital por fazer isso no meio fio? Imbecil!

Gustavo coçou a cabeça, semi convencido. Porém, para parecer aceitar menos a sugestão de Morena, revirou os olhos. Espreguiçou-se e voltou a se apoiar no bote, fazendo menção de subir no mesmo, mas a mulher o empurrou para longe com o remo, o movimento fazendo o bote se afastar um pouco mais dele.

— Quem disse que você pode subir? — Ela perguntou, com a sobrelanceira arqueada.

Ainda estava em pé, com o remo em riste, parecendo uma guarda armada do seu próprio bote e isso fez Gustavo revirar os olhos mais uma vez. Juntou sua última força restante, balançando o bote o suficiente para que Morena se desequilibrasse e caísse no mar. No segundo que ela caiu, Gustavo estava em cima da pequena embarcação, muito contente em encontrar uma garrafa de água potável. Bebeu um longo gole, feliz em tirar o gosto salgado da boca, finalmente notando o silêncio ao seu redor.

Ao olhar para o mar, viu o remo abandonado ao lado do bote.

De morena, na superfície, só se via a ponta dos dedos.



O beijo de Carolina deixou Felipe em sérios problemas. Só em sua mente, é claro.

Correspondeu o beijo com delicadeza, a menina tinha algo especial por debaixo daqueles cachos perfeitos e daquela doçura exagerada que ativava seu interior desejoso. Foi carinhoso e atencioso, afinal, era seu aniversário e ela tinha escolhido passar a noite com ele e despejara seus problemas.

Queria se convencer de que ele não quis ficar com ela, que não quis se envolver e que apenas fora uma boa companhia para algumas horas de tristeza, enquanto ela sofria pelo comportamento do ex namorado e precisava da companhia de alguém para ajudá-la a esquecer, mas, no fundo, sabia que era mentira. Tinha observado a beleza dela desde o primeiro momento, com toda aquela atrapalhão e timidez, pedindo por uma festa de aniversário.

Tinha algo especial em sua simplicidade, como se ela brilhasse a cada passo, a cada sorriso, e Felipe não sabia exatamente o que fazer com isso, deixando-o aéreo e levemente embasbacado. Não era nem perto sua reação comum a nada. Ele gostava das coisas em seus lugares, gostava de trabalhar e gostava de estar certo e focado... Mas não era bem isso o que acontecia depois de dividir o beijo com Carolina.

Para começar, acordou atrasado. Tinha deixado Carolina em seu quarto próximo das quatro da manhã, mas não conseguira dormir até depois do sol nascer, acordando para lá de meio dia. Estava completamente envergonhado quando alcançou as cozinhas para descobrir que o almoço estava pronto e Maria Eduarda que orquestrara tudo.

A loira mimada. Ela estava ali na hora e ele estivera dormindo.

— Graças a Deus você acordou — ela comemorou ao ver o homem passando pela porta. — Jesus, eu não dormi até agora porque você desapareceu, sabia a quantidade de coisas que tem que ser feitas nesse barco pela manhã? Tava todo mundo meio perdido!

Felipe cerrou os olhos para Maria Eduarda, achando que ela estava repreendendo-o sobre acordar cedo, mas a pergunta era realmente inocente: ela não fazia ideia das coisas, mas estivera ali enquanto ele estava morto do mesmo jeito, tentando orquestrar tudo em sua ausência.

Um beijo e a loira mimada saía na sua frente. Como isso acontecera e em que mundo eles estavam?

— Sim, eu sei — Felipe disse, meio incerto.

A mulher parecia agitada, ao contrário do que se esperava de uma pessoa que virara a noite e estava trabalhando há mais de doze horas ininterruptas, enquanto Felipe, que dormira algumas poucas horas, encontrava-se se arrastando pelos cantos do navio, sem conseguir esperar o próximo momento de descanso.

Alguém provavelmente tinha trocado aqueles dois de corpos e esquecido de avisar.

— Bom, agora está tudo certo — ela bateu palmas animadas, arrancando sorrisos da equipe da cozinha, que já começava a recolher e lavar os pratos dos primeiros a almoçar. — Eu ainda não parei desde a festa e não encontrei Gustavo e também gostaria de dormir um pouco.

Felipe revirou os olhos ao ouvir o nome do namoradinho passageiro de Madu, mas repreendeu-se ao lembrar que, agora, ele se encontrava na mesma situação antiética que ela. Bom, ao menos ele sabia que era errado aquele tipo de coisa e podia ainda tentar virar o jogo à profissionalidade, embora temesse pelos sentimentos de Carolina, enquanto Maria Eduarda acreditava que tinha ganhado na loteria e só estava animada em tentar elevar aquele pseudo relacionamento a um nível maior de diversão e intimidade ao qual Felipe nem queria pensar.

Na verdade, Felipe não conseguia era pensar em outra coisa. Com toda aquela reviravolta em sua vida e a sua mãe doente, tinha algum tempo em que o homem não se relacionava física ou emocionalmente com outra pessoa. Tinha até tentado conversar com mulheres através de sites de encontro e relacionamento, mas sempre acabava encontrando algo melhor para fazer e gastar seu tempo, afundado em trabalho ou nos longos cuidados que sua mãe precisava. E Carolina não era um espécime de mulher a se ignorar, tinha uma beleza sutil e meiga, uma inocência latente e parecia forte em seus ideais. Ela mesma beijara Felipe, surpreendendo-o após todo o desabafo que fizera sobre o ex namorado... Ele mesmo, embora já estivesse envolto de vontade há algum tempo, não o faria, tentando respeitar suas ridículas e rígidas regras de comportamento do trabalho.

Ninguém se importava com aquelas regras. Deveria ele se importar?

— Tira o dia de folga e descansa — Felipe disse à Maria Eduarda, que comemorou. Ele sabia que ainda iria se arrepender de ter dito àquelas palavras porque estava cansado e ainda tinha um longo dia pela frente, mas a maneira com que ele se arrastava dificilmente daria para aturar a mulher e toda a sua agitação.

Maria Eduarda saiu empolgada pela porta da cozinha, deixando um confuso e desanimado Felipe para trás. Embora soubesse que seu corpo não

aguentaria muito mais tempo sem dormir, ainda tinha esperanças de conseguir encontrar Gustavo a tempo de marcar alguma coisa para mais tarde, para a noite, logo após ela dormir por toda a tarde e recuperar as energias gastas naquela maratona de trabalho. Não se lembrava de jamais ter trabalhado tanto, mas tinha sido *divertido*. Riu de si mesma, gostando de trabalhar com eventos. Talvez fosse hora de fazer uma nova faculdade e se enfiar em novas aventuras? Madu adorava novas aventuras e seus irmãos certamente gostariam de expandir a empresa para organizações de festas.

Seu olhar focado, embora o corpo estivesse cansado e a mente não estivesse funcionando claramente e em sua totalidade, girou por todo o restaurante, procurando o homem bonito e forte de cabelos castanhos bagunçados, olhos claros como o dia e sorriso faceiro no rosto. Poderiam almoçar juntos antes de ela descansar e já contaria como um encontro. À noite, então, era só ela ir até sua cabine e se divertir. Já estavam adiantado aquilo o suficiente.

Porém, Gustavo não se encontrava em nenhum lugar do aposento, o que declinou seu humor um pouco. Ela ainda se dignou a passar o olho pela parte externa, procurando-o pela piscina e lanchonete, sem sucesso. Então, chateada e um pouco decepcionada, caminhou para a sua cabine para descansar. Com certeza, Gustavo estaria fazendo o mesmo, dormindo até aquela hora depois da incrível festa do dia anterior. Quando a noite caísse, ela o encontraria perambulando e poderiam resolver aquele problema que já estava deixando-a louca.



Por um momento, Gustavo encarou a ponta dos dedos da mulher, achando que ela estava tentando lhe pregar uma peça e fazê-lo se sentir culpado por tê-la derrubado na água. Ele estava esperando que ela subisse para a superfície com um sorriso convencido no rosto por tê-lo deixado assustado a qualquer momento.

A qualquer momento.

A qualquer momento.

Ele estava ficando assustado de verdade.

Seus dedos não estavam mais na superfície e ele a via se debater pelas águas abaixo com os olhos arregalados. A qualquer momento agora? Os movimentos da mulher começaram a ficar menos intensos, mais nublados...

— Morena? — Chamou, já em pânico. Ela parou de se mexer, os olhos arregalados e uma grande bolha de ar flutuou de sua boca até desaparecer entre a água e o bote. — Ah, bosta!

Gustavo pulou na água rapidamente, já estranhando a temperatura levemente gelada da mesma em comparação ao calor do ar e do sol. Mergulhou, a boia atrapalhando-o ao alcançar Morena, mas acabou por fazê-lo, pegando-a pela mão inerte e puxando para junto de si e envolvendo-a com seus braços, desmaiada. Puxou-a para a superfície e percebeu que ela não se movia e nem respirava e entrou em pânico.

E se ela morresse? Seria culpa dele, não era? Ele tinha derrubado a mulher e ignorado seus pedidos de socorro, acreditando que não se passava de uma brincadeira boba e ridícula.

Empurrou-a para dentro do bote com um pouco de dificuldade e, sem jeito, subiu atrás dela, sem saber exatamente como proceder. Morena parecia estar adormecida, linda e serena, exceto pelo fato de que lhe faltava respiração. Gustavo lembrou-se de filmes e das breves aulas de primeiros socorros que tivera, tentando se esforçar em conseguir uma maneira de como proceder àquela situação.

Virou-a de barriga para cima e avaliou a situação por um breve segundo, tentando não ser muito invasivo com a mulher desacordada, mas só sabia fazer daquela maneira... Despiu-a das mangas do vestido, empurrando-o para baixo pelo decote e exibindo o belo colo coberto pela parte de cima do biquíni. Por mais que ela lhe desse nos nervos e por mais que a situação fosse calamitosa, Gustavo não pôde ignorar a beleza da mulher, sentindo uma fisgada incômoda no baixo ventre. É... Ele ainda não tinha resolvido aquele

problema.

Começou uma massagem cardíaca forte e potente, com as mãos posicionadas entre os seus seios, empurrando o peito para baixo e cedendo, forçando seu corpo a reconhecer que era o próprio coração que fazia a movimentação. Tomou uma lufada de ar poderosa e levou aos lábios da mulher, soprando para dentro de sua boca enquanto tampava-lhe o nariz. A descarga que correu pelos lábios levemente encostados foi tremenda e ele tentou ignorá-la porque a fisgada em seu membro tinha sido um pouco mais intensa e ainda mais difícil de conter.

Por todos os céus, ela está morrendo, Gustavo!

— Vamos, Morena — sussurrou, a voz não subindo mais que aquilo por conta do medo e do esforço. Voltou as mãos ao meio dos peitos dela e forçou mais algumas vezes, contando alto para não se perder. — Vamos, reaja! Vamos!

Havia um nó em sua garganta sendo formado desde o momento em que pegara a mulher desmaiada em seu colo e estava aumentando a cada segundo mais que ela continuava sem demonstrar qualquer reação. Apertou seus olhos e sentiu-os molhados, sem nada ter a ver com a água do mar do mergulho.

— Vamos!

Respirou profundamente mais uma vez e levou a boca até a dela, desta, encostando-as mais intensamente e soprando mais ar e com mais força em sua boca. Ignorou todo o resto que sentia, informando que seu corpo estava contente em ter o dela; era Morena que importava e o desespero dela não acordar estava deixando-o louco.

De olhos fechados, não viu quando a negra abriu os olhos, arregalando-os ao encontrar Gustavo sobre si. Sentiu só quando suas mãos delicadas resolveram ser brutas, empurrando-o para longe dela, ao mesmo passo em que seu joelho acertava sua barriga, claramente errando o alvo, que era um pouco mais em baixo.

Gustavo queria gritar com ela por ser tão insensível por ele estar tentando salvá-la.

Mas o que ele fez?

Ele riu.

Riu alto, irritando ainda mais a mulher confusa, que cuspiu água pela borda do bote e o encarava com os olhos esverdeados indecisos entre a irritação e a confusão. Ele não podia se importar menos, o alívio de tê-la de

volta, não importando se ela estava querendo espancá-lo, era o suficiente para que o resto do dia fosse tranquilo e contente, mesmo à deriva naquele pequeno bote alaranjado.

— Que porra foi essa? — Morena perguntou. Gustavo, ao ouvir sua voz, riu ainda mais alto, secando as lágrimas com as pontas dos dedos, ao que Morena identificou como lágrimas de riso, mas que eram, na realidade, lágrimas de pavor e alívio. — Para de rir, Gustavo! O que você fez?

A mulher encarou o vestido que estava descido, descobrindo o busto, na metade de sua barriga, com as mangas pendendo pelo antebraço, limitando seus movimentos. Ao invés de se importar com a nudez, ela encarou a leve linha de divisão de cor em seu braço, onde antes estivera o braço do vestido e se pôs a escorregá-lo para baixo. O colo estava vestido com a parte de cima do biquíni que ela utilizara no dia anterior, mas a parte de baixo era um shortinho curto, que fez Gustavo suspirar em decepção. Ele preferia a calcinha.

Gustavo tentou engolir o riso, mas estava difícil, então disse assim mesmo, entre gargalhadas:

— Você caiu na água... Parecia morta... Eu tentei... Tentei ajudar.

O riso estava cessando e ele começou a tentar recuperar o fôlego. Levantou as mão ao alto, exibindo sua crença na total obviedade no que havia acontecido. Era ok que ela estivesse confusa e assustada, porém, e ele sabia que a situação parecia outra coisa, principalmente porque ele se encontrava de olhos fechados no momento em que ela acordou, mas havia lógica, não havia?

Morena exibiu, nos olhos, um lampejo de reconhecimento de verdade nas palavras de Gustavo. Pareceu rendida em sua condição de acusadora, mas ainda mantinha sua respiração alterada e rápida, como se estivesse tentando se recuperar de uma maratona corrida e parecia assustada por ter quase se afogado, com seus olhos arregalados o tempo todo.

Gustavo permaneceu com as mãos levantadas, mesmo que os braços tivessem acabado encontrando o resto do corpo. Ele queria que ela se acalmasse e entendesse que ele não demonstrava nenhuma ameaça. Eles brigavam muito, sim, mas aquilo era diferente de desejar que ela tivesse um enfarte e morresse logo depois de quase se afogar. Era, claramente, muita maldade, até mesmo para o ódio e raiva que aqueles dois carregavam um do outro.

— E por que você tinha que abaixar meu vestido enquanto isso? — Perguntou, com a respiração mais tranquila, mas demonstrando sua total indignação por ele tê-la despido.

Ok. Morena tinha razão, era claro. Gustavo não sabia exatamente porque tinha feito aquilo, mas meneou a cabeça e abaixou as mãos. Estavam cada um em uma ponta do bote e parecia que havia uma linha imaginária de proteção ao meio da embarcação que os impedia de cruzar, como se aquela distância e aquela barreira inexistente o mantivessem a salvo um do outro. Gustavo de levar uma remada e Morena de voltar a se afogar.

— Não tenho certeza — ele confessou, achando que a verdade era a melhor maneira de sair daquela com sucesso. — Eu vi essas coisas nos filmes. As mulheres estavam sempre de biquíni e os homens de cueca. Achei que o pano pudesse atrapalhar a massagem, não sei mesmo. Achei que era o mais sensato a se fazer.

Morena pareceu acreditar no que ele proferira e não ponderou mais, encolhendo-se em seu cantinho e abraçando as pernas e percebi que ela estava com frio. O vento marítimo estava começando a dar suas caras, arrastando levemente o bote através das águas tranquilas. Gustavo também começava a sentir frio, mas aquilo perto da dor de cabeça, da fome e do cansaço não era nada. Morena, porém, tinha acabado de passar por um trauma na água e aquilo deveria estar intensificado.

Ela estava sem colete salva-vidas, ele reparou. Começou a desamarrar o seu, percebendo o olhar interessado e confuso da mulher, do outro lado do barco. Engatinhou até ela, desencaixando o colete e estendendo-o para ela, que pegou com suas mãos levemente incertas.

— Você não sabe nadar, não é? — Ele perguntou, interessado.

Morena estava amarrando o colete em si própria, parecendo aliviada e contente com a nova aquisição. Gustavo não pôde evitar sorrir, enquanto retornava para o seu cantinho. Apesar de toda a pose de mulher e toda a tensão entre os dois, Morena ainda exibia uma característica leve de menina em sua frente. E era encantador.

— Males de se morar em uma cidade sem praia — sorriu.

Gustavo teve sorte sobre aquilo, porém. Sua família tinha dinheiro o suficiente para que ele passasse suas férias em locais que permitiam que ele aprendesse coisas básicas de sobrevivência, como nadar e acender uma fogueira.

— Obrigada pelo colete — Morena disse. — Mas não por me salvar. Foi sua culpa mesmo.

Ele revirou os olhos e teve que conter a sombra de um sorriso por Morena estar sendo o que ele esperava que ela fosse: irritantemente ela mesma.



Andrea Marinho tinha todos os problemas do mundo, embora tentasse levar a vida da melhor maneira possível. Era desligada, desatenta, sofria de alguns transtornos como déficit de atenção e ansiedade, além de estar sempre tomando remédios para controlar a depressão que lhe acometera quando o amor de sua vida lhe abandonou para seguir atrás de um time de futebol pelo campeonato e morreu em um acidente na estrada no ônibus em que estava, antes que ela pudesse lhe contar que estava grávida. A gravidez também foi bem complicada; Elena passara a metade do tempo jogando na cara dela que ela fora trocada com 11 homens de shortinho atrás de uma bola e que um homem de verdade jamais faria isso, o que deixava Andrea ainda mais arrasada. A gravidez fora de risco por conta do estado emocional da mulher e foi diagnosticada com depressão pós parto alguns meses depois, quando começou a rejeitar Gustavo. Demorou algum tempo e muitos remédios até que ela começasse a aceitar a criança e que alegria seu pequeno homem lhe dava, dia após dia, sempre esperto, bem humorado, sempre cuidadoso. Não lhe faltava mais amor, enquanto a mãe vivia criticando a vida despreziosa de Andrea, sem nenhum enfoque, trabalho, estudos ou algum hobbie que ela pudesse, pelo menos, jogar na cara dos amigos que sua filha tinha uma habilidade especial, Gustavo a abraçava, dizia que a amava e para ele não importava se a mãe estava quebrada, tomava remédios de tarja preta ou tinha corrido até a ponte mais próxima para tentar se matar. Ela não era uma inútil aos olhos do seu pequenino e sua admiração e amor incondicional a ajudaram de forma absurda a melhorar de todos os seus transtornos.

Ela começou a querer ser uma pessoa melhor por causa do seu pequenino e agora gigante. Gustavo tinha se tornado um homem incrível com seus ensinamentos e sua paciência e ela descobriu que tinha um talento especial, afinal. Era uma mãe, uma natural e dedicada. Dedicada até demais, o Gustavo adulto diria. Eles conversavam todos os dias, mesmo quando ele não estava morando mais com ela, deixando-a morrendo de saudades. E, agora, Gustavo estava de férias, tinha ligado para ela de manhã cedo no dia anterior e, no meio da tarde, ainda não tinha respondido suas mensagens. E ele era sempre rápido para responder as mensagens.

Andrea queria ignorar aquela sensação horrível que estava em seu peito, mas não conseguia. Normalmente era aquilo que a fazia deixar Gustavo nervoso com ela; não era incomum que ela sentisse o pessimismo da depressão envolvê-la a ponto dela correr atrás dele nos lugares e ligar incansavelmente para ele atendê-la, mas seu celular estava dando como desligado há algumas horas e já deixara recados em sua caixa postal, sem nenhuma resposta. Estava ficando seriamente preocupada, Gustavo nunca a

deixava muito tempo sem responder por que sabia o que isso causava nela, apesar dela deixá-lo irado as vezes.

Tomou um calmante, tentando não pensar em todas as coisas ruins que poderiam ter acontecido com seu anjo, mas isso não a contentou. Resolveu, por fim, tomar uma medida drástica que fizera poucas vezes na vida porque sabia que isso cruzava uma linha que o filho lhe implorava para que ela não o fizesse.

Pegou o celular e discou para a Under Constrution.

“Under Constrution Belo Horizonte, Ana, boa tarde!” Andrea ouviu a voz clara e forte da mocinha que secretariava e organizava boa parte do escritório e, inclusive, passava recados para Gustavo quando achava necessário.

— Oi, Ana, querida, é a Andrea, mãe do Gustavo, tudo bom? — Perguntou, simpática.

“Oi, Andrea! Tudo ótimo. E você, como vai?”

— Mas ou menos, querida... Tô ligando pra saber se algum de vocês tem notícias dele. Tem algum tempo que ele não fala comigo e eu tô preocupada.

“Tenho certeza que está tudo bem, dona Andrea. Ele deve estar sem sinal. Mas deixa eu conferir aqui se alguém sabe alguma coisa”. Ana tinha ciência dos problemas psicológicos de Andrea porque Gustavo as vezes ficava nervoso sobre e tinha alertado que se ela parecesse nervosa, era para tentar contato urgente com ele. *“Gente, alguém falou com o Gustavo hoje?”*

“Falei com ele ontem de tarde” Andrea ouviu uma voz feminina dizer e suspirou um pouco mais aliviada — isso ainda era depois do que ela falara com ele. *“Estava na piscina, com a Morena”*

“Com a Morena?” Ana parecia incrédula e assim também estava Andrea, que apurou os ouvidos, apertando a orelha contra o telefone para capturar o máximo de informações que pudesse.

“Também não acreditei, mas falei com os dois juntos e parecia que eles estavam... De bem” Andrea ouviu as risadas das duas e quase não fez coro. Gustavo estava sempre reclamando da menina Morena e Andrea tinha que confessar que demorou um bom tempo para entender que Morena era o nome dela. Mas era engraçado vê-lo reclamar sem parar como se estivesse no jardim de infância e alguém pisasse em seu polguinho.

“Oi, dona Andrea” Ana voltou ao telefone e Andrea fingiu que não tinha escutado toda a conversa dela com a outra mulher. *“Alícia disse que*

falou com Gustavo ontem e ele está bem e se divertindo. Tenho certeza que está só sem sinal ou deixou o celular descarregado. A senhora sabe como o garoto é desligado com essas coisas”.

Andrea bem sabia, mesmo. Gustavo esquecia as coisas *sem querer* e sempre acabava metido em encrencas por conta daquilo. Porém, normalmente seu celular estava ligado quando ele não se encontrava em reuniões, exceto quando descarregava durante o dia. Então era estranho que ele não a respondera, quando ela sabia que ele só estava de férias. Mas a história com a tal da Morena parecia fazer sentido em sua mente. Talvez estivessem resolvendo suas diferenças entre quatro paredes, e a ideia a fez rir porque ela sempre imaginara que toda aquela tensão entre os dois era romântica, e ele tinha perdido a noção do tempo. Seria compreensível.

— Ah, muito obrigada, querida. Fico muito mais calma em saber — Andrea agradeceu.

“Disponha, dona Andrea. Qualquer problema, pode ligar pra mim, está bem?”

Andrea sabia que aquelas palavras significavam muito mais do que Ana queria dizer e agradeceu com o coração pela mão estendida da mulher.

— Obrigada, querida. E bom trabalho.

As suas se despediram e desligaram, Andrea um pouco mais relaxada após ter notícias mais recentes do filho viajante.



Houve um pequeno momento constrangedor após o quase agradecimento de Morena, quando ela percebeu que Gustavo estava rindo e ele teve que engolir aquilo antes que estourasse a terceira guerra mundial. Gustavo, então, se pôs a refletir sobre a estranha demonstração de humanidade de mulher e ela pareceu bastante envergonhada sobre ter demonstrado um momento de fraqueza na frente dele, o suficiente para que ele lhe oferecesse o colete salva-vidas de volta, achando que ela precisava mais dele do que ele.

Morena escondeu o rosto sobre as coxas e permaneceu em silêncio por um bom tempo, ignorando Gustavo e sua tentativa de recuperar o remo perdido quando a mulher caiu na água. Quando finalmente alcançou o remo e estava prestes a chamá-la para comemorar sua vitória com ele, ela levantou a cabeça de supetão, encontrando-o em uma posição ridícula, apoiado de bunda para cima no bote, com a mão direita e o joelho esquerdo fincados no plástico. A perna direita estava esticada em comemoração, assim com o braço esquerdo que segurava o remo.

— Você é ridículo — Morena não pôde ignorar a vontade exorbitante de rir que gingava por dentro dela. A memória de sua resolução a apavorou por um longo momento. *Ele é seu tipo, todo o seu tipo, jogado em uma aventura, perdido no meio do mar e ao invés de se apavorar que nem você, só sabe rir e fazer piadas.*

Quis se bater por pensar aquelas coisas, mas empurrou tudo para o fundo da mente e encarou o homem com certa curiosidade, enquanto ele recuperava sua dignidade e se sentava de forma comportada no bote.

— Bom, agora temos dois remos de novo — ele disse.

Morena sorriu, simpática ao pensamento prático de Gustavo após o momento de crise. Ela estava um pouco perdida desde que acordara e era bom ter companhia, mesmo que fosse o irritante Gustavo Marinho, para auxiliá-la a pensar com clareza. Com dois remos, eles poderiam conseguir remar, embora não tivessem um lugar para ir. Encarou o mar por todos os seus lados, tentando entender qual seria o propósito de remar por ali e se sentiu pequena, no meio de toda aquela grandeza assustadora que provavelmente a mataria em algum momento nos próximos dias.

— O que nós vamos fazer? — Perguntou, a voz saiu levemente falhada, demonstrando seu medo e insegurança. Amaldiçoou-se por estar demonstrando ainda mais defeitos na frente de Gustavo, que com certeza usaria aquilo contra ela em algum momento de suas vidas, se saíssem dali.

Sabia que nunca mais seriam os mesmos, de qualquer forma, mas não queria que ele pensasse que ela era uma garota assustada com medo de morrer. — Quero dizer... — Continuou, tentando consertar a imagem que o homem provavelmente já teria dela. — Estamos à deriva em um bote que mal cabe nós dois deitados.

Gustavo queria ponderar e negar porque, em sua mente, ele sabia muito bem como caberiam os dois deitados naquele bote. Um pouco menos de roupa, um pouco mais de suor e gemidos, um em cima do outro, bem apertados juntos... Com jeitinho e gentileza, sempre cabia.

Demorou um longo momento até que ele percebesse que Morena esperava que ele desse alguma resposta para o que ela dizia. Balançou a cabeça, afastando os pensamentos sexuais com Morena e respirou fundo para acalmar seu interior que pedia urgentemente por alívio.

— Não tem sinal do navio — ele murmurou, achando que aquele era um bom ponto para se colocar na mesa. — Ou civilização aqui perto.

Gustavo olhou ao redor só para ver se algo tinha mudado bem no meio de seu discurso, como se esperasse uma intervenção divina e *A Donzela Indomável* surgisse do nada, bem ao lado deles para resgatá-los daquele sol e daquela fome. Gustavo bem que poderia usar de uma cama confortável e boas horas de sono, além de um comprimido para dor de cabeça e alguns quilos de comida. Ah, e sexo. Não poderíamos esquecer do sexo.

— E, para melhorar, ainda estamos *juntos* — Morena revirou os olhos. Estava incomodada com a presença de Gustavo, o que com certeza o incomodava, mas o buraco era um pouquinho mais embaixo.

Morena estava incomodada porque estava com medo do que aquela aproximação quase amigável deles poderia fazer com ela. Em menos de vinte e quatro horas, eles conseguiram evoluir de uma relação insuportável a ficar em um pequeno bote tendo uma conversa agradável — e isso sem contar que Gustavo a salvara de morrer afogada e ainda doara seu colete salva-vidas para que ela ficasse mais segura.

Certamente era o fim dos tempos.

— Bom, se você quer uma boa notícia, eu não acho que estamos muito longe da costa. — Gustavo pontuou.

Morena franziu a testa para a declaração de Gustavo e não pareceu muito segura sobre aquilo, mas concordou com a cabeça em silêncio. Encarou o colete salva-vidas apenas por não querer olhar além-mar, ou além-Gustavo e seus olhares se cruzarem enquanto ela pensava no quão assustada ela estava com aquela aproximação esquisita. Seu olhar captou uma anotação disforme

no colete e ela franziu a testa, tentando entender. Ao não conseguir identificar, sua mente foi ainda mais além, lembrando de outras coisas que ela também não compreendia.

— Eu sequer sei como eu vim parar aqui — confessou.

Gustavo estava já distraído, colocando o remo na água e checando a água ao seu redor com se esperasse encontrar comida e o remo lhe auxiliasse em tirá-la dali. A voz de Morena chamou sua atenção e também atiçou sua curiosidade.

— Nenhuma ideia? — Perguntou.

Morena se lembrava de fazer exatamente o que ela acusara Gustavo de fazer: estava dançando ao redor das margens do barco... Era sua última memória. Não sabia como tinha parado no bote, de qualquer forma, então não foi uma mentira completa dizer:

— Não — ela meneou a cabeça, encarando a curiosidade latente em Gustavo e viu-a refletir em si mesma.— E você?

Gustavo forçou a memória da cabeça ainda com muita dor da ressaca e de todos os acontecimentos que se sucederam à bebedeira. Lembrava-se de um casal se pegando e de jogar vira-vira com um monte de desconhecidos que ele não recordava o nome... Lembrava-se...

Ahn?

Lembrava de Morena dormindo no bote. Visto de cima?

Com certeza era fruto da sua imaginação.

— Não tenho certeza — murmurou, depois de algum tempo de esforço mental, sem sucesso. — Acho que foi como você disse. De me equilibrar e cair...

Morena estava com um sorriso convencido no rosto. Adorava estar certa quando Gustavo estava errado ou se ferrava. O único problema naquela situação é que ela estava se ferrando junto com ele.

— Podia ter quebrado o pescoço — pontuou, porém, porque a ideia estava em sua cabeça e a deixava louca. Gustavo morto, estirado no chão do navio e sangue para tudo que era lado.

Ela sabia, claro, que não necessariamente haveria sangue quando se quebrava o pescoço, mas o que poderia dizer sobre sua imaginação sempre anormalmente fértil?

Gustavo não sabia se Morena estava sendo atenciosa como uma mãe preocupada por ele quase ter se machucado muito feio ou se estava só dizendo

que estava certa o tempo todo quando tentou colocar o colete salva-vidas nele e ele tentou recusar. Pelo sorriso estampado nos lábios da mulher, a implicância dela estava de volta, embora ponderada e contida visto que a intimidade entre os dois tinha crescido de forma incômoda nas últimas horas.

— Talvez você tenha me visto cair e pulou atrás de mim? — Gustavo tentou.

Morena gargalhou enquanto ele se encolhia. A ideia de Morena indo atrás dele tinha vindo à sua mente quando ele se lembrara da sensação que tivera ao salvá-la. Queria poder dizer que ela faria o mesmo por ele... A ideia dela tentando salvá-lo realmente o enchia de algum sentimento que ele não sabia dizer o que era. Superação? Amizade? Felicidade? A risada da mulher o fez murchar de forma patética.

— Óbvio que não, eu não sei nadar — disse, simplista.

— Por isso você pegou o bote — explicou.

Fazia sentido na cabeça dele. Ele teria caído, Morena era a única a prestar atenção, mas não sabia nadar, então pegou um bote e tentou alcançá-lo, mas, por algum motivo, haviam acabado de separando cada vez mais do navio e não conseguiram terminar a noite juntos e a salvo.

— Não sei não... — ela negou.

Gustavo também achava que sua teoria tinha falhas e não fazia lá muito sentido, então resolveu deixar para lá e focar no quanto seu estômago de contorcia, pedindo alimentação. Tinha uma mochila da mesma cor do bote aos pés de Morena e parecia ser o tipo de coisa que se deixava suprimentos para emergência.

— Está bem. — concordou. — Você tem comida? Eu tô morrendo de fome.

Morena soltou um longo suspiro e abriu a mochila, tirando umas barrinhas de cereal para si própria e para Gustavo. Jogou-as no ar para o homem, que as agarrou e abriu como um ogro, enfiando uma barra inteira na boca em uma só vez.

— Será que você não consegue ser educado nenhuma vez? — Morena reclamou.

Mas ao morder sua própria barrinha, a mesma a devorou em três segundos.



— Te amo, mãe? — Morena perguntou.

Gustavo estava comendo os últimos pedaços da sua segunda e última barrinha. Comia centímetro por centímetro, tentando estender ao máximo aquele momento de alimentação. Morena já tinha terminado suas barrinhas há alguns minutos, tomado um gole de água e Gustavo continuava ali, extremamente concentrado no pedaço de comida, e sua atenção voltou ao rabisco disforme do colete. Levou um longo minuto para decifrá-lo, mas os garranchos de Gustavo já eram quase sua especialidade depois de tanto tempo trabalhando com ele.

Pôde ver as bochechas do homem ganhando uma leve cor quando ele percebeu do que ela falava. Aquele momento de desespero quando acreditava piamente que morreria boiando no mar. Ali, no bote, tinha chances muito maiores e conseguia ver o tamanho da bobagem que fizera.

Resolveu confessar a verdade. Morena tinha passado por uma situação parecida com a dele, sozinha e sem saber o que fazer, e entenderia, certo?

Certo?

— Tava com medo de morrer — sussurrou, engolindo o último pedaço da barra de cereal. — Quis deixar um recado pra confortar minha mãe quando encontrassem meu corpo.

Morena engoliu a seco. Ela era bem mais desapegada da família que o homem, não que amasse menos sua mãe. Márcia era uma mulher forte e aguentava qualquer pancada que a vida lhe dava de pé e erguida, então Morena não tinha muito que se preocupar com ela. Andrea, porém, estava sempre entre as prioridades de Gustavo. Sua mãe era um pouco boba e mentalmente e emocionalmente instável, dando problemas para avó, que não conseguia aceitá-la do jeito que era. Por conta disso, Gustavo achou melhor que a mãe soubesse que estava em seus pensamentos no momento de sua morte.

— Isso é... Triste — Morena murmurou, levemente emocionada com o momento de abertura de Gustavo. — Se a gente for morrer, eu te devolvo o colete e ela encontra a mensagem, então.

De uma forma esquisita, a ideia de Morena morrer parecia ainda mais desagradável que sua própria morte, para Gustavo. Teve mais dificuldade para aceitar a possibilidade do que quando estava sozinho e colocou a culpa nisso: juntos, eles já tinham erguido monumentos da idade contemporânea, com certeza conseguiam sobreviver sozinhos em um bote até encontrarem eles.

— Não vamos morrer — fixou a ideia para que Morena confiasse que aquela era a coisa certa e a que aconteceria. — A gente vai ficar bem e vai viver.

Morena tinha suas dúvidas quanto aquilo, era uma pessoa bem mais pessimista que o sempre animado Gustavo. Porém, queria acreditar em suas palavras e queria que seu desejo se tornasse realidade; ela se achava muito nova para morrer e tinha algum tempo que não falava direito com seu pai e sua irmã. Queria que eles soubessem que ela amava os dois também, apesar de não se darem muito bem.

— Como? — Perguntou com a voz embargada, querendo agarrar-se naquela centelha de esperança com todas as forças que ainda tinha.

Gustavo não tinha ideia de como, mas precisavam tentar qualquer coisa e o seu melhor plano continuava sendo tentar encontrar a costa de alguma forma, ligar para casa e conseguir ajuda.

— A gente tem que chegar em terra — Gustavo instruiu. — Temos que remar. Uma hora vamos encontrar alguma coisa. É melhor que ficar parado aqui.

Morena não estava muito confiante com aquilo.

— Podemos acabar na África — ponderou.

— África é algum lugar — Gustavo riu. — Vai ser melhor que ficarmos parados aqui esperando um barco passar e morrendo de fome. A gente vai achar algum lugar.

Morena pareceu convencida e balançou a cabeça afirmativamente. Gustavo pegou o remo sobre suas pernas e ela procurou pelo outro, ao seu lado no bote. Pararam, ambos com o remo na água, sem saber exatamente o que fazerem. Riram juntos e depois se sentiram envergonhados.

— Pra onde? — Morena perguntou.

Gustavo encarou o mar, sem saber. Porém, algo lhe dizia para seguir em frente. Apontou com o queixo e Morena moveu-se para ficar de costas para ele. Viu-a posicionar o remo à esquerda e ele fez o mesmo à direita e começaram a remar. Após dois minutos, percebeu que não estavam indo muito para frente e sim fazendo um círculo ao redor deles mesmos, pois Morena não estava nem encostando seu remo no mar.

— Você rema como uma garotinha — Gustavo não conseguiu segurar a piada pelos seus lábios e se arrependeu disso no segundo seguinte.

Estava de volta ao mar, dessa vez sem o colete e a dor estava gritando em seu ombro. Não tinha entendido muito bem do que se tratava o ataque de

raiva da mulher, mas nadou para a superfície e agarrou o próprio remo, vendo Morena em pé, novamente segurando o remo como uma arma.

— Mas que foi agora? — ele gritou, irritado.

— Da próxima vez que você usar “*como uma garotinha*” pra insultar uma mulher... — Ela alertou, os olhos cerrados e as narinas infladas de raiva. — Eu vou te acertar na *cabeça de baixo*.

Gustavo engoliu a seco, vendo que a mulher tinha razão. Não tinha percebido que aquilo soava daquela forma. Com cuidado, ele se aproximou do barco e pôs o remo para dentro, aos pés da mulher. Resolveu levar tudo na brincadeira antes que o clima de paz se encerrasse e acabassem matando um ao outro afogados.

— Você com esse remo é um perigo, hein? — Riu, tentando levar na maior.

Morena arqueou as sobrancelhas enquanto ele subia no bote e deu espaço para ele se acomodar, voltando para o seu lugar de origem e se sentando para não tombar com o balanço da embarcação, como já havia acontecido.

— Eu sou um perigo com qualquer coisa — ele disse. — Porque eu faço tudo *como uma garota*.

Gustavo suspirou, conhecendo a mulher o suficiente para saber que ela lembraria daquele detalhe e jogaria aquilo na cara dele pelo resto da vida dos dois, fazendo-o se arrepender amargamente do momento em que proferira as palavras sem pensar, ofendendo-a.

— Olha, me desculpa, tá? — Soltei, antes que a situação ficasse insustentável. — Não quis dizer isso.

Morena cerrou os olhos em direção a Gustavo, prestando atenção nas palavras do rapaz, tentando ver se seu arrependimento era verdadeiro ou apenas fachada. Não se convenceu por completo.

— Uma mulher pode fazer tudo o que você faz, só que de salto alto.

Ele respirou fundo e ensaiou um pedido de paciência para que não estourasse com a mulher. Até onde sabia, ela estava correta e sua mãe também não teria gostado de escutar a mesma frase, mas custava ela aceitar seu pedido sincero de desculpas uma mísera vez?

— Eu sei, eu sei — disse, cansado — E eu não saberia andar de salto alto.

Morena concordou com a cabeça, parecendo satisfeita com a resposta.

— Exatamente.

— Nós já chegamos a essa conclusão algumas dezenas de vezes — Gustavo riu.

Ao ter a mulher mais calma, concentrou-se em seu remo. Antes de colocá-lo de volta na água, porém, percebeu que ele estava um pouco lascado. Ficou tentando tirar aquela farpa, com medo que encostasse no bote e causasse um estrago além do que ele poderia corrigir.

— Vai ficar aí o dia inteiro? — Morena perguntou. — Ai, homens são tão preguiçosos...

Só então Gustavo percebeu que a mulher tinha voltado a remar sozinha, impulsionando o bote a frente enquanto ele estava conferindo a lasca solta do seu remo.

— Ei! — Reclamou, levando a brincadeira.

Morena levou a mão do remo ao peito, parecendo uma caricatura de si mesma, debochada e arrependida. Gustavo apertou os lábios em uma linha, sem saber se estava achando engraçado ou irritante.

— Ah, desculpe — disse, em total ironia. — Não quis dizer isso.

Decidiu que era irritante. Morena o faria se arrepender não de ter preferido aquelas palavras, mas de ter nascido. Estava prestes a retrucar e tentar acalmá-la mais uma vez quando o vislumbre de uma luz esverdeada chamou-lhe a atenção: verde? No meio daquele azul infinito e do amarelo do sol? Só podia significar uma única coisa.

Ele ficou em pé no bote, o remo em suas mãos e agora ele entendia que Morena o mantinha assim para ajudar no equilíbrio na embarcação, já que ela não era nem um pouco firme. Viu a mulher se encolher levemente sob a figura imponente dele e pareceu um pouco assustada enquanto ele conferia sua teoria. Tinha uma ilha, praia ou costa logo a frente e eles estariam a salvo e alimentados em breve.

— Olha lá, Morena! — Gustavo anunciou, apontando para o brilho esverdeado na frente. A mulher saiu da postura defensiva e seguiu o caminho pelo qual ele apontava. — Você tá vendo?

Ela era detalhista e ele não sabia por que estava lhe perguntando se ela via o mesmo que ele quando era óbvio que ela veria até mais. Ouviu o suspiro aliviado da mulher enquanto ela agarrava as bordas do bote com força, parecendo contente em ter alguma esperança real para se agarrar. Não poderia ver sua expressão, mas sabia que era mesma de quando conseguiam fugir de uma bronca de André quando faziam alguma caca em um projeto por não

pararem de brigar.

— O que você está esperando? — Ela perguntou, pegando o remo apoiado entre as coxas e fincando-o na água ao seu lado. — Vamos logo com isso!

Capítulo 7

Gustavo e Morena estavam remando por cerca de uma hora e já tinham se aproximado do pedaço de terra o suficiente para identificarem-no como uma ilha razoavelmente grande quando uma ideia acometeu Gustavo como um remo batendo em sua cabeça. Se sentiu estúpido por não ter pensado nisso antes e enfiou a mão no bolso, tirando o aparelho de celular. Apertou sua lateral para desbloquear no momento em que Morena percebeu que ele tinha parado de remar e virou-se para ralar com ele.

O aparelho estava completamente morto. A água do mar tinha deteriorado seus circuitos internos e só uma pequena luz no centro da tela se acendeu por um momento. Gustavo encarou aquela pequena esperança, vendo a tela se apagar pouco a pouco e o aparelho morrer. Tinha custado uma fortuna e nem para sobreviver algumas poucas horas imerso em água do mar. Para que serviam, então, aquelas porcarias?

— Afogado — explicou para a mulher. Ela sorriu de lado. — E o seu?

— Na minha cabine no navio — respondeu, dando de ombros. — Péssima noite para querer ficar longe das redes sociais por algumas horas.

Gustavo riu com gosto e voltou a remar. Morena estava incomodada com a nova paz e todas as conversas tranquilas que eles estavam tendo e resolveu tirá-lo do sério um pouco. Pegou sua pequena bolsa, abandonada no meio do bote, sob o olhar curioso e intenso de Gustavo. Abriu-a e tirou de lá um espelho circular. Encarou sua feição cansada pelo pequeno círculo, tentando limpar as grandes manchas negras abaixo dos seus olhos, resultado do rímel e do lápis que deveriam ter escorrido enquanto ela dormia ou quando caíra na água.

— O que você tá fazendo? — Gustavo perguntou.

Ele era tão previsível que Morena não conseguiu segurar o sorriso. Sabia que ele odiava trabalhar com alguém fazendo nada ao seu lado, não importava se a pessoa tinha acabado primeiro ou estivesse em seu momento de folga. Gustavo enlouquecia com a ideia de trabalhar ao lado de uma pessoa descansando. E era sabendo disso que Morena o provocava. A resposta já estava pronta há uma boa hora e apenas saiu pelos seus lábios macios como veludo:

— Agindo como uma garotinha — disse, levantando uma sobrancelha, como se fosse ridículo ela ter que soletrar o que estava fazendo, embora

Gustavo acreditasse piamente que já tinham superado aquela pequena desavença anterior. — Não era sobre isso que você estava falando?

Se fosse fisicamente possível soltar fumaça pelas orelhas, ele o teria feito naquele momento. Quis urrar de frustração por aquela mulher ser tão ridiculamente impossível e jogar seu remo longe e talvez quebrá-lo em duas partes só para conseguir se acalmar, sabendo que já tinha feito isso com uma amostra de trabalho de Morena e isso o acalmara na época. Morena tinha ficado furiosa, então, mesmo que a culpa fosse inteiramente dela, como naquele exato momento. Ele tinha certeza que a mulher fazia de propósito para lhe irritar e vê-lo explodindo enquanto piscava seus cílios de forma inocente e se fazia de vítima.

Gustavo não poderia culpá-la, não por aquilo. Ele mesmo já tinha se utilizado do comportamento explosivo de Morena para se fazer de vítima e sair ganhando uma batalha. Porém, depois disso, ele sempre perdia a guerra porque ela atacava de forma inteligente e sabia convencer os outros, melhor que ele, que era a inocente da situação.

Ali, porém, Gustavo ignorou sua raiva e analisou a situação por um longo momento, encarando a expressão impassível de Morena e tentando ler por detrás dela. Os dois estavam em um bote, tentando sobreviver, remando em direção à uma ilha que parecia não ter civilização, mas serviria para que pudessem abastecer e pegar mantimentos antes de saírem procurando algo melhor. Não poderiam ficar brigando o tempo todo — eles precisavam um do outro e Gustavo era esperto o suficiente para perceber isso.

Ademais, ele sabia que dissera uma bela de uma merda e que a mulher estava certa, embora ainda fosse irritante, de ficar jogando aquilo na cara dele o tempo todo.

— Eu já entendi o recado, Morena — ele curvou-se sobre os ombros, derrotado. — Já pedi desculpas também. Disse sem pensar. Você já me convenceu que eu sou o câncer da humanidade antes — revirou os olhos por todas as vezes que teve que escutar Morena repetir seu discurso feminista a qualquer coisa que ele dissesse. Não que não tivesse aprendido com ela muitas coisas sobre como respeitar uma mulher, mas ele achava que uma vez só bastava. — Como é que era a lista? Homem, branco, hétero...

Morena odiava admitir que Gustavo era um bom rapaz, abaixava a cabeça quando sabia que estava errado, reconhecia seus erros, pedia desculpas. Apesar de todos os privilégios com os quais nascera, ele tentava com todas as forças não ser o costumeiro *opressor* de sua espécie, embora deslizesse em seus sapatos caros vez ou outra.

— E rico — ela completou. — Só para piorar.

Gustavo sorriu ao ver que a mulher já estava levando tudo na brincadeira e sentiu o estômago dar uma revirada com o sorriso sincero dela. Ela era o seu exato oposto: mulher, negra, de infância pobre e haviam boatos de que ela era bissexual, as quais ele nunca se interessara em saber. Não era da conta dele, Gustavo nunca se imaginou como uma possibilidade para Morena e, agora que via qualquer coisa querendo acontecer, mesmo que ainda não soubesse exatamente o quê, ele se contentava com o fato de que ela gostasse *também* de homem. Se gostava de mulher ou não... Bom, não importava, contanto que ele pudesse ser considerado como uma opção em algum futuro próximo.

— E você é a quimioterapia — ele brincou. — Tá sempre tentando me destruir com esse seu remo.

Morena riu para valer, arrancando um sorriso contido de Gustavo. Enquanto ela guardava o espelho de volta em sua bolsa, ele encarou a ilha à frente e soltou um suspiro derrotado. Estavam quase chegando, mas não tinha nenhum sinal de haver qualquer casa, civilização, luz elétrica ou telefone. Era apenas uma ilha esverdeada, sem nenhum porto ou qualquer outra coisa que significasse que estavam a salvo. Ele não era um especialista, mas tinha um pouco de experiência de sobrevivência na mata por ter feito parte dos escoteiros, mas para ele estava mais do que óbvio que estavam ferrados.

— Escuta — ele chamou a atenção da mulher que parecia checar seus pertences dentro da bolsa, como se esperasse que alguma coisa ali fosse a solução total de seus problemas. — Olha pra lá, pra ilha — Morena franziu a testa, mas fez o que ele mandou. — Não tem nada. Não vive ninguém. *Deserto* — ele viu quando a mulher desanimou, se encolhendo um pouco. Se sentiu um pouco mal de lhe falar o que achava, mas imaginou que ela melhor que ela soubesse antes do que descobrisse quando chegasse lá, seria bem mais decepcionante.

Ele viu-a olhar a ilha de ponta a ponta, analisando a situação com cuidado. Ela era bem mais detalhista que ele e se tivesse qualquer sinal de civilização, ela o encontraria. Pôde ver seu desespero em tentar provar que Gustavo estava errado e dessa vez nada tinha a ver com a implicância entre os dois; Gustavo também queria estar errado, queria que aquela odisseia terminasse da forma mais fácil possível.

Mas ele não estava errado. Morena eventualmente admitiu isso para si mesma.

— O que a gente faz, então? — perguntou. Virou-se de costas para a ilha, encarando Gustavo com seus globos esverdeados arregalados em total choque e medo. — Não vai adiantar de nada ir pra lá.

Ele encarou a mulher por um longo momento, pensando em *não ir lá* e no que resultaria. Morte mais rápida e dolorosa, ele decidiu. Morena não conseguia analisar a situação com a mesma frieza que ele, ela só estava com medo e assustada e ele não a culpava, era a reação normal da maioria das pessoas. Gustavo, porém, tinha aprendido a lidar com a mãe e sua depressão, a avó surtando por conta disso e ele lá, uma pequena criança assustada no meio da crise. Aos poucos, começou a desenvolver sua frieza em situações de crise, puxando a responsabilidade para si e conseguindo analisar tudo com o máximo de cautela possível.

— A gente vai lá — Gustavo contrariou o pessimismo da mulher. — Pega comida, o máximo de água potável que a gente conseguir, isso se tiver alguma fonte na ilha, mas ela parece grande, então deve ter. Passamos a noite, descansamos... E aí colocamos tudo de volta no bote e aí saímos de novo, atrás de outro lugar.

Ele viu a mulher respirar fundo, pensando nas palavras que ele dizia. Olhou para ele por um longo momento e, então, encarou a ilha. Soltou o ar de seus pulmões, murchando, totalmente desanimada.

— Pra onde a gente vai? — Perguntou.

Gustavo demorou alguns segundos para perceber qual era a pergunta que ela fazia e, então, listou as possibilidades em frente aos seus olhos. Acabou apontando para uma praia na extremidade direita da ilha, sob o olhar atento de Morena.

— Aquela ali parece que tem ondas menores — disse. — Desse ser de frente para o continente. Se você olhar pras praias da outra ponta, as ondas batem com força nas pedras... Deve ser mar aberto. Aquela lá parece uma pequena baía, com as pedras na ponta, a gente pode ficar de sentinela, se precisar. E pode ser melhor pra pescar também.

Morena queria saber como Gustavo sabia todas aquelas coisas, mas ela apenas olhou-o, admirada por seus conhecimentos e concordou com a cabeça com um sorriso leve estampado em seu rosto.

— Bom, então vamos? — Perguntou. — Quanto mais cedo chegarmos, mais cedo saímos.

Gustavo riu da animação instantânea de Morena e concordou com a cabeça, voltando a colocar a parte inferior do remo na água do mar e empurrar o barco para a praia da direita.



Foi o foco que fez com que Morena e Gustavo avançassem em seu caminho para praia com mais rapidez. Depois da conversa que tiveram e traçarem o caminho que teriam que fazer naquele futuro próximo para sobreviverem, o planejamento se mostrou ser a única coisa que faltara para que conseguissem o que queria. A ideia de ter tudo planejado nos mínimos detalhes concentrou a ambos e, em silêncio, avançaram, sem pausas para dramas, brigas ou para o seu medo.

Não que qualquer um dos dois gostasse da ideia de ir para a praia só por alguns momentos, recolher tudo o que precisassem e então sair de volta para o mar. A ideia de ficar a deriva novamente os assombrava, mas não era como se tivessem qualquer opção quanto a isso. Queriam descansar em uma cama quentinha e macia, tomar uns cinco litros de água e comer até que seus corpos não agentassem mais, mas nem todo mundo conseguia o que queria, certo?

Morena estava remando com uma rapidez impressionante, fazendo com que Gustavo tentasse seguir seu ritmo, sem muito sucesso, visto que parecia ter se desgastado mais boiando no mar do que a mulher em seu bote e todo o seu corpo se encontrava em um misto de dor e agonia. Ele de perguntava como a mulher conseguia tanto gás e força para o exercício depois de passar o dia no sol quente com duas barrinhas de cereal e um gole de água e chegou a conclusão de que ela estava tentando provar de que era *capaz* de remar tão bem ou melhor que ele. Se sentiu um pouco culpado após chegar a essa conclusão.

A praia foi se aproximando pouco a pouco e quanto mais perto chegavam, mais assombrados ficavam com a beleza do lugar. Havia poucas praias, atualmente, que tivessem aquela graça e glória e o lugar parecia intocado pela mão do homem, deixando-o inteiramente em sua naturalidade. Começaram a reparar na transparência das águas quando ainda estavam há uns bons cem metros da areia, vendo os peixes pequenos e grandes nadarem ao redor do bote e se afastarem quando o remo tocava as águas. Gustavo ainda tentou pescar um dos peixes com o remo, que apenas balançou por sobre a água e voltou a mergulhar como se nada tivesse acontecido, deixando Gustavo com uma cara de besta entre a comemoração e a decepção e Morena às gargalhadas pelo fracasso do companheiro de remadas.

Ela não era muito extensa, parecendo confortável, e tinha dois pontais de pedra em cada ponta, onde as ondas batiam e resfolegavam, deixando-os de queixo caído com a beleza da quebra. Ali, em uma das pontas, formava uma piscina natural que se enchia a cada onda quebrada, ao que Morena

achou que deveria ser ótima para massagear suas costas. Gustavo só não sabia, exatamente, como ela chegara àquela conclusão maluca.

A areia era anormalmente clara, brilhando ao sol e quase cegando seus olhos ao tentar encará-la através das águas claras e brilhantes em sua frente. O sol também batia nas ondas, fazendo brilhos estranhos que os fazia sorrir e se encarar, sem nada a dizer. Não precisava: eles tinham encontrado um paraíso imaculado.

A floresta crescia logo atrás, ainda nas areias claras, grande e imponentes árvores da mata atlântica apenas alguns vinte ou trinta metros após o trecho de areia aonde as ondas quebravam. O dourado da areia substituíra-se pelo verde das folhas e o marrom dos troncos, galhos e folhas ressecadas. Mesmo à distância, Gustavo conseguia ver um grupo de três pequenos saguis pulando de galho em galho para fugir do estranho bote alaranjado que se aproximava do seu santuário.

Os dois estavam embasbacados com o lugar e não tinham nenhuma intenção de esconder o assombro e admiração. Morena estava prestes a sugerir passar alguns dias ali relaxando quando a realidade bateu com força em sua cabeça: seus amigos e família deviam estar desesperados atrás dela, não podia se dar o luxo de relaxar e deixá-los morrer de total preocupação. Não era certo ou sequer justo.

Gustavo, por outro lado, só conseguia pensar em que tipo de coisas gostosas eles poderiam encontrar ali. Estava morrendo de fome e precisava comer algo além das intragáveis barrinhas, a única coisa que comera o dia inteiro. Um homem de seu tamanho precisava de um pouco mais do que aquilo para ficar em pé. Um pouco, foi dito? Bom... Muito, na verdade. Ele pulou para fora do bote assim que percebeu que lhe dava altura para fazer e andou pela água até a frente do barco, sentindo um pequeno peixe lhe morder na canela.

E foi bem nesse momento em que Gustavo tomou a decisão que mudaria a vida dos dois para sempre. Ele não sabia disso na época, claro, só estava empolgado e animado com a visão à sua frente.

Ele puxou o bote para levá-lo até a areia.

O que Gustavo não viu era que Morena tinha se levantado e estava de pé, segurando seus sapatos e sua bolsa, prestes a pular para a água junto dele. Com o puxão de Gustavo, se desequilibrou e um estouro foi-se ouvido e, logo, um grande *splash*.

Ele se virou para trás a tempo de ver a mulher se levantando da água com os olhos arregalados e o cabelo todo bagunçado sobre a cara, sem se

decidir se mantinha-se no penteado ou se desmanchava e escorria.

Psiiiiii...

O barulho chamou a atenção dos dois e ambos encararam um dos sapatos de Morena com o salto cravado na borda laranja no bote. O sapato balançava levemente com a velocidade do vento que queria sair da boia e acabou sendo expulso pela força enquanto o bote murchava cada vez mais.

Morena estava com o queixo caído, encarando aquele disparate que estava acontecendo, destruindo totalmente os planos que os dois tinham feito de recolher mantimentos e sair dali em linha reta, procurando o continente. Voltou a pensar em seu desejo de ficar ali e se sentiu culpada por ter desejado aquilo e estar acontecendo naquele momento. Não sabia mais se algum dia conseguiria sair daquele lugar e todo mundo acharia que ela estava morta.

E a culpa era de Gustavo por ser um babaca e tê-la derrubado do bote.

De novo.

O segundo sapato, que ainda estava em sua mão, saiu da água direto para um voo projetado para acertar a cabeça de Gustavo, que se abaixou para fugir e conseguiu não ser morto por apenas bom reflexo.

— Mas que merda! — ele gritou, puto com a mulher. — O que você pensa que esta fazendo?

A mulher parecia possuída pelo ódio e, ao ouvir a voz de Gustavo, rugiu de raiva, dando um soco no bote inanimado ao seu lado, antes de levar as mãos ao cabelo.

— Como é que é? — Esgoelou-se de volta. — Você não viu o que você fez?

O que Gustavo havia feito? Ele estava levando o bote para a areia com Morena dentro dele, era uma gentileza pelo trabalho duro que ela havia feito. Não custava nada, não era? Ela tinha que ser orgulhosa e se levantar? Claro que não.

— O que eu fiz? Você que está com essas coisas afiadas, destruindo botes e tentando me matar.

Morena cruzou a distância que ainda tinha entre os dois, fazendo-o se encolher levemente diante da raiva exacerbada dela. Mas ela apenas levantou a mão e, com o indicador, apontou para ele, enfiando a unha afiada em seu peito.

— Você que me derrubou, imbecil! — xingou-o com raiva, apontando o dedo no peito dele. — A culpa é toda sua!

Certo, disso Gustavo tinha culpa mesmo. Ele tinha derrubado a mulher porque não havia reparado que ela havia se levantado no bote. Para tentar acalmá-la e retornar ao ponto em que pararam, além de tentar resolver todo aquele problema, ele achou que a melhor maneira era mudar de assunto.

— E o que a gente vai fazer agora? — Perguntou.

— A gente? — o deboche escorria de suas palavras como veneno — A gente eu não sei, mas eu vou o mais longe possível de você!

A mulher saiu marchando decidida para fora da água e pela areia da praia, enquanto Gustavo ficava parado ali, no mesmo lugar, um pouco perdido. Todos os seus planos anteriores tinham explodido em frente aos seus olhos e o bote murchava pouco a pouco a sua frente. Agora, não tinham como sair da ilha e teriam que esperar a sorte de aparecer qualquer embarcação ou que houvesse uma equipe de busca atrás deles. Poderia demorar. Poderiam ficar ali dias, semanas, meses...

Ficou tanto tempo parado que Morena alcançou o limite da praia e, quando ele virou-se para procurá-la, ela estava no topo da pedra, encarando o horizonte como se houvesse alguma resposta em algum lugar. Parecia triste... E linda. Morena sempre parecia linda de alguma forma, não importava qual fosse a situação.

Respirou fundo.

Se não havia a opção de sair dali em um futuro próximo, Gustavo imaginou que precisariam de um abrigo, um lugar para dormir e se esconder do sol quente.

Olhou para o bote já vazio, sendo arrastado pelas ondas, e teve uma ideia.



Com Maria Eduarda fora do caminho, apagada em sua cabine e curtindo um dia de sono merecido depois de ter virado a noite e a manhã trabalhando sem parar, Felipe teve o trabalho dobrado; ou talvez triplicado, corrigindo as falhas que Maria Eduarda tivera por fazer coisas que ela não sabia fazer, mas que era necessário enquanto ele próprio descansava. Não poderia culpá-la, porém. A loira se esforçara bastante em deixar a equipe motivada e trabalhando, tentando resolver as pendências e os problemas sozinha, permitindo que ele dormisse umas horas a mais. Inclusive fornecera remédios para a ressaca no café da manhã, o que Felipe percebia que era uma ideia bastante genial em vista da quantidade de gente morrendo de dor de cabeça. Felipe achou que a loira até merecia mais créditos com ele depois daquela. Daria uma diminuída nas cobranças, com certeza. Ela merecia.

A quantidade de gente transitando pelas dependências do barco estava bem menor e a área externa e a piscina estavam quase desertas, em vista que a maioria estava preferindo morgar nas salas de convivência ou em suas próprias cabines, resultado da bebedeira da noite anterior. Porém, Felipe precisava checar cada canto do barco e, em seu passeio até a lanchonete da piscina, para ver se precisavam de algum mantimento e conversar com os funcionários para que eles estivessem sempre motivados e atendendo bem, encontrou Carolina de biquíni vermelho, tomando sol.

Se já estava difícil tirar a negra dos seus pensamentos antes, agora seria completamente impossível.

A garota não reparou nele, o que foi bom porque o homem ficou parado em choque e de boca aberta encarando-a boiar com a piscina só para ela. Parecia relaxada e indiferente a qualquer estímulo externo. E ali ficou Felipe, encarando sua beleza notável e pensando em como conseguiria dormir depois daquilo — se já fora difícil depois do beijo, agora então?

Era antiprofissional, não era? E se Carolina fosse a garota certa? E se ele deixasse para lá porque estava trabalhando e nunca mais encontrasse alguém que lhe fizesse sorrir como um babaca, ficar de boca aberta e lhe tirasse o sono?

— Chefe? — o rapaz que estava responsável pela cantina naquele horário o chamou, um sorriso no rosto de quem sabia exatamente o que Felipe estava pensando. — Tudo bem?

— Tudo, tudo — Felipe se apressou em responder, virando-se de frente para ele, ignorando Carolina na piscina. Olhou para a cantina e viu a imundice em que ela se encontrava. — Por aqui não, pelo visto.

O rapaz olhou por sobre os ombros, encontrando para onde Felipe olhava e sorriu amarelo por causa da bagunça, um pouco envergonhado de ter sido pego no flagra.

— O pessoal de ontem a noite deixou assim, eles disseram que foi uma loucura e não conseguiram arrumar — ele tentou se justificar. — Eu falei com a Julia e ela disse que já vinha me ajudar a limpar, então daqui a pouco vai estar tudo certo, chefe.

Felipe cerrou os olhos, não aceitando muito bem o que o rapaz dizia. E se ele estava esperando ajuda para limpar, por que não havia começado sozinho para adiantar o trabalho? Com certeza que estava gastando seus minutos encarando Carolina e Felipe não gostava disso não.

— Sei — concordou, mesmo assim. — É bom mesmo que esteja.

Virou-se para ir embora e deu de cara com Carolina bem atrás dele, com um sorriso no rosto e uma garrafa vazia de água em suas mãos. Ele arregalou os olhos ao vê-la e tentou manter o olhar fixo em sua face, embora estivesse morrendo de vontade de deixar caí-lo para o corpo da negra.

— Bom... Bom dia — Felipe gaguejou para ela, que abaixou a cabeça envergonhada.

— Boa tarde — riu, por fim. Atravessou ao lado dele para o balcão e colocou a garrafa na bancada. — Você me arruma outra dessa, por favor? Estou morrendo de sede.

Felipe percebeu que a mulher estava tão sem jeito que ele com a memória da noite anterior. Imaginou que ela, ao contrário dele, tivesse ingerido algumas bebidas e acabado ficando um pouco mais atirada do que era; ele via claramente que ela era toda timidez e incertezas, embora toda doçura e sorrisos. Sabia que seria impossível tirá-la de sua cabeça, e ela acabaria prejudicando sua forma de pensar e trabalhar, assim como já estava lhe tirando horas preciosas de sono, apesar de nada demais ter feito além de roubar-lhes alguns beijos.

Foda-se, pensou. Foda-se a ética no trabalho.

— Carol... — Chamou-a, ficando um pouco nervoso por, sem querer, deixar escapar seu nome no diminutivo. Ela estava esperando a água chegar enquanto o rapaz procurava no fundo do frizer e olhou para Felipe com o mesmo sorriso leve e doce no rosto, agora intensificado por ter identificado o carinho na voz do homem de dreads. — Estava pensando se... Bom... Qualquer dia desses... Você não estaria interessada em dar uma volta comigo?

— Como num encontro? — Carolina perguntou.

— Sim, como num encontro — Felipe confirmou. Bem naquele momento, o rapaz voltou com a água e entregou para Carolina, tomando sua atenção por alguns momentos.

E ficou encarando os dois, enquanto eles se resolviam. Era sempre ótimo ter uma plateia fofoqueira para ver quando o chefe quebrava as próprias regras éticas.

— Nossa... — Carolina parecia admirada com a proposta. — eu... Claro!

O alívio envolveu Felipe e só então ele percebeu que estivera segurando a respiração enquanto esperava a resposta da mulher. Abriu um sorriso que foi logo correspondido sinceramente por Carolina.

— Ótimo! Que legal! — Só faltou bater palmas para a resposta ficar ainda mais ridícula, mas sentiu um balde de água fria na cabeça ao se lembrar de toda a sua agenda de compromissos e nenhum espaço para dar um passeio com Carolina pelos próximos dias. *Ótimo*. Era por isso que ele não fazia as coisas sem planejar, sempre dava errado. — Olha, eu só não sei ainda quando pode ser porque o navio está todo em uma bagunça por esses dias, mas eu te aviso, tudo bem? A gente pode jantar e... Conversar.

— Claro, por mim tudo bem.

— Ótimo! Então... Eu te mando uma mensagem, tudo bem?

— Claro! E boa sorte aí com as coisas do navio.

— Obrigado! E eu te mando uma mensagem!

— Tá!

Carolina ficou rindo da afobação e do sem jeito de Felipe enquanto ele se afastava.



Morena não sabia qual era a reação adequada para se ter quando estava presa em uma ilha deserta e não tinha nenhum sinal, ideia ou esperança de se sair dela... Ou como. Então, após o fiasco da atracagem do bote na areia e de tentar matar Gustavo, claramente o culpado dela estar presa ali, com a ponta do seu salto agulha, Morena marchou pelas areias para o mais longe que conseguia do homem, alcançando um dos pontais, o que não tinha a piscina natural e escalou as pedras, tentando não escorregar. Queria ter planejado aquele desfecho porque, se o tivesse, estaria massageando suas costas, mas apenas terminou sentada no topo das pedras encarando o mar, abraçando suas pernas e pensando no que diabos estava acontecendo com a vida dela e como ela poderia consertar e controlar tudo aquilo, sem uma resolução.

Não se orgulhava de chorar às escondidas. Tinha medo de mostrar suas fraquezas na frente dos outros e as pessoas mais próximas dela costumavam reclamar disso, como Alícia e sua mãe. Morena era uma pessoa de soluções fáceis e rápidas e não saber como resolver um problema a assustava. Não tinha o costume de chorar, mas ali, naquela ilha no meio do nada, depois de um dia inteiro boiando ao relento, sem saber o seu futuro e sem muitas esperanças de voltar à vida confortável que tinha, Morena chorou um bom bocado, encarando o horizonte na sua frente e se perguntando se seus entes queridos também choravam por ela.

Será que já tinham dado sua falta? Morena achava que não, era um tanto desligada e muito desapegada, preferia demonstrar independência e não partilhar muito suas coisas, por isso não era comum que ligasse com frequência para os pais ou seus amigos. O contrário era mais fácil: eles lhe ligavam para saber como ela estava ou pedir-lhe ajuda com algo, ou para desabafar. Morena era uma boa ouvinte e sempre estava disposta a ofender o objeto da reclamação.

Para piorar tudo, toda aquela situação de impotência e medo, ela estava partilhando a ilha com Gustavo. Gustavo, logo Gustavo. O imbecil que sempre ponderava cada decisão dela, como se seus conhecimentos fossem superiores, com todas as piadinhas em horas infames e toda a irresponsabilidade latente com horários e compromissos, as vezes deixando Morena com cara de tacho em reuniões por quase uma hora, quando ele finalmente chegava e ela podia comer-lhe na língua — não que ele parecesse se importar, sequer uma vez.

E o pior: Gustavo estava se saindo muito bem na sobrevivência, tinha ideias razoáveis e parecia saber o que fazer, enquanto Morena sequer sabia nadar, o que com certeza a prejudicava em permanecer viva em uma ilha.

Estava com medo. Não sentia tanto medo assim desde o ensino médio, quando seus amigos sumiram em uma festa e lhe deixaram sozinha para voltar para casa pelas ruas escuras de uma cidade que ela não conhecia. Tinham saído de Ouro Preto para uma festa na cidade jardim e eles sumiram com o carro. Morena teve que ir sozinha para a rodoviária para voltar para casa e tinha certeza que estava sendo seguida. Quase foi estuprada naquela noite, se não fosse uma senhora a abordá-la como se a conhecesse e acompanhá-la, junto com o namorado, até a rodoviária, ela não sabia se teria conseguido escapar. Nunca esqueceu o nome da mulher e nunca mais a encontrou, mas seria eternamente grata por aquele momento. Nunca mais falou com seus amigos, também, que ela soube que tinham arrastado umas garotas para um motel próximo e esqueceram totalmente dela.

Aquela ilha, brilhante, linda e iluminada, era como a escuridão das ruas disformes de Belo Horizonte, naquela noite de julho de 2005, ao som de Pussycat Dools. Lembrava de como correria desesperada, olhando pelo ombro, tentando ver se estava longe o suficiente da figura de capuz que corria atrás dela. Ali, pelo menos, ela conseguia identificar o inimigo e tentar fugir dele, mas e na ilha?

Tempo, fome, sede, insolação... Seus piores inimigos não tinham forma, não tinha como fugir deles de forma total. Morena sabia como sobreviver na sua cozinha, depois de passar no supermercado ou ligar para qualquer delivery, mas pegar sua própria comida? Como que ela conseguiria?

Ficou tanto tempo sentada na pedra que não reparou que o tempo estava começando a mudar. O pôr do sol foi fraco, quase inexistente, ocultado por nuvens cinzentas de chuva. Ela não viu o sol se pôr, mas a escuridão logo tomou lugar e ela imaginou que fosse em decorrência da noite que caía. As grossas gotas de chuva caíram sobre ela, surpreendendo-a e se misturando com suas próprias lágrimas. Olhou ao seu redor, encontrando escuridão, vento e ondas batendo com força na pedra em que estava. Imaginou que logo ela poderia ter dificuldade em descer dali pela umidade e escorregou-se pela pedra até alcançar a areia.

Ponderou, por um longo momento, se deveria voltar para onde Gustavo estava, mas ao encarar o brilho de luz vindo de onde o deixara, não teve dúvidas e foi atrás. O maldito tinha achado uma lanterna.

Quando chegou mais perto, se surpreendeu. Estava encharcada pela chuva, tal como ele, mas ele tinha montado um abrigo com o bote vazio e alguns bambus e troncos. Não parecia muito resistente, o vento batia com força no pequeno abrigo e ele balançava de forma perigosa, enquanto Gustavo tentava fixá-lo com a lanterna em sua boca. Ele nem ao menos notou a aproximação de Morena, o que lhe deu alguns minutos a mais para admirar os

músculos das costas e dos braços de Gustavo trabalhando avidamente, agora que ele estava sem a camisa.

Tinha um canivete em sua mão e ele estava tentando cortar a corda que envolvia o redor do bote para usar para amarrá-lo aos pés da barraca. Morena se aproximou, tomando o canivete de sua mão no momento em que ele finalmente conseguiu cortar. Gustavo olhou-a por um momento, com medo de que Morena fosse machucá-lo, mas imaginou que ela não era louca o suficiente para isso e cedeu.

Ela agradeceu o voto de confiança com um sorriso. Escolheu um pedaço de bambu não utilizado e cortou parte da metade superior dele. Gustavo parou de tentar amarrar o bote, segurando-o com a mão, vendo Morena trabalhar. Pegou um outro bambu e rasgou-o pela metade, antes de cortar um pedaço no meio e encaixar a pequena espátula. Rapidamente, levou a boca, saboreando um bom gole de água da chuva.

Gustavo riu, balançando os cabelos castanhos encharcados enquanto mexia o corpo de maneira harmoniosa. Morena tentou não reparar (ainda mais) em todos os atributos masculinos do homem, mas sem muito sucesso.

— Garota, você é esperta — elogiou-a, dando-lhe um tapinha nas costas de congratulação. Ela sorriu amarelo pelo gesto nem um pouco agradável.

A borda da espátula vazava um pouco de água, escorrendo pelas mãos trêmulas e fracas de Morena, virando um desperdício leve, mas, mesmo assim a engenhoca de madeira saciava sua sede de maneira melhor a ficar de boca aberta esperando as gotas caírem ali, pouco a pouco. Não era uma cascata que descia por sua garganta, mas o fino filete de água potável era o suficiente por hora. Gustavo estava ansioso para experimentar, mas esperou ela beber água até se bastar antes de aceitar a engenhoca em suas mãos ansiosas.

— Tá vazando um pouco — ela avisou.

Ele testou por ele mesmo e ficou muito contente em poder saborear um pouco mais de água, economizando o que tinham ainda no cantil.

— Vai servir por hora — sorriu. — Temos que aproveitar a oportunidade... Deixa eu ver.

Ele passou para debaixo do bote, onde guardara os pertences dos dois com cuidado. O vestido de Morena, a mochila e a caixa do sinalizador, além de seu celular inutilizado e o colete salva-vidas. Gustavo tirou o conteúdo da caixa e abriu-a, colocando do lado de fora. Para aumentar um pouco mais o alcance, encaixou a engenhoca de Morena, vendo o nível da água aumentar.

— Acho que vamos ter um pouco mais de água amanhã — Morena murmurou.

Ele sentou-se debaixo da barraca, o vento tinha diminuído e poucas gotas de chuva adentravam o pequeno abrigo. Ele olhou-a através das pequenas cascatas que caíam pelas bordas do bote e acenou com a cabeça, abraçando os joelhos.

— Você pode entrar, se quiser — chamou-a.

Morena queria. Muito. Estava com medo que a chuva lhe deixasse doente, ainda mais vestindo tão pouco e com o vento que enfrentara. Não precisou que ele dissesse duas vezes e logo estava sentada ao lado dele, enrolada com os panos do seu vestido vermelho, tentando se manter minimamente aquecida naquelas condições.

— A gente trabalha bem juntos, sabe — Gustavo murmurou, encarando a chuva batendo no mar e as ondas revoltas, agradecendo por estar em terra firme naquele momento.

Morena o encarou por alguns segundos, com uma sobrancelha levantada e um sorriso leve no rosto. Todo mundo dizia que os dois trabalhavam bem juntos, mas era como se Gustavo só admitisse aquilo ali, naquele momento, enquanto os dois estavam tentando se manter vivo em um lugar inóspito, debaixo de chuva.

— Acho que pode-se dizer que sim — concordou, seguindo o olhar do homem.

Depois de duas construções famosas e quase dez anos de convivência, muitas horas de brigas, discussões e trabalhos virando a noite, eles finalmente conseguiam assumir que era bom ter a parceria um do outro. Que era bom ter a genialidade do outro a seu favor.

Já era um passo bastante grande para esses dois orgulhosos imbatíveis.



As aulas mal tinham começado e Branca já queria cortar os pulsos.

Como a escola poderia ser tão chata com todo aquele blábláblá de regras e futuro e prestem atenção! Branca não se importava com o futuro, era o agora que ela gostava de curtir. Queria sair com os amigos, transar com caras de todos os lugares do mundo e fumar o máximo de maconha necessário pera relaxar e esquecer que sua vida era um grande bolo de merda.

Seus pais eram uns caretas. Ficavam naquela pousada idiota e velha, endeusando-a como se fosse a oitava maravilha do mundo, mas estava tão quebrada que não passava um dia sem que Branca não recebesse alguma reclamação de hóspede sobre algo que não funcionava direito. A sorte deles era que Otávio, pai de Branca, era prestativo e eficiente, sempre consertando as pequenas coisas com rapidez e convencendo os hóspedes que estava tudo bem e se desculpando — o que fazia com que eles continuassem ganhando notas altas nos sites de viajantes.

Porém, Branca odiava a pousada como odiava sua vida. As duas a prendiam de forma estúpida, não permitindo que ela voasse como queria. Era da escola para trabalhar o dia inteiro na recepção, dali para a cama e de volta para a escola. As vezes, não tinha força de vontade nem para fugir às escondidas na calada da noite para encontrar com os amigos na esquina e encher a cara. As vezes, não tinha força para sorrir para um carinha bonito que dava em cima dela. Branca estava sendo engolida pelas necessidades ao seu redor e não estava *vivendo* como gostaria.

Seus colegas de classe estavam correndo de um lado para o outro porque achavam que, naquele ano, suas vidas iriam mudar para sempre por causa de uma *prova*. O vestibular, realizado no fim do ano, porta de ingresso para as faculdades públicas do país, era uma prova imunda e injusta e Branca a odiava, mesmo nunca tendo realizado. Todo mundo dizia que era importante fazer, entrar em uma faculdade, garantir seu futuro...

Futuro, futuro, futuro, futuro. Quando as pessoas iriam começar a falar sobre o presente?

Seus pais diziam que se ela estudasse direitinho e passasse para a federal, poderia ir morar com a irmã na capital do estado e cursar a faculdade de lá. Ela sabia que apesar da irmã ser mais desencanada que os pais e que lhe daria um pouco mais de liberdade, não significava que sua vida mudaria para melhor. Morena era orgulhosa e mandona e provavelmente faria da sua vida um inferno... Não que Branca achasse que passaria na prova para o curso de administração. Suas notas iam caindo conforme ela notava o quão estúpido

era usar seu cérebro para decorar todas aquelas coisas que ela nunca usaria na vida. Ela não era crânio como sua ridícula irmã mais velha famosa. Ela era só uma garota normal que queria se divertir *hoje*. Não amanhã. Não no futuro. *Agora*.

Por isso, Branca matava aulas sempre que podia. Umas duas, as vezes três vezes na semana, ela tomava o ônibus para a escola, mas descia vários pontos depois, na periferia da cidade, onde ela e seus amigos se juntavam em um terreno baldio para fumar maconha e rir da cara do outro em plena luz do dia. Era divertido, seus amigos tinham as mesmas concepções sobre o quão ridícula a vida era e queriam curtir, como ela. Então Branca se sentia bem na companhia deles, mesmo que eles fossem um bocado babacas as vezes.

— Ei, Luz! — Seu sobrenome não muito comum chamava a atenção e logo virou apelido para todos que a conheciam. Ela gostava de ser chamada de Luz, apesar de, no começo, ser apenas para implicar com ela. — Chega mais, garota!

Branca estava fumando seu próprio cigarro de maconha em um canto do terreno porque sua amiga estava com o novo namorado, dez anos mais velho que ela, e os outros rapazes estavam ao redor dele como mariposas e isso estava deixando-a irritada. Porém, ao ouvir chamarem ela, encaminhou-se para o grupo. O homem tinha deixado o grupo sozinho há alguns minutos e ela não via mais o porquê de se manter distante.

— Olha aqui a onda que o Pedro trouxe pra gente — Matias enfiou a mão no bolso, tirando um saquinho com um pó branco, que Pedro, namorado de Alessandra, parecia ter trazido.

Branca arregalou os olhos. Não era burra, sabia exatamente o que aquilo era. Cocaína. Alessandra tinha experimentado no último fim de semana e tinha dito que era a maior onda de todas, embora Branca tivesse ficado receosa sobre. Para Branca, a maconha era uma fuga da sua realidade esmagadora, mas tinha conversado sobre drogas com seus pais muitas vezes para saber que a cocaína era infinitamente mais perigosa e ela não sabia se estava disposta a experimentar. Porém, ali no meio dos seus amigos, se ela não o fizesse, seria tida como careta.

— Eu tô satisfeita por enquanto — murmurou, tentando fugir e tragando o cigarro de maconha com tranquilidade.

— Nossa, mas você não suporta ele mesmo, né? — Alessandra reclamou. — Não pode ver ninguém feliz que já começa a babaquice, ninguém pode ser feliz perto da Branca! Pobre menina Branca.

Não adiantava conversar com Alessandra sobre o que Branca achava

ou deixava de achar do relacionamento dela. Morena, apesar de ser uma chata, fora quem a guiou sobre namoros e homens quando ela começou a se envolver fisicamente com eles — não quis que a mãe soubesse que ela não era mais virgem e a irmã largou o trabalho para arrastar Branca para o ginecologista e lhe conseguir um anticoncepcional. Morena dissera que o risco de um relacionamento abusivo era maior quando os caras eram mais velhos, eles induziam a mulher com conselhos experientes, mas na verdade estavam guiando-as para o que eles queriam que ela fosse e que Branca tinha que tomar cuidado com isso. Branca tomava, não tendo um relacionamento com mais de três semanas, mas Alessandra estava claramente com um cara tóxico e a amiga já até apanhara, mas não ouvia os conselhos.

— Eu só não quero usar essa merda agora — Branca resmungou.

Mesmo à sua negativa, um saquinho voou da mão de um dos meninos para o colo dela, fazendo-a arregalar os olhos enquanto fechava a mão ao redor do plástico.

— Ele trouxe um pouco pra cada um — disseram-lhe. — Esse é o seu.

Ela encarou o pó dentro do saco com curiosidade. Sabia que não deveria usar e que era perigoso, mas que diferença iria fazer? Sua vida já era uma droga mesmo...



Não sabia que horas ela dormiu, porém tinha caído no sono cedo demais para o seu horário usual. Pouco havia passado do pôr do sol, mas depois de um dia tão cansativo e tão cheio de altos e baixos quanto aquele, após se acomodar no abrigo feito por Gustavo, ela encostou a cabeça no colete salva-vidas e adormeceu rapidamente, enquanto o homem ainda encarava o mar como se quisesse desvendá-lo através de sua observação incansável.

O dia parecia já ter se iniciado há algum tempo, porém, quando abriu os olhos para encarar o clarão compreendido ente o sol para lá de brilhante e s areias que refletiam sua total glória, além do azul transparente do mar, que fazia pequenos focos de luz e pequenas ondas brancas, desmanchando-se em total alegria, enquanto ela piscava e piscava, tentando manter o foco e os olhos abertos com tanta luminosidade naquela primeira hora de despertagem.

Estava tentando colocar os pensamentos em ordem e saber o que diabos ela estava fazendo deitada em uma praia no meio do dia. Não deveria estar em seu quarto? Aos poucos, as memórias do dia anterior foram voltando, batendo com força em sua cara e demonstrando à moça ansiosa que ela sequer deveria ter dormido durante a noite, se tivesse parado para pensar. Estava contente daquelas informações tivessem fugido da sua mente por algumas horas, permitindo o relaxamento, mas agora estavam com força total em sua vida e ela não sabia exatamente o que fazer.

Girou-se, esbarrando em algo macio, que se reverbou em risadas.

— Vamos com cuidado aí, moça — a voz de Gustavo alcançou a mulher, enquanto ela girava para o outro lado, quase escorregando a cabeça para fora do pequeno colete confortável. O homem, por outro lado, estava dormindo em cima de um bolo de pano que consistia em sua camiseta e os restos da mochila e ela só podia imaginar o tipo de torcicolo que se ganhava com aquilo. Todavia, o humor dele parecia estar bastante elevado, ao contrário do de Morena. Não que aquilo não fosse usual; Gustavo esta costumeiramente de bom humor pela manhã, enquanto Morena mantinha sua carranca de quem dificilmente passara uma noite tranquila de sono. — Bom dia pra você também — brincou.

Morena espreguiçou-se, tomando cuidado para não acertar Gustavo no pequeno espaço do abrigo. Seus olhos analistas identificaram que ele fizera melhorias antes que ela pudesse acordar, finalmente amarrando as cordas aonde pretendia fazer, na noite anterior. Parecia um pouco mais firme, mas não muito. Teriam que fazer manutenção daquilo quase todos os dias se

quisessem que o abrigo permanecesse de pé, mas por ela estava tudo bem, contanto que ficassem seguros da chuva e do sol excessivo. Ia servir, no fim das contas.

A caixa, que antes abrigava o sinalizador, estava escorrendo gotinhas de água de tão cheia que estava. Gustavo a fechara para mantê-la pura e a colocara em um lugar seguro, acima de suas cabeças e ainda protegido debaixo do abrigo, sob a sombra que ele projetava. Morena estalou a língua, claramente com sede depois de ingerir poucos líquidos no dia anterior. A pistola do sinalizador e suas recargas estavam ao lado da caixa, sem saber para onde iriam agora que o seu próprio abrigo se encontrava em uma nova utilidade. A lanterna estava jogada entre os dois, desligada ou descarregada, totalmente inútil com o sol a pino. O cantil estava ao lado de Gustavo, provando que ele tivera a mesma quantidade de sede da mulher ao acordar e, agora que tinham uma caixa cheia de água, podia esbanjar um pouco. O canivete estava em suas mãos hiperativas, Morena poderia vê-lo abrir todas as opções que ele tinha e depois fechá-las, como um infinito jogo entediante.

— Bom dia — ela se dignou a dizer. — Gostei das mudanças.

Gustavo sorriu ao que parecia uma piada interna, como se esperasse mesmo que ela reparasse em tudo na primeira hora da manhã. Ele estava tão animado, relaxado e realizado que Morena se perguntou se ele sabia que estava em uma ilha deserta esperando um resgate que não tinham certeza se viria. Parecia ter sido feito para aquela situação e nada o assustasse tanto quanto à Morena, preferindo gastar seus minutos descansando como se estivesse de férias. Bom... Eles estavam de férias mesmo, mas Morena odiou sua reação tranquila às adversidades e o invejou um pouco, também, pelo mesmo motivo. Queria não ter pequenos ataques de pânico toda vez que pensava em sua família, no seu emprego e em sua casa. Nem em quando pensava que teria que dividir aquele pequeno pedaço de areia com um abrigo ainda menor com a pessoa mais intragavelmente sorridente da face da Terra. Ela mesma tinha vontade de enfiar um soco naquele sorriso até que ele fosse parar na nuca do homem.

Mas até ela tinha que admitir: era um belo sorriso.

— Não está muito bom ainda — disse, crítico. — Mas vai servir pra segurar um dia ou dois. Queria tentar fixar melhor, mas fiquei cansado e sem ideias, por enquanto. Não é como se a gente tivesse material normal disponível para fazer o que a gente quiser... E você estava dormindo, então... Não quis te acordar.

Era difícil para Morena assumir que ela tinha achado aquela resposta para lá de fofa, mas ela tinha. Um sorriso chegou a fazer parte de sua

expressão, afastando o mau humor matinal para algo mais tranquilo. De alguma forma, a presença de Gustavo não estava deixando-a irritada e sim calma. Era como se a aura de positividade e certeza do homem estivesse a engolindo e ela não soubesse exatamente o que fazer, então só... Relaxava.

Mas como relaxar enquanto estavam indo para a morte certa?

— A gente podia tentar fazer uma armação só de madeira depois — Morena sugeriu. — Se a gente achar os gravetos certos, fazemos uma armação para a cobertura e impermeabilizamos com o bote. E fazemos uma armação para o chão também, enterrando com areia para fixar...

Morena estava listando suas ideias quando Gustavo caiu na gargalhada, abandonando o canivete no chão para usar o braço e a mão para apoiar o rosto. Ela tentou não desviar muito o olhar para os músculos desnudos de Gustavo enquanto ele fechava o braço em um triângulo, apoiando a cabeça no punho fechado e virando o sorriso direta e exclusivamente para Morena. Ela queria não se sentir abalada, queria que sua mente não viajasse nas possibilidades, mas Gustavo era mesmo um belo pedaço de homem e ela não era cega, tinha que notar seus atributos através daquela carga de irritabilidade que tinham um pelo outro.

E aí começou a pensar que... Bom, eles estavam em uma ilha, sem previsão de serem resgatados e se não fossem? Gustavo seria a sua *única* opção e não era uma opção exatamente ruim, exceto pelo fato que corriam o risco de matar um ao outro de tanto estresse. Não era quem ela escolheria, se tivesse uma escolha, mas estava longe de ser a última opção, principalmente nos últimos dias, quando pareciam ter encontrado um tom de acerto para uma conversa agradável.

E se ele fosse sua *única* opção de ter uma família, filhos como ela gostaria de ter, ela poderia olhar para ele daquela forma, certo? Olhar para os seus músculos de colocar a mão na massa junto com os pedreiros e as horas que ele provavelmente gastava na academia para poder exhibir aquilo. Morena também já o pegara olhando para ela algumas vezes e ele inclusive a despira na tarde anterior (embora em uma situação de vida ou morte que ele a convenceria de que não sabia exatamente o que fazer e despi-la pareceu ser o certo), então ela podia não se sentir culpada. Né?

— Ei! — Ele continuava rindo, tirando-a de seus devaneios selvagens. — Quem é o arquiteto aqui?

O riso alcançou Morena e ela balançou a cabeça negativamente para a brincadeira. Certamente estava cruzando alguns limites, mas tinha escutado e aprendido tanto no escritório que sabia uma coisa ou outra de plantas e suporte. Fazer um cubo com gravetos parecia a melhor opção para o sustento

daquele pequeno abrigo e ela não pôde segurar a vontade de dizer. Raramente conseguia segurar a vontade de dizer qualquer coisa.

— Desculpe — retraiu, porém, sabendo que Gustavo poderia se ofender pela sua sugestão e não era exatamente o que ela queria nas condições em que estavam.

— Tudo bem — ele sorriu. — Eu tinha pensado nisso já, mas não consegui fazer ontem, na emergência. E hoje foi o que eu disse: você estava dormindo e eu não quis te acordar.

Ela concordou com a cabeça e voltou a se deitar de barriga para cima, querendo não olhar para Gustavo por um tempo, visto que ele estava provocando desagradáveis sensações em seu corpo carente. Encarou o laranja acima de sua cabeça, o bote murcho os protegendo da luz do sol, mas ainda transmitindo uma certa quantidade de calor que a incomodaria, se não fosse o vento refrescante que saía da mata atrás de si. E ali, encarando o laranja, ela percebeu que talvez, e apenas talvez, as sensações estranhas em seu estômago não fossem causadas pela presença de Gustavo, e sim pela falta de alimentação do dia anterior e daquele momento. Sorriu, satisfeita com a sua explicação.

— Ei, onde estão as barrinhas? — Perguntou, virando-se para o homem ao seu lado. — Estou morrendo de fome.

Gustavo arregalou os olhos à pergunta de Morena e encarou a mochila embaixo da sua cabeça, como se ele mesmo se perguntasse. Mas a expressão que fez a seguir, para Morena que conhecia tão bem os traços dela, a fez se sentar, alerta.

Gustavo apertou os lábios um no outro e se encolheu. Como uma criança que tinha sido pega fazendo besteira.



— Comeu? — Sua voz estava uma oitava mais alta e ela até mesmo tinha visto alguns pássaros voarem para longe das árvores mais próximas do abrigo onde estavam. — Comeu? — Repetiu, totalmente incrédula. — Como assim comeu?

Gustavo gostaria de ter uma resposta menos óbvia para dar: ele tinha pegado as últimas três barrinhas e engolido logo após fazer as alterações na barraca porque estava morrendo de fome pelo exercício físico. Ele primeiro comeu uma barrinha, mas a fome continuou apertada, então pegou mais outra e mais outra... Teria comido uma quarta, mas as barrinhas haviam acabado magicamente e ele não pôde continuar.

Na hora que percebeu que comeu todas, sabia que Morena iria enlouquecer quando soubesse. Seu plano era se levantar e arrumar qualquer outra coisa para que ela comesse, mas o cansaço batera na hora e ele achou que merecia alguns momentos de descanso, deitado ao lado da mulher que parecia tão serena... Uma hora perfeita para admirá-la com suas nuances tranquilas, sem correr o risco de ter um projétil arremessado em sua cabeça a cada cinco minutos. Acabou distraído entre velar seu inocente sonho e brincar com o canivete em suas mãos hábeis e esqueceu completamente de que precisava pegar comida.

— Me desculpa — sussurrou. — Eu não vi quantos tinha... Eu só comi e aí acabou.

Ela queria ceder de pena pelo homem, ele parecia bastante perdido e arrependido, mas sabia que ceder significaria, logo, que ele montaria em cima dela. Gustavo era devidamente folgado e ela sabia pelos anos que trabalharam juntos, se houvesse qualquer função dele que pudesse jogar para ela, ele jogaria. Então Morena apenas engoliu qualquer resquício de humanidade que pudesse ter que a fizesse ter pena dele e encarou-o com o máximo de zangadez que tinha, naquela expressão raivosa e quase possuída que ela tinha reservada quase em exclusividade para as peripécias do homem.

— Acabou? — ela debochou. — Quantos você comeu?

Gustavo achava que se Morena tivesse olhos de raio laser ou qualquer outra habilidade mortal, ela teria usado nele, naquele momento, sem nem pestanejar. Era claro que a visão de raio laser teria resolvido o problema por completo, em um minuto, ele estaria morto e tostado o suficiente para que ela pudesse se alimentar dele. E do jeito que ela era doida e meio estranha, ele não duvidava de sua capacidade de comer carne humana, principalmente se isso significava que ela tinha derrotado a ele. Naquele momento, Gustavo

parecia ser a última coisa que Morena queria ver em sua frente e ele estava se sentindo muito culpado. Se ela estava sentindo metade da fome que ele sentira ao terminar de arrumar a barraca, ele merecia mesmo a morte e ele sentia muito pelo seu comportamento egoísta. Sabia que se continuasse agindo assim, cada um pensando em si mesmo, eles não conseguiriam sobreviver por muito tempo, principalmente se comessem a competir um com o outro.

— Três — Gustavo abaixou a cabeça, envergonhado.

Morena achou que ele parecia um cachorrinho caído do caminhão de mudança e que estava terrivelmente arrependido, mas isso não diminuía o fato que ele tinha acabado com a única forma de alimentação que tinham e não tinha checado quantas barrinhas tinham antes de atacá-las, obviamente não pensando nela. Como ela já tinha notado diversas vezes, Gustavo tinha uma natureza independente e egoísta que a deixava louca — porque ela própria também era egoísta, embora suas atitudes fossem diferentes. Enquanto Morena comeria as barrinhas por completo descaso ao Moreno e não teria um pingo de remorso, Gustavo comeria sem pensar nela, sem notar que havia comido demais e nada deixado para ela ou para depois.

— Três — Morena quase gritou. Sabia que a quantidade era bem pouca e que Gustavo, provavelmente, ainda sentia fome, mas não conseguia ver porque diabos ele não teria deixado um pouco daquilo para ela. — Não dava para ter deixado nem ao menos um pra mim, não é? É tão esfomeado que nem parece que sempre teve tudo que quis. Aliás, deve ser por isso mesmo que comeu tudo: sempre teve tudo que quis e não sabe dar valor as coisas!

E pronto! Tinham voltado à estaca zero da viagem. Ali, eram os dois discutindo por ele ter perdido o precioso livro de Morena em formato de barrinha de carne. A mulher estava jogando as mesmas informações em cima dele, porque aquele comportamento tóxico certamente se repetia tantas vezes que a cansava.

— Eu já pedi desculpas, está bem? — Ele murmurou, indeciso entre a raiva pelas palavras duras de Morena e a culpa de ter comido barrinhas demais, não deixando nada para ela. Morena soltou uma expressão irritada e se levantou, vestindo o vestido que a cobria, saindo da proteção do abrigo. — Ei! Ei! — Gustavo se levantou, escorregando nos pés, tentando alcançá-la — Aonde você vai? Morena?

A mulher virou-se para ele com uma expressão sanguinária estampada na face e Gustavo teve certeza que ela estava pronta para matá-lo se ele se atrevesse a dar mais um passo sequer atrás dela. Não importava que ele tinha todo um discurso a fazer de que ir na direção que ela ia, para a mata, sozinha

e pela primeira vez era perigoso, Morena não escutaria nada dito por ele naquele momento ou em qualquer um próximo.

— Eu vou conseguir algo para comer, seu imbecil! — Gritou. — E não se atreva a me seguir.

Morena deixou um Gustavo de olhos arregalados para trás e adentrou a mata selvagem e intocada que rodeava a praia. A areia era presente ainda quando as árvores cresciam e seus pés se machucaram ao, na raiva, pisar em gravetos e pedras de mau jeito. Resolveu parar enquanto ainda via o mar e se sentar em uma pedra maior para acalmar a descarga de raiva que sentia antes que sua mente se nublasse o suficiente para esquecer o caminho que fazia, não permitindo que ela se recordasse como retornava depois. A raiva de Gustavo estava dominando sua mente e arranhando sua garganta; ela queria gritar, tacar coisas e destruir tudo que tivesse em sua frente, mas dignou-se a dar leves socos na terra ainda macia pela chuva da noite anterior aos seus pés.

Os soquinhos seguidos a acalmaram um pouco, o suficiente para encarar o horizonte do mar e voltar a se embrenhar na mata de árvores, procurando qualquer coisa que pudesse ver. Andou por cerca de cinco minutos, observando os pássaros nas árvores e os pequenos saguis pulando de galho em galho para observá-la melhor. A estranha humana raivosa que caminhava fugindo das pedras e galhos, tentando não se machucar muito até conseguir comida.

Foram os saguis que lhe ajudaram a achar comida. Enquanto se balançavam para alcançá-la, deixaram derrubar frutinhas no chão e, assim, Morena se deparou com uma jabuticabeira e ficou muito contente em encontrar uma de suas frutas favoritas para comer. Pequenas alegrias de quem não tinha quase nenhuma esperança, ela já se imaginara comendo insetos ou até mesmo os saguis, caso conseguisse acender uma fogueira. Mas estava feliz que não fosse necessário, eles eram fofos demais.

O bom da jabuticabeira era que ela era fácil de pegar as frutas, visto que as mesmas cresciam no tronco da árvore. Ela estava lotada de frutos e Morena fez uma dança esquisita ao redor da árvore, recolhendo os que pareciam mais maduros. Sentou-se ao lado dela e se dignou a engolir os frutos com gosto, chupando o caldo. Riu ao encostar a cabeça na árvore e acabar estourando duas jabuticabas com a cabeça, deixando a pasta arroxeadada sujar seus cabelos, sem se importar e continuou comendo. Comeu o suficiente para se satisfazer, muito contente consigo mesma com aquele achado. Com aquela quantidade de jabuticaba, ela tinha certeza que não passaria fome por algum tempo.

Lembrou-se de Gustavo.

Revirando os olhos, levantou-se ao comer a última jabuticaba que recolhera e levantou a barra do vestido, fazendo uma espécie de cesta. Provavelmente se arrependeria de ser tão mole de coração, mas, apesar de ter comido as barrinhas de cereais, o homem tinha feito um abrigo e deixado Morena ficar com ele; se lhe entregasse as frutinhas, provavelmente ficariam quites e ela não precisaria mais dele. Poderia criar o próprio abrigo até o final do dia, tinha muita madeira caída no chão e ela só precisava descobrir o que poderia usar de corda.

Com uma mão segurando a barra do vestido, a outra foi à árvore, recolhendo frutos e enchendo a pequena e improvisada cesta aos poucos. Ela estava com um sorriso no rosto por estar conseguindo sobreviver na floresta, embora o seu pavor. Se tinha uma jabuticabeira ali, com certeza haveria outras e outras frutas. Podia achar banana, coco... Iria conseguir sobreviver!

Encheu de jabuticabas o máximo que conseguia sem correr o risco de perder frutas pelo caminho e se esforçou em amarrar tudo à sua frente, para não ter que ficar segurando o caminho todo, o que deixou-a apenas de shorts, com uma protuberância esquisita à frente. Estava prestes a voltar para a praia quando um barulho estranho chamou sua atenção.

Um resfolegar de folhas e uma expressão de surpresa, claramente humana. Arregalou os olhos para depois cerrá-los. Se Gustavo tinha seguido-a, ele não ganharia suas jabuticabas. Tinha sido clara que era para ele ficar bem onde estava.

— Gustavo? — Chamou, mesmo assim. Com certeza teria algo ali que ela poderia jogar na cabeça dele. Poderia jogar jabuticabas, talvez elas deixassem seu rosto manchado, o que seria pelo menos divertido.

Porém, não houve resposta.

Ao invés disso, Morena ouviu um facão e passos correndo para longe dali.

Seu coração acelerou e ela seguiu correndo para o lado oposto, assustada, tentando voltar para praia na velocidade máxima que suas pernas conseguiam.

Capítulo 8

Gustavo tinha que admitir a culpa.

Se existia uma coisa que ele não suportava era fome. E sabia que comida era sagrada e que com ela não se mexia. Por isso, se arrependeu amargamente por ter comido as barrinhas e não ter deixado nada para Morena. Sabia que sua atitude tinha sido totalmente imperdoável e que ele estava muito, muito errado.

Com a comida dos outros não se mexia. E ele certamente deveria ter deixado pelo menos uma barrinha para ela. Não teria matado a fome de nenhum dos dois, mas provavelmente seria o suficiente para que começassem a procurar comida juntos. Agora a mulher tinha entrado na mata sozinha e mandado Gustavo não segui-la, o que ele queria efetivamente fazer, mas tinha medo dela acabar com a vida dele se a visse seguindo.

Teria medo de Morena morrer na mata, mas do jeito que era braba, era provável dela matar as plantas e os bichos todos antes de sequer se machucar.

Isso não significava que ele não se sentia menos culpado. E nem com menos fome. Resolveu que para acalmar a mulher enlouquecida, só havia uma opção: fazer um banquete. Ela só iria perdoá-lo naquelas condições e Gustavo sabia que precisavam se manter ao menos se falando se queriam sobreviver. E se ele não podia ir à mata porque Morena não queria que ele a seguisse, a única maneira de se conseguir alimento era no mar.

Gustavo já tinha notado que os peixes daquela praia eram curiosos e abusados, tinham até mordido sua perna, o que significava que eles não conheciam humanos o suficiente para ter medo deles e fugir, e isso era ótimo para alimentação deles. Ele só precisava de uma lança e pegaria vários rapidamente para comer. E aí faria uma fogueira e deixaria tudo pronto em um prato-folha. Deveria servir para que Morena aceitasse suas desculpas.

Ele só não sabia onde arrumaria uma lança, mas se lembrou as madeiras remanescentes e do seu canivete. Corria o risco de talvez deixar a faca cega... Por isso, pegou um pedaço de madeira e caminhou até a ponta da praia, onde imaginou que conseguiria lixar a ponta da madeira até que ficasse pontuda o suficiente para pescar. Depois, se fosse necessário, ele usaria a faca para apontar um pouco mais. Teria que servir.

Surpreendeu-se ao perceber que pouco precisava para a madeira ganhar forma. Menos de um minuto após começar a investir e lixar a madeira

nas pedras, percebeu que ela já estava ligeiramente pontuda. Continuou até que a ponta estivesse levemente satisfatória e voltou para o abrigo para terminar de afinar e apontar porque só então reparou que tinha esquecido o canivete lá.

Sentou-se na areia, um pouco encurvado para frente com a sua quase pronta lança entre dos joelhos dobrados, com a ponta virada para si. Começou a raspar o excesso de madeira com a faquinha, procurando sempre afinar a ponta, com cuidado para não arrancar lascas demais. Era um trabalho minucioso e chato, mas seria necessário para a sobrevivência. Os nutrientes dos peixes ajudariam bastante a manter os dois vivos.

Estava ali, distraído e concentrado, cuidando de pedacinho por pedacinho para que fosse mais fácil quando entrasse na água, quando ouviu passos rápidos e virou-se a tempo de ver Morena sair da floresta correndo, descabelada e com a respiração alterada. Ela tinha o vestido levantado na cintura e uma espécie de trouxa cheia caía em frente das suas coxas. Parou assim que cruzou o limite das árvores e olhou para trás como se quisesse checar que estava tudo bem. Gustavo se levantou, levemente preocupado quando ela deu um passo para trás e deixou-o ver uma mancha avermelhada onde seus pés estavam anteriormente.

— O que houve? — Perguntou.

Morena levou um susto com a sua voz, como se não esperasse que ele estivesse ali. Ele teria feito chacota da sua reação se ela não estivesse completamente apavorada. Ao vê-lo, pareceu um pouco envergonhada que ele lhe visse naquelas condições, mas também aliviada que ele estivesse ali. Andou até o homem e ele reparou que ela mancava, o pé esquerdo quase não encostava na areia quente. Ela passou por ele mancando, sem falar e se sentou no chão coberto pela barraca com um gemido. Logo levou o pé esquerdo para cima e ele pôde ver um pequeno buraco ensanguentado no meio da sola.

— O que houve? — Repetiu.

Morena estava inconformada com o machucado e Gustavo se aproximou. Pegou a garrafa de água e decidiu que aquela era uma ocasião em que podiam gastar sua preciosa água potável. Sentou-se ao lado dela e afastou suas mãos do machucado. Primeiro lavou as próprias mãos, sujas da madeira e, então, molhou o machucado com cuidado, passando os dedos com leveza para limpar melhor.

— Calma! — ela pediu. Voltou a se aproximar com as mãos, tentando tocar o machucado, mas pausou-se ao perceber que as mãos estavam cheias de areia. — Acho que tem alguma farpa.

Puts.

Se tivesse farpa, Gustavo não ia conseguir fazer muita coisa. Mas tentou. Ele inspecionou o entorno do machucado com cuidado, apertando as bordas, até Morena se aliviar e dizer que não tinha nada. Ela deitou na areia, parecendo terrivelmente aliviada e Gustavo rasgou a manga de sua camiseta, que estava dentro da mochila, lavando pedaço de pano e amarrando no pé de Morena, na tentativa de manter o machucado limpo. Não estava mais usando a camisa, de qualquer forma e, embora seu corpo estivesse vermelho ao ponto de arder, ele teria que se acostumar.

— Depois é bom você ir no mar, dizem que água de mar ajuda a fechar os ferimentos — ele disse. Tinha escutado aquilo em algum ponto do litoral em uma de suas férias de criança. — Vai me contar o que aconteceu agora?

Ela soltou um longo suspiro e escondeu o rosto nas mãos, parecendo um pouco envergonhada. Respirou fundo, ainda tentando controlar os leves espasmos de medo que seu corpo ainda tinha, o pavor ainda jogando doses de adrenalina em sua corrente sanguínea e acelerando seu coração.

— Eu estava colhendo frutas. Tem uma jabuticabeira aqui perto, ela tá lotada, eu comi um montão e estava trazendo mais pra gente — ela narrou. — Mas ouvi passos, ouvi alguém correndo, eu não sei mais se tava correndo em minha direção ou pra longe, achei que era você, mas não era, então eu saí correndo assustada. Não sabia o que era. Pisei em um galho correndo e me machuquei.

Gustavo apertou os lábios para não soltar uma risada ao que Morena contava a sua história *assustadora*. Ela tinha saído correndo após ouvir um barulho, certamente era algum animal silvestre que corra para longe ao perceber a mulher ali. Mas ela acreditava que era uma pessoa e se assustara o suficiente para sair correndo em nem se importar em prestar atenção onde estava pisando, o que lhe causara um ferimento bem feio.

Pessoas. Em uma ilha deserta. Gustavo estava tentando, com muita força, não rir.

— Você sabe que a gente tá numa ilha deserta, né? — Gustavo brincou.

Morena não acreditava que Gustavo estivesse fazendo tão pouco caso de sua experiência horripilante. Ela estava lá, ele não. Ela viu o que viu, ouviu o que viu. Sabia que estava em perigo, tinha alguém lhe observando e isso a deixara arrepiada e em pânico. Tudo o que ela queria fazer era se afastar o máximo possível daquele lugar e encontrar conforto em uma companhia conhecida, mesmo que se essa companhia conhecida fosse Gustavo e suas

descrenças irritantes.

— E se não for deserta, Gustavo? — Perguntou, assustada. — E se tiver, sei lá, uma tribo indígena canibal nessa ilha.

Gustavo não escondeu mais as gargalhadas e explodiu em risos. Morena tinha mania clara de perseguição e uma mente fértil para imaginar quantas coisas poderiam sair erradas. Mesmo que fosse impossível, inviável ou, como era no momento, extremamente ridículo.

— Se tivesse mais alguém aqui, a pessoa teria falado com você, mulher — ele insistiu. — E se você quer saber, só existe uma tribo canibal no mundo hoje e é em Papua-Nova Guiné.

Morena se perguntou como Gustavo sabia disso e duvidou que fosse verdade. Achava que ele estaria inventando aquilo para acalmá-la, o que não tinha funcionado nem um pouco. Ainda estava assustada, com uma penca de jabuticabas em seu vestido, que se encontrava manchado com as frutinhas que acabaram estourando enquanto ela corria.

— Eu tenho certeza que era uma pessoa — sussurrou, mas de certeza, nada tinha.

Não queria dar o braço a torcer, porém, ainda mais com Gustavo parecendo todo cheio de si, com informações fresquinhas da tribo canibal da Papua-Nova Guiné. Ele já era todo convencido e cheio de si, não precisava de mais um pouco. E, além do mais, o homem estava rindo e zoando de seu medo como se não fosse nada.

Gustavo, por outro lado, embora tivesse achado engraçado o relato, estava apenas tentando acalmar a mulher que parecia completamente transtornada.

— Bobagem, Morena — Gustavo respirou fundo, vendo que suas palavras em nada ajudavam a mulher ao seu lado. — Isso foi só porque você estava sozinha em uma floresta e ficou assustada. A mente prega peças nas pessoas nessas condições.

Morena ainda não estava muito convencida, mas tinha lógica nas palavras de Gustavo, então tentou se acalmar.



— Mas vamos que minha mente não estivesse pregando uma peça — ela insistiu, vendo Gustavo balançar a cabeça negativamente. — E que tivesse realmente uma pessoa ali. Pode ter se assustado ao me ver e fugiu. Pode voltar de noite quando a gente estiver dormindo. E aí? O que a gente faz?

Morena queria se convencer de que Gustavo estava certo, mas ela sabia o que tinha escutado. Eram passos, alguém correndo, e não achava que sua mente estava lhe pregando uma peça, ela estava confortável e distraída comendo jabuticabas, não tensa e com medo da floresta. Estava até feliz por conseguir se virar sozinha! Tinha sentado ao chão do pé de jabuticaba e estava muito contente consigo mesma para imaginar coisas pelo medo. Na realidade, ela estava com mais medo antes de entrar na mata, com todo aquela ideia sufocante de ser uma naufraga e ser que sobreviver na marra, na garra e na coragem, sendo que nem nadar ela sabia fazer direito. Mas a missão de lhe conseguir comida — e realmente encontrar comida — tinha provado a si mesma de que ela era capaz de conseguir sobreviver isso tinha sido um suspiro de alívio em sua vida. Então por que a calma e realizada Morena imaginaria que tinha um humano canibal espreitando atrás de uma árvore e que tinha corrido quando ouvir sua voz e percebeu que ela tinha notado sua presença? Como ela teria confundido um animal, provavelmente de porte pequeno, com passadas fortes e ligeiras de um homem ou mulher adulto? Aquela teoria não cabia em sua mente.

— Morena, não tem ninguém — Gustavo insistiu, revirando os olhos. — Se você escutou alguma coisa, pode ter sido um animal. E talvez tenha até sido bom você correr porque imagino que um animal selvagem procurando comida seja mais perigoso que um humano perdido.

Com isso ela não poderia discutir. Deu de ombros, desistindo da conversa e preferiu se convencer de que Gustavo estava certo e que ela não planejava voltar para a mata tão cedo. Poderia usar o pé machucado como desculpa, mas sabia que ele não tinha sido muito profundo e estaria curado em poucos dias. Resolveu tirar o nó do vestido, abrindo a trouxa e soltando as jabuticabas de onde estavam. A maioria estava inteira e ela puxou a mochila, que só tinha a camisa de Gustavo e começou a guardar as frutinhas ali. Sabia que Gustavo estava utilizando aquilo de travesseiro, mas imaginou que estocar comida fosse uma necessidade maior do que parecer confortável ao dormir. Gustavo voltou a raspar a ponta da lança, quase satisfeito com o resultado e isso chamou a atenção de Morena.

— O que você tá fazendo? — Perguntou, tentando identificar o que um pedaço de madeira pontudo poderia ajudar eles a construir o abrigo, o que ela

imaginou que era com o que ele estava trabalhando enquanto ela estava na floresta.

Gustavo exibiu sua lança com orgulho e sorriso no rosto, só então percebendo Morena cheia de frutinhas em sua mão. Seu estômago roncou na hora e ele apontou para elas com um pouco de receio — tinha comido a comida dela, será que ela permitiria que ele comesse algo que ela tinha arrumado? Ele ainda não conseguira preparar o jantar que ele queria fazer para ela... Mas não custava tentar conseguir mais um pouco de comida.

— Posso pegar umas dessas? — Apontou para as frutinhas e Morena ficou indecisa se oferecia ou se jogava tudo na cara dele. Ele levantou a lança para se justificar. — Tô fazendo uma lança pra tentar pescar uns peixes pra gente... Mas vai demorar um pouquinho, vai ser nosso almoço. Isso aí pode ser o café da manhã...

Morena cerrou os olhos e jogou mais uma mão cheia de jabuticaba dentro da mochila, sem oferecer nenhuma para Gustavo, que já começava a salivar. Tinha o costume de comer muito, seu prato do almoço era cheio e parecia uma montanha, o que certamente era um problema sério, agora que estava vivendo em uma ilha e só podia comer o que ele mesmo pegava.

— Você comeu as barrinhas no café da manhã — ela ponderou.

Gustavo sabia que a mulher tinha razão, ele exagerara e tinha deixado-a sem comida, o que a levou para a mata e causou seu machucado. Mas ela podia ser legal pelo menos uma vez.

Morena estranhou a expressão esquisita de Gustavo e apertou os lábios, morrendo de vontade de rir que ele ficasse assim só por causa de umas jabuticabas. Ela daria a ele, com certeza, não porque achava que ele merecia, mas porque estava interessada no peixe que ele iria comer.

— Ai, por que você faz essas coisas comigo? — Gustavo choramingou. — Eu cuidei do seu pé! Não mereço um biscoito?

Morena soltou uma gargalhada alta ao se dar com cara com o bico que Gustavo fazia por ela não se sensibilizar com a fome dele. Estava com raiva antes, e até um pouco magoada com a forma que ele falara sobre o seu medo, classificando como ilusão e bobagem, mas ele cuidara do meu machucado com atenção e até mesmo carinho, gastando da água potável, rasgando sua camisa e protegendo o machucado da sujeira. E agora, também, Gustavo tinha uma lança e planejava pegar peixes. Ela gostava de peixe e planejava comer deles sim, obrigada.

Além do mais, Gustavo estava se comparando a um cachorro que tinha feito uma tarefa e merecia um biscoito. Certamente ela tinha que aplaudir o

esforço e a humilhação para ganhar frutinhas. Deveria estar com muita, muita fome mesmo.

— Tudo bem — ela separou três jabuticabas e ofereceu para Gustavo, que aceitou com a sobrelanceira levantada pela audácia dela de lhe oferecer tão pouco. — Isso deve ser o suficiente pra você. Representa as barrinhas que você comeu por mim.

Gustavo queria ponderar, mas Morena estava certa até um ponto. Ele tinha feito merda e a merda tinha se triplicado até acabar com ela com o pé enfaixado. Ela tinha direito às jabuticabas e ele teria que se contentar com aquelas três até conseguir pescar o peixe e fazer a fartura que ele tinha planejado para ela perdoá-la.

— Está bem — disse, abaixando a cabeça. — Obrigado.

E foi aí que Morena riu mais, porém achando fofo o comportamento dele. Tinha respeitado a maldade que ela tinha feito e estava comendo sua jabuticaba bem quietinho e triste, ignorando as risadas dela. Ela só tinha feito de maldade mesmo, Gustavo estava sendo uma surpresa agradável a cada momento que eles passavam juntos, mas ela não podia parar de implicar com ele só por aquilo.

Terminou de colocar as jabuticabas na mochila e puxou-a para si sob o olhar atento de Gustavo. Encarou-o e viu-o disfarçar, olhando para o lado. Era como uma criança e estava planejando roubar as jabuticabas e, naquele momento, ao invés de ficar irritada, ela só achou engraçado.

Jogou a mochila na direção dele.

— Come o quanto quiser — disse. — Tem muito mais de onde isso veio, depois a gente volta lá e pega mais.

Ela lhe deu uma piscadinha de olho enquanto Gustavo parecia radiante com o presente. Se demorou comendo jabuticabas enquanto Morena se deitava na areia, curtindo o relaxamento e tentando ignorar a pontada de dor na sola do seu pé. Imaginava que o machucado não iria demorar para sarar, mas, mesmo assim, andar ficaria difícil por alguns dias, se continuasse a piscar e latejar daquela forma.

Resolveu externar isso porque parecia que ela precisaria de Gustavo para algumas coisas nos próximos dias e ele parecia bastante disposto a ajudar enquanto se deliciava com as jabuticabas.

— Acho que não vou conseguir andar direito por um tempo — confessou. — Meu pé tá latejando, um horror.

Gustavo finalmente pareceu terminar de comer as frutinhas,

colocando-as para o lado. Sorriu, satisfeito que a vontade em seu estômago tinha diminuído — ele poderia comer mais um pouco, mas com a confissão de Morena, ele imaginou que seria mais inteligente racionar um pouco, até que ela pudesse lhe levar de volta à jabuticabeira.

— Vou tentar pegar vários peixes e você pode ajudar quando a gente for fixar melhor o abrigo, porque você pode ficar sentada, tudo bem? — Gustavo perguntou, pegando a lança para voltar a raspar, melhorando a ponta.

Ela sorriu e concordou com a cabeça, satisfeita que o homem estivesse sendo fácil e a relação dois estivesse fluindo bem, cheio de compreensividade. Aquilo era um sopro de ar fresco em sua vida e ela pensou que, se um dia saísse dali, as coisas talvez ficassem mais fáceis no trabalho. Daquele tipo de males que viam para o bem.

Gustavo pareceu contemplativo por algum momento e, logo em seguida, encarou a mulher por um momento, parando de mexer na lança e colocando ela e o canivete ao seu lado na areia.

— A gente tem que se ajudar aqui — Gustavo falou. — Se a gente vai viver aqui por sabe-se lá quanto tempo, a gente tem que achar um ponto em comum e segurar nele, Morena — passou a mão pelos cabelos e pareceu nervoso, enquanto Morena entendia sua seriedade. — Sei que a gente não se dá, mas, olha... A gente vai se sair melhor se a gente trabalhar junto, você não acha?

Morena achava, sim.



Raspar madeira com uma faquinha de canivete não era exatamente uma tarefa fácil e agradável, mas Gustavo estava ali se esforçando ao máximo em fazer um bom trabalho. Ele achava que já daria para pescar com sucesso, mas continuou em busca da perfeição apenas como desculpa para não ir para o sol quente logo. Agora que ambos estavam alimentados com as jabuticabas, ele poderia enrolar um pouco, não poderia?

— Então... — Morena chamou sua atenção. — Essa lança aí não está boa já não?

Ela estava sorrindo como se realmente estivesse na dúvida sobre a qualidade da lança, não em uma de suas implicâncias normais. Gustavo meneou a cabeça, informando que mais ou menos e se aproveitando da nova paz e da inocência dela para enrolar por mais alguns minutos sob a proteção da barraca.

— Eu já vou lá — Gustavo confessou. — Estou pensando nas outras coisas que a gente tem que fazer...

Morena estava deitada ao seu lado e sentou-se, suas mãos logo procurando a garrafa com os restos da água que limpou seu pé e ingerindo-a em um gole só.

— Tipo?

Ele encarou o mar à frente, apertando os olhos por causa do clarão de luz que se encontrava. Parecia que o sol ia arder e sua pele já não estava muito contente com aquilo. Imaginava que se pegasse um pouco de sol por dia, não muito, iria acabar se acostumando e deixando de ficar vermelho. Mas também podia acabar com um câncer de pele.

— Firmar a barraca, a principio. Mas eu estava pensando em começar a trabalhar em algo maior e mais protegido depois — Morena adorou a ideia de algo mais protegido na hora. — E fogo. Precisamos de fogo pra cozinhar o peixe.

Morena imaginou que montar a estrutura de cubo para firmar a barraca seria mais complexo para ela, com seu pé machucado. Teria que buscar material e, além de precisar andar, ela não estava nem um pouco a fim de voltar na mata por enquanto. Então só lhe sobrava uma opção e, embora ela não soubesse a mínima de como fazer fogo, Gustavo iria pescar e ela precisava ajudá-lo de alguma maneira. *Ajudá-lo* não... O fogo e o peixe seriam para ela também. Era tudo sobre o novo tratado de paz em que eles se encontravam e Morena prometeu a si mesma que ia tentar não implicar com

Gustavo *tanto*.

Mas era divertido, não era?

— Acho que eu posso ficar com o fogo — Morena disse, encarando-o.

Gustavo concordou com a cabeça, sério e concentrado. Colocou a lança na areia entre ele e a mulher e, batendo nas coxas, levantou-se, limpando a areia do short que usava.

— Vou pegar uns ganhos e folhas secas pra você — ele anunciou.

O que Morena faria com galhos e folhas secas? Ela só tinha uma ideia bem básica de como fazer uma fogueira, a qual aprendera nos filmes, mas imaginava que não era tão fácil quanto eles faziam parecer. Começou a refletir sobre todas as vezes que viu alguém fazer uma fogueira na televisão e tentou recordar as técnicas utilizadas.

Gustavo voltou após alguns poucos minutos na mata, com madeira e folhas em suas mãos. Sentou-se no meio do nada, fazendo Morena franzir a sobrancelha.

— Vem pra cá — chamou Morena para o lado de fora da barraca, ao que ela fez bico. — Você quer que o fogo acabe com o bote, né? Adeus pobre abrigo.

Morena revirou os olhos e ficou de pé. O machucado reclamou e ela levantou o pé do chão sobre o olhar preocupado de Gustavo. Porém, não estava mais doendo tanto quanto antes e ela foi capaz de andar sem muita dificuldade até onde ele estava, mas não sem deixar entrar um pouco de areia entre o tecido amarrado em seu pé e a pele. Mas preferia que Gustavo não soubesse que sua invenção tinha sido má-sucedida, ele fora tão atencioso que ela estava planejando que ele ficasse com a glória daquela vez.

Quando finalmente sentou-se ao seu lado, ele estava fazendo um pequeno buraco em um tronco bem maior e parecia um bocado antigo. Não estava exatamente seco, apesar do calor da manhã, a chuva do dia anterior ainda podia ser sentida no interior da mata.

— Você já fez isso antes? — Perguntou. Morena resolveu ser sincera e negou com a cabeça. — Tudo bem, não é muito difícil, é só ser insistente. Vai ser um pouco mais complicado porque choveu ontem, mas acho que vai dar — ele estava afinando a ponta do graveto em suas mãos com a faquinha e, então, ofereceu a Morena, que pegou com mãos não muito certas do que ela deveria fazer. — Você *enfia* isso no *buraquinho* que eu fiz — ele apontou. Ela fez, mas sua mente viajou um pouquinho com outras coisas que enfiavam em buracos. — Aí coloca as folhas secas ao redor, não precisa ser junto, mas tem

que ficar atenta — ele pegou as duas mãos delas e, com as suas, mostrou que deveriam ficar espalmadas com o graveto entre elas. — Você segura assim e *mexe o mais rápido e forte* que conseguir. *Bem assim* — ele levou a mão acima da dela e mostrou o movimento. — Se você vir que tem uma faísca saindo, você aproxima as folhas e sopra. Se não pegar, você faz outra vez. Entendeu tudo?

Enfiar no buraco.

Mexendo rápido e forte.

Bem assim.

Morena tinha entendido tudo... Mas em outro universo. Não tinha certeza se Gustavo havia falado com duplo sentido, conhecendo o homem, ela podia imaginar que sim, mas seu rosto estava sereno e tranquilo, como se estivesse só explicando. E aquela proximidade... Morena nunca tinha parado para prestar atenção no quanto as mãos dele eram grandes e firmes até que sentiu-as na dela, ajudando a encontrar a posição certa para segurar o graveto. Começou a pensar no estrago que três daqueles dedos não poderiam fazer dentro dela...

Tinha certeza que estava de olhos arregalados e a boca aberta quando Gustavo olhou para ela para checar se tinha entendido como se fazia fogo.

Fazendo fogo.

Fazendo fogo dentro da calcinha dela, ele queria dizer.

— Como você aprendeu isso tudo? — Não queria dizer que ainda estava avaliando as coisas que ele dissera fora do contexto sexual, mas sem muito sucesso porque seu corpo todo estava querendo tremer com a expectativa. — Sobre lanças e fogueiras...

Gustavo sorriu e Morena torceu que ele não estivesse rindo do estado meio calamitoso que ela ficou após suas insinuações. Porém, ele pareceu um pouco desconfortável e passou a mão pelos cabelos, sem saber exatamente como responder aquilo sem ser vergonhoso. Tinha um pouquinho de vergonha de dizer aquilo em voz alta por todas as vezes que teve suas bochechas apertadas enquanto vestia o uniforme do grupo.

— Eu fui escoteiro... Quando criança — confessou, por fim, esperando a zoação da mulher.

Morena, porém, não estavam naquela sintonia de provocar e zoar Gustavo. Na verdade, ela mudou a imagem visual que tinha dos dedos de Gustavo invadindo sua intimidade para um Gustavo de uns dez anos, com cachinhos caindo na cara e aquele sorriso arteiro e alma de moleque que ele

ainda tinha, vestido com o uniforme dos escoteiros e vendendo biscoitos de porta em porta.

— Ai que fofo! — Ela acabou largando os gravetos para fazer o que ele mais odiava: apertar suas bochechas.

Gustavo afastou suas mãos com um suspiro, levemente zangado com o comportamento da mulher, mas suficientemente conformado de que mulheres achavam aquilo fofo, não importava a idade dele.

— Você entendeu? — Ele voltou a perguntar, ainda segurando a mão dela na sua, sem querer terminar aquele contato tão cedo.

Os dois sentiam que tinha algo estranho acontecendo ali, entre os dois, naquela nova cumplicidade. Gustavo já estava sentindo atração pela mulher desde o barco e Morena estava quebrando seus achismos e preconceitos aos poucos, enquanto conhecia o homem. Tinha que pontuar que se excitava cada vez mais quando ele se mostrava saber exatamente o que fazer enquanto eles estavam ali, mostrando mais maturidade do que todos os anos de trabalho juntos.

Encararam-se por um longo momento, ele segurando sua mão entre sua palma e os dedos, os olhos dizendo todo o desejo que já dançava entre os dois e todas as coisas que as palavras e ações não tinham coragem de refletir ainda. Naquele momento, ficou tudo bem claro, havia uma relutante correspondência do outro; Morena agora sabia que as palavras de Gustavo fora calculadamente de duplo sentido, proposital para deixá-la naquele estado e Gustavo sabia que Morena tinha se afetado com suas palavras e que ela queria aquilo tanto quanto ele.

Mas nenhum dos dois estava disposto a ser o primeiro a ceder ainda. O jogo de implicância e provocações teria que continuar por mais algum tempo.

Ela engoliu a seco e concordou com a cabeça, desviando o olhar do dele, um pouco temerosa com a intensidade e a verdade que tinha vislumbrado ali. Gustavo, então, soltou sua mão e se apoiou, levantando-se.

— Ótimo então — disse. — Você pode ficar aí fazendo as coisas e eu vou lá tentar pegar uns peixes pra gente, pode ser?

Ela concordou e viu-o pegar a lança e se afastar para o mar com o coração acelerado e o desejo escorrendo pelas pernas.



Gustavo confessou que afastou os peixes assim que pisou no mar. Estava tão agitado pela troca de olhares e das palavras que dissera para Morena que entrou no mar com tudo e todos os peixes se afastaram dele. Por conta disso, a manhã foi inteiramente perdida, sem nenhum sinal de pesca. Morena, que não estava tendo muito sucesso com a fogueira e vendo Gustavo sem sucesso com a pesca, resolveu que ficaria mais feliz se decorasse ao redor dos troncos.

Na realidade, era só uma desculpa para trocar algumas palavras com Gustavo. Mancando, ela resolveu recolher pequenas pedras e molhar seu pé na água do mar — que ardeu o suficiente para ela se arrepender, mas logo se acostumou e Gustavo tinha razão, aliviava um pouco a dor.

— O sol tá muito forte! — Morena disse, ao recolher as pedras. — Não quer ficar um pouco na barraca e comer mais frutas? Você tenta de novo mais tarde!

Gustavo aceitou porque ele não estava vendo nenhum peixinho por perto e não sabia quanto tempo ia demorar para que eles voltassem. Além do mais, sua cabeça estava fervendo de tão quente e ele poderia utilizar de uma sombra. Mergulhou, molhando os cabelos, para aliviar o calor, antes de sair inteiramente da água.

Encontrou Morena parada no lugar onde as ondas batiam e escoavam, estava com o olhar perdido e tinha algumas várias pedras em suas mãos. Franziu a testa e sorriu.

— Quer que eu leve isso pra você? — Ele nem esperou a resposta da mulher e já vou pegando as pedras.

Morena estava em transe e só concordou com a cabeça. O problema estava nas gotas de água salgada que escorriam dos fios de cachos desmanchados de Gustavo para o corpo sarado do homem. Ele não tinha só que ser gostoso e provocá-la, não, isso não era o suficiente. Ele precisava ser gostoso, falar sacanagem e ficar molhado. Ela tinha uma sorte danada.

Só reparou no seu papel de trouxa quando ele já estava subindo a leve declinação da areia até a barraca e correu para alcançá-lo antes que ficasse ridículo demais.

Conversaram amenidades e comeram jabuticabas. Satisfeitos, tentaram tirar um cochilo, Gustavo agora utilizando um monte de areia nada confortável como travesseiro e Morena pensou, antes de apagar, que deveria pensar em algo para facilitar um pouco a vida dele — ela estava dormindo em

algo macio, pelo menos.

Já passava da metade da tarde quando Gustavo a acordou, dizendo que voltaria para pescar. Morena murmurou algo não muito compreensível e demorou um tempo para realmente despertar e engatinhar para o círculo de pedras que tinha feito ao redor do seu pedaço estranho de madeira.

Depois disso, não demorou muito para que Gustavo conseguisse seu primeiro peixe, mas também não era muito grande e só deu uma crise de riso intensa em Morena quando ele exibiu sua caça orgulhosamente para ela.

— Mas eu pelo menos eu pesquei! — Ele estava convencido de que merecia um voto de confiança pela realização, mas Morena só sabia rir. Tinha mais buraco, provocado pela lança, que peixe.

Mesmo assim, ele colocou o pequeno peixe sobre sua camisa, ao lado dela, para ela começar a fazer assim que conseguisse acender o fogo. E Gustavo não dissera uma palavra sobre, mas Morena estava tendo muitas dificuldades naquilo, principalmente por não ter conseguido pegar muita coisa da explicação do homem. Toda aquela maldade escorrendo dos lábios cor de carmim dele e pronto, adeus concentração.

Se esforçou em lembrar do que ele dizia e continuou tentando e se esforçando, fazendo o movimento das mãos. Como era um trabalho mais manual que de raciocínio, acabou deixando a mente vagar solta. Primeiro pensou em seus medos. Ficar ali para sempre, morrer de alguma coisa estúpida porque estavam sozinhos, nunca mais ver a família, nunca mais trabalhar... Depois, foi tentando ajeitar seus medos e planos à sua realidade atual. E foi aí que começou a pensar demais em Gustavo.

Encarou o homem, todo concentrado, olhando a água com determinação. Viu no momento exato que ele deu o bote e trouxe a lança acima, mostrando um novo peixe capturado. Esse era maior e Morena largou o graveto para bater palmas para ele quando ele o exibiu em sua direção.

Ela estava batendo palmas para ele. Com certeza estavam em uma *realidade alternativa*.

Gustavo aproximou-se dela, deixando o peixe sobre a mesma camisa, ao lado do pequeno. Ele amarrou para evitar as moscas e ele e a mulher trocaram algumas palavras cordiais antes do homem voltar para água, mas nada que tivesse tomado a atenção dela. Ela estava presa na sua recente descoberta.

A ilha era uma realidade alternativa. Ali, ela não tinha futuro, família, emprego... Ali ela só tinha Gustavo.

Só Gustavo.

A mente foi povoada com as ideias mais mirabolantes do mundo. Gustavo e ela logo estariam construindo uma pequena casa. Aquele abrigo ainda estava meio capenga apenas porque ainda estavam tentando descobrir como se alimentar. Assim que o mistério fosse solucionado, sua distração seria a casa. Ela sabia que sim. Eles trabalhavam com aquilo e ela estava até mesmo animada em descobrir o que poderiam construir com as próprias mãos e materiais rústicos. Então, em uma semana ou duas, teriam uma pequena casa. Morariam juntos, comeriam juntos, dormiriam juntos...

E ela sentia aquele comichão gostoso na barriga e no baixo ventre quando olhava para ele e sua beleza de um quase moleque. Sempre risonho, sempre otimista, mas sabendo ser sério nos momentos certos e safado nos momentos errados. Naquela realidade alternativa, eles acabariam juntos.

Não era difícil de prever, na verdade. Eram a única opção um do outro e Gustavo não era uma opção ruim, apenas intragável. Apesar de difícil e de irritá-la, ele era lindo de morrer. Ela não podia deixar de ver o quão gostoso e rígido seu corpo era.

Rígido era uma palavra que ela deveria ter sido proibida de pensar, porque seus pensamentos desceram em uma montanha russa. Sacudiu a cabeça e continuou a pensar no que poderia ser feito.

Eles iam acabar ficando juntos, em algum momento, se não saíssem da ilha nas próximas semanas. Fosse porque aquela tensão se intensificaria ao limite das sanidades dele, fosse porque não haveria qualquer outra opção. E será que eles não estavam juntos ainda porque sempre ignoravam a tensão entre eles com outras pessoas? Procurando em outras pessoas os tipos que viam um no outro?

Morena sabia que, da parte dela, era verdade. Até mesmo com o melhor amigo dele ela tentara um relacionamento.

Estava tão imersa em pensamentos que nem reparou que Gustavo se aproximava outra vez. Levou um susto quando um imenso peixe foi colocado quase na cara dela.

— Que porra é essa? — Gritou, assustada.

— Nosso almoço, ué? — Gustavo estava tão empolgado com o tamanho do peixe que nem ao menos reparou no que havia feito com a negra. Ela levantou uma sobrancelha quando ele sentou ao seu lado, pegou um graveto qualquer e espetou no peixe. — Cê ainda não conseguiu fazer a fogueira? Posso tentar? — Ele parecia estar em agitação pura e ela segurou o riso com a animação dele, permitindo que ele tomasse o graveto de sua mão.

Não sabia mesmo o que estava fazendo. — Que tal se você tentar limpar o peixe? Eu não sei fazer isso não.

— Claro — respondeu, seca, com a mente ainda imersa em pensamentos e confusões.

Aí estava uma coisa que ela sabia fazer. Mesmo que seus pais não lhe dessem tantas tarefas e tentassem amenizar o máximo a carga horária de Morena porque ela tinha os estudos e outras responsabilidades, antes de se mudar para Belo Horizonte para fazer a faculdade, Morena se dedicou inteiramente a ajudar a mãe na cozinha. Márcia era uma cozinheira de mão cheia e passou várias dicas para a filha, que aprendeu a não morrer de fome na cidade grande, continuando com o mesmo gostinho de comida caseira e a mesma qualidade na alimentação quando se mudou. Então, limpar peixe... Para ela era moleza.

Uma das madeiras que Gustavo levava para ela tentar acender o fogo mais cedo serviu como tábua de carne. Começou a limpar o peixe assim que o sol se pôs. Fazer tudo com a faquinha do canivete não era muito fácil, muito menos com a iluminação limitada, mas estava conseguindo de qualquer forma. Estava distraída limpando as escamas quando um clarão chamou sua atenção.

— E que haja a luz — Gustavo teatralizou.

— Não valeu — Morena reclamou. — Eu amoleci pra você.

Estava um pouco bicuda que tivesse passado metade do dia tentando acender o fogo e Gustavo conseguisse aquilo em cerca de cinco minutos, mas lá estava o fogo, crescendo enquanto lambia as folhas e madeiras. Gustavo se afastou e ficou admirando sua obra de arte. Morena, um pouco rabugenta, continuou a limpar o peixe.

Assaram os três peixes, mas só o peixe grande foi comido, junto com mais algumas jabuticabas que serviram de tempero (esquisito, mas eles acharam bem gostoso). Os outros dois foram de volta à camisa, amarrados e guardados em uma trouxa para servir de café da manhã no dia seguinte.

Gustavo caiu de sono no momento em que terminou de comer. Morena teve que convencê-lo, em modo zumbi, a se arrastar de volta para debaixo da tenda, porque nem isso ele se dignou a fazer.

Ela demorou mais um pouco, com o olhar perdido entre o fogo que ardia e os pensamentos no homem adormecido ao seu lado. Resolveu que podia aproveitar o silêncio e a solidão e se despiu, tomando um banho de mar nua, sob a luz da lua. Estava já ficando incomodada com o suor e a sujeira, mas sabia que a água salgada não colaboraria muito, mas ainda deveria ser

melhor que permanecer suja.

Gustavo despertou naquele momento. Viu Morena nua da cintura para cima, no mar, achou que estava sonhando e voltou a dormir. Ela não percebeu aquela pequena movimentação, terminou de se banhar e relaxar e voltou para a barraca, na esperança que conseguisse dormir com facilidade daquela vez.

E de tudo que tinha dado errado nos últimos dias, havia uma pequena coisinha a que Morena era devidamente grata: Gustavo não roncava.



Morena estava agitada. Era aquele tipo de agitação que ela odiava com todas as forças, que lhe tirava o sono e a deixava sem conseguir parar de se mexer. Adormeceu, sim, mas não por muito tempo. O sono se esvaiu assim que a claridade do dia começou a entrar por suas pálpebras. Ainda estava cansada e tinha certeza que conseguiria dormir por mais algumas horas, mas o relaxamento total não vinha. Por fim, depois de muito se esforçar, ela abriu os olhos e se sentou.

Gustavo ainda estava apagado ao seu lado, dormindo profundamente. Ela invejou um pouco seu sono e admirou-o adormecido por um longo momento. Em sua defesa, a maneira com que o peito dele subia e descia em sua respiração era gloriosa e estava acalmando sua ansiedade um pouco.

Levantou-se, testando o machucado do pé. Parecia bem melhor e embora doesse um pouco, ela já conseguia andar normalmente. Então, olhou ao redor e listou as suas necessidades primárias. A camiseta de Gustavo estava envolvendo os peixes cozinhados como uma trouxa, mas isso não evitava que os mosquitos rodeassem-na, interessados. E talvez o tecido não protegesse a comida o suficiente, então Morena achou que precisava trançar um pote. Lembrava vagamente como fazer, de hobbies na adolescência, e achava que seria capaz, se encontrasse os materiais certos. Depois olhou para Gustavo dormindo com a cara na areia e soube que teria que fazer um travesseiro para ele. Imaginou que seu vestido fosse bom para aquilo.

Não estava muito animada em entrar na mata sozinha outra vez, mas era isso ou ficar andando em círculos até Gustavo acordar. Resolveu que não entraria muito. Morena deu três passos para dentro da mata e se arrependeu no exato momento, então retornou para a barraca, pegou seu vestido e deu um nó, ignorando toda a parte das mangas e do decote. Dali, virou-o de ponta cabeça e foi caminhando na margem na mapa, recolhendo folhas secas e enchendo o vestido ao máximo com elas. Estava quase chegando na limite da praia, quando uma planta chamou sua atenção. As folhas eram grandes e largas e uma ideia pintou em sua mente, então ela recolheu três folhas da planta e colocou debaixo do braço, continuando a catar as folhas secas.

Não conseguiu encher o vestido por completo, então voltou para a barraca para deixar as folhas da planta e continuar a recolher mais do outro lado. A fogueira estava quase se extinguindo e Morena achou sorte que ela tivesse visto antes de se apagar. Jogou algumas folhas secas no fogo e mais um pedaço de madeira e a fogueira voltou a queimar com propriedade. Então, continuou sua caminhada em busca de mais folhas. Catou todas as que encontrou na margem, e não entrou na mata um centímetro sequer. Ela não

achava que diria em voz alta, mas estava com medo. Sabia que teria que enfrentar aquilo mais cedo ou mais tarde, mas não o faria com Gustavo adormecido e sem saber o que ela estava fazendo. Se algo acontecesse, ela preferia acreditar que ele estaria ciente de onde ela estava para que pudesse encontrar com ela o mais rápido possível.

Conseguiu encher o vestido razoavelmente bem. Amarrou a barra do mesmo e percebeu que tinha feito um mega travesseiro e, embora não fosse cem por cento confortável, parecia bastante bom. Arrastou-o de volta para tenda e sentou-se ao lado de Gustavo.

— Gustavo — cutucou-o, tentando acordá-lo. — Gustavo — chamou mais uma vez.

— Mais cinco minutos, por favor — ele murmurou.

Morena riu do sofrimento do homem e cutucou-o no peito mais uma vez, afinal era uma desculpa perfeita para dedilhar um pouco os músculos que estavam lhe tirando o sono.

— Te dou mais uma hora inteira se você se sentar rapidinho — ela sussurrou.

— Tá bom, mãe.

Morena segurou o riso por ele nem saber onde estava, quanto menos com quem estava falando. Sentou-se, sem acordar e ela correu para empurrar a areia que ele juntara para um travesseiro e colocar o vestido em seu lugar. Espalmou a mão no peito de Gustavo, mordendo o lábio inferior, e empurrou-o de volta para se deitar. Ouviu-se os estalos das folhas secas quebrando-se quando ele o fez e um murmuro de contemplação escapou dos lábios dele.

— Confortável? — Ela perguntou.

— Uhum — ele concordou. Virou para o lado e pareceu completamente apagado do mundo exterior.

Morena, então, sentou-se na beirada da barraca, perto dos pés de Gustavo e de frente para a fogueira, aonde deixara as folhas longas. Começou a puxar pedaços das folhas, cortando-as se separando-as em tiras utilizáveis para o seu intento. Logo a primeira folha estava em várias tiras e depois com a segunda. A terceira, ela preferiu deixar inteira. Pegou oito tiras e trançou-as transversalmente, tentando colocar o máximo de proximidade entre elas, embora um pequeno espaço entre os cruzamentos fosse quase impossível de evitar. Levantou todas aquelas tiras e, com uma tira nova, começou a trançar a subida do pote em pé. Demorou cerca de meia hora para que ela conseguisse fazer a pequena cesta e ainda lhe sobraram uma série de tiras, então trançou-

as para que virassem uma tampa para o seu novo pote. Com a folha que tinha ficado inteira, ela forrou o interno no pote e guardou os peixes lá dentro, roubando um pedacinho apenas porque estava com um pouquinho de fome. Pegou, então, a camiseta de Gustavo, rasgada de uma manga e fedida de peixe e levou-a ao mar, molhando-a e esfregando-a o máximo que conseguia para limpá-la sem sabão. Voltou à barraca e estendeu-a por cima do bote.

Ficou bem orgulhosa de sua incursão criativa da manhã e admirou-se ao descobrir que estava muito, muito cansada.

Morena engatinhou de volta até onde Gustavo dormia. Acabou deitando-se ao seu lado, usando o vestido travesseiro, que ela admirou por ser mais confortável que o colete salva vidas, com aquele buraco horroroso no meio. Encarou o rosto do homem por um longo momento e, com um suspiro, chegou um pouco mais perto. Os narizes quase se encontravam e, se alguma forma, a respiração exalada dele em sua bochecha no ritmo calmo e a sua tranquilidade sonolenta a fizeram relaxar o suficiente para esquecer a agitação e dormir.

Gustavo pareceu perceber que algo estava diferente, pois ele acordou apenas alguns minutos depois de Morena finalmente ceder aos encantos do sono e apagar deliberadamente próximo dele. Abriu deus olhos para encarar as pálpebras fechadas da mulher e, por um momento, arregalou os olhos e sentiu seu coração acelerado, por não ter certeza do que tinha acontecido, daquela maneira lenta e desmemoriada que ele ficava pela manhã. Quando deu por si que não havia acontecido nada, franziu a testa para as lembranças e para Morena adormecida tão próxima dele e, só então percebeu que sua cabeça estava mais confortável do que parecia.

Sentou-se, encarando o novo travesseiro. Apertou-o levemente com as mãos, querendo testá-lo sem despertar Morena, e levantou as sobrancelhas, admirado que ela tivesse trabalhado nisso antes de dormir. Pensou que poderia ser ainda mais confortável se feito com folhas frescas, mas estava satisfeito no momento.

Satisfeito, porém com fome.

Olhou ao redor, procurando a camiseta com os peixes e encontrou um pedaço do tecido balançando ao vento, beirando o bote. Franziu a testa e foi para o lado de fora, encontrando sua camiseta molhada e secando ao sol. Morena parecia ter feito bastante coisa antes de dormir e Gustavo conhecia a sua insônia o suficiente para saber que não deveria nem pensar em acordá-la tão cedo. E também não ficaria zangado por ela ter comido o peixe todo, afinal ele não sabia quanto tempo tinha ficado acordada ou qual tinha sido o nível de ansiedade que ela alcançara antes de conseguir dormir.

Estava suspirando, pensando em já ir pescar alguma coisa para comerem antes que a fome batesse com força quando viu o pote, discreto, colocado carinhosamente ao lado da caixa cheia de água. Ele conseguia ver a atenção e o perfeccionismo de Morena em cada detalhe, mesmo à distância. Com um sorriso, ele se aproximou e abriu o pote, encontrando lá os dois peixes, o maior com alguns poucos pedaços faltando. Roubou mais alguns pedaços ele mesmo e se pegou admirando Morena dormindo. Ela tinha trabalhado bastante e cuidado dele enquanto ele dormia — Gustavo não poderia fazer diferente.

Decidiu, então, que poderiam economizar os peixes e as frutas que ainda tinham porque ele iria começar a construir algo decente para os dois. Algo confortável, fresco e com o máximo de proteção do sol que ele conseguisse — e não seria com aquele bote laranja que mais esquentava do que os protegia. Demoraria, sim, para que ele conseguisse fazer o que tinha em mente, mas quando acabasse, seria uma bela casinha de praia. E ele e Morena estariam confortáveis pelo tempo que fosse necessário ficar ali esperando serem resgatados.

Antes de ir, porém, sentou-se ao lado de Morena e ficou a admirá-la.

*

Ele começou beijando o seu pé.

Não, ela não tinha fetiches por pés, mas havia uma sensibilidade gostosa naquela parte do corpo que a arrepiava e a fazia sorrir. Também era sempre incrível quando homens lhe beijavam o pé, na cabeça dela, era sinônimo de respeito e adoração, como se estivessem abaixo dela e entendessem isso melhor do que ela lhes poderia explicar. E ter Gustavo beijando seus pés era formidável, em vista do passado calamitoso que tinham, cada qual lutando por mais e mais espaço nos projetos que trabalhavam.

E ele começou beijando o seu pé. Dedilhando com cuidado no entorno do seu machucado e chupando o seu dedão, ao que ela acabou soltando uma gargalhada nervosa, que também lhe provocou risos. Era como se uma aura de tranquilidade e paz lhes envolvessem, deixando aquele momento ainda mais intenso e mais delicioso.

Os beijos subiram pela canela, rodeando o tornozelo com a língua, arrepiando todos os pelos que Morena tinha. Ele cuidava de cada pedaço de pele dela com adoração e a encarava com uma expressão dolorosamente safada, que refletia diretamente no calor do lugar onde estavam. Estava insuportavelmente quente, mas, ao mesmo tempo, ela não queria que esfriasse. Ela desejava ardentemente que ficasse ainda mais quente e ela derretesse líquidos prazerosos junto com ele.

Nunca se sentira assim antes.

Foi a língua que subiu até o joelho dela e começou a deslizar pela parte interna da coxa, ligando uma máquina de lavar dentro dela, fazendo com que ela tremesse e centrifugasse de desejo, transbordando a ansiedade de prazer por sua intimidade já alagada de lubrificação pelas provocações demoradas.

Quis gritar: Anda logo, Gustavo! Mas as palavras ficavam presas na garganta e ela não sabia se ainda era capaz de proferir qualquer coisa naquelas condições. Perdera a habilidade de construir frases e sua boca só liberava gemidos contidos e comprovações da sua nova incapacidade.

Ele criou uma trilha de beijos em toda a pele da coxa interna dela, e Morena jogou a cabeça para trás, respirando fundo e fechando os olhos, sentindo ele subir e a cada segundo ficar mais perto de onde ela o queria preenchendo-a, mas ele se demorava, a demorava, adorava e beijava cada cantinho como se todos eles fossem dignos de sua total atenção, sem

nenhuma discriminação.

Mas sua cabeça era uma cantiga sem fim: sobe, sobe, sobre sobe!

E Gustavo subiu, sua barba roçando levemente pelo tecido da calcinha, fazendo Morena estremecer e se remexer totalmente incomodada. Levantou o rosto para olhá-lo em súplica e seus olhos azuis lhe devoraram por inteira, brilhando intensamente de desejo e adoração. E Morena só conseguia se sentir a urgência da necessidade que latejava em sua virilha, implorando pelo alívio que nunca vinha.

Ele continuou com a tortura debaixo de uma série de gemidos sôfregos e desesperados da mulher. Beijando e lambendo ao redor do seu umbigo, lhe causando arrepios. Fechou as mãos em punhos, tentando se conter, tentando não pirar e os dedinhos de seu pé também se retorceram enquanto Gustavo escorregava para o meio de suas pernas, subindo os beijos e as lambidas pelo seu abdômen.

Foi só quando ele alcançou um de seus seios e mordiscou o bico de leve que ela respirou, puxando um monte de ar em sofrimento. O gemido que escapou quando ele abocanhou o seio desnudo foi alto e descontrolado, Gustavo tinha uma boca grande que quase encaixava todo o seu seio de tamanho médio, mas sua boca, seus dentes, sua língua... Isso não era tudo. Agora Morena conseguia sentir sua ereção contra sua coxa, pulsando dentro do short, tão louco estava para que ambos possuíssem o outro.

— Gustavo... — A súplica saiu de seus lábios, um grito desesperado de desejo, pedindo por mais e mais.

Ela sentiu Gustavo se arrepiar contra sua pele e levou as mãos aos seus cabelos levemente cacheados, enquanto ele dava atenção ao segundo seio, lambendo e sugando sua circunferência, seu bico, fazendo a arfar e se contorcer. Ele levantou a cabeça para olhá-la e ela se desmanchou com o brilho cru de luxúria escorrendo por seus olhos claros e aquiescendo o fogo selvagem que devastava o interior dela a cada toque, a cada beijo.

Subiu os lábios pelo seu pescoço e ela se entregou completamente, esticando-o para que ele tivesse o máximo de acesso. Sua virilha também subiu, escorregando pela sua coxa, até estar a poucos centímetros de onde ela queria, quando sua rigidez encontraria a umidade da sua excitação e terminaria aquilo sem nenhuma dificuldade ou resistência. Morena estava mais que pronta para engolir Gustavo e desmaiar de prazer em seus braços; na verdade, estava quase gritando e implorando para que aquilo acontecesse logo.

Os lábios dele estavam em seu queixo, quase nos seus e ela gritou,

sentindo as virilhas se encontrarem, ainda cobertas cada uma com sua vestimenta. Gustavo mordeu seu queixo, deixando escapar um gemido tão desesperado quanto o dela, apertando sua virilha contra a sua, esfregando suas excitações, e Morena abraçou-o, as unhas arranhando sua pele e os olhos se enchendo de lágrimas de excesso, pedindo mais, cada vez mais.

Ele empurrou-se o máximo que podia, e Morena amaldiçoou a pessoa que inventou as roupas, porque era a única coisa entre eles no momento. Gustavo ergueu o corpo, encarando-a com seus olhos desejosos e Morena se desmanchou embaixo de si, as mãos dançando entre seus ombros, pescoço e cabelo.

— Me beija — não era bem isso que ela queria realmente, mas a frase escapou de seus lábios e ela suspirou, querendo sentir sua boca, seu beijo, enquanto não o sentia por inteiro dentro dela. — Me beija, Gustavo.

Ele sorriu, como se tudo que esperasse dela fosse aquela súplica, aquele pedido desesperado que também gritava em seu interior, elevando o desejo a um nível tão alto, jamais sentido por nenhum dos dois.

Gustavo começou a abaixar-se lentamente, os lábios indo em direção aos dela em câmera lenta. Morena não pôde esperar um segundo sequer e levantou o corpo para encontrar com o dele.

Foi tomando um monte de ar que Morena despertou, quase sentada embaixo da barraca, enquanto procurava os lábios de Gustavo em seu sonho.

Com horror, ela reparou que tinha sido isso mesmo: um sonho. Tivera um sonho erótico com Gustavo, o irritante, e sua calcinha estava sambando de tão molhada que estava. A virilha estava gritando desesperadamente por alívio, latejando e esperneando, e ela esfregou uma perna na outra, procurando alívio.

Não viu Gustavo por lado nenhum na praia, então ela voltou a se deitar e uma de suas mãos adentrou a roupa e seus dedos procuraram o ponto de prazer e aliviaram a tensão acumulada por dias. E ela não teve vergonha nenhuma em pensar em Gustavo enquanto o fazia.

Precisava confessar que não era a primeira vez.

Assim que o orgasmo lhe acometeu, causado por suas mãos hábeis e conhecedoras do seu próprio prazer, Morena quase adormeceu novamente, o cansaço e a realização fazendo suas pálpebras se demorarem mais tempo fechadas a cada piscada de olhos, mas a ausência de Gustavo por tanto tempo estava lhe chamando a atenção, então voltou a prestar atenção na praia, procurando pelo homem.

Não estava em nenhuma das pedras nas pontas ou na areia. Não estava no mar, se estivesse mergulhando, jamais conseguiria passar tanto tempo debaixo da água assim...

Havia uma trilha arrastada na areia, saindo da mata e seguindo até onde uma série de troncos, alguns grandes, outros pequenos, estavam sendo colocados. Ela arregalou os olhos para o caminho que eles fizeram até a areia e percebeu que Gustavo estava trabalhando, enquanto ela dormia, em algum projeto mental de um abrigo para eles, muito maior do que haviam discutido anteriormente. E isso sem nem pensar em comunicá-la.

Queria ficar zangada, mas sua calcinha ainda estava molhada por causa de seus beijos em seu sonho, então ela só respirou fundo. Agora que estava acordada e Gustavo estava na floresta, ela não podia evitar o inevitável: teria que enfrentar seu medo de voltar ali e ajudá-lo com as coisas que precisariam, mas antes, ela precisava se lavar novamente. Estava claramente fedendo a gozo e Gustavo iria perceber aquilo em três segundos.

Sacudiu a cabeça, afastando os pensamentos, quando imaginou os lábios dele sugando o seu gosto de suas mãos. As imagens do seu sonho tinham sido tão vívidas e continuavam afetando o seu bom senso, até mesmo em novas criações, e ela não sabia por quanto tempo aguentaria em silêncio.

Morena levantou-se e foi até o mar, se lavando e tirando os vestígios de seu prazer dela e de suas roupas, rezando para que o cheiro de mar sufocasse o cheiro forte e característico do sexo. Quando se deu por satisfeita, saiu da água do mar e, mancando ainda de forma leve, encarou a floresta como seu novo desafio pessoal.

Parou-se na margem, torcendo que pudesse ver Gustavo dali: mas não teria essa sorte. Então tomou um longo suspiro cansado e adentrou a mata com toda a coragem que poderia ter.



— Bom dia, chefe! — Cumprimentaram-na, ao que ela concordou com a cabeça. — Precisa de alguma coisa?

Estava admirada que logo tivesse virado chefe para os funcionários do navio. Ela tinha tomado gosto pelo trabalho, não pelos passageiros, mas pela equipe de apoio. Era uma coisa nova para ela, acostumada com viagens com jovens e adolescentes, sem nenhum tipo de companhia, trabalhar diretamente com gente que respondia às suas ordens. E ela tinha gostado.

E eles tinham gostado dela. Gostavam porque ela se misturava, parava ao lado deles, conversava de igual para igual e pedia que eles lhes ensinassem sua função. Não fazia nada demais do que tratar gente como gente e, por isso, eles lhes adoravam. Era claramente, em poucos dias que ela realmente assumira suas responsabilidades, preterida acima de Felipe por quase todos da equipe do navio e ela sabia que isso o estava deixando louco de revolta e inveja.

Mas tinha algo que estava lhe tirando a concentração e a calma, não que ela fosse externar aquilo para Felipe porque ele com certeza iria acabar em um de seus discursos chatos de como se portar no ambiente de trabalho e não ficar pensando em romances baratos de verão com seus clientes.

Maria Eduarda não conseguia encontrar Gustavo em nenhum lugar.

Não era como se o navio fosse um mundo e Gustavo tivesse como se esconder e também não era como se ele quisesse se esconder, parecia bastante insistente em querer passar a noite da festa com ela, na última vez que ela o vira. O navio tinha um número limitado de espaço e passageiros e, no dia anterior, ela trabalhara o dia inteiro no restaurante, na esperança que pudesse pegá-lo em alguma das refeições, mas Gustavo não aparecera.

A única explicação lógica para que ele tivesse sumido sem precisar de comida era que estava doente e na enfermaria. Por isso, na primeira hora livre, Madu marchou para lá.

— Bom dia! — cumprimentou a enfermeira responsável. — Você tem alguém sob seus cuidados por aqui?

A enfermeira-chefe parou o que estava fazendo (lendo o que parecia uma ficha, mas Morena apostava que era só mais um romance erótico) e levantou-se para lhe passar um relatório.

— Tem dois espertinhos com insolação — ela disse, ainda se aproximando de Maria Eduarda. Parou a frente dela, dando um longo suspiro. — Pedi para o senhor Felipe tentar fazer uma campanha para os passageiros

usarem protetor e beberem muita água, principalmente o pessoal do sul que não está acostumado com o calor do sudeste e do nordeste. Esse casal que tem insolação são do Rio Grande do Sul e é realmente um problema — Madu sabia que Gustavo era mineiro pelo seu sotaque agradável, então era uma opção a menos.

— Eu sou do sul — Madu confessou. Não que seu sotaque não lhe entregasse primeiro.

— Sim, você tem uma beleza bem típica do sul mesmo — ela riu. — Mas está se cuidando direitinho, não é? Se for possível dar uma agilizada nessa campanha...

Agilizada? Ela tinha certeza que Felipe pouco tinha se importado com seu pedido e não tinha começado campanha alguma. Ele não tinha o costume de se pausar por causa de amenidades como um pouco de gente branca passando mal porque tinha sido estúpida tomando sol de mais.

— Claro! — Disse, garantindo a ela que cuidaria do problema. — Vou fazer uns folhetos. Só tem esse casal aqui?

— Não, não. Tem um moço que parece que comeu alguma coisa que não lhe caiu bem. Estamos testando, mas parece intolerância a alguma coisa. E tem um outro que está com uns sintomas suspeitos, que achamos que é o zika vírus.

— Ahn... Algum Gustavo? — Perguntou.

Queria dizer que não estava esperançosa em ouvir um sim, afinal, se ela dissesse que Gustavo estava ali, obviamente que ele estaria passando mal e Maria Eduarda não desejava isso para ele. Aliás, ela não desejava isso para ninguém, só que não desejava mais para Gustavo. Embora tivesse esperanças de encontrá-lo ali.

Sim, seus pensamentos estavam confusos.

— Gustavo? — Perguntou. — Gustavo não. Temos um Geraldo.

Não sabia se ficava ainda mais desesperada ou aliviada por ele não estar passando mal. Murmurou um agradecimento para a mulher e estava quase indo embora, quando teve mais uma ideia.

Era um plano um pouco desesperado, ela sabia. Se ele estivesse fugindo de Madu, seria uma vergonha só, mas agora ela precisava saber se ele não estava morto dentro de sua cabine ou qualquer coisa assim. Não era possível... Três dias sem aparecer em nenhum lugar no navio? Ninguém sabia dele.

— Você tem aquela lista de relação dos passageiros e os quartos? —

Inquiriu.

Maria Eduarda tinha uma, mas além de rasgada, não fazia ideia de onde havia colocado e não iria pedir a de Felipe porque ele certamente iria falar em seu ouvido por conta da irresponsabilidade, falta de capacidade de guardar as coisas nos lugares certos e mais uma série de reclamações super chatas que ela com certeza não estava a fim de ouvir.

— Claro! — Ela andou até uma cômoda e tirou um bloco de folhas de lá, entregando-o para Maria Eduarda — Pode ficar com esse, eu tenho outros.

Madu murmurou um agradecimento e saiu da enfermaria já passando o dedo pela lista para encontrar Gustavo. Achou sem muitas dificuldades, ele estava no quarto 43. Arregalou levemente os olhos, ele deveria ser importante para estar naquele andar. Era o andar mais vazio do navio, com só uns dez quartos ocupados, incluindo o de Maria Eduarda e o de Felipe.

Conhecia o caminho muito bem, então marchou para lá sem nenhuma dificuldade e, em menos de dez minutos, estava parada em frente da porta de número 43, onde bateu, sem resposta.

— Serviço de quarto! — Gritou, batendo mais uma vez.

Nada.

Tinha algo errado, ela podia sentir. Não sabia o que era, mas ninguém negava serviço de quarto na sua porta.

Tirou de seu bolso a chave mestra. Não queria usá-la, mas já estava ficando seriamente preocupada com o que estava acontecendo com o homem. E ele estivesse morto em sua cabine?

Passou o cartão na porta do quarto e ela se abriu instantaneamente. E o quarto estava completamente vazio.

Capítulo 9

Medo. Pavor. Pânico.

Maria Eduarda estava andando de um lado para o outro dentro do quarto de Gustavo, sem saber exatamente como reagir. Ele não estava em nenhuma parte do navio e ela dizia isso com propriedade porque procurara-o em todo o lugar, na esperança de poderem continuar aquele amasso delicioso da sala de dança. Seu sensor de que tinha algo de errado acontecendo já havia se ativado, Gustavo e ela se esbarraram pelo barco várias vezes antes e, quando não se encontravam, era mais por causa dela, visto que ele estava sempre andando por ali, procurando o que fazer. Sua última esperança era encontrá-lo dormindo por toda a vida dentro do quarto, embora não acreditasse que fosse verdade. Agora, ela não sabia exatamente o que fazer.

Ainda existia uma pequena e ínfima possibilidade dele ter encontrado outra mulher, mas de qualquer forma ela duvidava que fosse passar o dia inteiro sem procurar o que comer, até porque sexo dava fome. Ela sempre parecia capaz de comer cinco leões de uma vez só quando transava. Eram muitas energias gastas.

O que havia acontecido?

Lembrou-se de Felipe.

“*Sem bebidas*” ele disse. Mas ela insistiu, era uma festa com todos maiores de idade, adultos, precisava ter álcool. Não fazia sentido não ter. “*Ok. Mas todo mundo fica dentro do restaurante. Bebidas e navios dificilmente dá certo, não quero ninguém se perdendo no mar*”, mas Maria Eduarda insistiu. A área externa do navio era estupenda à noite, dava para ver tantas estrelas... Por que confinar todo mundo em um espaço fechado quando as pessoas podiam dançar na luz do luar? “*Você é impossível. Tudo bem. Mas vamos distribuir coletes*”. Ela não concordou com os coletes, mas ele tinha cedido tantas vezes que preferiu deixar para lá. E distribuiu os coletes na festa.

Enquanto ela estava distribuindo os coletes, era para que Felipe começasse a vistoriar quem tinha bebido demais e vigiar se algum possível acidente estava para acontecer, mas ele acabou desaparecido a noite toda e Madu nem ligou, porque Carolina também tinha sumido e ela esperava mesmo que aqueles dois se acertassem. Também tinha achado que Felipe exagerava sempre e que nada de ruim iria acontecer, mas... Parecia que tinha.

Em pânico, resolveu conferir algumas coisas.

Felipe não deveria saber, e Maria Eduarda esqueceu de mencionar, mas

o navio tinha câmeras em todos os lugares. Eram câmeras discretas, juntamente para a proteção dos passageiros, porque já acontecera antes de gente cair no mar e demorou-se demais para descobrir que eles desapareceram — apenas quando a viagem acabou e eles nunca retornaram para casa. As pessoas foram encontradas, mas seus pais pagaram uma fortuna de indenização e, se tivesse acontecido outra vez, não importava se Gustavo estivesse vivo ou não, ele levaria boa parte dos lucros da empresa com aquele acidente. Três dias e ninguém tinha notado sua falta. Não era tanto tempo, mas era o suficiente para estarem a quilômetros de distância de onde deveriam encontrá-lo — isso se estivesse vivo.

Urg. Odiava pensar assim.

Saiu do quarto do homem, trancando-o e marchando para a sala de controle das câmeras, que ficava em um dos andares mais baixos do navio. Tomou o elevador porque seria mais rápido e ela sentia a adrenalina do medo correndo em suas veias quanto mais o tempo passava e mais ela aceitava que a ideia dele ter se perdido no mar era a única explicação lógica. Mas, não importava o que tinha acontecido, se Gustavo estava no barco, ela o encontraria. Se não estivesse no barco, ela também descobriria. As câmeras lhe diriam tudo o que ela precisava. Só achava que não era o adequado para se encontrar com o homem antes — não iria ficar vigiando por câmeras para saber onde ele estava, mas como ela achava que algum acidente tinha acontecido, agora tinha essa propriedade.

A chave mestra também servia para a porta da sala de controle das câmeras e ela era muito grata por isso, porque não faria ideia do que faria se não abrisse.

Entrou, arregalando os olhos. Tinha um monte de câmera, um computador e nenhum funcionário. Será que ninguém tinha pensado que talvez precisassem de um vigia ali? Seria realmente interessante.

Maria Eduarda não sabia que controles usar, mas sentou no computador e descobriu que todas as câmeras do lugar estavam em uma pasta só, com um registro diário. As pastas eram separadas a cada quatro horas e, quando ela abria, tinha uma lista de todas as câmeras do navio. Respirou aliviada. Não sabia quem tinha feito aquele sistema automático maravilhoso, mas certamente merecia um aumento.

Procurou de meia-noite as quatro, na madrugada da festa. Tinha visto Gustavo na área externa, bebendo sozinho em uma mesa, por volta de meia noite e meia. Achou-o na câmera 7 sem muita dificuldade. Viu-o conversando com sua parceira Morena e ela lhe deu seu próprio colete antes de deixá-lo sozinho. Ele continuou bebendo por mais alguns momentos e então se

levantou, saindo da visão daquela câmera por volta das duas e quarenta da manhã. Procurou-o por todos os lados, até encontrá-lo na câmera 16, bebendo com um grupo de homens. Estava rolando uma sacanagem esquisita, mas eles pareciam estar se divertindo. Maria Eduarda avançou a fita e viu a mesma mulher, a parceira dele, passar pelo grupo e descer por um lugar que ela não deveria. Passou-se poucos momentos até que Gustavo a seguiu.

Sentiu o coração disparar, mudando para a câmera 25, que mostrou Morena dançando até levar um tombo para fora do barco. Arregalou os olhos e logo em seguida, Gustavo tomou o mesmo caminho que a mulher, para além das grades do barco.

Com o coração acelerado, avançou a o vídeo, esperando que os dois subissem pela escada que ela sabia que tinha ali, mas deu quatro da manhã e nada. Procurou a câmera 25 das gravações de quatro à oito da manhã... Nada.

Ah, não.

Ela sabia que ali, bem onde eles tinham caído, tinha um bote velho. Estavam fazendo um teste de resistência e aquele bote estava ali amarrado há uns bons dois anos, vendo até quando ele resistia, batendo nas ondas e se desgastando. Era uma parceria que a empresa tinha com a fabricante, provando a cada viagem que ele permanecia firme e forte.

Pegou o telefone que tinha ali na cabine e discou o número da sala de controle.

“Alô?”

Ela não reconheceu a voz, mas deveria ser o segundo no comando. Respirou fundo e elaborou uma pequena mentira.

— Oi! É a Madu. Escuta, por curiosidade... O velho bote ainda está com a gente ou morreu? Vocês fecharam a área dele e eu ainda não fui ver se ele está por lá — soltou uma risadinha nervosa como se aquela fosse uma piada de infância.

“Ih, não, querida. Ele sumiu por uma noite dessas. Acho que a corda soltou, porque ele continuava firme e forte. Fazer o quê, né?”

Maria Eduarda não respondeu. O telefone escorregou de suas mãos e ela ficou encarando o nada, o pânico engolindo-a por inteiro.

Que merda.

O que ela faria agora?



Gustavo não podia acreditar na sorte que ele tinha.

Entrou na mata para pegar madeiras e cipós (ou qualquer coisa parecida) para tentar construir paredes e tetos para o sua nova casa. Começou adentrando a mata com cuidado, mas percebeu que não havia como se perder, estava em uma ilha. Se acabasse em outra praia, era só ir tentando até encontrar o lugar novamente. Era uma ilha grande, mas não o suficiente para que ele se perdesse por completo. Começou a juntar o que iria precisar em um ponto da mata, em um lugar que ele conseguia ver o mar através das árvores e não iria se perder. Era fácil, arrastava a madeira até ali e ia pegar mais. Logo, o caminho estava gravado em sua mente.

Então, embranchando-se na mata, ele começou a ouvir barulho de água. Não o costumeiro barulho forte e estrondoso das ondas recolhendo-se e quebrando-se contra as pedras e bancos de areia, mas um contínuo escoar que ele sabia ser de riachos e cachoeiras. Não podia acreditar na sua sorte. Eles tinham água doce! Para tomar banho e tirar todo o sal que acumulava em seus corpos, deixando-os meio grudentos, e para beber água! Não era nem tão longe assim do acampamento para que eles tivessem que se preocupar em armazenar, embora Gustavo acreditasse que era melhor continuar bebendo a água da chuva mesmo. Deveria ser menos contaminada e com menos riscos de dar algum tipo de doença a eles.

Mas mesmo assim! Água infinita!

Queria arrumar um jeito de conseguir levar água para Morena e mostrá-la o que havia achado, mas não tinha levado nenhum recipiente além da garrafinha. Encarou-a, já não estava completamente cheia, e resolveu que poderia tomar tudo em um gole só. Estava distraído tomando água quando o barulho do riacho ficou menos chamativo ao ouvir um resfolegar de folhas. Um animal de pequeno porte não faria aquele barulho, apenas um animal grande... Ou uma pessoa.

Lembrou-se de Morena falando do que havia escutado sozinha na mata e sentiu-se nervoso. Continuou tomando água, mas bem mais atento, agora, olhando de rabo de olho para os lados, na esperança de identificar qualquer coisa que se aproximasse, na esperança de ter tempo para se defender, se fosse o caso.

— Você achou água!

A voz era conhecida, mas o susto provocado no momento de tensão fez com que ele soltasse um grito não programado e caísse no riacho à sua frente,

também derrubando a garrafa e o resto da água que ainda continha nela. O riacho era raso e Gustavo se virou sobre às pedras e a areia para encarar Morena em pé na margem, com as mãos na boca e uma expressão que beirava o riso no rosto. Certamente, ela não esperava essa reação exagerada dele e estava segurando o riso para tentar não ofendê-lo.

— É, eu achei água — Gustavo respondeu.

Seu orgulho estava ferido gravemente, mas agora já estava molhado e preferiu continuar no riacho, curtindo a corrente de água tranquila passando por cima da sua virilha. Ele olhou para Morena, acima dele, e pensou que nunca iria se acostumar com a visão dela com tão pouca roupa; estava vendo-a de biquíni e short há dias e continuava achando que ela era a aparição da sua vida. Tão pouco pano tampando sua nudez, apenas alguns poucos passos para eles estarem rolando naquele riacho aos beijos... Sacudiu sua cabeça, vendo que ela estava falando com ele.

— O que você está esperando? — Pegou o que ela dizia pela metade e não entendeu. Sua expressão de confusão foi imensa e Morena percebeu que ele não estava prestando atenção em nada. — Pode ter sanguessugas aí. Levanta logo. A gente tem que prestar atenção na água antes de usar, eu acho. Se você pegar esses bichos, eu não vou ficar tirando não, cruze.

Gustavo não sabia se continuava ignorando-a e admirando sua beleza, se ria dos tremeliques de nojo que ela dava ao pensar nas sanguessugas ou se se preocupava com seu discurso e se levantava do riacho. Resolveu fazer a última coisa porque era a única que lhe daria problemas caso ele não a escolhesse.

— Não acho que tenha bichos aqui — Gustavo murmurou, chateado por não ter pensado nisso antes. Tinha achado toda uma fonte de água, ela precisava ser potável ou servir, pelo menos, para tomar banho.

— Bom, eu acho que tem — Morena pontuou, sempre tendo uma opinião para tudo que existia na face da terra. — Vim ver se você precisava de ajuda. Tem um monte de tronco espalhado por tudo que é lugar. Cê não tá cortando isso não, né?

— Com a faquinha do canivete? Claro que tô — debochou. Era sempre assim que as brigas começavam, um falava algo sem pensar, o outro ironizava, o primeiro se ofendia e todo mundo se ofendia.

— Ai, deixa de ser babaca, Gustavo — Morena já estava dando a volta, planejando deixá-lo sozinho. — Eu só queria saber de onde você tirou tanto tronco caído assim, mas já que a princesa acordou de mau humor, eu vou voltar pra praia.

Ela começou a marchar em direção à praia e Gustavo revirou os olhos, sentindo que não queria que ela fosse. Ele sabia que uma companhia era muito importante para não perder a sanidade em lugares como aquele e apesar de Morena ser irritante e sempre tirá-lo do sério, preferia que não ficassem brigando o tempo todo. E o acordo dos dois?

— Tá, tá bom, desculpa! — Gustavo gritou, seguindo-a, só para ver que ela estava indo para o lugar errado, mas Morena não parou ou pareceu ouvir suas palavras. — Morena, peraí. É sério, foi mal. Morena? Esse é o lugar errado. Morena!

Ela estava subindo o riacho, quando o caminho para praia era quase descendo o mesmo — Gustavo suspeitava que ele desaguava na praia ao lado da que eles montaram acampamento e aquela era realmente uma forma formidável de jamais se perder. Ele a seguiu, tentando desviar dos galhos das árvores que ficavam cada vez mais próximas naquela região e quase tomou nela quando ela parou abruptamente, perto de uma clareira.

Gustavo logo percebeu que de natural, a clareira não tinha nada.

Morena teria dado um passo para trás se Gustavo não estivesse logo ali, então ela só levou uma mão ao pulso dele e apertou-o, alerta e com medo do que estava à sua frente.

Pedaços de avião por todos os lugares, pelo estado do mesmo, ninguém tinha sobrevivido. Era um avião pequeno e parecia estar ali há algum tempo, pelo menos uns dez meses, e estava completamente despedaçado. Gustavo percebeu que Morena tremia de pavor e ele sabia o motivo, o barulho que ela escutara e achara que era uma pessoa, tinha uma possibilidade de ser. Mas ele continuava achando improvável. Apesar de não ter corpos ali, o avião estava aos pedaços e ainda parecia ter queimado por um tempo. Ninguém teria sobrevivido aquilo.

Ele achou que era um ótimo momento para abraçar a mulher negra que tremia, apavorada. Só conseguiu ganhar um tapa estalado no braço.

— O que você está fazendo? Sai! — Ela empurrou e Gustavo só fez rir.

— Estava tentando te acalmar, bocó. Fica imaginando coisas e depois fica por aí se tremendo. Mas pode deixar que eu não tento mais, tá?

— Imaginando coisas? — Morena quase gritou. — Olha isso! Um avião! Podia ser uma pessoa mesmo!

— Ninguém sobreviveu à essa queda, Morena, olha isso você! — Gustavo apontou para a poltrona do avião, carbonizada quase por completo.

— Nenhuma parte desse negócio está inteira além da roda! E o que está parcialmente inteiro, está queimado. Esse negócio explodiu. Capaz da gente encontrar pedaços de gente por aí, isso se os animais já não comeram.

— Ai que nojo!

Gustavo olhou ao redor da clareira. Vários troncos de árvores estavam caídos e quebrados por causa do acidente, muita maneira utilizável e, inclusive, haviam árvores que estavam fáceis de derrubar pelo estado que a queda as havia deixado.

— Mas você sabe que é verdade! Olha isso — Gustavo apontou para o redor. — Muita coisa pra gente usar! E podemos tentar aproveitar esse metal também. Você me ajuda?

Morena riu da animação de Gustavo ao encontrar todo aquele material, mas ainda estava nervosa e achando tudo suspeito. Ela não tinha imaginado coisas, não tinha. Mas admitia que poderia ter sido um macaco grande ou qualquer outro animal, embora achasse que tinha sido uma pessoa. Havia uma possibilidade, não havia? Mesmo com tudo queimado? Morena achava que sim, mas não quis dar o braço a torcer para Gustavo.

— Na verdade, eu tive uma ideia. Vou dar uma passadinha naquela pilha que você fez mais pra baixo da mata. Você consegue carregar tudo até lá sozinho?

Gustavo franziu a testa para a mulher, mas conhecia aquele tom de voz e conhecia aquele ar de eficiência. Não sabia o que estava aprontando, mas confiava inteiramente que era algo bom, então apenas se dignou a concordar com a cabeça e viu-a se afastando antes de começar a juntar tudo o que queria em uma nova pilha para facilitar carregar até o ponto de encontro marcado pelos dois.



Demorou um dia inteiro até que Maria Eduarda parasse de tremer e tomasse coragem o suficiente para contar para Felipe o que estava acontecendo. Ela se trancou no quarto por toda a tarde do dia da descoberta e avisou-o por mensagem que estava com cólicas menstruais fortíssimas e ficaria de cama. Homens nunca questionavam aquilo e ele não o fez mesmo. Apenas mandou uma carinha sorridente de noite, perguntando se ela estava melhor e se precisava de alguma coisa. Precisava de comida e um calmante, mas preferiu não dizer nada para ele e continuou comendo todos os biscoitos que estocara em seu quarto.

Mal dormiu à noite, pensando em onde estariam os dois passageiros perdidos e, pela manhã, achou que era melhor dividir o problema com Felipe, que era sensato e provavelmente saberia como reagir em uma situação assim sem ser se trancar no quarto e chorar de medo.

Então, pela manhã, ela mandou uma mensagem para Felipe, pedindo que ele fosse ao quarto dela porque ela queria falar com ele. Ele mandou um ok seco e ela quase sorriu, imaginando que ele estivesse pensando que estaria encrencado — uma mulher com cólicas, provavelmente com TPM, convidando ele para conversar? Era como caminhar para a execução.

Ela abriu a porta para ele cerca de meia hora depois. Ela estava toda acabada, com um vestido amassado e os cabelos bagunçados; Felipe estava lindo, com uma blusa vermelha, os dreads amarrados em um coque e uma calça jeans escura. Ela tentou, com todas as forças, não babar muito.

— Está melhor? — Perguntou, entrando no quarto.

Deu sua olhada característica de desgosto para a bagunça que ela tinha conseguido fazer no quarto, mas nada disse. Provavelmente com medo de ser comido pelo monstro da TPM.

— Não — confessou. — Tenho que te contar uma coisa... — Ela tomou ar, pensando que deveria encontrar coragem ali. — É melhor a gente sentar — enrolou.

Indicou a mesa que tinha no quarto e os dois se encaminharam para lá, sentando-se um de frente para o outro. Madu estava tentando parecer o mais tranquila possível, sem muito sucesso, e Felipe estava estranhando o comportamento da garota, sem entender o que ela queria com ele ali.

Não iria dizer que estava apaixonada por ele, iria?

— Então? — Perguntou.

Maria Eduarda desviou o olhar da beleza surreal de Felipe e encarou a pequena janela em seu quarto, pensando na melhor maneira de contar aquela bosta fenomenal para ele.

— Hm... — Pensou. — Lembra do Gustavo? Aquele rapaz...

Ah, não! Pensou Felipe. Não, ele não iria aturar conversas sobre homem e conselhos amorosos. Preferia se jogar do navio e morrer afogado. *Não. Por favor, não!*

— O que é que tem ele? Te deu o fora? Veste uma roupa direita e vamos trabalhar, pelo amor de Deus — ele implorou, porque era assim que resolvia seus próprios problemas.

— Não, não é isso. Olha. Paciência, tá? — Ela encarou o chão e Felipe revirou os olhos. Cruzou os magníficos braços musculosos na frente do peito e encostou-se na cadeira. — Eu não estava conseguindo achar ele, tem uns dias que eu não o vejo, então. Eu fui no quarto dele e usei a chave mestra.

— Você o quê? — Felipe quase se levantou da cadeira com o horror que a frase dela havia causado nele. — Você é louca? Isso é invasão, é quebra de privacidade, é tantas coisas que eu nem sei quais. Ética, Maria Eduarda, ética.

— Cala a boca! Ele também não estava lá!

— Que bom que não estava, não é? Ou a gente ia ganhar um processo.

— E a gente ainda pode ganhar, mas você não **cala a merda da boca e não me deixa falar!** Que inferno! — Ela gritou, quase puxando os cabelos pelas raízes. Felipe arregalou os olhos e se calou. — Vai ficar quieto agora? Ótimo — ela tinha certeza que Felipe tinha mais pelo menos umas seis coisas para dizer, mas segurou-se. — Eu fiquei preocupada e fui na sala das câmeras.

— Câmeras? — Perguntou. — Nós temos câmeras e eu não sabia?

— Sim, no barco todo — ela confirmou. — Um monte delas. Eu fui lá e fui ver as filmagens da última vez que eu vi o Gustavo... Na festa. E ele e uma outra mulher caíram pela margem do navio.

Felipe ficou calado por um longo tempo, o rosto exibindo todo o choque que as palavras de Maria Eduarda podiam causar nele. Chegou a ficar mais pálido diante de Maria Eduarda.

— **Ele o quê?** — Gritou.

— Ele e a parceira dele. Morena Luz. Os dois estão no nosso andar. Eu não sei como podia ser pior — ela estava quase chorando de medo. — E sumiu um bote. Eu liguei pra sala do capitão. Sumiu o bote de teste, ele tem

uns dois anos que estava amarrado no navio e ele sumiu e sumiram os dois.

Felipe estava com o queixo caído e não sabia se teria reação. Madu achava que ele estava tendo um colapso nervoso, mas Felipe estava pensando em todos os problemas que aquilo poderia lhe causar: sua nova empresa explodiria pelos ares, os remédios que precisava comprar para a sua mãe não poderiam ser comprados pelo dinheiro de indenização que ele teria que parar para eles ou para suas famílias, caso tivessem morrido, todos os processos, toda aquela gente completamente desempregada e adeus seus projetos sociais. Sua vida estava acabada.

Maria Eduarda, por outro lado, estava com medo por Gustavo e Morena, já que dinheiro não era exatamente um problema para ela. E também estava preocupada como quanto aquilo iria afetar seus irmãos e a empresa consolidada que eles tinham no mercado. Ia ser um baque, ia cair o valor e a segurança da empresa, demoraria muito tempo para que se recuperassem: mas iriam.

— Não vamos falar com ninguém — Felipe decidiu. — Você vai me levar nessa sala aí, eu vou ver essas imagens e nós não vamos falar com ninguém. Não vamos chamar autoridades, não vamos relatar para ninguém em terra ou dentro desse navio. Eu vou ligar para um parente meu que mora no Rio e pedir pra ele vasculhar a nossa rota e ver onde eles podem ter parado. E você arrume suas malas porque eu vou te deixar no Rio de Janeiro com ele.



Quando Gustavo alcançou o ponto de encontro, ele mal pôde acreditar no que Morena estivera aprontando. Como ele não tinha pensado nisso antes?

A mulher fez uma espécie de jangada. Cortou cipós ao meio de ponta a ponta e amarrou algumas madeiras umas nas outras em três partes: nas duas pontas e no centro, entrelaçando-as firmemente com suas mãos hábeis, criando uma pequena jangada que certamente poderia servir como parede para seu futuro abrigo. Ou ao menos de molde. Na frente, Morena trançou e firmou um cipó mais grosso nas pontas da jangada para servir de puxador. Ainda tinha colocado todas as madeiras que ali estavam em cima da jangada e estava tentando arrastá-la, sem muito sucesso.

— Eu te ajudo — Gustavo correu para socorrê-la. Passou o cipó por cima da cabeça e manteve-o a frente do corpo, empurrando-o, enquanto Morena tentava puxá-lo de costas. — Acho que assim é mais fácil, vamos tentar?

— Tudo bem — concordou porque suas mãos estavam doendo de trançar e puxar a jangada. — Acho que vou amarrar mais cipós pra puxar. Sinto que o peso vai acabar arrebitando tudo, mas se eu colocar mais uns dois ou três...

— Dá pra dividir o peso melhor. A gente pode até puxar por cipós diferentes, se achar melhor — Gustavo concordou.

— A gente descarrega na praia e eu faço isso antes de voltar para pegar o resto — Morena estava com a mente a mil, cheia de ideias, e Gustavo estava ansioso para começar a construção, mas sabia que era melhor juntar o máximo de material possível primeiro. Ao menos o que eles já tinham recolhido.

Com Gustavo puxando a maior parte do peso, acostumado com exercícios físicos e com aquele tipo de trabalho (finalmente encontrou alguma utilidade para as horas de academia), eles logo chegaram na praia. Carregaram, em cinco minutos, uma quantidade de madeira que demoraria horas para recolher e se encararam, orgulhosos do feito, enquanto empilhavam-nas junto das outras. Chegaram até trocar um high-five animado.

— Vou reforçar o puxador — Morena anunciou, sentando-se sobre a jangada e massageando o pé machucado. Ainda estava bastante dolorido, mas o mundo não iria parar para ela.

— Eu vou esquentar os peixes pra gente comer — Gustavo avisou, virando-se de costas e indo até o pote que ela havia traçado e a fogueira que

ainda queimava.

Ela perdeu um momento inspecionando o machucado com cuidado, mas parecia tudo bem com ele, embora o esforço tivesse feito-o sangrar mais um pouco, então começou fazer a melhora na jangada. Tinha conseguido fazer a segunda alça quando Gustavo se aproximou, oferecendo metade do peixe do dia anterior, um pouco tostado do fogo.

— Queimei um pouquinho — ele murmurou, levemente incomodado.

— Não se pode ganhar todas — Morena riu.

Sentaram-se os dois para comer na jangada, compartilhando o silêncio de quem sabia que o futuro que eles tinham pela frente era duro e assustador, com muito trabalho pesado se queriam sobreviver. Imaginavam que, assim que se acostumassem em pegar comida e o abrigo estivesse pronto, talvez pudessem relaxar um pouco. Até lá... Não seria possível.

— Ah, olha... — Morena exclamou após alguns minutos de silêncio incômodo, enquanto a mente dos dois estava a mil. Ela estava incomodada com o silêncio, principalmente depois do sonho que tivera. Era como se Gustavo pudesse ler seus pensamentos sujos e entendesse que ela estivera pensando nele naquela forma. — Uma sanguessuga.

— **Onde?** — Gritou.

Gustavo se levantou rapidamente, procurando em seu corpo algum sinal do bicho. Não estava sentindo nada, mas com certeza era perigoso que aquele negócio estivesse nele há tanto tempo, como Morena dizia aquilo calmamente? Já estava entrando em pânico e fazendo um círculo ao redor de si mesmo para tentar desvendar onde se encontrava a tal da sanguessuga quando ouviu a risada escandalosa da mulher e percebeu que ela só estava brincando com ele.

— Oras, mas que...! — Ele não terminou a sentença, abaixou-se e pegou um montante de areia com as mãos, jogando nela. Morena riu mais escandalosamente ainda e chutou mais um bocado de areia em direção a Gustavo, que levou um susto ao tentar se afastar do ataque dela e acabou caído sentado no chão.

Riram por causa da brincadeira infantil um do outro. Por algum motivo desconhecido, não foi razão para brigarem, se divertiram com a situação e acabaram apenas rindo.

— Você é impossível — Gustavo riu, balançando a cabeça e voltando a se sentar ao lado dela na jangada, onde abandonara seu peixe sobre a madeira.

— Você tinha que ter visto a sua cara de horror — Morena ainda ria. Já

tinha acabado de comer, embora ainda tivesse com um pouco de fome. Teria se acostumar a comer pouco, sem a vasta escolha que tinham antes. — Ficou branco que nem papel e começou a correr em círculos igual um cachorro correndo atrás do próprio rabo.

— Isso foi malvado — ele disse, com a boca cheia de comida. — Eu gostei.

Morena só riu ainda mais e deu um soquinho fraco no braço de Gustavo.

— Mastiga de boca fechada!

Ela só conseguiu fazê-lo rir mais abertamente e desperdiçar um pedaço de peixe. Ficou zangada e se afastou alguns passos dele enquanto ele ainda ria.

— Ah, não, Morena! — Ele não conseguia parar de rir, mas já tinha engolido o último pedaço do peixe e estava sem mais nada na boca. Puxou-a de volta para o lado dele e jogou a cabeça por cima das coxas dela, se deitando. A memória do sonho dela de manhã foi o que a fez arregalar os olhos ao invés de expulsá-lo. — Desculpa — estendeu as vogais, tentando provocar alguma condolência nela e não reparou que ela não estava ligando. — Ei. Sabe o que eu tava pensando?

— Se eu soubesse, você não precisaria me dizer — retrucou.

Morena estava sendo grossa desnecessariamente porque ela odiava o efeito que Gustavo estava passando a ter em seu corpo. Era só algumas risadas e deitar-se sobre suas coxas e ela já estava pensando em beijos e carícias. Com um suspiro inconformado, levou as mãos aos cabelos dele e começou a acariciá-los. Ele estranhou, mas não iria reclamar de forma alguma. Entendia que a solidão fazia coisas engraçadas, como eles começarem a se dar bem.

— Para de ser chata — ele riu. — Eu vou ter que pescar mais peixes hoje. Não temos mais nada pra comer a não ser as frutinhas, então eu pensei... — Acho melhor eu ir buscar o resto do material sozinho. Mais umas duas viagens e eu consigo trazer tudo que a gente separou e você podia ficar aqui e separar por tamanho, fazer essas amarrações que você fez nesse negócio de puxar enquanto eu faço isso e pesco mais comida. Quando eu acabar, venho te ajudar.

Morena ponderou as palavras de Gustavo com cuidado. Ela sabia que provavelmente teria um trabalho chato e com peso, mas Gustavo estava se propondo a fazer mais coisas que ela e ainda voltar para ajudá-la, então... Parecia ótimo. Até mesmo porque ela não sabia pescar e estava com fome. Só

esperava que ele tivesse melhor sorte na pescaria do que no dia anterior.

— Parece uma boa ideia — Morena disse. Realmente não tinha nada contra a ideia dele e ela preferia até mesmo poupar o machucado do pé. — Mas o arquiteto aqui é você. Posso saber uma coisa ou outra, mas...

— Separa por tamanho. Os mais finos vão no telhado porque são mais leves. Pode amarrar eles espaçados porque a gente ainda pode colocar umas folhas em cima ou algo assim.

Morena tentou visualizar como faria o teto, mas não conseguiu. Percebeu, sem demora, que o problema todo era porque não sabia exatamente qual era o tamanho do que construiriam. Se fosse grande demais, ela talvez precisasse emendar um galho no outro, o que seria super chato.

— Preciso de um tamanho — ela murmurou.

— A gente desenha na areia um tamanho razoável, mas acho que o teto tem que ir por último porque as madeiras são disformes, a gente não tem como acertar exatamente como vai sair.— Gustavo ponderou, pensando.

— Entendi — Morena estava começando a visualizar a ideia de Gustavo e até que não era de todo o mal. — Um cômodo só, não é? — Questionou.

— Por enquanto sim, só pra gente se proteger melhor — ele concordou. — Se for necessário, a gente aumenta. Então. Os de tamanho médio, a gente faz as paredes. Tenta ver se eles tem o mesmo tamanho ou juntar dois se não tiverem o tamanho necessário. Eles tem que ficar maior que eu, pra gente poder andar em pé na casa. Isso deve ser mais difícil, mas acho que eu termino tudo antes pra te ajudar. Quero dizer... Não vamos terminar hoje, de qualquer maneira.

— Nós vamos ficar a semana toda fazendo isso — ela riu.

— Provavelmente — Gustavo concordou, pensativo.

— E os maiores? — Morena perguntou, alcançando um com o pé. — Esses daqui não dá pra fazer parede...

— É pra fazer peso — Gustavo informou. — A gente fixa a parede eles — explicou. — Dá um jeito de amarrar e enterra na areia. Pra ficar mais firme e tentar evitar que um vento mais forte derrube a casa. Ainda não tenho certeza sobre isso, mas podemos tentar assim e se algo acontecer... Bom, fazemos outra vez, não é?

— É — Morena concordou. — Temos todo tempo do mundo.



Quando não discutiam, trabalhavam muito bem juntos. A verdade era essa. Aliás, os projetos realizados mostravam que até quando discutiam, eles conseguiam trabalhar bem. Morena e Gustavo foram feitos para ser o par um do outro e, embora não conseguissem aceitar por conta das diversas diferenças comportamentais e sociais dos dois, eles ainda podiam sentar e apreciar o que eram capazes de fazer juntos.

Com abundância de materiais, ideias e maneiras de se fazer, as opções eram tantas que suas opiniões, sempre tão divergentes, acabavam encontrando pontos opostos na linha de pensamento. Era até normal que fosse assim já que eles dois tinham nascido para discordar um do outro. Porém, na ilha, as opções eram reduzidas, a mão de obra era unicamente deles e sua sobrevivência dependia da concordância no plano, em dar tudo certo.

Morena e suas implicâncias, as respostas grosseiras sempre na ponta da língua, os foras e as patadas, ficou mais tranquila. Resolveu ouvir e aprender, já que o parceiro tinha mais experiência em sobrevivência e parecia saber o que fazer na construção — já que havia estudado isso tão incansavelmente. Já Gustavo e a sua preguiça, falta de comprometimento, piadinhas fora de hora e a vontade exorbitante de sempre tirar Morena do sério acabaram ofuscadas pelo desejo incandescente que ele tinha de sobreviver. Ouvia as sugestões de Morena, sempre criativa em todos os pontos, principalmente em como utilizar materiais e ajudava-a a incrementar cada ponto do que construíam. E assim, juntos, eles foram montando um pequeno cômodo para abrigar os dois.

Obviamente que não pararam de brigar. Discutiam quando Morena teimava em fazer algo fora do combinado ou quando Gustavo parava para descansar na sombra. Discutiam quando Morena achava que conseguia carregar algo pesado demais sozinha ou quando Gustavo comia demais e não deixava para o dia seguinte. E também implicavam um com o outro o tempo todo.

Mas ao contrário dos quase dez anos que trabalhavam juntos, direta ou indiretamente, eles se entendiam. As implicâncias acabavam em risadas, as discussões acabavam em novas coisas para se fazer. E, aos poucos, foram conseguindo levantar o abrigo resistente, no meio da praia, bem visível para quem passasse de barco por ali.

Morena teve ideia de fazer um sistema para recolher água da chuva com o telhado e, como chovia quase todos os dias e ainda com a ajuda da água do riacho, eles poderiam até esbaldar água doce. Também partiu dela a

ideia de improvisar uma bandeira acima da casa, então eles pegaram a maior folha que encontraram, vazaram um “S.O.S.” e colocaram, atrás dele, um pedaço recortado do bote salva-vidas, e penduraram acima do sistema de recolhimento de água, na esperança que estivesse bem visível. Imaginavam que o laranja iria se sobressair na frente do verde e que quem passasse por ali estranharia a cor. O problema era que, naquele tempo todo, ninguém passara.

— Você acha que já está firme? — Morena estava perguntando aquilo pela milésima vez e Gustavo não aguentava mais, mas entendia as preocupações da mulher negra. Estava muito difícil de fixar as quatro paredes que eles haviam montado juntas. Depois de quatro dias de trabalho, tentando deixá-las com um tamanho razoavelmente igual para conseguir encaixar. — Eu acho que a gente podia fortificar ainda mais, olha isso!

Morena encostou em uma parede e ela adentrou, mostrando que não estava nem um pouco fixa nas duas, de seus lados. Gustavo suspirou porque sabia que ela estava certa, mas tinha esperanças de já poder descansar no dia seguinte. Suas mãos estavam cheia de machucados, avermelhadas pelo excesso de trabalho e ele achava que estava virando cobra e trocando de pele de tanto que descascava.

— Vamos precisar de mais cipós, então — Gustavo anunciou. — Acho que a gente já pode encaixar o telhado. Está bem fixo no chão e elas estão razoavelmente fixas umas nas outras. A gente encaixa o telhado e já dorme aqui hoje. Amanhã a gente passa mais cipós nas junções e amarra no telhado. Podemos fazer uma porta com cipós.

— Com cipós? — Morena não sabia se ria ou se debochava. — Você quer fazer uma porta de cipó? Prefiro ficar sem porta.

— Com o que você quer fazer a porta? — Ele perguntou, revirando os olhos.

— Com madeiras pequenas... Igual o telhado — Morena respondeu, como se fosse o óbvio. — A gente amarra com os cipós de um lado, faz uma tranca com o outro e pronto.

Gustavo conseguia visualizar melhor e realmente parecia mais seguro — Morena estava sempre pensando em segurança enquanto ele pensava mais em quão legal pareceria se fosse de outro jeito. Porém, ali, eles não sabiam que tipo de animais poderiam encontrá-los durante a noite, então a segurança deveria ser prioridade.

— E como é que a gente vai fazer essa tranca? — Gustavo perguntou, com várias possibilidades passando pela sua mente, mas nenhuma parecendo exatamente segura.

Morena estava distraída, dando uma olhada no bote, que eles tinham tirado do teto do antigo abrigo àquela manhã para tentar ver o que conseguiam fazer com ele. Conseguiram amarrar onde ele estava furado e enchê-lo o suficiente para usar de cama, com as bordas de travesseiro. Não seria a coisa mais confortável do mundo, mas pelo menos daria para o gasto.

— Não sei ainda, vou pensar depois. Agora vamos colocar esse telhado porque eu tô preocupada com você.

Gustavo levou um susto com a simplicidade e displicência com a qual ela dizia que se importava com ele. Fingindo que, na verdade, não se importava não.

— *Comigo?* — Disse, incrédulo.

Morena andou até ele e encostou o indicador em seu peito, mesmo que Gustavo tivesse tentado evitar, dando um passo para trás. Acabou por fazer uma careta e Morena levantou uma sobrancelha, demonstrando o óbvio.

— Tá mais vermelho que sangue. Isso não é normal. — Ela virou de costas para ele e pisou na borda do bote, checando o quão firme o remendo estava. Pelo barulho de ar saindo, não era muito. — Mas eu tive uma ideia.

— E que ideia é essa?

Ela abaixou-se para conferir o furo e o bote desmanchou-se em suas mãos pela terceira vez naquele dia. Os dois suspiraram, cansados.

— Lama. Todo mundo diz que é bom pra pele. Vou pegar uma das cestas e pegar lama no riacho. Aí a gente passa em você e pelo menos deve aliviar um pouco. Deve estar ardendo muito, não deve?

Gustavo confirmou com a cabeça, chateado. Morena pouco reclamava do sol, mas ele estava sofrendo muito. Não falava disso o tempo todo porque sabia da necessidade do trabalho, mas ele deveria pegar um pouco de sombra para variar. Podia virar um tomate vivo a qualquer momento.

— Nas costas é um horror — Confessou, por fim. — Não sei como eu tô conseguindo dormir.

Morena riu da piada que Gustavo contava. Ele dormia como uma pedra. Era só deitar e dois segundos depois estava apagado e não acordava por nada no mundo. Morena, por outro lado, tinha graves problemas de insônia e estar vivendo como uma naufraga não ajudava em nada.

— Quem não dorme sou eu — ela disse. — Você geme a noite toda, se mexe e não acorda. Impressionante. Queria ter essa habilidade de capotar e não acordar por nada.

Morena atravessou o teclado, inspecionando-o com seus olhos de águia. Ele estava com as madeiras o mais junto possível, tinham colocado restos de metal do avião por cima e ainda enchido de folhas de todos os tipos, para tentar criar a impermeabilização. Sabiam que, de alguma forma, ainda ia chover dentro do abrigo, mas esperavam que fosse pouco.

Gustavo ficou atento à movimentação da mulher, conhecendo-a o suficiente para saber que tentaria levantar aquilo tudo sozinha nos próximos momentos.

— Desculpa — murmurou, porém. Via que Morena estava cansada além do limite, mas ela sempre estava assim e ele não levou por mal. Achou que era apenas por estarem trabalhando o dia todo, mas ela também não conseguia dormir à noite.

— Pelo quê? — Morena estranhou, encarando o homem.

— Por não te deixar dormir — respondeu.

Morena deu de ombros, despreocupada. Suas crises de insônia eram frequentes e, para falar a verdade, ela costumava se masturbar para dormir; o cansaço pós-orgasmo deixava suas pálpebras pesadas e ela só desmaiava. Como Gustavo ao seu lado, ela só não se atrevia a fazer, então tinha noite que demorava duas, três horas antes de conseguir apagar.

— Tudo bem, não tem problema — sorriu, ao menos contente com a preocupação de Gustavo. As vezes, quase nunca, ele era até um pouquinho fofo. Só um pouquinho. — Eu tô acostumada, eu nunca durmo direito mesmo. A ansiedade me deixa muito agitada, eu acabo não conseguindo relaxar.

— Alguma coisa que eu possa fazer?

Na verdade... Tinha sim. Mas nada que ela diria em voz alta. A sombra do sonho que tivera, dias atrás, ainda estava em sua mente e o beijo não dado, mesmo que não fosse real, era uma das causas que lhe tirava o sono. A outra era o abrigo, que sempre tinha algo para ser feito e ela não conseguiria se aquietar até que estivesse pronto.

— Não, acho que não. Mas suspeito que depois que a gente terminar o abrigo, vou conseguir dormir melhor.

Gustavo concordou com a cabeça.

— Vamos terminar isso então.



Maria Eduarda não discutiu na hora. Estava tão anestesiada pelos acontecimentos recentes que o pavor engoliu qualquer vestígio de sua personalidade forte. Ela levou-o até a sala das câmeras, mostrou as gravações e estava andando tão parecido com um zumbi que Felipe a liberou de trabalhar, deixando-a ficar no quarto para se recuperar do trauma.

A primeira coisa que ele fez assim que deixou Maria Eduarda em seu quarto foi correr para o dele próprio e socar seu travesseiro até que seu braço estivesse doendo de tão cansado pelo esforço. Então, deitado na cama, apavorado, ele pegou o celular e ligou para o seu primo distante, ao qual só via nas festas de fim de ano quando toda a família iria para sua casa visitar sua mãe doente, com medo que fosse o último natal dela. Durante todo o resto do ano, ninguém aparecia e ligavam raramente, e não se ofereciam para levá-la ao médico ou qualquer ajuda para comprar os remédios; ele até entendia os familiares de outros estados ou cidades, mas tinham família na grande São Paulo e ninguém se importava. Só no natal.

Lucas, por outro lado, era humilde. Ele morava no interior do Rio de Janeiro, em uma cidade costeira e vivia de pesca. Era bem solitário e aparecia no natal porque eram a única família que ele tinha. Era prestativo e durante a semana que passava na casa dele, ele cuidava da mãe de Felipe bem melhor do que ele mesmo; se tivesse dinheiro, Felipe sabia, compraria os remédios ele mesmo. Mas a sua vida pacata e humilde era apenas para colocar comida na própria mesa e suprir suas necessidades básicas.

“Fala, Fê!” Felipe odiava aquele apelido, mas resolveu engolir porque precisava de ajuda. *“E aí, beleza? Como vai tua velha, tá tudo bem?”*

Felipe só percebeu que a ligação estava parecendo outra coisa com as perguntas de Lucas. Ele estava achando que ele estaria ligando para chamá-lo para o enterro de sua mãe.

— Mano, ela tá bem, mas eu tô precisando muito da tua ajuda, sério mesmo. Quebra uma pra mim? Eu juro que te pago — Não queria ter dito daquela forma, mas a chuva de palavras jorrou de sua boca nervosa e ele não pôde contê-las.

“Que isso, primo, precisa de nada não. Claro que eu te ajudo. O que houve?”

Felipe explicou com detalhes o que tinha acontecido, explicou a importância daquele trabalho para ele e explicou o que ele precisava que fosse feito. Lucas ouviu com cuidado, tirando uma dúvida ou outra durante o

caminho. Até que ele, de seu olhar de fora, fez a pergunta que Felipe ainda não fizera a si mesmo, no desespero.

“Beleza. E se eu achar os caras, faz o quê?” Perguntou. *“Tipo assim, eles vão sair de lá e vão falar o que aconteceu... Por que então não chama a guarda costeira e essas coisas pra ajudar?”*

Felipe congelou em seu lugar. Ele tinha razão, o que ele faria?

— Vou tentar subornar eles, primo — acabou confessando. — Pagando o que eu acho que deve ser o valor da indenização. Assim não vaza a informação e tudo dá certo com a minha empresa, com o tratamento da mãe e tudo mais. Eu só preciso que você encontre eles, está bem? Eu vou mandar uma menina pra te ajudar.

“Que menina, Fê? Preciso de ajuda não”

— Ela conhece eles. Vai ser melhor.

“Tá” concordou, claramente contrariado.

Felipe agradeceu enormemente e pediu que eles os aguardassem no porto do Rio, onde dariam em três dias para os passageiros darem uma volta pela cidade e curtiram o lugar — o problema era que tinha um monte de carioca a bordo, achando bem injusto que a primeira parada fosse, justamente, na cidade deles.

Maria Eduarda quis discutir a decisão com Felipe quando ele comunicou a ela que ela teria que deixar o navio para procurar o casal junto com o primo dele, mas não tinha muito por onde correr.

— Foi você que insistiu em liberar a área externa pra festa, Maria — Felipe ralhou com ela, dois dias depois, enquanto ela ainda não se convencia de que teria que abandonar o barco. Já se passavam seis dias da festa, isso significava que Morena e Gustavo estavam perdidos há cinco. Na concepção de Felipe, se estivessem mortos, já estariam mortos. Mas se estivessem vivos, eles iriam encontrá-los. — Foi você que quis as bebidas. Alguém tem que ficar no barco pra coordenar e alguém tem que ir com meu primo pra ajudar ele. Eu sou mais responsável e mais organizado. Você conhece o Gustavo, tem mais chances de convencer eles a aceitarem o dinheiro sem contar nada pra mídia. Aceita.

Ela sabia que ele tinha razão, mas não estava nem um pouco satisfeita. Porém, no dia seguinte, recolheu suas duas malas e marchou pelo barco atracado e quase vazio para encontrar com o tal desconhecido primo de Felipe. Encontrou Felipe no corredor, a caminho do quarto dela. Parecia querer se despedir.

— Boa sorte — ele murmurou para ela. — E se cuida. Tenta dar um jeito nisso.

— Tenta não perder mais ninguém.

Felipe sorriu com a piada fora de hora e Madu foi acometida por uma vontade completamente estúpida e sem nenhuma justificativa. Largou as malas no chão, pulou no pescoço de Felipe e grudou os lábios nos dele. Ele primeiro não reagiu, mas logo sentiu suas mãos imensas em sua cintura, sustentando-a no ar enquanto o beijo se aprofundava, cheio de vontades que nem os dois sabiam que tinham. E se beijaram e beijaram naquela quase despedida, até que Maria Eduarda se afastou, com um sorriso tranquilo no rosto e bem aliviada de ter colocado aquela vontade para fora do seu sistema.

— Vê se relaxa um pouco — ela disse para Felipe, que estava congelado feito uma estátua e de olhos arregalados desde que pararam de se beijar. Pegou suas malas, virando-se de costas para ele e rumando para o seu caminho para fora do barco. — Se diverte, curte a vida.

— E você veja se toma tino, Maria — falou, enquanto ela se afastava. — Responsabilidades! — Gritou, para uma Maria Eduarda que só riu e balançou a cabeça negativamente.



Morena tinha feito questão de fazer um pequeno telhado para substituir o bote do primeiro abrigo. Ela achava o abrigo aberto útil porque podiam ficar ali e observar a fogueira ou até mesmo proteger o fogo quando chovia. Era como uma barraca de praia e ela queria mantê-la, embora a outra fosse imensamente mais segura, principalmente para dormir. Enquanto Morena se propôs a ir buscar a lama, Gustavo sentou-se sob a barraca e começou a limpar os peixes que tinha pego de manhã. Estava começando a ser bom de verdade naquilo e já conseguia pescar o suficiente para comerem bem o dia inteiro. Embora ele já estivesse um pouco enjoado de comer peixe queimado todo dia. Estava começando a pensar em comer mico.

Estava terminando de limpar o peixe da maneira que a mulher havia lhe ensinado (ele ficou impressionado com a destreza dela e o tamanho de seu conhecimento naquilo, nunca iria imaginar) quando algo gelado e estranho atingiu suas costas.

— Porra! — Gritou, assustado. Virou-se a tempo de ver Morena há uns dois passos dele, de pé e com a mão marrom por causa da lama. Tinha um sorriso no rosto que virou uma gargalhada quando Gustavo passou a mão pelo objeto gelado em suas costas, identificando a lama que ela jogara ali. — Que susto que você me deu, mulher, tá louca?

— Não pude perder a oportunidade — ela riu. — Você tava super distraído aí, nem me ouviu.

— Não ouvi mesmo — confessou.

Morena sentou-se atrás dele enquanto ele limpava a ponta dos dedos sujas de lama e voltava a cuidar dos peixes. Porém, achou preocupante continuar aquilo quando sentiu as mãos leves e carinhosas de Morena espalhando a lama por suas costas. Arregalou os olhos porque a barriga inteira se revirou, assombrou-se com as sensações que aquele toque lhe causava.

Queria dizer que tudo aquilo era apenas por conta do alívio que a lama estava fazendo em sua pele castigada pelos raios solares, mas sabia que não era somente aquilo. Já reconhecia os efeitos de Morena nele, embora não soubesse exatamente o que fazer com aquilo. Sentia-se em uma montanha-russa quando ela sorria, ficava perdido quando os dois discutiam e completamente preocupado quando ela passava tempo demais afastada, seja porque ela adentrara a floresta ou ele que se embrenhava através das árvores, deixando-a sozinha.

Quando percebeu o que lhe acontecia, primeiro tentou se convencer

que era porque estavam sozinhos na ilha e ela era a única mulher presente — e ainda era linda e inteligente, o que só aumentava as chances de encantamento. Isso era, Gustavo estava carente, Morena era um belo espécime do sexo que lhe agradava... Era quase inevitável que isso acontecesse, não era? Porém, ele começou a perceber que não era algo exatamente carnal... Tomou consciência quando pegou-se observando-a em uma das poucas vezes em que a encontrou dormindo, calma e relaxada como um pequeno anjo. Seu coração acelerou e aquiesceu seu interior sem permissão e ele ficou extremamente preocupado com o que lhe acontecia. Mas acontecera e nada no mundo poderia impedir.

Ele confessara que, então, começou a analisar o relacionamento dos dois com outro olhar; todas as implicâncias sem sentido, todas as brigas... Se não se importassem um com o outro, não iriam arrumar confusão a cada cinco minutos, não era? Gustavo não saberia dizer, mas o novo status de convívio deles tinha elevado aquela sensação à níveis confusos e incompreensíveis e ele decidiu que só ia se deixar levar. E se desse a sorte da mulher ter a mesma epifania que ele... Bom. Seria sorte.

— Melhorou? — Morena perguntou, depois de espalhar lama por toda as costas de Gustavo enquanto ele viajava sobre como se sentia sobre a mulher.

Ele tinha se curvado, os ombros caídos para frente e estava, sim, com uma expressão de extremo alívio. A lama gelada pela água do riacho tinha diminuído sua temperatura corporal e dando um alívio instantâneo ao ardor que sentia na região. Morena começou a passar a lama por seus ombros e braços e Gustavo não saberia ser grato por aquilo.

— Isso... — Ele suspirou. — Por Deus, vou querer esse negócio todo dia — murmurou.

Morena riu das palavras dele e Gustavo não saberia dizer se queria aquilo por causa da lama ou pelas mãos da mulher espalhando-a pelo seu corpo. De qualquer forma, as duas sensações eram maravilhosas e ele estava no paraíso.

— Boa ideia, hm? — Morena perguntou, gabando-se.

Ela passou para frente dele, começando a espalhar a massa amarronzada pelo seu peito, por cima da mancha rosa que ele era agora.

— Eu seria capaz de te dar um beijo na boca agora — Gustavo disse. Não que isso fosse exatamente uma coisa difícil de acontecer, mas ele sempre tentava falar algo parecido desde que percebera a maneira com que ela se afetara quando ele lhe ensinara a fazer fogo.

Nunca ia esquecer a cara dela de eterno choque enquanto ele murmurava palavras e insinuações no meio de uma informação completamente inocente. Ele tinha para si que ela já estava no caminho de ter a mesma resolução que ele — não era possível que ela não se sentisse da mesma forma, afinal, Gustavo sabia que era mesmo um partidão -, mas era mais teimosa e cabeça dura e demoraria um pouco mais para se fazer ceder.

Então ele brincava, insinuava, deixava-a maluca e sem chão até o limite. Até que ela explodisse. E ele estaria ali para pegar.

— Não exagera — Morena disse, distraída. Mas ele podia ver seus olhos levemente arregalados de surpresa, embora tentasse parecer distraída enquanto terminava de passar a lama nele.

Após esfregar um pouco mais de lama no rosto dele, por cima de suas bochechas e no nariz, Morena sentou-se ao lado dele na areia e Gustavo, bem chateado que o carinho estivesse acabado, mas aliviado que a ideia de Morena realmente tinha melhorado a ardência de sua pele, voltou a limpar os peixes, agora com um pouco de dificuldade por causa da crosta de lama, mas sem nenhuma reclamação sobre.

Finalmente terminou e colocou-os no espeto sobre a fogueira.

— Eu tô com medo — a voz de Morena após o momento de silêncio assustou Gustavo, principalmente ao ouvi-la fazer uma confissão cheia de significados.

Ele virou-se para ela e a encontrou encarando o mar à sua frente. Ele também ficava assustado quando encarava o mar porque só lhe dava mais dúvidas que respostas. Suspirou.

— Eu também — confessou de volta. De nada adiantava ficar pagando de machão super protetor com uma mulher que sabia muito bem o mundo que a rodeava. — É normal sentir medo, eu acho. A gente só não pode abaixar a cabeça e deixar ele nos engolir.

Morena concordou com a cabeça, mas encolheu as pernas e abraçou os joelhos, escondendo o rosto até o nariz ali. Gustavo estava com medo que ela começasse a chorar a qualquer momento porque ele dificilmente saberia o que fazer se ela chorasse; nunca tinha visto Morena chorar, ela estava sempre tão forte e imponente e só de vê-la assim, assustada, já lhe esmagava o coração a ponto de ficar do tamanho de um amendoim.

— Eu acho que nunca vão achar a gente — ela murmurou. — Não acharam até agora. A gente tá aqui há quanto tempo? Já tem uma semana?

Gustavo não sabia dizer, também. Perdera a noção do tempo na ilha,

mas imaginava que, se ainda não tivesse uma semana, seria quase isso. E também sabia que as missões de resgate eram muito ativas nos primeiros dias e, depois, iam ficando menos prioritárias porque a chance de sobrevivência ia caindo. Até que, mesmo sem encontrar corpo, eles declaravam os perdidos como mortos. Tinha noção que sua família não desistiria deles e que o dinheiro iria ajudar, mas sabia como tudo funcionava e Morena tinha razão: quanto mais o tempo passava, menos chances eles tinham de serem encontrados.

— Bobagem — disse, porém, tentando despreocupá-la. Ficar pensando naquilo tudo só a deixaria mais grilada. E Gustavo não sabia como ela reagiria se soubesse que a chance de sair dali era menor do que ela realmente achava e não a queria ver vacilando em tentar sobreviver.

— E se não for bobagem? — Morena questionou. Ele, encarando-a, pôde ver as lágrimas formando em seus olhos esverdeados, demonstrando a totalidade do medo que sentia. Era o defeito principal da mulher, ela pensava demais sempre. — E se nós nunca formos encontrados? Se simplesmente desistirem da gente?

Gustavo simplesmente odiava como ela conseguia sintonizar seus pensamentos às vezes. Fechou os olhos e balançou a cabeça, olhando ao redor. Que comessem peixes queimados pelo resto da vida, dormissem tortos e ele virasse o homem lama para sempre, mas que tivessem vidas longas. Que sobrevivessem lado a lado. Que encontrassem um modo de fazer uma vida juntos e ali.

Se Morena estava com medo de acabar suas forças a ponto dela querer desistir, Gustavo não deixaria. E se tinha uma coisa que ele tinha sobrando era energia.

— A gente continua — ele insistiu. — A gente continua pescando, recolhendo água e construindo a casa. A gente faz uma casa tão grande que vão nos ver a quilômetros de distância — Morena balançou a cabeça, rindo do que ele dizia, a lágrima finalmente caindo pelo rosto ao dar de frente com a positividade inabalável de Gustavo. — É como o André sempre diz, Mô — se achou estranho ao chamá-la pelo apelido, mas imaginava que já tinham intimidade o suficiente para isso naquele ponto. — *O céu é o limite*. Qualquer barco que passe aqui vai ter que nos notar.

Morena concordou com a cabeça e, embora assustada, estava contente que Gustavo estivesse ali para segurar sua mão e lhe dar forças quando ela fraquejava.

Capítulo 10

Sete dias desde a festa. Sete dias que Gustavo e Morena estavam à deriva e só três pessoas sabiam disso: Felipe, Maria Eduarda e Lucas, o tal primo de Felipe que ajudaria Maria Eduarda a fazer as buscas pelos dois através da rota do transatlântico. Madu achava aquilo horrível. Ela queria ter ligado para os irmãos, colocado o mundo atrás dos dois, queria ter descido no barco no instante que seu choque passou e se deu conta que eles estavam em perigo, mas tinha dado as rédeas da situação para Felipe e ele a fizera prometer que seria na surdina. Na verdade, ele até ameaçara Maria Eduarda de colocar a culpa inteiramente nela e na empresa da família caso ela procurasse a polícia. Maria Eduarda achou que ele só tinha dito isso no calor do momento e da discussão, mas preferiu não arriscar e seguir com o plano dele, que consistia em pegar o primo dele e sair pela costa atrás de qualquer vestígio de Morena e Gustavo e tentar convencê-los a não denunciá-los, oferecendo uma quantia considerável de dinheiro em indenização.

Para Madu, não iria funcionar muito bem. Eles podiam estar mortos. Podiam não aceitar o dinheiro. Outras pessoas podiam dar falta dele. Mas parecia que ela e Felipe tinham trocado de lugar: enquanto ela estava totalmente pessimista ao assunto, Felipe se mostrava otimista e dizia que tudo ia dar certo e sairia conforme seus planos. Ela tinha certeza que tinha trocado de corpo com ele depois do beijo.

O transatlântico partiu no início da noite e Maria Eduarda deu check-in em um hostel próximo da praia, sem nenhum sinal do tal Lucas. Felipe dissera que Lucas entraria em contato com ela pelo telefone assim que atracasse e era para ela encontrar com ele imediatamente. Então ela aguardou até tarde, esperando que ele a ligasse. Passeou por lanchonetes, se divertiu com os cariocas e os gringos e foi dormir já lá para as duas da manhã.

Seu telefone tocou às cinco. O sol nem tinha dado o ar de sua graça e deu telefone tocava em alto e bom som. O colega da cama do lado jogou um travesseiro na direção dela e ela abriu os olhos para ser acertada por aquele objeto errante. Piscou longamente e pegou o celular, apertando as teclas de forma desordenada.

— Alô?

“Oi, é a Maria?”

— Sim... — Ela estava tão devagar que até então não tinha percebido

o que estava acontecendo.

“É o Lucas, primo do Felipe, tudo bem? Cheguei no porto aqui, ele falou pra te ligar...”

Ela quis quebrar tudo, quis xingar Lucas, quis morrer... Mas a urgência de sair em busca dos dois passageiros perdidos bateu com força nela e ela engoliu todos os xingamentos possíveis e respondeu:

— Chego aí em meia hora, pode ser?

Lucas pareceu satisfeito com a resposta e eles logo desligaram. Madu levantou-se, recolheu suas duas malas e saiu do quarto sem fazer nenhum barulho. A mocinha da recepção estava dormindo e levou um susto ao vê-la passar. Fez ou check-out e logo estava saindo do hostel. Passou um táxi bem naquele momento e ela fez sinal, imaginando que seria mais seguro do que ir até o porto a pé, com as ruas ainda escuras. Do táxi, ligou para Lucas.

“Alô?”

— Oi, é a Maria Eduarda. Você pode me esperar na praça? Eu tô chegando.

“Beleza”

Ela desligou rápido e ficou fingindo que não percebia que o taxista estava olhando para ela com uma expressão bastante... Nojenta. Quando ele estacionou, ela jogou uma nota de vinte para ele e nem esperou o troco, já descendo correndo do carro, puxando as malas com desajeito. Alguém tomou a mala dela e ela só se virou com a bolsa, batendo com a cara do infeliz.

— Ei, calma! Ei! — O homem levantou as mãos ao alto, tentando se livrar de levar mais uma bolsada. — Só estou te ajudando. Você é a Maria Eduarda, né?

Só então ela olhou para o homem, percebendo a semelhança absurda com Felipe. A pele era um pouco mais escura que a do primo e os cabelos eram curtos, bem pequenos, mas era o mesmo rosto quadrado, os mesmos olhos expressivos negros, os mesmos lábios grossos que ela beijara há poucas horas.

Mas fedia a peixe.

Ela empurrou a mala contra o peito dele, fechando a porta do táxi.

— Ótimo — resmungou, torcendo o nariz. — Faz alguma coisa e carrega a mala.

— Eu estava tentando fazer isso o tempo todo? — Ele disse, soando com uma pergunta irônica em sua incerteza se deveria dizer ou não.

Maria Eduarda não disse nada em resposta a ele, apenas fechou a cara e lhe deu uma olhada de rabo de olho. Imediatamente o odiara, tal como havia odiado Felipe a princípio. Ele se vestia mal, parecia um mendigo de tal sujo que andava e ainda fedia a peixe. Aquele cheiro insuportável de peixe a faria vomitar em poucos minutos.

— Certo... — Ele não sabia exatamente como lidar com a mulher ao seu lado e ela parecia bem irritada. — Vamos pro meu barco, então. O Felipe deixou a rota certa com você?

— Sim, mas antes... — Ela parou no meio da praça vazia e encarou-o. — Que diabos de hora é essa pra chegar aqui? Eu cheguei aqui ontem de manhã, te esperei a porra do dia inteiro pra você chegar nessa hora da manhã? Eu fiquei até duas acordada esperando você chegar e o que você tem pra me dizer? — ela começou a imitar a voz dele. — Cadê a rota, Maria? Vamos pro barco, Maria.

— Ei! Calma! — Felipe levantou a mão que não segurava a mala dela. — O barco tava no conserto, o Felipe não te avisou? Ele não estava pronto pra ficar tanto tempo em alto mar quanto a gente provavelmente vai precisar ficar, então eu pedi pra um amigo fazer umas melhorias nele. E comprei provisões pra gente. Desculpa, eu achei que ele tinha te avisado, se não eu mesmo tinha te ligado antes...

Maria Eduarda estava morrendo de vergonha.

Ela queria se esconder em um bueiro e não sair jamais.

— Des...Desculpa — Gaguejou.

— Tudo bem, Maria. Só vamos pro barco logo, sim? Aqui está muito deserto e essas malas parecem importantes. Vamos, vamos. E aí você vai poder dormir mais um pouco.

Lucas parecia legal e ela tinha gritado com ele, com raiva por ter dormido pouco e ele estava todo preocupado com sua segurança, com seu sono e com a viagem. E toda a espera tinha sido culpa de Felipe.

Se arrependeu de tê-lo beijado.

Podia ter esperado Lucas. Ele parecia mais beijável.



Haviam apenas dois focos de luz iluminando a praia naquela hora, a luz da lua e a chama da fogueira. Não era como se pudesse se enxergar com clareza ou que o local estivesse completamente iluminado, mas nossa dupla de sobreviventes já estava acostumado à noite semisombria e conseguiam até identificar sobras de pequenos animais por detrás das árvores na penumbra (Não que Morena não acabasse imaginando um pouco mais além de pequenos animais).

Ao redor da fogueira, Gustavo e Morena comiam seu costumeiro jantar antes de finalmente irem se deitar após o dia de trabalho à sobrevivência. Eles estavam dividindo o pequeno bote como cama, dormindo de bundas coladas, cada um virado para um lado, em completo silêncio como se aquela pequena harmonia ao se deitarem fosse explodir caso qualquer um fizesse um comentário. Gustavo sempre dormia rapidamente, ele nunca tivera muitos problemas para adormecer e o cansaço exagerado dos trabalhos manuais como arrastar madeiras para seu pequeno projeto de construção ou ficar horas concentrado em pegar peixes no mar o deixava bater a cabeça na borda do bote cheia de areia e adormecia rapidamente. Já Morena, com toda a sua ansiedade e estresse acumulado, ficava horas em claro antes de adormecer — e não era como se ela trabalhasse menos que Gustavo; ficava arrumando maneiras de criar ferramentas para ajudá-los na vida ali, trançando palha e folhas de árvore para criar-lhe mais conforto e proteção e, naquele dia tinha até começado a tentar montar cadeiras e espreguiçadeiras para os dois, talvez um conforto melhor que aquele bote que não a deixava adormecer.

Por conta disso, Morena sempre enrolava um pouco mais à fogueira, tentando manter-se distraída as vezes com apenas o silêncio de Gustavo.

Ainda era cedo, porém. O Sol tinha se posto não há muito. Mas o dia para eles começava cedo e terminava cedo, sempre preso à presença da luz do dia. Naquela hora final, se sentavam ao redor da fogueira e comiam sua última refeição, antes que de ir para a proteção da cabana que criaram contra à escuridão da ilha.

— Do que você mais sente falta? — Morena perguntou para Gustavo.

Gustavo e Morena sabiam que aquele não era um assunto muito agradável, ainda mais depois do acesso de medo que ela tivera há pouco tempo, mas nostalgia era bom, na medida certa. E eles já não sabiam mais sobre o que conversar, agora que sua obra estava concluída, ou apenas parcialmente concluída, pensou Morena. Se o céu era o limite, eles ainda teriam muita coisa para fazer com o tempo extra que tinham pela frente.

— Não comer peixe todo dia — Gustavo confessou. Morena gargalhou alto, acabando por se engasgar com um pedaço de peixe e ter que beber um gole de água para aliviar. — Sinto falta de um hambúrguer bem gorduroso. Na verdade, acho que se eu sair daqui, vou passar uma semana comendo todos os tipos diferentes de churrasco que existe no mundo.

Morena riu do pedido simples de Gustavo e imaginou que, se tomassem coragem — e sabia que em breve tomariam -, poderiam caçar algum animal da floresta e comer carne. Não seria nada como carne de boi ou porco ou frango, mas era algo diferente. Ela também já estava um bocado enjoada de peixe, mas era melhor do que comer só frutas.

— Eu sinto falta de falar com a minha família — Morena confessou. — Não nos falávamos todos os dias, mas... Acho que saber que eu não posso falar com eles agora me deixa com mais vontade de falar — ela deu de ombros. — Muito esquisito?

— Um pouquinho só — Gustavo riu, fazendo um sinal com a mão, mostrando o pouco que ele a achava esquisita. Morena lhe deu um tapa e ambos riram. — Eu sinto muita falta da minha mãe. Estava morando com ela e com minha avó esses dias porque meu apartamento precisou passar por uma manutenção. Mas a gente se falava todos os dias, mesmo quando eu não estava em casa. Várias vezes.

— Eu sei — Morena riu, lembrando de todas as vezes que a mulher ligava para ele, interrompendo reuniões e compromissos importantes. — Ela é um pouco grudenta, não é? Sua mãe?

— Minha mãe tem uns problemas psicológicos graves — Gustavo confessou com um suspiro. Morena congelou em seu riso, arregalando os olhos.

— Nossa, Guto, desculpa — Sussurrou, arrependida. Nem percebeu que estava lhe chamando pelo apelido, mas Gustavo sim, e sorriu para ela por esse motivo.

— Não tem problema, linda — gracejou. — Você não sabia.

Ele deu de ombros e Morena tentou não parecer encabulada. Não era desacostumada com elogios, mas, de alguma forma, a maneira displicente de Gustavo em chamá-la de linda, não para amolecê-la ao ponto de fazê-la ceder a noite, mas apenas como se fosse uma incontestável realidade do universo, a deixou totalmente desconcertada.

Eles ficaram em silêncio, como se aproveitando da paz nem um pouco costumeira entre os dois e a nova habilidade de conversar sobre assuntos pessoais sem começarem a discutir e gritar um com o outro. Era um pouco

esquisito, mas um esquisito certamente bom.

— Sinto falta de música — Morena murmurou, quebrando o silêncio e fazendo Gustavo levantar uma sobrancelha com sua confissão. Morena sorriu, um pouco culpada. — Saudades de dançar.

Ela suspirou. Depois da decoração, dançar era o que ela mais gostava de fazer. Era inscrita em uma aula de dança em uma academia, mas nem sempre podia comparecer por causa do excesso de trabalho, mas se conformava simplesmente pelo fato de que ela estava lá e ela poderia aparecer quando desse. Ao menos duas vezes por semana, ela se dignava a aparecer — e muitas vezes saía para dançar nos finais de semana, nas boates e bares da cidade jardim.

— A gente pode dançar — Gustavo sugeriu, com simplicidade.

Lembrava-se vagamente em meio à uma nuvem de confusão que não sabia se era sonho ou bebedeira, de ver Morena dançar pelo deck do navio. Tinha sido uma visão e tanta, ao menos parecia à sua memória embaralhada. Ele gostaria de ver outra vez. Ele gostaria de ver o tempo todo.

— Aqui? — Morena perguntou, em um certo deboche.

Gustavo revirou os olhos e se levantou, limpando a areia da bermuda, antes de oferecer a mão para a mulher, que franziu as sobrancelhas, sem entender exatamente a totalidade das intenções do homem. Porém, naquela altura, se não confiasse em Gustavo, não confiaria em sua própria sobrevivência e ela não via nenhum risco em aceitar sua mão oferecida, então o fez, levantando-se com o puxão que ele lhe deu, envolvendo sua cintura com rapidez, antes mesmo que ela pudesse pensar em se limpar da areia.

Aliás, eles não sabiam o porquê continuavam tentando se limpar, visto que estavam sempre cheios de areia. Ela sentiu Gustavo enlaçar as mãos deles que se mantinham unidas enquanto a outra estava em sua cintura e ela levou sua mão livre instintivamente ao ombro e deslizou, sem se conter, ao pescoço, arrastando pelos cabelos da nuca do homem, que estremeceu em seu toque e escureceu seu olhar.

Não havia nenhum mistério ou cortina de mentira entre os dois naquele momento. Eles se encaravam com a mais plena totalidade dos seus desejos contidos por todos aqueles anos que trabalhavam juntos. Morena engoliu a seco ao arrepio em sua espinha com o toque de Gustavo em sua pele nua e Gustavo estava tentando se conter diante do leve toque macio dos dedos da mulher em sua nuca.

Ele respirou fundo e sem nem pensar duas vezes, aproximou o corpo dos dois e levou o rosto à altura do ombro da mulher, respirando seu cheiro de

mar e mata, respirando fundo como se aquele ato lhe desse um pouco do que seria o gosto da pele dela, a qual ele gostaria de beijar, lambar, morder...

Ela encostou o rosto entre o ombro e o peito de Gustavo, aonde sua altura permitia e seu nariz foi de encontro ao peito do homem, com cheiro de mar e peixe. Morena estava com os hormônios a mil há alguns dias e o encontro de peles estava a fazendo tremer levemente.

Eles começaram a se embalar de um lado para o outro, os olhares perdidos em peles e no horizonte, sabendo que se encarassem os olhos, um outro caminho iria se tomar na vida deles. Mas a tremedeira e os arrepios estavam ali, exigindo o seu espaço e a atenção.

— Me sinto um pouco idiota — Morena murmurou, com a voz um pouco mais fina que o normal, mais baixa e contida.

— Por quê? — Gustavo riu.

A risada do homem contra sua pele quase a fez pular, mas permaneceu firme e engoliu a seco para conseguir responder sua pergunta com a totalidade das suas faculdades vocais.

— Dançando sem música — riu. — Nunca fiz isso antes.

Gustavo riu junto e ela suspirou, engolindo para si o seu ventre que implorava para ter alívio ao desejo do seu interior. Como isso estava acontecendo? Ela e Gustavo?

Ele pareceu ler seus pensamentos e antes que ela pudesse pensar, ele levou seus lábios até sua orelha e soprou:

— Eu e você — cantou, com a voz rouca e ela sentiu suas pernas quase falharem ao perceber que a voz do homem era para lá de harmoniosa e encantadora, tão próxima da sua orelha, arranhando sua pele com a rouquidão exasperada, provocada pelo desejo que ele também continha. — Não é assim tão complicado, não é difícil perceber...

Mesmo acapela, aos poucos sua dança desajeitada ia encontrando o ritmo certo da música cantada pelo homem.

— Quem de nós dois vai dizer que é impossível o amor acontecer... — Ele continuou e Morena sentiu seu coração dar uma cambalhota, sentindo que aquilo era mais uma indireta que qualquer coisa. — Se eu disser que já não sinto nada, que a estrada sem você é mais segura... Eu sei você vai rir da minha cara, eu já conheço o seu sorriso e leio o seu olhar... — Morena riu, sem querer, um pouco de deboche, mas um pouco mais de descontrole emocional ao que estava acontecendo naquele momento. — Seu sorriso é só disfarce que eu já nem preciso. — Ele fez um pequeno falsete para tentar

aliviar a tensão entre os dois, sem muito sucesso. Morena abaixou a cabeça e respirou fundo. — E cada vez que eu fujo, eu me aproximo mais. E te perder de vista assim é ruim demais... — Gustavo girou Morena do nada, a afastando e a mulher soltou uma gargalhada incontida, andes de puxá-la de volta para seus braços, ao que sua risada acabou com um engolir de saliva. — Mas cada vez que eu procuro uma saída acabo entrando sem querer na sua vida.

A voz de Gustavo se cessou ao momento em que seus olhos se cruzaram e toda a tensão em ambos os corpos passaram e se encontraram como cargas elétrica no ar. Morena sentia-se tremer e estremecer, mas Gustavo estava firme em seus desejos como uma rocha. Ele já conseguia admitir que queria Morena em toda sua implicância e seu gênio difícil e explosivo, enquanto a mulher ainda se recusava a aceitá-lo em sua infantilidade e positivista e toda a carga que vinha com a classe social elevada de Gustavo.

Ele passou os dedos pelo cabelo curto de Morena, colocando alguns fios rebeldes pelo rodopio em seu lugar, já quase grandes o suficiente para colocá-los atrás da orelha dela. O toque sublime e tranquilo a fez fechar os olhos e abaixar levemente a cabeça, mostrando seu envolvimento com a situação. Gustavo, então, avançou contra a mulher, querendo procurar os lábios com os seus. Ouviu-a suspirar profundamente e seus narizes se encontraram ao momento em que ele fechou os olhos.

Porém, então, no momento seguinte, ela já não estava mais em lugar nenhum, como se tudo aquilo fosse apenas um sonho do homem. Ele abriu os olhos para o nada e encarou a porta da cabana que criaram levemente aberta, mostrando que a mulher acabara de passar por ali com uma rapidez impressionante.

Ele sentiu seu coração acelerado frear com uma absurda rapidez de decepção e chutou a areia com frustração.



— Pensei em trazer você aqui de novo — Felipe estava na sacada onde eles deram o primeiro beijo, guiando Carolina pela cintura.

Assim que Maria Eduarda deixou o barco para encontrar-se com Lucas, seu primo, atrás de Morena e Gustavo, ele relaxou um pouco. Mas o beijo que trocou com a loira o deixou levemente confuso e irritado. Quem disse que ela tinha o direito de simplesmente beijá-lo assim? Se sentiu um pouco mal por causa de Carolina, então antes que a culpa engolissem ele por inteiro, a chamou para sair no dia seguinte. Mal sabia ele que, para Maria Eduarda, aquele beijo não tinha significado basicamente nada. Fora só uma maneira de se despedir e não se arrepender de nunca ter beijado um cara tão lindo.

— Eu gosto daqui — Carolina sorriu.

Felipe gostava dos sorrisos doces da mulher negra, mas estava devidamente confuso. Ele não sabia lidar muito bem com sentimentos, era sempre racional demais, sempre tentando colocar as coisas em ordens e planos e tudo que envolvesse emoções o deixava fora de âmbito. Pegou-se pensando em Maria Eduarda vezes demais e o quão ela amadurecera na última semana, ao seu lado. Ainda era aquela mulher irritante e cheia de manias e irresponsabilidades, mas tinha melhorado consideravelmente. E eles tinham se beijado... Ele tinha chamado Carolina para sair, sabia que as duas mantinham alguma espécie de amizade estranha, e tinham se beijado. Aquilo era uma traição, não era? Deveria contar, não devia?

Decidiu que não queria contar.

Arrastou Carolina até o mesmo local que haviam ficado na festa, onde preparara um jantar romântico para os dois. Imaginou que ali ele conseguiria manter sua pose profissional, era um local reservado onde os outros passageiros não o veriam tentar um relacionamento com um deles. Deu um pouco mais de trabalho arrumar as coisas ali, mas nada que algumas ordens para funcionários mais discretos não resolvessem. Prepararam um jantar romântico para os dois, com comidas deliciosas, velas e um bom vinho. Aquele encontro tinha tudo para dar certo.

— E eu gosto de você — Felipe soltou para ela.

Ele não era um cara muito chegado em romances, mas Carolina era um doce de garota, era linda, educada e parecia um pouco perdida. Não faria mal nenhum se abrir com ela, tentar se envolver e finalmente ter um relacionamento decente entre as horas de trabalho dobrado, mais as horas que

passava cuidando de sua mãe.

Viu quando a garota abaixou levemente a cabeça com um sorriso tímido no rosto e os cachos caindo um pouco, acompanhando o movimento claramente envergonhado.

— Eu também gosto muito de você — murmurou.

Ficou na ponta dos pés e grudou os lábios nos de Felipe mais uma vez, ao que ele tirou as mãos dos bolsos para envolver a cintura dela em um abraço, trazendo-a mais para perto de seu corpo. Os dois tinham tipos diferentes de beijo que tentavam se encaixar e acabava funcionando bem: Carolina era doce, sensível, se entregava apaixonadamente e procurava adorar o parceiro com paixão e carinhos sutis na ponta dos dedos; já Felipe era firme e intenso, ávido pelas sensações e querendo agradar a parceira a qualquer custo.

O beijo encerrou-se logo com um esfregar de narizes comandado por Carolina, exibindo um sorriso para lá de iluminado em sua face. Felipe acariciou seu belo rosto, dando-lhe mais um pequeno beijo antes de se afastar e guiá-la para a mesa montada na sacada. Seu olhar passou por toda a arrumação, encontrando as falhas com extrema facilidade, já Carolina adorou tudo e estava se contendo para não bater palminhas de animação.

— A refeição é simples... — Felipe anunciou. Não quis tomar muito tempo do pessoal da cozinha, embora eles parecessem contentes em ajudar. — Espero que goste de camarão.

Carolina arregalou os olhos e tentou disfarçar o constrangimento e o desconforto, mas a sua sinceridade latente dificilmente passaria despercebido pelos olhos de águia de Felipe, acostumados a varrer atrás de imperfeições. Ela ainda tentou focar sua atenção na taça à sua frente, enquanto ele empurrava a cadeira que ela se sentara para encaixar-se à mesa.

— O que foi? — Perguntou, incômodo ao perceber o desajeito dela e sua dificuldade latente de tentar esconder o que estava escrito em letras garrafais em sua testa.

Ele sentou-se em frente a ela na mesa pequena e destampou os pratos que estavam entre eles. Carolina sorriu, um pouco envergonhada.

— Eu sou... Alérgica a camarão — confessou.

Felipe deixou o queixo cair. Como ele não tinha pensado naquilo? Muita gente tinha problemas ao comer camarão, ele poderia ter pedido algo mais seguro como batatas.

— Ai, Carol, me desculpa... — Ele estava morrendo de vergonha de

ter dado tudo errado.

Mas poucos são os primeiros encontros que dão certos. Carolina bem sabia disso e ela preferia quando dava errado. Sua família sempre dizia que quando estava tudo dando errado, era porque no final daria certo, então ela só dava de ombros e continuava vivendo sua vida e enfrentando as adversidades, por mais complicadas que fossem e a fizessem chorar um pouco. Não importava.

— Não tem problema! — Ela tentou acalmar Felipe com sua positividade. — Olha, tem esses pãezinhos aqui. E essa manteiga... Eu como todo dia no café, é uma delícia!

Felipe estava se sentindo a pior pessoa do mundo. Queria fazer qualquer coisa para que ela não achasse que estava tudo errado. Carolina começou a passar manteiga no pão distraidamente.

— Me desculpa, Carol — ele tampou os pratos novamente. — Sério, me desculpa. Olha, vou comer com vo...

Se levantou para arrastar a cadeira para o lado de Carolina e tentar melhorar o encontro, mas acabou por só conseguir derrubar a garrafa de vinho. Carolina ainda correu para levantar a garrafa, mas metade da bebida estava desperdiçada e manchava o chão branco do navio.

— Ai meu Deus! — Felipe não podia acreditar que isso estava acontecendo com ele. Tudo tinha sido planejado tão direitinho...

Carolina não ligava, pelo contrário. Ela olhou Felipe com uma expressão admirada por ver nele seu próprio desastre e soltou uma gargalhada animada, se aproximando dele e beijando seus lábios, deixando-o sentir o gosto de manteiga em sua língua. Ela estava para lá de encantada com o rapaz.

E Felipe não sabia aonde enfiava a cara.



Quando Gustavo tomou coragem de entrar na cabana, Morena já estava em seu canto do bote e fingia dormir profundamente — ele já a conhecia o suficiente para saber que ela dificilmente teria dormido de forma tão rápida após o que havia acontecido. Ele parou por um momento, admirando-a com cuidado, antes de soltar um suspiro cansado e deitar-se ao lado dela.

Dessa vez, ele não dormiu com facilidade. Tinha algo estranho entre os dois, Gustavo sentia um formigamento estranho em toda a parte traseira de seu corpo, que encontrava-se com o de Morena. Afastou-se o máximo que pode, tentando diminuir aquela sensação desesperada que o assolava, porém o espaço vazio entre eles era ainda mais desesperador. Ele só adormeceu pelo cansaço, porque sua cabeça e seu corpo estavam presos à magia não concluída dos dois.

Morena pouco dormiu. Para ela, aquela eletrizante sensação ativava todas as suas neurais e impossibilitava o seu sono. Adormeceu, sem descansar e levantou-se em um pulo assim que o Sol nasceu. Gustavo estava adormecido e começava a ocupar mais espaço do que lhe era de direito, como o abusado e espaçoso que ele era. Ao menos estava inconsciente.

Ela queria dizer que estava tudo bem com ela, mas na verdade não estava não. Gustavo estava mexendo com o interior dela de uma forma que ela mal se lembrava da última vez que acontecera — talvez como seu primeiro namorado no ensino médio, ao qual ela entregara sua virgindade apenas para descobrir que ele tinha uma outra namorada e que ele tinha quebrado o coração das duas, que acabaram virando grandes amigas. Ela tinha se magoado antes e as chances de tudo dar errado, também, com Gustavo, eram muito altas. Absurdamente altas. Eles mal conseguiam manter-se em uma conversa saudável sem se implicar ou atacar. Eram pessoas diferentes com culturas diferentes e vivências diferentes.

Não tinha como dar certo. Não tinha.

Mas, ao mesmo tempo, o seu corpo estava gritando por aquilo. Como podia tamanha necessidade desesperada em ter Gustavo dentro de si simplesmente porque ela queria. Apenas porque estava com vontade.

E ok, não é? Ela e Gustavo estavam em uma ilha deserta, sem nenhuma responsabilidade além da própria sobrevivência. Mas eles esperavam sair dali algum dia e será que qualquer coisa que acontecesse ali teria maturidade para sobreviver à relação de trabalho deles? À implicância, às discussões? Ela achava que não. E se não sobrevivesse, como que iriam

reagir, ao trabalharem juntos, com aquela quebra?

Era mais fácil ignorar e conviver com desejo, não era? Não era?

Ela não sabia mais.

Engatinhou-se para fora da cabana e sentou-se na areia externa, com as costas encostadas na parede que tinha trançado com cuidado e destreza, e que foi presa com o jeito dela e com a força de Gustavo. Eles faziam coisas boas juntos e funcionavam bem juntos quando queriam. Aquele entrosamento vinha aumentando dia após dia e aumentando todas as possibilidades de que essa nova harmonia iria se levar para fora, mas ela ainda estava presa na confusão e nas desculpas.

Como Gustavo havia cantado, com aquela voz grossa maravilhosa e que tinha levado uma rave para suas partes baixas — e só de lembrar do tom de voz dele em sua orelha a fazia se molhar mais do que gostaria de admitir -, seria ela a dizer não para tudo o que poderia acontecer.

Mas também poderia ser ela a dizer sim.

Estremeceu com a revelação.

Queria dizer sim, era bem verdade, mas ainda não estava disposta a arriscar. Sua vagina com certeza estava com toda a disposição para jogar tudo para o alto e se entregar, mas sua mente cheia de pensamentos embaralhados e pessimismos não estava nem perto de se entregar.

Ela só torcia que viessem buscá-la e tirá-la daquele contato direto e inesgotável de Gustavo antes que fosse tarde demais para sua fibra de ferro e sua negação constante.

Ontem, ele tinha atravessado uma linha que Morena sabia que era impossível voltar atrás. Ele tinha saído das indiretas e das sugestões para uma tentativa real de contato físico-emocional mais intenso entre os dois. Tinha rolado um clima, ela bem sabia, tudo tinha levado até aquele momento, desde seu convite para a dança, as tremedeiras em seus corpos e os cheiros inspirados. Ela não podia dizer ou até mesmo impedir que esses momentos não acontecessem novamente. Não tinha como — todo o ambiente se desenvolvia para que aquilo acontecesse novamente. E se acontecesse, talvez ele tentasse novamente e talvez ela não tivesse mais a fibra de sair pela tangente.

E mesmo que saíssem dali, como ela poderia dizer que aquele tipo de coisa não aconteceria de volta à civilização também? A linha já fora cruzada e era como se aquela sensação de desejo sempre estivesse ali, adormecida, esperando o momento certo de despertar e atacar. Agora que havia acordado,

seria difícil dormir de novo — ela bem sabia como era muito difícil conseguir adormecer, não estava tão desperta que mal descansara na noite anterior?

Ela queria dizer que sim e queria dizer que não e estava presa naquele impasse.

Encarou a imensidão do mar à sua frente e respirou fundo a brisa da manhã e aquele cheiro de amanhecer gelado que logo se abriria em um dia quente feito inferno como eram os dias no litoral do verão brasileiro. Não sabia o que faria com sua vida e como resolveria toda aquela confusão que começava a se formar na sua frente. Para manter a calma, resolveu listar seus problemas em uma sequência e decidir o que ela poderia fazer sobre eles. Começou a ficar mais ou menos assim:

1 — Estava presa em uma ilha aparentemente deserta.

Solução: esperar que o resgate encontrasse-a e ela pudesse voltar para a sua vida normal.

2 — Achava que podia estar sentindo algo diferente por Gustavo, além da normal irritação que sempre sentia quando ele estava por perto.

Solução: torcer que a solução do 1 acontecesse rápido para que ela conseguisse ir para o mais longe possível dele e voltar a enxergar só seus defeitos e esquecesse aquela voz maravilhosa e suas mãos grandes.

3 — Sentia fome e estava cansada de só comer peixe.

Solução: levantar a bunda da areia e ir atrás de qualquer coisa para comer.

Decidiu que a opção 3 era a única que ela podia realmente fazer alguma coisa e, por isso, focou nela. Era um problema de solução imediata e que com certeza lhe daria um leve alívio de tarefa cumprida ao final dela. Por isso, levantou-se, limpando a areia de seu short vermelho, recolheu uma cesta que havia trançado no dia anterior e caminhou para entre as árvores, na pequena trilha que já se formava pelos passos dela e Gustavo ao entrar na mata sempre pelo mesmo lugar, atrás de frutas e galhos para seu uso.

Não demorou muito para encontrar a jabuticabeira, mas resolveu ir um pouco mais além, dessa vez, atrás de algo diferente. Não via sinal de saguis por ali, lhe guiando como da última vez, e achou que eles deveriam dormir melhor que ela. Porém, tomou coragem em se embrenhar na mata, tomando cuidado para deixar sinais para se recordar do caminho de volta e não se perder — não que ela achasse que a ilha era muito grande e ela não fosse capaz de acabar voltando para a praia, porém não queria ter que dormir longe da cabana uma noite sequer.

Depois de mais uns cinco ou dez minutos se embrenhando na mata, seus olhos se depararam com algo que fez seu estômago gritar de felicidade.

Por Deus, é sempre uma sorte imensa se deparar com uma goiabeira.

Morena gostava muito de goiaba. Seu avô tinha um vasto sítio ainda mais para o interior de Minas Gerais do que a cidade em que crescera e, nesse sítio, tinha algumas goiabeiras fartas, onde ela crescera escalando e comendo frutas do alto. Por vezes, seu pai ou seu avô eram obrigados a buscá-la lá de cima ou porque ela estava com medo de morrer ou simplesmente porque se recusava a descer — tudo ficava melhor do alto.

Correu para a árvore como se cada segundo longe dela fosse uma tortura e, ao se aproximar, percebeu que era uma sequência de goiabeiras bastante formidável, além de ser acertada em cheio com o cheiro delicioso da fruta. Aquilo com certeza iria alegrar um pouco seu estômago pedindo para comer algo diferente.

Será que goiaba e peixe ficava mais gostoso? Ela tinha quase certeza que sim. Sua boca já salivava de vontade de cravar seus dentes na fruta — nem fazia ideia que gostava tanto dela assim, mas a privação faz com que as pessoas descubram do que realmente sentem falta.

Arrumou a alça da cesta em seu braço fino e procurou o ângulo perfeito para se colocar de pé e buscar a fruta com mais segurança. Se dependesse dela, naquele dia ela e Gustavo iriam se fartar e comer goiaba até estarem mais enjoados dela do que de peixe.



Andrea odiava as refeições porque sua mãe insistia que sempre fosse no mesmo horário, com toda a família reunida. Quando Gustavo estava em casa, ele se sentava com elas, fazia a mãe rir da tensão instaurada e sempre tinha algo interessante e divertido para dizer. Desde que se mudara, Andrea tentava ao máximo fugir daquela situação, mas dificilmente conseguia. Ele ainda voltara para casa, levando mais um sopro de tranquilidade e, então, a viagem.

E lá estava Andrea, mexendo em sua comida, claramente entediada enquanto a mãe contava mais uma fofoca da alta sociedade de Belo Horizonte, a qual ela não se importava.

Preferia comer na cozinha com as empregadas. Eram todas muito mais simpáticas e tinham histórias bem mais interessantes e divertidas. Ou melhor: elas podiam se juntar à mesa de jantar com elas. Elena claramente se recusaria e se retiraria. Seria divertido se Andrea não soubesse que todas estariam demitidas no dia seguinte caso ela fizesse isso.

— E a Lismara estava com um amante, você soube? — Elena ria, era claramente sua única diversão desde que se aposentara. — O marido quis pedir o divórcio, mas a fortuna é dela e ele assinou um acordo, então está fazendo o corno manso.

Nem se Andrea quisesse ela conseguiria prestar a atenção ou se importar. Sua cabeça estava em Gustavo que tinha uma semana que não dava notícias. Pensou até em pedir o telefone da tal da Morena para Ana e tentar entrar em contato, mas não sabia exatamente se era uma boa ideia. Se eles tivessem se resolvido, ela ligava e atrapalhava? Mas estava morrendo de preocupação.

— Sabe quem eu vi hoje? — Elena continuava falar, sem nem ligar para a falta de atenção da filha. — A mãe da Natália. Ela falou que ela está se dando super bem lá! E que está prestes a voltar para o Brasil...

Andrea sabia de todas as intenções da mãe. Amarrar Gustavo com uma mulher inteligente e de berço, Natália era a terceira geração de ricos da família e já era aceita dentre os demais. Era melhor do que deixar Gustavo solto para se amarrar com qualquer pé de saia que encontrasse na rua.

Péssima hora, mãe. Andrea tinha certeza que se o filho tivesse grudado com a parceira, seria difícil demais desamarrar. Com o fogo reprimido que aqueles dois tinham um pelo outro...

Mas uma ideia nova acendeu na mente de Andrea e ela resolveu

participar da conversa para ver se tinha entendido certo e se havia aquela pequena possibilidade. E que Deus permitisse que ela, em sua curiosidade e superproteção, não atrapalhasse os planos do filho.

— Onde que tá morando mesmo, hein mãe? — Perguntou.

Elena levantou a cabeça para olhar a filha, estranhando o comportamento da mesma em finalmente participar da conversa. Mas, para dar um tom de drama, tomou uma longa golada de vinho, estendendo o tempo educado de que poderia ter para responder.

— Estados Unidos — respondeu. — Lembra? Está estudando na melhor faculdade de lá!

Claro que Andrea lembrava, só tinha lhe fugido a memória por alguns momentos. Isso lhe acontecia com frequência e ela tinha medo de ser devido sua condição psicológica ou dos remédios, por isso guardava para si.

— Poxa, Gustavo e Natália podiam aproveitar essa semana no Caribe para se ver — Elena soltou.

Fechou os olhos com força e apertou os lábios, arrependida. Podia correr o risco de machucar o coraçãozinho do seu filhote, mas Natália era garantia de notícias, ela e Elena se davam bem e se eles se encontrasse, Andrea saberia. Queria que tivesse outra maneira, contato com o barco ou com qualquer outra pessoa, mas sete dias sem notícias de Gustavo? Mesmo que ele estivesse imerso em um romance de verão, deveria dar notícias para a sua mãe! E já que não estava dando, merecia um castigo e que ele fosse em formato de ex-namorada.

— Mas não é que essa é uma ótima ideia, minha filha? Vou falar com a Marcela para ver se ela consegue me colocar em contato com a Natália! — Elena ficou automaticamente animada.

Andrea estava um pouco arrependida, mas não podia definir tudo em suposições. Como Gustavo era distraído, a maior probabilidade era que seu celular tivesse se afogado no mar e ele estivesse sem contato. Só não entedia porque não ligava do navio ou dos celulares dos colegas. Era bem improvável que o sumiço dele tivesse algo a ver com Morena, mesmo que os dois estivessem na piscina juntos; duvidava que passassem mais de dez minutos sem brigar. E era realmente uma oportunidade de juntar ele com Natália. Os dois eram um casal adorável, se davam hiper bem e Andrea gostava da menina, o que lhes pouparia muito sofrimento, com certeza.

— Mãe, só não fica empurrando os dois um pro outro, tá? — Andrea lembrou, entre uma garfada e outra. — Deixa os dois se arrumarem sozinhos. Eles já se gostam, já tem uma história, só diz que Gustavo está indo para o

Caribe e deixa no ar. Se ela quiser e puder vê-lo, ela não vai perder a oportunidade.

Não sabia por que estava dizendo isso, Elena nunca ouviria suas palavras.

— Bisnetos — Foi o que a mais velha disse. — Estou trabalhando em prol dos meus bisnetos. Gostaria muito de conhecê-los antes de partir, já que você me fez o favor de ser mãe cedo. Já está na hora de Gustavo ter sua prole.

Andrea revirou os olhos, cansada daquele papo da mãe, sempre a criticando por ter engravidado cedo, sempre enchendo ela de defeitos, e Gustavo também. Ninguém era bom o suficiente para Elena, exceto, é claro, Natália.

— Você não tem jeito, mãe — Andrea suspirou, terminando de comer e se arrependendo muito de ter envolvido Natália em toda a situação. — Gustavo ainda vai se afastar da gente por causa dessa sua mania de se meter em tudo.

Virou-se antes que pudesse escutar as palavras iradas de sua mãe. Se trancou no quarto, tentando segurar o choro. Andrea se sentia sozinha e tudo o que ela pedia era que, quando Gustavo fosse (não havia “se”, ele era independente demais para aceitar Elena para sempre, como ela fazia), ele ainda a quisesse.



O céu já estava plenamente azul sem nuvens e o sol para lá de dourado quando Morena se deu satisfeita com a sua colheita e desceu da goiabeira para rumar seu caminho desnivelado até a praia. Só então percebeu que havia uma leve descida entre a jabuticabeira e as goiabeiras, significando que não reparara na subida de manhã. Atrás de si, um pequena série de morros de formava no centro da ilha e só de pensar no que poderia se esconder por ali, ela estremecia. Não tanto quando pensar em Gustavo, mas ainda assim estremecia-se bastante.

O caminho para a praia foi tranquilo e rápido. Tinha alguns dias que não chovia, a terra estava seca e firme e seus potes de água estavam diminuindo, o que deveria obrigá-la a fazer uma nova caminhada até o riacho mais tarde para encher o que pudessem de água. Talvez precisasse de Gustavo para ajudá-la a carregar...

Como ela conseguiria controlar seu desejo se dependia da ajuda de Gustavo com frequência? Não sabia.

Caminhando e se apoiando nas árvores para que não escorregasse, sua cesta acabou por soltar a alça e ela amaldiçoou-se a si mesma por não conseguir fazer um produto bem feito. Catou as maçãs com cuidado e finalmente alcançou a praia, segurando a cestas pelas bordas e não mais pela alça arrebitada. Passou direto para a cabana, imaginando que o ambiente protegido seria melhor para guardar as frutas. Estava construindo uma mesa, mas na falta dela, colocou por cima do bote.

Gustavo não estava lá e, por isso, ela era grata. Esperava que ele estivesse fazendo o que normalmente fazia ao acordar: recolhia gravetos, galhos e folhas para que continuassem construindo suas coisas, enquanto ela ainda dormia porque costumava demorar mais para relaxar e acabava adormecida pelas primeiras horas da manhã.

Olhou para a cesta onde estavam guardando os pedaços de peixes e reparou que não tinha quase nada para comerem no almoço. Pensou que talvez fosse uma boa ideia, além de distrativo, tentar pescar algumas coisinhas para acompanhar as maravilhosas goiabas que conseguira capturar aquela manhã. Então, sem nenhum sinal do homem que povoava sua mente, Morena pegou a lança abandonada ao lado da porta do abrigo que construíram e marchou em direção ao mar.

Já Gustavo tinha acordado apenas alguns momentos após a derradeira fuga da mulher para a mata, com a intenção, de acordo com ele, de evitá-lo. De alguma forma, a ausência dela em sua cama improvisada o fez acordar

com um vazio no peito e uma sensação cheia no ventre, que precisava urgentemente de liberação.

Oras, ele não devia se envergonhar em dizer, ou pensar, que já havia se masturbado pensando em Morena algumas vezes em sua vida — mais, aliás, do que conseguiria contar. Era uma bela espécie de mulher, linda e provocante, forte e decidida, sempre cheia de ideias e opiniões contraditórias e uma cabeça dura que ele nunca conseguia lidar muito bem. Ela lhe tirava do sério em todos os âmbitos e espaços da sua vida e já tinha lhe causado mais problemas do que ela teria ideia. Afinal, uma ou duas vezes seu nome lhe escapara da boca enquanto estivera com outra mulher — e nunca era muito agradável.

Aquela manhã ensolarada, porém, ele tinha muitos mais motivos para gemer seu nome do que tivera em qualquer outro momento em sua vida. A esperança do beijo quase concretizado no dia anterior tinha lhe enlouquecido a mente, pirado seus sentidos e povoado seus sonhos em meladas cenas eróticas que lhe fizeram acordar de pau duro e, dessa vez, ele tinha certeza que nada tinha a ver com a vontade de fazer xixi que lhe acometia em todas as manhãs.

Levantou-se sem muita vontade, olhando para os lados a procura da mulher, pois seria melhor que ela não lhe visse naquele momento porque poderia render uma discussão sem fim ao qual ele não teria cabeça para encontrar argumentos. Aliás, cabeça ele até teria, só que dificilmente seria a certa e, por isso, a mulher teria uma vantagem absurda a vencer naquele momento de fraqueza masculina.

Se algum homem já tivesse conseguido alguma vantagem em uma discussão com o pau duro, que fosse declarado rei de sua espécie, porque com certeza demonstrava superioridade entre os outros de sua espécie.

A mulher também não se encontrava na praia, então soltou um suspiro aliviado e marchou em direção à água do mar. De costas para a areia e com as ondas quebrando em suas pernas na altura das coxas, desceu os shorts e sua ereção pulou, pronta, com o nome de Morena tatuado em cada canto da sua mente. Suspirou, envolvendo a cabeça de seu mastro e arrastando a pele sobre ela com a velocidade que gostava, querendo aliviar-se rapidamente.

As imagens em sua mente não estavam muito criativas. A realidade tinha sido agradável, na noite anterior, ele só começou a pensar em um desfecho um pouco diferente.

Fechou os olhos, um suspiro pesado escapando de seus lábios entreabertos. Morena e ele dançando lentamente, os risos despreocupados e os olhares cheios de luxúria acumulada. Os sussurros e promessas ditas sem

dizer. O beijo... Ali, em sua mente, ele acontecia... E continuava com seus lábios descendo para o pescoço esbelto da mulher, que jogava a cabeça para trás, completamente entregue.

A parte de cima do seu biquíni, sempre tão pequena, mas sem jamais sair de seu lugar para um pequeno vislumbre sequer, se desmanchava sob seus dedos, caindo aos pés entre os dois, enquanto as mãos dele acariciavam-lhe os seios com vontade. Logo, lá estava ela ajoelhada a frente de si... Lhe abaixava o short e pegava sua ereção com suas mãos delicadas e hábeis, apertando da forma certa entre o prazer e a dor e lhe olhava, levantando o rosto para que ele lhe visse com o sorriso safado nos lábios e os olhos brilhando de eterna luxúria acumulada.

Sua imaginação foi até o momento em que a mulher, em sua mente, abria a boca para envolver a cabeça de seu pênis com os lábios, pois seu corpo convulsionou de vontades e expeliu o líquido quente de seu gozo, espalhando-se pela água do mar da mesma forma que ele queria espalhar no corpo dela. Sentiu-se cansado como se tivesse corrido uma maratona, com o coração acelerado estourando em seus ouvidos e bombeando o sangue rapidamente em seu corpo, além de estar levemente suado, não sabia se pela masturbação ou pelo calor do Sol em sua face.

Espalhou seu gozo pela água, dissipando-o até que ele não pudesse mais ser visto e caminhou mais um pouco a fundo nas águas, mergulhando no mar gelado para se acalmar, guardando suas partes de volta à proteção dos shorts, esfregando a cabeça (a de cima, ok?) com raiva como se aquilo fosse arrancar a negra de seus pensamentos o suficiente para clareá-los. Ele precisava ter a cabeça em seu lugar, precisava ver como poderia fazer a sobrevivência dos dois funcionar, porque a mulher, embora muito inteligente, não tinha nenhuma experiência fora do conforto da cidade. E embora ele também não tivesse tanta, os escoteiros e as vezes que acampara com os amigos estavam sendo de grande ajuda.

Mas o que ele podia fazer quando ela ficava andando por aí toda pernas e peles? Bagunçava-lhe a mente o tempo todo e não conseguia pensar direito. Estava sem saber mais o que fazer. Ao menos já tinham arrumado comida, abrigo e fogo... Dali para frente, só precisavam se manter em movimento.

Com Morena um pouco fora de seu sistema e com a água gelada do mar para controlar os espasmos de seu corpo e a vontade de tê-la, conseguiu organizar-se um pouco e pensar em que tarefas deveria fazer pelo dia. Iria pescar, como estava fazendo quase todos os dias, mas não agora. Iria melhorar o telhado da casa, pegar mais madeiras para o projeto da mulher e talvez começar a arquitetar um novo cômodo. Ou pensar em como poderiam

montar um segundo andar com segurança. Ou um abrigo nas árvores, uma torre ou qualquer coisa que chamasse atenção à distância. Não sabia muito bem.

Agora, no momento, ele estava apenas com sede. Sua pequena aventura sexual imaginária tinha deixado a boca seca e o pouco de salgado do mar que engoliu sem querer só tinha piorado sua situação. Então, marchou de volta à areia e caminhou até a caixa onde guardavam a água. Ela guardava um pouco mais de quatro litros, supunha ele, e estava quase no final, não daria nem para metade do dia. Com um suspiro, virou toda a borda da caixa em sua boca, engolindo a água quente em grandes goladas até terminar o restinho que ali continha.

Tinha sua primeira tarefa do dia, então, porque água era suprimento de primeira necessidade. Pensou se não encontraria Morena banhando-se nas águas doces do córrego para tirar o sal e a areia que estavam sempre cheios...

A ideia era ótima, mas ao sentir o comichão que estava se tornando costumeiro em seu ventre, ele desejou que não. O sofrimento estava ficando cada vez pior para o moreno e ele podia fazer bom uso de alguns minutos longe da figura erótica da mulher em seus olhos.

Da sua mente, porém, ele não prometia nada.



Gustavo carregava a caixa de água com todo o cuidado para não perder nada. Estava fresca e gelada e ele estivera se esbaldando no riacho antes de finalmente encher a caixa e voltar a praia.

Caminhava bem mais lentamente que o normal. Como tinha uma leve tendência ao desastre, achava que todo cuidado era pouco. As pedras e a transição das pedras escorregadias entre os pedaços de terra e a areia fofa sempre acabava em tropeção nele, porém ele tentou manter-se firme.

Esperava ter encontrado Morena na mata, visto que ela não estava em nenhum lugar da praia, mas agora que voltava ao mar de azul e dourado, sem nenhum sinal da mulher, começava a se preocupar totalmente.

Caminhou até a barraca aberta com cuidado para não escorregar na leve descida da mata até o mar e depositou a caixa na areia com cuidado, sem ter visto Morena em nenhum canto. Imaginou que ela tinha esperado ele sair para voltar para o bote e tentar dormir, porque se ele tivera dificuldade em descansar, imaginava a mulher.

Ainda tinha a mente pensando no quase-beijo que compartilharam na noite anterior. Eles dançaram com os corpos colados, ao som de uma música romântica cantarolada por ele e quase se beijaram. Quase. Quase. Foi por tão pouco, por tão pouco... Gustavo estremecia de pensar apenas na possibilidade daquilo acontecer.

Tinha aquela imagem mental da mulher e ele em suas fantasias desde que se conheceram, há uns dez anos. Não que ele fosse admitir em qualquer momento, mas foram muitas vezes em que seu olhar se perdeu em paredes brancas e se transformou em um filme com cunho erótico ao qual ele estrelava ao lado da negra.

Quando foi se sentar à sombra da barraca, seu olhar se prendeu no horizonte e finalmente deparou-se com a mulher, com água na cintura e a lança na mão, atacando a água na sua frente com uma sequência infinita de furadas.

Ele queria tentar evitar rir, mas era impossível. Morena era sempre tão impaciente, tão nervosa e ansiosa. Daquela maneira, ela jamais conseguiria pegar um peixe, mas era engraçado a forma com que ela continuava a tentar, como se esperasse vencer os peixes pelo cansaço e acabaria espantando todos, se continuasse assim.

Tomou uma lufada de ar e voltou a se levantar em um pulo, não evitando o estremecimento de ansiedade ao se aproximar da mulher após os

acontecimentos do dia anterior. Ainda sentia a eletricidade desesperada dos seus corpos durante a dança e depois, no bote, quando apenas a consciência do corpo dela ao seu lado o fez enlouquecer.

Aproximou-se de Morena, atravessando as ondas e invadindo o mar até alcançá-la e segurar sua mão antes que ela voltasse a investir no nada — porque não havia mais nenhum peixe ali. Pensou, então, que ela não estava mais tentando pescar, estava apenas atacando a água com raiva porque não conseguia. As vezes ela fazia coisas assim, explodia de raiva por motivo algum e só perpetuava o problema.

— Calma — sussurrou.

Não tinha a intenção de falhar a voz, mas a proximidade e o toque acabou deixando inevitável que sua garganta se fechasse e acabasse falhando.

Morena virou-se para ele com os olhos arregalados e a respiração acelerada e ela já não sabia mais se era pelo esforço de tentar pescar ou se era porque Gustavo estava ali, segurando seu pulso, com o corpo bem perto do dela, a voz maravilhosa rouca ainda soando harmoniosa em seus ouvidos enquanto ele a guiava em uma dança lenta e envolvente.

Houve uma época em que Morena se irritava só de ouvir a voz de Gustavo e ela agora sentia falta desse momento, porque ao ouvir a voz de Gustavo, nesse momento, nessa altura do campeonato, tinha uma chance bem maior de *se molhar* que se irritar. E ela não sabia lidar e controlar sua libido melhor que seu gênio.

— Bom dia — ele murmurou, ao olhar nervoso dela.

Queria quebrar aquela estranheza que lhes acometia desde a noite anterior, mas Morena sempre fora difícil de se quebrar, mas seu olhar abaixou-se por um momento e ela tomou fôlego, contendo seus pensamentos embaralhados e seu coração acelerado.

— Bom dia — respondeu, engolindo a seco em seguida por não reconhecer seu tom de voz.

Gustavo encarou a mulher, percebendo que ela estava bastante diferente do normal e admirou seu lado mais sensível e desprotegido. Queria abraçá-la bem naquele momento e lhe dizer que tudo ficaria bem, que tudo daria certo. Quase se sentiu mal por ter mexido tanto com ela ao ponto dela ficar daquele jeito, confusa e contraída, mas, na verdade, ele queria e desejava ainda mais.

Estava apaixonado, então? Tinha evoluído toda a raiva, implicância e tensão para algo mais intenso e puro, ao ponto de querer proteger a mulher dele

mesmo e de suas próprias intenções e toda a confusão que vinha com isso?

Era uma possibilidade.

— Posso te ensinar, se você quiser — sorriu para ela, com os olhos verdes dela brilhando em sua direção, refletindo a luz clara do mar, que refletia o sol. — Ainda temos peixe, mas se você quiser aprender, eu posso te mostrar como que é.

— Quero — disse, apenas.

Gustavo concordou com a cabeça. Não que ele fosse apto a ensinar alguém a pescar, ele próprio tinha dificuldades, mas começava a melhorar suas habilidades e talvez ter a ajuda da mulher fosse bom — não que ele achasse que ela seria muito bem sucedida na tarefa, não com sua falta de paciência. Olhou ao redor, nas águas que lhe cercavam e se havia qualquer peixe ali, anteriormente, tinha se afastado com o surto de raiva da mulher, mas identificou um pequeno cardume curioso nadando há poucos passos de distância e soltou a mão do pulso de Morena e procurando sua mão livre, enlaçando seus dedos.

Morena queria dizer algo sobre isso, mas não o faria depois de Gustavo pedir silêncio com um dedo sobre os lábios e arrastando-a lentamente em direção ao pequeno cardume. Não chegaram exageradamente próximos deles, a aproximação final foi feita pelos próprios peixes, ao que Morena arregalou os olhos sob o sorriso de Gustavo, que balançava a cabeça afirmativamente, indicando que eles faziam isso com uma certa frequência.

— Agora você tem que ser rápida — sussurrou.

Ele tinha que parar de sussurrar, Morena achava. Mexia com seu cérebro e bagunçava seus sentidos. Tanto que ela acabou por não compreender o que ele estava dizendo com a rapidez que ele esperava que ela o fizesse — porque sempre o fazia.

Imaginando que ela não tinha compreendido e sem poder perder a chance, Gustavo se posicionou atrás da negra, novamente pegando seu pulso que tinha a lança com sua mão, para mostrar a ela o que fazer. Morena tomou um leve susto e deu um passo a frente, afastando seus corpos, fazendo Gustavo suspirar de frustração. Porém, com a mão ainda em seu pulso, fez o movimento que ela deveria fazer.

— Assim — disse, repetindo o gesto, agora não mais segurando seu pulso. — Rápido e na mira.

Morena concordou com a cabeça, virando o olhar para os peixes que nadavam tranquilos próximos a sua perna. Ainda sentia o olhar do homem

atrás de si, atrapalhando um pouco sua concentração, mas mesmo assim avançou contra o nada e, em seguida, contra um dos peixes em fuga de seu movimento brusco, cravando a lança nele sem dó.

Coisas que a gente faz quando tem fome e precisa comer.

— Ah! — Exclamou, tirando a lança da água e vendo sua pesca concluída depois de vários minutos tentando, apenas com uma explicação simples de Gustavo.

Virou-se para ele, exibindo sua vitória com um sorriso no rosto e sem conseguir se conter, em risadas alegres, passou os braços pelo pescoço do homem, pulando em comemoração.

Quando perguntassem, nenhum dos dois saberia dizer como aconteceu ou quem foi o primeiro a tomar a iniciativa. Ela juraria de pé junto que estivera apenas pulando de comemoração e ele te convenceria com todas as forças que estava tranquilo até que a mulher o atacou, mas em algum momento da comemoração de Morena, sua lança escorregou com a pesca de volta à água por seus dedos distraídos pelo beijo que se iniciou.

Não começou com um selinho, se vocês querem saber. Não havia tempo para um leve encostar de lábios, não da maneira com que aquele desenlace demorou-se demais para acontecer. Foram bocas abertas que trombaram, dentes que morderam, línguas que colidiram, lábios que grelaram.

Não houve pensamentos demais ou ações de menos, como aqueles dois estavam acostumados. Não há pensamentos sensatos na paixão, é a verdade, só há ações, instinto, desejo, luxúria... E, naquele momento, era nisso em que estavam presos.

Morena, com as mãos livres, entranhou os dedos pelo cabelo sempre bagunçado de Gustavo, com a textura diferente de estar ainda bastante molhado pelas águas do riacho, embora não soubesse desse fato. Enfiou os dedos por entre os cachos com pouca formatura, puxando-os, enquanto seu corpo se empurrava para frente e para o alto, desejando mais, desejando tudo, e suas pernas falhavam ao ter a intensidade correspondida com toda a glória pelo homem, que mantinha as mãos em sua cintura de forma comportada, mantendo-a firme em seus braços e investindo ao ponto de Morena, mesmo se empurrando sempre para frente, acabar curvada para trás e sustentada pelos braços fortes e as malditas mãos grandes de Gustavo.

O beijo foi tão enérgico que durou sob o sol quente e sobre as águas do mar até que ambos tivessem que parar porque seus pulmões não aguentavam mais a privação de ar pela intensidade do contato. Afastaram-se por um momento, respirando com força e percebendo os estragos feitos.

Foi só então que Morena se deu conta do que tinha acabado de acontecer.

Soltou uma exclamação chocada e sonora e deu um pulo para trás, os olhos arregalados e a mão sobre a boca, enquanto Gustavo ainda tentava entender que porra era aquela que parecia estar revirando o estômago ele com toda a vontade. Teria ele comido peixe estragado?

Antes que percebesse que Morena tinha se virado e corria através das águas para o mais longe que pudesse dele, ela já tinha se ido. Admirou-a ao longe, coçando a cabeça onde seus dedos puxaram os fios até quase arrebenhá-los e se pôs a procurar a lança caída no mar, pensando em que diabos ele poderia fazer agora.

Capítulo 11

Eles tinham se beijado.

Beijado.

De língua, de arranhados e puxões de cabelo.

De entortar o corpo, arfar e implorar por mais.

De molhar a calcinha, de endurecer sob a bermuda e não ter mais ar para respirar.

Se beijado.

Por minutos, ou seriam horas? Ou segundos? Parecia ter durado uma eternidade, ao mesmo tempo em que parecia ter evaporado de suas mãos rapidamente.

Muita coisa parecia ter mudado e, ao mesmo tempo... Nada mudou.

Nada mudou.

Mas se beijaram.

Tudo mudou.

Morena correu de volta para dentro da mata e se apoiou em uma das árvores ainda na borda da praia, em um lugar que imaginou que Gustavo não a veria, com a respiração falha e o coração acelerado, batendo com força no peito de uma forma completamente exagerada pelo tamanho da corrida que havia feito.

Não era a corrida, pensou ela. Era ele.

Por todos os infernos, ele beijava bem. Se encaixaram da maneira mais perfeita que ela jamais a vira se encaixar. Era voraz com a língua e com os dentes e ao tentar recuperar a respiração, arrepiou-se os pelos de seu corpo ao pensar nos músculos do homem se ondulando ao corpo dela, como se todo o universo dele girasse... ao redor dela.

Céus... Ela ainda sentia as pernas bambas.

Fora só um beijo.

Quantos anos ela tinha? *Doze?*

Mas se havia ficado de pernas bambas com apenas um beijo,

imaginav...

Não! Sacudiu a cabeça com força. Pensar em Gustavo nu, bombeando no vão entre suas pernas certamente não lhe faria nenhum bem naquele momento.

Droga... Tarde demais.

Escorregou para o chão, batendo com a bunda com força contra a areia, com certeza havia uma pedra por baixo e acabou murmurando um resmungo de dor, esfregando a nádega por cima do short de lycra vermelho.

Sua mente lhe deu um flash dela de nua de quatro com Gustavo lhe estapeando a bunda.

Puxa vida.

Respirou fundo. Tentava manter a calma, tentava diminuir os gritos dos seus hormônios que a ordenavam voltar para a água do mar naquele momento e envolver a cintura do homem com suas pernas e lhe permitir que ele fizesse o que quisesse — ela não iria se opor em nenhum momento, contanto que lhe desse todos os orgasmos que, agora, ela sabia que seria capaz. Seu corpo parecia simplesmente responder ao do homem de uma forma surreal ao qual ela não estava acostumada. E ela tinha que confessar que não eram muitos caras que tinham controle total de seu corpo. Na verdade, a maioria deles nem ao menos a faziam ter um orgasmo razoavelmente decente. Mulheres tinham mais sucesso nessa parte e, apesar de sentir tesão por ambos, ela tinha uma pequena preferência por homens — principalmente nos últimos anos -, por gostar de mãos grandes e braços fortes. E o número de orgasmos bem sucedidos dela, ela tinha que confessar, vinha diminuindo também.

Mas Gustavo apenas tinha lhe enfiado a língua na boca e segurado sua cintura sem nenhuma aventura de suas mãos para cima ou para baixo, de forma até um pouco casta demais para o tipo de beijo que haviam compartilhado, e sua calcinha estava encharcada como se ele lhe houvesse pirraçado o grelo por longos minutos, lhe torturando para que estivesse lubrificada o suficiente para recebê-lo.

E, bom... Prendeu a respiração por um momento e soltou todo o ar com força, arregalando os olhos naquela sombra de árvore escondida. Tinha sentido-o... Lá embaixo. Endurecendo e lhe pressionando contra o ventre, não porque queria que ela o sentisse, mas apenas para ter menos espaço entre eles. Ela achava que ele nem tinha tomado a exata consciência do que acontecia, não imaginava como o teria se estava concentrado no beijo que tiveram e tinha sido um dos melhores de toda a sua vida — ela ao menos só

tomou consciência de sua molhadês ao sair do mar com as pernas bambas para correr até a mata.

Ele era grande.

Não sabia se tinha crescido até o seu máximo, mas podia dizer que tinha um bocado a mais que vinte centímetros, com certeza. E parecia ser... Engoliu a seco, fechando os olhos e o coração palpitando desesperado no peito, indeciso entre a excitação e a frustração. Grosso também.

O que ela podia esperar? As mãos dele diziam algo assim. Eram grandes e brutas, com dedos grossos em estrutura forte, embora houvesse destreza em tudo que tocava — quando não destruía com sua falta de atenção. Com um arrepio, pensou em como seria ter seus dedos enfiados em sua carne, tateando seu interior e lhe guiando ao prazer.

Com uma arfada de surpresa, pensou em como seria ter seu membro dentro de si e a sua língua enfiada em sua boca.

Céus.

O que havia de errado com ela?

Duas semanas atrás, ela estava disposta a deixar Gustavo desacordado com uma vassoura, se lhe dessem a oportunidade, e agora ela pensava em ficar desacordada de tanto gozar nas mãos dele.

O mundo dava voltas, não é mesmo?

Arriscou escorregar o corpo para o lado e olhar por cima do ombro, procurando ver o homem onde o havia deixado. Estava lá, um pouco mais ao fundo, com apenas os olhos para cima do nível do mar, olhando bem na direção de onde ela fora e, com uma expressão assustada, voltou ao seu lugar, com medo que ele lhe tivesse visto procurando-o com o olhar.

Patética.

Ela estava completamente patética.

Diabos.

Não sabia quanto mais de tempo teria que ficar ali na ilha, dividindo espaço com ele, dividindo suas chances de sobrevivência com ele, dividindo a casa e a cama (na verdade, casebre e bote) com aquele homem maravilhosamente gostoso, mas tomou consciência, horrorizada, de que se o resgate não aparecesse exatamente naquele momento, era apenas uma questão de tempo até que as consequências de seu envolvimento — e do dele... Por céus, o dele. E que envolvimento ele tinha! — a levasse para os fins de ato, além do que ela poderia se parar e colocar um pouco de juízo na cabeça.

Desejou ter juízo nenhum.

Mas Morena sempre pensara demais... Ainda na infância, em seu ginásio, preferia estudar a passar horas batendo papo com seus amiguinhos. Preferia se preparar para o seu futuro que agarrar os prazeres do presente e logo ser tarde demais para que ela se saísse bem. Sempre adiantava seus trabalhos de casa, marcou na agenda o dia em que perderia a virgindade e todas as outras coisas importantes. Ela gostava de planos, embora sua mente impulsiva, as vezes, explodia-os pelos ares e fazia o que bem entendesse — como abandonar sua festa de formatura do ensino médio para viajar ao litoral e acabar em uma festa completamente louca, junto com uma amiga igualmente louca ao qual ela quase não lembrava seu nome.

Seus ataques de impulsividade dificilmente atrapalhavam seu futuro ou seus planos, mas Gustavo... Gustavo iria bagunçar tudo. Ele sempre bagunçava tudo, de qualquer forma. Parecia um gigante Godzilla, pisando em todas as pequenas casas construídas com esmero e cuidado, causando destruição e caos por onde colocava as mãos.

Dentro dela, né?

Não. Nada de Gustavo dentro dela.

O beijo já mudava tudo.

Ela esperava que eles saíssem dali um dia e voltassem para a vida normal que tinham, porém... Se saíssem logo, com seus nomes em alta e ainda com o destaque que com certeza lhe dariam em noticiários sobre suas experiências de sobrevivência, teriam uma pilha de projetos para trabalhar e ela não era estúpida: pediriam pelos dois juntos, sem concessões. Talvez acabassem sendo exigidos juntos pela próxima década — ou pelo resto de suas vidas. Ela tinha esperanças se seu pedido de transferência para São Paulo fosse, finalmente, aceito, mas depois de conhecer Antônio... Ela não tinha certeza se queria. Nem sequer saberia se a Under Constrution pensaria em cogitar afastá-la de Gustavo, não quando eles estavam faturando tantos louros juntos.

Time que se ganha não se mexe.

E tinham dois problemas nisso tudo, se ela permanecesse em BH e com Gustavo em sua cola. O primeiro, era o problema atual: como ela conseguiria se concentrar em todas as reuniões e discussões, bater pé e fazer suas exigências quando sua mente continuaria (e ela não tinha nenhuma dúvida quanto a isso) a retornar àquele beijo, sempre se perguntando e imaginando o que poderia ter acontecido e quão gostoso seria. Eles levariam isso à indiferença? A indiferença lhe machucaria? Fingir que aquilo não

aconteceu seria, realmente, a solução? Ela achava que era a melhor escolha.

O segundo problema tinha uma gama de ramificações que lhe revirava a barriga. Se não conseguissem parar tudo aquilo... Logo, sua impulsividade e o desejo os levariam à horas de sexo desesperado e desprotegido, sexo molhado, duro e pesado porque só assim para curar as revoltas interiores que ela sentia. E aí? E quando (não queria pensar “se”) saíssem dali? Quando a magia de serem os únicos e obrigados a se dar bem acabasse e eles voltassem a discutir de forma acirrada e violenta e seu casinho de verão simplesmente virasse piada passada, como se não acreditassem que aquilo realmente tinha acontecido? Iria doer? Iria dificultar ainda mais a convivência dos dois e a conclusão de seus projetos com a qualidade pedida?

E se, por ironia do destino, eles resolvessem *tentar ficar juntos*? Se saíssem dali de mãos dadas para um mundo que...

Riu.

Não ia acontecer.

Sacudiu a cabeça, tentando fazer com que seus pensamentos voltassem ao lugar e se afastassem de Gustavo.

Ela e ele juntos.

Riu novamente.



Estava há uns quatro ou cinco dias naquele diabo de barco horroroso, fétido e com pouco espaço para descanso e ela queria se jogar no mar e virar uma sereia.

Não conseguia se acostumar com nada daquilo.

Madu estava sempre envolta de confortos e coisas requintadas e, pra falar a verdade, sempre ganhava tudo na mão. Ali, tinha que requeantar a comida em um fogão improvisado na parte interna do barco, de quentinhas que Lucas e ela compravam nas paradas ao litoral e estocavam em um isopor com gelo e encarar a madeira velha remendada com cuidado, mas não sem perigo, o que poderia com certeza resultar na morte terrível e horrorosa dela.

Ela preferia uma morte mais glamorosa do que afogada dentro de um barco velho e caindo aos pedaços.

E os enjoos?

Céus.

No segundo dia, implorou que Lucas parasse em algum lugar porque não conseguia mais aguentar e aquela sensação não parava por nenhum segundo.

— Um médico, por favor — dramatizou, jogando-se ao chão do deck e arrancando risadas do negro atento às suas travessuras.

Lucas era até legal e agradável. Eram diferentes, de realidades diferentes, mas de alguma forma estavam tentando se dar bem. Ele tentava ser simpático o tempo todo com ela, embora ela percebesse olhares estranhos à algumas perguntas ou coisas que ela dizia como “*onde estava a adega?*” ou “*seu barco não tem wifi?*”. Ela também não entendia como ele conseguia dormir em um colchão tão duro e nem como ele esperava que ela fizesse o mesmo, mas não falava nada. Apenas amaldiçoava Felipe mentalmente por tê-la mandado para aquela missão maldita sem internet.

Assim que seu celular pegasse sinal, o primo do dono do barco receberia uma enxurrada de reclamações que estava pronta para ser enviada em seu whatsapp silencioso.

— Você não estava em um barco, Maria? — Perguntou-lhe com uma risada provocativa. — Um que era com seu nome ou algo assim?

Madu detestava a mania que Lucas tinha de chamá-la sempre pelo primeiro nome. Nunca Eduarda, nunca Madu, nunca sequer Maria Eduarda, sempre Maria. E ela sempre entortava a cara para tal feito, mas Lucas não

reparava ou não se importava com o que ela pensava sobre a forma que ele lhe chamava.

Daquela vez, porém, ela entortou a cara foi pelo deboche claro na voz sempre educada do negro — e, ok, ela tinha se gabado só um pouco de como o barco dela era imponente e tinham instalações que não mofavam e também existiam chuveiros com água quente, wifi e energia elétrica.

— O barco não tem meu nome... Ele se chama Donzela Indomável — corrigiu-o, porém, de cara feia.

Estava sentada no chão de madeira velha logo a frente do homem, em seu timão, que olhava o mar à sua frente. Ele sorria a tudo que ela dizia e não importava se o fazia de mau jeito ou com pouca propensão para a educação, estava sempre sorrindo para ela.

— É a mesma coisa, Maria — riu-se ele. — Tem seu nome, então — concluiu. Ela revirou os olhos, mas estava sorrindo de volta a ele com o quase elogio que ele lhe proferia. Dentro de si, parecia ter um leão rugindo e dizendo que, sim, ela era bem indomável e que era muito orgulhosa disso, obrigada. — Mas estava em um barco, garota. Há algum tempo já... Como pode estar enjoada?

Entortou a face mais uma vez porque até havia lógica nas coisas que ele dizia e, para falar a verdade, Madu gostava de se gabar que não enjoava nas longas viagens que sempre fizera a bordo dos transatlânticos dos pais. Estivera sempre firme, sempre com sua comida bem segura em seu estômago, mas já tinha lhe escapulido uma vez no dia anterior, seu primeiro dia ali, enquanto Felipe estava na área interna do barco, ao que ele não viu o estrago que havia feito.

— A gente não pode parar um pouco? — Pediu, em um choramingo.

Fez-o, sem pestanejar como se o pedido dela fosse algo que ele não poderia recusar de forma alguma. Virou o barco de volta ao continente e pararam em uma pequena cidade, ele a convidou para jantar e compraram alguns remédios para que o enjoo dela passasse.

Naquela noite, Madu e apesar de Lucas sempre feder a peixe — e na realidade, ela achava que também começava a feder porque o odor estava entranhado na madeira do barco e era outra coisa que a fazia enjoar — e ser um pouco brucutu de modos e etiqueta, ela sentiu-se em um encontro. Ele, em sua simplicidade, ainda a tratava como uma princesa e tinha uma atenção doce, deixando que ela escolhesse o sabor da pizza que comeriam e lhe perguntando sobre que tipo de bebidas seria bom que ele experimentasse, já que não conhecia quase nenhuma.

Madu pagou a conta do jantar antes que ele pudesse ver. Ela disse que iria ao banheiro, mas foi até o gerente e insistiu em pagar antes de terminarem o jantar e tinha certeza que o tinha feito com uma margem grande para a sobremesa e tinham pagado a mais. Quando Lucas pediu a conta, e ela tinha lhe visto o pequeno desconforto ao lembrar-se do pagamento, o garçom disse que o jantar era cortesia porque o pai de Madu tinha dado o primeiro emprego da vida da mãe do dono do restaurante — tal como ela tinha instruído que fosse dito. Lucas mal podia acreditar na sua sorte e Madu sorriu contente que o tivesse feito. O orgulho do rapaz jamais permitiria que ela pagasse a conta, mas ele cuidava dela com atenção, então ela também cuidava dele.

Não tinha nada a ver com o fato de que estava gostando de um homem bruto do interior que mal sabia segurar garfo e faca ao mesmo tempo e fedia a peixe.

Não tinha nada a ver.

Ainda antes de voltarem ao barco para adormecerem e partirem de volta à busca de Morena e Gustavo, com paciência e sem brincar, ele lhe explicara que barcos pequenos tinham menos resistência às ondas e, por isso, balançavam mais, causando mais enjoos, mas que ela logo se acostumaria.

Madu não tinha acreditado que o faria, na realidade. Mas alguns dias se passaram desde o acontecido e com as dicas de Lucas e os remédios que haviam adquirido, seu forte enjoo tinha se transformado em um pequeno incômodo ao que ele insistia que logo desapareceria e ela estaria mais forte ao final da experiência.



Demorou um longo tempo até que Morena acalmasse o calor que explodia no meio de suas pernas e conseguisse manter suas pernas eretas o suficiente para caminhar sem que parecesse aquele boneco inflável que ficava se balançando em postos de gasolina para chamar a atenção dos motoristas (ou seja lá qual fosse a função de um boneco do posto). O Sol já estava no topo do céu quando ela marchou para fora da proteção das árvores, sentindo um cheiro delicioso de peixe tostado que lhe fez roncar a barriga, trocando o fogo de seu ardor de luxúria para a desesperada fome que poucas goiabas dificilmente teriam consertado.

Perguntou-se se quanto mais tempo passasse na ilha, mais selvagem ficaria. Se os instintos primitivos acabavam ficando mais ligados e a civilidade acabasse lhes escapando pelos dedos, causando mais urgências em sexo, fome, proteção, sobrevivência. E, se assim acontecesse, se ela conseguiria pensar menos que o normal.

Desejou que sim.

Depois desejou que não, pensando demais outra vez.

Seus passos em direção onde Gustavo estava sentado com as pernas cruzadas e os peixes não muito bem limpos enfiados em um graveto enquanto ele os aproximava do fogo foram, em sua maioria, discretos e incertos. Se tivesse qualquer escolha, ela tinha marchado para longe do homem e das coisas que ele lhe fazia sentir, mas eram só os dois ali, naquele momento, e ela dependia dele para manter a mente sã e o corpo a salvo. As chances de sobrevivência dos dois se multiplicavam juntos, então dependiam. E por isso, e só por isso, deixou-se caminhar com firmeza até o lado dele.

Mas quando seus olhos azuis se levantaram em sua direção e passaram sem nenhuma sutileza por seu corpo, avaliando-a em desejo cru, ela não tinha mais certeza de nada.

Aliás, qual era seu nome mesmo?

Os olhos dele pareciam mais claros à luz do dia. Ela já tinha reparado isso anteriormente, nos anos em que trabalhavam juntos e todas as vezes que eles se arriscavam a ir juntos à área de construção em um dia aberto de sol ardente. Ficavam azuis claros como o céu celeste. Quando chovia ou simplesmente estava mais cinzento e nublado, seu olhar mantinha um tom de azul bebê opaco e, às vezes, beirava o esverdeado. À noite, em todos os bares, confraternizações e eventos ou madrugadas de reunião a dentro em que compartilhavam, porém, seus olhos acabavam indo mais para um tom royal

maravilhoso. No terrível breu que a ilha se encontrava durante as noites, Morena encarava um por de olhos tom índigo quando desejava-lhe boa noite. Era como um camaleão que se adaptava. E ela adorava todos os tons e amaldiçoava-se por reparar e recordar todos eles.

Há quanto tempo ela o adorava sem nunca se permitir admitir?

Gustavo viu a mulher se aproximar pelo canto de olho, amaldiçoando-a com a mente por ser tão linda e graciosa. Tinha se masturbado mais uma maldita vez pensando em suas curvas e começava a se sentir um adolescente punheteiro de doze anos que não conseguia ver uma mulher de biquíni que logo explodia em suas calças. Duas vezes em um maldito dia. E ainda não conseguia tirá-la de seu sistema e pensar com total clareza.

Só foi quando ela estava em poucos passos dele que levantou os olhos para olhá-la, sem se conter, passeando seus olhos levemente cerrados pelas suas esbeltas curvas, embebendo-se de sua pele de tom de madeira envernizada, que com toda certeza era o seu tom favorito nos móveis que ela escolhia para decorar suas construções — mas que ela não descobrisse que ele tinha qualquer coisa favorita no trabalho dela.

Ela o olhava como se estivesse assustada e perdida, um olhar ainda mais temeroso do que o que lhe exibira aquela manhã, antes do beijo. Quase lhe fez se arrepender de tê-la beijado, mas jamais o faria — poderia se prender à memória de beijá-la apenas uma vez, se assim fosse. Porém, afastou-se olhar dela, não querendo provocar ainda mais seu desconforto.

— Cheira bem — ela tentou soar simpática, embora sua voz tremesse levemente.

Gustavo riu, mas não levantou o olhar para vê-la se sentar próximo ao fogo, porém à uma distância segura de sua figura, o que o fez engolir a seco, desconfortável.

— Eu não aguento mais comer peixe — confessou.

Era verdade. Gustavo adorava comidas, mas adorava comidas diferentes. Dificilmente comia a mesma coisa todos os dias e sentia falta de um bom torresmo ou de se empanturrar de doce de leite. Comer peixe todo dia estava já lhe embrulhando o estômago e tinha certeza que no momento que pisasse fora daquela ilha, demoraria um bom tempo para que voltasse a comer qualquer tipo de frutos do mar com prazer.

Morena riu com a confissão de Gustavo e percebeu que estava até relaxada na presença do moreno, mais do que achou que estaria. Embora a conversa fosse marcada com cuidados e palavras escolhidas a dedo e seus olhares se recusassem a se encontrar, parecia que nada tinha acontecido e ela

preferia assim. Por Deus, rezou, que Gustavo continuasse assim. Porque se ele se aventurasse a falar do que haviam feito ou se arriscasse a olhá-la novamente com os olhos de tom índigo em plena luz do dia, externando totalmente sua luxúria por ela, não sabia o que poderia fazer para controlar seu corpo.

— Peguei goiabas de manhã — disse. — Estão deliciosas.

Gustavo soltou o graveto com os peixes imediatamente, olhando ao redor.

— Cadê? — Exigiu.

Morena ficou indecisa entre a gargalhada e a vontade de brigar com Gustavo, mas, na pressa de salvar sua comida, agarrou o graveto, voltando a segurá-lo no ar e apontou com a cabeça para o casebre, ao que Gustavo correu em direção para comer a fruta. Ela tinha pego muitas, porém, ao ver a ânsia de Gustavo e sabendo o quanto o homem comia, duvidava que seria o suficiente para, sequer, o dia.

O peixe estalava no fogo que eles se esforçavam a manter acesso o tempo todo. Tinham um estoque de gravetos próximos, protegidos para caso chovesse, e colocavam de tempos em tempos, para perpetuar as chamas. Mantê-lo, embora trabalhoso, era melhor que acender novamente. Sempre mais complicado.

Foi uma péssima lembrança.

Enquanto Gustavo se aproximava com a cesta ainda mais arrebitada do que Morena a deixara, o que significava que ele provavelmente não vira a alça solta e algum tipo de acidente havia acontecido e provavelmente algumas goiabas estariam espalhadas pelo chão de madeira e areia do pequeno casebre, ela lembrou-se de quando Gustavo sentou-se ao seu lado para ensinar-lhe a fazer o mesmo fogo que se perpetuava até o presente momento, há quanto tempo? Dez? Quinze dias? Sua excitação ainda respondia — e principalmente depois do contato que haviam trocado naquela manhã e na noite anterior — ao lembrar de como ele falara de *enfiar no buraquinho*.

Gustavo se aproximou com uma goiaba na boca e a mesma se partiu com a marca dos dentes dele e caiu, por sorte, dentro da cesta, fazendo-a revirar os olhos, mas agradecida que a cena infantilizada lhe acalmasse a excitação. Ele mastigou com gosto, sentando-se ao lado dela com uma felicidade de criança com doce.

— Céus, eu amo goiaba — murmurou, devorando uma fruta quase que por inteira em apenas três mordidas.

Ele tinha uma boca grande também... E lembrou-se do sonho que tivera com o homem beijando-lhe a pele exposta, enlouquecendo-a o suficiente que acordou com a virilha latejando de desejo, obrigando-se a masturbar-se.

Desejou fazê-lo naquele exato momento.

Mas a falta de educação do homem ao encher a boca de goiabas lhe trouxe de volta à realidade novamente e ela suspirou, confusa entre os assombros de paixão e ódio.

— Isso mesmo — murmurou ela. — Coma todas elas.

Ele parou-se instantaneamente, largando os restos mortais da terceira goiaba ao seu lado e deu algumas rápidas mastigadas, engolindo-a com olhos arregalados.

— Desculpe — murmurou.

Parecia se desculpar mais do que pelas goiabas comidas — não que ela se importasse que ele comesse, apenas não queria que ele comesse igual um desesperado como quase sempre o fazia. Abaixou o olhar, um sem saber como se sentia mais sobre o homem à sua frente e principalmente porque ele parecia disposto a lhe pedir desculpas por beijar-lhe tão deliciosamente como o havia feito.

Queria ter coragem de dizer-lhe que não precisava — e inclusive não reclamaria se ele lhe desse mais alguns beijos daquele e, principalmente, se o resolvesse fazer em outros lugares de seu corpo que não sua boca, mas logo era soterrada por todos os tipos de pensamentos neuróticos e pessimistas que a devoravam e ela apenas escolhia se calar.

— Está tudo bem — ela riu, por fim. — Só não... Sabe. Boca fechada não entra mosca.

Gustavo revirou os olhos, mas riu.

— Boca aberta serve é pra muitas coisas — disse, por fim.

E foi a vez de Morena engolir a seco e encarar o fogo e os dois peixes à sua frente como se sua vida dependesse daquele tipo de concentração exagerada.



Os dias foram se passando sem muita alteração no status de relacionamento dos nossos dois heróis. Eles estavam tentando manter sua distância cautelosa, seja por medo de se envolver, seja por respeito ao outro. Respeito, é claro, não significava que outros tipos de sentimentos não estavam envolvidos.

Morena continuava em toda sua confusão de dualidade, presa entre o *sim, por favor!* e *nunca, jamais, Deus me livre!* Que estava deixando-a louca e cada vez mais perdida às frases de duplo sentido que Gustavo fazia questão de jogar.

A solução para os problemas da mulher ficou em se manter ocupada cem por cento do tempo e desejar que seu corpo estivesse tão cansado que, quando se deitasse na superfície dura e rígida do bote — que a fazia pensar em outras coisas duras rígidas ao qual ela não daria nome, mas que se escondia dentro da bermuda de Gustavo -, seu corpo relaxasse imediatamente. Sabia por experiência que quando sua mente estava cansada, e sempre estava porque seu dinamismo mental era impressionante e parecia nunca se esgotar, tendia a continuar pensando durante horas antes de adormecer, mas quando seu corpo estava cansado por esforço físico, ela acabava por dormir com mais facilidade porque o status de relaxamento era o que seu corpo pedira o dia inteiro.

Esse era o motivo, embora não o único, que tinha uma facilidade impressionante de dormir após sexo. Seu corpo se esgotava até a última gota e sua mente se limpava e relaxava, então ela só capotava nos braços de seja quem estivesse ao seu lado. E já que não se dava ao luxo de se prover desse calmante com Gustavo, tendeu ao exercício físico pesado, fazendo com que o homem franzisse a testa ao comportamento esquisito dela, embora não dissesse uma palavra sobre após a pequena discussão que tiveram ainda durante a tarde após a manhã do beijo.

— Deixa que eu faço isso, Mô — ele correu atrás dela enquanto ela arrastava folhas trançadas como uma rede, cheia de gravetos e pedaços de madeira pela areia de uma ponta da praia até onde o casebre se destacava.

Fingiu não reparar que ele estava usando seu apelido, embora tivesse cerrado os olhos em sua direção, sabendo que suas intenções dificilmente eram puras. Provavelmente estava fingindo intimidade que não deveriam ter para que ela se sentisse mais relaxada ao seu lado e não percebesse quando ele lhe daria outro bote e molharia sua calcinha de forma irrecuperável outra vez.

— Eu posso fazer isso — ela resmungou, afastando suas mãos de onde ela segurava e arrastava tudo com um pouco de dificuldade.

— Eu faço isso, desculpa, eu me distraí, não vi que sua madeira estava acabando — por que Gustavo continuava insistindo em pedir desculpas por tudo, embora não tivesse culpa de nada? Não compreendia, mas estava deixando-a louca.

— Eu posso fazer isso, vai... Lá fazer o que você tá fazendo — estava falando com dificuldade, mas o corpo suado do homem, que começava a criar tonalidades mais douradas, diferente do rosado vermelhidão que lhe acometera nos primeiros dias. A visão dele seminu parecia lhe incomodar cada vez mais ao passar dos dias.

— Eu sou mais forte, Mô — ele murmurou, vendo seu esforço e a dificuldade que ela estava de, até mesmo, falar ao arrastar o peso. Tentou lhe tirar a rede improvisada mais uma vez, sem muito sucesso. — Você já está cansada. Pode descansar um pouco, eu vejo isso pra você.

— Eu não sou incapaz — resmungou, entredentes.

A verdade era que o peso estava excessivo e ela já estava cansada, sim. Mas não iria ceder. Precisava cansar-se mais ainda.

— Não disse isso. Você acordou mais cedo. Ou sequer dormiu. Está tudo bem, eu cuido disso.

Ele poderia parar de se importar tanto com ela e deixá-la em paz? Desde quando ele tinha aquela fofura acumulada para despejar floreios e estender-lhe a mão em sua direção? Ela pouco se importava. Queria seu corpo delicioso longe dela e queria clarear a mente para que parasse de pensar em transar com ele o tempo todo e isso era tudo.

— Foda-se — gritou. — Eu vou fazer isso e você pode arrumar outra coisa babaca pra fazer que eu não me importo, ok? Me deixa em paz que se eu precisar de você, eu te chamo. Porra.

Gustavo arregalou os olhos para a grosseria excessiva sem motivo e parou-se em seu caminho, enquanto Morena continuou se arrastando para o seu acampamento. Sabia que tinha sido bem babaca com ele, mas só queria que ele se mantivesse longe um pouco e que ela pudesse respirar sem sentir a presença de Gustavo no meio de suas pernas.

— Babaca — ele murmurou atrás de si e Morena não retrucou, porque havia sido mesmo.

Ele, por outro lado, estava com o orgulho um pouco ferido com o comportamento ofensivo e desligado da mulher. Estava se esforçando em ser

agradável, em deixá-la relaxada porque, embora preferisse passar o resto de seu tempo naquela ilha com sua língua na dela e seu pau no meio de suas pernas deliciosas, ao declarar que essa possibilidade era extremamente remota, preferia manter a harmonia de antes e continuar trabalhando com ela pela sobrevivência dos dois na paz, e não na guerra como eles estavam acostumados.

Porém Morena estava sendo um pé no saco (literalmente, até). Primeiro, teve que lidar com ela fingindo que nada havia acontecido e isso tinha lhe deixado irado ao limite — ao que ele teve que se controlar para parecer agradável e não piorar a situação entre os dois. Tinha se esforçado pra caramba naquela porra daquele beijo. Tinha aproveitado cada segundo e cada gota de saliva porque, embora tivesse esperanças, não sabia quando ou se poderia beijá-la novamente e, senhor, que beijo havia sido. Poucas mulheres o deixaram tão duro e pronto com tão pouco contato, porém o que ele poderia esperar daquela? Ela o deixava duro e pronto só com um olhar ou um pouco de pele. O beijo tinha deixado-o louco e demorara uma masturbação e longos minutos imerso em água gelada para que ele finalmente se acalmasse o suficiente para prestar atenção no peixe fincado na lança que, por sorte, fora arrastada pelas ondas até a areia e tomasse coragem de pescar mais um para o almoço deles.

Segundo, o ataque de grosseria de Morena que se perpetuava através dos dias, mesmo que ele tentasse se controlar ao máximo para engolir e não lhe dar respostas iradas e frustradas pela falta de tato e atenção da negra. Piorou ainda mais seu humor quando percebeu que ela estava dormindo até mais cedo que ele — que ficava até tarde da noite encarando sua bunda em shorts vermelhos quando ela se encolhia para dormir e ele tinha pensamentos nada puritanos.

Não estava conseguindo lidar com a mulher. Mas, embora sua grosseria lhe irritasse os nervos e acabasse com o seu bom humor de sempre, com isso ele estava acostumado e não lhe afetava tanto. O pior era ela fingir que não haviam se beijado, que nada havia acontecido e ter rebobinado todo o avanço que haviam feito naqueles dias na ilha para o status de eu-te-odeio-e-só-estou-aqui-porque-fui-obrigada de sempre. E aí, apesar disso, ainda lhe tratar com toda aquela raiva contida como se ela não tivesse sentido nada por ele naquela manhã ensolarada.

Mentirosa de araque.

Ou será que não?

Será que ele tinha ficado excitado sozinho? Será que o beijo não tinha, mesmo, significado nada para ela e ele estava sendo um babaca babão

sozinho? Encarando-a quando estava de costas, construindo uma espreguiçadeira com todo o cuidado e deleite como se fosse um objeto de necessidade primária ou quando adormecia de cansaço no bote.

Mas ele sabia que não. Tinha certeza que não. Ela tinha estado transtornada quando se aproximara dele após fugir do beijo. Parecera perdida até mesmo antes dele e aquela dança improvisada a noite, a maneira com que ela o encarava ali fora além de qualquer máscara de medo e raiva, totalmente expondo como ela se sentira, tal como ele também o fizera.

E, na verdade, ele bem via que ela encarava seu corpo, hora ou outra. Encarava-o por um longo momento, congelada em uma posição normalmente estranha como se ele a tivesse pego desprevenida e, então, balançava a cabeça em negação, não querendo ceder a seja lá qual fossem os pensamentos que ela tinha com ele.

Ele só esperava que fossem pensamentos tão impuros como os que ele tinha com ela. Com unhas arranhando, dentes mordendo, línguas lambendo e sexos se esfregando, se preenchendo, corpos suados madrugada a dentro e... Logo estava duro em suas calças antes mesmo que pudesse se conter, balançar a cabeça e afastar os pensamentos para longe, embora o olhar sempre estivesse embasbacadamente presos nas curvas sinuosas da negra.

Que os pensamentos dela fossem, também, impuros. Que ela estivesse sofrendo tanto por alívio quanto ele sabia que estava — e como ele tentava se aliviar todas as noites antes de ir deitar-se ao lado dela, tentando se acalmar e relaxar o suficiente para não passar outra noite em claro ao seu lado, imaginando como poderia ser tê-la, e como poderiam ser juntos.

Que fossem pensamentos impuros, também.

Ele se sentiria um pouco melhor.



Duas noites após o beijo, Gustavo estava apenas com poucas horas dormidas e se perguntando como Morena aguentava ficar assim o tempo todo, com uma crescente admiração irritada em seu peito. Era uma guerreira se sempre dormia tão pouco e conseguia se manter pensando com a graça, inteligência e clareza de sempre, mas irritada porque ele não queria admirar a mulher nem um pouco, visto que ela se mantinha sendo uma unha encravada na vida dele.

Entendia, porém, porque estava sempre de mau-humor. Ele mesmo se encontrou vendo o quão irritado estava após a primeira noite em claro. Ela, por outro lado, estava dormindo com uma pedra e ele queria saber como havia conseguido aquela proeza e porque não o havia feito antes — e a tinha visto conversar com um sagui naquela manhã, de uma forma tão animada e bem humorada que ele jamais vira a negra fazer em sua vida. Em suas condições atuais, Gustavo sabia que se um sagui lhe aparecesse à sua frente, ele provavelmente o mandaria se foder e, depois, desejaria a si mesmo se foder, mas apenas se fosse na companhia da mulher.

Mas o pior de tudo era e foi quando ele marchava para se deitar e tentar dormir ao menos um pouco.

O casebre cheirava bem.

Cheirava maravilhosamente bem.

Havia ainda um pouco do cheiro das goiabas, sempre forte e sempre bastante característico, mas havia algo mais.

Havia *ela*.

Estava dormindo.

Como conseguia cheirar à terra molhada e flores naquela situação? Ele tinha certeza que por mais que se esfregasse — e ele o fazia com lama no córrego para aliviar a pele magoada pelos raios solares — continuava fedendo a peixe. Mas não ela... Morena cheirava à mata selvagem, tão indomável e não descoberta quanto ela própria.

Queria um pouco mais. Só um pouquinho mais. Talvez lhe acalmasse seus sentidos.

Aproximou-se vagarosamente para não perturbar-lhe o sono. Começou a valorizar bastante tudo o que dormia porque percebeu que era uma dádiva conseguir adormecer como uma pedra, como normalmente fazia. Não mais porque passava boa parte da noite pensando nela e como ele a queria. Como a

queria de todas as formas desesperadas e em todas as posições mais doidas, de todos os jeitos, fetiches e maneiras. Apenas queria a ela e nada mais nem ninguém iria acalmar-lhe aquela vontade — e nem tampouco adiantava suas masturbações noturnas porque não lhe aliviava o desejo, normalmente até mesmo piorava o que sentia. Por isso, naquela noite, não o tinha feito. Tinha se arriscado ao córrego para se lavar após Morena retornar ao pôr do sol e manteve-se lá por uma hora, achava ele, se lavando e esfregando, tentando se sentir mais limpo e menos fedido e também tentando que a água gelada lhe acalmasse os nervos. E estava com a alma fresca e lavada, além de um pouco de frio por estar com o corpo e a bermuda molhada na brisa fria do mar. Ao menos ali, dentro do casebre, estava protegido do vento cortante.

Deitou-se ao lado dela e sua mente viajou longe. Não se aliviava masturbar-se. Nada que o fizesse lhe aliviava de forma alguma, parecia lhe sufocar. Pensou que talvez... Só talvez...

Se aproximasse-se dela, sentisse ainda mais seu cheiro... Talvez de seu cabelo ou de seu pescoço, se lhe encostasse a pele e sentisse-a ali durante a noite... Talvez pudesse enganar seu corpo e dizer-lhe que estava ela ao lado dele ali após uma noite de sexo selvagem e o calor dela embalasse seu sono tranquilo...

Só uma boa noite de sono. Era tudo o que ele precisava.

Arrastou o corpo para frente lentamente e com cuidado para não despertá-la. Mexeu-se, empurrando-se para frente até que seus dedos dançaram pela pele de seu braço, apenas por cima, sem tocar, mas na proximidade exata para que houvesse eletricidade entre as peles. Suspirou, diretamente na nuca dela, aspirando seu cheiro e afundando seu nariz nos fios curtos que estavam sobre a borda do bote cheia de areia ao qual usavam de travesseiro. Seu tronco mantinha-se afastado, porém seu nariz estava nela e o corpo dela estava ao alcance de suas mãos, embora ele não o fizesse e se recusasse com veemência a invadir seu espaço. Só queria o suficiente para se acalmar... Ou enlouquecer de vez.

Morena despertou com uma onda de choque eletrificando seu corpo, como se todo o seu ser estivesse automaticamente pronto para ação no momento em que sentiu Gustavo exalando em sua nuca. Parou-se por um momento de olhos abertos, estremecendo ao quase toque dele em seu braço, os dedos subindo e descendo pela extensão como se ela fosse preciosa demais e ele não quisesse perturbá-la. Quase podia ouvir os batimentos cardíacos acelerados do homem e, embora estivesse nervoso e desesperado — e ela o sabia pela respiração frustrada dele como se conhecesse cada nuance -, ainda mantinha-se respeitoso ao limite, sem sequer tocá-la, admirando-a à distância, embora fosse curta e isso era mais do que poderia se dizer da maioria de sua

espécie.

Porém e apesar disso, Morena conhecia o suficiente de homens para se assustar com a audácia de Gustavo. Estava adormecida e ele estava quase lhe tocando. Quanto tempo demoraria para que ele surtasse, a agarrasse? Deu um pulo assim que a primeira onda de entorpecimento passou e antes que houvesse uma segunda. Gustavo se sobressaltou, afastando-se ao limite da outra ponta do bote imediatamente, os olhos arregalados de pavor por ter sido pego em seu desespero.

— O que você pensa que está fazendo? — Ela gritou, os braços se abraçando, pela primeira vez incomodada por estar vestindo apenas shorts e a parte de cima de um biquíni. Tinha todo um pavor correndo por dentro dela que ela não sentira desde que um cara a perseguira pelas ruas de Belo Horizonte, há mais de uma década atrás.

Não achava que Gustavo lhe fizesse qualquer mal, mas o medo era irracional e passional e, no momento, ela estava completamente afundada em seus próprios monstros.

— Eu... Eu... — Ele gaguejou sem encontrar um motivo plausível para explicar o porquê estava fazendo aquilo e a mulher lhe encarava com os olhos arregalados e ele... Estava se sentindo o pior babaca da face da Terra.

Morena foi se acalmando o suficiente aos olhos assustados de Gustavo e sentiu seu desespero em si mesma. Os olhos de Gustavo exibiam seu total arrependimento, culpa e ainda demonstravam o quão sério ela estava tirando-o e nem era porque ela estava gritando com ele e sendo uma imbecil o tempo todo. Era exatamente como ela se sentia, porém ela estava rechaçando-o enquanto ele simplesmente... Ele não tinha mais amarras sensatas que lhe dessem uma justificativa plausível para não ficar com ela. Ele só queria, sem pensar.

Sentiu vontade de ceder naquele momento e tinha tudo a ver com o tom índigo de seus olhos. Ela simplesmente adorava aquele tom — parecia ainda mais transparente que quando seus olhos estavam mais claros e ela não conseguia explicar o porquê. E também era o mesmo tom que ele exibia ao olhar para ela com o ardente desejo que acometia os dois.

Lhe deu raiva que ele a tirasse tão do sério — e não só de raiva, mas também e principalmente porque a excitava com uma respirada na sua nuca. Apenas uma respirada na nuca e ela sentia suas pernas mole como gelatina.

E agora, uma chance para a adivinhação: ela não iria conseguir dormir.

— Idiota — gritou, embora sua voz falhasse, não mais por medo, pois descobrira em segundos que confiava no homem, mas sim pelo desejo que

tentava conter dentro de si. — Sai daqui!

Gustavo tentou pensar com clareza, embora sua barriga estivesse revirando loucamente e ele estivesse sem sucesso em organizar seus sentimentos confusos. Porém, a fala da mulher o fez rir, não sabia se era deboche, se era engraçado ou simplesmente... ridículo.

— Sair daqui? — Mal podia conter o riso e ele brincou em sua voz, fazendo Morena cerrar os olhos verdes em sua direção. — Pra onde diabos você quer que eu vá, mulher?

— Pra sala! — Gritou, sem pensar, virando-se de costas para ele e voltando a se deitar na cama.

Para sala, ela disse, como se fossem casados e estivessem em uma casa normal em condições normais após uma discussão. Para a sala. Ela apertou os olhos em vergonha, amaldiçoando os malditos momentos impulsivos que ela tinha e fazia as coisas sem pensar enquanto Gustavo explodia em gargalhadas.

— Sala, é? — Riu. — Onde você acha que é a sala?

— Você é que é o arquiteto, não é? — Debochou, antes de morder a língua. — Sai daqui. Pelo amor de Deus.

Havia algo no tom de voz dela, um pouco ainda do temor que ela sentira ao acordar com ele tão próximo dela, que o fez suspirar e se levantar como um robô coordenado por seus desejos. Marchou para o abrigo externo, ao lado da fogueira, onde Morena estava construindo a espreguiçadeira e tentava montar uma mesa e duas cadeiras, ainda com os projetos pela metade.

Bom, era a coisa mais próxima de uma sala que ele pôde encontrar.



Ao completar uma semana de que estava naquele barco fedido, o nariz de Maria (e ela começava a simplesmente aceitar que era Maria também. O nome parecia soar certo aos seus ouvidos depois de um tempo) estava um pouco mais acostumado aos cheiros desagradáveis de mofo e peixe, embora ainda entortasse completamente o nariz quando tinha que entrar na área interna do barco e, principalmente, quando tinha que usar a privada improvisada — que era, na realidade, um balde ao qual ela tinha que jogar suas necessidades no mar depois e lavá-lo para ser reutilizado, o que não era nada agradável quando precisava fazer o número dois.

Ela simplesmente odiava ter que dormir lá dentro, encarar o teto de madeira enegrecida e se sufocar com o cheiro ardido e molhado do mofo enquanto Lucas soltava leves pequenos roncoss de tempos em tempos e murmúrios baixos de aprovação ao seu sono. Ela até dormia, não tanto nem tão bem quanto estava acostumada, mas principalmente porque tinha um problema sério de horários.

Lucas parava o barco uma hora após o pôr do sol porque, não importava quanto tentassem, era impossível ver claramente através do breu da noite e de nada adiantaria suas buscas. As vezes, quando se aproximavam de uma ilha por volta do final da tarde, ancoravam e dormiam por ali. Tinha acontecido duas vezes e aquela era a terceira. Madu estava bem satisfeita com isso, na verdade, mas finalmente se cansou de dormir na área inferior do barco e sem dizer nada, sob os olhos atentos e curiosos de Lucas, arrastou seu colchonete, o travesseiro que agarrara em uma loja de departamento na última parada para estocar comida, seu cobertor velho e gasto e arrastou-se escada acima com dificuldades sem dizer uma palavra e sem fingir que não estava tropeçando em seus próprios pés e nem que abrisse um rasgo um pouco desconfortável em seu cobertor por um acidente.

Colocou seu colchonete em um lugar que lhe pareceu agradável e estava ajeitando o travesseiro quando Lucas lhe alcançou, carregando suas coisas com muito mais facilidade em sua altura maior e seus braços mais largos. Cerrou os olhos para o sorriso arteiro do negro, mas acabou rindo da sua simplicidade infantil e da maneira com que ele sempre tentava agradá-la e tratá-la bem.

— Uma boa ideia como sempre, Maria — elogiou-a.

Também não perdia uma chance de elogiá-la, o que era uma mudança agradável de Felipe, que só a criticava e de seus irmãos, que ignoravam qualquer coisa que ela fazia. Lucas elogiava suas ideias e perguntas, por mais

estúpidas que fossem. Ensinava-lhe as coisas da navegação com paciência e não importava quantas vezes ela errava, ele elogiava-a pelo esforço e pela melhora, por mais nula que fosse.

— Não aguentava mais ver madeira — riu-se ela, deitando-se.

Lucas riu dela e terminou de arrumar seu colchonete ao lado dela antes de se jogar no mesmo com a sutileza de um elefante. Madu pensou que deveria ter doído pela dureza do colchão fino sobre a madeira, mas o negro não emitiu nenhum som de reclamação ou qualquer expressão de dor em seu rosto. Apenas suspirou e encarou o céu com os olhos cor de carvão brilhando no escuro.

— Bem melhor olhar as estrelas — ele sorriu e olhou para ela por um momento. Ela encarou-o com um sorriso no rosto de quem via um cara realmente muito bonito, mas ofuscado pela simplicidade da vida que tinha ao ponto de que quase ninguém percebia a beleza que carregava. Bom, agora ela via. Ele balançou a cabeça para o céu e lhe piscou o olho. Levantou a mão e apontou em uma direção. — Quatro Marias — disse, por fim.

Ele apontava na direção das três Marias e Madu teve uma crise de riso nervosa que acabou com sua cabeça deixada sobre o braço de Lucas — não fazia ideia de como havia se aproximado tanto assim, talvez com a desculpa de seguir para onde ele apontava com melhor ângulo? Bom, não importava mais. Estavam próximos e com sorrisos dos rostos que não escondiam o quão agradados estavam pelo fato ocorrido.

— Aquele é o cruzeiro do sul — Lucas apontou com cuidado e seguiu a direção da estrela da baixo. — Estamos indo para lá, retornando para Porto Alegre. E aquela ali é Sirius, a mais brilhante. Vê? — Ele apontou para a estrela mais brilhante no céu e Madu concordou com a cabeça, porque era inconfundível. — Vênus — apontou para uma com um brilho mais opaco. — o planeta...

Interrompeu-se, engolindo a seco e Madu completou.

— Do amor, é — riu, fingindo que não vira o desconforto do homem — Mitologia romana ou grega, eu sempre confundo as duas, mas algo assim.

— Eu ia dizer o planeta mais próximo da Terra — disse, com cuidado.

Madu percebeu duas coisas:

A primeira era que Lucas estava rindo por ela ter dito uma coisa diferente e em outra sintonia da que ele estava. Achava graça, mas não do tipo de deboche, do tipo que achava interessante a maneira dela de ver as coisas mesmo.

A segunda era que ele não tinha a exata certeza de que Vênus era o planeta mais próximo da Terra e por isso havia lhe interrompido, mas como ela mesma exibiu sua confusão, não sabendo sobre qual mitologia Vênus representava a deusa do amor, ele acabou por lhe dizer mesmo assim, sem se importar se estava errado ou não.

Perguntou-se ele sequer havia frequentado a escola. Talvez a primária, ela não saberia dizer. Sabia ler, ela achava, e fazia contas com facilidade, mas nunca pensou que alguém ainda poderia não frequentar escola...

Interrompendo sua análise, ele continuou apontando e nomeando estrelas que ela nem sabia que existiam com a graça e a experiência de quem passara a vida seguindo-as para se localizar e ela sorria a cada nova informação, encantada com a experiência do homem. Experiência de vida, não de conhecimento ou cadeiras em uma faculdade.

Quis beijá-lo.

Quis beijá-lo de uma forma diferente ao que ela já quis beijar alguém. Não queria beijá-lo porque ela estava com vontade de beijar alguém ou porque ele era gato — e não a levem a mal, Lucas realmente era um bom pedaço de homem.

Mas quis beijá-lo porque queria cuidar dele, por admirar a vida dele e a sua força, que tinha encontrado um propósito de vida, mesmo nas adversidades. Enquanto ela, com todo o seu dinheiro, ainda não tinha encontrado nada além de diversão e uns bons drinques para beber quando se entediava.

O sono foi chegando enquanto ele lhe contava sobre lendas indígenas e como elas se relacionavam com as estrelas, o sol, a lua e o mar. E com o sono, o bom senso foi-se esvaindo de suas mãos, então... Antes de adormecer, ela se aconchegou ainda mais perto do negro e soltou um suspiro de total contentamento com a sua presença, cheirando seu pescoço e o seu odor de peixe como se realmente lhe agradasse.

E o pior foi que... Bom. Lhe agradou.



Era claro e óbvio que Gustavo não conseguiu dormir muito naquela noite, Morena tampouco descansou o suficiente. Gustavo, porém, estava em desvantagem: já não tinha dormido muito bem nas noites anteriores e ainda estava do lado externo, pensando na mulher e com o sono para lá de incomodado simplesmente porque não conseguia relaxar o suficiente no lado externo sozinho. Como se fosse aparecer um leão (sabia que era impossível, mas continuava sendo irracional) e devorá-lo enquanto dormia.

Tinha se acostumado, já, à proteção do casebre e à companhia de Morena adormecida ao seu lado, também.

Preferia a companhia da mulher nua ao seu lado, mas se contentava com apenas a sua presença também.

Como a situação tinha chegado naquele ponto? Pensou se a raiva e os objetos errantes jogados na direção da sua cabeça eram com certeza mais seguros do que toda aquela tensão sexual a flor da pele, explodindo pelos seus poros e impedindo sua cabeça de pensar de forma adequada.

O pior era que ele dependia da mulher quebrar sua própria cabeça dura e admitir que ela também sentia aquilo — e ele sabia que ela sentia porque não o escondia de forma alguma, talvez também lhe fosse demais para que pudesse abafar ou disfarçar — e tomar uma atitude porque ele estava era bastante temeroso de o fazer no momento.

Gustavo sabia ler o corpo de uma mulher muito bem, reconhecia quando ela parecia estar querendo-o e sempre se retirava pacientemente quando não o fazia. Morena, porém, era uma contradição para os seus sensores; o corpo dela dizia que sim, seus olhares faltavam lhe implorar para que ele cruzasse a distância entre eles e abraçasse-a ou mais, porém as palavras eram sempre navalhas, afastando-o, rechaçando-o e deixando-o cada vez mais maluco e mais perdido. E não lhe importava que ele lhe tratasse bem e mantivesse uma distância de respeito, ela continuava dura como uma rocha e gritando com ele por qualquer motivo.

Por momentos, desejou voltar ao tempo em que ele mantinha aquela vontade escondida e enterrada dentro de si, desviando o olhar rapidamente quando reparava nos decotes da mulher, evitando o assombro de admiração à sua beleza quando ela lhe encarava com os olhos cerrados, ignorando o engolir a seco quando ela entrava no recinto batendo os saltos finos de suas sandálias, fingindo que o apertar de mão em punho quando Ricardo lhe contava das suas breves aventuras sexuais com a negra era uma reação completamente natural de seu corpo e nada tinha a ver com a extrema inveja

que ele sentia do melhor amigo.

Houve apenas uma vez em que externou seus sentimentos confusos pela mulher e não tinha sido bonito e nem ao menos tinha acabado muito bem. E não fora para ela também, felizmente?

Mas ela sempre estivera lá, sob sua pele, deixando-o louco de todas as formas possíveis, de todas as maneiras. Com seus gritos e suas risadas de deboche, com sua inteligência sagaz e suas respostas ferinas sempre na ponta da língua, fazendo-o arregalar os olhos de surpresa com a maneira rápida e dinâmica que pensava e a forma com que ela solucionava problemas e as vezes salvava reuniões de negócios e projetos simplesmente porque tinha algo guardado debaixo da manga porque talvez passara a noite acordado pensando em desfechos ou apenas porque era super inteligente.

Era mais inteligente que ele, aliás. E ele gostava muito disso.

Só seria mais fácil se ela conseguisse desligar um pouco o cérebro e deixasse a emoção ultrapassar a razão por alguns momentos. Ele sabia que se ela o fizesse, podiam estar rolando nus na areia naquele momento, sem nenhum remorso ou briga.

Mas, ao contrário disso, ela estava lá no canto dela e ele estava era dormindo na *sala*.

Dormindo não, porque mal conseguira descansar o corpo ou a mente mais uma vez. Tirara pequenos cochilos temerosos durante a noite, mas sem realmente dormir, como normalmente fazia, que nenhum barulho lhe acordava. Ali, qualquer vento mais forte, onda mais barulhenta ou até mesmo o resfolhear as árvores o fazia abrir os olhos com um sobressalto assustado.

Isso resultou em um despertar ao nascer do Sol. Se devia ao fato de não conseguir relaxar e também ao fato que, do lado de fora, a luz logo lhe batia contra as pálpebras fechadas, lhe impedindo de relaxar e adormecer tranquilo.

Em algum momento conseguiria tirar seu sono a limpo... No momento, não o faria.

Tinha também algo gritando-lhe no fundo da sua mente. Culpa, remorso. Ele tinha se aproveitado da mulher enquanto ela estava adormecida e vulnerável. Estava fora de si, mas tinha cruzado um limite e ela tinha toda a razão do mundo em expulsá-lo dali. Merecia dormir do lado de fora e, para falar a verdade, achava que seria melhor que o fizesse para se acalmar. Tinha dormido melhor do lado de fora do que as últimas noites ao seu lado porque cada suspiro ou murmúrio da negra adormecida lhe sobressaltava com energia sexual que ele não estava conseguindo conter.

Se sentia um merda. Um total babaca. Sua mãe lhe tinha educado melhor que aquilo.

Tinha que fazer alguma coisa para se redimir, qualquer coisa que fizesse com que ela o olhasse com uma dúvida e não como um potencial estuprador como havia feito ao despertar no susto com a audácia dele na noite anterior. Toda vez que fechava os olhos, era o olhar assustado da mulher que ele encarava e isso o fazia se sentir pior a cada segundo. Sendo engolido por aquilo.

Se odiava por tê-lo feito. Precisava fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

Ao despertar, sua primeira ideia foi fazer um café da manhã de desculpas para Morena. Fazia aquilo, também, para sua mãe quando ele dava mancada — normalmente quando sumia por um dia ou dois atrás de um rabo de saia ou lhe respondia atravessado por conta da forma com que ela o sufocava com frequência.

Limpou o canivete com um pouco de água do córrego e começou a preparar coisas enfeitadas e bonitas em uma das cestas trançadas de Morena. Cortou as goiabas em zigue e zague deixando-as com uma aparência atrativa e partiu o peixe em tirinhas. Para completar, recolheu algumas flores e enfeitou as bordas da cesta com cuidado. Morena merecia aquela atenção e sua cabeça viajou longe... Teria prazer em recebê-la ao dia todos os dias daquela maneira se ficassem juntos. Apertou os olhos e engoliu a seco — ainda era difícil de admitir para si mesmo, mas... Ele queria.

Talvez noites de sexo selvagem e manhãs românticas melhorassem o humor matinal da mulher, ele esperava. Seria um trabalho de uma vida inteira que com certeza o faria com prazer.

Engoliu a seco mais uma vez.

Seria mais fácil se ela se mostrasse disposta. Enquanto lhe chovessem expressões de raiva, xingamentos e coisas jogadas em sua direção, ele não iria conseguir se abrir. Tinha um medo absoluto de acabar sozinho naquilo — ele já vira como funcionava com sua mãe, que jamais tivera um relacionamento depois de seu pai, e não queria isso para si.

Embora achasse que já estava meio nisso...

Com um suspiro cansado e derrotado e uma sacola de esperanças inflando em seu coração acelerado pela ansiedade da reação da mulher ao que ele havia feito, caminhou com cuidado para dentro do casebre e colocou o café da manhã da mulher no lugar em que ele normalmente dormia.

Perdeu alguns minutos encarando-a dormir... Estava criando um

costume bastante irritante em vê-la adormecida.

— Linda — suspirou, elogiando o nada, porque Morena não estava consciente para ouvi-lo. — O que eu faço com isso tudo que eu tô sentindo, ein?

Porém, dizer aquilo, por menor que fosse e por mais que a mulher não soubesse, tirara um peso enorme de si e ele sorriu tristemente para sua face adormecida, desejando poder sentar e conversar com ela como os adultos que eram e colocar as cartas na mesa com sinceridade.

Não iria acontecer.

Respirou pesadamente, se levantando de onde se ajoelhara para deixar a cesta e encarou a cena que havia lhe preparado para lhe desejar bom dia e pedir desculpas sem a utilização de palavras e à distância, caso a mulher preferisse assim.

Ela estava dormindo frente para o seu lugar pela primeira vez desde sempre, como se esperasse que ele aparecesse ali por meio de magia, e, quando abrisse os olhos, daria de cara com sua surpresa. Sorriu, satisfeito e caminhou silenciosamente para fora, mas não sem antes deixar seus olhos vagarem pela figura da mulher mais uma vez e desejando mentalmente que toda aquela confusão se acertasse o mais rápido possível para que ele, pelo menos, conseguisse voltar a dormir com a mesma facilidade de sempre.

Resolveu, então, focar em trabalhar. Estava pensando em criar mais um cômodo, talvez um novo quarto para ele, mas tinha algo que lhe povoava a mente há algum tempo e queria ao menos tentar se arriscar nisso.

Queria construir uma jangada.

Uma chance de sair dali caso não a ajuda nunca viesse.

Capítulo 12

Morena, ao contrário do que realmente achara, havia conseguido dormir com alguma facilidade, ignorando o episódio com Gustavo lhe cheirando o cangote enquanto ele estivera adormecida. Achava que isso tudo tinha a ver com o fato de que ela já estava dormindo anteriormente e só havia despertado um pouco por causa da eletricidade que o homem provocara em seu corpo e, mesmo sentindo um pouco de medo e irritação com o comportamento bastante errado de Gustavo, ela acabou simplesmente deitando a cabeça na borda do bote e sem nem sequer reclamar que a areia não era parecida com o seu travesseiro de casa, adormeceu em um sono sem sonhos.

Ela achava que a raiva a havia ajudado a dormir também; sua mãe sempre lhe contava que quando era criança, se ela ficava zangada por não conseguir o que queria, acabava simplesmente dormindo em irritação de tanto chorar. Se era assim, talvez ela tivesse que agradecer ao homem ao invés de ficar com raiva dele, mas era claro que ela jamais faria isso, visto que era muito orgulhosa, cabeça dura e estava sempre certa.

E Morena estava certa. Não havia sequer uma explicação plausível e lógica para que Gustavo fizesse o que fez, invadindo seu espaço e sua intimidade enquanto ela estava desacordada. Ela tinha o direito de poder falar não se quisesse — embora não tivesse certeza de que o faria se estivesse acordada e não tivesse lavado um susto com a proximidade dele ao despertar, mas mesmo assim ela ainda tinha o direito.

O dia já estava começando cansativo, com sua cabeça explodindo de pensamentos ainda em redemoinhos de confusões e todo aquele clima gerado desde a dança que compartilharam e o beijo, que foi meio acidental, e tinha deixado Morena muito agitada. Apesar de que conseguira simplesmente dormir ao se deitar, o que era uma coisa muito nova para ela.

Ela estava acostumada com intensidade, com jornadas de trabalho que levavam sua capacidade mental ao limite, estava acostumada com uma rotina apertada e uma agenda cheia de compromissos e atividades, sem poder parar nem por um momento e vivendo à base de café e com poucas horas de sono, mas aquele lance com Gustavo estava intenso demais e balançando todo o mundo ao seu redor de uma forma que ela não se lembrava de já ter acontecido antes.

Apesar disso, continuava apertando os olhos com força, na esperança

de conseguir ficar deitada descansando por mais algum tempo — qualquer tempo -, enquanto ainda rezava para, quando tomasse coragem para abrir seus olhos, encarasse o telefone antiquado que tinha na cabeceira de sua cama, no seu apartamento em Belo Horizonte e não a borda alaranjada do bote, ainda desejosa que toda aquela confusão e a ilha não passasse apenas de um pesadelo muito vívido e específico que ela, infelizmente, teria que contar para sua psicóloga assim que tivesse algum tempo de retornar para suas consultas.

Com um lampejo de esperança, ela realmente acreditou que era um pesadelo e começou a mentalizar seu quarto, tentando recordar onde estaria seu bloquinho de anotações e a caneta, para que ela rabiscasse o sonho com rapidez, antes que ele se esvaísse. Com certeza, aquele sonho tinha algo a lhe dizer da sua mente complicada.

Feliz ou infelizmente, não era um sonho. Morena sequer havia sonhado naquela noite. Então, quando ela abriu os olhos, soltou uma exclamação de surpresa.

Mas não foi porque estava na ilha, no fundo, ela esperava encontrar-se deitada no bote na cabana que construíram. Ela sabia que era verdade, só quis se enganar um pouquinho por alguns minutos...

Sua surpresa foi por encontrar o café da manhã que Gustavo lhe preparara ao seu lado na cama, cheirando muito bem e otimamente ornamentado, na medida do possível com o que tinham disponível na ilha. Aquilo era, claramente, um pedido de desculpas e a demonstração de total arrependimento do homem pelo que havia feito no anterior.

E, pegando um pedaço de goiaba cortado em ziguezague meio disforme e mordendo-o, ela aceitou as desculpas. E prometeu tentar acalmar-se ao lado do homem. Perguntou-se, se como ela, ele também andava se escondendo para se masturbar e achou que era muito provável que fizesse isso e engoliu a seco, imaginando a cena. Ela tinha que confessar que já tinha encarado-o dormindo e, como ele dormia como uma pedra, já havia sido audaciosa o suficiente para apertar o braço do homem e descansar a cabeça em seu ombro, respirando sua pele — tal como ele havia feito — por alguns momentos.

Comeu um pouco de peixe e goiaba, pensando no que estava fazendo com a própria vida e despertando para mais um dia de trabalho a favor de sua sobrevivência, mas contra sua sanidade. Não sabia ainda como encarar Gustavo pós beijo, mas achava que era bom continuar fingindo que nada havia acontecido até que o homem parasse de pensar nisso também. Também não... Ela não achava que conseguiria parar de pensar naquele beijo por um bom tempo, mas ao menos estava conseguindo evitar que acontecesse de

novo.

Porque, claro, aquele beijo — e a continuação dele — era a fórmula secreta para o fim do seu mundo de certezas.

Vejamos bem: Morena era uma mulher decidida de 29 anos, com uma carreira sólida e já colecionava vários prêmios em sua categoria. Amava seu trabalho e todos os colegas do escritório, á exceção de Gustavo, que era difícil demais de lidar.

Era assim que ela se via. E ela não estava disposta a mudar isso.

Imagine só se ela alterasse para *“principalmente de Gustavo e transava às escondidas com ele na calada da noite”* ou então *“à exceção de Gustavo, que ela amava e eles planejavam juntar as escovas de dentes na próxima semana”*.

I-N-I-M-A-G-I-N-Á-V-E-L.

Quando saiu da cabana, estava pronta para fingir que nada tinha acontecido — nem o beijo, nem Gustavo sendo ridículo, nem seus pensamentos libidinosos com o corpo rígido do homem. Estava se sentindo bem e, para variar, de bom humor e ostentava um sorriso leve em seu rosto, enquanto seu olhar fazia uma análise geral da praia — que havia se transformado, basicamente, em um quartel general de produção das construções e ideias deles -, pensando no que deveria trabalhar naquele dia.

Para sua surpresa, havia um novo aglomerado de madeiras e Gustavo estava sobre ele, puxando um cipó com força, parecendo irritado e frustrado com alguma coisa a qual ela não conseguia ver.

Aproximou-se vagarosamente e com cuidado, percebendo que ele estava um pouco raivoso em sua expressão, até.

— Bom dia — arriscou.

Gustavo levantou o olhar para ela e, um pouco inseguro sobre como se comportar na frente da negra, sem saber se ela ainda estava zangada com ele ou se já estava tudo bem. Morena analisou o que ele estava fazendo com cuidado, e embora seu olhar fosse curioso, o sorriso despretensioso dela ainda estava em seus lábios e isso o fez relaxar e amenizar a expressão com um quase sorriso.

— Bom dia — respondeu, educado, mas sua voz saiu um pouco rude.

Morena encarou Gustavo por um momento, sem saber o que lhe dizer e, então, encarou seu novo brinquedo de construção. As mãos do homem, nos cipós, estavam vermelhas do tanto de força que ele fazia para sabe-se lá o que estava tentando fazer. Lembrou-se, então, que o havia expulsado do abrigo

durante a noite por conta do comportamento dele e se sentiu um pouco mal. Será que ele estava construindo um abrigo só para si por causa daquilo? E ela nem estava ajudando? Será que havia dormido bem? Lembrava-se do quão desagradável ela achava dormir sem o abrigo, sempre preocupada com a falta de segurança que aquilo era.

— O que você está fazendo? — Perguntou, curiosa, esperando apenas a confirmação dele de que era um novo abrigo ou uma extensão do que já haviam construído para começar a trabalhar.

O que ela não havia pensado era que não tinham puxado tanto o cipó para amarrar as paredes do abrigo. Elas se sustentavam uma na outra, na areia e no tronco que haviam enterrado. Se o tivesse feito, talvez acabasse achando que ele estava para reforçar as paredes do que já haviam construído, mas jamais no que ele respondera.

— Uma jangada — respondeu, sem rodeios. — Mas agora que você acordou, eu vou pescar.

Enquanto Morena encarava a madeira de queixo caído, Gustavo afastou-se com a lança, deixando-a perdida. Já tinha programado o seu dia mentalmente para ajudar ele na nova construção, mas uma jangada? Ela não sabia como diabos construir uma jangada e ele não lhe tinha dado nenhuma explicação.

Sem contar que ela nem teve oportunidade de lhe agradecer pelo café da manhã e mostrar que estava tudo bem, na medida do possível, entre os dois. Apenas o viu se afastar e se concentrar nos cardumes de peixes no mar, nadando para além do que ela e sua habilidade de natação zerada a permitia ir.

Começou a achar que ele não estava evitando o assunto, como ela, e sim a evitando totalmente.



— Gustavo! Gustavo!

A verdade era que ele estava ouvindo muito bem. Achava que nunca estivera ouvindo tão bem na vida. Estava há uns bons cem metros da areia e Morena estava gritando seu nome a plenos pulmões, preocupada, talvez. Ela sempre se preocupava demais com tudo e qualquer coisa. Mas ele não estava respondendo. Não queria responder. Não queria olhar pra ela, se vocês quiserem saber.

Acontecia que ele estava um pouco envergonhado com seu comportamento. Não se recordava de jamais ter ofendido uma moça como ele frequentemente fazia com Morena e as implicâncias que tinham um pelo outro, mas o que havia feito noite passada era realmente errado. Ele estava torcendo muito que jamais chegasse aos ouvidos de sua mãe ou ela ficaria realmente decepcionada com ele. Ele estava decepcionado com ele mesmo. Tinha perdido o controle, feito merda e estava muito envergonhado.

Para ele, era bem difícil aquela temporada na ilha. Não exatamente pela sobrevivência, ao qual ele achava que estava tirando de letra, apesar das limitações. A parte mais complicada era lidar com Morena o dia todo, todos os dias, com os hormônios a flor da pele e sem nenhuma possibilidade de procurar qualquer alívio em outra companhia e, além de todas as questões em aberto, o quase beijo e o inegável clima que estava rolando entre os dois desde sempre sem que nenhum deles cedesse, ela ainda estava andando de biquíni ou short o tempo todo, visto que era a única vestimenta que tinha, já que seu vestido e a camisa dele tinham sido utilizados como bandagens e o restante estava ou em outras funções no abrigo ou guardados para novas emergências médicas.

Morena era uma mulher muito linda, ele sempre achara, para falar a verdade. Ela tinha exatamente o tipo de beleza que ele admirava e ainda tinha aquela expressão selvagem e temperamento explosivo que só de imaginar o que ela seria capaz na cama, ele ficava irremediavelmente duro.

Aliás, imaginar não. Ele já tinha escutado histórias e não tinha gostado muito delas pelo simples fato de que ele não estava envolvido naquilo.

Então, era verdade, ele estava evitando a mulher. Evitando porque aquela porcaria de bermuda que usava dificilmente esconderia uma ereção e ele não estava tendo pensamentos muito puros quando a via. E também estava envergonhado. E também estava devidamente preocupado com a sua sanidade, que não ia nada bem.

Mas até que ele estava gostando de nadar e pescar peixes exceto que...

— Gustavo! Ah, pelo amor de Deus! Gustavo?

Morena interrompia seus pensamentos de tranquilidade de pouco em pouco tempo com seus gritos de desespero. E ele tinha que confessar, estava gostando bastante de vê-la preocupada com ele e gostando ainda mais de deixá-la nervosa. Ele, sempre tranquilo, agora ficava nervoso o tempo todo por causa dela, então ela podia aguentar um pouquinho de nervoso por conta dele.

Para a falar a verdade, Gustavo já pescara três peixes naquela altura do campeonato diário de sobrevivência que ele e Morena estavam engajados, mas não queria voltar à praia ainda. Estava tranquilo nadando e esfriando seus hormônios antes de ter que encarar a negra, suas preocupações, suas perguntas, suas implicâncias e aqueles lábios grossos maravilhosos que tinham gosto de água salgada e ele estava louco para beijar outra vez mais.

Outras vezes, na verdade.

Mergulhou com o intuito de esfriar também a cabeça e alcançar a areia no fundo do mar e ver a quantos pés estava distante da areia. Estava ficando bom em passar tempo sem respirar e era infinitamente mais fácil pescar àquela distância. Tinha mais peixes e se ele estivesse com uma bolsa, talvez até pescasse mais. Pensou que seria ótimo ter uma bolsa e logo Morena estava de volta à sua mente porque ele tinha certeza que ela saberia resolver aquele problema rapidamente.

Soltou todo o seu ar em uma borbulha de insatisfação por não conseguir ficar sem pensar nela por muito tempo e começou a subir para a superfície sem ter alcançado o chão, antes que não suportasse a privação de oxigênio. Retornou de frente para o mar aberto e sorriu com a liberdade do horizonte. E, sem querer, voltou-se para a areia, o olhar inevitavelmente procurando pela mulher que estava lhe tirando o sono e a sanidade.

Ela não estava em lugar nenhum.

O sorriso logo se desfez e, com urgência e dificuldade porque mantinha a lança em suas mãos, começou a nadar de volta a areia, o olhar vagando de um lado para o outro, procurando por ela.

Até que a viu.

Na verdade, apenas sua mão.

Era a segunda vez que isso acontecia.

Ela tinha entrado no mar, preocupada com ele. Não sabia nadar, mas ao não vê-lo, enquanto ele estava mergulhando, ela tinha tentado.

Viu sua cabeça subir à superfície e ela ainda estava desperta, mas outra onda passou, uma bem pequena, e ela voltou a afundar. Ela era tão nervosa, tão ansiosa, que o pânico nem sequer permitia que ela conseguisse boiar.

Alcançou-a, segurando-a pelo braço e puxando-a mais para perto. Sua intenção era que ela desse a volta no seu corpo e segurasse em seu pescoço pelas costas para que ele pudesse levá-la para a areia, mas isso demoraria demais para a mulher. Ela, assim que se deu conta que a mão que lhe puxava era Gustavo, envolveu seu pescoço e suas pernas na cintura dele... Pela frente.

Houve um segundo de suspensão enquanto Gustavo se dava conta que o que ele sentia em sua barriga, um pouquinho, bem pouquinho, acima de sua ereção crescente era o entre as pernas de Morena e assim que isso foi processado pelo seu cérebro quase congelado de tão lento naquele momento, respirar ficou completamente desimportante e ele arregalou os olhos, sentindo o coração acelerar.

Ela não percebeu, para falar a verdade. Estava com o nariz encostado em sua orelha e respirava com dificuldade, parecendo chorar baixinho. Gustavo engoliu a seco e envolveu a negra em um abraço, tentando se lembrar de segurar a lança.

— Está... — Sua garganta estava fechada e a voz falhou, obrigando-o a pigarrear. — Está tudo bem. Passou.

Morena soltou seu pescoço para lhe estapear no peito e no ombro, repetidas vezes, indignada.

— Não faz mais isso! — gritou.

E sua movimentação foi fazendo com que ela escorregasse um pouco mais para baixo no abraço de Gustavo e foi fazendo Gustavo engolindo a seco, sabendo o que estava prestes a acontecer...

— Não... Vou — se dignou a dizer.

E foi bem naquele instante em que ela escorregou o suficiente para sentir sua ereção. Ele estava um pouco envergonhado e não sabia exatamente o que fazer, mas ela soltou o ar com força, arregalou os olhos tanto quanto ele e parou de estapeá-lo para segurar em seus ombros com as unhas, mordendo o lábio.

Sua ereção estava já em seu ápice e ele tinha a cabeça do pênis encostada bem sob seu clitóris e ele conseguia sentir as pernas de Morena tremerem ao seu redor. Ela estava com a boca levemente aberta em surpresa e sabe-se mais o que e os olhos pareciam levemente perdidos em algum lugar

entre os lábios e o queixo de Gustavo. Ele, sem pudor algum e sem mais tendo que esconder seu desejo, encarava-lhe os seios subindo e descendo rapidamente com a respiração acelerada da mulher e o bico eriçado que era visível através do pano do biquíni, sem conseguir esconder o quanto ela também estava excitada com aquilo.

Ficaram suspensos no tempo, sem se mexer, sem saber o que fazer, ao que acharam que seria uma eternidade, porém foram poucos segundos. Gustavo, naquele momento, achou que seria uma oportunidade única... De tentar.

Levou a cabeça só um pouco mais pra frente. E mais um pouco. Morena foi quem terminou a distância e os lábios se encontraram entreabertos de forma leve e completamente desproporcionada ao que estavam sentindo. Era uma espécie de consolidação de desistência dos dois, de que nada mais poderia ser feito para esconder o que estavam sentindo.

Ela afastou o rosto, os olhos apertados e mordendo os lábios para encostar a testa na sua. E, apesar da excitação, parecia tranquila, ao contrário do beijo anterior.

Devia ter algo na água daquele mar, ele achou. Algo que fazia com que eles abaixassem a guarda porque era a segunda vez que se encontravam ali e era a segunda vez que algo daquele tipo acontecia.

Mas estava ficando seriamente difícil sustentar ele e Morena no mar, além de onde seus pés alcançavam o chão e se aquilo continuasse daquele jeito... Bom, ele podia acabar com câimbra.

— Eu acho melhor... — Sussurrou, fazendo Morena abrir os olhos e encará-lo com seus verdes cristalinos, brilhando de forma exagerada por causa do Sol. — A gente ir pra areia... Não vou conseguir, sabe, sustentar a gente por muito mais tempo.

Morena concordou com a cabeça e Gustavo procurou seus lábios mais uma vez, sem resistência da mulher, que suspirou pesadamente, apertando suas mãos no ombro dele, quase incrédula.

Gustavo, então, ajudou-a a se posicionar em suas costas e nadou até a praia.



O que vocês tem que entender para a compreensão total dessa história é que Elena nunca foi flor que se cheirasse. Sua família até tinha certo prestígio na alta sociedade quando ela era jovem, mas seu pai tinha gastado toda a sua fortuna com prostitutas e sua mãe tinha se entregado aos vícios do cigarro e do álcool, torrando o resto do dinheiro com roupas, roupas e qualquer outra coisa cara como uma espécie de retaliação ao pai da jovem pelo que ele lhe fazia.

Elena não tinha o futuro garantido por conta da guerra que seus progenitores tinham em casa, mas ao menos tinha roupas para ostentar e uma vontade impressionante de fazer tudo dar certo.

Na época, o jovem senhor Marinho estava noivo de uma garota que descendia da família imperial brasileira, embora seu parentesco fosse um pouco distante, ainda assim era um grande partido. Era um jovem herdeiro de vinte e poucos anos, seus pais faleceram há pouco e ele estava tentando gerir a empresa da família sem muito sucesso, mas ela sabia que logo iria ficar tudo bem, ainda mais com a ajuda dela. Elena tratou-se de se aproximar da garota e, logo, do rapaz também. Ele lhe deu atenção — era muito mais bonita e, assim, acabou conquistando-o com um golpe de mestre: abriu suas pernas. Era perder ou ganhar e a honra inabalável do rapaz fez com que ela ganhasse, deixando a aristocrata aos prantos pelo abandono.

Tinha apenas dezesseis na época, casou-se logo após os dezessete e, na mesma idade, perdeu a primeira gravidez. Demorou-lhe mais de uma década para que conseguisse sustentar a gravidez, deixando a ela e ao marido mais rabugentos e muito mais protetores com a pequena Andrea, quando ela veio a eles.

Elena sempre foi uma mulher complicada, embora tivesse devoção completa ao marido, o que nós podemos dizer que era gratidão por ele tê-la tirado da vida em que estava na época em que se conheceram (embora isso tudo se devesse ao plano que ela arquitetou). Ela orquestrava sua empresa com extrema inteligência e o homem, um bocado perdido e um pouco lento, aceitava suas decisões com uma admiração exagerada pela sorte que tinha por tê-la ao seu lado.

A explicação sobre seu passado deveria ser dada para que possamos seguir com a consciência de o quão problemática e vil a senhora Elena é.

Quando soube que havia uma menina negra na escola de seu pequeno neto, Gustavo, Elena se chocou e perguntou a plenos pulmões como poderiam permitir esse absurdo. Seu precioso neto não tinha que conviver com esse tipo

de pessoa e, embora algumas mães e pais tenham concordado com a cabeça, sua filha e a direção da escola simplesmente a ignoraram, deixando a irritada. Ficou ainda mais quando o pequenino chegava em casa contando histórias sobre a garota, sobre o como ela legal e como os cabelos da menina pareciam pequenas molas dançando quando ela pulava corda.

Demorou alguns anos até que Elena conhecesse os pais da garota. A empresa estava passando por uma série de processos de ex-funcionários, alegando abuso e maus tratos e lhe disseram para contratar um advogado das minorias, para mostrar que ela não tinha preconceitos e calhou que os pais de Natália eram advogados recomendadíssimos e, embora não trabalhassem juntos, aceitaram a proposta ofensivamente alta que ela os fez de nariz torto.

A menina, então, começou a frequentar sua casa e ela e Gustavo pareciam encantados um com o outro de uma forma repreensível. Suas horas, carrancudas, vendo-os estudarem juntos, brincarem e ralarem os dedos por seu quintal a fizeram começar a admirar a garota: era esperta, voraz, inteligente e tinha uma força na língua que, quando começava a falar, não havia um que lhe pudesse dizer o contrário, ainda era doce e carinhosa e cuidava de Gustavo como se ele fosse a pessoa mais importante do mundo.

Houve um momento que ela simplesmente decidiu que iria ignorar o defeito da garota, afinal, *ela não tinha culpa de ter nascido com a pele escura*, e passou a realmente gostar da garota.

Foi um *timing* perfeito porque, bem naquela época, logo após Gustavo se formar em arquitetura e Natália começar a lecionar, eles pareceram levar a amizade para algo mais. Ela começou a aparecer no café da manhã mais vezes e se esgueirar pela casa de madrugada. Elena fingia que não via porque, até certo ponto, lhe fazia gosto. Gustavo conseguiria uma com aparência melhor, obviamente, e com um pedigree melhor também, mas dificilmente arrumaria outra mulher com tanta fibra e ele parecia um pouco com seu velho Alfredo, bobo e admirado, precisava de uma mulher um pouco mais parecida com ela se fosse assumir a Marinho Corporações algum dia.

Demorou longos anos até que eles assumissem um namoro, passaram a viajar mais e passar mais tempo longe da casa dela, mas, ei, não era isso que ela tinha planejado. Ela queria que eles passassem mais tempo em casa, para variar. Entortou o nariz para aquela situação e depois de alguns dois ou três anos de namoro, começou a jogar na mesa a pedra do casamento.

Perguntava incansavelmente quando Natália iria largar os estudos e o trabalho para focar no relacionamento dela com Gustavo e disse que tinha um grande espaço nos jardins de casa e que, se precisassem de um lugar para os dois, poderiam construir uma casa para eles por ali, para que ficassem por

perto. Lia o desagrado da mulher negra em sua expressão toda vez que o dizia, mas para onde ela iria, não é mesmo? Jamais arrumaria algo melhor que Gustavo. De qualquer forma, Natália sempre parecia fingir que não escutava nada do que Elena falava e continuava a tratando muito bem.

Bom... Uma hora ela simplesmente sumiu. Ao ser interrogado, Gustavo disse que haviam terminado e mais nenhuma palavra sobre isso havia sido dita.

Não era isso que ela queria, também. Ela até gostava da garota.

Toda oportunidade que tinha, falava sobre ela e tentava empurrar Gustavo de volta para a mulher, sem sucesso. Ela tinha se mudado para o exterior para estudar ou sabia-se lá o que fazia e a distância tinha atrapalhado tudo.

Bom... Até aquele momento. Gustavo estava indo para o Caribe, razoavelmente perto. Talvez toda a infância juntos, o tempo que gastaram um do lado do outro... Bom, ela devia sentir qualquer vestígio de saudade dele. E, bom, Gustavo ainda seria a melhor coisa que ela conseguiria encontrar.

Com um sorriso nos lábios, um plano em mente e um número anotado as pressas em suas mãos, Elena tirou o telefone do gancho e discou a sequência de um ligação internacional.



Nenhum dos dois fazia ideia do que havia acontecido na água. Dificilmente iriam conversar sobre o que aconteceu, mas havia um certo desconforto pairando no ar quando Morena escorregou das costas dele e caminharam lado a lado até a areia.

— Eu vou... Hm... — Morena não terminou de concluir a frase, tirando a lança de Gustavo de suas mãos e caminhando até a pedra que usava para limpar os peixes, ao lado da fogueira.

Gustavo ainda estava rígido em sua bermuda e tinha certeza que ela também não estava avessa ao que havia acontecido. No fundo, nenhum dos dois fazia ideia do que havia acontecido e como tinham que reagir agora.

Ele caminhou para o abrigo externo, onde Morena limpava os peixes e deitou-se ali, recostando a cabeça sobre suas mãos e encarando o teto de folhas que haviam criado. Percebeu o olhar da negra por algum tempo, mas logo ouviu os barulhos do que ela fazia e soube que ela tinha voltado ao trabalho.

Enquanto Gustavo tentava relaxar e se acalmar, Morena estava tendo uma síncope nervosa. Estava tentando trabalhar com um canivete e Gustavo deitara-se ali e, bom... A ereção dele estava bem visível e bem à sua frente e não tinha, exatamente, como ela desviar o olhar. Tentou encarar o peixe com mais avidez e se concentrar enquanto seu coração ainda se mantinha acelerado.

Quando os três peixes estavam limpos, ela respirou fundo e sentou-se mais confortavelmente na areia, olhando para os leves cortes em sua mão. O silêncio estava constrangedor demais e Gustavo ainda encarava o teto, mas a protuberância de sua bermuda tinha diminuído até o volume normal e ela já começava a conseguir pensar de forma mais clara.

Por céus, não tinha volta.

— Eu tentei fazer alguma coisa na sua jangada — disse, tentando quebrar o silêncio que lhe incomodava. Gustavo girou a cabeça para olhá-la com atenção e tinha um sorriso quase aliviado em seu rosto. — Não consegui fazer nada porque fiquei com medo de fazer alguma coisa errada. Não entendo nada disso.

Ele concordou com a cabeça.

— Não tem problema — disse. — Eu também não sei direito. Pensei em fazer algo pra testar, sabe, caso a gente fique preso aqui por muito tempo. Podemos dar a volta na ilha, ver se tem alguma outra praia melhor e se a

jangada for *firme e grande* o suficiente, podemos pegar os remos e, sabe, tentar ir embora daqui.

Morena precisava confessar que, ao contrário das vezes anteriores que Gustavo havia lhe provocado, não havia malícia alguma na voz do moreno, porém firme e grande tinha ecoado em sua mente de uma forma brutal, agora que ela sabia que... Bom... A descrição se encaixava perfeitamente com ele.

Gustavo percebeu o silêncio perdido da mulher e suspirou pesadamente, sentando-se e coçando a cabeça (enchendo ainda mais seus cachos de areia), desconfortável.

— Olha... Eu... Bom... — Ele não sabia o que dizer. Pedir desculpas parecia inapropriado, ao contrário da noite anterior, não tinha sido sua culpa. Estava mais para um acidente. E Morena não parecia ofendida.

— Tudo bem — ela interrompeu-o. — Está tudo bem. — Repetiu. Ela não sabia o que tudo bem significava, mas... Não havia mais volta. Não tinha mais como fugir daquilo. — A gente não fala sobre isso.

Aquilo não parecia... Bom. Gustavo não estava bem. Ele era ok em não falar sobre o que havia acontecido, até porque... Bom... Ele não saberia o que dizer, mas ele não entendeu muito bem o que Morena queria dizer com aquilo.

— Mas... Hm... Você não acharia ruim se... — Morena encarou-o tentando elaborar as palavras e ele olhou para ela de volta, sentindo o coração disparado no peito. — A gente repetisse?

A pergunta ficou no ar e a verdade era que Morena estava sem qualquer capacidade de responder. Gustavo tombou o corpo para sua direção, piscando os olhos, atento à resposta dela e ela sentiu sua barriga toda se revirar quando jogou seu orgulho fora e tentou ignorar todos os pensamentos que sua cabeça criava contra aquilo e negou a cabeça apenas para ver o sorriso sincero de Gustavo.

Não tinha mais volta.

Não dava mais pra ignorar.

Quando ele encostou em seu rosto com seus dedos grandes e calejados do trabalho manual que tanto fazia na ilha, ela fechou os olhos e respirou fundo, tentando esquecer todo o resto do mundo (que ele se explodisse!) e curtir aquilo. E realmente sentir aquilo, que ela estava renegando há tanto tempo.

Quando os lábios dele chegaram aos seus, foram, novamente, dóceis. Ele soltou o ar em seu rosto e ela arriscou morder seu lábio inferior

levemente, tentando conter um gemido que estava querendo sair desde que se beijaram na água. Mesmo com sua boca ocupada, ele escapou baixinho e isso causou um certo descontrole em Gustavo.

Não o levem a mal, ele era, na maior parte do tempo, um bom garoto. Ele sabia se controlar e não tinha o costume de perder a cabeça por causa de mulher, mas Morena e ele tinham uns dez anos de história e ele já não estava aguentando mais. Então quando ouviu o gemido dela, seus braços envolveram sua cintura e puxaram-na para mais perto, em uma confusão tamanha enquanto o beijo se aprofundava. Não sabia como, mas no meio daquilo, se viu deitado sobre ela, sentindo todo o seu corpo no dele.

Morena arfou quando Gustavo soltou seus lábios, descendo a boca para o seu pescoço, mordendo seu lábio com força, tentando conter os gemidos que queriam lhe escapar. Tinha uma de suas mãos nos cachos de Gustavo, acariciando-lhe o couro cabeludo e a outra estava em suas costas, logo abaixo do ombro, com as unhas fincadas como bandeiras naquele pedaço de pele.

Estava tentando manter a cabeça livre dos costumeiros pensamentos exagerados, mas, como uma pessoa ansiosa, não conseguia parar de pensar por um segundo. E apesar de Gustavo estar nublando tudo em seu corpo, tinha algo gritando em seu interior que ela não estava conseguindo ignorar de forma alguma.

Aquilo iria doer.

Se desse errado de qualquer forma, ia doer *pra caralho*.

Tinha doído antes e era por isso que ela não se envolvia emocionalmente com ninguém. E era por isso, podemos supor, que ela rechaçava Gustavo com todas as forças. No fundo, ela sabia que a aceleração do seu coração quando o via era mais profunda do que raiva e incômodo. No fundo, ela sempre soube. Nunca quis admitir, mas sabia.

E se aquilo desse errado... Ela não fazia ideia do quanto iria doer.

Mas ia doer.

Gustavo estava descendo os beijos para seu colo e roçando a barba já não tão mais rala pela sua pele e levantou os olhos de um tom índigo que quase a fez desistir do pedido que precisava fazer, mas não o fez. Puxou-lhe o cabelo para afastá-lo de sua pele e ele, sem perceber suas verdadeiras intenções, apertou os olhos e mordeu a boca, voltando a subir e a grudar os lábios nos dela.

Ela absorveu o beijo e respirou fundo antes de escorregar as mãos para

seu peito e empurrou-o levemente.

Gustavo parou na hora o que estava fazendo. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas assim que olhou Morena, viu lágrimas acumuladas em seus olhos e a firmeza de seu empurrão em seu peito e parou, o que a fez parar de empurrá-lo imediatamente e deixou-o ainda mais confuso com o que estava acontecendo.

— O que houve? — Perguntou. Arriscou a acariciar o rosto dela e ela fechou os olhos, a diminuição do espaço fez com que duas lágrimas corressem em direção à areia. — Eu... Fiz algo errado?

Porque Gustavo sabia que tinha o dom de estragar tudo e sempre estava preocupado com isso, era verdade.

— Não — ela se apressou em dizer. — Desculpa... Eu... — Sua respiração estava difícil e nada tinha a ver com a excitação. Aquilo, ela bem conhecia, era uma crise de ansiedade por medo de intimidade. Gustavo cerrou os olhos para ela, tentando lê-la, tentando entendê-la, sem muito sucesso. — Eu... Preciso ir devagar.

Gustavo piscou umas cinco vezes seguidas, tentando absorver a informação. Ele achava que não *ia devagar* com ninguém desde o ensino médio e não conseguia compreender o motivo — embora achasse que aquele era um péssimo momento para perguntar -, porém, se tinha feito-a chorar, ele achava que parecia justo.

Morena encarava Gustavo como se ele fosse uma bomba prestes a explodir em sua cara. Esperava que ele ficasse zangado, que brigasse com ela e a afastasse. Tinha acontecido antes também. Mas, ao contrário do que ela pensava que ia acontecer, o homem sorriu, compassivo, e acariciou seu rosto mais uma vez, desta tomando cuidado para secar o caminho que as lágrimas percorreram, de um lado e do outro.

Beijou-lhe os lábios de forma casta e respirou fundo, ela sabia, para se conter e o coração dela estava batendo de forma aquecida com o comportamento dele.

— Do jeito que você quiser — ele murmurou, escorregando para o lado dela.

Morena mordeu o lábio inferior com força e, um pouco mais tranquila, sorriu para ele.



Natália detestava a velha, essa era a verdade. Sempre lhe encarara com olhares de nojo e soltava comentários horrorosos sobre sua aparência, principalmente sobre seu cabelo e chegava a fazer piadas ridículas sobre como os filhos dela com Gustavo pareceriam caso tivessem, mas, apesar de todo o desgosto, a tratava bem na medida do possível, com sorrisos e gentilezas e engolindo as besteiras que a mulher dizia por respeito a Gustavo, que era sempre um amor e atencioso com ela, até mesmo quando ele poderia não ser.

Tirando aquela vez, claro. Aquela única vez que ele fez que ela se sentisse a pior pessoa da face da Terra e depois lambeu o chão que ela pisava pra se desculpar e ela, em parte, até entendera o caso dele.

Afinal, para falar a verdade, eles estavam juntos aqueles anos todos simplesmente por conveniência. Ele estava ali, ela também, ambas as famílias colocavam pressão para que casassem e tivessem filhos, mas a verdade é que os dois estavam casados com suas carreiras. E aí, quando a necessidade batia, estavam a uma ligação de distância e sempre se entenderam sem palavras, então o sexo não foi muito diferente disso.

Gustavo permanecia sendo seu melhor amigo, embora não estivessem se falando muito ultimamente por conta da distância. No coração, ele era seu melhor amigo e sabia que ela também o era no dele.

Mas nunca iria perdoá-lo por planejar ir ao Caribe sem ela. E não lhe contar! Ela tinha descoberto através da velha maluca da avó dele que nem sabia como tinha descoberto seu telefone. Provavelmente preferiria trocar o número a continuar em contato com a mulher, vai que ela resolvesse ligar para ela e papear sobre qualquer coisa estúpida e fútil que dizia o tempo inteiro?

Ainda fervia em raivas toda vez que lembrava das insinuações da mulher sobre abandonar o trabalho e viver em prol da casa como se fosse uma obrigação dela e que seu trabalho era só um playground juvenil que acabaria no momento em que alguém lhe colocasse uma aliança no dedo.

Estava colocando as coisas na mala enquanto esperava o e-mail de sua mãe com o comprovante da passagem de avião que tomaria para o Caribe. De acordo com os cálculos da velha, o transatlântico de Gustavo estava para ancorar nos próximos dias e ela bem estava precisando de umas folgas ao sol do Caribe. Chegaria cedo, aproveitaria o calor e tomaria alguns bons drinques até que seu melhor amigo aparecesse, então poderiam colocar a conversa em dia e afogar um ao outro em qualquer uma das praias.

Sorriu e pegou o telefone, discando o número de Gustavo, visto que ele não respondia suas mensagens pedindo informação. Não chamou nenhuma vez e, enquanto ouvia a mensagem da caixa eletrônica, revirou os olhos, crente que ele tinha esquecido mais uma vez de carregar o aparelho. Sempre tivera uma cabeça de vento para as coisas mais simples.

— Ô babaca, não vai me atender não? Puto! — Gritou ao aparelho, desligando e soltando uma gargalhada.

Mal sabia ela que Gustavo tinha bastante ciência do estado do seu telefone — afogado — e que não o carregava e atendia porque se encontrava em uma ilha deserta como um naufrago. Mas esse é um assunto para outra hora.

Natália estava sorrindo contente quando o celular apitou com a mensagem de sua mãe e a sua passagem de avião comprada. Iria para o Caribe, tiraria um pouco daquela cor cinza da cidade de seus olhos e relaxaria ao sol trocando palavras de conforto com o seu melhor amigo, ao qual morria de saudades. Tirariam o atraso daqueles meses e compartilhariam suas experiências — Natália estava doida para lhe contar sobre seu trabalho de conclusão e queria muito saber de Gustavo que história era aquela de sair em uma revista americana?

O diabo do ridículo não atendia o telefone nem respondia suas mensagens, então, ao fechar sua mala e colocá-la ao chão, discou mais uma vez seu número e mais uma vez caiu na caixa de mensagens, ao que ela suspirou, decepcionada.

— Mané, assim que você lembrar que tem uma merda de telefone pra carregar e ouvir essas mensagens, lembra de me ligar pra falar que tá indo pro Caribe sem mim, tá? — Seu tom pingava de deboche divertido. — Traição! Das piores traições! — Fez-se ofendida — Nunca vou te perdoar... — Soltou uma risada divertida como se Gustavo lhe estivesse ouvindo do outro lado da linha, completamente confortável com o moreno — Ok, mentira porque sua avó me avisou então eu tô indo também. Vou chegar primeiro, então tudo é meu. Me liga quando chegar, idiota.

Ela adorava que ela e Gustavo tivessem saído da amizade para o romance e de volta à amizade sem o medo do perigo de se xingarem e isso não ser ofensivo. Era uma amizade gostosa, divertida e despreocupada como sempre, se socavam, estapeavam, xingavam e, no final do dia, estavam conversando sobre tudo.

Bom... Ou quase isso. Tinham uns meses que ela e Gustavo não se falavam muito. Não era como se tivessem brigado ou qualquer coisa assim, ele só se afundou em projetos e estivera muito estressado e sem tempo e ela,

na realidade, estava entre um namoro problemático e os estudos puxados. A última conversa que tivera com ele foi durante algumas horas na madrugada, para ela, quando ele lhe passou uma série de recomendações e preocupações sobre o namoro dela e a ajudou a encontrar uma maneira de ver que aquilo não estava funcionando nem um pouco bem ao declarar, sem medo de estar errado, que ela não estava feliz — e era verdade, não estava mesmo. Depois disso, só tinham trocado mensagens de atualização e algumas fotos de coisas que lhe orgulhavam, como se fossem o instagram um do outro.

Agora lá iria ela, com um sorriso no rosto.

Desceu os andares de seu prédio no elevador, cumprimentando de forma simpática aos vizinhos e, ao chegar na rua, fez sinal para o primeiro táxi que passou.

Mal podia acreditar nas palavras que formavam em seus lábios:

— Para o aeroporto, por favor.



Gustavo não lembrava mais quais eram as regras do *ir devagar* e estava um pouco temeroso de perguntar à mulher o que ela queria dizer com aquilo porque demorou uma hora inteira antes que ela se acalmasse. Embora ele a tivesse acalmado de qualquer maneira que pudesse, ela ficou tremendo, chorando e tentando respirar em seu abraço. E Gustavo tinha convivido por tempo o suficiente com sua mãe para saber que aquilo era algum transtorno ou trauma. Ele só não entendia o que poderia causar aquilo... Pensou que podia ser trauma de algum abuso, mas se o fosse... Talvez ele já soubesse disso por Ricardo. Ele tinha contado detalhes até demais de seu relacionamento com Morena, mas nunca citara algo do gênero.

E se fosse algo do tipo, ele achava que ela não teria deixado que ele a tocasse enquanto se acalmava. Então tomou para si que não adivinharia o que era e resolveu esperar pelo momento certo de perguntar.

Gustavo não sabia exatamente como ele e Morena estavam, mas ela passara o dia meio nervosa e meio afastada, mesmo aceitando toda e qualquer demonstração de carinho que ele lhe fazia. Assim que caiu a noite, porém, ela parecia estar mais ou menos de volta ao normal e quando jantaram na luz da fogueira e Gustavo a envolveu em um semi abraço, ela virou o rosto para ele e disse:

— Você não pense que eu vou amolecer com você só porque isso está acontecendo — ela apontou para eles dois, incapaz de pensar em nomear aquilo.

Gustavo soltou uma gargalhada alta, jogando a cabeça para trás.

— Não passou nem pela minha cabeça — respondeu, ainda rindo.

Oras, ele esperava que ela não amolecasse mesmo. Apesar do estresse que as vezes as brigas deles, quando chegavam a um nível absurdo de ofensas e ataques, na maior parte do tempo, as implicâncias eram bem divertidas de ambos os lados. E ali, na ilha, estava sendo primordial. Era como um sopro de normalidade em um turbilhão de coisas estranhas.

— Porque eu não vou — ela frisou.

Gustavo concordou com a cabeça, ainda rindo de Morena e sua tentativa de convencê-lo a algo que ela esperava que lhe incomodasse, mas que, na verdade, lhe agradava bastante;

— Por mim tudo bem — Gustavo permanecia risonho.

Sinceridade escorria pelas palavras de Gustavo, mas Morena estava

encarando-o com uma certa descrença e bastante insistência no assunto, embora ele não estivesse lhe dando a atenção que ela queria... Não da maneira que ele queria. Esperava que isso o desestabilizasse e deixasse ele nervoso ou ansioso ou tentando consertar as coisas, fazê-la se acalmar ou chamá-la de boba, mas ele parecia estar se divertindo com suas palavras.

— Eu só estou um pouco cansada hoje — Morena parecia estar convencendo a si mesma e ele achou ainda mais graça.

Gustavo sorriu e suspirou, achando que talvez fosse um bom momento para tentar tirar alguma coisa dela. Ela parecia melhor, mais animada e mais ativa. Muito diferente do que ele tinha visto mais cedo. Na verdade, ele não se recordava de ter visto Morena daquela forma nunca, talvez quando a encontrara no bote e quando eles discutiram porque o bote furara, mas ele próprio não estava bem o suficiente para reparar. Agora, porém, ele tinha visto e tinha ficado um pouco assustado com a forma que ela, sempre tão sagaz e tão senhora de si pareceu tão indefesa... Se não estivesse acostumado com sua mãe, talvez, teria ficado com medo que fosse alguma coisa física, alguma intoxicação alimentar ou até mesmo um choque por conta do quase afogamento dela.

— Alguma chance de você me contar o que aconteceu? — Perguntou, realmente preocupada. Sabia que tinha sido, de alguma forma, algo parecido com o que sua mãe tinha.

— Crise de ansiedade — respondeu, simplesmente, e mordeu um pedaço de peixe.

Parecia, realmente. Lembrava que, quando mais novo, por volta dos onze ou doze anos, uma amiga de sua mãe foi sequestrada e ela começou a desenvolver um certo medo de sair de casa. Lembrava-se dela tremendo toda vez que ele ia para escola e o alívio dela quando ele retornava. Era um pouco parecido.

— E isso aconteceu porque a gente se beijou?

Morena encarou Gustavo indecisa se arregalava os olhos com medo que ele fizesse qualquer ideia do que provocara a crise e cerrar os olhos pela tentativa dele de lhe arrancar as informações.

— Qual a parte do vamos devagar você não entendeu?

Gustavo mordeu a boca porque ele não tinha entendido muito sobre o ir devagar, mas estava tentando fazer uma coisa de cada vez porque parecia ser mais ou menos isso que ela queria. E perguntar aquilo, realmente, parecia que ele tinha avançado um sinal, se ele parasse para pensar. Mas Gustavo não parava muito para pensar, ao contrário de Morena, que pensava o tempo todo.

— Sem conversas sobre o que causa a crise de ansiedade?

— Sem conversas sobre o que causa a crise de ansiedade. Um dia eu te conto. Se você se comportar.

— Ok, posso lidar com isso. — Gustavo riu. — Se eu me comportar, posso ganhar um beijo?

Morena riu, revirou os olhos e lhe deu um selinho.

Dormir foi um pouco diferente para eles naquela noite.

Normalmente, Gustavo virava para um lado e Morena para o outro, mas os dois deitaram ao mesmo tempo, meio que esperando que o outro tomasse a decisão de como que dormiriam agora.

Deitaram-se de barriga para cima, encarando o teto, porém encarando um ao outro pelo canto dos olhos, esperando um mísero movimento para ver o que aconteceria.

E caíram na gargalhada.

Morena soltou uma risada nervosa primeiro e Gustavo a seguiu, escandaloso. Depois disso, demorou poucos momentos até que ela estivesse deitada sobre o braço de Gustavo e ele lhe abraçasse como estava fazendo na fogueira. Encaram-se longamente com sorrisos bobos no rosto e Gustavo beijou a testa da mulher carinhosamente.

Oras, era claro que ele queria fazer *coisas mais*. Sempre quisera. Também sabia que ela queria porque era bem óbvio na maneira com que os pelos dela se arrepiavam ao toque dele, mas... Gustavo estava satisfeito e contente com aquilo. Não se importava em esperar que Morena se sentisse confortável com ele para avançar — embora não entendesse o que estava acontecendo e porque ela havia pedido para que eles fossem devagar, visto que pelo que Ricardo lhe relatava, ela gostava das coisas rápidas e dinâmicas.

Porém, tinha algo especial em dormir abraçado com ela e ele não se importou. Nem um pouco. Mesmo seu corpo quase explodindo de tanto tesão, mesmo que estivesse claro que ela estava em estado similar. Ele estava gostando. Gostando? Ele estava adorando.

Na manhã seguinte, Morena fez o que havia prometido a Gustavo: não amoleceu. Começou o dia um pouco ranzinza como o usual, e nisso ele já até tinha se acostumado. Reclamou que ele tinha sufocado ela durante a noite, reclamou de torcicolo, reclamou da jangada que não parecia segura, reclamou do canivete que ela achava que estava ficando cego, reclamou do Sol que estava quente e tudo o que ela queria era um ar-condicionado, mas sorriu todas as vezes e que Gustavo driblou suas reclamações para lhe dar um beijo.

Parecia querer provar o ponto de que continuaria pegando no pé dele e que nada na dinâmica iria mudar — exceto o fato de que eles se beijavam.

Foram almoçar mais tarde que o normal porque ele se demorou demais na jangada e foi pescar um pouco mais tarde, nos cálculos não muito corretos de Gustavo da posição do Sol, era mais ou menos três horas da tarde quando Morena achou que o peixe não estava mais cru e chamou Gustavo para a sombra para comer.

— Não aguento mais comer isso — resmungou, depois da primeira mordida.

Estava bem mais resmungona que o normal e Gustavo ficou na dúvida se ainda era o mau humor da manhã — e por ele ter esmagado ela durante a noite, de acordo com ela -, ou se ela estava exagerando mesmo pra se fazer de durona.

— Estava pensando em tentar caçar alguma coisa — Gustavo apontou, fazendo Morena se sobressaltar. — Também estou bem enjoado de peixe. Vou ver se consigo algo diferente pra gente jantar.

Morena cerrou os olhos para Gustavo. Não conseguiu tirá-lo do sério nem uma única vez durante o dia e ela estava se esforçando. Ele só ria, brincava e a beijava ou tentava agradá-la de alguma forma. E de uma forma muito, muito estranha, ela viu um pouco de sua mãe e do seu pai neles dois. E se assustou.

— Parece ótimo — concordou, porque não sabia mais o que fazer. — Mas não vou comer macaco.

Gustavo riu e voltou a comer seu peixe distraidamente.

Quando terminaram, ele a beijou de forma carinhosa e se despediu, pegando a lança e entrando na mata atrás dele e Morena deitou-se fora na barraca, encarando o Céu e se perguntando o que diabos ela ia fazer com aquelas borboletas em seu estômago cada vez que Gustavo abria a boca para falar com ela.

Queria ter a habilidade de não pensar... Mas ela não tinha.



Morena teve o resto da tarde para pensar. O que foi uma boa coisa, ela achava. Ela e Gustavo passavam boa parte do tempo juntos, o que era diferente de ter um encontro e voltar pra casa e pensar nos prós e nos contras do cara. Ali, bom, ela não tinha conseguido parar pra pensar no que estava acontecendo, estava apenas sendo soterrada por Gustavo e sua atenção, o carinho que ele demonstrava e uma compreensão absurda que ela nem sonhava que ele poderia ter.

Mas ela não tinha refletindo nem no que aquilo implicava de mudanças em sua vida, nem na crise que tivera por causa daquilo. E ela com certeza tinha que organizar sua cabeça.

Estava se sentindo *bem*. Era um bem gostoso, ela tinha que admitir. Gustavo estava fazendo como se parecesse natural, como se ele estivessem fazendo aquilo por um tempo e ela não conseguia não ver que eles tinham um entrosamento bastante fácil. E, seguindo seus pedidos, ele estava sendo bastante respeitoso com seu pedido — até o presente momento, nem uma mão boba ou um amasso mais quente tinha rolado. Ela não era exatamente contra, mas estava um pouco assustada. Assustada porque...

Bom, ela gostava dele, né? Ela já tinha gostado de pessoas antes e nenhuma das vezes acabou muito bem. E tinha se machucado muito, o que acabou estragando tudo aquilo de romance para ela. E agora lá estava ela... Olhou para a mata como se fosse vê-lo. Gostava dele. Gostava dele de verdade e não fazia ideia de há quanto tempo. Era bastante tempo. Fugia dele com todas as brigas e discussões e agora que eles tinham sido obrigados a conviver o tempo todo... Bom, ela não tinha para onde fugir. E acabou envolvida com toda aquela situação e deixou a peteca cair.

Não queria que tivesse acontecido porque isso era a porta dos pesadelos para ela, mas não tinha mais volta. Dali para frente, dando errado, eles se tratariam diferente e iria doer. Ele saberia como ela se sentia, mesmo que ela não dissesse, e iria doer.

E como fazer aquilo funcionar? Na ilha, talvez desse certo. Mas imaginava que, se saíssem dali... Será que mudaria tudo outra vez? Gustavo tinha uma noiva, ela se lembrava. Estava tentando não pensar na mulher porque, na ilha, eles não tinham como saber se a vida de fora voltaria para eles, mas ele tinha alguém e assim que pisasse fora daquele lugar... Iria doer.

Ela não queria que doesse.

Estava um pouco assustada com a intensidade das coisas. Quando ele a

beijava, seu coração disparava e a respiração ficava falha, mesmo que fosse um beijinho de nada. Queria ir devagar na esperança de se acostumar com as sensações e também de não surtar com o medo de que aquilo se esvaísse de suas mãos... Mais uma vez.

Era uma droga. Ela estava confusa porque era mais que óbvio que queria ficar com Gustavo, mas não estava encontrando uma lógica viável para que aquilo não acabasse mal. De uma forma ou de outra, acabaria mal. Como que ela iria olhar para a cara dele todo dia e trabalhar com toda a pompa sem chorar sem parar a mágoa? Teria que mudar de trabalho, talvez de cidade, na esperança que não acabassem em uma premiação juntos ou em uma festa da empresa, que jamais fossem se encontrar outra vez.

E lá estava ela: mal tinham começado a ficar e ela já estava planejando o que fazer em caso de término... Fora da ilha.

Mas tinha uma situação ainda pior: e se terminassem dentro da ilha?

Morena não sabia muito bem como sobreviver sozinha. Não sabia caçar e mal tinha aprendido a pescar e também não sabia nadar. Não achava que Gustavo a deixaria morrer de fome, mas como ela sobreviveria à um término com alguém que ela gostava *de verdade* sem *delivery*?

Mas e se — e aquela era uma possibilidade bem pequena, veja bem — desse certo? Ela e Gustavo, na realidade, dando certo parecia piada para todo mundo que ela conhecia. Mas e se desse certo?

Isso era tão remoto e, ao mesmo tempo, tão desejoso que ela nem conseguia ou se arriscava a pensar.

Mas devagar era bom. Talvez desse tempo para ela blindar seu coração antes que ele fosse pisoteado. Conhecia Gustavo e ele era um galanteador. Ele tinha aproveitado o último ano que a noiva estava estudando fora para paquerar todas as mulheres em um raio de uns 100 quilômetros.

Não ia dar certo. Simplesmente não ia.

Mas ela podia tentar.

Agora ela meio que não tinha outra escolha além tentar. Porque, bom, agora estava feito.

Estava envolvida até o pescoço naquele romance de banca de jornal. Queria dizer, eles trabalharam na mesma empresa por uma década, trabalharam juntos diversas vezes, se odiavam, discutiam o tempo todo e aí por conta de um acidente, acabavam em uma ilha deserta e as coisas simplesmente aconteciam? Se beijava, se aceitavam? Parecia completamente ridículo e irreal. Com certeza estava dentro de um livro.

Gustavo estava sendo realmente paciente e passando tranquilidade para ela e Morena estava surpresa porque não conhecia esse lado dele. Ele até tinha feito um monte daquilo a acalmando quando chegaram à ilha, mas ele estava sendo ainda mais atencioso e estava impressionada com todas as demonstrações de carinho e afeto dele — e nem sempre eram beijos. Tinha beijado sua testa na noite anterior, antes de dormirem, sempre que tinha uma oportunidade, ele a abraçara e já lhe fizera cafuné duas vezes.

Não tinha lhe perguntado outra vez sobre o que causara sua crise e ela sabia que ele estava morrendo de curiosidade (ela estaria), mas estava mantendo um silêncio completamente respeitador sobre o assunto e isso estava quase deixando-a confiante a contar que ela tinha medo de coração partido e que estava apaixonada por ele, mas... Ela preferia que ela não soubesse o que ela sentia. Tinha medo de virar chacota, tinha pavor que ele risse dela e lhe dissesse que só estava assim porque precisava transar e ela era a única pessoa disponível no momento. Era o que sua cabeça lhe dizia que ia acontecer.

Mas ao mesmo tempo... Gustavo estava lá, parecendo que nem estava se importando com o fato de que eles só estavam se beijando e nada mais animado era permitido no momento. Na realidade, ele nem tinha tentado nada mais elaborado e nem forçado a barra. E nas duas vezes que se empolgou, pediu desculpas e perguntou se estava tudo bem com ela.

Estava até difícil arrumar motivos para brigar com ele e provocar ele, como ela tinha dito que queria continuar a fazer. E ele parecia preocupado com ela, atento às suas nuances. Tinha lhe perguntado várias vezes se ela estava bem e também entoava a pergunta quando lhe beijara com um pouco mais de empolgação.

Ele era... Fofo. Essa era a palavra certa. Fofo. Não fazia ideia antes.

E lá estava ela, pensando e pensando sem sair do lugar. Mas mesmo em suas confusões, algumas decisões estavam tomadas...

1 — Ela continuaria com Gustavo. Não tinha muita confiança de que acabaria bem, mas a sensação era ótima e ela estava (com medo, mas) disposta a se arriscar;

2 — Devagar era bom. Devagar era ótimo. Principalmente com a bagagem que ela tinha e que o relacionamento dos dois tinha. Era claro que ela tinha problemas urgentes na área inferior de seu corpo para resolver, mas por enquanto teria que esperar enquanto ela sentia um pouco mais de firmeza em sua decisão 1;

3 — Ela realmente estava totalmente apaixonada por Gustavo e não

sabia se gostava disso. Na verdade, ela odiava isso;

4 — Estava se sentindo um pouco mal por saber que ele tinha uma noiva e que só estava com ela porque estavam sozinhos na ilha, mas iria tentar parar de pensar na mulher;

5 — Queria não pensar tanto e só se jogar de cabeça naquilo.

Estava fazendo bico para o nada e encarando o céu quando percebeu que ele começava a ficar alaranjado. Algo apitou no fundo de sua cabeça e ela sentou-se com pressa, olhando ao redor e não encontrando nenhum vestígio de Gustavo pela praia. O Sol estava descendo pouco a pouco e logo iria estar escuro... E Gustavo ainda estava na mata.

Seu coração acelerou de pânico e ela se levantou rapidamente. Tinha perdido a noção do tempo e o homem não dera sinal de vida pelas últimas três horas, mais ou menos. Ele nunca ficava tanto tempo na mata, ela que se arriscava um pouco mais quando ia fazer colheita das frutas, mas não ia muito longe e ele sempre tinha uma ideia de onde ela estava e o que ela tinha ido buscar. Gustavo por outro lado... Não tinha a mínima ideia.

Sua respiração começou a acelerar e, mesmo com medo e com a noite prestes a cair, o que a deixaria totalmente sem iluminação nos próximos minutos, ela tomou uma lufada de ar e coragem e adentrou a mata para tentar encontrar Gustavo antes que fosse tarde demais.

Capítulo 13

Gustavo queria era agradar. Confessava que, apesar das limitações com a negra e toda aquela história de ir devagar, ele estava todo sorrisos e queria, mais que tudo, agradar. Não sabia qual era o problema dela em avançar, mas pensou em quanto mais firme estivesse ao lado dela, melhor ela ficaria. Ao menos era mais ou menos assim que funcionava com a sua mãe quando ela estava depressiva.

Então se Morena não queria mais comer peixes, ele iria tentar pegar outra coisa. Caçar alguma coisa. Mesmo que ele não fizesse a menor ideia de como se caçava alguma coisa.

Bom... Ele tinha visto filmes sobre isso — pessoas sobrevivendo em lugares remotos, quando tinham que caçar coisas. Normalmente, as pessoas caçavam coisas quando estavam quase morrendo de fome e esse não era o caso, eles estavam comendo até muito bem, apesar de ser peixe o tempo todo.

Gustavo começou a tentar se recordar como se caçava bichos. Lembrava-se de se misturar com o ambiente parecia ser uma coisa bem primordial, então sujou a cara de lama do rio, assim como seu tronco, braços e pernas. Então se amarrou com algumas folhas de árvore caída e se sentiu um super-herói. A partir de agora, seria chamado de Homem-Floresta.

O Homem-Floresta tinha sua lança firme em suas mãos, caminhando lentamente pela mata, sem tentar fazer barulho, procurando por algum vestígio de vida animal que lhe pudesse dar o que comer. A mata estava silenciosa, com exceção dos passos do Homem-Floresta, que tinha pés grandes e era bem desajeitado e estava afastando todos os bichinhos espertos para longe dele, restando apenas um — que era, bom, ele mesmo.

Depois de uma hora ou mais, sem nenhum sucesso e sem visualizar nenhum bichinho além dos micos que lhe encaravam com suspeita e curiosidade, aos quais Morena tinha sido bastante clara que não comeria um daqueles, o Homem-Floresta resolveu sentar-se atrás de uma árvore e aguardar silenciosamente (comendo jabuticabas) pela aproximação de sua futura comida, que ele nem tinha em mente qual seria.

Sentado ali, aguardando com a paciência esfomeada que Deus lhe deu, o Homem-Floresta aguardou, sonhando com um bife suculento, grelhado ao fogo da fogueira que queimava no acampamento que dividia com Morena, a Deusa-Furacão (Homem-Floresta achou que esse era um nome apropriado

para a negra).

O silêncio da mata era sufocante para o Homem-Floresta. Ele, na verdade, não era muito de florestas e calmarias. O Homem-Floresta, na verdade, preferia ser o Homem-Festa, mas a vida tinha levado-o até ali e ele abraçara sua personalidade de Homem-Floresta muito bem, exceto que ele ainda não gostava de silêncio.

Silêncio era entediante, na opinião do Homem-Floresta. O que ele deveria fazer enquanto aguardava um bicho aparecer para ele comê-lo? Resolveu que era uma ótima ideia jogar uma pedra para o ar até que ela lhe acertou a testa, uns dez segundos depois.

— Ai! — Choramingou o Homem-Floresta.

Bom, agora o Homem-Floresta tinha uma cicatriz de guerra para mostrar a Deusa Furacão como a caçada era cruel e perigosa. Ele tinha certeza que poderia inventar uma história bem melhor para aquele machucado e a Deusa Furacão ficaria impressionada com a força e a vitalidade dele ao lhe conseguir comida.

O Homem-Floresta, então, estava oficialmente entediado. Não aparecia nenhum bicho para que ele pudesse espetar com sua poderosa Super-Lança, as pedras eram sua perdição e faziam como que ele ficasse mais fraco. Resolveu cavar a terra à sua frente com a lança para se distrair, esperando encontrar logo o enfrentamento final com seu inimigo mortal (a sua futura comida) para poder voltar às suas atividades normais e superar aquela provação (ficar sozinho, sentado, sem fazer barulho).

Então, mesmo cavando a terra como uma criança em grande sofrimento, o Homem-Floresta ouviu um farfalhar de folhas seguido de galhos se quebrando e, então, passadas rápidas e bastante ritmadas. Pôs-se em alerta e levantou-se de onde estava sentado para ficar apenas agachado e pronto para subjugar sua presa inimiga. Ouviu-a se aproximar de forma rápida e ele estava atento à sua provação final e liberação daquela jornada difícil, da qual ele já tinha se ferido gravemente.

Estava perto. Estava quase chegando, o Homem-Floresta conseguia sentir. Pôs-se pronto para pular e identificou de onde vinha o barulho de forma direta. Atento, viu as folhas balançando por ali, mostrando que a presença de seu inimigo era iminente e pulou bem na frente, em corrida, com a lança em punho.

— ATACAR!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Um grito humano aterrorizado e muito conhecido foi o que ele obteve de volta. O Homem-Floresta se assustou de volta e largou a lança porque não

sabia exatamente o que fazer. A Deusa Furacão lhe encarava com uma expressão entre o choque e a total raiva enquanto tomava ciência do que havia acabado de acontecer e ele soube, naquele momento, que estava muito ferrado. Ele tinha a fúria da Deusa Furacão.

Não demorou mais que três segundos para que Morena percebesse que não tinha sido atacado pela pessoa misteriosa que ela tinha cismado que havia sobrevivido à queda do avião, pelos destroços que haviam encontrado e olha, não tinha sido lá muito fácil, visto que Gustavo estava todo cheio de lama e folhas, parecendo um Tarzan da vida.

Primeiro, ela gritou. Gritou bem alto, assustada com o pulo do homem e com seu grito também... Então ela reconheceu a lança em suas mãos e o tom de azul dos olhos dele, sem nenhuma dificuldade. Só aí que se pôs a avaliar o estado de calamidade em que Gustavo se encontrava e parou de gritar, fechando a cara para a audácia dele, sem conseguir diminuir as batidas do coração e a respiração acelerada.

Seu passo seguinte foi fazer o que Gustavo não conseguira fazer com ela, atacá-lo. Estapeou todo pedaço de pele que conseguiu encontrar, sujando-se de lama e fazendo com que gotinhas da pasta voassem ao redor dos dois, manchando sua pele e teria o sujado também, se ele não estivesse já todo coberto.

— Você! Como você se ateu? Tá maluco? Você tá maluco? — Ela gritava, não esperando fazer qualquer sentido, só tentando destruir a raça dele por fazê-la quase ter um troço do coração. — O que você tem na cabeça? O que diabos é isso, Gustavo? Pelo amor de Deus, para de ser criança. Ah, eu não acredito. Você já viu a hora? Está escuro, inferno! Eu fiquei preocupada, vim te perguntar e você brincando de mendigo? Eu não acredito nisso, eu só muito idiota. Devia ter deixado você aqui!

Morena estava frustrada e Gustavo só se defendia dos tapas da mulher. Mas tinha um problema: ele até tinha escutado o discurso da mulher, mas estava bastante concentrado na parte que ela lhe dissera que tinha ficado preocupada com ele. Aquela era a parte importante de todo o negócio. Ele demorou em sua tentativa fracassada de caçada e ela fora atrás dele porque estava preocupada com ele.

Bom, o Homem-Floresta tinha seu dia ganho.

Perdera a batalha contra a caça imaginária, mas ganhou o dia, certamente.

— Sabe qual é o seu problema? Você não tem juízo! Você está me ouvindo? — Ela ainda estava bem zangada e lhe estapeando.

Gustavo tentava escapar da fúria dela, dando alguns passos para trás e colocando o braço na frente das partes que já estavam um pouco incomodadas com a fúria da negra, mas não tinha muito o que fazer: embora ela fosse uma cabeça mais baixa, vários quilos mais magra e menos musculosa e ainda com uma estrutura muscular bem mais singela, ela ainda estava tirando vantagem dele por força de vontade e ele só conseguia tentar se afastar.

— Juízo, sim — ele repetiu, na esperança que ela acreditasse que ele estivera ouvindo o que ela dizia, embora fosse uma mentira completa. Ele ainda estava bem contente por ela estar preocupada com ele, na verdade.

— Olha bem pro céu, Gustavo. Olha pra lá. Olha e me diz o que você vê. Se é que você vê alguma coisa!

Gustavo olhou pra cima, através das folhas das árvores e viu... Que Morena estava exagerando, como sempre. Ela tendia a exagerar e se preocupar demais, então não era surpresa que ele não tivesse dado conta que estava escurecendo. Era porque não estava escurecendo ainda.

— Laranja — ele respondeu, prontamente.

— E o que laranja significa, Gustavo? — Ela estalou dedos na frente de seu rosto, mania que ela tinha quando ficava irritada com a lentidão de pensamento das pessoas (normalmente de Gustavo).

— Que ainda falta meia hora antes de escurecer.

— Que falta **só** meia hora antes de escurecer! — Ela corrigiu-o. — Eu não sei o que eu vou fazer com você! Ah, olha, quer saber? Eu vou voltar pra praia. Fica aí brincando se seja-lá-o-quê. Larguei de mão.

Ela virou-se para voltar por aonde viera, mas se tinha uma coisa que Gustavo não queria fazer era largar Morena de mão, então envolveu o pulso dela com a sua, puxando-a de volta para perto de si e a segurou em seus braços, envolvendo-a em uma abraço no mesmo momento em que a boca encostou na dela e a língua invadiu o espaço quente entre seus lábios.



Antônio estava estranhando algumas coisas no barco. Tinha algo errado com o lugar e ele tinha um faro bastante forte para coisas erradas, bom, ao menos quando a coisa errada não era dele ou não saía de sua boca — estas eram tão frequentes que já haviam saído do sensor do seu radar.

As duas mulheres que ele estivera de olho — e, na opinião dele, as mais comíveis do navio, que não tinha lá muitas opções agradáveis — tinham desaparecido.

Morena sumira. Primeiro achou que ela estivesse fugindo dele, o evitando. Esse tipo de coisa acontecia quando as mulheres se apaixonavam por sua pessoa, mas não queriam admitir, elas simplesmente ficavam um pouco afastadas dele como se esse fato as fizessem esquecer do quão maravilhoso ele era — nunca funcionava, era claro. Logo depois, ele reparou que o parceiro irritante da mulher também não estava por perto e fez uma carranca ao pensar que os dois poderiam estar juntos, sabe, da maneira que ele queria estar com ela. Xingou-o, por pura inveja de sua sorte. Com aqueles seios volumosos, ele com certeza estava ganhando uma espanhola quente. Antônio adorava espanholas e esporrar na cara das mulheres que o faziam como um prêmio pelo esforço delas.

Ao ver que sua primeira opção tinha sumido e provavelmente estava tendo algum tipo de sexo selvagem com o babaca irritante do parceiro dela, achou por bem procurar a segunda. A loira de olhos claros que os recebera no navio também era um ótimo pedaço de carne e com certeza o fazia sentir suas calças mais apertadas que o normal. Sabia que ela estava trabalhando e talvez fosse um pouco difícil achar-lhe um tempo livre, mas esperava que pelo menos a encontraria em algum lugar. Estava errado. Tal como a primeira, parecia ter evaporado da face do navio.

Ele já estava cansado de procurar as duas e já não se aguentava mais de vontade de derramar sua porra em alguém, então achou por bem procurar Carolina. Ela era chatinha e infantil, mas iria servir por uma noite ou duas. Depois ele lhe dava um fora — faltava pouco para chegar ao Caribe e lá com certeza Morena e Maria Eduarda dariam as caras ou ele poderia procurar outra morena escultural em biquínis diminutos.

— O que você quer? — Foi assim que ela lhe recebeu quando ele bateu na porta de sua cabine e Antônio ficou um pouco chocado com sua grosseria sem sentido. Ela normalmente ficava lhe abanando o rabo o tempo todo.

— Posso entrar? — Perguntou.

Depois que estivesse dentro, para estar dentro era muito fácil. Sorriu, charmoso, tentando convencê-la.

Ela permaneceu impassível.

— Não — respondeu.

Antônio sentiu como se um terremoto lhe atingisse naquele momento. Carolina estava lhe dizendo não? Desde quando aquele tipo de coisa acontecia? Não acontecia. Não acontecia mesmo.

— Ora, vamos — insistiu. — A gente pode jantar, ficar um pouco juntos...

Já repararam que homens tem dificuldade de ouvir não de uma mulher? Batem pé, insistem para fazê-la mudar de ideia... Isso é um horror. E Carolina era a expressão de todo o horror que cada mulher já sofreu quando disse um não que foi totalmente ignorado por um da espécie de Antônio, homo idiotices.

— Estou saindo com outra pessoa.

Isso fez o queixo de Antônio cair.

— Quem? — A pergunta saiu antes que pudesse contê-la, mas pelo choque e a dúvida que da curiosidade em si. Na hora que proferiu, se arrependeu porque sabia que ela tinha todo o direito e oportunidade de mandar-lhe a merda.

Porém, Carol era inocente e estava com vontade de humilhar Antônio só um pouco. Ela só não sabia exatamente como fazê-lo e acabou escorregando em suas palavras.

— O nome dele é Felipe, ele é dono da empresa que a UBAU contratou pra organizar a viagem e os eventos — aumentou só um pouquinho a situação pra colocar Antônio em seu lugar. — Agora com licença.

Ah, ótimo, a menina tinha lhe trocado por um cara rico. Bem explicado, até, as mulheres sempre preferiam os caras mais ricos, então ele aceitou e compreendeu, porém... Sua honra tinha sido manchada e, bom, Felipe poderia lhe dar uma ou outra explicação sobre o que estava acontecendo e porquê todas as mulheres gostosas pareciam ter sumido da superfície do barco.

Perguntando de funcionário a funcionário, encontrou-o com umas pranchetas na área externa do navio, caminhando e anotando como se estivesse fazendo verificações — como se um cara com tanto dinheiro quando ele precisasse fazer qualquer coisa do gênero. Por um momento, Antônio pensou em dar a volta — o homem negro era alto e musculoso, maior que ele

e com certeza mais ameaçador, mas honrou o tamanho do que guardava em suas calças e marchou em sua direção.

— A passageira... Morena Luz. Não está em qualquer lugar do navio — proferiu as palavras, sobressaltando Felipe, que virou-se para ele com extremo terror por alguns momentos, antes de suavizar-se. — Não a encontro.

Felipe foi rápido em esconder o desconforto, cerrou os olhos para o homem, reconhecendo-o como o ex de Carolina. Apertou as mãos na prancheta que segurava, nunca fora um cara violento, mas sentiu a raiva chacoalhá-lo.

— Desceu no Rio de Janeiro com o parceiro — mentiu. — Tiveram um chamado de urgência na empresa.

Sabia que o homem era de São Paulo por causa de Carolina, então não tinha como ele saber se a tal Morena e o outro rapaz (qual era mesmo o nome dele?) estavam trabalhando ou não.

Antônio se contentou com a desculpa e ficou bem mais aliviado em saber que Morena não estava transando com o babaca do Gustavo em algum canto do navio.

— E Maria Eduarda? — Perguntou.

— Cansou-se do trabalho — Felipe respondeu, de pronto, embora um pouco confuso por ele perguntar da mulher, com outra onda raiva gritando em seu corpo. Quem era aquele cara? — Voltou para a mordomia de casa, acho que tinha alguma festa imperdível que a levou de volta.

Antônio franziu a testa sem entender e por um momento achou de Felipe e Madu talvez fossem casados. Pareceu que ele estava falando de alguém que mandava e desmandava no navio e fazia o que bem queria — mas não era ele o chefe? Resolveu deixar para lá.

Queria ter dito uma palavra ou duas sobre Carolina, mas se comesçassem a sair na porrada por causa de mulher, e o outro parecia estar bem irritado com as mãos apertando a prancheta até que ela se entortasse um pouco, ele sairia na pior, então achou melhor só sair dali e fingir que nada mais acontecia, ao que Felipe agradeceu muito e respirou aliviado quando o homem se afastou, sem nem agradecer. Ele pareceu satisfeito com as mentiras e, por hora, estaria tudo bem.

— AUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU!!!!!!!!!!!!!!

Se Gustavo ainda tinha esperança de conseguir caçar alguma coisa — qualquer coisa — na meia hora que faltava até o anoitecer, com todos aqueles gritos com certeza não conseguiria nada.

Primeiro, ele gritou achando que tinha conseguido uma presa. Depois, Morena gritou porque levou um susto com o grito dele e aí ela continuou gritando com ele por motivo nenhum, afinal Gustavo era um bom garoto (na maior parte do tempo). Então, quando ele achou que tinha conseguido domar a fera e a beijou... Bom...

— Você me mordeu! — Gritou ele. Sua língua estava latejando e Morena parecia muito satisfeita consigo mesma. — Por que você me mordeu? — Estava se sentindo com o orgulho ferido.

Ela o encarava com uma expressão altiva e esperta estampada em sua face, com um sorriso zombeteiro e olhos verdes incandescentes que podiam ser raios lasers se ela tivesse o poder. Não parecia ter nenhum vestígio de arrependimento nela. Na verdade, ela parecia bem contente em provocar no pobre e inocente Gustavo.

— Você é um babaca — respondeu, simplesmente.

Ele estava sentindo a língua latejar e chegou a ver algumas estrelinhas diante de seus olhos. Devia fazer uma anotação mental para nunca mais beijar Morena no meio de uma discussão porque aquilo *realmente* doía.

— Mas eu só te... — Ele não sabia porque ainda estava falando. Ela não parecia estar entendendo o que ele falava com a língua de fora porque ela estava doendo. — Eu só...

Tinham lágrimas em seus olhos e nem era pelo orgulho ferido, não. Era pela força da mordida de Morena e a dor que ela provocara nele. Aquela mulher era um inferno, como ela conseguia fazer isso?

— Você não encoste em mim desse jeito — resmungou, levantando o queixo e elevando o nariz. — Você tá imundo!

Ah, mas era isso?

Gustavo sorriu assim que se deu conta que o incomodo da mulher era o tanto de lama que tinha nele. E Morena percebeu a ideia que ele tinha em mente apenas alguns segundos antes de toda confusão começar.

Morena arregalou os olhos para ele, que agora tinha uma postura de

pantera selvagem, pronto para dar o bote. Virou-se e começou a correr com Gustavo em sua cola, os dois aos gritos. Ele estava deixando que ela saísse na frente, gritando ao desespero, quase implorando que ele não a pegasse, apenas pela diversão da perseguição. Estava às gargalhadas e Morena logo soltou umas risadas também, porém as dela pareciam ser mais de nervoso que qualquer outra coisa.

Alcançaram a praia e a mudança de terreno fez Morena tropeçar e cair na areia com um grito. Gustavo estava logo atrás dela e, após uma pequena pausa mental pela visão privilegiada que tivera da bunda dela, gritou:

— AHÁ! — E se jogou em cima dela.

Morena gritou, esperneou, tentou empurrar Gustavo, mas não tinha nada que ela pudesse fazer mais. Estava imunda. Completamente imunda. Ele ainda ria e ela só tentava fugir dele e tentar manter a sua integridade moral intacta.

Mas não tinha como. Já era. Estava completamente atolada de lama.

— Eu te odeio! — Ela gritou.

— Bobagem — ele riu. Bem na orelha dela. Morena tentou ignorar o arrepio em seu corpo, mas foi impossível e Gustavo percebeu sua alteração de humor na hora porque ela havia parado de lutar contra ele bem naquele momento. — Odeia nada. Você tá é louquinha por mim.

Enquanto ela apertava os olhos de vergonha e entorpecimento, Gustavo procurou um pedaço de pele sem lama em seu pescoço para grudar os lábios e ficou feliz em não encontrar resistência na mulher. O que era sinal que ela não estava mais tão zangada assim.

— Você é ridículo — ela murmurou, a voz bem mais baixa que antes, demonstrando sua total fraqueza ao homem e seus galanteios. Gustavo riu baixinho na pele dela. — Me solta, vai. Sai de cima.

Gustavo riu, mas na verdade estava um pouco frustrado. Queria ter conseguido um pouco (só um pouquinho) mais de avanço com a mulher, mas tudo bem. Ela dissera devagar e ele iria respeitá-la. Conseguia entender muito bem suas limitações e, bom... Tudo bem para ele. Só iria ter que segurar a barra que era olhar para ela e querer transar com ela quase que o tempo todo.

Gustavo se levantou em um pulo e viu Morena girar e se sentar, tentando limpar a sujeira que ele havia feito. Agora sim o tempo estava demonstrando sinais de que iria escurecer nos próximos minutos, o céu já perdendo o tom alaranjado pra um clima meio azul, meio cinzento. A luz fogueira, nessa altura, provocava sombras claras na areia e era mais ou menos

por aí que Gustavo calculava a hora de se recolher a insignificância de que ele não enxergaria muita coisa.

— Olha só o que você fez — Morena levantou-se, resmungando, com as mãos cheias de lama ao tentar afastá-la de seu corpo. — Vou ter que me lavar agora. Vou ter que dormir colada de água de sal.

— Quer que eu limpe pra você? — Gustavo perguntou, automaticamente.

Claro que havia duplo sentido no que ele havia dito. Claro que Morena entendeu o duplo sentido com extrema facilidade. Eles se encararam por um longo momento, suspensos no ar das possibilidades e de aonde que os toques de Gustavo no corpo de Morena poderiam levá-los.

Ela achou que era um pouco demais e que podia entrar em pânico outra vez a qualquer momento.

— Por que você não se limpa? — Questionou, levantando as sobrancelhas para ele, que bufou, um pouco frustrado com ela.

— Não é tão legal quanto limpar você — Insistiu, apenas pela implicância. E pelo sorriso leve no rosto de Morena, ela também estava levando na brincadeira. Juntos, caminharam para o mar. — Pensa bem... Eu podia te limpar com a língua.

Morena não soube disfarçar o choque que a frase lhe causou. Parou no meio da caminhada para o mar e Gustavo tomou-lhe a dianteira, enquanto um onda quebrava aos pés dela. O ar lhe faltou por um segundo, imaginando o seu sonho de alguns dias atrás em plena realidade e piscou longamente, balançando a cabeça para afastar os pensamentos, antes de voltar a caminhar para o mar.

Gustavo exibia um sorriso completo, muito contente consigo mesmo por poder dizer aquelas coisas, provocar Morena naquele ponto e não apanhar. Ele preferia fazer coisas, mas até que aquele lance de ir devagar era bem legal, na sua opinião. Se dependesse dele, deixaram-na confortável ao mesmo tempo que deixara-a louca com suas piadinhas e insinuações.

A maior parte das folhas que ele tinha amarrado ao redor de si antes da caçada já havia caído na corrida com Morena para praia, mas soltou o restante e jogou-as de volta na areia, o que não deu muito certo porque elas caíram onde as ondas batiam e estavam indo e vindo com as águas e eventualmente seriam pegadas e arrastadas para o mar, mas ele deu de ombros, começando a se esfregar para tirar a lama de si.

— Ui, está frio — ela reclamou, arrancando uma risada dele.

— O rio estaria pior.

— Impossível!

Morena o alcançou e permaneceu perto. Não estavam muito fundo na água, mas a mulher parecia querer se manter segura e Gustavo percebeu que lhe passava isso naquele momento. Bom, ele já a tinha salvado de se afogar duas vezes, então era de se esperar, mas a ele pareceu uma coisa bem importante e lhe encheu o interior de coisas boas.

— Posso te ensinar a nadar qualquer dia — ele sugeriu.

Ela estivera concentrada em tentar limpar suas costas, onde Gustavo havia feito a maior parte do estrago, mas levantou o olhar na hora que ele proferiu as palavras, com um sorriso bastante iluminado em seu rosto.

Por todos os céus, ela era linda demais.

Sorrindo de forma gentil, com a água do mar ondulando na altura de seu decote e à luz da lua, Gustavo não conseguia olhar para nenhum lugar mais. Ela era linda. Linda. Linda demais.

— Isso seria ótimo, obrigada — as palavras saíram de sua boca e ele não prestou muita atenção porque ficou encarando seus lábios se mexendo de forma graciosa.

Mas concordou com a cabeça, sem se importar qual fosse a resposta dela. Seria sim pra qualquer coisa que ela dissesse.

Ficou em silêncio por um momento, tentando voltar a se concentrar no que estava fazendo, mas só pôde perceber que Morena fazia movimentos bem engraçados e estranhos, só então notando que ela tentava lavar suas costas, sem sucesso.

— Esfrego suas costas se você esfregar as minhas — Gustavo sugeriu.

Não era como se Morena não tivesse pensado nisso já. Ela até tinha, sim. Mas não quis sugerir, não quis ser o braço a torcer naquela situação e também não tinha certeza se queria sentir seu toque — mesmo que tocá-lo não fosse nada mal! Porém, aceitou com a cabeça e logo Gustavo estava atrás de si, sem se preocupar em manter uma distância saudável dela. Sentiu sua respiração em seu pescoço e, logo a seguir, seus lábios.

Aquilo iria enlouquecê-la qualquer dia desses.

Sentiu as unhas ralas e disformes de Gustavo (com certeza ele andara roendo) em suas costas, raspando a lama que ela não havia conseguido tirar. Ele cuidou de cada pedacinho de pele descoberta, virava e mexia soltando baforadas e beijando-lhe o pescoço, só para fazê-la estremecer mais um

pouquinho.

Não satisfeito ao acabar, Gustavo envolveu sua cintura com seus braços e puxou-a para colar seus troncos. Sentiu toda sua pele do peito em contato com suas costas ainda mais sensíveis pelo carinho de Gustavo e suspirou, identificando a ereção do homem, não completa e ainda meio adormecida, em seus glúteos.

Ele não fez nada, apenas beijou-lhe o topo da cabeça e respirou fundo, o que fez Morena relaxar e, com um sorriso, apoiou seu corpo no homem e também suspirou. Ficaram por um momento, abraçados, olhando para a praia e para o abrigo que criaram antes dela levantar o olhar para ele e... Bom... O beijo foi inevitável.

É. Tinha algo (*mesmo*) encantado com aquela água do mar.



Se fôssemos perguntar às estrelas, elas diriam que Gustavo e Morena eram bem parecidos em sua essência e, escrito em seus astros natais, eles chegam a se complementar em diversos aspectos, mas com diversos problemas graves também. Em seus interiores, ambos são bem parecidos, regidos pelo fogo, ela por áries e ele por sagitário, queimando tudo que deixam pelo caminho com sua impulsividade e explosividade e, bom, as coisas em comum não paravam por aí. A maneira com que se relacionavam era um pouco diferente, Morena tinha escorpião na ascendência, o que a transformava em um pouco fechada e bastante desconfiada, o que se formos colocar em dupla com o seu signo solar, áries, sendo dois signos regidos por Marte, o Deus da Guerra... Bom, era um grande problema. Já Gustavo tinha uma natureza externa mais tranquila com a ascendência em touro, um pouco lento, bastante firme, um pouco fofo e esfomeado e com muito sono para gastar. Para os leigos, touro e escorpião são signos opostos, muito diferentes e bem complementares. E também tem uma carga sexual bastante elevada.

Se fôssemos falar das emoções e dos relacionamentos, teríamos que olhar a posição da lua e da Vênus em suas cartas estelares. Morena, apesar de ter um signo bem centrado e de terra regendo sua lua, capricórnio, deixando-a centrada na maior parte do tempo (o que é bem difícil, devido à dupla que governa sua personalidade), por incrível que pudesse parecer, a Vênus, que rege o amor e os relacionamentos está no signo mais trouxa de todos os tempos: peixes. Isso, era claro, explicava porque ela estava com tanto medo de se entregar de bandeja para Gustavo. Porque ela sabia que iria ficar idiota e muito provavelmente iria se magoar, o que vai toda contra a natureza rebelde, forte e firme que ela carrega. Já Gustavo também tinha uma dupla parecida: sua lua estava em peixes, o que fazia com que ele fosse amável e fofo, mas também sensível e fácil de se magoar. A Vênus do rapaz se posicionava em capricórnio, com uma preferência maior para relacionamentos duradouros com amigos ou pessoas que ele já conhece há muito tempo, pois, para ele, um relacionamento é como um vinho e melhora com o tempo.

No total, fica claro que seus mapas são complementares e que se combinam sem nenhuma dúvida, porém é necessário se atentar para um fato que sempre complicou e dificilmente irá mudar: eles brigam com muita facilidade e com muita força. Morena com sua dupla de guerra sempre se irrita e sempre tem que dizer isso. Então Gustavo, com o emocional regido por um signo de água, se ofende com natural facilidade e bate o pé com sua cabeça dura bem comum aos nativos e ascendentes (ou até mesmo mercurianos) de touro.

Provavelmente vocês já devem estar de saco cheio de ler astrologia até aqui, mas precisamos falar sobre mais uma posição, já que estamos falando de suas brigas e discussões. Marte, em ambos, está em um signo de ar, os comunicativos do saber. Isso significa que eles discutem muito, falam muito e nem sempre chegam a algum lugar, já que os dois são orgulhosos e cabeças duras.

Pois bem, por que estamos falando disso agora?

Gustavo e Morena se limparam no mar durante a noite, trocaram beijos doces e apaixonados que deixou ambos bem bobos, com suas lua e Vênus, respectivamente, em peixes muito agraciadas com o romance de novela que pareciam que estavam vivendo. Deitaram-se na areia, sem se importar que se sujariam de novo e conversaram sobre coisas bem amenas, sobre suas famílias e seus amigos, criando um vínculo ainda mais forte do que eles já tinham, endurecendo a firmeza da rocha de todos os signos de terra em suas colocações astrais. Depois deitaram-se no bote, no abrigo, e adormeceram abraçados da forma mais fofa que encontraram e dormiram com o coração tranquilo.

Até aí, tudo bem, tudo dentro do cronograma.

Mas não é só da leveza da água e da firmeza da rocha que se faz mapas astrais, muito menos os de Gustavo e Morena, que tinham solares em fogo e marcianos em ar.

Como era de se esperar aos estudiosos de astrologia, a calma não durou muito tempo.

Foi logo de manhã, quando Morena se levantou com Gustavo dormindo meio morto em cima dela, quase a sufocando. Empurrou-o para longe e chutou-o para seu canto sem que o homem sequer se mexesse, quanto mais acordasse. Isso a deixou furiosa — sem muitos motivos para tal, mas ainda sim furiosa. Ela marchou para o mar e com uma de suas cestas trançadas, recolheu um pouco de água e correu de volta para o abrigo, jogando a água bem em cima de Gustavo, que acordou no susto, quase se afogando e cuspidando água para tudo que é lado.

— MAS QUE MERDA! — Gritou, cuspidando água.

Devemos salientar que Gustavo ainda não tinha descoberto o que havia acontecido quando ele gritou, isso foi por causa do susto mesmo. Demorou alguns segundos em sua lerdeza matinal para que descobrisse que Morena havia jogado água nele e molhado sua cama sem nenhum motivo. Então se ofendeu muito por não ter sido acordado com beijinhos e sim com patadas de mastodonte sem nenhum motivo. Nenhum motivo. Estava muito chateado.

Mas Morena estava em fúria.

— Mas que merda digo eu! — Gritou ela de volta. Afinal, ele quase a matou sufocada enquanto estava desacordada e se alguém tinha motivos para ficar zangada era ela. — Fica do seu lado da cama! Do seu lado!

Gustavo ainda estava um pouco lento (bom... Na verdade, ele ficava lento na maior parte do tempo. Só era rápido em três situações: cama, comida e trabalho) e não entendeu lhufas do que Morena lhe dizia. Afinal, o crime que ela achava que ele havia cometido acontecera enquanto ele estava dormindo e não havia registros mentais disso em Gustavo. Até que lhe provassem o contrário, ele era inocente e injustiçado.

— Eu tô do meu lado da cama! — Resmungou. — Só que agora tá tudo molhado.

— Pelo menos você consegue respirar, não é? — Ela gritou de volta, debochada.

— Não por sua causa! Se fosse por você, eu teria me afogado!

— Em uma poça de água, Gustavo? Deixa de ser dramático!

— Isso com certeza foi uma tentativa de assassinato!

— Foi uma tentativa de fazer justiça! Você quase me matou sufocada!

— Mentira!

— Verdade!

— Mentira!

— Você estava atravessado em cima da minha barriga. Eu quase morri!

— Você com certeza inventou isso.

— Eu não inventei nada!

— Você não tem provas!

— Aconteceu, Gustavo. Admita.

— Nunca!

Morena respondeu ao “*Nunca!*” de Gustavo lhe tacando a cesta na cara dele. Amassou a pobre cesta, que rolou ferida para longe dos dois na esperança de conseguir manter o resto de sua integridade física.

— Ei! — Gustavo reclamou.

Mas não tinha jeito. Morena alcançou a pilha de goiabas que eles estavam mantendo em um tronco no canto e começou a jogá-las todas na

direção de Gustavo sem nenhum remorso.

Por que ela estava fazendo isso? Na nossa opinião, pessoas centradas, por motivo nenhum. Na opinião de Gustavo, ela queria matá-lo. Na opinião de Morena, porém, tudo tinha a ver com o fato de Gustavo ser um egoísta incorrigível que não sabia dividir nada porque era rico e filho único e com certeza não sabia dividir uma cama. Como que ela pensava em dividir uma cama com ele pelo resto da vida se ele não sabia se comportar e dormia em cima dela (e quase a matava!) quando tinha a oportunidade. Faltava-lhe limites, faltava-lhe noção.

Vê? Intensidades. Morena era toda extremista com sua dupla de guerra.

E Gustavo, coitado, era todo da paz. Mas se via subjugado pelas constantes provocações de Morena e, bom, se ele tinha que brigar, ele brigava. Preferia ficar na boa, tirar um cochilo ou nadar, curtir a vida... Mas não iria fugir a luta porque, afinal, ele sempre tinha a Razão e a Verdade Absoluta dos regidos por touro.

— Fica — uma goiaba zuniu pela orelha de Gustavo e atingiu a areia atrás de si. — Do seu — outra lhe atingiu a testa e caiu em seu colo com uma expressão de dor lhe escapando dos lábios. — Lado — a mira de Morena não era assim tão ruim, então mais uma goiaba atingiu Gustavo, desta vez em seu peito e caiu em seu colo, onde uma pequena pilha se acumulava. — Da cama! — A última goiaba atingiu a madeira da parede e se espatifou em sementes e gostosuras, sujando vários galhos com um splash meio rosado.

Haviam acabado as goiabas de Morena e ela ainda estava em fúria. Queria jogar mais coisas, mas Gustavo fez algo que lhe tirou totalmente do sério. Enquanto lhe encarava com a expressão impassível, pegou uma das goiabas que caíra em seu colo, levou-a a boca e mordeu, mastigando devagar como se tudo o que Morena fizera nem tivesse lhe tocado um pouco.

Então Morena urrou de raiva e marchou para fora do abrigo antes que sua fúria destruísse a cabana e resolveu gastar sua raiva e energia (um pouco sem sentido, se vocês querem minha opinião, mas falaremos sobre isso em breve) cavando um buraco na areia com suas unhas, como um cachorro. Já Gustavo, voltou a se jogar na cama, mastigando a goiaba ainda de forma lenta, bastante magoado com a fúria da negra, sem nem entender o que estava acontecendo.

Vê?

Eles até se completam. Seus mapas astrais até se encaixam. Mas ainda assim são tão diferentes que não conseguem nem se compreender. Talvez se

conversassem... Se abrissem seus corações acabariam vendo que todos os seus medos eram bem parecidos no âmago e que os planos também convergiam.

E também tinha outra coisa onde, inevitavelmente, pelos corpos ou pelos astros, se dariam bem.

Como já disse... Em breve...



Já tinha alguns dias que Maria Eduarda começara a ver Lucas com outros olhos, de uma outra forma e que tinha abraçado-o sob as estrelas e dormido a noite toda em cima do homem e com ele abraçando-a de volta. Só dormido, mesmo, de uma maneira que ela nunca tinha estado com ninguém.

E dormir era uma coisa íntima, ela achava. Não fazer sexo e depois dormir de cansaço, mas conversar sobre amenidades e dormir abraçados era, de alguma forma, ainda mais íntimo. Porque não importava se haviam transado ou não... Era bom ficar assim de qualquer maneira. E eles tinham dormido e acordado juntos, deixando a mulher um pouco desconfortável com o que acontecera.

Ela bem não sabia o que estava de errado com ela, era verdade. Não era seu costume ficar desconfortável ou envergonhada na frente de um homem como estava com Lucas, chegando a evitar conversar com ele mais — o que era uma pena, visto que o homem tinha tantas experiências de vida formidáveis, as quais Madu gostava de ouvir. Ele não tinha estudo, ela tinha percebido, porém tinha uma vasta gama de experiências sobre diversas coisas com as quais Maria Eduarda jamais pensou que alguém poderia saber.

Ela se sentia amada e cuidada por Lucas e ao mesmo tempo estava se sentindo desconfortável na presença dele, o que era muito muito estranho.

Lucas parecia ter percebido que havia um clima estranho entre os dois, embora ele estivesse olhando-a como se não compreendesse o que estava acontecendo, mas havia respeitado a distância que ele achou que Maria Eduarda havia imposto entre os dois.

Claro que convivendo em um pequeno barco à Deriva no mar, procurando duas pessoas perdidas, eles não tinham muita escolha. Nem muito tempo para ficar pensando em como agir um com o outro. Então, por diversas vezes, Maria Eduarda trocou leves palavras envergonhadas com o Lucas na hora do almoço ou quando eu precisava de alguma resposta sobre as coisas que ela era responsável de fazer no pequeno barco ou exclamações apaixonadas de pequenos cardumes de peixes e arraías ou tartarugas que encontravam enquanto estavam deslizando sobre as águas cristalinas do mar do Atlântico.

Mas tinha quase 24 horas que eles não tinham uma conversa decente, não como daquela noite em que deitaram e conversaram sobre estrelas e se abraçaram, com pensamentos estranhos sobre tudo e acabaram dormindo juntos.

Tudo era muito estranho e novo para Maria Eduarda. Ela nunca tinha se visto assim, nunca tinha se sentindo assim. Tinha sido sempre tão certa e tão correta em suas decisões e pensamentos e toda vez que ela gostava de um cara ou simplesmente ia, sem pensar no dia de amanhã, porém com Lucas ele viu que estava sentindo diferente, estranha, esquisita.

— Maria, você pode vir aqui, por favor? — Lucas chamo-a, fazendo-a tremer na cabeça aos pés.

De costas para ele, ela pôde arregalar os olhos e respirar fundo, tentando conter-se até se virar e caminhar em sua direção.

— Sim — ela questionou assim que chegou até ele. — Precisa de alguma coisa?

Ela fingiu que não percebeu um sorrisinho de lado no canto da boca de Lucas, como se ele estivesse se divertindo com a confusão e o afastamento dela. Como se ele soubesse exatamente o que estava acontecendo dentro da cabeça dela enquanto ela mesma não sabia.

— Estou sentindo uma diferença no virar do barco, acho que talvez precise de uma manutenção — ele disse a Maria Eduarda, que nada entendeu. — Preciso que você assuma o Timão para que eu posso dar uma olhada, tudo bem?

A loira, apesar de ter curiosidade e nunca ter feito, arregalou os olhos, um pouco assustada. E se do nada aparecesse uma pedra e aí ela batesse com barco na pedra? Seriam os dois os náufragos da vez.

— Hm... Tudo bem, eu acho — respondeu, mesmo contra suas próprias ideias. — Eu só não sei como fazer isso.

— É muito simples — Lucas respondeu, tirando a mão do timão e estendendo-a para ela se aproximar. Maria, um pouco temerosa, colocou sua mão sobre a dele. Lucas sorriu para aproximação da mulher e direcionou-a para frente do timão, ficando logo atrás dela. Guiou ambas as suas mãos para o objeto de madeira que servia para direcionar o barco, colocando suas mãos sobre as dela.

A respiração de Maria Eduarda começou a se alterar e isso tudo tinha a ver com o fato de que o corpo de Lucas estava rente ao seu.

— Tudo que você tem que fazer — ele disse para uma Maria Eduarda que pouco prestava atenção, muito mais concentrada nas sensações que seu corpo demonstrava ao contato do dele. — É girar para direita ou esquerda quando eu lhe falar — ele virou para a direita fazendo barco girar junto para demonstrar o que dizia. — Não é nada muito difícil — ele incentivou-a. —

Na verdade, é bem simples. Talvez mais simples do que as coisas que você costuma fazer aqui. Você aprendeu a fazer aqueles nós muito rápido. Isso vai ser fichinha para você.

Madu sorriu ao elogio do homem, virando-se para ele para que ele pudesse ver a expressão em seu rosto. Lucas sorriu de volta, um pouco antes de se desvencilhar dela e curvar-se sobre a beirada do barco para poder visualizar o Leme, parecendo preocupado mas do que demonstrara a Maria Eduarda.

— Estamos com problema? ela perguntou, finalmente voltando si e percebendo que Lucas de falara desde o começo.

— Nada que você deve se preocupar — Lucas acalmou-a. — É só que o barco não está acostumado a passar tanto tempo no mar, ele vai e volta todas as manhãs. É um barco de pesca, está muito tempo sem manutenção porque eu costumava fazer todas as noites.

— Talvez a gente deva dar uma parada — Maria Eduarda perguntou. — Eu sei que há pressa mas eu não quero morrer.

Lucas soltou uma gargalhada e pediu que ela virasse Timão para a direita, conferindo qual era o resultado do barco a tal comando.

— Ninguém vai morrer, Maria — ele disse ainda rindo, embora não houvesse graça. Já fazia algum tempo que o que o casal que estavam procurando estava desaparecido e ele já começaram a ficar preocupado mesmo que não conhecesse-os. — Ninguém vai morrer — repetiu tentando convencer a si mesmo.



Tem coisas que as mães fazem das quais elas não se orgulham nem um pouco, porém, são como um trabalho um trabalho sujo, que precisa ser feito. O lixo tem que ser levado para fora, o peixe tem que ser limpo e, as vezes, você precisa seguir sua filha para saber o que diabos está acontecendo.

Desde que soube das faltas de Branca, Márcia se viu obrigada a descobrir o que Branca fazia quando faltava a escola. Começou a segui-la dispolcemente quando ela saía de casa. Disfarçava, dizia que ia ao médico ou ao mercado no mesmo horário que a filha colocava a mochila da escola e caminhava até o ponto de ônibus, mas a verdade era que ela dirigia atrás do veículo que ela tomava e conferia para onde a garota estava indo.

Por quase uma semana inteira, Branca frequentou as aulas sem nenhuma interrupção, o que deixou Márcia respirar aliviada. Porém, não desistiu — até gostava de seguir a filha, a deixava mais segura de si mesma e mais tranquila ao desenvolver o resto das tarefas do dia enquanto Branca estava na escola. Até pensou em sugerir a filha a aceitar a carona até a instituição de ensino, mas sabia que a menina dificilmente aceitaria que ela lhe deixasse na porta do colégio. Coisas de adolescentes.

Naquele dia, tinha feito diferente. Acordou mais cedo e saiu com o carro — porque talvez Branca estivesse suspeitando dela? — e estava estacionada ao lado da esquina do ponto de ônibus, escondida na curva. Otávio iria lhe avisar quando a menina saísse de casa, mas estava demorando.

Não evitou o suspiro de alívio quando o aparelho celular tocou.

— Ela saiu? — Atendeu, assim que viu o nome do marido no visor.

“Sim, Má, acabou de sair” Otávio disse. Bufou ao telefone. *“Não gosto disso, parece que a gente não confia na nossa filha”*.

— A gente não confia na nossa filha quando ela mata aulas sem a gente saber — Márcia ponderou. Otávio respirou fundo. Aquela discussão já tomara rumo algumas vezes durante a semana, sem que conseguisse desmontar Márcia em sua armadura protetora. — Te aviso qualquer coisa — anunciou, antes de desligar sem nem se despedir.

Branca estava entrando em seu campo de visão, atravessando a calçada da pousada para o ponto de ônibus, parecendo distraída e tranquila. A menina tinha puxado mais a ela, fisicamente, desde a cor da pele até o tipo de cabelo — tirando os olhos que eram de Otávio. Estava se tornando uma linda mulher e ela esperava que, quando isso acontecesse, fosse mais fácil a relação dela com a irmã. A diferença da idade das duas era complicada — Morena já era

mulher feita quando Branca começou a pensar em se arrumar e, ao invés de criar um espelho, apenas detestou-a por ser mais bonita, mais madura...

O ponto de ônibus não estava muito em seu campo de visão, então, tentando não chamar muita atenção, ligou o carro e andou um pouco com ele, até que pudesse ver a filha sentada, aguardando o ônibus. A menina estava com os fones de ouvido e balançando a cabeça de sua forma comum e Márcia revirou os olhos porque já lhe tinha dito umas três mil vezes para não andar com aqueles negócios enfiados no ouvido na rua. Não era como se suas filhas — as duas — lhe ouvissem sobre isso. E ela ficava apavorada só de pensar que talvez seus medos (um assalto ou talvez um atropelamento por não ouvir o barulho dos carros) se transformassem em realidade por causa da soberba das filhas.

Branca se levantou e fez sinal para o ônibus, Márcia ligou o carro e aguardou até que o veículo passasse para que ela fosse logo atrás, dando uma distância segura para que Branca não a percebesse assim que descesse do ônibus. O caminho curto foi tranquilo e Márcia chegou a estacionar um pouco antes do ponto da escola para ver o ônibus passar por ele sem nenhuma parada. O carro foi na medida do seu coração, acelerado. Com os olhos arregalados e as mãos apertadas no volante, seguiu o veículo mais de perto, para ver Branca descendo algumas quadras depois da escola e caminhando distraída pela calçada como se o caminho lhe fosse comum.

Seria um namorado? Se fosse um namorado, que bom. Era menos pior, mas Márcia sabia como resolver: chamaria a filha para conversar, lhe daria algum dinheiro para sair com o rapaz e o convidaria para ir sempre que pudesse à pousada, contanto que ela não faltasse mais na escola para vê-lo.

Márcia estacionou o carro e viu Branca virar a esquina. Desceu e trancou o veículo antes de sair correndo atrás da menina, tentando mantê-la em seu campo de visão, mas não o suficiente perto para que ela lhe visse. Mesmo assim, pensou, precisava conversar com ela. Estava seguindo-a sem que ela notasse, isso com certeza era perigoso o suficiente. Ela tinha que tirar aqueles fones de ouvido e prestar mais atenção na rua.

Branca se abaixou e entrou em algum lugar. Márcia apertou os olhos e aproximou-se com mais cuidado. Com choque, percebeu que era um terreno baldio e não tinha a menor ideia do que a filha poderia fazer naquele lugar. O muro do terreno estava gasto, tendo alguns buracos aqui e ali, Branca entrara pelo maior, logo ao lado do portão. Com certeza aquilo era perigoso. O que uma menina moça fazia em um terreno baldio?

Sentiu o coração batendo com força no peito quando procurou um dos buracos menores para tentar ver Branca por ali. Não era difícil uma mãe

reconhecer um filho em qualquer lugar que fosse e, para Márcia também não o foi, mas ela preferia não tê-lo feito. Com uma expressão de horror, reconheceu o que estava entre os dedos dos amigos de Branca e que passavam para ela ao vê-la se aproximar.

O cheiro que impregnava o local e alcançou suas narinas no momento em que ela levou o rosto aos buracos do muro também era inegável e indiscutível.

Maconha.



Já era possível enfiar seu braço inteiro no buraco que Morena cavava, em pura energia. Ela tinha um acúmulo de força e energia bem claro (e isso, em parte, se devia aos signos de Marte que lhe regiam) e ela encontrava alívio em algumas coisas. Uma dessas coisas era gritar, jogar coisas, explodir e brigar — essa era a maneira ariana de extravasar o excesso de energia. A outra coisa, bom... Era a maneira escorpiana e tinha a ver com ficar pelada e suar bastante.

E ela não podia negar que gostaria de estar fazendo isso naquele momento. Com Gustavo, de preferência. Mas ele lhe tirava do sério e ela queria era estrangulá-lo até que ele caísse como um saquinho de ar no chão.

A verdade de todo? Depois da noite anterior, ela se sentia afundada até o pescoço naquele romance e o negócio logo lhe tamparia a cabeça e não havia para onde fugir. Gustavo parecia lhe dar algumas certezas, parecia querer demonstrar que tudo bem para ele que fosse da maneira dela, contanto que fossem e ela até gostava disso. Mas estava assustada. Estava com medo de se permitir.

E, bom, segurar toda aquela energia sexual não é lá muito fácil, pessoal. Vamos combinar.

Então ela acabou explodindo para o outro lado simplesmente para não se jogar de cabeça no que faltava para que aquele pseudo relacionamento com Gustavo não chegasse até sua cabeça. Ela sabia que, no momento que chegasse, não teria para onde fugir. Talvez, se preparasse o terreno e se preparasse emocionalmente para aquele avanço (porque, para ela, o sexo representava quase 100% de um relacionamento), não ficasse tão balanceada e quando fossem embora da ilha (estava se esforçando em pensar *quando* e *não se*) não doeria tanto quando ele voltasse para a namorada dele. Porque era só aquilo, não era? Ela tinha que se preparar em não criar expectativas e, com certeza, não começar a torcer que eles ficassem na ilha para sempre. Ela se conhecia o suficiente para saber que aquilo passaria por sua cabeça.

Porque, bom, já tinha passado.

Morena idealizava bastante o romance e acabava fadada à decepção porque nunca ninguém havia superado suas expectativas. E para alguém tão forte, tão cheio de energia como ela era, era muito difícil se sentir fragilizada com o que quer que fosse e relacionamentos eram seu calcanhar de Aquiles. E Gustavo era, sem dúvidas, a flecha mais afiada que ela poderia arrumar.

Falando em Gustavo, ele estava dentro do abrigo comendo goiabas.

Mas estava comendo goiabas com o orgulho ferido e o coração em frangalhos. Não sabia o que diabos tinha feito de errado para Morena agir assim com ele, na verdade, em sua concepção, achava que agira com um bom moço e a respeitara bastante com toda aquela história de ir devagar e tal. Eles só tinham dado alguns beijinhos, conversado e se abraçado e, para falar a verdade, para ele estava *bem bom*. Era claro e óbvio que ele queria fazer outras muitas coisas, mas Gustavo gostava das coisas tranquilas também e ele gostava, principalmente, de dormir abraçado com ela.

Então lá estava ele e suas goiabas, bastante magoado e ofendido. Ele provavelmente não contaria pra ninguém, mas quase chorou. Tinha um pouco mais de água em seus olhos e embora não tenham corrido por seu rosto, estavam lá. E ficaram lá por um tempo, enquanto ele tentava entender o que havia acabado de acontecer e enchia seu estômago para um dia bem cheio de trabalho na ilha.

Foi mais ou menos quando se deu por satisfeito que Gustavo chegou à uma conclusão sobre Morena e sua atitude estranha e violenta com ele àquela manhã e era a mesma explicação que se dera desde sempre com todas as implicâncias e discussões sem sentido que ela arrumara ao decorrer dos anos que trabalharam juntos.

Morena era má.

Ela era má e não se importava em magoar os outros. Gustavo tinha quase certeza de que ela até gostava de fazer com que os outros se sentissem péssimos por causa das palavras e das atitudes dela. Em sua cabeça, ela deveria estar sentada comendo os peixes que ele pescou com muito esforço e soltando uma risada maléfica. Se houvessem gatos na ilha, ela com certeza estaria acariciando a cabeça de um dele. Talvez devesse substituir o gato por um mico. Era isso. Sentada, comendo peixes, risada maléfica e acariciando um mico. Era certamente o que ela estava fazendo naquele exato momento.

Então, Gustavo tomou uma decisão e uma atitude que não costumava fazer com ninguém, muito menos com Morena, por mais que ela lhe atentasse e fizesse de sua vida um inferno com uma frequência determinada, ele não se lembrava de tê-la confrontado diretamente com ela sobre nada, em nenhum momento.

Ele preferia a paz, verdade seja dita. Não gostava de dar problema para ninguém e muito menos instigar o confronto, a exceção de quando era provocado (e como Morena gostava de provocar, era o motivo pelo qual sempre brigavam).

Gustavo saiu do abrigo batendo os pés, decidido e bastante zangado com ela e embora sua visão de Morena tivesse sido bem diferente de sua

imaginação. Ela estava sentada ao lado de um monte de areia e cavava um buraco à sua frente e ele se perguntou o porquê. Depois ficou óbvio: ela planejava enterrá-lo ali para nunca acharem ele!

— Olha! — Ele não sabia muito bem como começar, mas achou que isso era o suficiente para chamar a atenção dela e ele o fez. — Eu não sei o que passa na sua cabeça, tá? Não fiz nada com você pra você ser um pé no saco o tempo inteiro. Sempre tentei ser legal com você, mas você provoca, você é muito difícil, fica arrumando coisa da tua cabeça pra brigar, sabe? Umas coisas nada a ver, eu não tenho nada a ver com isso não. Eu até entendo quando a gente briga porque temos ideias diferentes, somos pessoas diferentes e isso é completamente normal, sabe? A gente funcionou bem assim, algumas vezes, e olha, é até divertido em alguns momentos, mas você sabe ser uma pé no saco! O que eu te fiz? Tava tudo muito bem e aí você simplesmente resolve me acordar com água e tacar as coisas na minha direção? Se eu estava te incomodando porque você só não falou, sabe, educadamente? Podia até me empurrar e não ser tão gentil, mas não precisava de tudo isso. Por que você sempre tem que fazer um drama mexicano quando está irritada? Sabia que adultos conversam? Você diz que eu que sou imaturo, mas sabe o que você é? Uma maldita de uma criança mimada que não sabe lidar com as coisas quando elas não saem do jeito que tá na sua cabecinha maluca!

— Você não tem o direito de falar assim comigo! — Morena estava em pé em um pulo e com o dedo estendido na direção de Gustavo.

Para falar a verdade, apesar da raiva que Gustavo estava fazendo-a sentir com todas aquelas atrocidades (que, no fundo, ela sabia que eram verdades e era por isso mesmo que estava doendo tanto e que ela estava tão zangada), estava aliviada em ter uma briga de verdade para gastar suas energias. Queria brigar. Queria... Bom, ela queria sabotar aquilo. Ela e Gustavo. Ia dar errado de qualquer jeito, não ia? Talvez terminasse antes e doeria menos? Talvez...

— Eu tô falando direito com você. Eu tô falando direito com você o verão todo. Tenho cuidado de você, será que você não vê isso? Eu te ajudei com o seu machucado e tô pescando peixes pra gente comer. Eu tô fazendo tudo o que você, diabo de mulher, quer. Porra! Pra você simplesmente acordar de mau humor e agir assim? Do nada? Sem motivo? A única que não tá agindo direito aqui é você, Morena.

— Eu não estou agindo direito? Eu não estou agindo direito? — Estava acuada com os argumentos de Gustavo, mas isso não a impediu de debochar e gritar e soltar uma risada ridícula no final. — Tente dormir com um elefante em cima de você! Tenta, todo dia, fazer esse mesmo elefante acordar na hora certa e ele pedir mais cinco minutos e dormir mais uma hora. Se você não

fosse tão preguiçoso e descansado, a gente já teria uma casa inteira, mas você só quer saber de dormir, acorda na hora de ir pescar e só faz isso o dia todo!

— Isso é muito injusto. Você fica sentada na sombra o dia inteiro trançando palha. Eu faço o trabalho pesado, eu fico mais cansado e preciso dormir mais.

— Para de dar desculpas pra sua preguiça, Gustavo! Você sempre foi muito descansado, sempre chega atrasado em tudo, nunca tá preparado pra uma reunião. Eu nem sei como você conseguiu se formar porque você é um preguiçoso crônico!

— Ah é? — Gustavo perguntou, bastante ofendido. — Quer saber? Já que você tá tão incomodada, por que você simplesmente não finge que eu não existo? Não precisa nem falar comigo, a gente vive nossas vidas cada um em um canto e pronto.

— Ótimo!

— Ótimo!

Capítulo 14

Dividir e conquistar era uma das melhores táticas de guerrilha que Natália conhecia, mas, infelizmente, ela era uma só e não poderia se dividir. Porém, foi a única coisa que passou pela sua cabeça quando o navio de Gustavo atracou e nenhum Gustavo apareceu dele. Ninguém sabia onde ele estava — uma das pessoas pra quem ela perguntou disse que ele tinha voltado a Belo Horizonte para um trabalho de última hora, mas Natália sabia que não. O telefone do homem continuava dando desligado e ela preferiu não ligar para casa. Não queria falar com a velha odiável que era avó de Gustavo e não queria preocupar Andrea a toa. A mulher já tinha lá seus próprios problemas e ai de Natália piorar suas crises.

Dividir não iria funcionar, mas ela ainda poderia conquistar.

Era uma mulher bonita, ela achava. Seus cachos crespos enchiam-se ao redor de seu rosto como se ela estivesse com um *halo* acima de sua cabeça, como um anjo. A pele de tom marrom ressaltava os traços mais arredondados de seu rosto e corpo, a boca de lábios grossos, os olhos negros grandes como bolas de árvore de natal. Era bonita. Se convencia disso todos os dias, embora frequentemente ouvisse coisas diferentes.

Com o olhar de águia, ela estava decidida. Vestiu um biquíni branco que ficava magnífico em sua pele e marchou para fora de seu quarto. Tinha se mudado para o mesmo hotel em que o pessoal do navio estava se hospedando, na esperança de conseguir encontrar Gustavo por lá. Por sorte, eles tinham cancelado três quartos e ela pegou um. O Sol já estava se pondo, mas todo o pessoal da UBAU parecia não se incomodar em estender a festa pelas horas noturnas. Na realidade, Natália se perguntava se eles tinham qualquer intenção de dormir em algum momento da noite.

Como ela encontraria alguém que saberia alguma coisa sobre Gustavo? Analisou a situação e toda a confusão que aqueles adultos faziam na piscina sem conseguir encontrar uma resposta cem por cento eficaz.

Encaminhou-se ao bar que ficava nos limites do hotel, entre a piscina e a praia, que criava uma sensação de proximidade e domínio da natureza aos que ali ficavam.

— Um Martini, por favor — pediu, arranhando seu espantalho quase nunca utilizado.

Ouviu outros clientes do bar comentarem ao seu respeito em três

línguas diferentes. Apesar de incômodo, ela arriscou um sorriso ao identificar o grupo heterogêneo do Brasil — os que falavam inglês e espanhol se pareciam bastante, seguindo um estilo de cor de pele e formato do rosto, enquanto o do Brasil era uma mistura de tudo que ela já tinha visto no mundo. Quase havia se esquecido do sucesso da miscigenação do seu país e, bem, ela tinha que combinar: era bem bonito.

Sorriu para os brasileiros, não fazia parte do seu plano, era só uma admiração contida de saudade de seu país natal, porém, à altura que o garçom lhe forneceu seu drink, um dos rapazes se sentiu no direito de sentar-se ao seu lado, arqueando as sobrancelhas de forma irritante.

— Buenas noites, señorita — disse-lhe, com um bom sotaque.

— Boa noite — ela respondeu, em português, fazendo-lhe ficar assombrado, antes de bebericar sua bebida com um sorriso convencido enquanto ele lhe avaliava de cima a baixo, novamente, agora sabendo que não teria dificuldades linguísticas.

— Hm... — Pareceu levemente desconcertado. — Você não veio no mesmo cruzeiro que eu ou eu teria visto toda essa beleza anteriormente.

Estava tentando claramente impressioná-la. Ela conhecia bem o tipo — alguns homens gostavam de se colocar em um altar, mais importantes do que realmente eram, para que a mulher pensasse que era a única chance dela de ficar com alguém daquele naipe. Porém, Natália tinha crescido na alta sociedade de Belo Horizonte, um antro de políticos corruptos, fazendeiros grossos e empresários metidos e dificilmente cairia nesse truque.

O que era péssimo... Para ele.

— Eu vim sozinha — ela sorriu-lhe.

Sabia o efeito que o *sozinha* iria causar ao rapaz. *Sozinha* significava nenhum namorado, nenhum noivo, nenhum marido. Nenhum pai ou irmão chato. Nenhum *homem* que lhe atrapalhasse no controle daquela bela mulher.

Esboçou um sorriso inocente enquanto o homem esboçava um convencido.

— Sozinha? — Ele parecia admirado. — E o que uma moça linda como você faz aqui sozinha?

— Esperava encontrar um amigo meu, mas não o encontro — resolveu falar a verdade. Ele estivera no cruzeiro de Gustavo, podia ter escutado alguma coisa.

— Um amigo, hm? — Isso pareceu murchá-lo um pouco. — A propósito, meu nome é Antônio.

Ele ofereceu a mão a ela, que aceitou no segundo seguinte. Levou a mão dela aos lábios e beijou-lhe a pele duas vezes, fazendo-a rir.

— Natália — disse. — Não vejo meu amigo há um ano e alguma coisa... Estou morando fora do país, sabe? A avó dele me ligou, disse que ele viria para cá em um cruzeiro com a empresa dele e que eu deveria fazer uma surpresa, mas... Eu não consigo encontrá-lo.

Antônio encontrou-se em um embate interior. Ele queria oferecer ajuda à moça para que ela percebesse que ele era prestativo, porém se encontrassem o amigo dela, talvez o interesse dela simplesmente evaporasse e ele ficaria a ver navios. Encarou-a bebendo seu drink por alguns momentos e resolveu se decidir pela sorte.

— Qual o nome dele? — Perguntou. — Eu vim pra cá em um cruzeiro de uma empresa, talvez se ele estivesse no meu, eu possa tê-lo conhecido.

Natália sorriu. Fazer a moça inocente e perdida sempre fazia com que os homens quisessem montar uma fila para ajudá-la. Ela gostava de brincar assim com eles, as vezes.

— Gustavo Marinho — respondeu. — Ele é arquiteto.

Primeiro, Antônio ficou com raiva. Detestava Gustavo, já. Primeiro, toda a atenção da empresa estava ao redor daquele mauricinho metido com suas ideias estranhas, segundo, toda a atenção da mulherada sempre caia nele e ele tinha certeza que era por conta dos olhos claros do rapaz porque Antônio era bem mais bonito que ele.

Mas depois sentiu-se sortudo. Ele sabia exatamente o que havia acontecido com Gustavo. Não iria atrapalhá-lo e ainda ajudaria a mulher.

— Ah, sim, eu o conheci. Sou arquiteto também, da mesma empresa que ele, só que da matriz — Antônio arriscou sorrir para a negra. — Ele teve uma emergência, o organizador da viagem me disse que ele desembarcou há um bocado de tempo atrás para voltar ao trabalho.

Natália piscou repetidas vezes. Desembarcou para voltar ao trabalho há um bocado de tempo? Se isso houvesse acontecido, ela já saberia... Nem teria recebido o convite para ir ao Caribe porque Gustavo estaria em casa. Certo?

Não escondeu sua pressa e falta de interesse nas palavras que se seguiram:

— E qual o nome desse organizador? Onde posso encontrá-lo?

Antônio não reparou na mudança repentina na mulher e respondeu, contente em ter as respostas para agradá-la.

— Felipe, o nome dele. Ele fica a maior parte do tempo no cais ou no navio...

Natália levantou-se apressada e até mesmo esqueceu-se de agradecer Antônio pelas respostas. O homem apenas encarou-a ir com cara de idiota. Não estava sendo o mês de sorte dele.



Após aquela discussão, Morena e Gustavo procuraram manter uma distância segura um do outro naquele dia. Ela estava um pouco arrependida de ter pego tão pesado com ele por, bom, nada. Era apenas sua insegurança falando e tentando colocá-lo para longe dela e, na verdade, agora ela tinha conseguido. E não estava gostando muito disso.

Ele nem ao menos foi dormir no abrigo durante a noite. Ela até aguardou — não foi exatamente por querer, sua insônia havia voltado a atacá-la depois de uns dias de calma —, mas nada de Gustavo. Ela acabou adormecendo de completa exaustão para acordar, no dia seguinte, com o sol nascendo e ainda nada de Gustavo. Tentou dormir mais um pouco, seu corpo estava lento e nem um pouco descansado, mas não conseguiu muito mais. Acabou arrastando-se para fora do abrigo e seu olhar procurou automaticamente por Gustavo, que já estava de pé e trabalhava em sua jangada.

Morena quis tentar, afinal, corrigir o que estava acontecendo entre os dois. Se é que acontecia alguma coisa.

— Bom dia — ela cumprimentou-o, tentando parecer bem mais agradável do que costumava estar àquela hora da manhã em qualquer situação.

— Dia — foi a resposta de Gustavo, carrancuda e curta.

Morena pôs-se a morder o lábio, sabendo que o homem não estava nem um pouco a fim de tentar melhorar a quebra da relação dos dois que, bom, ela tinha provocado. Mas ela estava, oras bolas, e se tinha uma coisa que Morena não era, era desistente. Muitas vezes, durante sua vida, ela sentiu que iria cair ou que iriam derrubá-la ou que a vida estava difícil e que ela não estava aguentando mais. E as vezes que ela desistira somava um total de zero. Nenhuma única vez se entregou.

— Você quer comer? — Perguntou, sentando-se sob o abrigo externo e procurando na vasilha de peixe... Nossa, tinha bem mais do que ela se recordava... Algum para comer.

— Já comi — Gustavo respondeu, sem nem levantar o rosto para olhá-la.

Nessa altura, ela já estava irritada com Gustavo novamente, mas tentou não demonstrar. Ele não via que ela estava se esforçando em melhorar as coisas? Que ela estava tentando conversar com ele e quem sabe conseguir alguns beijinhos aqui e ali? Porque ele não podia simplesmente fingir que

nada tinha acontecido? Seria tudo mais fácil...

Ela espetou seu peixe em um graveto e ofereceu-o ao calor do fogo para cozinhá-lo ao ponto em que conseguiria comer enquanto tentava pensar sobre o que acontecia. Lembrou-se quando tinha uma amiga na pousada. Os pais dela estavam trabalhando em uma obra de restauração na cidade junto com toda uma equipe e eles preferiram ficar na pousada por Márcia tê-los assegurado que olharia a menina. Ela e Morena se davam razoavelmente bem, embora Morena fosse ainda mais esquentadinha do que era atualmente. Até que houve uma briga séria: Morena quebrou o braço da boneca favorita de Catarina. Houve muito choro e drama, bem comum às crianças de sete anos quando seus brinquedos são brutalmente violentados e após algumas horas, Morena se arrependeu do que havia feito com a amiga. Consertou a boneca, inclusive, com a ajuda do pai e devolveu para Catarina, mas a garota, apesar dos galanteios e da insistência de Morena, não quis mais brincar com ela, até que sua mãe sugeriu que ela fosse conversar com ela e pedir desculpas pelo seu comportamento. Catarina aceitou prontamente as desculpas desajeitadas de Morena e convidou-a para o lanche imaginário que ela estava organizando naquela tarde (que não foi mais imaginário, visto que Morena pediu para a mãe para preparar comida de verdade para as duas).

Entortando o rosto, Morena sabia exatamente o que deveria fazer para consertar sua relação com Gustavo e ela tinha que agradecer aos conselhos da mãe e a sua experiência com a amiga de infância, Catarina, a qual ela não fazia ideia de onde estava atualmente, mas esperava que bem.

Assim que achou que seu peixe estava suficientemente carbonizado, ela levantou-se com o graveto em suas mãos e comendo-o, não pôde esperar mais. Aproximou-se de Gustavo com passos incertos e temerosos. O homem estava distraído, sentado na areia com um grande pedaço de bambu em seu colo, parecendo lixá-lo com uma pedra. Ela sabia que ele havia percebido que Morena estava ali, parada, olhando para ele, mas não se moveu ou levantou a cabeça para olhá-la e isso a incomodava terrivelmente (mas ela não diria uma palavra sobre aquilo, era claro).

— Você não acha que está um pouco mais frio hoje? — Morena perguntou.

Tempo, Morena? Sério? Você não pode achar que conversa de elevador vai resolver o problema, né?

Aproveitou que Gustavo não a encarava para fazer uma careta. Estava se achando ridícula (e com razão), mas nunca sabia como proceder em situações assim. Era muito orgulhosa e, para ela, pedir desculpas era difícil e não natural, mas eventualmente, quando todo o resto do mundo lhe dizia que

estava errada, ela engolia seu orgulho e o fazia. E ali, bem... Morena ainda tinha um pouco de bom senso e sabia que tinha mandado muito mal com o homem e que ele estava bem ofendido e com toda a razão. Ela nem se lembrava mais porquê tinha achado uma boa ideia jogar água dele.

— Acho que pode chover — Gustavo responder, ainda sem olhar para ela. — Não uma chuvinha como tem acontecido. Acho que nos próximos dias pode chover bastante.

Ela estava tentando ignorar a raiva e a frustração que sentia sobre Gustavo sequer olhar para ela, mas não estava sendo muito bem sucedida. Fincou os dedinhos do pé na areia, tentando conter-se com apenas isso.

— Então talvez fosse melhor a gente melhorar o sistema de captação de água? — Morena perguntou, tentando demonstrar animação. — Ou reforçar o telhado?

— Já estou fazendo isso — Gustavo respondeu.

Só então Morena percebeu que havia uma série de bambus ao redor do homem, alguns partidos ao meio como calhas, da mesma forma que haviam feito da primeira vez.

Está bem, ela pensou. Conversar amenidades não vai funcionar.

— Olha, sobre ontem... — Ela começou.

— Esquece ontem, Morena — Gustavo cortou-a, olhando para ela pela primeira vez desde que a conversa se iniciara. — Nós temos que pensar sobre amanhã. Ontem já foi.

— Eu queria pedir desculpas — Morena continuou, embora Gustavo não parecesse muito interessado. Ele continuou olhando para ela de forma impassível e ela engoliu a seco. — Eu passei dos limites. Não queria ter feito aquilo.

Gustavo encarou-a por um longo momento, em total silêncio e, então, estranhamente, cerrou os olhos em sua direção, sem compreendê-la. Respirou fundo e relaxou um pouco os ombros.

— Comida — disse, por fim. — Acho que devemos estocar comida. Não sabemos como a chuva vai ser, mas pode espantar os peixes e a mata vai ficar perigosa e escorregadia, então acho que é bom a gente estocar algumas coisas.

Morena não sabia se ficava grata por Gustavo não fazer uma cena ao pedido de desculpas dele ou se ficava com raiva por ele ter feito pouco caso para tal. Achava que decidiria isso depois, quando visse o comportamento dele, se estavam bem ou não um com o outro. Por que ele podia simplesmente

ignorar o que havia acontecido, não era? Se ele o fizesse, com certeza estaria morto antes que a chuva começasse a cair.

— Tudo bem. Posso fazer isso — Morena concordou com a cabeça.

Mal terminou de comer seu peixe e pegou a maior cesta que tinha e reforçou a alça com cipós, fazendo uma adaptação para que fosse uma alça transversal em seu corpo. Não sabia se aquilo aguentaria o peso do que ela planejava pegar, mas ajudaria pelo tempo que aguentasse. Se Gustavo queria um monte de comida, era isso que ele ia ter.

— Estou indo — Morena anunciou.

— Ok — Gustavo concordou. Ela já estava bicuda com seu descaso com ela e caminhando para mata antes que tivesse um ataque de raiva quando a voz dele lhe alcançou, mais doce: — Não vai muito longe porque pode começar a chover. E toma cuidado.

Agora ela estava mais tranquila e feliz, porém, como sempre era teimosa, fez o oposto ao que Gustavo queria: ela tinha roubado a lança antes de sair. As vezes conseguiria caçar ou talvez poderia tentar pescar (agora que ela tinha aprendido) em outra praia, escondido dele, e voltaria com mais peixes. E pegaria frutas pelo caminho de ida e de volta, tudo o que encontrasse. Parecia um plano razoavelmente bom.

Então ela seguiu por um caminho que lhe parecia levar para a praia ao lado daquela, ao menos parecia seguir a costa da ilha. E foi seguindo por uns dez minutos quando um brilho prateado chamou sua atenção, mais adentro da mata, um pouco mais ao alto de um morro que começava a se formar por ali. Agarrando-se às árvores, ela se empurrou para cima da subida levemente íngreme até que visualizou, quase acima de sua cabeça, algo que fez seu coração parar de bater por uns cinco segundos.

O avião.

Quase inteiro.

Quase intacto.

Pendurado sobre as árvores.



Apesar no barco não está exatamente com problemas, Lucas continuou encucado com as diferenças no comportamento da embarcação, com as direções lentas conforme ele comandava.

Madu nem entendia do que ele estava falando, porém acreditou em cada palavra e concordou com tudo o que ele dizia. E, mesmo que Lucas tivesse garantindo a ela que ninguém morreria, ela continuava achando que havia uma grande possibilidade, visto que o barco, de acordo com o Lucas, não estava funcionando muito bem.

Por conta disso, eles decidiram que era melhor dar uma pausa nas suas buscas e procurar ancorar em uma cidade onde eles pudessem realizar o conserto do barco, além de fazer um check up total, que Maria Eduarda se propôs a pagar. Mesmo que Lucas não estivesse muito feliz com isso, ela convenceu-o que fazia parte do dinheiro que Felipe lhe pagaria pelos serviços de busca prestados e pelo tempo do homem.

Ancoraram em Santos e, para a felicidade de Madu, seu celular voltou a pegar. Ela sempre deixava ele carregado com gerador da embarcação, na esperança que seu 3G tivesse recebido algum sinal mágico do meio do mar, que ela pudesse jogar seus joguinhos, receber as notificações de suas redes sociais, mensagens de seus familiares e amigos, notícias sobre o mundo ao qual ela realmente não se importava, mas era sempre bom saber.

Alguns momentos antes de ancorar seu celular pirou completamente apitando de todas as formas possíveis E ela recebeu tudo de uma vez o que deixou Louca porém feliz

Mas dentre essas notificações, ela recebeu uma de sua agenda online que afundou o seu humor em 800%:

O aviso incômodo e brilhante, a lembrava que o transatlântico havia desembarcado no Caribe há 2 dias, o que também a recordou da ligação de Felipe, informando que já havia notado ausência de Moreno e Gustavo. Então, como Maria Eduarda poderia dormir pensando que sua vida poderia mudar de uma hora pra outra a qualquer momento quando descobrissem que o casal estava desaparecido e que tinha sido responsabilidade dela? Talvez ela tivesse que ser presa e ela não ficava bem de uniforme de presidiária.

— A gente tem que procurar um hotel. Ou você quer dormir no barco?
— Lucas perguntou, ao ver a loira parada sem reação em frente à escada de saída do barco, no cais.

Por pouco ela não ouviu, distraída com seus próprios pensamentos,

nem um pouco próximos da necessidade que eles tinham de realmente se registrar em um hotel. Acabou por simplesmente concordar com uma cabeça, com os olhinhos ainda vibradas na telinha do celular.

— Sim, isso é uma grande ideia — ela concordou, olhando para ele, sem conseguir evitar o pensamento de que ele era realmente muito bonito. Balançou a cabeça, tentando organizar seus pensamentos antes de continuar a falar. — Você tem razão. Deixa que eu resolvo isso. Cuide dos problemas do barco e me ligue quando terminar. Nós já vamos estar registrados. Com certeza. E eu te dou o endereço e você me encontra!

— Tem certeza— ele perguntou, preocupado, vendo a distração da loira e sabendo que ela era um pouquinho cabeça de vento (e ninguém podia negar). — Nós podemos ir agora e depois eu retorno. Não tem problema

— Não, tudo bem. Eu dou conta — a loira respondeu.

Lucas então concordou com a cabeça, não muito contente com a decisão tomada pelos dois e muito menos satisfeito em ter que se afastar de Maria Eduarda, seja que fosse por alguns momentos, sabendo que a loira não estava muito bem, mas eles também não estavam se falando muito.

Com um aceno de mão e distraída, olhando as notificações de seu celular, Maria Eduarda se despediu de Lucas e caminhou em direção à estrada, deixando o homem para trás. Ele, por sua vez, correu para procurar um mecânico para realizar os testes de consertos em seu barco, planejando segui-la o mais rápido possível.

Encontrou um rapaz novo que trabalhava como seu pai e seu tio com as embarcações e, sem nenhuma demora, ele o rapaz se guiaram até o barco de Lucas e pontuou todas as suas reclamações e dúvidas sobre o funcionamento da embarcação, ao qual ele conhecia muito bem, porém não conseguia entender o que estava acontecendo. Fizeram testes e com facilidade rapaz identificou o problema, deixando Lucas um pouco impressionado. Ele disse que talvez fosse necessário fazer uma limpeza no leme e no motor, e também abastecer com um combustível de alta qualidade, de acordo com um rapaz, o que fazia o barco reagir com lentidão e não tão bem era o uso de um combustível de baixa qualidade, o que Lucas confessou que deveria ser, já que ele tinha comprado em uma cidade pequena, sem conhecer de onde vinha.

— Resolvido, então — Lucas deixou o rapaz responsável em realizar as melhorias necessárias no barco e ligou para Maria Eduarda.

Estava preocupado porque já tinha mais ou menos uma hora e meia que havia deixado a loira ir sozinha até o hotel e ela ainda não havia entrado em contato. Tinha planejado pedir que ela escolhesse jantar e que eles

comessem em paz assim que ele chegasse ao hotel.

Talvez um encontro formal fosse que a loira precisava para desembaraçar as ideias confusas que estavam na cabeça dela, mas que Lucas já havia desenrolado na dele.

Maria Eduarda atendeu no segundo toque.

— Alôôôôô — disse com a voz embaralhada, deixando Lucas instantaneamente nervoso.

— Onde você está, moça? — Lucas perguntou, já quase correndo pela extensão do cais, em direção à rua, para chegar até ela o mais rápido possível, já que pela única palavra que ela dissera, ele já tinha percebido que a loira estava meio bêbada.

— No bar — ela respondeu, confirmando todas as suas suposições.

— No bar do hotel? — Lucas insistiu, tentando fazer com que ela lhe desse todas as informações que ele precisava.

— Sim — Maria Eduarda respondeu com a voz arrastada;

— E qual hotel? Qual o nome do hotel? — Lucas tinha urgência na resposta.

Maria Eduarda repetiu a pergunta para alguém que estava próximo a ela e ele ouviu alguns murmúrios e ela logo estava de volta.

— Imperador de Santos — respondeu. — E venha logo que eu quero te dar uns beijos — continuou, sem nenhuma papa na língua.

Lucas riu e balançou a cabeça negativamente, sabendo que nenhum beijo aconteceria enquanto ela estivesse daquela maneira, na verdade estava bem impressionado que a loira conseguisse ficar bêbada assim tão rápido.

— Estou indo, Maria. Guarde uma bebida pra mim.

— Se demorar não vai sobrar nenhuma — Ela respondeu às gargalhadas.



Gustavo estava se perguntando porquê não tivera a ideia de fazer a jangada com bambus anteriormente. Eles se encaixavam com mais facilidade, embora não fossem tão resistentes, pareciam boiar até de melhor forma. Pensou que talvez fosse melhor lixar os galhos antes de tentar encaixá-los e isso lhe daria um trabalho infernal, mas teria uma embarcação mais segura. Aquela, ele encarava com pena de todo o seu trabalho anterior, não servia para nada. Aquilo dificilmente ficaria sobre o mar por muito tempo.

Mas por que ele estava pensando em jangadas? Porque não queria pensar sobre Morena. Era bem claro que ela havia lhe magoado a troco de nada. Ela havia lhe pedido desculpas, era claro, e ele também adoraria voltar a beijá-la qualquer hora, mas se o fizesse rápido assim, se aceitasse as coisas daquela forma, ela sempre lhe trataria que nem um cachorro. Ao menos era o que os filmes de comédia romântica contavam. E ele planejava acreditar, já que tinha zero experiências com tal coisa.

Bom. Ele teve uma ótima ideia para a jangada. E continuou trabalhando nas novas calhas para recolher água da chuva. Ele e Morena com certeza precisavam de mais lugares para armazenar se a chuva que ele esperava caísse, mas isso era algo para conversar com ela depois. Precisava instalar na casa e ver com faria, mas também precisava de um novo telhado. Achava que se colocasse mais uma ou duas proteções, o risco de ter vazamentos diminuiria.

Apesar de não saber porque estava fazendo isso, visto que ele não tinha dormido no abrigo nas últimas noites. Mas imaginava que se chovesse... Bom, ele teria que dividir o bote-cama com Morena mais uma vez. E isso seria ainda mais estranho agora que ele não conseguia parar de sonhar com ela nua em cima dele, gemendo seu nome.

— Gustavo! — Ouviu-a chamar e sacudiu a cabeça e o corpo todo, tentando se livrar daqueles pensamentos libidinosos antes que fosse tarde demais para a sanidade dele e lhe tirasse o foco. — Gustavo! — Chamou-o de novo.

Ele sentiu a mão dela em seu ombro e levou um grande susto ao olhar para trás e vê-la, realmente, parada ali, encarando-o como se não compreendesse o que estava acontecendo. Sua respiração estava acelerada e os olhos arregalados de susto, o que o fez revirar os olhos. Morena tinha que parar de levar sustos toda vez que entrava na mata, mas pensando bem... Era até um pouco *bonitinho*.

— Você me deu um susto — ele riu.

Isso foi bom o suficiente para disfarçar que ele estava pensando nela e nele transando e também que achara bonitinho vê-la assustada, mais uma vez, com a mata que os cercava. Contudo, Morena não tinha reparado nas nuances de humor de Gustavo, ela estava muito mais preocupada e excitada com o que acabara de ver. E também com medo. Só um pouco com medo, mas mesmo assim com medo. Porque agora era realmente possível que ainda houvesse outra pessoa ali na ilha com eles. E isso a deixava assustada. Ele podia atacá-los durante a noite e matá-los e ficar com tudo que eles haviam feito até ali. Afinal, quem não gostaria de ter o abrigo deles para morar? Era bem aconchegante!

Gustavo, porém, não estava na mesma vibe que Morena e achou uma coisa muito mais urgente para comentar: a forma com que ela estivera com sua lança correndo até a praia (era óbvio em seu corpo que ela estivera correndo por uns bons cinco minutos).

— O que você está fazendo com isso? — Ele arrancou a lança de suas mãos e Morena estava distraída o suficiente com outros assuntos para permitir. — Você podia ter caído e se machucado muito feio! Você tá louca?

— Você não vai acreditar no que eu achei! — Morena nem se importou com o que ele dizia porque estava concentrada na possibilidade mais importante que poderiam ter para sair dali... E também no fato de que poderia ter alguém na ilha.

— Morena, presta atenção — Gustavo levou a ponta da lança à frente dos olhos dela, vendo que ela pouco ouvira sua reclamação anterior. — Isso é pontudo. Corta. Machuca. Nada de correr com a lança. Ok se você quiser pegar pra se sentir segura quando entrar na mata, mas nada de correr com ela. Se algo te assustar, você dá uma lançada nele. Não corre.

— Eu não estou assustada! — Ela reclamou. E era em parte verdade. Estava um pouco assustada com a possibilidade real de estar dividindo a ilha com outra pessoa que não conheciam, mas ela não correu por causa disso. — Eu tô é excitada!

Houve um momento de suspensão enquanto os dois avaliavam o sentido da palavra. Gustavo arregalou os olhos e arqueou as sobrancelhas, tentando convencer suas duas cabeças que Morena **não podia** ter dito aquilo na conotação sexual, mas era a única coisa que ele conseguia pensar no momento. Ela, excitada? Oras, ele nunca ia reclamar. Por outro lado, Morena mordeu os lábios, querendo que um buraco abrisse embaixo dela e a engolisse. Para ela, foi uma péssima escolha de palavras, mas agora já estava feito, então engoliu e continuou:

— Então! — Uma dica, caros leitores: se vocês querem passar batido e

ignorado por um momento constrangedor, nunca diga “*então!*” porque fica bem claro que o momento foi constrangedor e você quer urgentemente mudar de assunto. — Eu não poderia dar uma... Como foi que você disse? *Lançada?* Uma lançada em um avião.

Isso chamou a atenção de Gustavo, que pareceu surpreso e franziu as sobrancelhas para uma convencida Morena que sabia exatamente o que estava fazendo. Ela não o torturaria se ele lhe desse atenção, mas como ficou enrolando, então... Mereceu uma meia explicação e o susto tomado. Bem feito!

— Como assim um avião?

Morena explicou calmamente que estava caminhando pela mata, sem explicar que estava indo para a outra praia porque não queria ouvir um sermão, e se deparou com um brilho estranho entre as árvores e quando foi ver, tinha um avião de porte pequeno ou médio ali.

— Estava faltando uma asa e um pedaço dele na parte direita. Acho que foi isso que encontramos no outro dia, mas todo o resto do avião estava ali. Você tá entendendo? Os aviões não tem um rádio?

Gustavo se levantou rapidamente, largando a pedra, o canivete e o bambu, suas ferramentas de trabalho, e nem limpou a areia em suas pernas quando caminhou até Morena com uma urgência desesperada de quem só conseguia ver o hambúrguer que estava prestes a comer.

— Aonde? — Inquiriu.

Morena até gostou da atenção e começou a guiar Gustavo pelo caminho que ela tomara anteriormente, mas algo dentro dela estava odiando a forma com que ele parecia desesperado para sair dali. Ela até conseguia entender, sentia falta da sua cama, da sua família, do trabalho, de música e de internet, mas só conseguia ver que Gustavo queria sair dali para ficar longe dela e isso a estava magoando. Tentou engolir o aperto que sentia no peito e focar, também, em se afastar dele porque claramente isso doeria menos.

Achou que tinha se perdido até que conseguiu identificar o brilho novamente e começou a guiar Gustavo pela subida do morro.

— Cuidado — ele sussurrou para ela.

Ela, obviamente, ignorou-o. Já havia feito aquela subida sozinha, muito obrigada! Porém, acabou escorregando, talvez distraída com os pensamentos implicantes, e Gustavo apoiou a mão em sua bunda para sustentá-la.

Ah, bom, aquela foi uma péssima ideia.

Mesmo o gesto sendo gentil, o que eles sentiram não foi nada gentil. Tinham alguns sentimentos a flor da pele por conta do pequeno... Podemos chamar de término? E o uso inadequado da palavra excitada naquele dia e um toque em uma zona que, bom, fazia parte dos sonhos eróticos de Gustavo certamente não parecia bom.

Mas eles sobreviveram.

E não disseram nada sobre.

— Obrigada — Morena agradeceu pela ajuda, ignorando a revolta em seu interior.

— Não foi nada — Gustavo respondeu, mas tinha sido muito, na realidade. Ele só não o diria.

Mais pouco esforço à frente, Gustavo pôde visualizar o avião e arfou surpreso com o bom estado da aeronave. Estava em um lugar horrível e ele pensava que até poderia cair a qualquer momento, mas precisavam tentar alguma coisa.

— Eu não sei se eu conseguiria chegar lá sozinha — Morena justificou porque o chamou. — E não faço a menor ideia de como se comunica em um rádio de avião.

Gustavo também não sabia, mas isso não o impediria de tentar. Estava, na verdade, mais preocupado com a instabilidade do terreno (três árvores, se vocês querem saber) que sustentava a aeronave.

— Não sei se é uma boa ideia irmos até lá — ele disse. — Pode cair com o nosso peso. Não sei.

— Ah, fala sério — Morena revirou os olhos, se apoiando em uma árvore para virar para ele, abaixo de si. — Isso aí está há algum tempo. Deve ter um ano ou mais, olha bem pro estado dele. Já até cresceu um pouco de árvore ao redor das coisas. — E tinha mesmo alguns galhos menores se enroscando ao avião como se ele fosse parte da floresta — Você tem o quê? Uns 100 quilos? Isso aí deve pesar uma boa tonelada. 100 quilos a mais não é nada. Se não caiu até agora...

Como sempre, Morena tinha ótimos argumentos, então Gustavo apenas concordou com a cabeça e respirou fundo.



Felipe estava ao cais de desembarque, pensando na vida. A viagem estava sendo um sucesso e todos os passageiros pareciam muito satisfeitos. Ele ainda estava responsável pelo resto da viagem, mas o transatlântico permaneceria atracado por um pouco mais de uma semana, para reabastecer e acalmar, além de que havia uma nova viagem programada para ele, de retorno. Portanto, como seus funcionários estavam todos ali descansando e tentando conseguir uma vaga de trabalho no retorno — e a maioria deles tinha conseguido — Felipe passava bastante tempo por lá, checando cada cômodo em busca de objetos perdidos para catalogar e encontrar seus donos.

A verdade é que ele estava morrendo de medo de Maria Eduarda ser irresponsável o suficiente para não encontrar o casal perdido. Ou que eles estivessem mortos. Aí tudo desandaria de vez e ele até achava melhor que estivesse no exterior. Não poderia ser preso por conta disso, poderia?

Não conseguia pensar ou trabalhar direito mais, agora que atracaram, era questão de tempo até que alguém descobrisse a mentira e notasse a ausência de Gustavo e Morena. Então Felipe só vagava pelas localidades longe da bagunça, sem saber exatamente como deveria agir. Nem mesmo Carolina, que ele via todos os dias à noite, não estava lhe distraindo o suficiente.

Por conta disso, o homem não notou a aproximação da negra até que ela estivesse bem a frente de si, sem deixá-lo chutar a pequena pedra que estava tentando carregar até a beira do cais e afundá-la no mar tal como seus sonhos assim que descobrissem sobre o seu fracasso e o sumiço de Morena e Gustavo.

— Olá! — Ela cumprimentou, simpática e animada em espanhol. — Estou procurando por... Felipe? — Parecia incerta em seu nome. — Ele organizou uma viagem da UBAU pra cá em um desses transatlânticos...

Tinham três atracados no porto da cidade e àquela hora da tarde, quase noite, Felipe era o único caminhando por ali sem ter nada para fazer, não admirava que ela tivesse certamente ido em sua direção. Olhou-a e ela era bonita em suas formas arrebitadas e arredondadas, seus lábios grossos, pele escura, cabelo armado e sorriso gentil. Pensou que ela provavelmente estava para lhe pedir trabalho, embora ele não tivesse nenhum mais para lhe oferecer.

— Sou eu — respondeu, também em espanhol.

Natália sorriu como se houvesse ganhado na loteria e respirou quase

aliviada. Mas sua impulsividade em ir ali não a permitiu montar um plano para o que dizer assim que encontrasse o homem, então pausou-se em meio movimento, piscando enquanto procurava uma solução.

Ele obviamente não lhe contaria a verdade sobre Gustavo. Mas, sem conseguir analisar um plano com cuidado, tentou a verdade. Ao menos saberia se Antônio estivera bem informado sobre isso ou não.

— Eu estou procurando um amigo meu — dessa vez, tentou em português e Felipe concordou com a cabeça, na incerteza da mulher que não sabia se ele a entenderia ou não.

O coração do negro disparou de forma desesperada. Ele sabia muito bem o que vinha a seguir e ele rezava para que tivessem ainda pelo menos duas ou três semanas de sossego, até que todos os passageiros retornassem para seus trabalhos e a falta dos dois fosse sentida.

Mas não.

Ele nunca tivera sorte na vida e não era de se esperar que o tivesse agora.

— Que amigo? — Questionou, mesmo assim.

— O nome dele é Gustavo — Natália explicou e resolveu mentir um pouco, como se não tivesse contato com a família dele para ver se ele lhe contaria a mesma coisa que a Antônio. — Eu estou estudando nos Estados Unidos e Gustavo disse que viria passar um tempo aqui no Caribe, então marcamos de nos encontrar. Mas não o encontro.

Felipe tentou não parecer aliviado com a moça não saber que ele não estava de volta à Belo Horizonte, só tinha perdido-o em seu encontro. Sentiu por ela, um pouco, pela viagem perdida e se sentiu um pouco culpado também, mas preferiu repetir o discurso que já havia feito anteriormente para os que lhe haviam perguntado dos dois.

— Ele teve um contratempo e voltou ao trabalho em uma das paradas do cruzeiro — Felipe disse. — Sinto muito.

Natália tentou exibir sua melhor expressão de decepção e deu de ombros levemente.

— Poxa, ele podia ter me avisado — disse. E completou, para deixá-lo nervoso. — É estranho... Ele nunca deixa de avisar nada. Conheço Gustavo desde criança e ele não fez nada como isso... E olha, ele vive sem carga no celular, mas nunca vi alguém com tanta desenvoltura para pedir telefones emprestados para estranhos... Mas tudo bem. Obrigada. Vou tentar descobrir o que aconteceu e onde ele está.

Acenou para um Felipe quase sem conseguir respirar e de olhos arregalados. Aquela mulher com certeza seria sua perdição total. Sairia por aí perguntando de Gustavo e logo descobririam que ele não estava em lugar nenhum.

Tinha que distraí-la.

Pensou em segui-la imediatamente, mas antes disso, precisava apressar Maria Eduarda. Lembrá-la de suas funções e da sua responsabilidade, antes que a loira enchesse a cara e convencesse seu primo que passar um mês nadando de cócoras era uma ótima ideia para tonificar os músculos.

A garota atendeu no segundo toque.

“Não, esperái, eu não acredito, como você tem um telefone QUE FUNCIONA? Alô?”

Felipe estava revirando os olhos para Madu. Uns dias sem a mulher, porém ainda conseguia identificar exatamente seu comportamento e ver que nada havia se alterado. Lembrou-se do beijo compartilhado com a loira por um momento e obrigou-se a balançar a cabeça, horrorizado. Tinha coisas mais importantes para pensar e falar.

— Maria, como vão as buscas?

Felipe ouviu Madu arfar do outro lado da linha, parecendo um pouco surpresa com a ligação, porém assustada. Ele soube, então, que embora irresponsável, ela estivera preocupada e pensando sobre o assunto — sobre quando a bomba iria explodir.

“Ainda sem sucesso” respondeu. *“Sinto muito”*.

Ele grunhiu e ela encolheu-se, sem saber o que mais poderia fazer.

— Notaram a ausência deles algumas vezes já — Felipe relatou. — Vocês não tem muito tempo. Nem eu. Boa sorte.

“Boa s...”

Não ouviu o final da resposta de Maria Eduarda antes de desligar.



— Não tem sinal. Nenhum sinal — Gustavo gritou. Tinha entrado no avião pelo buraco da falta de uma das asas e Morena estava do lado externo, apoiada em uma das árvores acima do avião por segurança. Gustavo tinha insistido que ela ficasse acima porque se o avião caísse, ela não se machucaria. Também tinha um ângulo melhor para avisar caso a aeronave se movesse, mesmo que por um centímetro. — Não sei se eu não estou sabendo mexer ou se realmente não tem nada. Pode ser as nuvens? — Perguntou-se. — A tempestade que está vindo? Eu não sei. Sinto muito, Morena. Mas... Bom, ótimo achado.

Morena se sentia um pouco triste. Tinha nutrido um pouco de esperanças em sair da ilha, ficar longe de Gustavo e fingir que aqueles beijos não tinham acontecido. Era uma esperança bem vaga e ridícula, se vocês querem saber, mas ela estivera ali e agora ela encarava Gustavo pelo vidro da cabine do avião com um suspiro cansado de quem não sabe mais o que fazer pra disfarçar o sentimento que ela nutria por ele. Apesar de já ter dado o diagnóstico, Gustavo continuava insistindo mais um pouco nos controles pra ver o que acontecia. Não sabia muita coisa de aviões, apesar de já ter andado em alguns daqueles e já ter tido algumas explicações sobre alguns dos botões, mas não fazia ideia do que fazia o rádio funcionar.

— Você podia pegar algumas dessas almofadas das poltronas — Morena sugeriu. — As poltronas não saem, não é? Mas as almofadas dá pra tirar. Podemos usar de travesseiro.

Isso era um sopro gostoso, com certeza. Ter algo mais macio e confortável para encostar a cabeça na hora de dormir.

— Volto aqui com o canivete depois — Gustavo sugeriu. — Elas são grudadas na poltrona, mas acho que consigo tirar!

Ele já estava saindo do avião e encarou Morena nas árvores acima, deitada confortavelmente com o rosto sobre as mãos, parecendo ser de espécie felina. A cesta estava pendurada no galho ao lado dela e tinha algumas mangas que cheiravam muito bem — encontradas no morro. Ele sorriu para ela, mais para a visão que estava tendo dela que outra coisa e ela sorriu de volta para ele, parecendo relaxada e tranquila, mas estava gritando por dentro, seu interior inteiro se remexendo por causa do sorriso dele.

— Vem, vamos voltar pra praia — ele chamou, estendendo-lhe a mão para ajudá-la a descer.

Ela aceitou a mão de Gustavo enquanto se arrastava para a beirada do

galho. Ele estava em pé sobre a asa do avião e segurou-lhe a cintura para ajudá-la a descer. Ficaram frente a frente, as bocas mais próximas e encararam-se por um longo momento enquanto a cesta de mangas balançava sobre suas cabeças. Gustavo tomou um longo suspiro de rendição e passou os dedos pelo cabelo dela, que desviou o olhar sem saber como reagir aquela mudança abrupta de planos.

— Eu disse umas coisas feias pra você ontem — ele murmurou.

— É — Morena concordou.

Gustavo não sabia o que dizer para corrigir aquilo. Tudo bem, Morena começara, mas ela também já pedira desculpas e embora o que ele tivesse dito fosse tudo verdade, tinham maneiras de se dizer e ele fora um pouco... Bom, grosso.

— Eu sinto muito — ele murmurou. — Não queria te dizer aquelas coisas daquela maneira.

Morena soltou um longo suspiro. Tinha lhe magoado as coisas que ele dissera, sim, mas sabia que ele dissera verdades simples. Ela realmente implicava com ele, muitas vezes, sem motivo algum e que ele realmente estava sendo gentil e atencioso com ela desde que chegaram a ilha, salvo algumas exceções. Então acabou por dar de ombros.

— Tudo bem, eu mereci — sorriu, triste.

Gustavo estava bem aliviado com a aceitação de Morena.

— Isso é verdade — Gustavo riu.

Como vocês podem imaginar, essa foi a coisa mais errada que Gustavo poderia ter dito naquele momento. Morena parou de achar fofa a atitude de Gustavo para lançar-lhe um olhar mortal que o fez recuar e tirar a mão de seu rosto. Mordeu o lábio, sabendo que tinha feito merda, mas sem encontrar alguma coisa para justificar ou tentar amenizar a situação.

No fundo, Gustavo sabia que não havia jeito: depois que Morena incorporava o monstro da raiva, nada a parava até que ela colocasse as coisas para fora. Depois, então, ela poderia ser sensata e ouvir o que ele tinha para dizer, nunca durante.

— Você é um babaca, sabia? — Ela ponderou. Estava com raiva e sua voz tremia, mas até que ela não gritou assim tão alto. Sua incursão incisiva estava voltada para caminhar na direção de Gustavo que começou a andar em pequenos passos de formiga para trás, para tentar fugir da mulher.

— Você também não é muito fácil de lidar, ok? — Se defendeu, mesmo caminhando para trás, ainda. — Fica mudando de ideia, de humor,

taca coisas sem motivo.

Ela havia acabado de fazer aquilo, né? Estava tudo bem... Três segundos atrás. Ele só tinha concordado com ela! Eles concordavam que o que ele havia dito era verdade, mas ele dizer isso tinha a deixado assim: irada. Ele não conseguia entender o que havia de errado com ela.

— Você não faz ideia do porquê eu faço isso, não é? — Morena estava com a língua solta e nem viu o que estava dizendo, apenas sentia o medo e as lágrimas acumulando em seus olhos e as palavras saindo por sua boca sem a sua permissão. — Você é um cego, idiota.

Gustavo não percebeu o que ela dizia. Não fazia ideia do que ela estava falando. Ela não costumava falar coisa com coisa ou qualquer coisa digna de nexo quando ficava assim com raiva. E ele também estava com raiva, então suas palavras tomavam um tom ofensivo sem que ele quisesse:

— Você é louca. Esse é o motivo.

Morena urrou de raiva.

— Eu gosto de você, inferno! — E as coisas saíram em um urro — Eu não queria gostar, mas eu gosto e aí você me tira do sério e eu...

Ah, era isso. Era só tirar a calma de Morena e ela falava mais do que devia. Era a única coisa que a fazia falar sobre si mesma sem escrúpulos. Não durava muito, mas ela sempre falava algo antes de se calar em susto e mudar o foco da raiva da outra pessoa para si mesma. E, nesse momento, ela se odiava horivelmente.

Mal tinha admitido o que sentia por Gustavo e as palavras escapavam de sua boca daquela forma. Se ela tinha medo do que aconteceria quando saíssem da ilha depois de se envolver, o que Gustavo poderia fazer com aquela informação era inominável. Sua vida seria um inferno e ela não fazia ideia do que fazer naquele momento, a não ser tomar sua cesta de mangas do galho sobre sua cabeça e descer o morro rapidamente, enquanto Gustavo ficava lá parado, tentando absorver a informação dita.

Ela desceu o morro sem muito cuidado e o único motivo para que ela saísse inteira e sem um tombo foi que deveria ter um anjo da guarda ou uma fada madrinha rondando por ali para ajudá-la, porque as lágrimas em seus olhos dificilmente teriam-na feito chegar ao plano sem um escorregão sequer. Assim que se viu fora do terreno íngreme, começou a caminhar em direção à praia nova, para onde queria ir desde a manhã. Pegou a lança que estava encostada em uma das árvores — Gustavo a deixara ali para que, caso caíssem do morro, não se machucassem com a lâmina — e foi.

— Aonde você vai? — Gustavo gritou lá de cima, já pulando para fora da asa do avião na esperança de alcançá-la e segui-la ou arrastá-la de volta a praia.

— Por aí — Morena se dignou a responder com a voz falha por conta da vergonha, do medo e das lágrimas.

Ele já estava descendo a toda velocidade em um caminho em diagonal, tentando alcançá-la um pouco mais a frente na trilha que fazia. Ela, porém, parecia estar apertando o passo para que ele não a alcançasse de forma alguma.

— Não, espera — ele chamou-a, tentando fazê-la parar. Queria conversar sobre o que havia acabado de acontecer. Queria falar para ela como se sentia também. — Vamos pra praia.

Conseguia imaginar os dois sentados à fogueira como fizeram nos dias anteriores. Conversariam enquanto jantavam, pois não deveria faltar muito para começar a escurecer e ele diria como ele se sentia e ela se sentiria mais confortável e então poderiam voltar a se beijar. Parecia um ótimo plano.

— Eu não quero ir pra praia. Eu vou pra outro lugar.

Teimosa, ela respondeu de forma baixa, ou talvez estivesse bem mais longe do que ele imaginava. Não conseguia vê-la através das folhagens pelo caminho que fazia.

— Não me sinto ok com você andando pra lá sozinha. — Ele estava gritando. — Nós nunca fomos para lá e, bom... — *Bom, eu quero conversar com você sobre isso*, queria ter dito. Mas parecia inapropriado gritar isso sem nem conseguir vê-la.

— Eu não tô nem aí sobre como você se sente pra onde eu vou — ela gritou de volta.

Era oficial: ela estava distante. Apertou o passo, tentando diminuir o espaço entre os dois, mas não sabia mais para onde estava indo. Resolveu mudar o caminho e descer o morro em linha reta antes que fosse tarde demais.

— Morena, sério. Para. — Implorou. — Vamos conversar...

— Eu não quero conversar. Me deixa em paz.

Parecia um sussurro tamanha a distância que ela conseguiu abrir entre os dois. A negra era rápida, mas ele jurou que deveria ser porque ela estava em terreno plano e ele não. Chegou no começo da subida do morro e encarou a trilha de galhos quebrados que Morena deixara em seu caminho com um suspiro, sem nenhum sinal dela.

— Morena? — Gritou. — Morena!



Assim que Morena chegou ao lugar que queria, a praia vizinha que conseguia ver da pedra que ficava na extremidade de onde desembarcaram e montaram acampamento, ela afundou-se na areia e enfiou as mãos em seus cabelos em total desespero. Por que tinha que ser assim, impulsiva? Falar as coisas sem pensar e se meter, impreterivelmente, em encrencas? Gustavo agora sabia de seus sentimentos e ela não sabia onde enfiaria a cara. Que vergonha! Tinha certeza que o homem agora ficaria cheio de sorrisinhos debochados e insinuações para cima dela e ela não saberia lidar com aquilo nunca!

A lança estava ao seu lado, abandonada na areia, mas ela sentia como se tivesse fincado-a em seu coração tamanha dor e agonia sentia no órgão. Por todos os céus, o que ela fizera? Por que ela dissera aquilo? Quão estúpida ela poderia ser?

Ouviu um barulho atrás de si e secou as lágrimas que correram pelo seu rosto rapidamente, fingindo que nada acontecera. Ela estava bem. E ele não deveria tê-la seguido. Sabia que o faria, teimoso que era, mas esperava que não a encontrasse — tinha corrido bastante para que ele não o fizesse, mas lá estava ele, resmungando dos galhos e chegando até a praia.

Pôs-se de pé com a lança em mãos, deixando a cesta com as mangas balançar ao seu redor. Como havia conseguido correr com aquele peso, ela não sabia, mas começava a achar que todo o esforço pela sobrevivência na ilha estava sendo melhor para seus músculos que as horas que gastara na academia durante toda a sua vida.

Caminhou até a água, franzindo a sobrancelha para o que via ali.

Gustavo alcançou a praia bem naquele momento, enquanto Morena entrava na água com a lança em mãos e a cesta atravessada em seu corpo como se tivesse lido seus pensamentos. Ele queria algo assim para pescar mais e melhor, mas ainda não tivera oportunidade de comunicar seu pedido, mas, mesmo assim, ela já o tinha feito.

— Graças a Deus — murmurou, mas por outros motivos.

Conhecia Morena de longa data e sabia que quando ficava irritada, ela gritava e jogava coisas, mas quando ela saiu de perto dele, ela estava arrasada. Ele não sabia o que acontecia quando Morena estava daquela forma, mas imaginou que não deveria ser boa coisa e gostaria de acertar tudo da melhor forma possível e só tinha uma coisa que resolveria tudo.

Não era que Gustavo se sentisse ok em confessar seus sentimentos

recém descobertos sobre Morena, mas era melhor agora que ele sabia que ela não ria na sua cara. Se não estivesse tão apavorado com a reação e com a maneira que a negra lhe contara sobre como se sentia (aos berros e no meio de uma discussão), talvez estivesse sorrindo feito um bobo ou uma criança que ganhou presente de natal em setembro com a promessa de ganhar mais alguns em dezembro.

Mas ele só parou ali, na beirada do final da mata e no começo da areia da praia, encarando o novo ambiente. Ela era mais aberta que a que escolheram como residência e parecia continuar após a curva. Era maior, mais extensa e mais clara, ao que parecia. Não tinha nada lá, nem restos de plantas, nem conchas ou pedras, só areia e mar, totalmente intocada, a exceção de Morena, adentrando suas águas límpidas com a lança em suas mãos.

— Morena? — Gustavo a chamou.

Contra tudo o que ele acreditava que ela poderia fazer naquele momento, e dentre as possibilidades estava jogar a lança em sua direção (ele inclusive estava preparado para se abaixar ou correr), a mulher virou-se em sua direção e levou um dedo à boca, pedindo silêncio. Ele calou-se instantaneamente, mesmo sem saber o motivo. Então, ela acenou com a mão pedindo que ele se aproximasse, mas com cuidado.

Gustavo não entendeu o que ela estava dizendo até que alcançou a água do mar e arregalou os olhos para os cardumes de peixes que rodeavam-na e acumulavam-se em toda a extensão da água que ele conseguia ver. Parecia um tapete de peixes de tantos que haviam ali e ele imaginava que sua pesca estava assustando-os para a praia do lado, talvez, ou algo deveria ter de diferente naquelas águas — eram mais selvagens e com mais ondas, embora ele achava que Morena nem havia percebido, porque se aventurava sem medo, tão deslumbrada que estava com os peixes aos seus pés.

Gustavo aproximou-se vagarosamente da mulher, tentando não assustar ou afastar os peixes, sentindo-os mordiscarem sua pele levemente conforme ele avançava em direção à Morena e, assim que alcançou o seu lado, rodeou a mão na cintura dela, cheio de intenções. Pensou que seria bom sussurrar-lhe seus sentimentos em sua orelha e puxá-la para um beijo como tantas vezes já fizeram ao mar (ok, não tinham sido tantos assim, mas um cara podia sonhar), mas assim que o fez, Morena passou-lhe a lança de forma automática e pediu que ele esperasse.

Esperamente, ela agachou-se ao lado de Gustavo, tentando não mover-se bruscamente e a cesta afundou na água. Não saberiam dizer que foi a curiosidade ou as mangas apetitosas, mas um grupo de peixes nadou para dentro da cesta, alegremente, sem saber o que estava acontecendo. Então

Morena levantou-se rapidamente, o movimento e a água escorrendo dos buracos da cesta afastando a maior parte dos peixes que estavam ao seu redor. Ela segurou as alças do objeto com força, mas precisou que Gustavo fosse ao seu socorro e quando ele olhou dentro... Bom, tinham uns quinze peixes se debatendo ali dentro e Gustavo arregalou os olhos para ela, que sorria distraída com sua esperteza insuperável.

Ele tirou a cesta de sua posse porque realmente estava um pouco pesado demais para ela e ela caminhou para a areia com ele atrás de si, com um pouco mais de dificuldade — as mangas e os peixes em conjunto estavam pesando, peso menos, uns quinze quilos, ou mais, mas ele não saberia dizer. Ela sentou-se na areia e soltou um suspiro bastante inaudível, como se estivesse segurando aquilo há um bom tempo.

Cerrou os olhos para o homem, mais por causa da luz do Sol por detrás dele, atrás das nuvens ainda meio esbranquiçadas, que qualquer outra coisa e apoiou as mãos sobre o joelho dobrado de forma displicente enquanto Gustavo soltava o peso da cesta na areia para se jogar sentado ao seu lado.

— E você não queria que eu andasse por aí — ela resmungou.

Não era sobre isso que Morena queria conversar. Gustavo, tampouco, queria ir por aquele assunto. Mas foi o que ela conseguiu dizer, com a garganta ainda embargada de medo e arrependimento.

— Não disse que não queria você andando por aí, só que não achava ok você vir pra cá sozinha porque a gente não conhecia isso aqui — ele corrigiu-a. — Mas eu estava errado. Com certeza foi uma ótima ideia. Você tem ótimas ideias o tempo todo, é claro.

Achou que elogiá-la era a melhor maneira de amolecê-la depois da discussão dupla que tiveram nos últimos dias. Gustavo queria implantar a paz e queria voltar a trocar beijos e carícias com ela o mais rápido possível.

— Obrigada — agradeceu, com um sorriso sincero no rosto.

Mas ela não olhava em direção a Gustavo, estava envergonhada demais para tal. Encarava era o mar na esperança que acontecesse qualquer coisa para livrá-la daquela situação. Na frente deles, alguns dos peixes ainda pulavam, não gostando nem um pouco de terem sido arrancados da água, mas para Morena e Gustavo seria a salvação enquanto a chuva que Gustavo esperava caísse. Achavam que pescar seria mais difícil durante a chuva e, bom, Morena tinha acabado de pescar mais peixes em cinco segundos do que Gustavo conseguia em uma tarde inteira. Imaginavam, inclusive, que se houvesse mais espaço na cesta e que se ela tivesse ficado mais tempo na água, conseguiriam pescar mais ainda.

Só não achavam que havia necessidade disso.

— Olha... — Gustavo não podia aguentar mais aquilo. — Sobre o que você disse, sabe, lá no avião...

Ele estava pronto para confrontá-la, fazê-la repetir de cabeça fria e confessar seus próprios sentimentos para ela. Depois eles poderiam se beijar e rolar na areia em um amasso gostoso, até a medida do ir devagar dela começar a apitar, ele realmente não estava se importando muito. Morena, por outro lado, apertou os olhos com força e sentiu o coração acelerar de uma forma não considerada saudável.

Então ela fez a única coisa que achou que seria possível para se livrar da possível dor que viria a seguir, com Gustavo dizendo que não se importava ou fazendo piada com a cara dela por ela gostar dele.

— Não quero falar sobre isso — disse.

Seria incapaz de desmentir, era claro, mas poderia cortar o assunto além da salvação e ficaria um ponto de interrogação no ar pelo resto da vida deles, se dependesse dela.

— Mas eu...

— Chega, Gustavo — insistiu, olhando para ele com sua melhor expressão de deboche com não me importo. — Não quero falar sobre isso e ponto final. Agora, com licença, vou voltar para o abrigo porque tem muito a ser feito caso aquelas nuvens pretas — ela apontou para frente no horizonte, onde uma massa de nuvem cinzenta nem um pouco amigável parecia se aproximar pouco a pouco. — Chegue até a gente.

Ela se levantou e rumou para a mata sem dizer mais nada. Então Gustavo soltou um assovio derrotado e se pôs de pé, recolheu a cesta e tentou alcançá-la.

Capítulo 15

Pela primeira vez desde que desembarcaram naquela ilha, Gustavo e Morena estavam na mata quando escureceu. O caminho entre as praias era um pouco longo e eles acabaram se perdendo um pouco. Gustavo carregava a cesta com a alça transversal e ainda segurando ao redor dela porque ela pesava, o que obrigou Morena a segurar seu braço para que não o perdesse na escuridão. Provavelmente teria ficado com mais medo se estivesse sozinha, mas, de alguma forma, a presença positivista de Gustavo, mesmo na situação de guerra emocional do momento, tivera um efeito extremamente calmante em seus nervos sempre a flor da pele.

Gustavo, por outro lado, estava grato pela proximidade e há boatos que dizem que ele se perdeu propositadamente para ficar um pouco mais de tempo com a mulher abraçada a si. Boatos, é claro, nunca confirmados.

— Fica tudo tão igual a noite — Gustavo murmurou. Baixinho, embora não soubesse porque tinham que sussurrar.

Eles não enxergavam muito a frente e por isso tinham que andar devagar. Os sussurros, muito incômodos porque faziam certas coisas acontecerem abaixo de suas barrigas, eram proferidos por, vamos confessar, medo do que poderia ter ao redor deles sem que eles conseguissem ver.

— Isso não está acontecendo — Morena murmurou, mais para ela que para Gustavo. — Não está acontecendo.

Pouco depois dela ter demonstrado o seu nível de medo àquela empreitada, eles encontraram a praia — e vocês não querem acreditar que Gustavo tinha qualquer coisa a ver com isso? Desculpa, querido, mas não enganou ninguém. Bom, enganou Morena, se quiserem colocar no papel. O alívio que sentiram ao se deparar com as cores quentes da sua amada fogueira foi de esvaziar os pulmões. Morena rapidamente soltou do braço de Gustavo e, em uma das poucas situações em que parecera uma criança aos olhos dele, correu até o fogo e jogou-se ao lado dele em um grito aliviado de alegria.

Não durou muito.

Assim que colocaram seus peixes para assar e começaram a comê-los, a água da chuva deu o ar de sua graça. Gustavo não havia terminado o segundo telhado e o sistema de água não tinha sido implantado com sucesso por conta do tempo em que ficaram tentando usar o rádio do avião, então quando eles perceberam as gotas de chuva, ainda tímidas, batendo contra a

areia ao seu redor, se entreolharam com os olhos arregalados de pavor.

— E agora? — Morena questionou.

Gustavo deu de ombros, não fazendo a menor ideia. Tinham perdido tempo e era tarde demais para resolver.

— Não dá pra fazer nada. Temos que torcer pra não chover dentro do abrigo e... — Ele se levantou com rapidez e recolheu uma pilha de galhos e gravetos em seu braço, levando-o para Morena — Melhor guardar isso aqui porque nossa fogueira provavelmente já era.

— E você? — Morena resmungou, levantando-se com os gravetos em seu braço, reclamando de ter que carregar coisas enquanto ele... Não fazia nada. — Por que eu...? — Ela se interrompeu ao vê-lo levantar as sobancelhas e se abaixar para pegar a cesta de mangas e peixes — Ah... Ok.

Morena começou a achar que deveria ficar de boca fechada pelo resto do dia porque não estava se saindo muito bem. Depois de ter deixado escapar que gostava de Gustavo, parecia que tudo tinha desandado para o lado dela e ela não sabia por onde começar a consertar. Ao menos Gustavo não parecia ter mudado com ela ou ter feito qualquer piada em cima daquilo, o quem, com certeza, era um avanço agradável. Isso, claro, não mudava o fato de que ela se sentia péssima com tudo aquilo.

Os dois caminharam pela leve subida na areia até onde ficava o abrigo carregando suas coisas, Gustavo com um pouco mais de dificuldade que a negra. Ele já tinha os braços doloridos por carregar a cesta desde a outra praia até ali e depois de esfriar seus músculos enquanto se alimentava, a pequena distância foi um pouco complicada.

Deixaram os pertences em um canto do pequeno casebre e houve um momento de suspensão silenciosa enquanto os dois encaravam o bote à sua frente. Depois dos momentos agradáveis que passaram juntos ali e, então, a briga... Não sabiam como dividiriam sua improvisada cama a partir de agora. Morena não era capaz de expulsar Gustavo do abrigo por motivo algum — muito menos agora que começavam a ouvir a chuva castigar a mata atrás deles e o vento passar por entre as madeiras do casebre, levando um pouco da água da chuva até eles.

Se estava frio e molhado ali dentro, mal imaginavam como estaria do lado de fora.

— Boa termos tranca nesse momento — Gustavo comentou, fingindo que estava tudo bem e indo reforçar a ideia de Morena para manter a porta firme durante a ventania. — Você é cheia de boas ideias.

— Agora você vê, não é? — Ela disse, em um deboche leve, mas rindo. Depois de dez anos discutindo em seus projetos e tentando fazer valer seus pontos de vista um acima do outro, Gustavo começava a identificar que ela tinha boas ideias. O que alguns dias em uma ilha deserta não faziam?

— Nunca disse que você não tinha boas ideias — Ele ainda estava concentrado na porta, tentando amarrá-la firme, mesmo com o vento empurrando-a para abri-la. — Só que eu não gostava muito delas.

— Bom, a recíproca é verdadeira — Morena disse, em meio a uma reverência exagerada que fez Gustavo cair na gargalhada.

Com o clima muito mais leve, ela se deitou no bote, afundando a cabeça na borda do bote, cheia de areia para que ele parecesse um pouco mais confortável para dormir, ideia de Gustavo, ao qual ela não tinha aprovado nem um pouco.

— Mal vejo a hora de ter alguma daquelas almofadas para dormir — Morena murmurou, de olhos fechados, sonhando acordada com as poltronas do avião.

— Eu pego algumas amanhã pra você — Gustavo prometeu. — Se não estiver muito escorregadio para subir.

A voz dele estava mais próxima e, de olhos fechados, ela sentiu-se estremecer, porém tentou fingir que nada acontecia em seu corpo. Ouviu-o se deitar ao seu lado e soltou um longo suspiro idiota, querendo matar aquela confusão de sentimentos que acontecia dentro dela.

Permaneceram em silêncio por mais alguns momentos, sentindo o vento castigar as paredes de seu casebre. Morena já havia declarado mentalmente que não conseguiria dormir enquanto a chuva estivesse tão forte porque estava com medo da pequena construção cair sobre suas cabeças e embora Gustavo estivesse certo que fizeram o melhor que podiam com aquilo... Bom, ele também estava com um pouco de medo.

O vento adentrava pelas frestas entre as madeiras, deixando o ambiente bastante frio para quem só usava roupas de banho e passara os últimos dias em Sol ardente. Foi mais ou menos quando Gustavo achou que começaria a tremer de frio que as palavras escaparam de sua boca:

— Frio, né? — Murmurou.

Morena teve que apertar os lábios para não cair na gargalhada. Naquela manhã mesmo, ela tinha tentado iniciar uma conversa sobre o mesmo assunto. De alguma forma patética, em começar conversas eles eram muito parecidos — e igualmente estúpidos e sem criatividade.

— Aham — ela concordou, ainda apertando os lábios para conter sua risada.

Gustavo respirou fundo e com toda a fibra de coragem que ele tinha, resolveu falar o que tinha em mente na esperança de dar certo. Porque não custava nada tentar:

— A gente podia se abraçar, sabe, pra se aquecer. Né?

Morena soltou uma gargalhada que ela nem sabia de onde tinha vindo porque, dentro de si, a possibilidade parecia bastante agradável. Então ela se recordou das palavras que haviam saído de sua boca mais cedo e mordeu o lábio inferior com vontade. Gustavo provavelmente só queria se aproveitar da fragilidade dela e ela não estava disposta a compartilhar seu coração, não daquela maneira.

— Boa noite, Gustavo — murmurou, tentando manter o tom de piada em sua voz, mas havia um pouco de mágoa também que ela rezou que Gustavo não fosse capaz de identificar.

Virou-se de costas para o homem e respirou fundo tentando não fazer barulho. E foi assim que os dois acabaram adormecendo naquela noite de frio e tempestade. Apenas para acordar em uma manhã calorenta de sol.

Verão é uma estação engraçada.

Morena, ao se levantar, não encontrou Gustavo ao seu lado. Ao invés disso, tinha uma folha de tamanho mediano e algumas palavras tortas tinham sido rasgadas nela. Com um pouco de dificuldade com a escrita rústica, ela leu um “*avião*” escrito ali. Era curto, provavelmente pela complicação da escrita, mas deixou-a saber aonde Gustavo se encontrava.

Levantou-se, comeu uma manga como uma mulher das cavernas (já que não tinha ninguém olhando) e grelhou os peixes que pescaram no dia anterior, na esperança de, assim, ficarem frescos por mais tempo.

Então, ficou em um tédio sem fim e com preguiça de voltar a tentar construir sua espreguiçadeira e foi quando seu olhar se decaiu na jangada de Gustavo. A lembrança da praia vizinha brilhou em sua mente e ela achou que era uma ótima ideia remar até lá e surpreender Gustavo com mais uma cesta de peixes.

Vestiu o colete salva-vidas e procurou o remo para então colocar a jangada no mar.



Gustavo realmente foi até o avião àquela manhã, munido de canivete para retirar as almofadas das poltronas do avião e recolher o máximo de coisa útil que conseguisse encontrar na aeronave e o fez com sucesso em poucas horas, enchendo duas cestas de remédios que ainda estavam no vencimento, kits de primeiros socorros, talheres (encontrou várias facas, para sua alegria, que com certeza lhe ajudariam na hora de serrar madeira e limpar os peixes) e almofadas. Era um carregamento leve, mas que teve um pouco de dificuldade para encontrar a descida do morro porque ainda estava um pouco escorregadio da chuva da noite anterior.

E foi mais ou menos por aí que ele começou a perder totalmente o foco. Tinha acordado bem, na medida do possível, após passar sua primeira tempestade como naufrago, pensar que Morena tinha confessado ser apaixonada por ele e estar dormindo ao lado da negra que lhe tirava o fôlego, a sanidade e a paciência com demasiada facilidade. E apesar de seus sentimentos e pensamentos estarem envoltos em um turbilhão de ideias confusas e desapareadas, quando Morena lhe deu boa noite e ele lhe respondeu com um resmungo não muito contente por sua sugestão ter sido tão porcamemente ignorada, dormiu. Dormiu como uma pedra por algumas horas, até despertar de tempos em tempos, sem conseguir relaxar por inteiro, vigiando o casebre para ver se ele se mantinha inteiro e intacto, acordando por horas porque algum pingo de chuva caía sobre ele e achava que era assim que ficariam sem um abrigo em bom funcionamento.

Ao primeiro sinal de luz, ele abriu os olhos e passeou-os pelo corpo de Morena, antes de se levantar. O abrigo externo era uma bagunça completa e levou quase uma hora até que ele o colocasse de pé novamente e puxasse a jangada de pouca qualidade para perto do acampamento. Então, com o sol esquentando cada vez mais, achou que poderia tentar ir até o avião e recolher algumas coisas, deixando um bilhete para Morena da forma mais criativa que encontrou.

E agora lá estava ele, no pé do morro onde jazia o avião, sentindo-se crescer em suas bermudas por conta da memória de Morena adormecida ao seu lado e, então, dos beijos deles, mesmo castos, e da confissão dos sentimentos dela. Gustavo tinha uma vaga noção do quanto ele desejava a moça — já estivera em uma grande encrenca por conta daquilo e não era muito orgulhoso do que acontecera -, mas sabia que era muito, de uma forma que ele não sabia já ter sentido anteriormente. E ele até queria dizer para a moça, se ela tivesse paciência o suficiente para deixar que ele o fizesse da maneira que queria... Com uma conversa agradável e alguns galanteios.

Mas não. E ainda estavam naquele clima estranho sem resolução, mal conseguiam conversar direito, ficavam pisando em ovos e tirando o braço que Morena segurara enquanto, no escuro, caminhavam para a praia, não tinha nem um encostar de peles — quanto mais uns beijinhos, que era no que Gustavo estava bastante interessado.

Por conta disso, Gustavo estava sofrendo bastante dentro de suas calças. Não era que ele fosse um tarado completo e até poderia ficar um longo tempo sem sexo, mas havia uma provocação visual todos os dias com Morena andando em seu biquíni de um lado para o outro, os seios bem demarcados e quase expostos e a bunda redonda bastante visível, mesmo na escuridão do quarto, a noite, quando ela se virava de costas para ele para mostrar-lhe um ponto. E segurar toda aquela tensão sexual em forma de teimosia estava muito difícil para ele. Sentia que iria explodir a qualquer momento e confessava que, por diversas vezes, escondera-se em moitas ou nas ondas do mar para aliviar-se com suas mãos, enquanto os pensamentos delineavam as curvas sinuosas de sua companheira de sobrevivência.

Então, quando sentiu-se enrijecer só pela injeção sensorial de que visualizaria Morena em toda sua glória a qualquer momento, Gustavo sentou-se à beira da mata com uma cesta de cada lado e colocou seu membro para fora da bermuda, apalpando-o de forma até mesmo sutil para a sua urgência momentânea. Dali, ele conseguia ver o mar de sua praia e sentir o cheiro pesado de maresia e terra molhada que estava enchendo suas narinas naquela manhã pós tempestade. Não conseguia ver Morena e isso era até bom porque ele não se sentia tão adolescente tarado quanto realmente achava que estava sendo.

Mas a visão do mar era... Provocava-lhe arrepios de memória e desejo. O primeiro beijo que compartilharam no susto após a comemoração da primeira pesca de Morena e, depois, o segundo, quando ela achou que ele estava se afogando e acabou quase se afogando por si mesma. A maneira com que seus sexos se encostaram naquele dia, provocando uma onda desesperada de choques e apertões, os suspiros que soltaram um pelo outro e o breve amasso na praia que quase durou tempo o suficiente para que não desse para parar. Lembrava-se da frustração ao ouvi-la pedir para ir devagar e, na hora, ficou um pouco zangado, mas ao ver como ela reagiu, o medo que ela teve dele, acalmou-se o suficiente para acalmá-la também. Ele não entendera sua reação na hora, mas havia um sentimento que ele tinha deixado algo passar ao rever o que acontecera... Infelizmente, como seu sangue todo tinha descido, Gustavo foi incapaz de encontrar o erro.

Sua mão apertou sua ereção com um pouco de pressão, movimentando-se de uma maneira lenta, mais firme e com ritmo. Deixou

escapar vários gemidos de sua boca e o nome da negra saiu umas duas ou três vezes por seus lábios, uma mania que ele já quase havia se acostumado com o tempo. Não sabia desde quando seu prazer começara a ter o nome dela, mas aqueles sussurros saíam de sua boca já há um ano ou dois sem que ele conseguisse se conter.

E ele estava quase lá. Quase conseguindo esvaziar o seu pote de tensões em forma de gozo para poder encará-la mais uma vez sem conseguir pirar quando, pela pequena fresta em seus olhos entreabertos, ele identificou algo estranho e escuro no límpido mar à sua frente. A princípio, seu coração acelerou e ele não soube se foi pela visão ou porque seu orgasmo estava a se iniciar e ele arregalou os olhos, achando, por um pequeno momento, que era a sombra de um barco que estava passando perto dali.

Ledo engano.

Assim que Gustavo forçou-se a pensar com a cabeça de cima e abriu seus olhos, ele viu algo que fez todo o seu corpo congelar de susto e pavor.

Morena estava em pé na sua jangada mal construída, ainda nas ondas baixas do mar, com o remo em suas mãos acima da cabeça como se fosse a dona do universo (ao menos do universo de Gustavo, ela o era). Ainda congelado, conseguiu reparar em detalhes: o colete salva vidas, meio murcho, estava jogado em um canto da jangada junto com uma duas cestas, uma dentro da outra.

Gustavo só teve tempo de colocar a bermuda por cima da sua ereção nem um pouco discreta antes de começar a correr em direção a ela. A mulher não sabia nadar, não estava vestindo o colete e a jangada não era segura: para uma pessoa cuidadosa e sempre preparada, ela estava se saindo muito mal.

Entrou na água do mar antes que Morena o visse e segurou a jangada pela ponta enquanto a água ainda estava em sua cintura.

— Você está maluca? — Gustavo gritou para ela. — Enlouqueceu? Isso não tá pronto. Você não pode sair por aí assim!

— Como não está pronto? — Morena gritou de volta. — Funciona! Olha! Funciona. Ei, me solta!

Gustavo não fez ouvido a ela e começou a puxar a jangada em direção à areia, de costas para ela, ignorando as duas remadas que Morena lhe deu em sua cabeça, mesmo fortes. Assim que conseguiu colocar metade da jangada na areia, virou-se para a mulher a tempo de segurar a terceira remada que ela tentava dar nele. Pegou o remo com as duas mãos e puxou, mas sem conseguir arrancar das mãos dela, que andou em sua direção.

— Gustavo, me solta! — Ela gritou com ele.

— Você não vai à lugar algum! — Ele estava furioso. Primeiro porque ela quase morreu e segundo porque ele estava quase gozando e não conseguiu.

Estavam em uma briga de urros e puxões pela posse do remo. Morena tinha certeza que Gustavo poderia quebrar o remo para tentar impedi-la de seguir viagem e Gustavo tinha para si que ela bateria nele assim que tivesse posse do objeto e voltaria ao mar só para provar um ponto. Ele começou a andar para trás, na intenção de arrastá-la para longe da água por tempo o suficiente para que ele pudesse correr e tomar posse da jangada antes dela, mas... Bom... As coisas nem sempre saem como a gente quer.

Havia uma pilha de areia no meio do caminho. Uma pilha de areia que Morena fez dois dias atrás, quando cavou seu buraco de fúria. O buraco ainda estava ali, um pouco menos fundo por conta das ondas do mar e da tempestade, mas também estava a pilha. E por conta dessa pilha, Gustavo tropeçou.

Foi um tombo bem estranho e engraçado, se vocês querem saber. Devo lembrá-los que Gustavo segurava o remo e também Morena, então é fácil supor e imaginar que, quando ele caiu, ela foi puxada junto no susto. E aí, o que aconteceu foi uma daquelas coisas que mexe com toda a estabilidade do universo e muda tudo ao seu redor.

O remo escapou de suas mãos e caiu rolando um pouco acima de suas cabeças. Gustavo caiu sobre a areia fofa e por pouco não conseguiu um ferimento mais grave por conta do buraco, mas ficou bem. Enquanto à Morena... Ela caiu com uma perna de cada lado do corpo de Gustavo, com sua virilha bem em cima da ereção dele.



A surpresa causou coisas diferentes nos dois. Gustavo, que mal teve tempo de se recuperar do tombo, sentiu o que acontecia mais do que viu. Ele sentiu as mãos de Morena em seu tronco nu quando ela caiu com força total sobre a sua ereção, as pernas abertas e o tecido fino da calcinha deixando com que ele sentisse que seu pênis estava encaixado na fenda entre suas pernas de maneira forte e profunda — o que lhe doeu um pouco, mas valeu a pena. Apertou os olhos que haviam sido fechados pelo reflexo ao cair e abriu a boca, deixando um gemido lhe escapar pelos lábios no mesmo momento em que Morena se deu conta do que estava acontecendo e apertou-lhe o dorso com as unhas.

Ela, ao contrário dele, estava com os olhos bem abertos. Completamente arregalados de surpresa. A raiva que sentia antes havia se dissipado como fumaça pelo ar e agora ela estava muito mais concentrada em todas as outras sensações de seu corpo. Ela viu o momento em que Gustavo apertou os olhos e deixou o gemido escapar de seus lábios com uma expressão de completo choque, porém, assim que assentaram-se na areia, a pressão que a ereção de Gustavo fez em sua virilha a fez apertar as unhas no peito do homem, no qual já havia se apoiado quando caíram, sem nenhum pudor.

Não tinha nada útil passando pela cabeça dos dois, se vocês querem saber. Não tinha negativas também.

Morena sentiu-se encharcar. Gustavo estava duro feito pedra e ela não achava que era possível ficar assim de uma hora para outra... Em sua cabeça embananada, ela soube que ele já estava excitado antes e pensar nisso a deixou ainda mais envolvida. Dentro de si, uma torneira havia sido ligada e começava a encharcar sua calcinha em total prejuízo. Puxa vida, eles estavam brigando há cinco segundos e agora ela já estava completamente molhada e pronta para receber sua rigidez dentro de si.

Gustavo tinha as mãos deitadas ao lado de seu corpo e arriscou abrir os olhos só um pouquinho para se convencer de que aquilo realmente estava acontecendo. E ele a viu olhar para baixo, para seu corpo, com uma vontade que lhe fez estremecer, mordendo o lábio inferior em contento, as mãos deslizando pelo tronco dele, urgentes e desejosas. Para Gustavo sobrou apenas a opção de voltar a apertar os olhos e sentir o corpo inteiro enrijecer de surpresa e adoração. Suas mãos, porém, tinham vontade própria e pareciam estar a parte de seu corpo, guiaram-se para os joelhos da mulher, fincados em cada lado de seu corpo na areia, subindo em um leve encostar de peles pela coxa dela, com medo que um contato mais intenso provocasse o afastamento

repentino da mulher, mas sentindo-a se arrepiar a cada milímetro de movimentação sua.

Ele abriu os olhos mais uma vez, sentindo-a se apoiar em seu abdômen com as mãos espalmadas, depositando parte de seu peso. Encarou a cena, tentando detalhar aquilo e gravar em sua memória para a eternidade. A maneira com que os olhos dela pareciam emanar uma luz intensa devido ao brilho que refletia em sua íris esverdeadas, totalmente arregalados como se ela não conseguisse compreender com clareza o que acontecia, os lábios grossos mais avermelhados por causa das mordidas que ela mesma lhe causara entreabertos em choque e admiração, os pelos de sua pele, arrepiados pelo toque de dele e pelo contato acidental de suas virilhas, os músculos visíveis em sua perna que pareciam relaxar e tencionar involuntariamente ao redor do corpo dele, como se permanecer de uma forma só fosse além de sua capacidade de momentânea, seus seios, seus lindos, gloriosos e delineados seios, subindo e descendo rapidamente, acompanhando a respiração rápida e desesperada de seu corpo, ressaltando-os cada vez que eles pulavam para frente e a maneira com que suas virilhas se encontravam... Sem nada acontecendo, Gustavo já estava sem ar.

No momento em que ele desceu o olhar para o encontro de suas pélvis, tentando acreditar que aquilo realmente estava acontecendo, suas mãos subindo para os glúteos da mulher, um pouco menos discretas e menos leves, mas ainda temerosas de lhe tomar com a força que tinha vontade e a mulher evaporasse de perto de si como um sonho ao qual ele já estava acostumado a ter e a se decepcionar ao acordar, sentiu Morena apertar-se contra ele. Puxou o ar com força, fazendo um barulho vergonhoso e ouvindo uma risada baixa dela e soube que foi proposital: ela estava apertando-se contra a ereção dele, diminuindo a distância quase nula entre suas pernas.

O mistério, ali, era como Gustavo não havia explodido ainda em suas calças.

Ele queria dizer alguma coisa para ela. Queria dizer-lhe que ela era a coisa mais linda que ele já havia visto, que seu corpo inteiro a desejava de uma forma que ele não compreendia e até pensou que poderia ser uma ótima hora para lhe confessar seus sentimentos, mas ao olhar em seu rosto, com a boca aberta buscando palavras que não passavam pela sua mente confusa com todas as sensações e choques de prazer que passavam pelo seu corpo, os olhos dela cruzaram com os seus em completa transparência. Havia uma verdade imponderável passando entre os dois e palavras pouco ajudariam naquele momento; Morena percebeu que Gustavo estava imerso em confusão e sorriu-lhe em sua própria, um sorriso leve, quase gentil, de quem também não fazia ideia de que merda estava acontecendo com os dois, mas não tinha pretensão

alguma de parar com aquilo.

Enquanto Gustavo estava congelado, com o corpo inteiro reagindo ao dela, mas com um certo medo se mover de forma demasiada intensa e fazê-la correr, Morena era toda lava derretida, queimando por debaixo de sua pele e gritando por mais. Ela estava acostumada a lidar consigo mesma, de todas as vezes que pensava demais e acabava por não agir, mas também todas as ocasiões em que não pensava e agia de acordo com as reações de seu corpo ao que acontecia ao redor, e essa era uma das vezes em que a segunda opção funcionava sem que ela tivesse como parar e analisar. Se o fizesse, talvez... Talvez muita coisa naquele verão teria sido completamente diferente. Mas, naquele momento, Morena apenas sentiu as mãos de Gustavo alcançarem sua cintura com uma leveza impressionante para a situação e se entregou, jogando a cabeça para trás, seus cabelos curtos reagindo à gravidade, apertando os lábios e os olhos e respirando fundo, enquanto empurrou o corpo para trás e para frente, movimentando-se contra a rigidez de Gustavo que parecia lhe invadir mesmo através do tecido da bermuda e de sua calcinha.

— Porra — ouviu-o murmurar e isso lhe arrepiou todos os pelos de seu corpo apenas um segundo antes de sentir os dedos dele, não mais discretos, apertar-lhe a cintura com força, implorando-a que continuasse a se movimentar sobre ele em uma determinada velocidade.

Morena também desejava acelerar tudo, mas por uma única vez na vida, ela quis fazer algo devagar, apreciar cada segundo, cada momento... Não sabia por quanto tempo conseguiria se manter sóbria e estendendo aquela situação, mas curtiria cada segundo daquilo.

Gustavo tinha as unhas roídas fincadas em sua cintura e parecia quase babar sobre ela, indeciso entre guiá-la na movimentação em seu colo ou só deixá-la fazer do jeito dela porque estava bom também. De qualquer forma, ela o sentia apertar as mãos nela, soltar o ar com força de sua boca e estremecer.

A bermuda folgada de Gustavo fazia resistência à movimentação, mas era leve o suficiente para que os dois sentissem a intensidade do roçar. O tecido seguia as coxas de Morena para cima, em direção ao abdômen de Gustavo, e para baixo, voltando às suas coxas. Morena não estava tão incomodada quanto o homem com aquilo (e, na verdade, Gustavo apenas se incomodava porque queria logo arrancar o tecido e ir direto ao ponto, se é que vocês me entendem), pois estava se deliciando com a carícia que provocava a si mesma. Sentia o membro de Gustavo com toda a sua forma e queria confessar que, apesar de já tê-lo sentido antes e já tê-lo bisbilhotado através das calças sociais nos diversos eventos que participaram juntos, estava bastante impressionada com a grossura dele; não era tão longo quanto

imaginava, mas talvez fosse o mais grosso que havia sentido, encaixava-se quase que completamente nos lábios grossos de sua vagina e sua calcinha já estava começando a atolar-se dentro de sua fenda, que implorava para encapar o membro rígido do homem abaixo de si.

Gustavo desistiu de qualquer atitude naquele exato momento, enquanto Morena inseria alguma velocidade contra seu membro, escorregando para cima e para baixo e rebolando de forma leve sobre si. Ele até queria arrancar sua roupa e a dela, mas achava que sua força tinha sido drenada em algum momento durante toda a trajetória que levaram até chegar ali e, por Deus, o que ela estava fazendo estava *muito bom*. Então apertou os olhos e os lábios, relaxando, afundando a cabeça na areia e tentando se controlar pra simplesmente não gozar muito rápido — mesmo que já houvesse começado a se masturbar antes daquilo — para tentar fazer aquela sensação louca e desesperadora durar o máximo possível.

Ainda haviam peças de tecido impedindo que o roçar fosse peça com peça e Morena planejava fazer algo sobre isso muito em breve.



Há alguns dias, Morena se sentiu estúpida por estar usando calcinha e shorts todos os dias na ilha, vendo que sua saída de lá não estava nem um pouco perto de acontecer (ou pelo menos não havia nenhum sinal de que aconteceria em breve), seria natural que ela poupasse tecido para permanecer vestida e quando viu que seu pequeno short vermelho de lycra começava a descosturar nas bordas, se viu obrigada a fazer alguma coisa sobre aquilo, então resolveu intercalar, o que lhe dava tempo para lavar sua roupa íntima e deixar que ela tivesse um pouquinho mais de higiene.

Ponderou, um pouco, em usar apenas a calcinha porque se sentia um pouco desconfortável usando apenas a peça na presença de Gustavo, mas quando tomou coragem de usá-la, ele pareceu nem perceber, demonstrando achar que era parte do biquíni, então Morena apenas continuou a utilizá-la, intercalando os dias, um de calcinha e um de short.

No dia anterior, tinha começado de calcinha. Porém, ao ver que subiria o morro até o avião, achou melhor vestir o short, caso Gustavo ficasse atrás dela, ele exibiria um pouco menos — a calcinha poderia acabar escapando do lugar e mostrando mais do que devia, então trocou.

E agradeceu aos céus por ter tomado aquela decisão, porque se não escolhera o short no dia anterior, a dinâmica daquele momento teria sido ainda mais complexa e desesperada. Por sua decisão, porém, apenas chegou o tecido da calcinha para o lado e sentou-se pele contra a ereção de Gustavo, ainda por dentro da bermuda.

Não demorou muito mais que dois segundos para que Gustavo, de olhos e boca cerrada em concentração e torpor, perceber que algo havia mudado. Foi algo como a molhadês de Morena ensopando e entranhando pelo tecido da bermuda e alcançando sua pele de forma que parecia que ele conhecia muito bem, mesmo que nunca houvesse acontecido antes. Com todo o seu corpo pedindo que ele gritasse, abriu os olhos por apenas uma fresta para encarar a mão de Morena empurrando o tecido da calcinha para o lado e exibindo aquele pedaço de pele carnuda com a qual ele sonhara pelos últimos anos.

Ele grunhiu, cravando as unhas roídas na pele de Morena, que suspirou, mordendo o lábio. Naquele momento, seus olhos cruzaram, ambos brilhando em labaredas de desejo, royal e floresta compartilhando fagulhas de eletricidade. Ela se desmanchou, fechando os olhos e incapaz de suportar aquela intensidade por muito tempo sem explodir todo o seu interior e Gustavo apertou os lábios com os olhos dançando pelas curvas da negra com

um assombro de sua sorte tamanha.

Gustavo era rocha, firme e certa de que permaneceria ali por muito mais tempo; apesar de gostar de novidades e se aventurar, ele gostava de se mostrar como uma certeza perante seus amigos e familiares — estava sempre ali para sua mãe, por exemplo, e sempre dava um jeito de ajudar todo mundo que lhe pedia -, mas nunca em sua vida se sentiu tão firme quanto naquele momento (e, sim, pessoal, estamos falando de ambos os sentidos). Em suas calças, ele sentia doer de tão firme que estava, e em seu coração e sua alma, ele sentia a certeza de quem havia esperado demais por aquele momento e, vendo-o finalmente chegando, não sabia exatamente como agir, mas sabia que toda sua vida o tinha levado até ali e isso era o suficiente.

Já Morena... Morena era como lava, incandescente e derretida, moldando-se, escorrendo e devastando tudo ao seu redor; logo ela que estava sempre se esforçando em ser contida, educada, polida... Era só se perder um pouquinho e explodia em vontade própria, em destruição, calor e, as vezes, até mesmo violência. Sobre Gustavo, ela se moldava à situação. Apesar de, em seu inconsciente, a possibilidade daquele momento já lhe tivesse tirado o ar muitas vezes, ela nunca pensou que, algum dia, aconteceria realmente. Então, bom... Ela improvisava.

E improvisava bem, escorregando para frente e para trás por cima da ereção de Gustavo, que gemia e arfava, sofrendo, tentando conter-se em sua rigidez (que vamos lembrar, coitadinho, já tinha começado um pouco antes).

O que nós podemos dizer sobre determinadas situações, como Morena e Gustavo se esfregando sob o sol quente de março em uma praia brilhante e deserta, é que algumas coisas simplesmente acontecem. Não é defender o destino, mas algumas de nossas escolhas, opiniões e certezas acabam nos levando para situações que parecem que poderiam ser previstas. Quando Morena e Gustavo pegaram o avião para Porto Alegre, discutindo sobre o atrasado ou não-atraso do homem, a relação dos dois assinou um termo de que aquilo aconteceria, eventualmente, naquelas férias. Poderia ser em outros termos, se ambos não enchessem a cara e caíssem do barco, mas o acaso se ocuparia de lhes presentear com aquele prazer.

E dentre todas as possibilidades, aquela era uma das melhores, mais sinceras e mais intensas resoluções para o termo assinado.

Morena sentia-se pulsar, coçar e remexer, sua libido implorando para que o contato se encerrasse com vitória depois de semanas sem encontrar o prazer sem ser por si própria, mas ela não tinha muita pressa. Gustavo, por outro lado, estava sofrendo. Franzia a testa e apertava os lábios, tentando conter-se para que Morena pudesse ter as coisas ao seu tempo...

Mas existe uma linha imaginária nas coisas que a gente aguenta. É uma linha bem extremista, se vocês querem saber. De um lado, está tudo o que nosso corpo pode aguentar sem reclamar e, bem próximo a linha, há tudo que o nosso corpo quase não aguenta. E aí, logo em cima da linha, você não aguenta mais. Não há mais como aguentar e não há mais auto controle. E foi bem naquele momento, quando Morena curvou as costas para trás, arfando, empurrando o corpo para frente, deslizando em sua bermuda e em sua extensão, com sua grossura encaixada nos grandes lábios da negra, que Gustavo atravessou a linha e em dois movimentos certos e quase discretos, surpreendeu a mulher.

O primeiro visava seu short... Foi bem na hora que Morena suspendeu o corpo por sobre seus joelhos, deixando o contato findado por breves instantes que ele escorregou a bermuda para baixo, deixando sua ereção pular para fora da proteção. O segundo foi direto aos triângulos do biquíni da mulher, ao que ele empurrou para o lado e encaixou suas mãos nas protuberâncias de seus seios erizados no mesmo instante que ela escorregava de volta para o contato, com força e encontrou-se em pele sobre pele.

Foi naquele momento, em que Gustavo encontrava-se de boca aberta, parecendo um pouco idiota, assombrado com sua sorte e com a beleza sensual da mulher em sua frente, que Morena deixou o primeiro gemido escapar de seus lábios:

— Guss...tav...ooo — E foi logo o seu nome. Porque ela descobriu que o prazer dela, como o dele, tinha nome e sobrenome e calhava de ser Gustavo Marinho.

Suas mãos voltaram-se para a cintura da mulher no segundo seguinte, em total desespero. Não mais muito preocupado em ser gentil, ele apertou-a com força e guiou seus movimentos para cima e para baixo e Morena entendeu, sua mão escorregando para a ereção de Gustavo (não sem muitos suspiros e gemidos do homem) e guiou-a para sua entrada.

Foi difícil para os dois manterem o foco quando a direção certa foi tomada, quando a cabeça do pênis de Gustavo estava apontada diretamente para a entrada dela. Houve um segundo em que as respirações não existiram, que os corações não bateram, que nada mais parecia importar, nada além daquele contato... Enquanto Morena estava sobre seus joelhos, as mãos espalmadas no baixo ventre de Gustavo e seus olhos cerrados se encontraram com um ponto de interrogação estampado em suas íris desejosas: isso é real?

E era real, descobriu-se no segundo seguinte, quando Morena deixou o corpo todo cair e Gustavo empurrou-se para cima, adentrando-se inteiro nela, porque nenhuma ilusão ou sonho os deixariam sentir tamanha luxúria e prazer

como parecia explodir pelos seus corpos.

Morena era mais contida que o homem, se vocês querem saber. Ele arfava e gemia sem algum pudor, enquanto ela apertava os lábios e poucos murmúrios desejosos escapavam por eles, enquanto ela se movimentava com exatidão e instinto, sentindo-se alargar e preencher com o membro de Gustavo dentro de si. Havia uma ardência leve, quase ignorada, que a informava que ele era bem mais grosso que qualquer um de seus parceiros e que parte dela jamais havia sido alcançada antes... Agora a pele dele, seu membro, ocupava-a.

Enquanto Morena sentia seu prazer enchendo em seu ventre como um balão, pouco a pouco, Gustavo estava apertando todo o seu ser em contenção, tentando segurar seu ápice até que a negra pudesse alcançá-lo. Ele não costumava ser tão rápido assim, e se Morena continuasse naquela velocidade certa, rápida e forte em suas coxas rígidas, empurrando-se e puxando-se quase por inteiro de dentro dela, quase todo para fora e quase todo para dentro, ele tinha certeza que não aguentaria mais que trinta segundos. Tinha começado antes, sozinho, no meio da mata e... Bom... era Morena, tal como sua boca cismava em lembrá-lo cada vez que o nome dela escapava de surpresa por entre eles, fazendo com que a mulher acelerasse cada vez mais e soltasse murmúrios deliciosos.

Então, antes que pudesse ser tarde demais, Gustavo envolveu seus braços nas costas dela e girou, deitando-se por cima da mulher, que reclamou baixinho, sentindo-o se ajeitar e apoiar os braços em seus lados. Se estivesse em condições normais, ela brigaria para ficar por cima de novo... Mas era Gustavo lhe invadindo com uma lentidão doce que a fez arfar. E ao abrir os olhos, encarou-se em um mar de azul royal que lhe tirou todo o ar dos pulmões, fazendo suas mãos guiarem-se sem seu comando para os cachos desgrehados do homem.

Ele suspirou, gemendo baixinho. Controlando seus limites, agora ele poderia durar um pouco mais. Acelerava em momentos, depois continuava mais devagar. A troca constante das medidas parecia entorpecer Morena e ele não pôde segurar um sorriso ao vê-la, finalmente, tão descontrolada quanto ele estava, com mais gemidos escapando de seus lábios, embora baixos, e suas unhas arranhando-lhe a pele...

Procurou sua boca para um beijo desajeitado — a mulher não conseguia se concentrar mais em sua língua que em seu pau, então deslizou sua boca para o pescoço dela, desacelerando os movimentos mais um vez, para sentir uma das mãos de morena escorregar de seu ombro para entre eles e alcançar a divisa entre suas virilhas. Ele arregalou os olhos, sentindo que dois de seus dedos estavam bem posicionados sobre o clitóris da negra e

movimentavam-se com uma destreza impressionante — e seu corpo avançou em velocidade máxima, incapaz de controlar os espasmos de seu orgasmo, seguido pelo dela com uma diferença de poucos segundos.

Ele estava no céu, tinha certeza. E com um suspiro de prazer cansado, girou-se para o lado, deixando a negra respirar e encarou o céu azul e as nuvens suspeitas de chuva que pareciam se aproximar, com um sorriso no rosto. Demorou quase um minuto de olhos fechados para que sua respiração se tranquilizasse antes de voltar seu olhar para Morena.

E foi só então que ele percebeu que havia algo muito errado.

A mulher tinha a respiração ainda mais acelerada que antes e os olhos estavam apertados em quase dor. Enquanto ele a observava, ela pareceu sentir a preocupação em sua pele tal como sentia o Sol queimando nos dias mais quentes e em um resmungo baixo, ela se sentou, passando as mãos pelos cabelos em total desespero.



— Ei — Gustavo chamou-a, nem um pouco intimidado. A experiência com sua mãe lhe ajudava muito a entender Morena, embora não soubesse exatamente o que causava aquilo. Ele, talvez? A intensidade entre os dois? Era a única coisa em comum. Não se moveu, porém, pois não sabia se ela reagiria bem à proximidade, mas seus dedos alcançaram a base em suas costas, pouco acima da bunda e deslizaram em um carinho desajeitado com as costas dos dedos. — Pensando demais? — Questionou.

Morena queria odiar Gustavo. Seria mais fácil odiar Gustavo. Todos aqueles anos tinham sido bem mais tranquilos que aquela semana em que começaram a se envolver.

Só tinha um problema: ela não conseguia.

Ela queria jogar um monte de areia na cara dele e fugir, mas ele era simplesmente adorável na maior parte do tempo e parecia realmente interessado em ajudá-la e entendê-la a ponto de conseguir acalmar seu interior só com poucas palavras de compreensão. Ela queria saber como ele conseguia, mas não tinha explicação à ligação inexplicável entre duas almas feitas para se entrelaçar como aquelas duas eram.

— É — ela murmurou, chorosa, confirmando com a cabeça e bastante envergonhada de sua reação complicada.

Morena arriscou olhar para ele, virando o rosto sobre o ombro e viu quando ele sorriu ao seu gesto, meneando a cabeça na areia, parecendo nem um pouco confortável, mas sem se importar.

— Tá tudo bem — ele garantiu-lhe. — Vem cá — estendeu-lhe a mão, oferecendo o peito para que ela se deitasse sobre e ela correu para o lugar, sentindo saudade da noite que passaram assim, rápido demais para dar tempo de analisar e se arrepender. O sorriso dele pareceu ainda mais adorável quando ela o fez e ele entrelaçou a mão com a dela. — Eu sei que transar comigo é de explodir a cabeça, mas você precisa relaxar.

E Morena quis ficar com raiva novamente, chegou a soltar a mão dele e dar um tapa estalado em seu peito, mas ao invés de se levantar e sair correndo, tudo o que ela fez foi cair na gargalhada.

— Você é tão idiota — riu-se ela.

Gustavo riu também e seus dedos começaram a passar pelo braço da mulher, subindo e descendo em uma carícia insistente e poderosa, querendo que ela se acalmasse e parasse de pensar por poucos momentos, ao menos o suficiente para que percebesse que o que haviam feito não era nada demais.

— Tudo bem? — Ele perguntou, para checar.

Morena parecia bem. Sua aparência estava calma e ela até tinha um sorriso no rosto desde a sua pequena piada, mas sabia que podia ser só fachada para que ele não ficasse preocupado, mas não era isso que ele queria. Desejava-a bem por inteiro, dentro e fora.

— Só estou um pouco... Hm... — Morena não encontrava a palavra certa.

Gustavo tinha algumas opções em sua cabeça, girando ao redor de si e, obviamente, ele escolheu a mais positivista, como condizia á sua personalidade.

— Satisfeita? — Questionou. — Cansada, talvez?

Morena estava sorrindo com o canto de lábio para as opções que Gustavo lhe oferecia, provavelmente iria demorar um tempinho para se acostumar com aquilo, mas o faria com muito gosto. Mas se ele continuasse a ficar enchendo sua própria bola, ela teria que puxá-lo para o chão e colocá-lo em seu lugar.

Porém, ela estava com os pensamentos a mil e seu coração tinha sido reduzido a uma bolinha encolhida de medo e chateação. Por conta disso, Gustavo dificilmente imaginaria a resposta que a mulher estava a lhe dar:

— Chateada — Morena deu de ombros, fazendo Gustavo franzir a testa sem entender porque diabos ela estaria chateada naquela situação. Morena suspirou e continuou: — Por causa da sua noiva.

Gustavo deu um pulo, assustando um pouco Morena que estava sobre ele. Seu pescoço se levantou de uma forma nem um pouco confortável enquanto ele tentava olhar para a mulher e tentar decifrar o que ela estava falando... Porque ele não estava entendendo muito bem.

— Noiva? — Gustavo estava horrorizado. — Que noiva? Eu não tenho noiva.

Como assim não tinha noiva? Morena pensou. Será que ele estava tentando enganá-la? Ela tinha visto a caixinha da aliança em seu escritório. Talvez se ele estivesse guardando a aliança para o momento certo?

— Namorada, então — concluiu ela, cheia de si por ter desvendado aquele pequeno mistério. — Se você ainda não fez o pedido.

Vamos atestar a sinceridade aqui: Morena estava chateada por ter beijado e transado com Gustavo enquanto ele tinha alguém e não era exatamente por ele ter alguém, mas porque ela sabia que assim que pisassem

fora da ilha, haveria zero possibilidades de continuarem juntos, visto que ele voltaria para a namorada/noiva.

— Como assim? Pedido? — Ele não sabia se soltava uma gargalhada ou tentava compreender o que ela estava falando. — Eu não tenho namorada, linda. Nada. Somos só eu e você.

Morena piscou longamente. Primeiro porque a ideia de ser só ela e Gustavo lhe enchia até o pescoço de relaxamento, mas ela tinha conhecido a mulher; era linda, negra, usava um black maravilhoso que ela ficou morrendo de inveja porque seus cabelos não se sustentavam assim — e ela também não tinha muita paciência para cuidar deles ao ponto de conseguir que eles ficassem assim tão lindos.

Não estava satisfeita com a resposta de Gustavo. Ele não era de mentir, mas não conseguia entender o que estava acontecendo. Ela se lembrava!

— Mas e... Aquela moça?

— Natália — Gustavo entendeu o que ela dizia e completou. — Nós terminamos há um ano, mais ou menos. Logo quando o André convocou a gente pro outro projeto.

Morena mordeu o lábio, ainda não muito convencida e tentando descobrir qual era a possibilidade dela e Gustavo dar certo para se preparar para o que poderia vir. Porque ela era assim, toda preparação.

— Mas você gosta dela? — Perguntou. — Ia fazer o pedido?

— Por que você está obcecada com essa história de pedido? — Gustavo franziu a testa, tentando entender porque Morena estava insistindo com aquela história de pedido de casamento.

— Hm... Bom... — Ela tomou ar e resolveu assumir. — Eu vi uma caixinha de aliança na sua gaveta. — Pronto, dissera. Agora estava feito.

Gustavo arqueou as sobrancelhas e montou uma expressão incrédula no rosto, mas não pareceu zangado de forma alguma, apenas divertido com a confissão e o interesse da mulher.

Seria difícil lhe tirar o bom humor depois daquele sexo maravilhoso que tivera com Morena, se vocês querem saber.

— É onde eu guardo a chave reserva do meu carro — disse, tranquilamente. Como que você sabe disso?

Aquilo atingiu Morena de forma certa e ela ficou bastante abalada. Como assim ele guardava uma chave de carro dentro de uma caixinha de aliança? Aquilo era um absurdo.

— Quem guarda uma chave de carro numa caixinha de aliança? — Questionou, quase que ofendida pela audácia.

— O que você estava fazendo na minha mesa?

Morena abriu e fechou a boca, um pouco envergonhada sem saber o que dizer, mas acabou por decidindo ir pela verdade, visto que o homem parecia estar sendo sincero com ela.

— Ah, bem, eu fui fuçar o que você tinha preparado para, sabe, me preparar pra fazer sua vida um inferno — ela confessou, tentando não parecer tão culpada.

— Você é terrível — Gustavo parecia mais divertido com a situação que qualquer outra coisa.

Apertou Morena contra seu corpo em um abraço apertado, enquanto se espreguiçava. Morena soltou uma risada esganiçada e os dois respiraram fundo, se sentindo bem. Relaxados, cansados e satisfeitos. Ela não estava mais chateada, também, porém havia mudado o sentimento para curiosidade

— Eu sou, não é? — E não estava nem um pouco arrependida. — Vocês já estavam há um tempão juntos, né? Uns oito anos?

Ela se lembrava de ter visto os dois juntos em uma festa logo após ser efetivada na UC. Estava há dez anos na empresa e ficou dois anos como estagiária, então, ela calculava, sete ou oito anos que Gustavo passara ao lado da mulher. Por um lado, ela se sentia um bocado segura sabendo que ele era capaz de manter um relacionamento duradouro, no outro... Bom, ela só ficava um *pouquinho* ciumenta.

— Seis anos, eu acho — Gustavo deu de ombros. Não se lembrava muito bem quando ele e Natália começaram a namorar. Só tinha acontecido.

Morena, obviamente, não estava nem um pouco satisfeita com a resposta que ganhara. Ela queria saber mais, informações, tudo o que pudesse. Se aquilo, ela e Gustavo, estava para acontecer, ela tinha que se preparar e a melhor coisa para planejar o futuro era lembrar do passado e traçar as possibilidades.

— Por que vocês terminaram? — Questionou.

— Hein? — Gustavo deu um pulo.

Gustavo tinha entendido muito bem a pergunta da mulher, ele só esperava não ter que entrar naquele assunto tão depressa. Era um pouco constrangedor para ele, mas talvez... Talvez fosse o que Morena precisava saber para se sentir segura.

— Você e a Natália. — Ela repetiu, insistente. — Por que terminaram?

— Ah, bem... Longa história.

Ele mordeu o lábio, ainda ponderando se deveria contar o que aconteceu ou não. Mas a mulher parecia não estar muito disposta a lhe dar qualquer opção.

— Bom... — Morena fingiu olhar em seu pulso para um relógio que não existia. — Meu próximo compromisso é quando passar um barco por aqui e como não estou vendo nenhum... Acho que tenho tempo.

Gustavo engoliu a seco.

— Bom... A gente terminou... — Ele respirou fundo e soltou a bomba. — Por sua causa.



— Bom... A gente terminou... — Ele respirou fundo e soltou a bomba. — Por sua causa.

Morena sentiu muitas coisas naquele segundo que sucedeu a resposta de Gustavo, muito longe do que ela imaginava ser o possível motivo do término do homem com a sua ex-namorada linda. Ao ouvir a resposta de Gustavo, arregalou os olhos e sentiu seu corpo começar a tremer.

— Quê? — Ela questionou, com a voz fraca.

A respiração da mulher começou a ficar entrecortada e o coração a bater mais fraco no corpo. Tentava continuar respirando com dificuldade ao mesmo tempo em que sentia uma espécie de culpa, mesmo sem saber o porquê havia ocorrido isso entre os dois.

— Não surta.

Ela arregalou os olhos em deboche para Gustavo, era bem óbvio que ela estava tentando não surtar, mas não tinha culpa se ele lhe jogava algo assim em seu colo sem preparo.

— Você me diz que terminou um namoro de seis anos por minha causa e não quer que eu surte? — Perguntou, cheia de ironias. Sentou-se, alarmada, olhando para ele.

Gustavo levantou as duas mãos, pedindo calma e sentou-se também. A ideia de contar aquilo era tranquilizar a mulher, não deixá-la ainda mais nervosa, muito menos provocar uma crise igual a de alguns dias atrás, o que ela claramente estava quase desenvolvendo.

— Se você me deixar explicar... — Ele murmurou.

— Explica. — Quase gritou, com pressa. — Explica então.

Gustavo olhou-a de cima a baixo, analisando-a com cuidado para ver se podia tocá-la e se ela estava tranquila o suficiente para a conversa. Não parecia estar.

— Você está bem? — Perguntou.

— Aham. — Morena fez pouco caso. — Explica.

Ele via que ela não estava bem, mas imaginou que aquilo dificilmente iria melhorar enquanto ela não entendesse a história direito e por completo. E ela... Bem, ela sentia o coração palpitando e o nervosismo explodindo na ponta de seus dedos, mas a curiosidade lhe corroendo as veias. Necessitava saber o que havia acontecido logo e porque ela tinha qualquer coisa a ver com

aquela situação para tentar se acalmar.

— Bom... A Natália e eu estávamos juntos meio que por conveniência. Ela era... É, na verdade, minha melhor amiga. — Isso fez Morena entortar um pouco a cara de ciúme, mas era um bom currículo. Se eles tinham terminado e ainda eram amigos, significava que se ela e Gustavo não dessem certo, eles voltariam ao normal (que era jogando coisas um no outro, gritando e procurando qualquer coisa para discutir?) — Em algum momento da faculdade, a gente começou a transar e a minha família meio que botou pressão pra gente namorar e foi meio que *“eu não tô fazendo nada, você também não tá”*, sabe? A gente sempre foi muito ligado na carreira. Eu sei que não parece, mas eu estudava feito um condenado na faculdade e a Nati também. Era mais fácil pra gente ser namorado e amigo, era como economizar tempo. Parece frio assim falando, mas funcionava pra gente porque, bom, a gente cresceu juntos e a gente se gostava. — Gustavo e Morena fizeram a mesma careta com a declaração que ele soltou. — É tão estranho falar disso com você, olha, não me olha assim. É que a gente só se gostava, sabe, como amigos e ela é muito bonita e acho que eu também sou, então funcionou. — Deu de ombros. — E a gente foi só ficando.

— Por seis anos. — Morena ponderou. — Isso é só ficar?

— A gente namorava, né? — Gustavo revirou os olhos. — Tinha planos da gente casar, sim. Minha avó era louca pra gente se casar, mas a Nati queria estudar fora e a gente ficou empurrando isso pra frente, tentando não apressar as coisas e a minha avó... Ela não é uma pessoa fácil, sabe? Não tenho certeza se ela gostava da Nati ou só queria me ver casado e as Nati ficava frustrada com isso o tempo todo, comigo pedindo pra esperar antes dela ir estudar e com todo aquele lance de se iríamos casar ou não... Então, bem, você começou a sair com o Marcelo.

Morena deu um pulo com a mudança abrupta de assunto.

— Por que eu entrei na história? — Perguntou, cerrando os olhos pra Gustavo, em confusão — Não estou entendendo. Nada.

— Me deixa falar, caraca! — Ele resmungou. — Onde eu tava?

— Eu e o Marcelo. Mesmo que não faça nenhum sentido nisso.

Gustavo revirou os olhos e tentou continuar como se não houvesse nenhuma interrupção em sua narrativa. Estava lhe custando um rim de coragem explicar aquela situação para Morena e ela sequer colaborava com o seu trabalho duro.

— Sim. Vocês. — Gustavo suspirou — O Marcelo me contava coisas sobre vocês juntos e...

Morena espalmou uma de suas mãos na coxa dele em surpresa indignada. Sua boca se abriu em choque e pavor — esse era seu medo de se envolver com alguém no trabalho.

— Como assim coisas sobre a gente? — Mal tinha se acalmado e estava ficando nervosa outra vez.

— Coisas que amigos contam! — Gustavo apressou-se em dizer, tentando consertar o que ela não havia gostado, mas só piorou a situação (como sempre).

— Ele contava pra você sobre as nossas saídas ou...? — Perguntou, sabendo que poderia se arrepender muito a qualquer momento.

— Sobre... como, onde e tudo mais que podia... Bom, do sexo.

Agora ela não estava mais nervosa, estava fula da vida. Assim saísse daquela ilha, ela pegaria Marcelo pelo pescoço e o apertaria até que ele ficasse sem ar e desmaiasse para aprender a não sair por aí falando da vida dela para os outros — principalmente para Gustavo, de quem ela nem gostava.

Ah, espera... Essa última parte mudou recentemente.

— Como é que é? — Gritou.

— Ele queria se gabar, eu acho. — Gustavo tentou fazer como se aquilo não fosse grande coisa, pouco importante, mas era claro que Morena não acreditou em nenhuma vírgula daquilo.

— Isso é uma falta de noção absurda.

Indignação era pouco para descrever o que Morena estava sentindo. Ela estava em fúria, um pouco envergonhada também, mas em fúria. Começou a tentar lembrar seus encontros com Marcelo para ver o que ele poderia ter dito a Gustavo.

E se ele tivesse aumentado as coisas e agora Gustavo estivesse achando que ela, sei lá, não tinha se esforçado no sexo com ele?

Isso era *horrível*.

— Caras fazem isso! — Gustavo tentou defender o amigo.

— Você que não se atreva! — Morena logo achou que ele estava tentando justificar caso fizesse a mesma coisa, ou seja, Gustavo agora estava realmente ferrado.

— Você não contou para Alícia dele? — Perguntou, tentando vê-la fazer seu ponto.

Foi a primeira vez que Morena ponderou ao dar-lhe uma resposta. Ela parou para pensar e franziu as sobrancelhas e isso, normalmente, indicava coisa boa.

— Talvez...

— É a mesma coisa — Gustavo explicou.

Morena não achava. Ali, com o resumo de Gustavo, ela estava se sentindo invadida em sua intimidade e, bom, quando ela conversava com Alícia era mais sobre a situação geral e como ela tinha se sentido, não sobre o sexo em si ou qual era a potência de Marcelo.

— Mas eu não falei, por exemplo, do tamanho dele — Morena explicou sua indignação. — Isso é indiscreto.

Gustavo deu de ombros porque ele realmente não se importava muito com aquilo e aquele nem era o ponto principal da história, mas Morena não permitia que ele avançasse porque estava presa na raiva que sentia.

— Bom, talvez ele tenha sido indiscreto — respondeu, fazendo pouco caso.

Ela deixou de olhar para Gustavo para encarar o mar com os olhos cerrados em vontade de assassinar qualquer coisa, de preferência Marcelo.

— Meu Deus... Eu vou matar ele — disse.

Gustavo não sabia se ria da previsibilidade dela ou se ficava com raiva de suas interrupções, mas optou por apenas revirar os olhos com um sorriso no rosto.

— Posso continuar ou você não quer mais saber? — Questionou.

— Tudo bem. Vou ficar calada agora — chegou a bater com as mãos em suas coxas, voltando a olhá-lo e virou o corpo em sua direção, dando-lhe total atenção.

— Certo. Então... Ele me contava as coisas e eu fiquei com isso na cabeça...

— Por que você ficou com isso na cabeça? — Morena, obviamente, não conseguia ficar calada.

— Enquanto, quando o André disse que o meu próximo projeto ia ser com você, foi quase insuportável...

— Gustavo, o que você está dizendo?

— E aí, bom, eu e a Nati estávamos namorando e eu disse seu nome bem na hora e então...

Ele tentou dizer isso com displicência, mas Morena pegou o teor total da situação e deixou o queixo cair, chocada, horrorizada, porém... Elogiada.

— Você o quê? — Gritou.

— Sabe, quando isso acontece com outras mulheres... Seu nome é fácil e a maioria acha que é só um apelido, mas a Nati conhecia você e ela me conhecia também.

Ela jurava que estava tentando absorver tudo o que ele dizia, mas tinha um sininho apitando no fundo da sua mente que estava focado em apenas alguns detalhes. Como “*quando isso acontece com outras mulheres*” parecia bem mais importante do que ele parecia querer demonstrar quando ela absorveu.

— Espera. Isso aconteceu outras vezes?

— Ela achou que então era melhor a gente terminar já que eu não estava exatamente disponível e então ela viajou para fazer a pós dela no exterior... E a gente terminou.

— Você... Você tá dizendo que...?

— O que eu quero dizer — Ele segurou seu rosto em suas mãos. — É que eu também gosto de você. E eu teria dito antes se você relaxasse um pouco mais, mas enfim, eu tô dizendo agora. E você não faz ideia do quanto eu tô feliz que a gente esteja conseguindo se acertar... As vezes.

— Eu...

Morena não sabia o que dizer de volta, mas tinha um calor em seu peito que queimava e gritava e um sorriso tão grande em seu rosto quando Gustavo empurrou seu rosto em direção ao dela e grudou seus lábios em um beijo doce.



Natália não sabe o que ia fazer caso a mãe ou avó de Gustavo ligasse para ela perguntando por ele e por notícias de como ele estava.

O homem não se encontrava em nenhum lugar do Caribe e todas as informações que ela havia conseguido levavam acreditar que ele tinha desembarcado no porto no Rio de Janeiro há muito tempo, porém se o tivesse feito, a avó já teria lhe passado qualquer informação sobre o rapaz, visto que fora ela que a empurrara para segui-lo até o Caribe.

Não estava conseguindo compreender nada direito, não estava fazendo sentido na sua cabeça. Gustavo nunca deixara de dar notícias por tanto tempo. Apesar de sua cabeça de vento, ele sempre se preocupava muito com a mãe e, por mais que seu celular descarregasse muitas vezes por ele não se incomodar com essas frivolidades, ele sempre lembrava se hora ou outra de fazer uma ligação para casa. E, apesar de saber que Andrea seria a primeira pessoa a ter notícias do rapaz, Natália não quis ligar para casa dele fazendo perguntas que soariam estranhas. Elena havia pedido que ela fosse ao Caribe encontrar com o neto, se ela ligasse perguntando por ele muito provavelmente iria ativar vários gatilhos mentais de Andrea, que já tomava muitos medicamentos para controlar sua depressão e os outros problemas que tinha e provocar uma crise na mulher era com certeza a última coisa que Natália queria, porém ela precisava de mais informações. Ela precisava saber se estava desatualizada.

E se tivesse no Caribe a toa, se desencontrando do melhor amigo por falta de comunicação? Por conta disso, para tentar tirar suas últimas dúvidas da confusão que havia se metido, a negra resolveu ligar para o escritório onde Gustavo trabalhava e perguntar por ele, sabendo que o melhor amigo gostava muito de seu trabalho e que era muito dedicado. Então, havia a pequena probabilidade de que ele tivesse sido chamado de volta por algum projeto e ele com certeza teria ido sem nem pensar duas vezes. E se fosse o caso, e era a única explicação lógica que Natália conseguir encontrar para sua ausência no Caribe, lá eles poderiam lhe dar a informação. Simplesmente não era possível que ninguém soubesse onde ele estava. Tinha algo muito estranho nessa história.

— Under Constrution, Boa tarde! Ana falando — Ana era secretária do escritório. Natália já havia falado com ela uma ou duas vezes ao tentar entrar em contato com Gustavo sem sucesso ao seu celular e acabar tomando a mesma decisão que tomara há alguns momentos.

— Boa tarde, Ana. Aqui é Natália, amiga de Gustavo. Tudo bem?

Ana, do outro lado da linha, franziu a sobancelha. Ela lembrava-se de

Natália como namorada de Gustavo, não amiga, mas nada disse. Foi discreta como sempre.

— Oi, Natália, tudo bom? — Ana tentou ser simpática, mesmo sem conhecer a mulher direito. Sempre tentava passar uma espécie de intimidade com os familiares e amigos dos funcionários do escritório, ao contrário do que fazia com os clientes, tentando ser 100% profissional.

— Olha, mais ou menos — Natália respondeu. — Eu estou tentando achar Gustavo, mas não consigo encontrar ele de jeito nenhum. Vocês sabem por onde ele anda? O que que ele anda fazendo? Como eu posso conseguir falar com ele?

Ana estranhou as perguntas; foram formuladas de uma forma estranha, porém deu de ombros.

— Gustavo está num cruzeiro! Na verdade no momento, ele já deve estar no Caribe ,curtindo uma boa praia para nossa inveja, nós meros mortais com trabalhos sem férias extras e remuneradas — ela riu. — A mãe dele também não está conseguindo entrar em contato com ele e já ligou reclamando disso. Se eu não conhecesse o Gustavo, estaria preocupada, mas ele sempre deixa o celular por descarregar. Vou ver se consigo ligar para morena mais tarde!

— Morena está com ele? — Natália perguntou, interessada. Porque também não havia visto a mulher em nenhum lugar, já havia encontrado com ela em eventos e já tinha visto suas fotos várias vezes. Na verdade, a mulher tinha povoado boa parte do seu relacionamento com Gustavo como um fantasma e ela sabia muito bem a aparência que tinha, a reconheceria em qualquer lugar e uma boa distância.

— Sim, eles foram juntos — Ana respondeu. — Confesso que já tentei ligar para Morena há alguns dias, mas como ela estava ao mar, imagino que estivesse sem sinal. Porém agora devo conseguir. Vou tentar mais tarde!

Natália ponderou se deveria contar para Ana que estava no Caribe, no hotel onde os dois deviam estar hospedados e não estava encontrando nenhum deles, mas decidiu que era melhor não causar pânico até que pudesse descobrir mais sobre o que havia acontecido. Agora ela já sabia que Gustavo não estava sozinho, Morena também estava desaparecida, que eles não haviam voltado para casa e não estavam de volta ao trabalho. Havia uma possibilidade, a se considerar, que estivessem juntos em algum lugar escondido, mas se haviam iniciado um romance — e ela tentou não se corroer de ciúmes, já que agora eram apenas amigos — por que não no Caribe? Não fazia muito sentido.

Sabia, por intuição, que a chave de todo mistério era um homem negro com longos dreads que havia encontrado no cais. Felipe era seu nome.

Com suspiro, resolveu terminar a ligação.

— Bom, obrigada, Ana. Posso te ligar depois pra saber se você conseguiu alguma coisa?

Claro! Eu peço a morena para que avisar a ele que você está procurando por ele, mas caso qualquer coisa dê errado, esses dois são um mistério, você nunca sabe se eles estão se aturando ou não, você pode ligar de novo, sem problemas. Estou sempre aqui em horário comercial.

Natália riu um bocado da piada da moça, agradeceu a atenção e desligou afundando-se em pensamentos sobre Felipe e como tentar lhe arrancar o mistério do que havia acontecido com Morena e Gustavo.

O homem parecia ser sensato e bastante fechado, daquele tipo de cara que pensava muito mais no trabalho e na família do que qualquer outra coisa. Isso complicava bastante sua situação, era claro, mas não o bastante para que ela desistisse.

Homens eram sempre homens, não importava o quão correto eles eram. Eles sempre acabavam dando atenção para uma moça bonita e se ela soubesse como argumentar, poderia ter todo o mundo dele em suas mãos.

Começou a mexer no seu armário, procurando a roupa que mais valorizasse seu corpo e sua beleza, com os pensamentos a mil, tentando definir um plano que fizesse Felipe abrir a boca e a deixar-se compreender o que havia acontecido com Gustavo.

Já estava muito preocupada e começava a pensar que cada segundo era precioso demais para se perder.

Com suspiro cansado e com um monte de possibilidades ressoando em sua mente, uma pior que a outra, Natália começou a se arrumar para impressionar, na esperança de que armas secretas de todas as mulheres ajudasse a salvar seu melhor amigo.

Continua...

No Vol.2, já disponível!